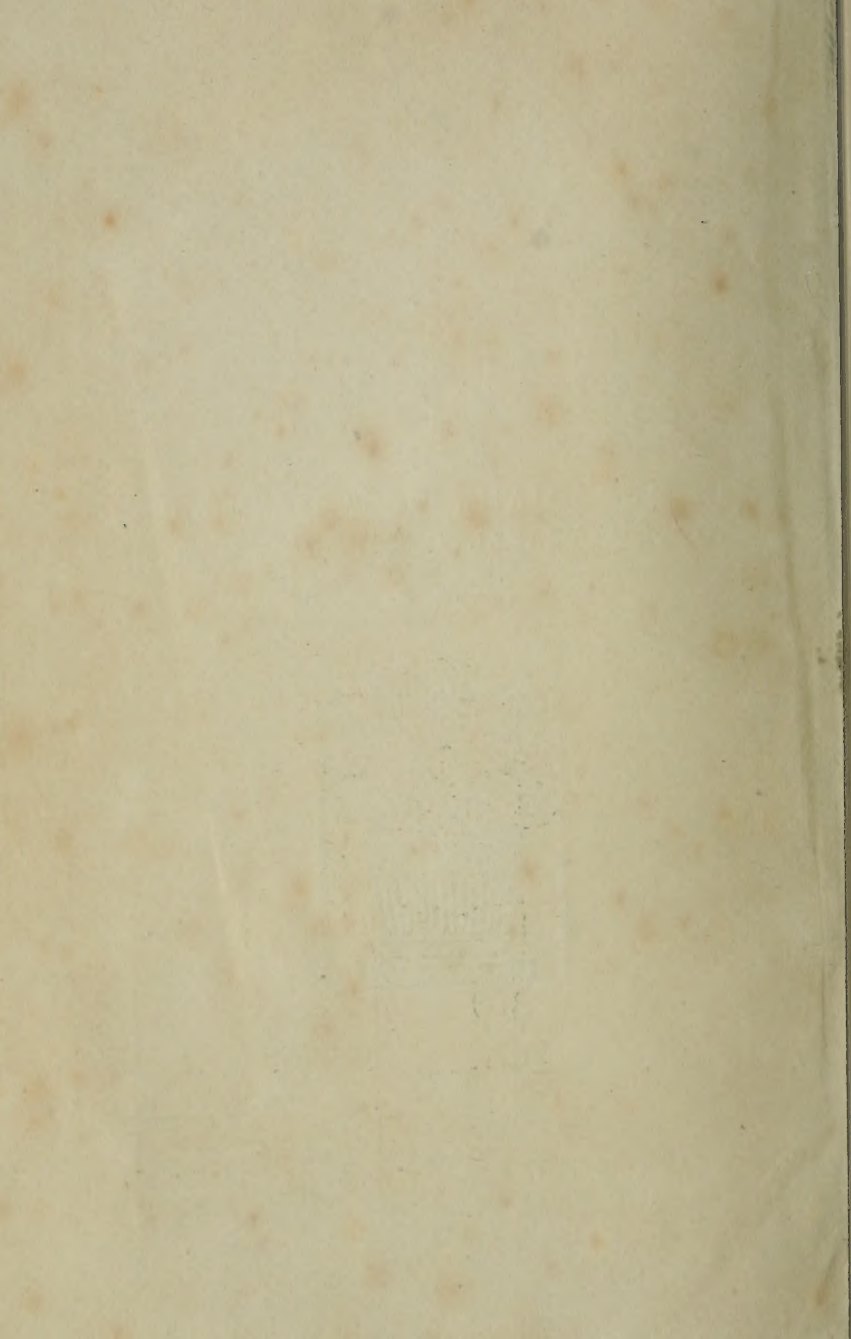
EÇA

DE

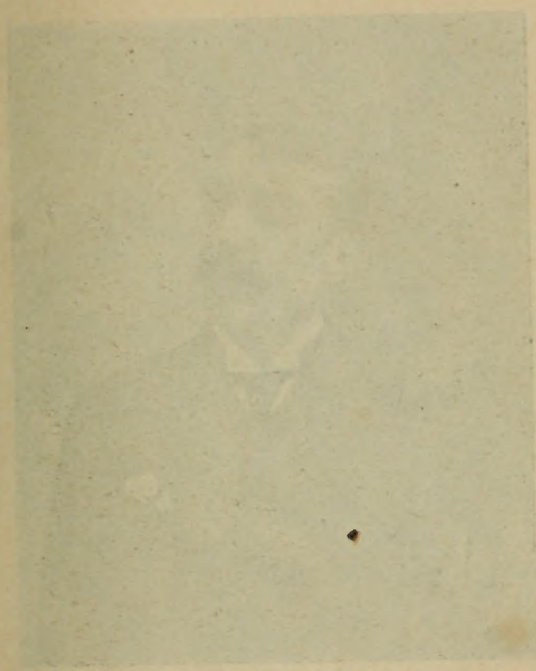
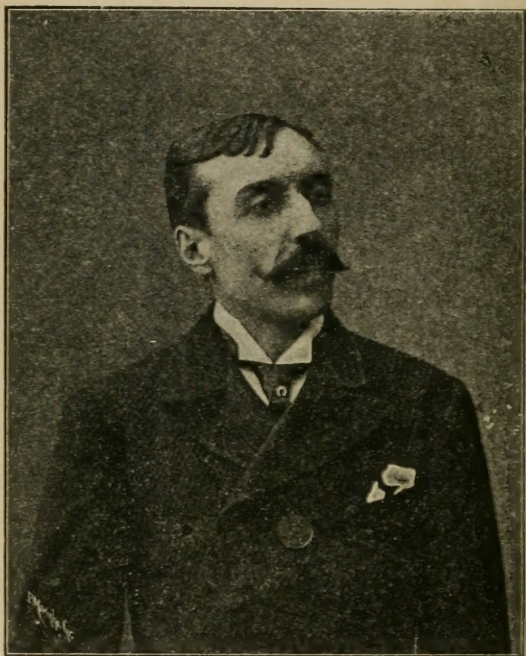
QUEIROZ

"IN MEMORIAM„ ORGANIZADO POR ELOY DO AMARAL E CARDOSO MARTHA

PARCERIA PEREIRA

1922

EÇA DE QUEIROZ

“IN MEMORIAM„

* * * * TIPOGRAFIA DA PARCERIA
ANTONIO MARIA PEREIRA * * * *
* * * RUA AUGUSTA, 44, 46 E 48
* * * * * * LISBOA * * * * * *

EÇA DE QUEIROZ

EÇA DE QUEIROZ

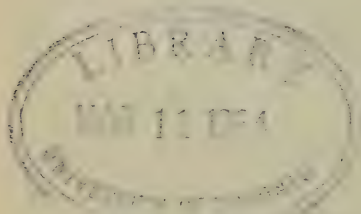
"In Memoriam,,

Os Portuguese teem um grande escritor, como a França conta poucos. E' o vosso Eça de Queiroz.

Palavras de Emilio Zola
a Alves da Veiga.

1922

—

Parceria Antonio Maria Pereira
Livraria Editora
Rua Augusta, 44 a 54
LISBOA

DUAS PALAVRAS

Como o «In Memoriam» de Antero, surgido do primitivo projecto dum número comemorativo na *Revista de Portugal*, assim êste volume de homenagem nasceu da ideia dum número especial que a extinta revista provinciana *Figueira* devia sagrar a Eça de Queiroz. Como naquele «In Memoriam», quizéramos, tambem, no dizer do artista ilustre das *Ultimas paginas*, que êste livro fôsse «o depoímento dos seus amigos perante a história», — envolvendo a palavra «amigos» os da inteligência e os do coração.

Não lográmos, porêm, completa satisfação ao nosso desejo, quiçá por não haver prazer perfeito nêste mundo. Se até alguns dos que Eça honrou com a sua amisade nos regatearam auxílio!

Mas, assim como é de uso dizer-se que «sem um

ôvo tambem se faz uma fritada», êste livro organisou-se mesmo sem a cooperação que nêle seria, não já indispensavel, mas razoavel e devida. É bom? É mau? É o que ahi está. Fez-se o que se poude atravez de contrariedades de toda a ordem, silêncio ou recusas em resposta a instantes e multiplicados pedidos, promessas não realisadas, indiferenças e más vontades, colaborações demoradas até á última hora — casos e feitios, emfim, muito portugueses, que só estranhará quem não estiver afeito a obras desta natureza.

A todos, porêm, quantos enviaram os seus escritos, ou dalgum modo cooperaram na factura dêste «In Memoriam», o nosso mais sentido agradecimento.

Ahi vai pois o livro, a um tempo homenagem

Áquele por cujo nome é patrocinado, satisfação aos que tiveram conhecimento da nossa antiga promessa, e resposta a alguns inuteis que já por ahi rosnavam que nada chegaria a fazer-se.

Perdoa-lhes, Mestre, que êles não sabem o que dizem...

ELOY DO AMARAL.
M. CARDOSO MARTHA.

As minhas queixas de Eça de Queiroz

Ha poucos anos, em 1909, suscitada pela publicação do *Eça de Queiroz* do Senhor José Agostinho, acendeu-se na imprensa uma discussão interessante do significado e alcance moral da obra de Eça de Queiroz.

Queriam os devotos fervorosos das brilhantes criações daquele extraordinario espírito que elas fossem inocentes, senão benéficas, para o caracter de quem as lesse e amasse ; e exaltavam-se os que as exorcisavam fazendo cruzes aos demónios que as pervertiam e eram portadores de uma relaxação mortal. Tudo isto em termos de inflamado ardor religioso, porque a obra de Eça de Queiroz e o seu talento, já por virtude do proprio deslumbramento, já por conseqùências de ingénitas propensões entusiastas do nosso temperamento, tiveram cedo o condão de se tornarem objecto de religião para grande numero dos que, admirando-as, logo transformaram em culto a admiração.

Tambêm me aventurei a emitir parecer na contenda, e achando oportuna e salutar a crítica e discordância de louvores de um absolutismo cego, sem restrição nem medida, e necessariamente sujeito a provocar reacções, por igual

inteiriças e despóticas, julguei então que «Eça de Queiroz não foi santo, nem vidente, nem apóstolo, mas esclareceu-nos muito e com delícia sôbre os mundos por que passou. Ficou-se na ironia, no scepticismo e na indiferença, negou tudo sem coragem de afirmar o quer que fosse, de tudo desconfiou e a nada se rendeu, embora no coração não houvesse perdido a fé na vida nobre, e a adoptasse e seguisse na vida intima». Não quereria eu, todavia, que passassemos ao «ról dos livros proibidos a obra maravilhosa do artista, desprendida de preocupações e aspirações morais, cativante pela fórma, vastissima na extensão de conhecimentos que abrange e toca, espelho fiel do pensamento de uma epoca»; mas tambem reputaria insensato que por uma desassizada impaciencia lavrassemos «sentença de proscrição ao crítico que, robustecido com o alimento de fontes puras, viu e proclamou as deficiencias perigosas de um septicismo mortal para a dignidade dos homens e para o engrandecimento das raças».

Quod scripsi, scripsi. Não tenho que mudar, porque de pensar não mudei. Mas tenho que acrescentar, desenvolver e esclarecer; o tempo e a reflexão sugerem distinções que o impulso da primeira hora, de ordinário leviana, facilmente desconhece e não raro atropela.

Sim, na verdade, examinando atentamente a natureza e proporções relativas das energias psíquicas que colaboram na obra de Eça de Queiroz e lhe imprimem caracter, viremos a concluir que elas não foram de molde a acrescentar, e nem tão pouco a minguar, a feição e estatura moral de quem se impregnou do seu contacto. Muito provavelmente e de pronto nos inclinaremos a notar-lhes muito mais espírito do que alma: uma rara, fascinante e agil capacidade de vêr, distinguir, aproximar e confrontar, no confronto provocando a mordacidade e a sátira, de todo sobrepuja e

amesquinha qualquer fôrça persistente e eficaz, própria para fundar, robustecer, alargar e guiar os trâmites da vida. Se essa fôrça por acaso surge, aqui e além, em uma fugidia e esteril aparição, não tarda a sumir-se entre os clamores de uma jocosa derrubada. Suspeito que nesse exame não seria descabida a lembrança de J. Joubert que «quanto mais pensava, mais via que o espírito é qualquer cousa fóra da alma, como as mãos o são fóra do corpo, os ramos fóra do tronco. Ajuda a *poder*, mas não a *ser mais*».

Evidentemente, em Eça de Queiroz superabunda o espírito, de sua natureza e em toda a conjuntura analítico, e portanto dissolvente; não lhe deixava margem para largos impulsos de edificação. Não foi moralizador. E' manifesto. O que aliás é diferente de ser moral.

Por isso nesta altura, e dando por averiguado que Eça de Queiroz não foi moralizador, manda o seguimento lógico que preguntemos de que moral descreu e se apartou, qual foi a que o seu sorriso ofendeu, se a de Confúcio, se a de Cleópatra, se a de Plutarco, pois o mundo não está tão moço e nem tem peregrinado tão pouco que não conheça muito género de moral e não se tenha governado excelentemente com as mais diversas das suas espécies, havendo chegado até a persuadir-se de que alguma que ontem foi magnífica e gloriosa, é hoje abominavel e aviltante.

O certo é que no pensamento vulgar e corrente, quando se fala em moral, apenas nos referimos á moral cristã, aos *Mandamentos da Lei de Deus*, em que a tradição e a evolução histórica das gerações, donde vimos, moldaram a nossa mentalidade afectiva e determinaram a obediencia e obrigações daí derivadas.

Neste sentido, não será moral a obra de Eça de Queiroz; não será o melhor texto para o púlpito sagrado nem para intercalar nos livros de missa. Entre o tumulto das ruinas

que a sciencia do seu tempo se empenhou em acumular e de que êle foi um portentoso sinal, exaltando pelo êxito maravilhoso não só a capacidade do seu criador como tambem a da raça que pelo génio fecundo de um intérprete excepcional se revelava apta para partilhar da mais alta mentalidade de um momento da civilização, que entre todos se distinguiu por uma actividade ingente do espírito; nesse arraial turbulento de aspirações, a obra de Eça de Queiroz mantem-se destituida das confianças vulgares que remanesciam, benignamente descrente, espontaneamente maleavel e flúida, indulgente para todos os fanatismos, para os mais ortodoxos como para os mais audaciosamente iconoclastas, apagando de contínuo e mansamente a desenvoltura ingénua dos paradoxos, em geral de nenhuma fé, quando não se deleita em ser de toda e qualquer fé.

Ainda, porêm, não podemos parar aqui; e tendo de ir um pouco mais além na diligencia de decifrar atitudes e dizeres, não raro enigmáticos, viremos a preguntar se no fundo da inquietação moral e frouxidão erradia de Eça de Queiroz não haverá elementos constantes, um lastro que lhe equilibra a embarcação e lhe deixa levar a cabo a jornada em meio da tormenta, e mais parece afoita-lo a todo o arrôjo do que induzi-lo em acautelado retraimento. Aquela mesma contradição, unanimemente confessada, da isenção moral da obra literaria coincidindo com a incontestavel elevação moral do seu autor, não terá explicação e nexo e coerencia em uma moralidade superior, estranha á moral corrente e mais alta do que esta, e parecendo que lhe é totalmente estranha e a despreza só porque lhe está mais alta?

Talvez que umas breves linhas daquele malogrado C. Péguy, que tão subtilmente nos revelou os fundamentos da moral incorruptivel de Renan, nos sirvam para nos mostrar

igualmente a intima e inviolavel robustez das hesitações e divagações de Eça de Queiroz. Porque dêle e com verdade poderemos dizer tambem: «Um perpétuo cuidado de não ser ridículo, mesmo perante a sua própria pessoa, e para isso de não ser logrado, mesmo pela sua propria pessoa, substituia nêle, quasi com vantagem, o amor da verdade. O que em muitos outros ha, mesmo inocentes. Por todas estas vias era levado a meditar, sob as suas ocupações quotidianas, o próprio objecto destas ocupações. Não era estranho a toda a metafisica. Sabia o que isso fôsse. Estava longe de o ignorar. Tinha necessidade disso. Por isso um homem como Renan nos trará um auxílio precioso, quasi único; os seus gracejos incessantes, tantas vezes imodestos, só por modestia ali estavam, e como uma túnica. *Os seus trajos são faceis de fazer; porque nesse dôce clima só se usa um pedaço de pano fino e leve, que não é cortado e que cada um cinje ao corpo por modestia, dando-lhe a fórma que quer:* — é, dada por Fénelon, esse Renan do século XVII, uma definição exacta do nosso Renan. Tanto mundanismo, tantas fraquezas, tantas concessões ao século eram apenas um revestimento. E a preocupação metafisica andava no próprio organismo».

Ponhamos Eça de Queiroz onde Péguy escreveu Renan, e talvez não haja mais que mudar para que o retrato seja fiel. Sómente distingo mal onde é que aquele «cuidado de não ser ridículo nem logrado» se estrema do amor da verdade, ou melhor, da aspiração da verdade.

Nas torrentes de desrespeito em que a obra de Eça de Queiroz submergiu tantos ídolos e tanta respeitabilidade sediça, flutua e jámais se afunda um culto cuja fé sempre venerou e nunca traíu, uma honestidade intelectual incorruptivel, a ansiedade de verdade e as freimas constantes de a captar e de a servir. Nem será exagero dizer que so-

freu pela verdade, pois, buscando-a com agitada e comovida solicitude, foi vítima de toda a dúvida, e a dúvida é por natureza crudelissima; *lasciate ogni speranza,* á sua porta cessa toda a alegria. A alegria não prescinde de confiança e certeza, se não é mesmo a exaltação em uma certeza apetecida. Porventura as últimas décadas do século XIX teriam sido singularmente ferteis em pessimismos sombrios porque se mostraram não só pródigas de incertezas e dúvidas mas tambem demolidoras impetuosas das certezas de outras eras e do seu confôrto. E esse confôrto não o pôde ter Eça de Queiroz, porque a agudeza do espírito e o alvorôço da sua época lho roubaram e proibiram para que pudésse ser um pregoeiro de moralidades. Não veio como missionário a evangelisar as gentes; veio apenas a honrar a sinceridade e a definir o pensamento entre as próprias mágoas, sacrificando-lhes sem lamentos o contentamento íntimo dos afirmativos. Nem teve outra aspiração. Não quis ser pastor nem senhor; preferiu ser o servo de um impulso de lucidez. Não sonhou dar uma consciencia ao mundo; mas foi luz da consciencia do mundo em que viveu, tolerante, desiludido algumas vezes e instantemente esforçado em se libertar e nos libertar do erro. Alto exemplo de probidade intelectual, sujeitando-se a todas as dolorosas hesitações que ela irremissivelmente impõe, por fim se achará sob um esvoaçar de desdem uma real humildade, que só por si é uma moral, e austera, desinteressada, nobre.

Não poderei ignorar que o conhecimento filosófico da verdade, embora exija virtudes, não é só por si a virtude, não é uma solução da vida; apenas se limitará ao exame e, quando muito, á contemplação das relações dos homens e das cousas, não indo além de elemento de acêrto e preventivo de desenganos. A solução da vida e a moral em que ela se traduz, essas são um pouco mais esquivas e severas;

têm de ser emanação e dependencia da alma, uma prisão, uma religião, da qual deriva um fim e uma regra para a servir e revelar aos sentidos, uma razão de ser e proceder. Mas Cristo, que aceitou a cruz por amor, por divino mandado religioso, consagrou com o seu sangue o amor da verdade. Poderá a verdade substituir na inconsciencia religiosa, não duvido; mas a consciencia religiosa jámais se apartará da paixão da verdade, e sempre será arriscado, senão impossivel, pretender distinguir os limites respectivos do amor da verdade e da abdicação religiosa.

Eixo, 7-VII-1918.

JAYME MAGALHÃES LIMA.

A ultima vez que o ví

Ao declinar de uma deliciosa tarde de verão, em Cintra, estava eu sentado num muro baixo, proximo dos *Banhos de duche,* quando avistei a figura nervosa e franzina de Eça de Queiroz, que voltava para a vila.

Foi a ultima vez que o ví.

Cedendo ao primeiro impulso, levantei-me para lhe dar duas palavras, mas logo me tornei a sentar, por me haver ocorrido subitamente um facto curioso que Blaze de Bury refere passado em Paris com o célebre Meyerbeer.

O grande compositor do *Profeta* e dos *Huguenotes,* até quando andava por fóra de casa, ia dominado pela magia da sua arte divina, e era frequente tirar do bolso a carteira e apontar a lapis uma melopeia, uma cadencia. Se acontecia dirigir-se-lhe algum ocioso, dêsses que andam na rua para matar o tempo, e lhe dizia, por exemplo: — Então que é feito? O que faz por aqui o meu amigo? — Meyerbeer respondia com a maior naturalidade: *Eh! Monsieur, je fais comme vous, je me promène.*

E seguia logo o seu caminho... o caminho da glória.

Ora, naquela tarde, Eça de Queiroz ia muito pensativo, parecendo de todo alheado da encantadora paisagem que o circundava, e inteiramente absorvido nas suas cogitações. Foi por isso que preferi não lhe falar, deixando-o seguir tranquilo o seu caminho... que era o mesmo de Meyerbeer.

ALBERTO TELES.

Eça de Queiroz

(CARTA)

Meu caro camarada — pede-me colaboração, dando-me pressa, e fornece-me um tema enorme: Eça de Queiroz. Imagino que àcerca de um autor como êste ou se escreve um longo estudo, pelo menos um sério estudo, ou se apresentam desculpas e nos escusâmos. E' esta ultima solução a que se me afigura decorosa. Se eu me dedicasse a essa ordem de ensaios, o que mais me tentaria seria estudar neste grande mestre a curva da sua complexa psicologia, que o fez partir de uma atitude de encarniçados desdens até chegar á ternura gentilissima e bucólica dos seus últimos livros. Queiroz conta que os rapazes revolucionários da roda de Antero tinham descoberto um dia esta novidade imensa — a Bíblia. O grande escritor descobriu, no último período da sua vida, esta outra maravilhosa novidade — Portugal!

E' que o romancista confundiu durante longo tempo Portugal com o *conselheiro Acácio*.

Mas nos seus últimos livros o grande artista, sentindo a graça do seu País, é já um grande camarada nosso. E êle, como nós e o *Castanheira* do *Ramires*, — amâmos emfim a Tradição...

Março de 1917.

AFFONSO LOPES VIEIRA.

Eça de Queiroz, homem de coração

Foi Eça de Queiroz, antes de tudo, a realisação viva daquele simples e comovente conceito que um dia vi ornar, como a mais bela e a mais suave das apoteoses, um modesto pedestal de sábio : *E' do coração e não do cérebro que nascem os grandes pensamentos.*

Na sua vida de funcionário, ofuscada pela scintilação candente da sua existencia literária, ha contudo traços desta nítida psicologia que jamais o biógrafo deverá deixar de examinar se quizer que a figura sublime do romancista ressalte, vibrante, em toda a pujança dos seus múltiplos aspectos de creatura verdadeiramente excepcional. Sabe-se quanto, durante a temporada de Paris, se tornou proverbial a excelsa bondade da sua alma e a nobreza extrema do seu coração. Aventureiros e boémios que o procuravam no consulado encontravam invariavelmente nele um protector amigo.

A linha severa e austera daquela extranha figura de diplomata rígido na aparencia, gelado no olhar, irónico, quase

sarcástico no sorriso, não conseguiu nunca perturbar nenhum dos portugueses que, perdidos na imensidade da confusa cosmópolis, a êle recorriam em desespêro de causa. Chegavam a procurá-lo pobres hespanhoes, italianos, brazileiros, creaturas de acaso surdidas dos confins da Arménia e da Bulgária, russos, rumenos, judeus, turcos de origem vaga e mais incerta que a côr dos andrajos que vestiam... Eça de Queiroz, diz um cronista do tempo, «quando aparecia algum necessitado tentava reagir, queria negar-se, mas por fim o seu coração falava mais alto, e depois de dar uma pequena reprimenda ao intruso, se era estrangeiro, metia a mão ao bolso e tirava sempre um ou dois francos para o desgraçado, que nunca em vão implorava uma esmola na sua frente.»

Era de uma sensibilidade de violeta aquele espírito robusto e fecundo como um roble secular. Exemplar chefe de familia — a maior e mais inestimavel de todas as qualidades do homem — atormentava-o, num indizivel anseio, a paixão violenta da côr e do perfume. Adorava as creanças, as aves, as coisas frageis e os grandes silêncios claros das paisagens tranquilas: tinha de ser fundamentalmente bom. Na sua tebaida de Neuilly, sobre a mesa de trabalho, pendiam sempre algumas flôres discretas. Era legionário da Honra; mais vezes porém lhe sorria na lapela uma violeta ou uma rosa que a fita rubra da Legião.

Ha na sua vida um facto que ficou quase ignorado e tem todo o sabor das coisas inéditas, porque só uma vez encontro, entre a extensa cópia de notas e informações biográficas de Eça de Queiroz, uma leve referência ao episódio feita pela pena amiga de Eduardo Prado. Transcrevo, textualmente:

«A Havana, para onde foi mandado como consul, não foi para êle um paraiso. Cuba não tem uma literatura impres-

sionante e a paisagem tropical não é animada pelas grandes recordações clássicas da História e da Arte. E' uma estufa verdejante que o estrangeiro não chega a amar, sempre extenuado de calor e da apreensão constante de uma morte inglória pelo vómito negro. Ali não fez obra de artista e, em tudo quanto mais tarde escreveu Eça de Queiroz, não se vê lembrança daquele pesadelo de palmeiras e orquídeas. Teve porêm a rara sorte de iniciar a sua prática dos homens e das coisas por uma obra de rialidade, de honra e de amor.

«Florescia então em Cuba o comércio dos chins escravisados, nominalmente portugueses porque era do pôrto português de Macau que êles eram levados para os infernos de verdura, de calor e de sofrimento que eram para êles, as plantações de assucar da Ilha. Foi Eça de Queiroz nomeado consul para regular, inspeccionar e, portanto, manter esse comércio. Por uma disposição fiscal da lei consular, esse comércio era altamente lucrativo para o consul. Aconteceu porêm que o consul foi Eça de Queiroz, que começou uma campanha oficial contra o comércio dos chins, que foi, finalmente, abolido. Depois deste acto de desinteresse, partiu para a terra proverbial do interesse. Correu os Estados Unidos...»

Eduardo Prado fixou assim uma nota, e das mais vibrantes, da extraordinária candura de alma desse homem bom e suave como Cristo. No que erra porêm Eduardo Prado é na convicção expressa de que o exílio de Cuba ficasse sem influência na obra do artista. O episódio dos chinas escravisados constituiu nem mais nem menos que a remota sugestão do *Mandarim,* de que já em 1880 se publicava a 2.ª edição. E' flagrante o paralelo. E senão, peguem no livro, analisem aquele Teodoro, o *enguiço,* como lhe chamava a explêndida D. Augusta, — burocrata magro, que entrava

sempre as portas com o pé direito, tremia dos ratos e corcovava... Teodoro não é mais que uma auto-caricatura felicissima de humorismo. Eça tinha com efeito o espírito constantemente nublado de vagas superstições; entrava com o pé direito em casa dos amigos e desculpava-se do ridículo dêsse gesto ponderando que nos deviamos submeter, sem reflectir, ao impulso misterioso das Coisas...

A sua situação de consul na Havana assemelhou-se num dado instante à do homem diabolicamente tentado a matar o Mandarim que não conhece, que o não interessa, e que lá longe, no fundo da China, ante a paisagem remota e diáfana de uma tarde serena entretem os longos ócios de velho na tarefa pueril de soltar ás brisas o seu papagaio de papel. E matá-lo comodamente, sem um esfôrço, sem uma repugnância, com a consoladora certeza de lhe herdar os copiosos bens...

Eça, consul de Portugal em Cuba, poderia ter feito ali uma fortuna imensa se a bondade infinita da sua alma lhe não tivesse abafado no espirito o germen satânico da cubiça. Não, nunca! Êle repudiava vigorosamente a sumptuosidade ao preço horrivel por que lha ofereciam os fazendeiros da ilha. O seu coração de santo, onde havia sempre uma benção para todas as misérias e um protesto para todas as injustiças, como nos seus labios um sorriso irónico de desdem para todos os ridículos, não se deixou vencer pela tentação. Podia calar-se, não auxiliando a infâmia. Fez mais: protestou. E na prosa oficial dos seus relatórios consulares insistiu longamente sôbre a desgraça do pobre culi que trabalhava como um escravo, de sol a sol, no inferno dos engenhos, para que mais oiro se amontoasse nos cofres dos fazendeiros bestiaes. Tomando decididamente partido ao lado do china, chegava nos seus ofícios para o ministério dos estrangeiros a justificar-lhes os crimes:

«Sucede com efeito ás vezes, escrevia Eça de Queiroz ao ministro em 17 de maio de 1873, que nos engenhos ha assassinatos misteriosos de *mayoraes,* a que os chinas não são alheios ; mas êstes excessos não se podem filiar na índole, porque vêm da desesperação. A' desesperação se deve atribuir tambem, ainda que ha neste facto muita influencia das superstições religiosas, os numerosos suicídios de colonos. Assim é, ex.^{mo} sr., que em todos os exemplos da servidão humana, eu não conheço, a não ser o *fellah* no Egypto e na Núbia, ninguem mais infeliz que o culi. E se a justiça não é uma mera categoria de rasão, a condição dos colonos na America Central não é compativel com a dignidade desta época.»

Dêste episódio que detalhada e documentadamente hei de referir um dia, nasceu o *Mandarim*. Não é original, bem sei, a fórma simbólica por que o problema foi pôsto em equação. A literatura francesa forneceu-lhe a fórmula da pregunta, submetida pelo seu enorme talento á colorida análise do romance ; foi porém no seu nobilissimo procedimento de homem de coração que encontrou a resposta : *Só sabe bem o pão que dia a dia ganham as nossas mãos : nunca mates o Mandarim !*

HERMANO NEVES.

O Regresso a Tormes

Meu caro Cardoso Martha:

Não sei bem que importância possa ter para a vossa carinhosa homenagem ao Mestre a mais que humilde contribuição da minha rubrica e dos meus dizeres.

Preitos da natureza d'este devem valer pela intensidade, que não pelo volume; e tudo o que dizer eu possa do grande Evocado, apenas avolumará em composição tipográfica e em papel a especie de devassa critica que deve ser o vosso *In memoriam.*

Em toda a acta de inquirição compete averiguar da idoneidade da testemunha, para que o seu depoimento produza prova. O meu — confesso-lho sinceramente — em nada pode acrescentar-lhes a Festa de Saudade e de Justiça que vocês andam a concertar.

Eça de Queiroz está *feito* para a admiração culta dos raros, por si próprio, atravez da sua obra. Urge, porventura, *fazê-lo* para a popularidade, atravez de uma comentação critica que lho explique e torne accessivel.

Nem vocês d'esta feita congeminam nisso, nem eu, portuguesissimamente incrítico, podia levar-lhes ajuda de mediana monta se tal premeditassem.

Não lhe nego que, no individualismo anarchico que caracterisa entre nós a apreciação do facto de Arte, eu possua sobre a Arte de Eça uma ou outra maneira pessoal, porventura criticamente exacta, de a frentear, apreender e definir. Mas, à fé de Deus! que nenhuma dessas anotações rápidas e impressivas da minha percepção e do meu juiso, — mais da minha sensibilidade que, propriamente, da minha análise — tem a pretensão de haver atingido aquele valor definitivo que o próprio Eça, atravez do auto-prolongamento de si-mesmo que é Fradique, exigia ás ideias para que merecessem o serem registadas ou perpetuadas.

Saudar a memoria do Mestre querido com uma mera pirotecnia, mais ou menos estralejada, de lugares-comuns, afigura-se-me desrespeito. Quem tão cordialmente os detestava, já excessivamente os tem padecido. Pela minha parte, julgo do meu dever poupá-lo. Por mim e pela geração a que pertenço, devo-lhe muito — até em defeitos. Antes pagar-lh'o em silêncio, que em banalidade.

Você sabe bem — pelo comércio de impressões que sôbre este particular temos realisado, na cavaqueira futil e fugaz de todos-os-dias — quanto, e *como,* quero espiritualmente áquele que com o fragmentado e intenso Fialho, mais contribuiu para a ductilisação plástica de uma língua, que elles vieram topar bella, é certo, mas ainda dura e densa, nos arremessos formidaveis da prosa camiliana. Os músculos fortes do seu arcabouço adelgaçaram-se em fibra de nervos; a gargalhada sorriu; a palavra tornou-se som vivo e côr viva... Desarticulado, musicado, liberto, o vocábulo arrojou-se, aligeirou-se, voou, tomou rumos novos, novos horisontes... Os elementos expressionais da

escrita foram inteiramente renovados pelo seu talento. Outros processos, outro movimento, outros ritmos, outras ânsias de despertar a sensação. Tudo o que na arte de escrever dos nossos dias existe de elegancia, de citadinismo, de *europeu*, lho devemos — porque Eça foi, dentro da literatura como dentro da vida, um *dandy* que nos *ensinou a vestir* bem. As boas maneiras da nossa prosa são, ainda, as que elle nos trouxe *de fóra*. Outros estofos, talvez, mas o mesmo figurino sempre.

Paralelamente a esta mundanisante influencia de bom-gôsto e de civilisação, que abriu á nossa bisonhice recolhida de lapónios as portas da Cidade, integrando-nos esteticamente no convívio das aristocracias, é claro que outra, consequente e inevitavel, se exerceu: a de um dissolvente desamor por tudo o que era *nosso*.

A *alta-goma* mental em que Eça, cêdo desenraizado do *humus* natal, se fez, incompatibilisou-o com a canhotice dos nossos modos tardos e rústicos.

Porque era uma inteligencia sôfregamente observadora, Eça não se poude furtar ao confronto das sensações superiores dos meios novos e adiantados em que hospedou o seu espirito com os que obtinha entre os da sua grei. E por um fenómeno de orgulho intelectual, repudiou toda a solidariedade com as suas inferioridades exteriores. Dahi, a perspectiva caricatural que a vida portuguesa tomou aos seus olhos. E, consequentemente, a acção dúplice do seu esfôrço: — negativa dentro da sociedade e da educação nacionais, construtiva e inovadora, dentro da Arte, que um instinto superior e liberto entendeu ser impessoal e cosmopolita, como foi.

A essa fase corresponde a parte da sua obra que, para mim, não passa, com raras excepções, de uma espantosa *blague*, fulminante de talento, acesa e charriscante de es-

pirito, acre e incantadora de intenção e de estilo — mas perniciosa, envenenadora como um tóxico italiano da Renascença. Porem o meu incantamento espiritual ante a sua obra de homem de espirito, elegante e sceptico paisagista da existencia, começa a ser admiração profunda quando, com *A Cidade e as Serras,* e mais tarde com o *Frei Gil*, Eça iniciava o seu regresso definitivo a Tormes e á Sinceridade. O monóculo caìra-lhe. Começava a ver por dentro e a olho nú a vida e as coisas que até ahi não vira, mas espectaculára, desdenhoso, de um balcão do 202, pelo binóculo de Jacinto...

O grande escritor português que elle era no fundo voltava-nos então, um pouco cansado, talvez, do seu turismo através das civilisações, enjoado, talvez, dos manjares alheios, e saudoso do pão ázimo do seu Lar.

Essa espécie de vergonha de se enternecer que até ali o caracterizava, desaparecia. Reintegrava-se. E voltava a ser ternura o que a inteligencia doentiamente critica tornára em ironia. Ao contacto sincero e filial com a terra e com a alma de Portugal, uma profunda integração aféctiva se começava a esboçar. E quem sabe o que nos viria a dar essa como que penitencia mental do muito que rira, do muito que destruira, do muito que contribuira com os da sua geração para este desamoroso abandono nacional em que a nossa se avilta?

Não é impossivel prevê-lo; e gostosamente o meu espírito aqui ficaria a desfiar comovidamente todas as probabilidades dessa obra, que a morte nos truncou no seu momento mais culminante de beleza. Mas não foi para isso, carissimo Martha, que eu peguei na pena. Sei até onde ella póde ir: não lhe dou trabalhos com que não agùente. Que o faça quem poder fazê-lo nessa espécie de exéquias críticas que Vocês lhe preparam na vossa consagração.

Quanto a mim, já que Você insta em me ter na Festa, nada mais me resta que, acorrer, e comovido, estar com Vocês. Aqui estou, com o meu feltro na mão, e o meu joelho pronto a dobrar-se ao erguer da Hostia, que é a sagrante admiração de todos nós.

Seu de todo o C.

João Corrêa d'Oliveira.

Eça de Queiroz

PAGINAS DE MEMORIAS

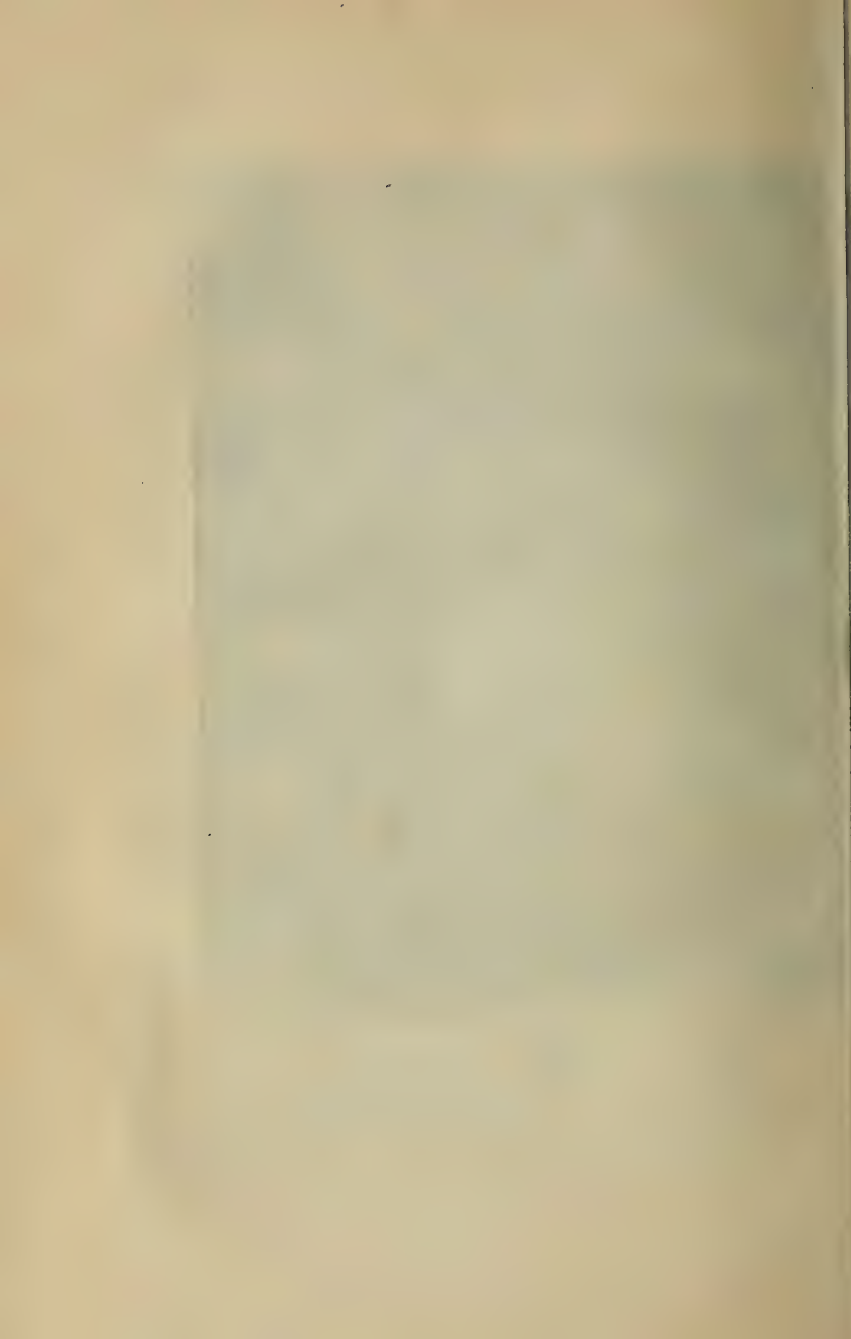
I

A PRIMEIRA VEZ QUE O VI

Foi ahi por 1889, sendo eu, portanto, um rapazelho de 16 annos, mas estando já tocado da fascinação que sobre toda a mocidade do meu tempo exerceu a obra de Eça de Queiroz. Posso dizer que aprendi a ler — e a sentir, e a pensar — pelos seus livros. Estou certissimo de que nelles soletrei e adivinhei a Vida, muito antes de tel-a observado na sua chamada realidade objectiva ou subjectiva. Poucos escriptores portuguezes terão sido assim directores espirituaes de uma ou duas gerações, na intensidade e extensão com que o foi, quasi talvez sem o saber, Eça de Queiroz.

Não eram só os seus livros que nos apaixonavam; era tambem a sua vida, a sua figura, tudo o que de perto ou de longe se ligasse á sua pessoa. Nella encarnavamos a

Eça de Queiroz e sua esposa

No jardim da sua residência em Neuilly

cultura, a elegância, a arte, o mundo civilisado, perante o qual nos sentiamos ainda barbaros informes, o sonho das viagens longínquas e exoticas, a febre e o requinte das grandes Capitaes, as surpresas e delirios do Amor, a distincção aristocratica no viver e no trajar, o convivio das mais bellas mulheres e dos mais celebres homens, a experiencia quotidiana e familiar de Museus, Theatros, Monumentos, Paisagens, para nós mais distantes e fulgurantes que as estrellas do ceu. Tudo quanto, recem-chegados á Vida, sonhavamos que pudesse constituir algum dia a perfeição e encanto da nossa vida, era symbolisado para todos nós naquelle grande homem sempre exilado, raras vezes visto, de quem se falava como de um ser de outra essencia, cujos retratos nos traziam uma perturbante imagem de finura, fidalguia e ironia, cujas anedoctas logo promoviamos a lendas e repetiamos com enthusiasmo candido, cuja alma nos parecia conter em resumo todo o Universo e porisso ambicionavamos trasladar aos poucos para dentro das nossas almas provincianas.

Consultem a sua memoria os homens da minha edade Verão que me estou recordando fielmente.

Escuso, pois, de accentuar o que foi o meu alvoroço louco, quando uma tarde, subindo a rua das Carmelitas, no Porto, eu vi surgir diante de mim, como uma apparição, a figura viva desse semi-deus que Eça de Queiroz era para mim. Suppunha-o em Inglaterra, no seu *cottage* florido de Bristol, de onde só communicava pontificalmente comnosco atravês das suas obras-primas. Nenhum jornal me dera rebate da sua vinda a Portugal, da sua chegada ao Porto. E, comtudo, era Elle em carne e osso, immediatamente reconhecido pela semelhança com os seus retratos, que eu estava vendo descer a rua como que ao meu encontro, entre a indifferença absurda dos outros transeuntes, sem

que ninguem e nada, além de mim, parecesse tomado de assombro. Era elle! Alto, esguio, vestido de lucto pesado, com um chapeu alto de grande copa que ainda lhe prolongava a estatura, umas lunetas fumadas (em vez do esperado monoculo) velando-lhe os olhos, no rosto uma pallidez de marfim velho, uma harmonia acabada no seu vestuario como nas linhas e movimentos do seu corpo, e um porte ao mesmo tempo olympico e vencido, desdenhoso e resignado, ironico e melancolico, que na occasião me fez pensar na frieza e altiva tristeza dos cyprestes. Tal qual a prosa sonhada por Fradique Mendes, aquelle homem tão diverso da humanidade vulgar, pareceu-me um homem *como ainda não havia!* Até hoje perdura no meu espirito esta impressão, que poucos dos meus semelhantes, pela vida fóra, terão renovado em mim. E calculo com que exhuberancia infantil a hei de ter manifestado. Imagino como arregalei os olhos, como alcei o corpo microscopico para o gigante elegante que se cruzava commigo, como me agitei e remexi para ser notado. Mas o semi-deus seguiu impassivel, sem dar pela minha existencia. O seu busto ligeiramente inclinado, o seu andar calmo, o seu olhar vago, não mostraram sentir o magnetismo da minha admiração deslumbrada. E logo se extinguiram, nas minhas costas.

Eu, no entanto, é que não podia resignar-me a perder assim de vista aquella imagem surprehendente que, de tão longe e de tão alto, viera illuminar o meu dia. Arripiei caminho e puz-me a seguir Eça de Queiroz. Pouco tive que andar. No termo da rua das Carmelitas ficava a velha livraria Chardron, editora das principaes obras do grande romancista. Foi para lá que elle entrou e foi para lá tambem que eu entrei, faminto de prolongar, sequioso de que nunca mais acabasse o nosso encontro. Regulando pelos seus os meus movimentos, procurando conservar-me o mais

possivel na sua visinhança, para melhor o ver, e, sobretudo para o ouvir, fiz menção de consultar uns livros. O semi-deus humanisou-se levemente, tirou as lunetas, incrustou o monoculo, entabolou conversa com um dos gerentes da livraria. A sua voz aguda, um pouco de canna rachada, pronunciou algumas palavras para mim indistinctas. Ouvi-lhe um riso secco. Foi tudo. Nesse momento um empregado approximava-se de mim, estranhando porventura a minha agitação, e perguntava-me ao que vinha. Reunindo toda a minha audacia, querendo ser atrevido sem parecer grosseiro aos olhos daquelle grande homem tão fino, arrebitei a voz e disse:

— Dê-me o *Mandarim!*

Eça de Queiroz não ouviu ou não reparou, longe de suppor o mundo de emoções ardentes que enchia aquellas minhas palavras. Logo depois sumiu-se para dentro da loja, acompanhado pelo gerente. E não voltou. Como semideus que era, breve foi a sua apparição, quasi irreal a sua presença. E eu sahi com o meu livro, arrependido de não ter sido mais audaz, e corri a transmittir aos meus amigos e camaradas o enorme acontecimento de que acabava de ser espectador, e que durante semanas foi o thema, sempre amplificado, de todas as minhas conversas...

II

A PRIMEIRA VEZ QUE LHE FALEI

Foi em Coimbra, um ou dois annos depois, na Coimbra em que Eça de Queiroz era um dos nossos verdadeiros lentes, na Coimbra onde estudavamos Direito pelos *Maias* e

onde commentavamos tão a fundo as paginas da *Reliquia* como ignoravamos com orgulho as do Codigo Civil e seus pares. Uma noite, com um magote de rapazes em que a minha memoria só discrimina hoje o vulto byroniano de Antonio Nobre, fui á Estação Velha esperar o comboio rapido do Porto, em que devia chegar, ou partir, algum nosso companheiro da Universidade.

Estou a ver a estação mortiça e lugubre, um instante despertada pelo alarido das nossas vozes, onde sempre havia um resto de fados e como um surdo trinar de guitarras. Estou a ver e a ouvir as duas ou tres tricanas, de chales traçados á maneira das nossas capas — tão estudantas, afinal, como nós — apregoando nas suas vozes doces, com as suas pronuncias perfeitas, as arrufadas de Coimbra, os manjares brancos de Cellas, os pasteis de Santa Clara e de Tentugal, toda a saborosa confeitaria dos nossos velhos conventos.

O comboio do Porto entrou, emfim, nas agulhas, entre toques de sineta e a algazarra habitual da entrada e sahida de passageiros. A demora era curta. E emquanto as portinholas se refechavam, e na estação se dava o signal da partida, eis que eu descubro e desencanto, através da larga vidraça do *sleeping-car,* aquella mesma figura tempos antes entrevista na rua das Carmelitas, e que a distancia ainda mais divinisara na minha imaginação. Era outra vez Eça de Queiroz em carne e osso, nitidamente illuminado pelas luzes da sua carruagem. Era elle, inclinando para nós a sua esguia figura, tentando visivelmente evocar, na escuridão, alguma coisa da sua Coimbra, da Coimbra que todo o Português que por lá passou nunca mais deixa de reconstruir no seu coração.

Passei palavra aos rapazes. Não havia um segundo a perder. O comboio começava a mover-se. A nossa commoção

foi electrica, instantanea. Muito mais que na rua das Carmelitas, agora envolto na minha capa-e-batina inexpugnavel de estudante de Coimbra, senti-me capaz das maiores audacias. As nossas capas ergueram-se todas no ar, em negra revoada. A minha voz, a voz de Antonio Nobre, todas as outras, gritaram para a redoma de cristal em que acabava de surgir, e ia já fugir aos nossos olhos extacticos, a imagem encantada:

— Adeus, Eça de Queiroz! Adeus, Eça de Queiroz!...

E Eça de Queiroz ouviu-nos, viu-nos. Tivemos tempo de contemplar a sua surpresa, de vel-o assestar-nos o seu monoculo, curvar-se mais para nós, num sorriso em que se extinguira bruscamente toda a ironia. Vimos o seu braço erguer-se, a sua mão dizer-nos tambem adeus, longamente, saudosissimamente, naquelle aceno sem esperança com que hoje bem sabemos que sempre o homem se despede do Passado morto e da Mocidade perdida...

E o comboio seguiu, fugiu. Logo depois, teria de atravessar a ponte sobre o Mondego, de onde Coimbra apparece, aos olhos mais indifferentes, no seu encanto panoramico de velha cidade moira, de dia enquadrada e illuminada pela meiga paisagem e tendo a seus pés a endeixa liquida do seu rio, de noite toda accesa em amphitheatro, parecendo maior e mais magica.

Não se passa por cima dessa ponte sem sentir a oppressão e o echo de todos os nossos sonhos e delirios, que lá andaram, que lá ficaram por baixo della. Ali podia bem o comboio descarrilar com a nossa alma, precipitar-se com ella num abysmo de evocações e saudades, que ao mesmo tempo nos causa medo e nos fascina. Ali não passou tambem Eça de Queiroz impassivel, naquella noite em que Deus nos mandou ao seu encontro. Por mais fatigada que andasse a sua sensibilidade, por mais resequida que estivesse a sua

memoria, juro que bastou o adeus inesperado e febril das nossas capas moças para aquecer de repente o seu sangue frio, e para embaciar de algumas lagrimas deliciosas o vidro do seu monoculo...

III

COMO NOS CONHECEMOS

Paris, anno da graça de 1892, ha exactamente um quarto de seculo, por mais que a minha arithmetica subjectiva se recuse a contar tanto tempo para tão pouca vida. Eu formara-me em Direito em Coimbra na vespera de S. João e completara a minha suave formatura pela noite adiante, dansando e cantando nas fogueiras com as tricanas tão minhas condiscipulas, e guitarreando ao luar clarissimo atrás do grande fadista Hilario, pelas ruas da Alta e pelas azinhagas do Penedo da Saudade.

Dias depois tomava o comboio para Paris, ao encontro de Antonio Nobre, que lá andava cortejando a veneravel Sorbonne, para arrancar-lhe tambem o seu grau de bacharel. Fiz viagem com um pescador de perolas das ilhas de Bazaruto, que das proprias algibeiras extrahia, em vez de cotão, a pesca preciosa, e que me prometteu um collar para a minha Noiva de algum dia e até me offereceu meação na sua empresa. Mas os unicos milhões que então me attrahiam eram os da minha imaginação e os da minha edade, disposto a gastal-os perdulariamente nessa Paris onde corria a buscar, como todas as almas moças da minha raça, o meu baptismo de sonho. Na *gare* de Orléans esperava-me, ancioso, o poeta do *Só*, com a sua cabeça an-

nelada de Byron, os seus fundos olhos de namorado, a sua figura triste e bella de pescador ou de frade.

E, juntos num longo abraço, dentro de um velho fiacre que mal sabia a carga tão rica de poesia que levava, lá fomos ao assalto do *Boulevard* e do *Bairro Latino,* lá me iniciei, como mil outros, nos mysterios e desencantos daquella Jerusalem tão desejada. Não posso esquecer que nessa primeira hora nocturna da chegada, com a cabeça e os olhos atordoados por quarenta horas de viagem, ou então tomado só da vertigem e embriaguez da minha anciedade, as grandes arterias de Paris e os terraços abertos das cervejarias e restaurantes, fortemente illuminados e trasbordantes de mulheres, me pareceram cobertos de ramos de flores. Eram mólhos de rosas cada vez mais densos, mais luminosos, que faziam alas nas ruas á minha passagem. Era com um conto de fadas, que a Cidade Unica recebia a creança candida que eu ainda não deixára de ser. Na manhã seguinte, depois de um somno baloiçado e sacudido como pelas ondas do mar bravo, fui á busca das grinaldas floridas com que os *boulevards* se tinham, na vespera, engalanado em minha honra. Mas, ai de mim e ai dellas! a todas, sem caridade, a luz do dia tinha seccado e incinerado. Nunca mais pude ou mereci vel-as. Só essa noite alcancei — das mil e uma promettidas pelos poetas do Oriente aos seus devotos!

Poucas semanas mais tarde, já bem encaminhada a minha acclimação, já affeitos os meus olhos á realidade dos panoramas parisienses, tantas vezes sonhados antes de vistos, levou-me Antonio Nobre á presença de Eça de Queiroz. Encontrámol-o no gabinete de trabalho do seu Consulado, á rua de Berri, no bairro elegante dos Campos-Eliseos. Como estou procurando confessar-me com simplicidade, tenho de dizer que esse encontro directo com elle não me deixou na memoria impressão que se compare á da

sua apparição sobrenatural na rua das Carmelitas ou á da sua passagem meteorica pela Estação Velha de Coimbra. Os meus 19 annos já eram mais criticos e estavam já mais adestrados, para o contacto dos grandes homens, por um estreito convivio falado e escripto com esse outro Mago, de nome Guerra Junqueiro, que ainda hoje não oiço sem me electrisar.

Eça de Queiroz acolheu-nos com a cortezia sobria, requintada, que era um dos seus dotes. Cada gesto seu, cada palavra, era naturalmente e sem intenção nem esforço uma obra de arte. A sua ironia ao falar, longe de ser contundente ou corrosiva, era sem maldade e, por vezes, quasi infantil. Parecia incapaz de impor uma opinião ou de exaltar-se por uma ideia. Conversando tacteava á procura da tendencia dos seus interlocutores e logo se lhe adaptava polidamente, com a fadiga velada e subtil de quem tinha por vã qualquer discussão. Vi-o successivamente, em um minuto, proclamar que o tempo estava optimo e que estava pessimo, ao notar quanto a primeira these, embora tão innocente, desagradava ás arraigadas convicções de um seu conhecido. Não havia nesta attitude desdem grosseiro ou artificio irritante: muito ao contrario, originava-a uma impossibilidade de confiar-se, de interessar-se, a que a sua boa educação organica se empenhava em dar remedio. Para rapazes fogosos como nós eramos havia no seu primeiro acolhimento alguma cousa de distante, de frio, que nos deslumbrava sem nos enthusiasmar. Sentiamo-nos insufficientes e rudimentares perante a arte tão espontanea, mas tão consummada, da sua conversa.

Quando pude olhar para elle mais desembaraçadamente, tudo na sua figura me pareceu inimitavel. A observação vulgar veria em Eça de Queiroz um homem feio, esgrouviado, de feições incorrectas, olhos piscos, côr de pouca

saude, corcova incipiente. A todas estas notas sem agudeza teria uma analyse perspicaz de oppor grandes erratas. Se aquillo era fealdade nunca a encontrei mais invejavel. O criador de Fradique Mendes era em corpo e alma um Fradique. Os seus movimentos eram musica como os seus periodos. E' natural que a coherencia total da sua pessoa resultasse tambem duma longa série de correcções e pacientes aperfeiçoamentos através da vida, como por vezes as paginas dos seus livros; é possivel que em si proprio, como na sua obra, elle tenha *emendado muito*. Mas desse esforço, se chegou a havel-o, não restava vestigio. Eça de Queiroz era o homem fino, elegante, exhalando civilização e pessoal encanto, como nas nossas mais severas exigencias poderiamos concebel-o. A palavra *fino* é a que mais vezes acode para definil-o. E' a que nos suggere a mecha negra do seu penteado sobre a vasta fronte pallida; o monoculo não automatico, mas vivo, falante, que lhe sublinhava e aguçava o olhar; a bocca excessiva onde no entanto se formavam sorrisos sempre cheios de proporção; as extremidades aristocraticas, mãos quasi femininas e tão ricas de expressão e movimento; emfim a sua grande estatura, que tanto se nos impunha sem ter nada de imponente, e o arranjo infallivel do seu vestuario, em que todos os pormenores tinham uma graça propria, como se Deus houvesse posto aquelle homem sobre a terra, em vez de nu em pello como todos os outros, já calçado e vestido por sua divina mão. E, coisa estranha, desta harmonia e equilibrio nascia, quasi sem transição, quando era opportuno, o exaggero da caricatura. Eça de Queiroz tinha o dom da mimica, com que fazia viver as mais simples anedoctas; e até as crianças riam, irreprimivelmente, quando a sua cara se mudava em careta, a sua voz em guincho, e os seus braços e pernas se agitavam em movimentos quasi truanescos, indo do singelo

comico até ao macabro. Era assim a sua companhia, quando familiarmente a pude gozar, um motivo continuo de emoções, sensações e surpresas.

A visita de estricta ceremonia que inaugurou as minhas relações com Eça de Queiroz logo teve seguimento em encontros mais intimos, mais interessantes, que a sua affectuosa hospitalidade me proporcionou no seio da sua linda familia, na casa famosa de Neuilly. Ahi passei algumas das mais intensas noites da minha vida, ao pé da belleza, da bondade, da arte. Ahi conheci a illustre mulher do grande escriptor, uma das maiores, mais formosas e mais cultas senhoras de Portugal, encarnação feminina do que na nossa velha raça mais nos pode orgulhar perante quaesquer outras. A quem conviveu com essa digna companheira e egual de Eça de Queiroz não poderão escapar, nunca mais, quantos signaes haja da sua existencia, da sua influencia, nas melhores paginas dos ultimos livros delle. Direi sem hesitar que ha lá gestos, phrases, attitudes, tudo quanto exprime graça e nobreza senhoril, verdadeira belleza, pura e espiritual feminilidade, que não teem outra inspiração.

O' serões de Neuilly, privilegiado ornamento da minha mocidade, onde logo ao romper da vida aprendi o que de mais alto e apurado havia nella! Serões portuguezes que ante meus olhos desenrolaram um trecho de Portugal perfeito, e assim de antemão me fizeram exigente e refractario para outras suas mais contestaveis perfeições! Serões luso-brasileiros onde de perto conheci espiritos cultos como os de Domicio da Gama e de Paulo Prado, com quem cedo me habituei a interessar-me pelo Brazil e a seguir-lhe os passos com fiel carinho! Serões completos, para a intelligencia e para a sensibilidade, onde a palavra de um authentico homem de genio criava e irradiava uma athmosphera e uma luz novas, onde havia senhoras que em tudo

honravam o nome, onde havia até crianças como tinham de ser as provindas de tal pae e de tal mãe, os encantadores filhos de Eça de Queiroz, os tres pequenos encaracolados como anjos e irrequietos como diabinhos, a filha meiga e linda, de grandes olhos portuguezes, que aos tres annos nos cantava á sobremeza, com o seu fiosinho de voz, a canção então em voga de Bruant:

> Papa c'était un lapín
> Qui s'app'lait J. B. Chopin,
> Et qu'avait son domicìle
> A' Bel'ville...

*

A minha memoria foi sempre um tonel das Danaides; por isso, embora a sonde anciosamente, nunca me offerecerá senão pallidas e deficientes evocações do meu convivio com Eça de Queiroz. Esse convivio não foi, aliás, nem longo nem continuo. Nos oito curtos annos que duraram as nossas relações (desde 1892 até á sua morte em 1900) poucas vezes nos encontrámos. Primeiro, foram os tres meses de Paris, durante os quaes fiquei sendo um devoto de Neuilly, como já disse. Depois, em 1895, Eça de Queiroz passou umas longas ferias em Lisboa, onde eu então residia, e deu á minha mocidade atrevida e tagarella a confiança de um accesso quasi quotidiano á sua casa e á sua companhia. Nesse mesmo anno regressou elle a Paris e eu, no anno seguinte, encetei em Tanger o meu exilio profissional. Finalmente, em 1898, ambos em gozo de licença, vimo-nos algumas rapidas vezes em Portugal. E é tudo, tanto e tão pouco! — além de algumas cartas — o que me resta do meu contacto vivo com elle. Tenho de sobra com que alimentar um culto e uma saudade que não esmorecem,

mas falta-me quasi tudo para dar grande interesse e novidade a estas reminiscencias.

Entretanto não desistirei, no decorrer destes capitulos, de folhear e sacudir a minha destructiva memoria, pedindo-lhe alguns aspectos e alguns echos.

Evoco, por exemplo, Eça de Queiroz tal como uma tarde o encontrámos, Antonio Nobre e eu, num dos caes do Sena, rebuscando livros velhos com uma paciencia que só depois verifiquei ser um dos seus mais salientes e menos conhecidos predicados. A tarde era cinzenta e já invernosa e o grande homem, curvado sobre as prateleiras de livros e envolto em espessos agasalhos, pareceu-nos mais velho e triste, de uma melancolia final e irreparavel. Mas havia tanta electricidade na nossa devoção que logo, como tocado por ella, o seu espirito resurgiu e faiscou. Ali estava, pois, diante de nós, á procura das obras-primas dos escriptores classicos, o escriptor que renovara uma lingua quasi sem a saber, o pintor e o poeta que tudo pintara e evocara com uma paleta e um vocabulario pobres, sem adjectivos, sem synonymos, pouco a par da syntaxe e desdenhoso da etymologia. Jamais na nossa litteratura alguem desenhou mais nitidas paisagens, modelou mais vivas figuras, poz em circulação maior numero de ideias e imagens, annotou mais incoerciveis sensações, desbanalisou e recunhou mais palavras gastas, melhor descreveu, melhor narrou, mais de perto attingiu as fronteiras da realidade e as fontes da vida! Isto pensavamos nós, emquanto elle nos dizia: — Meus amigos, a gente em Portugal não estuda nada na edade de estudar, não sabe nada. Eis porque eu cheguei á velhice quasi analphabeto e tenho agora de voltar á escola para conhecer os mestres da nossa lingua e da nossa historia. Ando aqui a formar-me em humanidades, bem fóra de tempo, por estes melancolicos caes do Sena,

onde ao fim de longas pesquizas, rivalisando de fleugma com tantos pescadores á linha, longos dias debruçados sobre o rio por esses mesmos caes fóra, lá descubro um Fernão Lopes, ou arremato um Damião de Góes ou um Antonio Vieira, encadernados para a eternidade em solida carneira lusitana! Amigos, aprendam commigo a não recahir nos meus erros, formem e cultivem a sua intelligencia com fortes e lentas leituras; tudo o que se deixa de estudar a tempo e horas custa muito a apprender na minha edade!

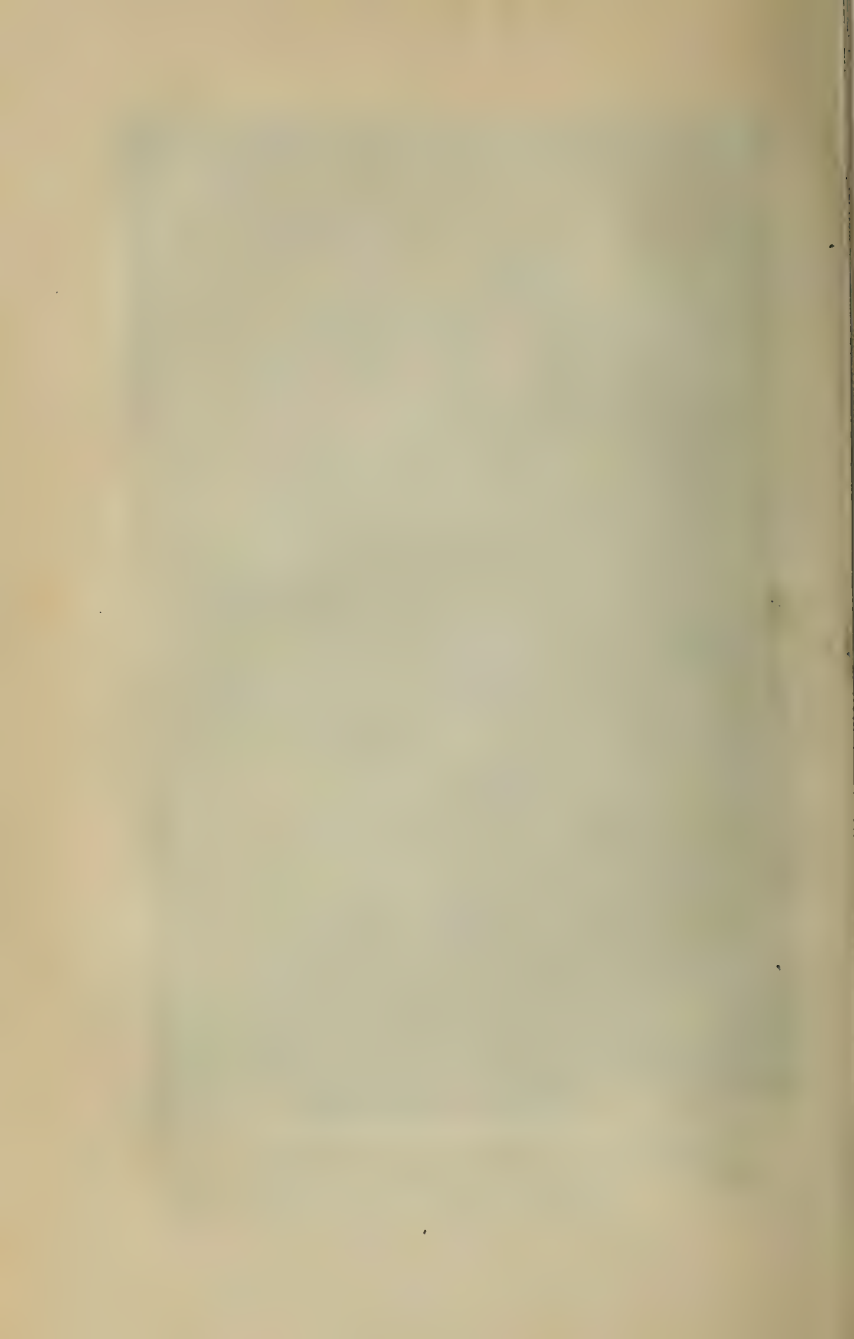
E era de ver a modestia sincera e humilde com que se queixava, a dois rapazes ignorantissimos, das suas insufficiencias de linguagem e de erudição, o prodigioso escriptor que tempos depois (como o ouvi notar, com admiração, a Oliveira Martins) resumia soberbamente em tres paginas da *Illustre Casa de Ramires* toda a historia de Portugal; e que n'esse livro, e em todos os da ultima phase da sua obra, ampliou e enriqueceu até á sumptuosidade o seu estylo, chegando assim a ser tambem erudito e tambem vernaculo, com mais brilho e exito do que outros que só isso eram!

Sempre me surprehendeu a modestia, a ausencia de toda a fatuidade, em Eça de Queiroz. Não é de estranhar que os homens de lettras, como afinal todos os homens, sejam franca ou dissimuladamente vaidosos. Mas o *genus irritabile vatum* já era a regra no tempo de Horacio e torna enfadonha aos não-iniciados a convivencia dos litteratos. Raras vezes tambem o escriptor e conversador espirituoso deixa de preparar em casa, com engenho e arte, as suas graças mais opportunas e de apparencia mais improvisada e espontanea. Em Eça de Queiroz, pelo contrario, a consciencia das suas lacunas era muito mais viva que a dos seus dotes. A sua conversa nascia baça, fatigada, indifferente, e só ao choque dos assumptos, ou pela provocação

habil do seu interlocutor, se illuminava e ascendia. Os ditos, as imagens, relampejavam subitamente, arrastados uns pelos outros, imprevistos, involuntarios. O gesto, a physionomia, o olhar, tomavam uma parte consideravel no seu esforço para exprimir-se e punham-no em contacto electrico com os seus auditores. Assistia-se, emfim, ao despertar do genio; todas as ideias redobravam de amplitude, todas as palavras de sentido e de brilho: havia á volta de nós, offuscando-nos, um como que fogo de artificio verbal e mental, a que só com injustiça, no entanto, é permittido chamar de artificio.

Um dia, em Lisboa, fui buscar Eça de Queiroz a casa, como por vezes fazia, para irmos juntos saborear, n'um longo passeio, o tepido sol de inverno que illuminava a cidade. Encontrei-o á porta aberta do seu quarto, sentado na esquina de uma cadeira, de chapeu, bengala, e luvas calçadas, absorto na leitura das ultimas paginas de um livro. Como que acordou á minha chegada. Estava para sahir havia uma hora, mal disposto, os nervos arripiados, o espirito obtuso — dizia elle. Tentara trabalhar de manhã, mas sentira-se irremediavelmente estupido. Não conseguira escrever uma linha, tendo tantas em atraso e em divida para os seus editores e para os jornaes do Brasil. Aquillo — era de comer muita manteiga, decerto. E sem decisão, sem vontade, encontrara sobre aquella cadeira, quando ia a sahir, um velho romance inglez. Folheou-o distrahido, depois embebeu-se na leitura, e ali ficou á porta, de chapeu e bengala, molle e esquecido de si proprio.

Sahimos logo, e elle continuou a queixar-se da sua saude e da sua esterilidade. Para o excitar, e com o azougamento irreverente que caracterisava os meus poucos annos, encaminhei a conversa para o debatido fracasso da escola naturalista e tive a audacia impertinentissima de lhe dizer

PROJECTO DE COLUMBANO BORDALO PINHEIRO
PARA A CAPA DE UMA REVISTA DE EÇA DE QUEIROZ,
QUE NUNCA VEIU A LUME

como nós, rapazes, lamentavamos que o seu tão grande talento criador, em vez de pairar livre em obras de phantasia que nenhuma estreita regra limitasse, se tivesse deixado acorrentar a assumptos dentro dos quaes se sentia sempre o seu impaciente e prisioneiro bater de asas. Foi isto que eu disse, por estas ou parecidas palavras. Eça de Queiroz, para maior espanto e vergonha minha, concordou! Reconheceu que, com effeito, a preoccupação naturalista, se bem que contribuisse para disciplinar o seu espirito, o condemnara a reprimir, muitas vezes sem vantagem, os seus impetos de verdadeiro romantico, que no fundo era. Não me recordo já como proseguiu o debate. Sei apenas que a pretendida obtusidade que o affectava naquelle dia se transformou logo na mais exhuberante e luminosa verbosidade; e que durante horas, subindo e descendo mais de uma vez a Avenida da Liberdade, devorei quasi em silencio e em puro extase as suas palavras, ora ardentemente commovido, ora afogado em riso, de tal modo o instrumento ricamente sonoro do seu talento fez vibrar para meu gozo todas as suas cordas, as dramaticas, as descriptivas, as philosophicas, as comicas e caricaturaes. Recolhi a casa, ao fim daquelle monologo inebriante que durara uma tarde inteira, certo de que Eça de Queiroz acabava de pronunciar perante mim mais do que bastaria, reduzido a escripta, para formar um esplendido livro. E esse livro, que da sua bocca perdularia ouvi, perdulariamente tambem se derreteu e diluiu na minha memoria...

Foi por aquella epocha que combinámos fazer reviver a *Revista de Portugal*, com a feição mais modesta e accessivel de um *magazine* litterario, e com o titulo que, depois de ter sido audazmente phantasista — *A Cegonha* — se resignou a ser familiar e burguez — *O Serão*. Eça de Queiroz seria o director, eu o secretario. Os seis primeiros nume-

ros estavam promptos a publicar-se; a capa da revista sahira já, em originaes linhas e cores, do pincel do grande pintor Columbano. Mas, o director regressou a Paris, o secretario ingressou no Ministerio dos Estrangeiros, e assim falleceu, antes de nascer, o nosso tão esperado *Serão*. Para encontrar este facil e ameno baptismo, quanto mourejámos! Tardes seguidas, em minha casa, mostrando descrer de qualquer achado feliz das nossas respectivas inspirações, Eça de Queiroz recommendava-me que, armados de paciencia, caçassemos o difficil e fugitivo titulo... folheando o Diccionario! E com effeito, emprehendemos essa viagem, cada qual munido de um Roquette, sondando-o pagina a pagina; parando, quando algum vocabulo nos parecia digno da candidatura e apreciando-o e commentando-o alegremente. Foi assim que descobrimos a *Cegonha,* ave entre todas esthetica e que para mim era um symbolo bastante exacto do proprio Eça de Queiroz. Foi assim que, receando a incomprehensão do grande publico, em face de um rotulo tão subtil, viemos a encontrar, já nas ultimas letras do Diccionario, o democratico e intelligivel *Serão,* que por fim adoptámos.

Estou a ver Eça de Queiroz, uma noite, no Hotel Central, depois de um jantar a que tambem assistira Agostinho de Campos, contando-nos a historia da sua *cabaia* chineza. Trouxera-lh'a de Pekim o nosso querido amigo Bernardo de Pindella. Era de sumptuosa seda negra, e ricamente bordada a oiro. Mas que emprego dar-lhe? Depois de longas perplexidades, resolvera... photographar-se com ella em differentes posições. E eil-o a reviver diante de nós esta photographia e estas posições! Nunca me appareceu mais flagrante e natural o seu talento comico, que em Coimbra lhe valera grandes triumphos no Theatro Academico e lhe permittira ser celebre como actor-amador, antes de se ter

estreado, por uma linha que fosse, como escriptor. Quizera saber descrever as nossas gargalhadas torrenciaes perante os seus esgares, a sarabanda do seu monoculo, a quasi acrobatica flexibilidade dos seus braços e das suas perl nas, dessas pernas esgrouviadas que uma vez lhe serviram de desculpa para deixar de assistir a um baile no Paço. «Porque não vaes?» interrogava-o um amigo, alto dignitario na côrte. E elle respondia, com a magua no olhar: «Em primeiro logar porque não tenho calção. Mas, emfim, o calção podia arranjar-se. O peor é que, além de não ter calção, não tenho pernas, e esta falta parece-me irremediavel!»

Encontrei Eça de Queiroz, pela ultima vez, em Moreira da Maia, na vergiliana Quinta do Mosteiro, onde residia e sempre reside Luiz de Magalhães, o mais venturoso dos nossos amigos. Ficámos ambos mais uma vez namorados da largueza daquelles horizontes, da belleza meiga dos campos e das arvores, da encantadora vivenda conventual em cujo dono o lavrador e o poeta se confundem. Não foi já naquelle dia que Eça de Queiroz descobriu que o mel é uma realidade, e não apenas uma figura de rethorica. Mas senti bem o seu interesse e carinho renascentes pelos quadros da vida rustica, adivinhei-o nas vesperas de encetar as suas Georgicas, vi-o empunhar a foice e tentar imitar o gesto das ceifeiras, vi-o erguer o mangual e despedir golpes certeiros sobre a eira, toda loira de espigas. E assim o vi — e nunca mais o vi! — partir de Moreira para a sua quinta do Douro (a futura casa de Tormes, de Jacintho), onde uma curta demora de dias, caminho de Paris, foi a fonte de inspiração e de emoção intensa que veio a fecundar, logo depois, as maravilhosas paginas lyricas da segunda parte da *Cidade e as Serras*...

ALBERTO DE OLIVEIRA.

Eça de Queiroz e Flaubert

(EXCERPTO)

Conservam dele uma piedosa lembrança os amigos intimos, deslumbrados ainda pelo fulgor do seu espirito tão vivo e tão suave, tão irónico e tão delicado, saudosos eternamente dêsse companheiro inolvidavel, cuja conversa, dizem, creava obras-primas tão belas como as suas melhores páginas. Mas o que não é já uma comovente e estreita veneração de devotos familiares, é esta unânime simpatia da gente nova, que nos seus livros parece ter aprendido a admirar a beleza das cousas, a anotar os ridículos alheios, a tornar mais subtis as suas sensações d'arte e até, para muitos, a talhar figurinos de *snobs* na elegância desdenhosa dos seus tipos aristocráticos.

Eça de Queiroz não era um escritor popular, como tambem nunca o foi o seu grande mestre Flaubert. Não tinha o estilo retórico, a emoção facil, a estrutura poderosamente vulgar, a imaginação violenta dos autores predilectos das multidões. O seu público, exceptuando alguns mocinhos na

crise da puberdade, que vão procurar a página célebre do *Primo Basílio,* é um público vasto mas escolhido, de artistas, de homens de letras, de homens de gosto.

A língua portuguesa sofreu, no século XIX, sobretudo pela influência de Eça de Queiroz, uma renovação profunda de ritmos e de expressões. A linguagem de Castilho, tão fria e tão fastíenta de metáforas académicas, e a dura, cadenciada e rígida prosa de Herculano, já tinham quebrado, ainda que de um modo imperfeito, os moldes clássicos. Garrett, que, na nossa trilogia romântica, foi o mais artista e mais maleavel, criou uma linguagem leve, um pouco afectada, um pouco diluida e prolixa, por vezes, mas duma correntia limpidez e graça, que mais tarde, em Júlio Díniz, degenera, quasi sempre, num insuportavel ramerrão familiar. Camilo deixou páginas maravilhosas, mas a propria riqueza do vocabulário o sufocava, muitas vezes, numa abundância enorme e confusa.

Eça de Queiroz, depois dum extravagante e curiosíssimo período de ensaios, cria uma linguagem absolutamente nova na literatura portuguesa. As *Prosas Bárbaras,* a *Campanha Alegre,* a sua colaboração d'*O mistério da Estrada de Cintra,* com o seu lirismo convulso, as suas guinadas de sarcasmo e fantasia lúgubre, os seus ritmos claudicantes, a sua prosa turva e irregular, se não deixam prevêr o sóbrio e harmonioso discípulo de Flaubert, representam já o esforço duma imaginação bizarra, indisciplinada, esfusiante, imprevista, em cuja lucidez ha um toque de ironia e de loucura, de nevrose e melancolia. *O Mandarim* é talvez a sua obra-prima, escrita quasi aos quarenta anos. Mas já quinze anos antes, nas fantasias das *Prosas Bárbaras,* se encontram, imperfeitas, mal esboçadas ainda, as supremas qualidades de artista reveladas naquele conto excepcionalmente belo.

A segunda maneira da prosa de Eça de Queiroz caracterisa-se principalmente no *Crime do Padre Amaro*, n'*O Primo Basílio* e n'*Os Maias*. A tumultuosa espontaneidade dos primeiros anos de escritor disciplina-se. O que o seu estilo perde em exuberância, adquire-o em vigor. Sente-se nesses livros, principalmente, a influência de Flaubert. A paisagem, o desenho dos personagens, a narrativa, os detalhes, os próprios entrechos derívam directamente do autor de *Madame Bovary*, da *Educação Sentimental*, da *Lenda de S. Julião o Hospitaleiro* e da *Tentação de Santo Antonio*.

Reconhece-se sem díficuldade, numa simples leitura superficial, a influência exercida por estas obras no *Primo Basílio*, n'*Os Maias*, no *S. Cristovam* e no *Santo Onofre*. Para exemplos, basta lembrar a semelhança dos quadros d'*Os Maias* e da *Educação Sentimental*. Em ambos se pronunciam as frases: *Meus senhores, ouçam-me, eu tenho experiência! — A religião é um freio! — E como corpo de mulher!* Em ambos ha a ideia de fundar um jornal. E ainda os episódios nas duas corridas de cavalos; os dois bailes de máscaras, a propósito dos quais se invoca o testemunho dum «urso» e duma «tirolesa»; Cisy e Dâmaso, um tendo o cartão no chapeu, outro um véu; a avó de Cisy e o tio do Dâmaso, que morrem; ambos eles tendo um ideal de elegâncias; os dois duelos; *Le Flambart* e a *Corneta do Diabo*; o agradecer da gorgeta: — *Merci, Monseigneur!* que Eça de Queiroz traduziu no *Primo Basílio* por: — *Muito obrigado, senhor conde!* — Fumichon e o França do *Crime do Padre Amaro*, querendo estrangular Proudhon, depois de terem tomado o seu café e os seus licores... «E estrangulava. Depois do cognac, o França era uma fera». «*Il l'étranglerait. Après les liqueurs, surtout, Fumichon ne se connaissait plus*».

Estas influências, num escritor medíocre, levariam ao

plagiato. Um grande escritor, como Eça de Queiroz, liberta-se do que ha de mesquinho nelas, pela brilhantissima originalidade das suas obras.

Numa carta a Theophilo Braga, publicada nos *Quarenta annos de vida litteraria,* Eça de Queiroz diz, pouco mais ou menos, agradecendo uma crítica sobre *O Primo Basílio:* «Sinto que possuo a técnica de romancista, como ninguem, mas faltam-me os assuntos». Não sei se algum crítico, numa intenção malévola, como a que filiou absurdamente a inspiração do *Crime do Padre Amaro* na *Faute de l'abbé Mouret,* se lembrou alguma vez de acentuar a influência de Flaubert não só na orientação da escola e processos de estilo, mas nas pequeninas cópias de minúcias e frases. Era facil, ainda que injusto, explorar essas imitações superficiais, que em nada atenuam a originalidade dos seus romances.

Que importa a semelhança de *Madame Bovary* e de *O Primo Basílio,* se Eça de Queiroz nos evóca, por uma fórma tão perfeita, o meio lisboeta, os seus típos, as suas scenas, os episódios familiares e da rua? A criada Juliana é uma figura que nunca mais esquece; e o seu relevo é talvez mais vivo, mais impressivo ainda que o do conselheiro Acácio, do Sebastião e do Paula dos moveis. N'*Os Maias* tambem a série dos quadros, embora semelhantes a alguns da *Educação Sentimental,* tem esse acentuado cunho alfacinha que é uma das caraterísticas e, ao mesmo tempo, uma acanhada limitação da sua obra, quando o artista troca a ampla visão dos sentimentos humanos pela troça de cronista desenfastiado, em caricaturas efémeras.

Flaubert escrevia os seus livros entremeiando as obras de imaginação com as de observação. Eça de Queiroz assim fez, em parte. Nos livros de imaginação tem êle, talvez, as páginas mais belas e mais duradoiras da sua obra. *O Mandarim* e *A Relíquia* são, na prosa portuguesa, duas

obras-primas. Ha, nas páginas de pura imaginação, um brilho de iluminura, uma suave e festiva riquesa de ritmo e de côr, um relevo incomparavel, que lembram a frase de Gautier caraterisando a prosa de Hugo, «a um tempo pintada e esculpida». Quem esquecerá jamais, depois de a lêr uma vez, essa scena do pavilhão de Madame Camiloff, em que, no ar perfumado e cálido, perpassa como que o arrepio subtil dum desmaio amoroso?...

....

1911.

CAMARA REYS.

Eça de Queiroz e o humorismo

Os generos literários procedem por evolução. Successivos tentamens se vão acumulando, sobrepondo, completando, até que, de periodo em periodo, surge o que se fica chamando um molde. Obtido esse molde, vasam-se n'elle centenas, milhares de obras, até que o molde envelheça, se transforme e nos appareça completamente outro á primeira vista.

Ha quem acredite em moldes novos e falle n'elles. Eu partilho a opinião de que, á semelhança das luas novas, que, segundo diz o poeta, são feitas de bocados de luas velhas, os moldes, que marcam transições no caminhar da literatura, tem sempre inspirações remotas. Estou convencido de que não ha nada de novo debaixo do sol da literatura e cada vez mais me convenço á medida que vejo caminhar as letras no sentido da simplificação. O que ha são expressões novas, condizentes com o tempo em que apparecem e harmonisadas com a moda das ideias. Foi sempre um passatempo erudito encontrar a filiação longinqua dos factos literários, que mais modernos e originaes se nos afi-

gurem. Já leram o artigo de Pawlowsky em que se demonstra que a ideia e a philosophia do *Boubouroche* de Courteline estão na Biblia?

Eça de Queiroz fixou um molde no romance português, pois os seus livros não se assemelham — creio eu — nem ao *Arco de Sant'Anna*, nem ao *Amor de Perdição*, nem á *Morgadinha dos Cannaviaes*. Esse molde, novo na nossa literatura, não era novo afinal. Se não buscou a sua inspiração nos escriptores da nossa terra, não nega Eça, nem o negam os espiritos do seu convivio, a influencia sobre elle exercida pelas novas escolas francesas da sua epoca. Mas o que ha de extraordinario em Eça e é um dos aspectos mais admiraveis do seu génio, é que, emquanto em França se hesitava, se apalpava terreno na fixação de uma fórmula, que em absoluto não se chegou a formar, elle sem um embaraço, nem um recúo, encontrou uma adaptação portuguêsa, perfeita, completa, caracteristicamente nacional ao ponto que podemos esquecer sem rebuço as influencias estrangeiras, tanta originalidade na sua assimilação, se nos é permittido exprimir-nos assim.

Eça creou um molde no romance português. Esse molde permanece o ultimo que tenhamos tido. Ainda se não avançou um passo. As rasões são várias, alem da medida do talento dos autores; mas a superioridade absoluta do Mestre, não só sobre os que se confessam abertamente seus discipulos, mas ainda sobre os que tem tentado frouxas imitações de esboços de fórmulas importadas do estrangeiro deriva, a meu ver, de um facto simples: Eça de Queiroz era um humorista e os que os seguíram não o são.

*

* *

Faço a justiça a todos que me leem de supôr que teem uma ideia nitida do que é o humorísmo. Se estas linhas cahirem sob os olhos de alguem que ainda julgue, n'estas épocas de Anatole France e de Jules Renard, que um caixeiro viajante contando anedoctas de padres à mesa de um hotel de provincia ou um mancebo alegre escrevendo uma farça para o Ginásio são humoristas, dir-lhe-hei respeitosamente que se illude com palavras, que deve aprender a fazer a distinção entre bom humor e humorismo, que o primeiro é uma questão em grande parte physiologica e dependente do bom funccionamento do estomago, dos intestinos e do figado e o segundo uma feição moral do espírito, não sendo, aliás, incompativeis.

Conheço entre nós varios escriptores de bom humor. Hesitaria muitissimo se me mandassem citar um humorista. Perdoem-me fallar de mim quando devia fallar de Eça de Queiroz; mas verão que o que vou dizer se aplica como exemplo e portanto, é mais natural que eu seja desagradavel a mim proprio do que ao meu confrade do lado. Não posso deixar de protestar muito amavel e reconhecídamente contra os que me teem chamado humorista, quando, a par de umas peças alegres, tenho publicado alguns livros de anedoctas literariamente apresentadas, e não assignalaram para justificarem a sua classificação as tentativas de verdadeiro humorismo, que n'outras paginas esbocei ou que deixei vincadas em detalhes dos trabalhos que o publico e a critica aceitaram em globo como humoristicas.

Humorista não é quem faz rir: é quem faz pensar. Note-se que digo pensar e não sonhar. O humorismo chama os espiritos á realidade da vida sem todavia ter tambem o

amargo dos pessimistas. Entre estes e os floricultores de illusões, que são os poetas e os prosadores descendentes das escolas romanticas e annexas, ha o verdadeiro logar do humorista. A vida não é tão feia como aquelles a descrevem, nem tão linda como estes a pintam. E' — como os humoristas a apontam — uma série de equilíbrios entre o mau e o bom, entre o vicio e a virtude, entre a alegria e a tristeza, entre o azar e a sorte. O homem não é um monstro, nem um santo; a mulher não é uma vibora, nem um anjo. Somos um pouco de tudo, andamos guiados, ou — para melhor dizer — impellidos, desde o berço até á cova, por forças resultantes de concorrentes varias que vão desde os nossos instinctos moraes e physicos até ás leis innegaveis das convenções, dos habitos, das tradições. É essa vida que os humoristas observam sem acrimónia e sem condescendencia e nos indicam umas vezes com sorrisos que são tristes, outras com mágoa que não exclue a malicia.

Porque o humorismo é a verdade dentro da Arte da escripta, a sua forma de expressão tem de ser clara, limpida, exacta, despida dos artificios da literatice e dos prehistoricos *clichés* que vêm de mão em mão ha seculos e que são sempre os mesmos por mais que os disfarcem.

O humorismo — na nobre accepção e amplo significado do termo — ha-de vir a ser o fundo definitivo da literatura. Não sou eu que o digo: é a logica de toda a historia literaria. Quando, passados os dias tormentosos em que se está regenerando a humanidade á custa da Dôr e do Sangue, decorridos os periodos de transformações sociaes que lhes vão succeder, a literatura caminhar a direito para exprimir o espirito desses tempos futuros, como é a sua eterna funcção, o humorismo, ainda hoje mal compreendido em meios de restricta intellectualidade e boa boca literaria como o nosso, impor-se-ha definitivamente. A literatura

deixará de ser o logro da imaginação que tem sido, e, com o brilho de forma a que tem tendido os esforços dos estylistas, voltará no seu fundo ás normas de rigida sinceridade, que respiraram as fórmulas primitivas e são a base do humorismo.

*

* *

Eça de Queiroz encontrou, no seu tempo, um molde de romance, que ainda ninguem melhorou entre nós e que pode sofrer sem receio comparação com os estranhos. Mas devemos admirá-lo mais porque soube ser um humorista na época em que o humorismo se ignorava ainda um pouco a si proprio e se chamava no *boulevard* a ironia e o paradoxo. Eça foi-o de um só jacto, ainda hoje o é e sê-lo-ha sempre, pois não vejo que muito se possa ganhar de futuro sobre o que elle fez.

Se não confiasse na Eternidade que ha-de dar á humanidade infindaveis milhares de annos, e dado o galopar de cágado com que a vida portuguesa caminha, quasi me atreveria a dizer que Eça é definitivo.

Em verdade não podemos pasmar da concepção dos romances de Eça de Queiroz. Posta de parte *A Reliquia,* que até na sua essencia é humoristica, o entrecho dos outros, especialmente dos primeiros, roçando às vezes pelo melodrama, entra no caso como a espinha necessaria e a carcassa indispensavel. O que prende em Eça é o detalhe, o desenho das figuras, a minucia das peripécias, o dialogo e as ideias expostas no correr da acção sem serem as determinantes d'ella. E isso — digo-o, repito-o e sinto não ter o talento de o demonstrar como o penso — é admiravel porque é deduzido, é exposto, é rematado dentro do que se pode tomar como regras e principios do humorismo.

Com elle deu um formidavel relevo ás figuras comicas dos seus livros — o Accacio, o Raposão, o Alencar, e foi ainda guiado pelos seus processos de observação, de analyse e de expressão, que encontrou a maneira de tornar vivas e, portanto, immortaes todas as outras figuras. Ha nos romances de Eça, á margem das principaes personagens, creaturas que passam um instante por necessidade de acção. Sob a penna de outros escriptores seriam baças, apagadas como a sua funcção. Eça, com dois toques de humorismo, com um detalhe de vestuario, com um dito, põe-nos de pé. Ellas saem; mas já não esquecem.

Não ha nos livros de Eça, que eu admiro como Victor Hugo admirava Shakespeare — *comme une brute* — uma pagina que sôe a ôco, a inventado, a contrafeito, a desnecessario, a encaixado. Toda a sua obra de romancista é de uma espontaneidade, de uma sinceridade, de uma honestidade que só podem provir de um verdadeiro humorista. Os seus romances são a vida bem contada e tanto assim que a gente d'elles nós conhecemo-la e os entrechos quasi que iriamos dizer que assistimos a elles.

Ha annos desembarcou em Lisboa um rapaz de letras, brasileiro. Escuso de lhes revelar que no Brasil se ama apaixonadamente Eça de Queiroz. Pois á porta de uma livraria da rua do Ouro dizia-me o nosso hospede recentemente desembarcado: — «Sabe o que estou aqui fazendo ha duas horas? Estou vendo passar os romances de Eça de Queiroz. Tenho visto desfilar aqui o Basilio, a Luisa, aquelle dr. Margaride incomparavel em questões de saborear o grandioso, esses padres a quem o Mestre votava uma tão justificada phobia... Olhe: repare! Além vae a Juliana.» E, no outro passeio, effectivamente, passava a creada immortal.

Quem tenha bem presentes ao espirito os livros de Eça

não vê decorrer um dia da sua existencia sem que uma peripécia da vida commum, uma attitude, um gesto, um dito de um amigo ou indifferente lhe não façam recordar qualquer pormenor da obra do grande morto.

Isto explicava-se e ainda hoje se explica dizendo-se que elle foi um grande observador. Mas uma machina photographica não se recommenda apenas pela limpidez da objectiva. Necessita que a placa e os cuidados que se lhe deem sejam perfeitos. Observar, é evidentemente indispensavel a um escriptor do genero; mas é pouco. O que completou e fez grande Eça de Queiroz foi o seu temperamento intellectual e foram os seus processos de expressão. E estes, como aquelle, eram os de um grande humorista.

*

* *

É possivel que eu não deixasse o caso claramente demonstrado n'estas linhas que sou forçado a escrever á pressa. É provavel mesmo que, como o macaco da fabula, eu gabasse a luz da lanterna e me esquecesse de a accender. Alguns espiritos me terão comprehendido em absoluto, suprindo a deficiencia da minha exposição. Aos outros, rógo que dividamos as causas da incomprehensão em dois quinhões: um muito maior que tómo sobre mim e sobre as falhas do meu talento. O outro recahirá sobre a resistencia muito grande que tem encontrado o humorismo para se impôr. Ha quem o ame sem saber como elle se chama.

André Brun.

Eça de Queiroz

Creador d'uma lingoa harmoniosa, fluida, transparente, -- Eça de Queiroz retocou a prosa portuguesa, aligeirando-a das velhas imagens pesadas, da graça compacta do seu tempo, ajoujado debaixo das quaes cada artista tinha mais o ar de trazer ás costas um frete — do que umas azas.

Quando a arte empolada de Herculano, a prosa janotinha de Garrett, e aquela ironia sólida, de duas solas, que Camillo riscou grossa com o seu cacete, tiverem desaparecido completamente, enlisadas na areia movediça das gerações, ha de ficar de pé esta figura de mármore, como um marco erecto na sua Raça.

E as centenas de milhões de homens que de hoje a centenas de anos falarem a lingoa vencedora de Portugal, hão de ter sempre o imortal encanto de ouvir este artista maximo, que com o Padre Antonio Vieira, com Fialho — nas suas horas de génio — e com Coelho Netto, afinaram na prosa portuguesa uma orquestra maravilhosa de sons.

IV — 1917.

NUNES CLARO.

Eça de Queiroz.

Alto, myope e magro, o monóculo em riste,
seu estylo, com chiste,
semelha a chuva de ouro em que Jove desceu.
Palpita este aureo pó até sobre os escandalos,
e é mais rico que os sandalos
e os sublimes chorões do Palacio do Céo

Gomes Leal

REFERÊNCIA DE GOMES LEAL A EÇA DE QUEIROZ NO «FIM DE UM MUNDO»

(Facsímile dum autógrafo do Poeta)

Cr
— E
do-a
seu
mais
Qu
de G
millo
cido
ções,
marc
E
tenas
de te
ximo.
suas
prosa

Duas palavras sobre Eça de Queiroz

Os escritores portugueses contemporâneos não teem escapado á influência deletéria de certa má literatura francesa, envenenadora d'almas, como a tambem famosa envenenadora de corpos Marquesa de Brinvilliers, de braço dado com o seu amante, o celebrado cavalheiro de Sainte-Croix.

Théophile Gautier — o grande *Théo* — como o apelidavam os seus admiradores, tambem escreveu um dia certo livro afrodisíaco, intitulado *Mademoiselle de Maupin*, um livro na realidade de muito máo gôsto, e pecando contra a decência pública e os bons costumes. Êste genial escritor, porém, à hora da morte chamou sua estremecida filha, e disse-lhe apontando os volumes da sua biblioteca:

— Querida filha, pódes ler todos os meus livros e tambem todos os dos outros autores, excepto aquêle que à hora da morte teu pai te roga que não leias nunca, nunca!

Este livro proibido intitulava-se *A Menina de Maupin*.

Parece inacreditavel, decerto, que poetas, literatos, romancistas, escritores, emfim, da mais sublime notoriedade,

se não lembrem jámais sequer, que por acaso, é possivel que suas mãis, suas esposas, suas filhas ou suas irmans, tambem sintam um dia curiosidade de lerem os seus livros, e de se quererem gloriar decerto, como é natural, com os seus triunfos e os seus louros.

Mas, ai! — que tristes louros colhidos! exclamarão elas, por certo desapontadas depois de os lêrem.

O genial Eça de Queiroz, porém, salvou-se a tempo do declive sensualista em que ia resvalando com os seus célebres romances *O Primo Bazilio, O Crime do Padre Amaro, A Reliquia,* e mais alguns, compondo mais tarde outros livros que lhe grangeram justa e perduravel memória. Tal como Balzac e Gautier, e outros franceses contemporâneos que compuzeram máos livros na mocidade, êle, escrevendo o seu *Fr. Gil de Santarem,* o seu *Santo Onofre,* e alguns mais, reabilitou e glorificou mais tarde, não só o seu talento, mas a sua memória, e a sua consciência.

Foi, desde então, um dos nossos maiores e mais puros génios literários.

Gomes Leal.

Eça de Queiroz

Deux génies d'un tempérament parfaitement opposé ont, au cours du siècle dernier, illustré la prose portugaise, et, sur des plans différents, réalisé l'union merveilleuse de deux facultés en apparence inconciliables: l'ironie et la fantaisie. Ces deux génies sont Camillo Castello-Branco et Eça de Queiroz. Mais tandis que l'auteur d'*Amour de perdition* tire de l'Imagination ses ressources principales et reste en quelque sorte enchaîné au Passé, jusqu'à se servir avec prédilection de tours archaïques pour l'enrichissement de sa langue, Eça de Queiroz s'affirme essentiellement moderne par la prépondérance qu'exerce dans son art la faculté du goût.

Une puissante discipline intérieure fit de lui le plus classique des écrivains de Portugal, et, même lorsqu'il semble sacrifier à son tour au vieux romantisme atavique de la Race, dans *La Relique* et dans *Le Mandarin* par exemple, sa nature éminemment artistique manifeste peut-être plus intensément encore ce qui constitue le trait essentiel de ses dons géniaux: la justesse évocatrice du mot, l'expres-

sivité des gestes, des figures, le parfait équilibre des lignes et des tons, la plasticité du verbe. Il crée sa langue; il vit ses peintures. Chez lui, l'effet émotionnel ne résulte jamais d'un certain abandon aux entraînements de l'enthousiasme, mais bien du sentiment précis des ressources de son art et de leur utilisation raisonnée. De là la qualité profondément dramatique de ses créations, la portée humaine et en quelque sorte universelle de chefs-d'œuvre comme *Le crime de l'abbé Amaro* ou *Le cousin Bazilio*. Nul autre avant lui, en Portugal, n'avait possédé à égal degré la science difficile de la composition, ainsi que l'a fort bien discerné l'un de ses meilleurs disciples, M. João Chagas; c'est pourquoi l'on a pu dire que l'art d'Eça de Queiroz était aussi peu portugais que possible.

Au fait, il s'était assimilé, avec une surprenante maîtrise, les plus difficiles conquêtes de la culture française, et il a presque dépassé Flaubert, son modèle, non pas précisément par l'éclat du style, mais pour la souplesse de la phrase et la variété des formes plastiques du verbe, aussi bien que pour l'intensité dramatique.

Peut-être est-il juste d'ajouter qu'il n'eut guère de précurseurs dans son pays, et que nul de ceux que ont voulu jusqu'ici l'imiter n'a réussi à lui dérober son secret. Et pourtant, je suis prêt à soutenir qu'il est bien de la lignée de Gil Vicente et des grands chroniqueurs de Portugal, c'est à dire que le raffinement de la culture est loin d'avoir supprimé en lui les dons de la race. La qualité de son ironie, d'allure très-particulière, presque sentimentale, témoigne surabondamment de ce fait. C'est la revanche du tempérament. Par réaction contre le milieu hostile, la passion s'éveille et devient sarcasme. «Il faut rire pour n'être pas obligé de pleurer», disait déjà l'un des nôtres. Mais la sensibilité lusitanienne, plus directe et plus riche, trouve,

même pour railler, des accents d'où la *saudade* n'est jamais complètement absente, et où la volupté du regret devient de l'humour amer. Et puis, il y a le point d'honneur qui fait plus ardemment sursauter l'indignation.

De là, le caractère inimitable des *Maias,* le côté poignant de certaines caricatures.

Et la nostalgie qui se cache au fond de tout cœur portugais, le songe idyllique qui donne au lyrisme lusitanien son caractère si particulier, ne reconquièrent-ils pas tous leurs droits dans *La Ville et les Montagnes?* Là, Eça de Queiroz retourne vers la simplicité agreste de la nature.

Certes, comme de tant d'autres de ses compatriotes lettrés, la France a bien été sa marraine spirituelle — cela date des origines — mais il n'en est pas moins, par les caracteristiques essentielles de la sensibilité, un *génie portugais.* Son grand mérite est d'avoir su discipliner ses facultés pour mieux dominer son milieu. Il a œuvré *sub specie æternitatis,* et le jour n'est peut-être pas éloigné, ou *Le crime du père Amaro* et la *La Relique,* sans parler de la merveilleuse galerie de portraits que l'on peut extraire de ses livres, prendront place parmi les cents chefs-d'œuvre de la Littérature universelle. A' la France, dont il proclama la suprématie culturelle, devrait revenir l'honneur de lui faire rendre justice.

La Neuville-Vault, (Oise) — Janvier 1918.

Philéas Lebesgue.

Eça de Queiroz

(EXCERPTO)

Eça de Queiroz — rebento novo e mais lidimo dessa progenie monstruosa em que culminam divinamente, com raizes eternas no vasto solo dos gregos e latinos, Shakespeare, Cervantes, Voltaire, Rabelais, Goethe, Balzac — foi o primeiro e unico escriptor portuguez que, simplesmente com os seus livros, conseguiu internacionalizar Portugal. Mais do que certos feitos historicos, que através de tão longa e ennevoada distancia já nos parecem ficções historicas (porque, historicamente, de ha muito, desde a implantação do constitucionalismo, Portugal deixou de nos interessar); mais do que isso, encontrou, afinal, a patria dos navegadores um homem de genio para nelle reviver, universalizando-se. Eça de Queiroz é o autor deste milagre internacional. O paiz se anniquillava: Eça de Queiroz é uma compensação da Natureza á decadencia de Portugal. Oito seculos de historia, de cultura, produziam, finalmente, na hora dolorosa do seu eclypse, um homem de genio e de bom gosto.

Antes delle, a literatura portugueza, em conjunto, era, apesar de pura e rica, principalmente regional. E o era não só pela essencia como pela fórma. De Camões a Herculano, com escala pelos maiores cultores da lingua opulenta e barbara, as letras portuguezas mantêm um caracter de austero regionalismo, que por vezes chega a ser ingenuamente pretencioso. Aliás, sempre foi notada a incapacidade do portuguez para as idéas geraes. Em vão se procurará através das letras portuguezas uma dessas creações universaes, um desses typos de integração social ou sentimental, que se accommodam em todas as literaturas do mundo — Rei Lear ou D. Quixote, Hamlet ou Candide, Iago ou Mephistopheles, o doce Hermann «sorrindo á imagem espiritual da formosura», ou o truculento Vautrin «violando as açucenas mortas á beira das estradas». Porque a tragedia commovente de Ignez de Castro é mais o producto de uma intriga politica de aldeia, sem a larga irradiação de uma these profundamente humana, e as sombrias façanhas de Eurico representam apenas, sem o estudo fixo de um caracter, um episodio vago da cavallaria. Ainda no grande, no formidavel Camillo, quando o seu genio atormentado, combatido por toda a sorte de adversidades, se não dispersava em novellas desiguaes, mal acabadas, escravizava-se, espremia-se furiosamente nas moendas das polemicas desfibradoras, no exaspero tragico de campanhas pessoalissimas — isto numa lingua que, de tão barbaramente classica e contundente, jámais foi excedida no representar a velha, a genuina, a grossa chalaça portugueza.

A lingua em que se escrevia em Portugal era um instrumento aspero, solemne e duro: não se lhe conheciam nuanças delicadas para esboçar os sentimentos mais subtis, nem ondulação ampla e sonora para abranger o vasto e complexo surto das idéas: numa palavra — ignorava-se-lhe

o verdadeiro espírito. Era a lingua secca, espartilhada, tabelliôa, dos classicos primeiros, muito preciosa e justa para o seu tempo e seu meio, mas archaica, insubsistente, provinciana, nestas idades praticas da maior expansão intellectual e economica — quando não era a lingua donairosa, flacida, rotunda, dos ultimos romanticos, resumindo a Vida e o Universo em apologias de creaturas celestiaes e em descripções de mundos encantados.

Certo, os *Sermões* de Vieira são esculpturaes e a *Nova Floresta* de Bernardes é lapidar; mas, apesar de toda a sua divina eloquencia e de toda a sua pureza classica, não constituem uma literatura. E — sem que isto pareça um prurido infantil de irreverencia innocua — o proprio *Lusiadas,* tão grande, tão bellicoso, tão suggestivo, se conserva a sua gloria através dos seculos, não é tanto pelo padrão de vernaculidade que o sonneliza e lhe dá a gloria incontestavel de codigo da lingua, nem pelas descripções geographicas e evocações mithologicas que o perturbam, mas, principalmente, pelo largo e sadio sôpro lyrico que o atravessa e anima. Se eu ousasse abrir uma despretenciosa excepção no meio desse monumental atravancamento classico e romantico, esta seria, entre os modernos escriptores portuguezes, para Garrett, que, pela universalidade e clareza do pensamento, pela flexibilidade da linguagem, a sobriedade dos tons, a distincção das maneiras, e, sobretudo, pela sabia ironia gauleza que lhe corria nas veias, é o precursor da nova arte de escrever em nossa lingua.

Eça de Queiroz, o creador supremo, veio revelar á literatura portugueza o segredo das cousas eternas. Elle é o artista por excellencia. E' o creador do romance portuguez, o romance de caracteres, como Balzac é o grande renovador de processos no romance francez. Com os typos que creou em meia duzia de romances, representando

integralmente a vida portugueza contemporanea, realizou este milagre inedito: universalizar Portugal.

Esses typos são, na verdade, maravilhosos de expressão, de realidade, de vida. Não ha para elles fronteiras de idéas, de sentimentos, de costumes, de aspirações: todas as civilisações illustres os disputam, porque elles participam de todas ellas, integrando-se na communhão humana, sem perderem, entretanto, a particularidade regional que lhes é propria. Resaltam dessa prodigiosa galeria a mais rigorosa preoccupação do detalhe e a mais perfeita visão do conjunto: o apuro da expressão e o pathetico da idéa. Accacio, o padre Amaro, o conego Dias, Bazilio; João da Ega, Gouvarinho, o Damaso e toda a espantosa galeria dos *Maias;* Raposo, Jacintho, José Mathias, Fradique Mendes, Pacheco, o Gonçalinho, installaram-se para sempre na nossa intimidade, vivendo humanamente a nossa vida.

Ha escriptores que, cercados de conforto material e prestigio social, escrevem, methodicamente, cincoenta livros, e ninguem lhes cita uma personagem, nem lhes decora uma phrase. E os ha, em compensação, de vida tormentosa e errante, que, na degradação dos carceres ou no desalinho das estalagens, como Cervantes, como Shakespeare, compôem tres ou quatro volumes que se tornam a gloria de uma raça e de uma época, e em que se louva, eternamente, a humanidade agradecida. A immutavel caracteristica do genio é a adaptabilidade universal das suas creações. Todos nós sabemos o que significam Sancho Pança, Othello, o mercador de Veneza, Macbeth, Romeu e Julieta, como já nos familiarizámos com as figuras secundarias, accessorias, e até com as mais insignificantes da extensa e palpitante nomenclatura eçaneana — o João Eduardo, o doutor Topsius, o Grillo, o Villaça, o Titó, com o seu vozeirão de athleta preguiçoso de Villa Clara,

e o Videirinha, com o seu violão de fadista épico de Santa Irinéa.

Entre uns e outros existe apenas, a distancial-os apparentemente, a differença de idades e de temperamentos; no fundo, porém, anima-os, arrasta-os, vincula-os, a mesma fatalidade, o mesmo destino. Depois, a nossa época já não comporta a tragedia, pelo menos como era concebida e representada antigamente. E attendendo a que (mesmo sem accrescentar neste caso o argumento basico da predisposição organica do escriptor), attendendo a que a Ironia é o melhor, o mais seguro, o mais definitivo expoente das civilizações decadentes, tem-se a razão por que Eça de Queiroz, ao envez de pintar grandes télas tragicas, traçou prodigiosas caricaturas.

Como escriptor mais critico de acção social que explorador de themas passionaes, a mulher desempenha na sua obra um papel bastante secundario — para não salientarmos a sordidez pathologica de Juliana e a loucura mystica de D. Patrocinio das Neves. Com excepção de Maria Eduarda, a mais energica das suas heroinas (typo de honestidade soffredora e heroica, máo grado a furia arrasadora de Fialho de Almeida, quando affirma que nos *Maias* não ha uma só mulher honesta), o amor nas outras, quando não é a carne que se entrega, physiologicamente, na hora precisa, sem arrebatamentos lyricos, como em Luiza e Amelinha, é a passividade dolorida e resignada de Gracinha, ou a estima delicada, ingenua, quasi insexual, de Joanninha.

Mas, para compensar esta ausencia de paixão, de calida vibração affectiva entre as suas creaturas femininas, elle é o glorificador commovido da amizade, da solidariedade moral e intellectual entre os homens. Eça de Queiroz tinha o

culto dos seus amigos. Vêde, por exemplo, a constante correspondencia psychica, intima, fraterna, que une Jorge a Sebastião, João da Ega a Carlos da Maia, Zé Fernandes a Jacintho, fundindo-os na mesma ordem de sentimentos e de idéas, sem, comtudo, annullar em cada um a individualidade propria, que se conserva, ao contrario, inconfundivel e flagrante.

Este culto dos amigos, não o celebrou apenas Eça de Queiroz através das suas ficções literarias, porque era um prolongamento da sua conducta particular na vida. E' uma grande sympathia irradiando de todo o seu ser. Ahi estão como provas, entre outros documentos fidelissimos, esses magnificos retratos psychologicos de Ramalho Ortigão, Eduardo Prado, Anthero de Quental, considerando-se mais que, na apologia deste ultimo, Eça de Queiroz attinge a perfeição sobrehumana de se diminuir publicamente para louvar o seu amigo, traçando um perfil que está para a moderna literatura portugueza como na religião os evangelhos estão para Christo.

Estes e outros ensaios de critica literaria, historica e social, como os sobre Victor Hugo, Guilherme II, o Conde de Paris, Beaconsfield, a *Rainha,* Joanna d'Arc, os *Inglezes no Egypto,* os *Tres Prefacios,* o *Francesismo,* vieram revelar novas faces do seu espirito de commentador genial e de creador equilibrado: ahi, as suas faculdades de analyse e de synthese ganham um vigor rejuvenescido e uma idéalização desafogada. Neste contacto directo com a creatura viva, com o facto objectivado — é o mesmo que se observa com outros artistas profissionaes, como, por exemplo, Anatole France, o sabio atheniense, muito mais interessante na *Vie Litteraire* que em algumas das suas obras de ficção; e até com alguns escriptores medianos, como esse venturoso Paul Bourget, incontestavelmente o mais

insigne dos actuaes medianos francezes, e decerto muito menos irritante nos seus estudos de critica do que nos romances preciosissimos que urde como bom parisiense — «um parisiense com um ligeiro toque de inglezismo, como pede a moda, que leva para o *faubourg* Saint Germain, num fiacre, os seus methodos de psychologia, de uma psychologia que cheira bem, que cheira a opoponax, e tomando uns ares infinitamente profundos, remexe os corações e as sedas das senhoras, para nos revelar segredos que todo o mundo sabe, num estylo que todo o mundo tem.»

Se fosse possivel destacar das obras primas do naturalista horaciano da *Cidade e as Serras* (livro que é, com a *Correspondencia de Fradique Mendes,* o mais pittoresco resumo, a satyra mais fina do septicismo elegante do fim do seculo XIX); se fosse possivel destacar das obras primas de Eça de Queiroz uma unica obra prima, em que todas as outras se resumam e condensem, esta seria, forçosamente, a *Illustre Casa de Ramires*. Este livro é o mais bello monumento da lingua portugueza, nos ultimos tempos: é um *Lusiadas* em prosa, é o poema limpido e sonoro do decahido Portugal contemporaneo em contraste com o poderoso Portugal medievo. Producto de plena e sadia maturescencia intellectual, dessa tristeza consolada e luminosa do envelhecer, livre de preconceitos de escolas, repousado e sereno, tudo nelle é forte, suggestivo, emocionante, formoso, harmonico, preciso, igual, porque ahi, de principio a fim, um perfeito senso de historiador acompanha e regula a alcandorada fantasia do artista.

Tenho ouvido, com uma insistencia devastadora, que em Eça de Queiroz o minucioso narrador de factos esmaga o philosopho semeador de idéas ou diminue o artista evocador de imagens. E' que estas, muitas vezes, só dão na vista

quando são impostas a muque, aos saltos e aos berros: a discreção, a finura, a subtileza, prejudicam-n'as na maioria dos casos.

Para embaraçar o asserto que se funda na supposta ausencia de suggestividade, de surto, de força, de que se accusa o autor da *Perfeição* (se uma tão facil tarefa tem algum valor), basta lembrar aquelle inesquecivel epilogo dos *Maias* (um livro que ainda se não tinha escripto e que se não escreverá mais em lingua portugueza), pagina que vale por alguns tratados de philosophia, onde Carlos e Ega, depois de bravamente philosopharem, ao mesmo tempo que assentam numa theoria fatalista da existencia, proclamando a inutilidade de todo o esforço, correm desesperadamente para apanhar o «americano» que os deve levar ao *Hotel Braganza;* ou evocar aquelle maravilhoso final da *Illustre Casa,* superior a muito compendio de historia, em que ao lado de Villa Clara e ao pé da *Torre de D. Ramires,* na doçura da tarde agonizante, «por todo o fresco valle até Santa Maria de Craquede», uma voz inspirada traça genialmente a psychologia de Portugal, emquanto a silhueta melancolica do padre Soeiro, destacando-se no «silencio ainda claro, de immenso repouso, tão doce como se descesse do céo», pede a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casaes adormecidos...

Não, meus amigos! Eça de Queiroz é um artista completo: aquillo que não encontramos nos outros, um quer que seja, talvez um quasi nada, é justamente nelle que vamos encontrar. Por mim, confesso que, em prosa portugueza, foi nelle que aprendi a ler. Repugna-me, por uma questão de pudor esthetico, apontar as pequeninas falhas desse artista, em quem os defeitos são qualidades: isso é com os criticos, os letrados, os homens de rigido bom senso e convicções rigidas. Guardadas as devidas distancias, ac-

ceito-o, na minha admiração apaixonada, mas consciente, como elle acceitava Victor Hugo, e como Victor Hugo acceitava Shakespeare: *comme une brute.*

E' que elle, como nenhum outro escriptor do seu tempo, soube visionar integralmente a vida humana em todas as suas ridiculas baixezas e em todos os seus bens consoladores. E' que elle fixou maravilhosamente a Vida. E, para fixal-a, teve ainda este grande merito: transformou uma lingua barbara, dura, aspera, fradesca, solemne, hostil, num instrumento plastico, sonoro, ductil, ondeante, diaphano, subtil: numa palavra — foi o primeiro escriptor portuguez que fez paradoxos com a nossa lingua. Elle é o mestre — e depois delle, ninguem, que se preze, tem mais o direito de escrever mal a lingua portugueza.

MATHEUS DE ALBUQUERQUE.

Brasileiro.

As rosas votivas

MEU CARO CAMARADA:

A amavel carta que me enviou d'essa saudosa Lisboa, d'onde os azares da minha vida errante ha tanto me trazem arredado, exprime-me o desejo de juntar a minha colaboração á dos escritores de Portugal e do Brazil, que um grupo de admiradores resolveu reunir n'um volume de homenagem á grande memória do Mestre de todos nós que foi Eça de Queiroz.

Tenho, n'este momento, diante dos olhos, entre os retratos de Camilo, de Antero, de Junqueiro, de Fialho e de Antonio Nobre, que formam a galeria espiritual do meu nativismo literário, a fotogravura do monumento, em que Teixeira Lopes animou maravilhosamente de vida a imagem marmórea do romancista genial dos «Maias».

Aureolada pelo sol d'esta manhã de inverno carioca, docemente azul e dourada como as das nossas primaveras, a aristocrática figura emaciada, franzida pelo fino sorriso do idealista que a áspera observação da realidade transformou no melancólico sorriso do sarcasta, parece ressuscitar tão esculturalmente como entre a frescura verde das palmei-

ras d'esse discreto larguinho lisboeta, a dois passos do elegante e futil Chiado, onde o seu monóculo tantas vezes faiscou de ironia, ao vêr desfilar o cortejo triunfal dos grotescos a que o seu génio vingador deu a imortalidade do riso.

E é com enternecida emoção que agora estou relembrando o lindo gesto d'uma das mais gentis senhoras brasileiras de meu conhecimento, que ao passar ha anos no Tejo, de regresso da França ao Rio, desembarcou em Lisboa exclusivamente para depôr deante d'êle, como outr'ora as mulheres da Hellade, deante das estátuas dos deuses olímpicos, um viçoso ramo de rosas vermelhas. Suave exemplo, tão cheio de profundos ensinamentos, que eu desejaria vêr seguido pelas mais lindas mulheres de Portugal! Mais que nenhuma outra, a púrpura das rosas resplandece sôbre a brancura dos mármores imortaes.

Na muda graça votiva d'esse tocante gesto feminino, não acha o meu ilustre confrade, uma significação de bem mais frisante eloquência do que em todos os julgamentos dos criticos?... Por mim, profundamente creio que nenhuma homenagem valeria mais para o amoroso creador de Maria Eduarda, de Luisa e de todas as adoraveis figuras de mulheres que, na sua obra, vivem nimbadas da suprema beleza que a dôr dá ao amor, do que a das rosas espalhadas sobre a sua memória pelas lindas mãos d'essa passageira de um transatlântico. A uma alma tão aristocraticamente hostil, como a d'êle foi, a todas as exterioridades enfáticas, as sagrações que melhor convém serão sempre as que vierem impregnadas do perfume d'essa amoravel ternura, que só as mulheres, que são as maiores artistas, pelo instincto, sabem pôr espontaneamente na sua admiração.

Imagino a escandalisada surpreza dos Dâmasos e dos Gouvarinhos, que, da porta da Havaneza, de certo seguiram

com os olhos gulosos a elegante estrangeira, e a viram fazer aquela romagem extravagante. Como não haviam êles deixar de a considerar chocante?...

A divindade do génio foi sempre incompreendida pelos homens. E mais que nenhum outro, Eça foi fidalgamente odiado pela Lisboa conselheiral e janota do Constitucionalismo, de que era o analista implacavel. Na sua vida, unicamente consagrada á Beleza, repugnaram-lhe sempre as consagrações oficiaes.

Desdenhando os preitos vãos das maiorias, os que apenas ambicionou foram os das *élites,* que, em todos os paizes constituiram sempre essa minoria, isolada da turba, que, no seu realismo, só via imoralidade, e na sua irreverência a abominavel revolta de um anarquista das letras, contra todos os preconceitos tradicionaes que formam os alicerces das sociedades burguesas.

Apenas as gerações novas, que êle ensinou a entrever o que fulgurava no horizonte, para alem da baixeza ambiente, o amaram sinceramente, e as mulheres, que, sob a ironia que nunca compreendem, tiveram sempre a intuição do sentimento e da vibração profunda da poesia humana, que a sua fantasia velava, á maneira daquele manto diáfano que reveste a beleza da Verdade nua.

Quantos d'aqueles que herdaram, com a incompreensão, o surdo rancor que êle inspirava, se não insurgirão ainda, no intimo, contra a idéa da sua glorificação póstuma? Só os que verdadeiramente amam a sua pátria, como êle a amou, depurada e regenerada, podem compreender a necessidade de exaltar n'êle o que mais vale para um povo — o seu esplendor moral e mental.

As comemorações de caracter essencialmente literário, e, sobretudo, de celebridades autenticamente dignas d'este título, eram raras n'uma terra que apenas se afizera a imor-

talizar, pelo bronze e pelo mármore, os Conselheiros de Estado. Ao passo que nas outras, onde o valor intelectual se sobrepõe ao dos politicos, a memória dos que, pela arte ou pela sciência, dominaram o tempo, era assinalada pelo culto sucessivo das gerações, dir-se-ia que a nossa se comprazia em ostentar indiferença e desdem pelos que destacavam da vasta mediocridade dominante.

Por ter sido, no seu sarcasmo juvenalesco, o comentário amargo da vida portuguesa da sua época, é que a obra de Queiroz justamente mais merece devoção dos que hoje conjugam os seus esforços para o ideal de um Portugal mais nobre e redimido.

Saido da Universidade de Coimbra entre a pléiade que, cheia de galhardia, se apaixonou pelas grandes idéas sociaes que da França irradiavam, Eça veiu encontrar no Passeio Público e em S. Bento, nas sacristias e nos salões de então, uma sociedade burlesca, anacrónica e casquilha, vivendo ainda á sombra bolorenta do Passado fradesco, entre os desvairamentos beatos das procissões do Senhor do Passos da Graça e os êxtases mórbidos de uma poesia lírica, afrodisiaca e alambicada, enaltecendo ao piano os olhos meigos e as fraldas brancas das Elviras da Baixa.

Foi essa sociedade ronceira que o crítico de tendências revolucionárias do Casino, que, n'essa fase, dominava o artista, quiz demolir a golpes flamejantes de sarcasmo e varrer a lufadas salubres de ironia, para depurar a terra que amava, de tudo o que nela jazia de torpe e de falso. Ter-lh'o-ão perdoado os que ainda lá jazem enraizados ao passado em que triunfaram?... Penso que não. O ódio dos nulos é mais tenaz ainda pelos que morreram — porque já nada teme.

Agora vejo, meu bom amigo, que não lhe escrevi o artigo crítico que certamente esperava.

Mas não acha, em verdade, que mais que tudo o que sobre êle está já dito e sempre haverá a dizer, em palavras, valem em significação as rosas vermelhas silenciosamente depostas sobre o seu monumento por aquela gentil senhora d'este Brazil que, muito antes d'êle começar a ser um consagrado em Portugal, ainda em vida o venerava já, como um imortal?...

JUSTINO DE MONTALVÃO.

Ha vinte annos

Eça de Queiroz, quando eu o conheci e com elle convivi, mezes a fio, na intimidade do seu espirito e do seu lar, era já um convertido ás bellezas da sua terra natal.

Andára por esse mundo, — por quasi todo o mundo — com a sêde de tudo conhecer e tudo observar; e como era o mais fino e subtil observador dos nossos tempos e um cronista á maneira franceza ou um humorista á maneira americana, trouxe, na sua prosa ine[illegible]alavel, para a sua obra, toda a forte emoção visual da sua arte, que era a sua tortura constante de illuminado.

Escrevia por esse tempo—era ahi por 95—*A Cidade e as Serras,* que é o grito d'alma de um portuguez, transviado em sendas da civilisação, gasto de todos os prazeres, saturado de todos os luxos, no regresso ao sol bemdito da sua Patria, em que se aquece e se expande, como se outro não houvesse igual em toda a terra. As provas d'esse livro admiravel arrastavam por cima da sua meza de trabalho, á espera das correcções. Os editores escreviam cartas sobre cartas pedindo a sacramental autorisação que Eça punha

no alto de todas as paginas, quando as julgava, finalmente, depuradas: «Póde imprimir-se». Mas elle nunca se satisfazia. A sua prosa tinha de sofrer todas as torturas do seu espirito; e nem sempre era occasião de proceder a esse trabalho de forja mental, que o queimava, o lacerava, o deixava exhaurido.

Lembro-me que, durante cinco mezes, vi as provas passarem por transformações inconcebiveis; e quando, mais tarde, as li na obra definitiva, — não as reconheci!

*

* *

Eça, como todos os escriptores que vivem da emoção das artes plasticas e só na conquista de um adjectivo gastam horas interminaveis, não era um conversador brilhante. A sua palestra derivava simples, terra-a-terra, marcada aqui e ali por traços fugidios de humorismo, — de pessoa muito viajada e de intelligencia arguta, que sabe contar o que viu, sem grande dispendio de imaginação.

Sob os grandes castanheiros de Cintra, sentados n'um banco, — emquanto seus filhos brincavam, ali perto de nós, — eu passei horas ouvindo-o narrar episodios da sua vida viajeira de consul, — desde a Havana a Paris, com intermittencia por terras inglezas, — as que deixaram no seu espirito mais funda e duradoura impressão. Effectivamente, elle tinha affeiçoado os costumes britannicos, rigidos, severos, — mas elegantes e distinctos. Antes do almoço, eu encontrava-o de roupão por cima das ceroulas, trabalhando; mas, a certa altura, depois de uma hora ou hora e meia na pesquiza de recheio para o *Almanach Encyclopedico* em que eu era seu modesto collaborador, Eça levantava-se e desapparecia. Ia tomar o seu banho, perfumar-se, frisar-se,

aperaltar-se. Era uma metamorphose: renascia n'elle, assim preparado, o verdadeiro *gentleman.*

*

* *

Supersticioso como um arabe, nunca transpunha os humbraes de uma porta sem pôr primeiro o pé direito; e tinha por todos os perfumes uma idolatria pagã e sensual. Já lá vão vinte annos, que n'esta galé das lettras contam a dobrar: pois desde a hora em que communguei a sagrada particula da sua convivencia, eu nunca mais deixei de lêr e relêr sempre que na minha vida se abrem alguns minutos de repouso, uma pagina de Eça, que é o meu breviario de emoções artisticas, — a nova Biblia do meu dolorido e saudoso coração de portuguez.

Lisboa, 25-IV-916.

José Sarmento.

EÇA DE QUEIROZ

PÁGINA DO «ALBUM DAS GLORIAS», DE RAFAEL BORDALO, (1880) ONDE VEM ACOMPANHADA POR UM ARTIGO DE JOÃO RIALTO (GUILHERME DE AZEVEDO)

Eça de Queiroz e Rafael Bordalo

(CARTA)

MEU PREZADO COLEGA

Eu bem o preveni. Sobre uma individualidade proeminente como a de Eça de Queiroz, não é decente alinharem-se a esmo meia duzia de estafados epítetos. E eu, embora sentindo desproporcionada á grandeza do preito a tibieza do meu engenho, ambicionaria produzir ao menos um aforismo inédito, se as minhas ocupações me permitissem o deleite de percorrer de novo a obra do grande escritor.

Ao acaso das minhas reminiscências ocorre-me uma observação que talvez já corra mundo. É que as criações de Eça vivem principalmente pelo seu aspecto caricatural. Afigura-se-me que o monóculo do romancista era o mesmo que se adaptou na arcada orbicular de Rafael Bordalo. E é extranho que estes dois Demócritos houvessem passado a vida quáse ombro a ombro sem jamais buscarem a conjunção dos seus risos.

Talvez isto se explique pela divergência dos intuitos,

por maior que seja a analogia dos resultados. No Rafael, era absolutamente propositada a deformação das fisionomias, afim de avultar a feição caracteristica das personagens. Suponho que, em grande número de casos, a pena do Eça, querendo traçar os contornos reais das figuras, deslizava inconscientemente, exagerando as proporções até perder de vista a natureza. Quer dizer, para o primeiro a caricatura era sempre voluntária e pessoal; para o segundo, sendo frequentemente imposta pelas incontinências de visão artistica, resultava típica. Rafael Bordalo é um descendente longínquo de Aristófanes, Eça de Queiroz procede de Menandro, pertence á excelsa genealogia espiritual que deu ao mundo Molière.

Curiosa anomalia, onde bem se mostra a força impulsiva que dominava o grande espírito de Eça de Queiroz! Quando, como nas *Farpas,* êle aspira a «uma transbordante alegria», a «um riso que peleja», a indignação arrasta-o por vezes a fúrias juvenalescas. Transforma em látego a marote e os cascaveis em puas. Quando, pelo contrário, propende para analista impassível, cria num relance a caricatura formidavel de Pacheco, e faz-nos rebentar de riso perante a severa compostura do conselheiro Acácio. Nem a si próprio se poupa, reproduzindo do espelho curvo a imagem esgalgada do Ega.

Assim, este rude espancador do romantismo não se póde dizer, em boa lógica, um naturalista. Aos processos românticos que estilizavam a natureza, êle opõe processos de estilização grotesca. Bastas vezes, longe de diáfano, o manto com que a sua fantasia entraja a Verdade, á fôrça de espesso, turge-lhe os boleados em gibas. Na ânsia de fugir ao heróico, resvala a miudo para o heroi-cómico.

Eis o que justifica a minha tentativa de crítica comparada dos dois maiores humoristas portugueses do sé-

culo XIX. Se ela sugerir estudos de maior monta, não será de todo perdido o meu insignificante tributo á consagração nacional, de que o meu amigo assumiu a meritória iniciativa. E só em tal caso não se arrependerá de o haver solicitado áquêle que com toda a consideração se subscreve

De V. Ex.ª
adm.or e grato amigo,

26 — I — 918.

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA.

Carta

Amigo:

Porque a Obra de Eça de Queiroz me despertou e desperta, sem prejuizo dos reparos críticos a fazer-lhe e das falhas a notar-lhe, o mais elevado interesse e a mais alta admiração, o meu dever, perante tão bela Obra, é manter-me num respeitoso silêncio e numa recolhida atitude — desde que não possa justificar a quebra de tal reserva com a produção de algum comentário sério, donde resultassem vantagens efectivas para a sua exegèse, para o descoberto conhecimento da fórma de espírito e das faculdades do Artista, para a verificação e documentação da influência literária e social dos livros e do Escritôr.

E não poderia justificá-la assim, visto que um estudo dessa natureza — admitida a grata hipótese de ser eu capaz de o conceber e executar — me viria exigir longo e sequente curso de tempo.

Exigi-lo-hia, sem dúvida: não só por se me tornar necessário reler com miudo cuidado as obras do autor e recolher — através outros escritôres e através mêsmo domínios d'Arte extra-literária — diversos elementos e dados de re-

ferência, de exemplificação, de comparação, oposição e confronto; mas tambem pela circunstância de (uma vez reunido e possuído tudo quanto constituisse esta preparação indispensavel, e ordenados os especiais recursos técnicos de Crítica a pôr em jôgo) ter de aguardar que o meu espírito se encontrasse e identificasse, em certos pontos e momentos, com o do próprio Escritôr, que o surpreendêsse ressurgindo vivo e, a bem dizer, entrasse na sua dinâmica criadôra — para então, e só então lhe compreender a fundo e lhe poder explicar, afinal, o modo de ser e a maneira de criar.

Ora, não conseguiria eu, dentro do prazo relativamente curto concedido aos colaboradôres do *In-memoriam*, obter aquela preparação suficiente; e seria duvidôso e de mero acaso que se désse semelhante sucesso de conjunção e encontro reveladôres. Não lograria, portanto, á falta de vagar e de espera propícia, planear, dispôr e urdir estudo crítico digno — na sua intenção honesta, quando não mais — da Obra literária de Eça de Queiroz. Acresce que só a ideia e preocupação dum prazo a ter em vista, dum termo de tempo a atender, exercem sobre mim a mais perturbadôra acção — verdadeiramente inibitória, muitas vezes: que me domina e tortura, cada dia com maior fôrça, a terrivel fobia das datas.

Pondere ainda, meu Amigo, que ando actualmente interessado e envolvido numa série de estudos, cuja realização me absorve de todo. E reconhecerá, dado isto, quanto seria dificil que, de salto, o meu espírito passasse a uma outra ordem de trabalhos com disposição equivalente, correspondente destreza e maleabilidade, igual facilidade de penetração e perscrutação; quanto seria dificil dar êsse passo sem prejudicar mesmo a nova tarefa tomada.

Tambem aqui deixo ao meu bom Amigo o decidir se não

procederei como me cabia proceder declinando o seu gentilíssimo convite.

Por mim, entendo que — havendo-me recusado, com idênticos fundamentos, a colaborar no *In-memoriam* de Camilo — me cumpria excusar-me tambem agora, devido a um escrúpulo tanto maior, se é possivel, quanto admiro ainda mais o Autor da *Ilustre Casa de Ramires* do que o Autor do *Amôr de Perdição.*

Não devo, no entanto, fugir a confessar-lhe — a propósito desta declaração de preferência — que, se escrevêsse algum estudo largo ácêrca de Eça de Queiroz (para o *In-memoriam* ou com diverso destino) tomaria o encargo melindrozo de, além de outros paralelos a estabelecer dentro e fóra das fronteiras, aproximar e opôr os nossos dois Romancistas.

Porque esse encargo impunha-se-me iniludivelmente, não obstante o que implicasse de espinhôso e de delicado.

Impunha-se-me, não apenas pelas luzes a obter do emprego de tal processo para melhor compreensão e apreciação do Escritôr comentado; não ainda apenas por um motívo de ordem *ética* (importante para quem, como eu, não prescindisse de fazer valer as últimas e decisivas conclusões a apurar do exâme das duas Obras e da comparação entre as personalidades e biografias dos Autôres debaixo do ponto de vista dos *valôres* sociais); mas por uma razão de pura consciência estética, muito de atender num meio de gente impressionavel, qual é o nosso: pela obrigação intelectual de — tratando de Eça de Queiroz — varrer ou tentar varrer certas afirmações, aí correntes, que terão induzido e arrastado criaturas de menor senso crítico, inferior gôsto e falivel instinto da Beleza, a concluirem no sentido de reservar lugar secundário ao admiravel artista do *S. Cristovão.*

Zêlo já talvez desnecessário hoje, quanto a êste último aspecto! Pura devoção, por ventura!... Pois a contínua e aumentada estima dos seus livros e o crescente número dos seus leitôres entusiastas com vantagem respondem, só por si, áquêles parciais distribuidôres de lugares de eleição no anfiteatro das glórias pátrias — onde, aliás, Camilo marcará sempre como grande, mercê duma vasta Obra, restricta de quadro significativo mas notavelmente vigorosa no desenho das figuras e na descrição dos episódios da *vida rústica;* e reveladôra, em grau sumo, de intensa *energia patética* e de vulnerante espírito *sarcástico.*

E não se diga que invóco como prova e sinal de mérito das obras literárias o simples sucesso da leitura em número, o êxito material da livraria, o rendôso sufrágio admirativo da multidão! Falharia aqui o argumento, sabendo-se que entre os mais francos admiradôres de Eça de Queiroz figura bôa parte da *elite* portuguêsa conhecida; não falando de muitas almas que nela merecerão contar, que nela contam, em suma, pôsto guardem discreto silêncio e se mantenham num modesto... ou altivo retraimento...

Embora dispensavel, não julgo todavia que pudesse furtar-me ao cumprimento dêsse dever se, de facto, tivesse ocasião e ensejo para escrever o meu estudo.

Semelhante dever envolvia porêm, infere-se, aquela obrigação que, sobrelevando a muitas, acima de todas se me havia de apresentar como sendo de mais necessária justiça e de mais oportuna conveniência cumprir (quer eu continuasse pelo caminho do paralelo traçado, quer dêle me afastasse, diplomaticamente): a obrigação de, na verdade, apontar e acentuar o significado *moral* da vida e da Obra de Eça de Queiroz.

Seria nêsse ponto que eu mais porfiaria e haveria de insistir, por me parecer justo fazê-lo, sem dúvida; e tambêm

porque — pertencendo ao numero das pessôas para as quais os sibaríticos cultôres e estetas da pura *Arte pela Arte* só encarnam e constituem curiosas excepções, casos preciosos de original psicologia, esporádicas singularidades individuais — entro, consequentemente, na categoria geral dos leitôres e críticos a quem as invenções literárias interessam como verdadeiras manifestações e conjuntos da vida viva — real ou ideal —, como criações donde se espera ou deve de preferência esperar-se sàdía influência exaltante, impressiva eficácia de natural elevação. Porque entro na categoria dos que, de acôrdo com esta noção normal e activa, com este vital sentimento da Arte hão de sempre — não esquecendo nem menosprezando as outras condições de toda a lídima obra artística — ligar a um tal *significado moral* a maior importância e tirar dêle critério de apreciação e juizo quanto aos autôres, homens entre os homens, e quanto ás obras: produtos sociais a considerar, evidente é, no seu valor *social,* debaixo de variados aspectos e, de modo particular, sob o da natureza da sua eficiência — nociva ou benéfica.

Seria nêsse ponto que eu mais havia de insistir: olhando á Obra e á influência da personalidade do Escritôr.

E sustentaria sem grande dificuldade, contra o equívoco de muita gente, que a Obra de Eça de Queiroz deverá exercer, afinal, uma acção social de efeito benéfico, embora na maior parte das suas páginas mais como agente de *saneamento* do que como estímulo de *edificação.*

Sustentaria que ela deverá exercer uma acção desta natureza em virtude de tres condições:

— da salutar aspiração ao *melhor,* intrínseca, visceral no Autor, e frequentes vezes manifestada ou traída, quando mais não seja de maneira indirecta, pelo tom de certas passagens, pelo traço, denunciativo, de certos caractères e perfís;

— da sua própria *estética,* na acepção ampla do termo ;
— da *definitiva* moralidade que se nos insinúa e sômos levados a apurar através a marcha e perante a solução decisiva de quasi todos os seus romances.

Não me seria preciso sair fóra da Obra do Escritôr para demonstrar que nêle se verificavam as condições apontadas em primeiro e terceiro lugar.

Provaria que a minha tése era verdadeira em relação á segunda condição — procedendo ao confronto do nosso Romancista com alguns escritôres representativos da estética *amoral;* não duvidando eu, nêsse intuito, transpôr as fronteiras nacionais, a bem duma eloquente exemplificação. Confrontá-lo-hia, bastava, com um T. Gautier, com um Oscar Wilde e, se quizesse descer do elevado plano dêstes ao dos medíocres irritantes, com qualquer artificioso e pornográfico P. Louys. E havia de tornar evidente, mediante êste confronto, a diferença profunda que de facto existe entre a *estética* do autor dos *Maias* e a dêsses outros escritôres.

Mostraria a claro como para êle e para os de igual feitio mental, ético e emotivo, a Arte, por essência — ou resuma uma transfiguradôra e comovida visão do mundo exterior, ou efectúe uma síntese viva de fundamentais elementos interiôres: de razão, sentimento e energia volitiva, sob a espécie de côres e formas, sons e ritmos, imagens e símbolos verbais (e seja qual fôr, na obra, o aspecto ou elemento predominante, á volta de que tudo se môva) — funde sempre, intègra, *moraliza* no último e significativo sentido, justifica na definitiva intenção de cada criação sua todas as licenças de expressão e forma, todos os detalhes impuros, todas as linhas e notas ambíguas, todas as passagens e episódios escabrosos; conforme sucede com certas anomalias, aleijões, abôrtos da realidade dentro da sagrada, nobilita-

dôra e imaculavel magestade da Natureza. Mostraria como para os da sua família de espírito a maior parte dos traços equívocos, das manchas suspeitas, das locuções e termos livres ou crús não são mais do que incidentes e acessórios, do que notas de refôrço, do que simples meios, pôsto sejam de discutível admissibilidade.

E mostrando-o, d'aí faria vêr como êle e os de idêntica feição se distinguem, efectivamente, e se extremam daquêles para quem a obra d'Arte, àlêm do mais, resume e ultíma sobretudo uma propositada ou instintiva exploração e emprêgo das melhores energias d'alma e dos melhores recursos de técnica especial na complacente revelação e na descrição extasiada da excepção e da anormalidade, interior e exterior, monstruosa ou requintada; na exibição voluntária ou no registo voluptuoso de todas as curiosidades perversas e pecaminosas; — como se distinguem e extremam daquêles para quem tudo quanto refranja em singularidade oblíqua, deforme em atormentada projecção e retinja de alucinantes tonalidades a direita, regular e clara imagem do natural, constitúe e representa o motivo-centro e o fio mestre, o intuito ou sentido substancial, o verdadeiro e determinante *fim* do total realizado... Feita a distinção — teria eu comprovado ainda, pelos livros, que o nosso Romancista figura como gloriôso exemplar na primeira daquelas duas familias de artistas, que a sua Obra encerra uma lição vantajosa — ou esta nos amargue, através quasi tôda essa Obra, ou nos seja consoladôra e tonificante quando o acompanhêmos na derradeira fase e nos manifeste tão directo e enternecido interesse pelas coisas pátrias, tão carinhosa veneração pelas sãs e tradicionais virtudes da vida simples.

Entraria, por último, no capítulo especialmente agradavel para mim: naquêle em que, resumindo todo o estudo

feito, todo o comentário já desenvolvido, me cabia — na altura do balanço crítico final, quando firmasse as minhas ideias e impressões sobre a matéria e fundo dos seus romances, sobre a índole e características das suas figuras e tipos — falar ou tornar a falar, de modo mais seguro, da própria existência e individualidade do Escritôr. Não perdendo nunca o fio, está claro, ao meu primeiro e particular intento; não esquecendo nunca a principal e confessada obrigação de lhe acentuar o *significado moral* da vida e da Obra.

Constaria êste capitulo, essencialmente, do desdobramento a dar a uma nota que não é de todo nova, mas que devia completar-se; — a da superioridade de Eça de Queiroz sob três importantes aspectos a considerar-lhe:

— sob o aspecto do seu culto da Arte;

— sob o aspecto da sua atitude perante o meio social;

— sob o aspecto da sua conducta de Autor em frente da própria Obra.

Tentaria eu pois fazer lembrar agora e tornar saliente como êle foi na verdade superior, entre todos, em relação a qualquer dêsses três pontos de vista indicados.

*

Sublinharia como êle realizou o mais nobre e elevado ideal do Artista: aliando ao escrúpulo severo da *profissão* o alto sentimento da *missão* — da sua missão de criadôr e apóstolo da Beleza; conciliando a insatisfeita aspiração da perfeição e o interesse honesto da verdade, o amôr da Arte e a noção da realidade; como, nêste primeiro domínio, nos deu já e nos legou o ensinamento, a tomar, do sagrado respeito por todo o trabalho empreendido — ensinamento que envolve a reprovação sensata da indolente

confiança nos impulsos e inspirações da improvisação; como provou possuir aqui a consciência clara de que, na concepção e execução da obra literária — afóra os milagrosos e imprevistos *achados* do subconsciente — tudo é e tem de ser labor intenso e atento: no vigilante exercício do espírito, na constante e paciente adestração da técnica e da forma; exactamente para podermos colher e fixar, duradoiros de vigor e de viço — mediante certos vocábulos ou locuções, e não mediante outros diversos, experimentados e rejeitados — a pulsante impressão da Vida, a imagem translúcida do Sônho, o traço nítido da Ideia.

Porque manifesta, com efeito, haver possuído mais do que ninguem essa clara consciência de quanto devêmos porfiar num tão paciente esfôrço e exercício — precisamente para conseguirmos prender viva, em correspondente, vibratil, sempre animada e sensivel rêde verbal, a móbil teia feita e desfeita, a urdidura subtil e fugaz de muitas representações, e associações mentais, de muitos estados e cambiantes emotivos, de muitos movimentos e pausas de energia volitiva, quer se trate de nós mesmos, quer da revelação de almas estranhas, reais ou de ficção... verdadeira.

*

Vincaria logo depois como, na vida e na Arte, êle provou ser, *socialmente,* antes uma unidade de valor afirmativo do que um elemento e estímulo dissolvente. Faria eu ver, efectivamente, que, nêle, o Homem mostrou possuir a compreensão de todas as exigências e reunir todas as qualidades donde depende a adaptação normal de cada indivíduo ao teor e condições da existência comum, á realização dos destinos colectivos; sem embargo da crítica e do comentário duro aos erros e aos ridiculos do meio — melhor obser-

vados e apreciados por ter podido o nosso romancista observá-los, durante anos seguidos, de fóra e a distância, com favoravel espaço de perspectiva e em face de outros quadros sociais de comparação e referência. Faria ver que êle nunca foi um sediciôso e um revoltado anárquico — esperando, absurdamente, do ataque e destruição radical de todos os orgãos e tecidos de cada instituição ou classe a melhor condição e processo para a reconstituição e fortalecimento duma sociedade inteira. Faria ver que jàmais, do espéctaculo das inferioridades, loucuras, misérias e vilezas dos homens do seu tempo e do seu país tirou motivo ou pretexto para a si próprio se emancipar e se libertar, indisciplinado, da noção e da prática do dever, mesmo quando se tratasse de fastidiosas e desinteressantes funções, em cujo exercício tivesse de considerar-se subordinada peça duma vasta engrenagem; tudo, porque soube como a realização de obrigatórios trabalhos e tarefas pode tambêm conciliar-se com o nosso mais aprumado brio e a nossa mais rasgada independência de espirito e de caracter, como essa conciliação depende duma coisa bem simples: do impecavel e escrupulôso desempenho da obrigação contraída. Muito propositadamente me havia de deter um momento nesta altura para perguntar (deixando talvez entrever algumas figuras na névoa de leves alusões) se teriam dado e darão sempre prova de tão nobre aprumo e de isenção tão independente aquêles que, orgulhados da sua liberdade e fóra de todo o jugo oficial, fizeram e fazem da penna — comparavel á espada assalariada dos velhos *bravi* — arma mercenária a serviço de quem mais promêta; quando não sucêda ser ela, em tais mãos, afiada navalha de ponta e mola...

E não proseguiria sem deixar fortemente acentuado, em relação ao Homem e ao Artista, quanto um e outro — mer-

cê da distinção natural, da educação perfeita, da límpida visão das realidades, do ingénito e apurado bom senso — fugiram, com efeito, aos excessos ridículos e funestos do espirito anti-gregário, escaparam á furiosa mania da vingadôra *justiça* destrutiva, e ainda á celebreira da *superior incompatibilidade* com os outros, á espécie de delírio persecutório das nobres almas *incompreendidas*...

Não proseguiria sem deixar fortemente acentuado quanto um e outro evitaram — devido a essas raras qualidades — as exageradas, comico-trágicas atitudes de protesto contra a Fatalidade, os grandes gestos e brados contra a Desgraça, as desgrenhadas invectivas contra as condições do Universo e do Mundo humano, adversas ao *Génio;* quanto um e outro evitaram as restantes manifestações e desmandos de tanto mègalómano do Infortúnio, de tanto esforçado cavaleiro do Negro-Fado, de tanto tenebrôso predestinado da Má-sina — vítimas apênas, tôdos ou o maior número, das próprias faltas, defeitos e incapacidades: da imprevidência, da irregularidade, da absoluta ausência de senso comum, de insuficiente noção das possibilidades e das proporções.

Não proseguiria sem deixar fortemente acentuado quanto um e outro contribuíram, pelo seu lado, para o melhor das duas últimas gerações podêr já considerar menos aceitaveis — e de todo inconvenientes na área da realidade — certos caprichos e liberdades do romantismo estúrdio, certas demonstrações extravagantes do Talento opresso e desventurôso, certas violèncias líricas do Amor... *ideal* — (sobrevivências de 1850... mais duradoiras do que se julga, pois ainda influem na preferência e concorrem para a romanêsca simpatia votada por muita gente a alguns autôres); quanto um e outro contribuíram para os espíritos novos aceitarem e alimentarem a sensata ideia da humana

coexistência da Arte e da Vida, a justa compreensão do significado e do destino activo da obra literária, e portanto das qualidades e virtudes sociais a exigir no escritôr; quanto um e outro, em suma, contribuíram para moderar e calmar êsse prurido separatista, êsse ingénuo horror á confusão com o vulgo, levando-nos a concluir — em face da sua própria, inconfundivel individualidade de Artista e de Homem — que só deverá ter mêdo de parecer *burguês*, por fóra, quem realmente o seja... por dentro...

Procuraria, porêm, dar a medida da superioridade de Eça de Queiroz — debaixo deste segundo aspecto considerado — principalmente em vista da sua Obra litterária, em vista da maneira como o *escritôr* se revelou e comportou quanto aos mais graves assuntos e problemas, aos temas e motivos mais melindrosos da actualidade portuguêsa: com relação ás realidades, formas e manifestações do *Existente social e político* e da *Vida religiosa;* com relação ao modo de ser, situação e hábitos da *Familia;* com relação ainda a *Figuras vivas*, a contemporâneas personalidades do meio nacional, indívidualmente visadas e criticadas.

Forçôso me seria confessar, de entrada, com referência ao primeiro ponto: que essa Obra revestiu sem dúvida, e em grande parte, caracter negativo; que bateu e abalou pelo ridículo e pela crítica irreverente alguns dos elementos preponderantes, das molas visiveis do Constituído (revelando-se aqui a inteira independência e desassombro do Autor).

Prestes faria, no entanto, notar que uma Obra de observação e comentário *do vivo* — como é, em larga proporção, a de Eça de Queiroz — tinha de ser obra de nua e descarnada verdade. E o Constituído, pelo menos nos principais centros — demonstraria eu — apenas lhe ostentava um mundo político e social decadente, com quasi todas as causas

da decadência descortinaveis á vista, e com todas as características e sinais dela reconheciveis e avultantes nas coisas e nos homens públicos.

Só lhe oferecia o espectáculo d'uma sociedade desviada das velhas tradições e costumes, artificialmente reconstruida, ao de cima, segundo desenhos e moldes importados, estranhos e abstratos planos de improvisadas edificações e, assim, sobreposta ao preexistente; em vez de assentar e de se reerguer dos fundos alicerces antigos, sobre as verdadeiras bases do seu desenvolvimento histórico.

Só lhe oferecia o espectaculo duma sociedade que — *necessitando,* como sempre, do *estrangeiro,* pelos limites do torrão, míngua de recursos, e de acôrdo com a dupla feição da sua antiga índole e da sua história (reveladôras e atestantes de opostas e combinadas tendências gerais e regionais, da equilibradôra coexistência do mais cioso retraímento e da receptividade a mais pronta, da vantajosa presença do nacionalismo mais resistente e da mais elástica adaptabilidade, da acção e reacção, provadamente fecundas, de elementos próprios e alheios) perdêra, contudo, ou parecia ter perdido tôda a força activa e reactiva dos primeiros dêsses elementos...

Só lhe oferecia o espectáculo duma sociedade falha de ideais norteadôres — fóra certas ideologias que, por trapejarem no ar, não opunham resistência aos movimentos dos astuciosos sobre o terreno da feira politica e lhes cobriam as manobras com a aparência de bandeiras de princípios—; o espectáculo duma sociedade do mesmo modo falha de concretas noções vitais; duma sociedade desenraizada, emfim, e onde portanto podia dominar — devido á desmoralização e corrupção das classes desenquadradas e fluctuantes — uma politica híbrida, de vago e artificial compromisso entre fórmulas contraditórias e inajustaveis: polí-

tica sucessivamente complicada, e dia a dia mais perturbadôramente explorada pelos filhos, carnais e espirituais, dos implantadôres do sistêma e responsavel, em muito, da sorte reservada aos netos e aos bisnetos. E, feita a demonstração, ser-me-hia lícito ponderar á fáce de tal quadro e de tal espectáculo — projectados ou reflectidos nos seus livros — que ao Escritôr sómente restava: fugir magoado, ou então *fustigar* em roda como fustigou, a sério e a rir, embora algumas vezes risse com entranhada amargura.

Lícito me seria ponderar que não era o Escritôr o verdadeiro agente de demolição; e sim aquêles que, a dentro das fachadas da ordem, só fomentavam desordem: uns pela incompetência, outros pelas audácias, definitivamente aluidôras, destrutivas... do Construido ou armado...

Lícito e oportuno me seria ponderar, com insistente propósito, que o Ironista poderôso — implacavel em frente dêsse mundo artificial e falso da sociedade e da politica suas contemporâneas, em frente dos figurantes e títeres dêsse tablado — nunca deixara de sentir e de alimentar enternecido amôr e interesse carinhôso por tudo quanto, nos recuados planos e nos distantes scenários da vida nacional ainda persistisse puro de mentira e de rebôco postiço, por tudo quanto se mantivesse genuinamente português ou fôsse, talvez, susceptivel de remoçar como tal... E todos conviriam em que, lida e entendída a fundo, a sua Obra provará encerrar, aqui, largo sentido moral — no que contenha de saneadoramente justiceiro e até no que deva sugerir de edificante.

Mais dificeis poderiam parecer a defêsa e a apologia da sua Obra — sob o criterio da significação moral — no tocante ás coisas da Vida religiosa.

Efectivamente: encontram-se na *Relíquia* e em passagens doutros romances certas notas que deverão duramente mo-

lestar e maguar de chofre os ouvidos e as almas dos crentes delicados.

Não me levaria, contudo, muito tempo o fazer ver que— á parte essas *palavras* lamentaveis, quasi sempre áliás da *responsabilidade* de personagens inferiôres ou menos simpáticas — os *pensamentos* e as *obras* do Escritôr se furtarão afinal, segundo o melhor juizo cristão, a uma reprovação absoluta e inapelavel.

De facto — jámais toca ou deixa transparecer a intenção de tocar na esséncia e na substáncia de tudo o que constitúa íntimo motivo de crença, firme verdade de Fé, princípio e artigo de Lei fundamental; e quando — directamente ou mediante ditos e feitos de alguma das suas *figuras* — o Autor do *Crime do Padre Amaro* visa e fere pessôas da Igreja, quem êle visa e fere, ao comentar e criticar actos e práticas, escândalos, abusos e crimes, são apenas os falsos servidôres do culto, os impostôres e os hipócritas, ordenados ou leigos, do nosso mundo religiôso, os grotescos e indignos representantes duma grande e sagrada Instituição — tristes exemplares humanos e lógicos produtos do meio social e político. Nunca visa e fere, em si, essa Instituição que êles aparentam representar; e nunca joga com as ideias e sentimentos dos que sinceramente creiam e conscienciosamente pratiquem.

Concedendo, todavia, que teria sido talvez preferivel abster-se êle de tratar com tanta irreverência e com tanta cruêza tipos e figuras do mundo religioso—breve eu havia de conduzir quem me lêsse a classificar de menos grave o seu procedimento quando referido ao de outros escritôres, de àlém e de áquém fronteiras: quando comparado com o procedimento daquêles, cujo intemperante espírito de discussão imprudentemente invade os melindrosos domínios da Fé; com o daquêles, cujo criticismo sarcástico se não

exerce e satisfaz apenas no comentário duro e zombeteiro dos delictos, fraquêsas e ridículos dos maus sacerdotes, e desvia de encontro aos mistérios do próprio santuário; com o daquêles, em especial, a cujo mórbido capricho e lamentaveis incoerências de razão e de consciência deverêmos, hoje, ardentes glorificações da Divindade, e ámanhã odiosas páginas ímpias, donde diríamos espirrar lama para cima das pedras d'Ara...

Por igual sustentaria a moralidade da Obra de Eça de Queiroz com relação ao terceiro ponto — ao modo como a vida e costumes da *Família* são descritos e tratados nessa Obra. E aquêles que, de princípio, estranhassem a minha tese, adoptá-la-hiam apenas eu lhes fizesse notar a origem e a natureza dos exemplares em geral observados e reproduzidos pelo Autor do *Primo Basílio*

Porque reconheceriam que tais exemplares são representativos, não da enraizada e honesta família da nossa terra, da lídima e tradicional familia portuguêsa — pequêno mundo de plena vida afectiva e mútuos sacrifícios, banhado e perpetuado na graça de Deus; mas sím doutras espécies e tipos de formação familiar — sobretudo gerados e nutridos das aluviais e movediças camadas urbanas. Porque reconheceriam que tais exemplares representam com efeito: quer uma vulgar espécie de *associação,* onde duas meras sexualidades — casualmente encontradas e lascivamente atraídas pelas práticas livres do namôro facil — se acharam comprometidas e forçadas a levarem juntas a mais deprimente existência de miséria moral e fisica, de penúria e abjecção, com todas as suas consequencias e riscos; quer ainda — num pé diverso — algumas dessas fortuitas uniões, quasi tão precárias de segurança, originadas, por via de regra, em simples impressões exteriôres, considerações de vaidade, cálculos de puro interesse material...

Concordariam em que, para ser verdadeiro, tinha o Escriptor de reproduzir e descrever como reproduziu e descreveu.

Não ficaria eu satisfeito, contudo, antes de lhes mostrar como, a par dêsses tristes e sombrios quadros, outros nos dá, no género, gratamente compensadôres dos primeiros pelo seu luminôso e resgatante contraste; antes de lhes lembrar como, por exemplo, o autor de «*A cidade e as serras*» nos deixa entrever, cheio de claridade feliz e tranquila, o lar virtuoso e simples aonde irá acolher-se e remir-se de todo — amavelmente desenganado dos artifícios e complicações do mundo — o invejavel Príncipe da Gran-Ventura.

Nem me esqueceria tão pouco, ao dobrar esta volta do meu estudo, de chamar a atenção dos leitôres para um traço de singular importáncia, a destacar no meio dos mais salientes do escritor: o do *cinismo* repugnante de que dota e reveste os seus *herois* de conquista adulterina ou aventura sacrílega, provocando-nos sempre viva repulsa com as palavras de indiferença egoista ou de desfaçatez cruel em que êles se referem ás próprias vítimas, abandonadas e desprezadas... E uma aproximação oportuna me ajudaria a prestar-lhe justiça quanto ao sentido definitivamente moral dos seus livros, debaixo dêste ponto de vista: a aproximação entre o episódio em que *Mr. de Camors* — o irresistível herói do dôce Feuillet — soluça prostrado o seu *nobre* remorso por haver seduzido a mulher do melhor amigo, e o caso do Primo Basilio lamentando a frio não ter trazido a Alphonsine, quando recebe a notícia da morte de Luiza...; pois ninguem hesitaria em afirmar que do primeiro distila muito mais veneno que do segundo...

Como outro belo traço a fixar, sob o ponto de vista da sua atitude perante o sociedade, enalteceria eu o do

respeito individual — traço que se lhe descobre e lhe sobresai nas mais vivazes e combativas páginas, e que encerra uma impressiva lição. Poria em relêvo — contra o precipitado juizo de alguns — que, nêle, o comentador e o polemista nunca ultrapassaram, com relação ás individualidades comentadas ou atacadas, os limites para álêm dos quais a crítica degenera numa grosseira discussão de qualidades e defeitos de toda a ordem, e a polémica se permite devassar coisas da própria vida intima; que — deixando por vezes ficar dolorosamente experimentados os adversários — jámais os deixava tocados e feridos em certas fibras onde os golpes fôssem de efeito irremediavel; jámais os deixava prejudicados como homens, lacerados e invalidados na sua dignidade pessoal. E permitir-me-hia perguntar, a talho de foice, se poderiamos dizer o mesmo de todos os nossos polemistas, incluindo alguns dos mais admirados?

Que uma superior noção e um fundamental sentimento de *respeito pelos outros* se revelam em todas as suas Obras, relativamente ao mundo dos leitôres — não teria eu necessidade de o provar.

Toda a gente convirá em que o Autor da *Correspondência de Fradique Mendes* se mantêm a igual distáncia dos submissos lisongeadôres do público e dos impertinentes que se lhe recomendam descompondo-o; e toda a gente dirá que, compreendendo a conveniência prática de se fazer entender e a vantagem, natural, de se fazer desejar, tem tambêm o segredo de sempre deixar transparecer ou adivinhar deferente contemplação por aquêles com quem comunica através dos seus livros.

*

Chegado a esta altura — e cumprido o devêr grato de exaltar o mais *artista* dos nossos grandes prosadôres mor-

tos como um dos mais *benemerentes* entre todos — poucas linhas eu teria de acrescentar para concluir o meu estudo, ao considerar Eça de Queiroz ***sob o aspecto da sua conduta de Autor em frente da própria Obra.***

Apenas reforçaria o louvor, dizendo: que, se êle, quanto aos outros dois aspectos, encarnou entre nós o mais belo exemplar da superioridade — quanto a este último foi a personificação perfeita do recato e do pudôr intelectual, no seu grau mais elevado; e que nos deu, assim, a melhor lição a fixar e a tomar, para correção e emenda duma sociedade onde á vista abundam e florescem, pujantes, os defeitos e péchas antagónicas de tais qualidades...

⁂

E aqui tem, meu Amigo, os pontos que eu mais desenvolveria a respeito dêsse inventor de Beleza, cujo poder de comovida imaginação (tão notavel como a sua lucidez crítica e as suas faculdades de observadôr) havia de encontrar por fim largo campo e azado ensejo para se manifestar plenamente; a respeito dêsse criadôr de Ideal, cuja alma, doída da existência áspera dos homens — e molestada do seu contacto — já lograva alar-se ao convívio pacificadôr dos Santos e, com arte macia e viçosa de sábio iluminador, banhar-lhes a terrena humildade em suaves claridades de cima.

Aquí tem os pontos que eu de preferéncia trataria a propósito do Artista e do Homem a quem a aberta *feira de vaidades* do seu tempo e do seu país provocou, sem dúvida, duras palavras de comentário e agudos golpes de ironia; mas a quem uma nativa nostalgia da verdadeira Pátria inspiraria ainda, para desconto de algum velho pecado, pági-

nas ungidas do sagrado amôr ao torrão, merecedôras, por certo, de lhe havêrem ganho a absolvição e a bênção do bom e enternecido Padre Soeiro...

Aquí tem os pontos que — depois de estudada a Obra e analisado o espírito do Autor — eu desdobraria com maior interesse, na minha devoção admirativa e saudosa pela mais simples, mais aristocrática das nossas grandes individualidades literárias.

Mas pensando bem, caro Amigo, venho a dizer-lhe que sempre foi melhor, afinal, não ter eu podido escrever um tal estudo, á falta de mais folgado vagar; pois, dado o temperamento impulsivo e o feitio disputadôr da nossa grei, talvez o meu trabalho concorrêse para levantar barulho e desordem, senão pelo seu valôr intrínseco, a título de mero pretexto de discussão brava, de puro motivo a demonstrativos protestos e a contestações agressivas. Porque seria de esperar que aquêle confronto e paralelo entre os dois Romancistas provocassem rija celeuma quasi a cada conclusão por mim tirada dessa aproximação comparativa. Da pedrada furtiva do noticiarista anónimo e da bordoada rancorosa de certos vernaculistas apaixonados até á estocada descoberta dalgum velho camarada — nada me faltaria nêsse alevantamento, imprudentemente suscitado.

Devia tambêm contar com os defensôres da *Arte pela Arte* se, em vez de haver feito apenas ligeiras referências ao impecavel T. Gautier, ao perturbante Oscar Wilde e ao soprado autor da orgástica *Aphrodite* (mal oferecendo ensejo e motivo á possivel investida dos soberbos *voluntários* da Estética amoral) eu me tivesse alargado num tão perigôso capítulo. E era de supôr que um mais rasgado, longo e comovido elogio das raras qualidades de recato e de pudôr literário do Autor d'*O Mandarim* — da sua distinta e fidalga reserva ante a própria Obra — fôsse logo to-

mado, e castigado, como insinuada, pérfida *indirecta* a muita gente bôa...

Veria o meu amigo!

Por mim, pouco me importaria — ainda que ficasse miseramente contundido.

Importar-me-hia muito, porêm, pela piedosa consagração que promovem ao grande Romancista. Nunca me absolveria de ter perturbado êsse comovente cortejo de homenagem com um tumulto a que eu houvesse dado origem. E contribuir para semelhante barulho e poeira de discussão á volta do nome de Eça de Queiroz não seria até desacatar a nobre *memória* dêsse Artista, dêsse Homem entre todos delicado e discreto?...

Seu muito grato

Coimbra, 24 de abril de 1917.

MANUEL DA SILVA GAIO.

Uma carta

Meu caro Cardoso Marta:

Tambem desejava ir á romaria. Não pósso. Estou condenado por uma canelada e pelos medicos á invalidez dolorosa de cincoenta ou sessenta dias de imobílidade. Continuo e continuarei sepultado entre duas poltronas, nesta sua conhecida oficina, meditando tristemente duas verdades amargas. Uma, a primeira, que me sabe á esponja com fel e vinagre do grande Sacrificado — diz-me que as minhas pernas, tão altas, são afinal bem mais frageis do que a consciencia de muito bôa gente, capaz de resistir á propria clava de Hercules, se ela, ressuscitando, fôsse capaz de atingir consciencias. E a outra, a segunda, que me parece o ultimo dia dum condenado á fogueira — lembra-me os suplicios da velhice que se aproxima, piores do que o escrever-lhe dobrado em triptico, numa posição que faria dó aos incertos martires dos *chumbos* de Veneza.

E não podendo ir á romaria, não podendo acompanha-lo, venho pedir-lhe, meu amigo, o favor de me representar.

Autoriso-o a ajoelhar por mim. Se quizer erguer as mãos, não lho levarei a mal. Como lhe agradecerei até se rezar,

em meu nome, a minha devoção pelo Mestre da *Ilustre Casa de Ramires.*

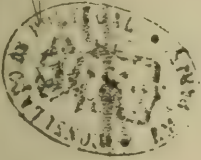
Todos os cultos são veneraveis, são merecedoras de respeito todas as devoções, desde que as avivente o veio de graça do sentimento. Ora o sentimento maximo dum homem do meu tempo, mesmo quando dobrado em três, deve ser o da admiração religiosa pelo dogma da Imaculada-Belêza. E eu, por mais que procure, não vejo escultor, pintor, musico ou poeta que melhor tenha surprendido, que melhor tenha materialisado o eterno enigma e a forma precisa dessa divindade. S. Frei Gil lembra o cinzel de Fidias, docemente afagado pelo sol do ocidente, depois da era de Cristo. Os arredores de Tormes são Silva Porto, a tela ressumando a alma e a frescura da paizagem da nossa terra. E a sinfonia admiravel de todas essas paginas, das paginas do *Cidade e as Serras,* obriga a pensar em certas passagens descritivas de Wagner, e em certas eclogas animadas de Virgilio. Repare Você na roupagem helenica, tão sobria, e no gesto cristão, fremente de ansiedade, do bruxo beatificado. Recorde a solenidade olimpica das serranias do Douro ao subir para Tormes — e a grandeza orquestral, e a ternura lirica da maior das nossas partituras e dum dos maiores dos nossos poemas. E diga-me, na verdade, se é possivel ficar de pé, sem o calafrio do extase, ao aproximarmo-nos de Eça de Queiroz — do Mago excelente que da pena e da tinta, do papel e dos nêrvos extraiu a luz e o som, a dôr e o riso, toda a Arte subtil e toda a Belêza imortal que Você celebra com a sua romagem.

Eça amou a Belêza sobre todas as coisas e a Arte mais do que a si mesmo.

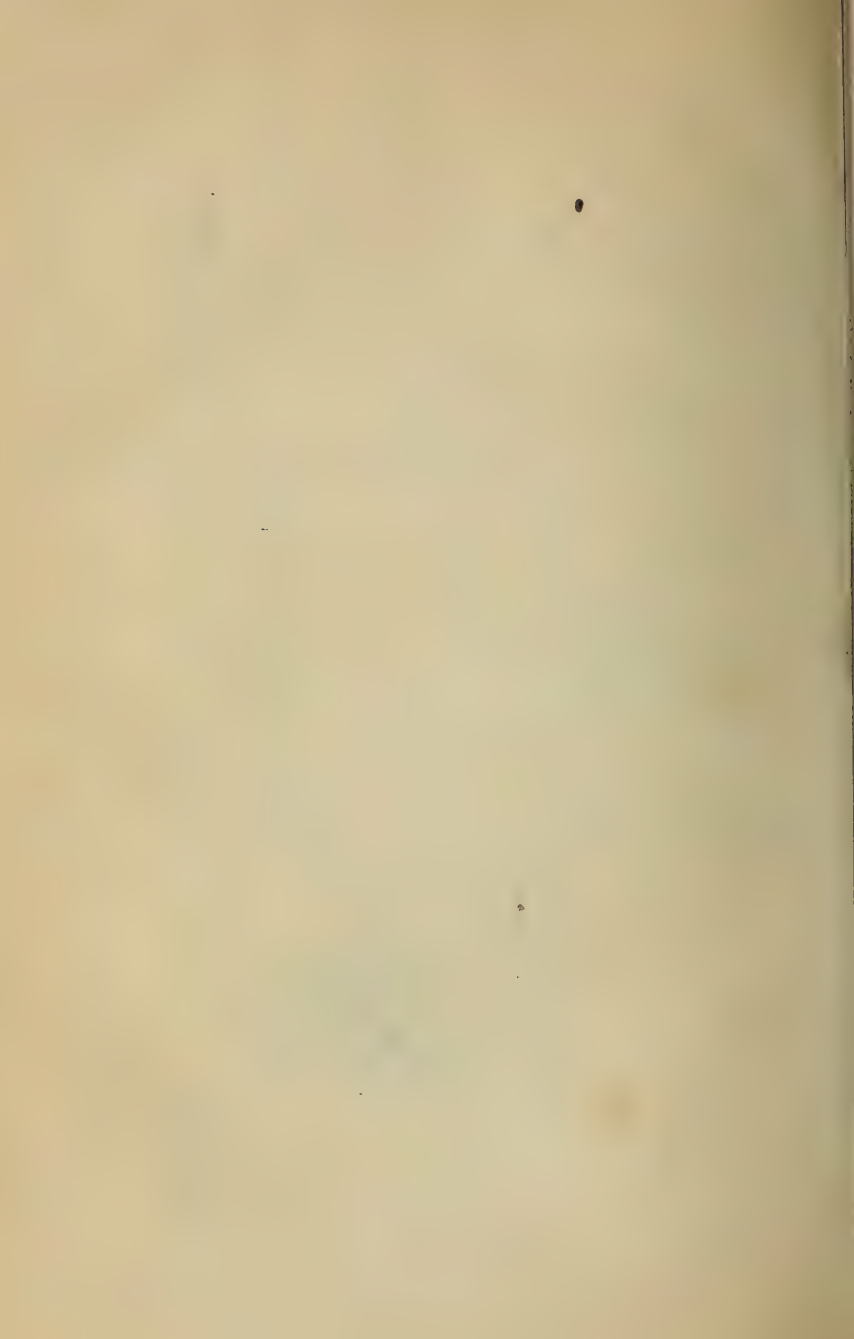
Acuzam-no de pouca imaginação criadora — de se inspirar na *M.me de Bovary* para escrever o *Primo Bazilio,* na

80 OITENTA REIS

José Maria d'Eça de Queiroz
Consul de Portugal em Paris

Certifico que o objecto de mobilia contido na caixa com marca M O - Nº 21 e que fazia parte d'uma expedição de moveis dirigida à Ex.ma Snr.a D. Virginia Brito de Gouveia Osorio, era, como todo o resto da mobilia, de seu uso e pertencia a sua casa durante a sua residencia em Paris. Em fé do que lhe passo o presente certificado.

Consulado de Portugal em

O FUNCIONÁRIO PÚBLICO

CERTIDÃO PASSADA POR EÇA DE QUEIROZ COMO CONSUL DE PORTUGAL EM PARIS

Education Sentimentale para escrever os *Maias,* e não sei se nas eças funerarias para escrever o seu nome — esse nome que lembra a morte e é uma fonte luminosa de vida.

Admitamos a legitimidade do reparo. Que escrevam ou recortem os que o acuzam, dentro ou fóra desses moldes francezes, livros tão acentuadamente portuguezes como aqueles dois livros, figuras tão tipicamente portuguezas como as figuras daqueles dois romances.

Tinha fraca imaginação criadora? Pelo contrario. A sua imaginação lembra o poder milagrôso do Cristo na multiplicação dos pães. De meia duzia de palavras de Chateaubriand no *Génie de le Christianisme — Conscience* e *Remords* - fez os centos de paginas encantadoras do *Mandarim.* Dum nada, duma idea colhida ao acaso, duma impressão apanhada no ar, tirou ideas, impressões, capitulos, volumes que hão-de dar de comer á fome intelectual das gerações.

Como Você sabe, ha quem o acuze tambem de não ter feito romance psicologico.

Porque? Porque não se debruçou sobre as almas, descrevendo, em minuciosos desdobramentos, no limpido e sonoro murmurio da sua prosa, os seus estados afectivos, ternos ou dolorosos. Mas será este processo literario o que corresponde ás exigencias do romance psicologico? A mim quer-me parecer que esse será antes romance descritivo. Olha-se a alma, e fica-se a desfiar-lhe a bondade ou a maldade, e passa-se a descrever, em lentos, em torturados periodos, a dôr que a alanceia ou a alegria que a desvaira, a duvida que a ensombra ou a certeza que a esclarece. O romance deve ser, acima de tudo, literatura de acção. E os estados psicologicos em acção, no romance como na vida — pois-que o romance não póde deixar de ser a cristalisação quente e animada da vida — exprimem-se,

não se descrevem, são duma eloquencia suprema nos movimentos que os efectivam, sendo duma insuficiente frouxidão sempre que pretendamos encaixilha-los em palavras.

Um gesto, um grito, uma sacudidela brusca, um desfalecimento inesperado, dão com muito maior vigôr a colera e o perdão, o sobressalto e o desalento do que paginas macissas e bélas de perfurações pesquizadoras, de analises pacientes — estorvo á marcha dos episodios mestres do romance, que não devendo ter a nudez rigida do galho sêco, não devem exceder na exuberancia de forma o ramo que agasalha sem esconder os frutos.

Eça de Queiroz, dando-nos, como nos deu, a vida em acção — na sua dinamica, que representa o ritmo e a expressão da sua animica — deu-nos, evidentemente, romance psicologico. Almas verdadeiras em atitudes vívidas. Estados intimos em gestos exteriores. Era o seu processo, como era o de Balzac — por ninguem até hoje apeado da sua catedra gloriosa de psicologo.

Um bandido não se revela por palavras — revela-se por actos. Um santo, para mostrar a austeridade ou a brandura do seu intimo não precisa agitar o verbo de Lacordaire — basta que semeie o seu caminho de flôres de santidade.

Não lhe parece, meu caro amigo?

Em Portugal, paiz onde em regra se não faz nada, ha o sestro inveterado de malsinar, sistematicamente, os raros que fazem alguma coisa — e em especial os rarissimos que muito fazem. Porisso, se o que se faz é bom, ou se duvida da sua autoria, ou devia ser melhor. E se o que se faz é otimo, com certeza é de outrem, ou seria ainda melhor... se fôsse dêles.

Pois se até o acusaram, ao nobre romancista, de haver decalcado o *Crime do Padre Amaro* sobre *La Faute de l'Abbé Moret*... só porque ambos os titulos teem um *crime*

e um *padre*, embora o livro do Eça tenha sido publicado dois anos antes do de Zola!

A sombra dos vivos, desde que a sua estatura exceda a marca do costume, incomoda como uma humilhação. Pelo que, para se ser de facto grande, com consentimento geral, é preciso não fazer sombra. A gloria, entre nós ao menos, é sempre justiça postuma.

Vou terminar, que são horas, com uma observação que me não parece descabida acerca do Mestre do romance contemporaneo — pondo de parte os seus acusadores, que não passam de efemero cisco humano, emquanto êle é perpetua luz criadôra.

Ha tempos, escrevendo duas paginas a respeito de Camilo, anotei o grau de parentesco do seu temperamento de escritôr com o caracter da paisagem da sua região — a paisagem trasmontana, nos têsos da serra do Mezio.

Paisagem brusca, sacudida, ousada, abundante de altos e baixos, de cêrros ponteagudos e de leiras bucolicas — com o Córgo, enroscado na falda das vertentes, gemendo e rugindo por entre fragas e hortas — produziu aquele temperamento formidavel de contraste, arrogante e dôce, tragico e lirico, tendo por fundo a emoção com todos os seus impulsos desordenados, com todas as suas delicadezas enternecidas.

Você conhece a paisagem das cercanias da Povoa-de-Varzim — a terra de Eça. E' suave. E' idilica. E' repousada e fresca. Lembra uma iluminura de mestre estilisada em livro de horas manuelino. Quasi toda ela em planura, quando aqui ou alem o solo ondeia, semelha alguem que se espreguiça — nunca os que levantam o dôrso em arremeços de odio. E' cortada de riachos, de veias azues e heraldicas, em que se reveem casais e tufos de arvorêdo, em que ha murmurações, segrêdos e préces. E nos campos

ajardinados, o camponez minhôto moureja, semeia e colhe, rindo e cantando.

Como nota de colera, em frente desta serenidade biblica, apenas o mar — que tão depressa é Otélo em furia, como se se roja, Romeu amorôso, em beijos e afagos.

Repare em tudo isto, nesta brandura macia, nesta suavidade fecunda, nesta colera passageira, tão vincada no caracter hesitante do Sebastião, nas indecisões do Carlos da Maia, nos arrancos frustes do Gonçalinho Ramires, e observe se não ha, de facto, entre a literatura do Eça e a paisagem da sua terra um vivo traço de parentesco.

Mas... perdão, meu Amigo. Disse-lhe que não ia á romaria — e sem querer, sem dar porisso, puz-me a arrastar a canela heresipelada atraz de si, no desejo de acender tambem a minha véla ao orago. Não cheguei lá. Era de esperar. Nem a fé me deu pernas — ela que dá a tanta gente olhos de vêr e almas satisfeitas. Você representar-me-ha, porem, como lhe pedi. O Mestre ganhará com isso e eu não me esfalfarei em vão. E assim, abraça-o deste pelourinho estofado o seu velho amigo e

ad.dor m.to grato

Lisboa — Fevereiro — 1916.

Sousa Costa.

Eça de Queiroz

As I do not pretend to be a litterary critic, what little I have to say about Eça will be concerned with the moral aspect of his work & its appreciation in England: I shall leave to others the task of setting forth his merits as an imaginative artist and a prose writer.

The influence of France over Portugal has I think for the last two hundred years been anti-national and anti-moral, whether in the sphere of politics or in that of letters. For six centuries Portugal led an enviable existence, due in part to its geographical position: its domestic crises were few & brief, & there was nothing in its history like the Wars of the Roses in England, or the Hundred Years War in France, or the Thirty Years War in Germany. Portuguese Kings, with few exceptions, cared for the common weal, and enjoyed the respect and esteem of their subjects; hence they nearly all died peacefully in their beds, which did not always happen to the rulers of other lands. But the introduction of «French ideas» in the 18th. century changed all this and since 1817, thanks largely to French Freemasonry,

Portugal has lived in almost continual unrest, and has of late been on the verge of anarchy.

At the same period the language became infected with gallicisms, and though Garrett and Herculano strove to regenerate literature by going back to the old traditions for their subjects, French influence reasserted itself when Realism, or rather Naturalism, took hold of men of letters. Eça de Queiroz displaced Camillo Castello Branco & the school he founded was carried to extremes by Abel Botelho.

France has always been the great vulgariser of ideas, but often exports its worst in philosophy, art and morals, keeping its best at home hidden from the foreigner, who copies what he sees in Paris. But Paris does not reflect the life of France, any more than Lisbon reflects that of Portugal. There is, even in Paris, & still more in the provinces, a nobler, saner France that thinks, works and prays, and of late years it has found increasing expression in letters, while some incidents of the present war have revived the memories of the «Gesta Dei per Francos».

The generation to which Eça de Queiroz belonged only knew one side of French life and that a superficial one. Nominally Catholic or openly freethinking, it prided itself on its Liberalism in politics & was not strict in morals; nor can this be wondered at, seeing that it had received no solid religious instruction. It was not even distinctively Portuguese, because the founders of the Constitutional regime had broken with tradition and endeavoured to create a new Portugal on French lines, & their descendants were satisfied with their work. The Portuguese of olden times would not have recognised their great grandsons. The former, with all their faults, possessed great qualities, or they could never have built up and sustained the overseas empire. They were moreover strong nationalists, otherwise a small

country like Portugal could never have preserved its independence. They showed this as late as the 17th. century, when all classes resisted the efforts of Peter II & his Jesuit advisers to reform the Inquisition. Public opinion, both in Paris & Rome, rightly condemned this intolerant attitude, but the Portuguese were not moved thereby; they insisted on being masters in their own house & in showing themselves more papal than the Pope.

Compare this mentality with that of the 19th. century which consisted in copying foreign ideas and ways, without reference to their value & suitability.

In youth Eça was intellectually a Frenchman & his earlier publications are more French in sentiment than Portuguese. England, where he spent so many years, had no influence on him, which is to be regretted, because a dose of Anglo-Saxon serenity and sobriety of diction would have steadied his pen & led him to be more sparing of adjectives and elaborate description. His prose, while preserving its conspicuous merits, might have become simpler and more natural, qualities it often lacks.

What is really curious is that when he went to live in Paris he was reborn a Portuguese. The France he had idolised, when seen at close quarters, produced a natural disillusionment, & in Paris the novelist wrote *A Cidade e as Serras* & other books full of the poetry, purity and fragrance of his native country side.

The ideal of all of us is I suppose that of the ancients: «mens sana in corpore sano». Judged by this standard, for it is not necessary to invoke Christian morality, *Padre Amaro* and the *Reliquia* are unwholesome books, & the talent they display does not suffice to redeem them.

Works that have to be considered as «for men only» stand self-condemned, for there are not two standards of morality,

one for each sex. After all we are strangely illogical ; the law in most countries forbids the sale of certain poisons without a doctors certificate, yet it allows a wide margin to publishers of noxious books and prints, though the mind is superior to and more deserving of protection than the body. Probably the nature of these books of Eça prevented their translation in England, because at the time they were written a higher standard prevailed there than exists at present. The fact that Eça's last masterpieces have no English translation is more difficult to account for. I only know of a short study on *Fradique Mendes* with a version of the letter on Pacheco, but some of the romantic short stories have been translated & one of these, *Suave Milagre,* has had a remarkable success. It first appeared in 1904 and has gone through five aditions in England & one (pirated !) in America. The fifth English edition is a trumph of artistic production, having been printed at the Oxford University press on linen paper, with red capitals. The dramatised version of Alberto d'Oliveira was translated by the nuns of Notre Dâme & issued in 1910, with music, for performance as a mystery play, & it has an eulogistic preface by the well-known Orientalist Dr. Casartelli, bishop of Salford.

Another story, *O Defunto,* published in 1906 under the title of *Our Lady of the Pillar,* had an excellent reception from the press. As in England authors & reviewers are usually strangers to one another, the criticisms of a book may be taken as a sincere expression of opinion. I will therefore quote from some reviews to show the impression the story caused, & may add that the poet Douglas Ainslie turned it into verse & printed it under the title *A friend in need* in his book of poems *Mirage* in 1911.

The critic of the *St James Gazette* considered it one of the

best short stories he had ever read and added: «It is a little masterpiece of mysticism and matter-of-fact religious enthusiasm and passion in harmonious combination. Gruesome moments it has in plenty, but they are conveyed with fine unforced art». The *Academy* wrote of it as «a work one cannot forget; a weird and enthralling story, with passionate love, hideous jealousy and lofty honour in every line; and over all the blaze of the Spanish sun and the glowing depths of the Spanish night». Another journal said that only one English author could have written it and that was Dante Gabriel Rossetti.

A master of realism, with a pronounced vein of subtle irony, Eça de Queiroz was also a great romanticist. *As singularidades de uma rapariga loura* and the *Defunto* are examples of his best in the two departments. I am not sure that he will not live longer by his short stories than by his more voluminous works, though *Primo Basilio,* as a faithful picture of a phase of Lisbon life in the last quarter of the 19th. century, has almost the value of an historical document.

Lisbon, 24th. August 1918.

EDGAR PRESTAGE.

Dois improvisos de Eça de Queiroz

De que em Eça de Queiroz houvesse o dom da poesia, no sentido artístico do vocábulo, só poderão duvidar os insensíveis, rebeldes ao encanto da sua prosa, que em certos trechos de *A Reliquia,* e sobretudo nesse extraordinário cântico do nascimento de S. Frei Gil, deixa de ser primor escrito, para se tornar, pelo perfume, pelo sabor e pelo aveludado, a flor pulquérrima duma cantante roseira de luz e de mel.

São um «suave milagre» do estilo estas páginas derradeiras. Nunca me dou ao dever de as reler, sem recordar, levado da simpatia do joalheiro pelos feitos da santidade, um milagre viçoso do agiológio, dantes conseguido anualmente, numa ermida montesina, por S. Luís de Tolosa.

Seja o Padre Manoel Conciencia a reportá-lo na sua *Academia universal,* que não a minha pena descrente de moderno! «De tempo immemoriavel a esta parte em todos

os dias da sua mesma festa, quando se canta a Missa principal, e na presença da muyta gente que alli concorre, começam a florecer as pedras das paredes, os seccos madeyros do tecto, os ladrilhos do chaõ, e atè a fechadura, e ferrolho da mesma Ermida, coalhando-se tudo de humas floreszinhas brancas, as quaes por serem milagrosas como Reliquias de muyta devoçaõ, e estima, levam os que as podem colher».

Igualmente, das carunchosas traves e dos emperrados ferrolhos da língua, escravizada ao lugar-comum, fêz o nosso elegante S. José Maria, renovando-lhe os modêlos, brotar uma fecunda primavera. Que lhe atire a segunda pedra — a primeira trazia gravado o grande nome de Fialho — aquele dos escritores de Portugal ou do Brasil que não tenha ido buscar á obra dêle alguma maneira de ver ou de dizer as coisas!

Poeta tambem na acepção formal, são do autor da xácara de Santa Ireneia, de *A Ilustre Casa de Ramires,* algumas produções metrificadas, como a *Serenata de Satan ás estrellas,* rica de imagens novas:

Mas vós, estrellas, sois o musgo velho
Das paredes do Céo deshabitado.

Julgo ser de Eça de Queiroz a versão da *Ballada do Rei de Thule* que figura no *Mysterio da Estrada de Cintra:*

Houve outr'ora um rei de Thule
A quem, em doce legado,
Deixou a amante ao morrer
Um copo d'ouro lavrado.

Lendo-as em separado, ninguem atribuiria ao novelista

de *Os Maias* a paternidade das seguintes quadras, tirantes a populares:

Queria ter uma camisa
D'um tecido bem fiado,
Feito de todos os ais
Que o teu peito já tem dado.

Quem depenna um rouxinol
E rasga uma triste flor,
Mostra que dentro do peito
Só tem farrapos d'amor.

Quando estudante em Coímbra, o futuro ironista de *O Mandarim* gostava de poetar improvisadamente sôbre os mais disparatados assuntos. Ao iniciar em Lisboa a sua carreira literária, não perdeu o costume, com o qual talvez pretendesse apenas exercitar, em funambulescas acrobacias, a sua opulenta fantasia verbal.

Jaime Batalha Reis, que na Introdução das *Prosas barbaras* alude á mania versificante do seu dilecto camarada, declarou-me possuir, entre os seus numerosos papeis, alguma versalhada da autoria de *Fradique Mendes:* pseudónimo não exclusivo de Eça de Queiroz, mas que êle usou para a sua estreia na *Revolução de Setembro.* Felicidade sería que, no farto arquivo da Quinta da Viscondessa, existisse cópia de *A Tentação de S. Jerónimo,* poemeto inédito, que, a outro contemporâneo do harmonioso agiógrafo do *S. Christovam,* mereceu a classificação de «tragedia cor de sangue-de-boi». (1)

---

(1) Adriano Pimentel. *Os versos de Eça de Queiros.* Revista Portugueza, n.º 3. Porto, 1895.

Por os considerar interessantes, quero dar notícia de dois improvisos de Eça de Queiroz; preciosos documentos, cujo conhecimento devo á muita amabilidade da família Mayer, por intermédio do meu bondoso amigo Dr. Ruy Ennes Ulrich.

Ambas as composições são de Paris, e dirigidas a Carlos Mayer, como é sabido, o mais calvo e espirituoso dos «vencidos da vida».

Consta a primeira, escrita em papel timbrado com os dizeres: *Grand Hôtel. Boulevard des Capucines, 12. Paris,* de quatro oitavas em português, encimadas pela data de *3 Avril 1896* e pelo vocativo — *Mayer!*

Eça fôra procurar o amigo. Não o tendo encontrado, increpava-o pela ausência, nesta bem humorada maneira:

Sahiste? Porquê? Decerto,
P'rá papança no Paillard,
Ou luxos no Boulevard,
Ou ganancia em Moçambique!... (1)
Só para contentar a carne,
P'ra crescer nos bens do mundo,
P'ra sulcar o mar profundo
Onde a alma vae a pique!

Nas outras tres estrofes, refere-se Eça a Mounet-Sully, a Jules Claretie, aos seus propósitos de regenerar o amigo e ao seu desgôsto por o reconhecer incorrigível, termi-

(1) A Companhia de Moçambique, a cuja direcção Carlos Mayer pertencia.

nando por se despedir dêle com esta profissão de fé bibliofilística:

. . . .
Que em quanto o Dêmo te assa
N'esse barathro onde caes
Eu cá vou direito ao Caes
Ao nobre e puro alfarrabio!

Escrita em francês, a segunda composição não tem data. Está assinada, irònicamente, por Jozé-Maria *(De l'Académie Portugaise)*, e intitula-se *Simples Questions,* sendo endereçada *A Mr. Le Dr. Charles Mayer.*

Eis os primeiros versos:

Voilà bien trois longs jours que je crie, sur mon aire,
Regardant vers la Ville: — «Oú, donc, est ce Mayer?»

Depuis le doux soir à la Maison Dorée,
Quand, nourrie de morue et parfumée de pêche,
Ta verve s'envola dans des ors de fusée,
Racontant la Patrie, sa grandeur et sa dèche,

Depuis ce doux soir, aux douceurs par trop brèves,
Qu'as tu fait, oh! mon Charles, en ce vaste Paris
Où, parmi les Brissons, les complots et les grèves,
Tourbillonent les Jeux, les Graces et les Ris?

Couvert de ton Rapport comme d'une bannière,
Et tenant ton crayon comme on tient une pique,
Harangues-tu toujours, de façon très altière,
Ces messieurs assemblés pour sauver Mozambique?

Seguem-se cinco quadras com alusões a financeiros e

suas manobras, e vem logo esta, cujo último verso é engraçado:

Peut-être, chez Paillard, et de blanc cravaté,
Oubliant la Beirá et la baie de Thongá, (1)
Tu verses, oncle joyeux, de l'esprit et du thé
Au Comte de Olivaes e de Penha-Longá!...

Nas três quadras restantes, deplora Eça o não saber que é feito do amigo querido, nem mesmo se ainda vive, ou se algum deus, seduzido pela calva famosa:

. . . .
Descendit doucement, déguisé sous des voiles,
Et t'enleva, Mayer, pour mêler dans la nuit,
La blancheur de ton crâne aux clartés des étoiles!

Para um tão lento e escrupuloso estilista, é muito curiosa a expontaneidade dêsses dois improvisos, um dêles em língua estranha, e ambos repassados da penetrante ironia que foi o aspecto primordial da bondade de Eça.

Não conheci, por meu mal, o prosador notável. Estou certo, porêm, que êle, sem querer, pensava em si ao tracejar *Um genio que era um santo* para o *In Memoriam* de Antero de Quental. Pela confissão unânime dos seus mais íntimos, Eça tambem possuiu «uma alma, onde, na meiga e intraduzivel expressão de França — *il faisait très-bon*».

MANOEL DE SOUSA PINTO.

(1) Outras companhias como a de Moçambique.

Unum et Idem

A mais viva impressão que me deixa o Eça, sempre que o releio, já por duas vezes a expressei em público: num artigo datado de 1913 — «Hoje, encarando o passado com larga serenidade, não se póde negar que a literatura portuguesa deva a Eça de Queiroz a pintura, a côr do epíteto, a noção da luz e da verdade fotográfica na escolha do adjectivo»; e em 1915, num livro — «...Eça de Queiroz, para quem o estilo era, apaixonadamente, a côr, o som, a escultura e, por vezes, o sonho doirado que diviniza o vago pensamento.»

Para que repetir agora esta opinião persistente?

Por dois motivos obrigantes, quase imperativos: para corresponder a um convite de pessoa que eu estimo; e para que nesta comemoração solene não falte um antigo leitor de Eça a depôr a sua contribuição, ainda que desvaliosa, sincera.

Março, 1918.

ALBERTO PIMENTEL.

Eça de Queiroz

(PROBLEMA BIOGRAPHICO)

Quando nasceu Eça de Queiroz? Onde nasceu?

Não é indifferente o apuramento do anno e localidade, porque a sua realidade leva a conhecer a situação que actuou na organisação psychica d'aquelle espirito sensivel, impressionista, que se constituiu com um caracter ironico. A Povoa de Varzim, ao prestar a Eça de Queiroz em 11 de Novembro de 1906 a homenagem d'uma lápide na casa em que nasceu o grande romancista, acordou o ciume de Villa do Conde, em cuja matriz fôra baptizado em 1 de Dezembro de 1845. Reclama-se ahi a gloria de ser Villa do Conde o berço do genial escriptor, filho de *mãe incognita*, por declaração de seu pae o Dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz. A commissão da Povoa de Varzim tratou de apurar e authenticar os seus fundamentos. Fez-se a prova completa: em carta de 1 de Setembro de 1901 o Dr. Queiroz, então juiz do Supremo Tribunal de Justiça,

fornecia ao sr. Eliziario Luiz Monteiro esta informação cathegorica: «meu filho nasceu n'uma casa, onde em 1845 morava o meu fallecido parente Francisco Augusto Pereira Soromenho, empregado que então era da fiscalisação do pescado. Ignoro a rua». Na tradição corrente, de longe se sabia que alli, na rua da Praça, nascera Eça de Queiroz.

Em data de 6 de Novembro de 1906 a mãe de Eça de Queiroz, D. Carolina Augusta Eça de Queiroz, escrevia ao mesmo cavalheiro: «Venho assegurar que meu filho José Maria Eça de Queiroz nasceu na Povoa de Varzim». Depois d'estas duas provas irrefragaveis, ainda accresceram as declarações das matriculas do primeiro ao quinto anno juridico da Universidade de Coimbra, de 1861 a 1866, sempre com a indicação «natural da Povoa de Varzim».

*

Nas informações que o Dr. Queiroz prestou ácerca do nascimento de seu filho, evitou determinar a data: «meu filho nasceu *em uma casa, onde* em 1845 morava o meu fallecido parente Francisco Augusto Pereira Soromenho...» Na carta de sua mãe D. Carolina Augusta Pereira d'Eça, tambem se allude á data ignorada. Tornava-se necessario saber a data do seu nascimento, para a lápide commemorativa na casa da Povoa de Varzim. Adoptaram a data de 1845-1900, evitando a fixação de 25 de Novembro, do termo de baptisado de 1 de Dezembro, na egreja de Villa do Conde. Era impossivel que uma criança nascida em 25 de Novembro de 1845, fosse levada seis dias depois á pia baptismal, no maior rigor do inverno, e na distancia que vae da Povoa de Varzim a Villa do Conde.

Na carta do Dr. Queiroz, de 18 de Novembro de 1845 a D. Carolina d'Eça, escreve: «meu pae novamente recom-

menda a creação de meu filho e se me offerece para mandal-o crear no Porto, em companhia de minha familia...» — «que no assento de baptismo se designe ser meu filho, *sem todavia se enunciar o nome da mãe*». Tratava-se pois em 18 de Novembro de 1845 da creação da criança no Porto, em casa da familia do Dr. Queiroz, pois que ella fôra entregue á creação de uma pobre mulher do povo.

Este drama amoroso, esboçado no termo de «mãe incognita» e na data equivoca do nascimento, fixaram os criticos, adoptando-se irreflectidamente a data de 25 de Novembro de 1845! O Prior de Villa do Conde José A. Ferreira, em carta de 6 de Novembro de 1906, escreveu-nos: — «Eça de Queiroz nasceu em 25/11/1845, e foi baptisado em 1.º/12/1845, e não em 1843, como erradamente informaram V. Ex.ª» Esta affirmação tem sido repetida por quaesquer biographos de Eça. O absurdo põe-se em evidencia pela exposição dos annos em que Eça de Queiroz fez os exames preparatorios para a matricula na Universidade. O Dr. Mendes dos Remedios enviou as datas d'esses exames a Rocha Peixoto, por occasião da polemica da naturalidade de Queiroz. Essas datas dos exames, na hypothese de Queiroz nascido em 1845, dão-nos o seguinte absurdo:

1858 — Exame de Instrucção primaria.
» — » de Francez.
» — » de Latinidade.
» — » de Philosophia.

(Com treze annos de idade (!) em 1845; mas com 15, por ter nascido em 1843).

1859 — Exame de Oratoria, com 14 annos; mas com 16, tendo nascido em 1843.

1860 — Exame de Rhetorica (tendo 17 annos, (n. 1843); exame de Physica.

1861 — Exame de Mathematica, com 18 annos (n. 1843).

No primeiro de Outubro de 1861 matriculou-se no 1.º anno de Direito com 18 annos de idade (e não com 16, só permittido por portaria especial).

Na biographia de Eça de Queiroz que publicámos em 1878 na *Renascença*, pg. 93, começavamos:

«José Maria Eça de Queiroz nasceu em 25 de Novembro de 1843, na terrivel epoca de represalias politicas entre Septembristas e Cartistas. Seu pae andava então refugiado por Vianna do Castello». Não esclarecemos mais o caso, que nos foi communicado, d'esse amor do Delegado de Ponte do Lima, Dr. Queiroz, com uma menina D. Carolina, filha do Major Eça, residente em Vianna do Castello, e da criança nascida em casa d'esse seu amigo, na Povoa de Varzim. A perseguição dos Cabralistas começou de 1842 a 1844, triumphante em Torres Vedras e Almeida. Em fins de 1842 a Março de 1843 andou o Dr. Queiroz fugido de Ponte do Lima, tendo-se refugiado nos moinhos da Quinta de Cabanas, na estrada de Afife, pertencentes a D. Maria Emilia do Rego Barreto, filha do general Luiz do Rego, e casada com o juiz Dr. Thomaz de Aquino Martins da Cruz. O facto do Dr. Queiroz estar já em 1845 em Ponte do Lima, e baptisar o filho em Villa do Conde, é o resultado da pacificação feita n'esse anno pelo Ministerio do Duque de Palmella.

THEOPHILO BRAGA.

Um episódio

No meio de tão notavel companhia, como a que é constituida pelo grupo de altas individualidades litterarias que collabora n'esta homenagem a Eça de Queiroz, que vem fazer a humildade do meu nome? Simples amador de alfarrabios, não passo de modesto operario das lettras. Unicamente tenho, para o caso, a triste vantagem de ser velho, e, como tal, concorre em mim a circumstancia de ter conhecido e lidado com muita gente, alguma d'ella illustre, como, por exemplo, o escriptor egregio a quem o presente livro é consagrado.

Pois é certo; conheci e lidei com Eça de Queiroz, esse elevado espirito, quando da efabulação do *Almanach Encyclopedico,* editado pelo meu inolvidavel amigo e exemplo a editores portuguezes Antonio Maria Pereira. Fui um dos seus collaboradores n'aquella publicação, o que me approximou do grande escriptor, d'aquelle cujo talento eu admiro como um dos maiores da sua geração. Pois com elle trabalhei, e tive n'essa epocha bem occasião de apreciar como era altissimo o seu valor. Mas, como bom portuguez que

era, tinha Eça de Queiroz o portuguezissimo defeito de não condizerem os seus actos com as suas palavras; defeito que elle proprio notára nos nossos queridos patricios, como o leitor poderá claramente ver nos ultimos paragraphos do seu inimitavel romance *Os Maias*.

Carlos da Maia e o seu amigo Ega descem a rampa de Santos em direcção ao Aterro. Vão de conversa, e em meio das suas considerações diz o Carlos:

— Não vale a pena fazer um esforço, correr com ancia para coisa alguma.

Proposição que o Ega confirma, accrescentando:

— Nem para o amor, nem para a gloria, nem para o dinheiro, nem para o poder.

De subito, vêem ao longe a lanterna vermelha do americano e ambos correm açodados para o apanhar.

Elles, que tinham acabado de dizer que não valia a pena correr com ancia para coisa alguma...

Ora um dia, acompanhava eu Eça de Queiroz atravez do Rocio, n'uma calma tarde de verão, quando o meu illustre companheiro me observou:

— Não comprehendo que se procure viver fóra de Lisboa para fugir ao calor. Onde é que se encontra uma arvore que dê sombra equivalente á que dá um dos prédios da Baixa?

Ora quer o leitor saber para onde se dirigia Eça de Queiroz?

Para a estação da Avenida, afim de tomar o comboio que o devia conduzir a Cintra, onde, para veranear e gozar a sombra das arvores, alugara uma vivenda no sitio encantador dos Castanhaes...

24 — 3 — 917.

HENRIQUE MARQUES.

Duas anecdotas

Corria o anno de 1883 e frequentavamos o Curso Superior de Lettras, installado no antigo convento de Jesus, na rua do Arco. Um dia, encontravamo-nos á porta d'aquelle edificio, em amena cavaqueira com diversos condiscipulos, o nosso professor Theophilo Braga, Eça de Queiroz e Christovão Ayres, quando passou o alferes Pitta de Castro, infeliz rapaz que enlouquecera por se entregar a um exagerado estudo das mathematicas. Christovão Ayres contou então; que haviam reformado este official, porque, sendo incumbido do rancho do regimento, comprára grande quantidade de certos comestiveis em logar dos habituaes, e que demonstrara depois, mediante formulas chimicas, que os primeiros tinham qualidades nutritivas muito superiores ás dos segundos.

— Bem sei, atalhou Eça de Queiroz. Como teve uma idéa... deram-lhe baixa!

*

*   *

Os *vencidos da vida* — que tanto barúlho produziram na Lisboa do ultimo quartel do seculo passado — costumavam

realisar uns banquetes periodicos no Hotel de Bragança, hoje extincto. Certa noite, depois de um d'esses opimos agápes, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Carlos Lobo de Avila e o Dr. Mayer atravessaram o largo das Duas Egrejas, e, ladeando o Loreto, entraram na rua de S. Roque. Ao passarem junto do adro d'este templo, Eça de Queiroz reparou n'um sachristão, que sollicitamente deitava azeite nos gonzos da porta de ferro, que véda o accesso á escadaria. De monoculo assestado na arcada superciliar, Eça de Queiroz approximou-se d'elle e perguntou-lhe:

— Isto é que são os Santos Oleos?...

Ao ouvir semelhante phrase herética, o sachristão vituperou o insigne romancista, que, juntando-se aos companheiros, continuou alegremente o seu caminho.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).

A CIDADE

DUAS PÁGINAS DO MANUSCRI

Eça de Queirós e a ortografia portuguesa

Se o alvo capital de um escritor é ter leitores, Eça de Queirós atingiu brilhantemente êsse alvo, pois que as suas obras são largamente apreciadas em Portugal, e tanto, ou mais, o são no Brasil. Pelo menos, numa estatística, que há tempos me chegou ás mãos, do movimento comercial das livrarias do Rio-de-Janeiro, vê-se que, em dada época, num ano talvez, Eça de Queirós foi o escritor português cujas obras mais procura e consumo ali tiveram.

Assim, não me admira que as últimas edições daquelas obras, tipografadas segundo a ortografia oficial portuguesa, surpreendessem desagradavelmente alguns apreciadores brasileiros do romancista português, mais ou menos alheios a questões de fórma literária. Explicável era a estranheza, e mais ou menos defendivel; mas o que eu não supunha é que um conhecido diário fluminense, em seu n.º de 13 de Março último (1917), a viesse defender com razões e pretextos, que não são aceitáveis. Verdade é que, dois dias depois, no mesmo jornal, o Dr. Medeiros e Albuquerque contestava brilhantemente, como era de esperar, certas alegações

do outro articulista, que, não tendo assinado a sua prosa, representava talvez a Redacção da respectiva folha. Mas a contestação não abrangeu todas as alegações infundadas; e, como o assunto interessa a todos nós que lemos e escrevemos, não será ocioso pôr ainda em relêvo o que há de irracional e gratuito nas afirmações do referido diário.

A atestar a própria incompetência literária, o articulista abriu o seu libelo por estas palavras:

— «Si Cadmus, o principe phenicio..., apparecesse em Portugal...» —

O articulista viu *Cadmus* em francês, e imaginou que o nome do príncipe fenício se escrevia tambem assim em português.

Mas isso é o menos.

O mais grave, porque tem a responsabilidade de uma Redacção que devemos supor séria, é fazerem-se afirmações dêste jaez:

— «Sabe-se porém que a culpa, si culpa ha, não é totalmente dos editores, apezar da manifesta economia de typos, e sim tambem do governo, que prohibe implicitamente a impressão de trabalhos antigos ou modernos sem a orthographia official.» —

O Catecismo cristão diz que um dos pecados que bradam ao céu contra quem os comete é contradizer a verdade, conhecida por tal.

Temos aqui o caso. A verdade, que deve sêr do conhecimento de todos, é que o Govêrno português, fóra dos seus estabelecimentos, nunca proïbiu, nem poderia proïbir, a impressão de trabalhos antigos ou modernos sem a ortografia oficial; e é o próprio Govêrno que, nos seus próprios estabelecimentos, tem autorizado, e está autorizando, a reimpressão, e até a impressão de trabalhos antigos, segundo a primitiva ortografia dos mesmos trabalhos.

Aqui tenho eu á mão, por exemplo, publicados segundo a ortografia original dos respectivos autores, e por conta do Govêrno, as seguintes obras:

— *Crónica da Tomada de Ceuta,* por Gomes Eannes de Zurara. (Edição de 1916).

— *Anais de Arzila,* crónica inédita de Bernardo Rodrigues. (Edição de 1915).

— *Cartas* de Afonso de Albuquerque. (Edição de 1915).

— *Documentos das Chancelarias Reais,* anteriores a 1531. (Edição de 1915).

Etc.

Mas a prova mais característica da incompetência do articulista em assuntos ortográficos, de que prudentemente nunca deveria ocupar-se, está neste seu trecho, que textualmente reproduzo:

— «De um dos escriptores mais em voga no Portugal de agora — Julio Dantas — figurava ha dias num mostruario de livreiro a seguinte obra: «Figuras d'ontem e d'hoje». Acaso passou por nós um literato de nomeada e muito amante de cousas de philologia. Perguntámos-lhe então si era possivel nos dar uma explicação do facto de se supprimir o «h» de «hontem» e conserval-o na palavra «hoje». O illustrado brasileiro falou no «Hodie» e no «Heri» do latim, desenterrou quanto era raiz de linguas vivas e mortas e, ao cabo de tanto, permanecemos na ignorancia dos motivos do titulo das «Figuras d'ontem e d'hoje»... —

Pelo visto, o articulista nunca viu as razões da conservação nem da supressão do *h* em *hontem* ou *ontem,* e consultou um literato, amante de coisas de filologia; e, desgraçadamente, êsse *amante* sabe tanto de filologia como o articulista, pois que até relaciona o português *hontem* ou *ontem* com o latim *heri,* como se esta palavra latina, afora o significado, alguma relação ou parentesco tivesse com

aquela palavra portuguesa! Também o latim *ásinus* significa *burro,* e ninguem suporá, senão o articulista e o tal *amante,* que o vocábulo *burro* provenha do latim *ásinus.*

Exposto isto, á maneira de prefação sugestiva, vejamos a questão.

*

Como já referi, o Sr. Dr. Medeiros e Albuquerque respondeu brilhantemente ao desastrado articulista, que acusava o Govêrno de têr ortografia oficial, e acusava os editores de aplicarem essa ortografia ás obras de Eça de Queirós. Vale a pena reproduzir algumas palavras do laureado académico brasileiro:

—«Assim, si se exije dos alunos um exame oficial de portuguez e si a ortografia é um dos elementos desse exame, o governo deve ter uma ortografia oficial. E' o que sucede na França, na Alemanha e na Espanha. O artigo da *Noite* assevera que ha muitos leitôres de obras classicas, que se indignam com a alteração da ortografia dos grandes escritores. E cita Camilo Castelo Branco e Eça de Queiroz.

> «Si lá no assento etéreo onde subiu
> memoria desta vida se consente»,

Eça de Queiroz ha de divertir-se muito com essa revelação, porque ele nunca fez cazo da ortografia, e era o primeiro a confessá-lo, zombando. Era ele que dizia: «Eu sei que em *retórica* ha um *h,* mas nunca sei onde fica...» E tanto não sabia que, em vez de *rhetorica,* escrevia sempre *rethorica.* A ortografia, pela qual tanto fetichismo manifestam alguns inocentes maniacos, é, portanto, a dos anonimos revizores do grande escritor. Ninguem hoje lê mais as obras dos classicos de todas as linguas na ortografia do tempo

em que eles as compuzeram. Shakespeare, Camões, Corneille, Racine, Voltaire, Montaigne, todos continuam a ser perfeitamente apreciados, embora os seus livros sejam editados com uma ortografia radicalmente diferente da que os seus autores uzaram. Fica-se com pena dos que têm tão estreitas ideias sobre a beleza literaria...» —

Uma ligeira restrição farei ao muito que há de verdade no ponderado arrazoamento do Sr. Dr. Medeiros e Albuquerque. E' que inda hoje há, e haverá, quem leia as obras dos clássicos na ortografia do tempo em que êles as compuseram : são os estudiosos da evolução da lingua, são todos os que se dedicam a sérios estudos de filologia histórica e comparada. Sem a referência ás genuínas e primitivas fórmas dos clássicos franceses, o grande Littré não teria enriquecido o seu assombroso *Dicionário da Língua Francesa* com a abonação de milhares de antigos textos.

Mas, para cá dos tempos clássicos, ¿ haverá vantagem em se manter nas reedições a caótica ortografia dos modernos escritores portugueses?

Por mais arrojado que pareça, creio que não é difícil mostrar-se que, pelo menos na última metade do século XIX, e no primeiro decênio do presente século, a lingua portuguesa não teve ortografia.

Com ligeiras modificações, os escritores clássicos usavam a ortografia do seu tempo, geralmente simplificada. Com a influência francesa do século XVIII e com o advento das Arcádias e Academias, a simplificação começou a sofrer o etimologismo dos padres-mestres, e a grafia portuguesa entrou no período da maiór desordem. Debalde o sábio Verney procurava manter a ordem e o bom senso ; debalde o dicionarista Morais se queixava de que os maus usos lhe não permitiam grafar os vocábulos simplificadamente, segundo as conveniências e as tradições da língua ; debalde

o jurisconsulto e pedagogo Dr. Borges Carneiro procurava chamar o ensino público ás bôas práticas nacionais; debalde o famoso gramático Soares Barbosa reagia contra os novos costumes, escrevendo a sua Gramática *Filosófica*, (com *F*), em desrespeito do *ph* e mais grupos helênicos. A ortografia tornava-se um amálgama inextricável, que redundou em escrever cada um, segundo os seus hábitos ou os seus caprichos. A' parte Alexandre Herculano, que, embora etimologista, era coërente e seguro nas suas normas gráficas, e á parte poucos mais, os escritores portugueses não tinham ortografia, ou tinham ortografia privativa de cada um dêles.

Castilho umas vezes simplificava a escrita como entendia, e outras vezes a deixava ir á mercê dos seus secretários. Garrett quase inventou uma ortografia para seu uso, subscrevendo enormidades, como *entrehabrir, mattar, fummo*, etc. Camilo Castelo-Branco nunca se preocupou de ortografias, e, entre muitissimos erros, de que tenho nota, bastará citar êstes, que parecem de um estudantinho de primeiras letras: *illucidar, lyrio, sidreira, camapé, ophenbachiano, antypodas*, etc. Numa das cartas, com que me distinguiu o grande escritor, vê-se até o verbo *sear*, em vez de *cear!*

Se dos profetas maiores passarmos aos menores, vê-se a mesma desordem, a mesma incúria: — O estadista e romancista Andrade Corvo dificilmente escrevia uma página sem uma dúzia de erros de palmatória. Outro escritor, que conhecia exemplarmente a língua portuguesa e que contra a vernaculidade não perpetrava um deslize, sendo, além de tudo, um dos primeiros jornalistas do seu tempo, Teixeira de Vasconcelos, aconselhava-me paternalmente, como director do *Jornal da Noite*, em que eu também escrevia (1875), que não curasse de ortografia e deixasse isso aos tipógrafos e aos revedores!

Com tais exemplos, que partiam das sumidades literárias do século XIX em Portugal, se pode calcular o que faria a arraia-miúda dos literatos, dos escrevedores e dos curiosos das letras: um horror, uma anarquia em toda a linha!

Consequência: pugnarem, durante muitos anos, alguns amigos das letras e da língua pela normalização e unificação da ortografia portuguesa; e como os Govêrnos têm a seu cargo a direcção e a regulamentação da instrução pública, houve um Govêrno que, tomando em conta aquelas reclamações, incumbiu uma Comissão de professores e linguistas de propor o que, a tal respeito, julgasse oportuno, e aprovou a proposta da Comissão, para que ela se aplicasse desde logo às escolas e publicações oficiais.

Essa proposta constituiu a ortografia oficial de hoje, teve a sanção da Academia das Sciências de Lisbôa e o acôrdo da Academia Brasileira, e está sendo geralmente observada entre os homens de letras e na imprensa periòdica de Portugal.

¿ Andam bem ou andam mal os editores portugueses, aplicando a ortografia oficial às reedições das obras de Eça de Queirós e de outros escritores modernos, já falecidos?

Vejamos.

*

Como já observei, não há dúvida que aos filólogos e aos estudiosos da língua, — mas só a êles, — muito importa que as reedições dos livros clássicos e documentos antigos mantenham a ortografia autêntica do respectivo escritor; e só excepcionalmente uma obra clássica, embora publicada com ortografia moderna, se imporá á leitura do público em geral.

Quanto a obras modernas, a hipótese é diferente. Ao

passo que as clássicas representam geralmente a ortografia de uma época, e constituem portanto valiosos elementos de estudo linguístico, as obras modernas não podem, gràficamente, representar uma época que não tinha ortografia, e só representam a grafia individual dos seus autores, visto que, numa dezena de escritores do século findo, dificilmente se nos depararão dois, que ortografem igualmente. Para os estudos da língua, nada interessam pois as normas gráficas dêste ou daquele escritor moderno, que se não subordinou a um sistema geral.

Mas o autor falecido tinha o direito de ortografar como queria ou entendia, e o seu direito transmitiu-se certamente a quem o ficou representando, — a família, os editores ou o Estado. E, assim, uma de duas: ou a família mantêm o direito das reedições pelo prazo legal, e pode conservar, ou deixar de conservar, a grafia do autor, até porque ninguêm poderá afirmar que o autor, se hoje fôsse vivo, não alteraria os seus processos gráficos, pois é corrente que muitos escritores do nosso tempo, tendo sempre seguido os processos que lhe apraziam, seguem hoje e praticam a ortografia oficial; ou os editores adquiriram o direito das reedições, e êsse direito não pode sêr restringido pelas práticas que o autor seguia, e que bem pode sêr que hoje não seguisse.

De maneira que os editores, mais ou menos louvavelmente, poderão respeitar a desordem gráfica do falecido autor; mas, se êles procuram naturalmente a melhoria das edições, — e essa melhoria não importa só a êles, senão também á memória do autor, incontroverso parece que as obras reeditadas só terão que lucrar, aplicando-se-lhes um sistema uniforme, oficial e generalizado, que deve sobrelevar sempre á falta de sistema, á incoërência e á anarquia, que caracterizam a ortografia portuguesa do século XIX.

E depois, tratando-se de Eça de Queirós, cuja gravata, cujo chapéu e cuja sobrecasaca irrepreensível atestavam bom gôsto e esmêro no trajar, tudo nos deixa crêr que êle facilmente aceitaria correcções gráficas, se lhe mostrassem — o que nada custaria, — que a sua linguagem ficaria mais asseada e correcta. E, de facto, entre o asseio no trajar e o asseio no escrever, há talvez mais analogia do que se pensa.

Escoimadas de incorrecções gráficas e de costumeiras sem base séria, as obras de qualquér escritor só têm a lucrar com a ligeira mas fundada alteração de aspecto. O que é para lastimar é que as correcções dos revedores poupem, ás vezes, certos dislates, que o próprio autor corrigiria, se lhe chamassem a atenção para êles.

Assim é que, na última edição de *A Cidade e as Serras*, — um dos livros mais bem feitos de Eça de Queirós, — o revedor não teve a louvavel ideia de corrigir diversos disparates gráficos, tais como estes:

— *Massada,* (por *maçada),* pág. 49, 248, etc.;

— *Quichote,* (por *Quixote),* pág. 234 e 276;

— *Colecionar,* (por *coleccionar),* pág. 307;

— *Vaca tourina,* (por *turina),* pág. 242;

— *Supozessem,* (por *supusessem),* pág. 312;

— Deminutivos em *sinho,* (por *zinho),* a cada passo;

Etc.

São disparates, que muita gente perpetra, mas, por isso mesmo, mais dignos são da atenção de quem pode e deve corrígi-los.

Tais deficiências porém de revisão são pequenas jaças no esplendor daquela obra, incontestavelmente melhorada na sua ortografia, quase totalmente subordinada aos preceitos oficiais, sugeridos e mantidos por quem, para isso, tinha competência moral, profissional e técnica.

A adaptação das reedições de obras modernas á ortografia oficial portuguesa, salvante de quem não permita essa adaptação, representa, em geral, sensível melhoria para essas obras, e serviço incontestável á memória dos autores.

Assim os adaptadores saibam o que fazem, e corrijam o que importa corrigir.

Com vista aos editores.

Lisbôa, 1—V—917.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.

De entre os penates...

De entre os penates que contemplavam o visitante do escriptorio d'aquelle brilhante embaixador da Intellectualidade Portugueza na Suecia que foi Antonio Feijó, um lugar saliente pertencia a Eça de Queiroz. Emquanto que os outros — João de Deus, Guerra Junqueiro, Conde d'Arnoso, Alberto d'Oliveira, etc. — appareciam em simples fotografias, dispersas no aposento, Eça de Queiroz achava-se installado na meza de escrever do illustre diplomata-poeta sob a fórma d'uma estatueta em bronze, do esculptor Silva Gouveia. A figura, fragil e inclinada, era a verdadeira incarnação, talvez um pouco caricatural, d'um observador.

E eis precisamente o que me parece ser o traço caracteristico d'aquelle escriptor. Era com a curiosidade e a exactidão d'um sabio que elle estudava os casos que se propunha tratar. Isso, porem, não obstava a que a phantasia desempenhasse tambem um papel importantissimo nas suas obras. Era ella quem coordenava os dados recolhidos, de maneira a produzirem o effeito d'uma architectura sempre bem ponderada; era ella tambem quem ornava essa architectura com os brilhantes azulejos de uma lingua requintada e pittoresca.

Stockholmo, 11 de Março de 1919.

Göran Björkman.

Eça de Queiroz

O que me interessa nos livros de Eça de Queiroz é o proprio Eça. Estou tal qual como aquelle velho fidalgo lisboeta que dizia assim: — E' uma pena que o Eça esperdice tanto talento a contar-nos o que se passa em Leiria... — E' o Eça, por traz da S. Joaneira ou por traz do conselheiro Acacio, que me aflige, me surprehende ou me encanta. Como são tambem as excrescencias do Camillo que eu adoro em Camillo e os exageros do Fialho que eu adoro no Fialho. Nas interrupções, quando o auctor se esquece e declama ou barafusta, quando vem para o tablado discutir, é que eu aplaudo com delirio. Absorvo-me. Talvez a narrativa perca, o fio corta-se, augmenta a barafunda. Bem me importa a mim a barafunda! Lá estão os auctores, muito mais vivos que as figuras dos livros. Já dizia o outro, um romance, um poema ou uma algebra, são meras explicações do universo, e eu todo me alvoroço com o que o universo fez sofrer ou fez rir ao Eça, ao Fialho e ao Camillo, e só me interessa deveras a maneira como elles reagiram. O que se passa em Leiria, ou o que se passa n'um

andar da Baixa, é efectivamente uma insignificancia, não por se passar em Leiria, em Paris ou na solidão do Monte — mas por lhe faltar grandeza.

Por isso a primeira formula do Eça é peor que a segunda, e d'ella só se aproveita o debate com a ninharia, e a maneira como elle consegue, para lhe dar alma, revestil-a de ironia.

Na segunda phase da vida do Eça sente-se a influencia feminina. Alguem o levou pela mão até á ternura... Eça de Queiroz percebe que ha na vida coisas simples, que são as coisas eternas — a pobreza, a religiosidade de certas almas que conseguem imprimir grandeza a ideias e a sentimentos, que os criticos e os philosophos desdenham. Passa então a achar-lhes sabor e encanto, e fica um tipo interessante. Não sabe se ha-de rir ou chorar... O ironista pára um momento deante de nós, atonito, e o Snob sae da vida como aquelle Ega celebre sae do baile do Gouvarinho, vestido de Mephistopheles, com a penna partida e o vermelhão a desfazer-se-lhe na cara, derretido pelas primeiras lagrimas...

RAUL BRANDÃO.

A adjectivação na Obra de Eça

Na forma literária de Eça — *ne varietur* — um dos aspectos mais típicos do artista é inquestionavelmente a meticulosidade da adjectivação. Bizarra, preciosa, imprevista? Coisa alguma que assim mereça ser denominada.

Eça, como todos os espíritos de eleição, ao culminarem na dose da cultura que promana quer do estudo, quer da análise, esforçou-se timbrar na simplicidade, marcando a sua maneira de ser literária. A simbologia da «Cidade e as Serras» não é meramente um incidente moral, e circunscrito á ância de repousar entre o que é plano e sereno, na apaziguação almejada que procura quem se sente ourado da hiper-civilisação tedienta dos nossos dias. Tal maneira de ser implica numa figura, como é a do romancista da «Reliquia», com a faculdade de estilizar o que observa e presente, e, portanto, torturando-se até á morte para alcançar a simplicidade, essa deusa esquiva que só linhas firmes e sóbrias podem representar na pujança de que se reveste...

Assim, pois, na adjectivação a que me refiro, constatam-se com encanto, dentro da parcimónia de vocabulário em que ela se inscreve, dois factos merecedores de reparo.

São êles, primeiro a categoria das palavras empregadas, de uso e acepção correntia, segundo o caracter genuinamente português que essas palavras encerram no seu significado peculiar.

Teoricamente seriamos levados a supôr que maneira assim de adjectivar acarretaria como consequência o quer que fôsse de apagado e mesquinho. Comtudo, a quem lêr Eça, — sabendo lê-lo — emergirá o dom especial com que êle sabe determinar-se pelo adjectivo o mais adequado e o mais próprio dentre tantos que a sinonímia oferece. Faiscam como joias límpidas, clamam como gargantas sadías, soam como instrumentos afinados, conservando-nos na fé que não é o tema que faz realçar o pintor, mas sim a maestria com que êste pinta.

Depois, a localisação dêsses adjectivos, sujere-nos sem esfôrço a alma bela que acarinha a terra portuguesa no seu expressar cheio de côr. Eça conseguiu vibrar um piparote na civilisação que nos despaíza, e ser, em sua ascenção para a simplicidade, o escritor que nos faz orgulhar do que é nosso, profundamente nosso...

1916.

Severo Portela.

S. Christóvam

(Iluminura para as «Lendas de Santos»)

Monstro e menino, quase sem instintos,
juizo obtuso, voz parada e baça,
fôste qual urso que tristonho passa
do bosque entre os cerrados labirintos.

Monstro e rapaz, e de cabelos tintos
em sangue, e cheio o olhar de luz e graça,
ergueste um pau e combateste em massa
por entre os «Jacques» rôtos e famintos!

Monstro e velho, depois, num áureo engano
tal como o «Saint Julien» flaubertiano
— sendo pesado e rijo como um tronco, —

mais leve do que as pênas duma ave
sóbes a Deus, serenamente, — e suave,
peludo, feio, espiritual e bronco!

João Cabral do Nascimento.

El Maestro

Uno de los prestígios que hace que todos los artistas amen a Portugal, es el ser la patria de Eça de Queiroz, el escritor moderno, galano, comparable solo con Anatole France, el grande y puro ironista, descendiente directo de los grandes escritores castellanos del Siglo de Oro.

La primera época de la literatura de Eça de Queiroz es romantica, sentimental, casi mística; poco a poco evoluciona y aparece una segunda época, la de *Prosas Bárbaras,* con una crítica mordaz, demolidora, contra los prejuicios de la familia y la sociedad de su patria.

Pero la tercera época, la definitiva, algo influida por la literatura francesa, especialmente por Zola, Flaubert y Balzac, empieza la raiz de su viage a Oriente.

La visión de este viage aparece en todos sus libros; y marca su evolución literaria, amplia, fuerte, definitiva y magnífica.

Para comparar a Eça con otro escritor peninsular tendriamos que recurrir a Mariano José de Larra, *Figaro.* Ambos tienen el mismo espíritu satírico, superior, apasio-

nado, enamorado de todos los adelantos y de todos los refinamientos. Para nosotros es aun mas interessante la obra del gran escritor portugués, por este paralelo que podemos establecer entre su genio y el genio de los escritores latinos, especialmente de los grandes escritores españoles; síntisis de nuestro espíritu peninsular, que florece en el mismo solar y lleva hacia tierra lusitana el alma recia y potente de Castilla en las vivificadoras aguas jordánicas del Duero y del Tajo.

Carmen de Burgos.

«Colombine».

Carta

Meu caro Cardoso Martha:

Muito obrigado pelo seu convite para colaborar na homenagem que você, meu amigo, deseja prestar a Eça de Queiroz.

Diz o Cardoso Martha, muito bem, que tenho obrigação de dizer alguma coisa de Eça de Queiroz, porque sou um dos portuguezes que o leram, leem e lerão sempre. É certo; e claro está, que desde que o li, fiquei sendo um dos seus admiradores, e, como tal, devo dizer da minha admiração.

Não venho fazer critica, nem elogiar a obra de Eça de Queiroz, apesar de, como disse, a ter lido e relido, porque não é em meia duzia de linhas que producto de tamanho talento pode caber, e estou em dizer, até, que essa tarefa não cabe em parte nenhuma. Venho apenas lembrar alguns episodios passados em torno do grande romancista, da sensibilidade mais delicada posta no seu raro logar creador.

Eça de Queiroz parece ter vindo ao mundo para completar um dos acontecimentos mais extraordinarios que, em conjunto, se deu em Portugal, no seculo que findou. Todas as qualidades que contribuem para que uma sociedade possa ser considerada superior, conjugadas nas Sciencias, nas

Artes e nas Letras, acontecimento que no seu maior apogeu se verificou no reinado do Senhor D. Luiz. — E, se não, vejamos. Nas Sciencias, onde alguns dos seus homens se salientaram por mais de uma aptidão, foram mestres nas escolas, na imprensa e na politica: Visconde de Vila Maior, Filipe Folque, José Estevão, Pereira da Costa, Fradesso da Silveira, Andrade Corvo, Luiz d'Almeida Albuquerque, Latino Coelho, Manuel Bento de Sousa, Sousa Martins, Serpa Pimentel, Barbosa du Bocage, Antonio Augusto de Aguiar, Agostinho Vicente Lourenço, Henrique de Macedo, Conde de Ficalho, Thomaz de Carvalho, Fontes Pereira de Mello, Emygdio Navarro, Teixeira de Vasconcellos, Eduardo Coelho, Mariano de Carvalho, José Julio Rodrigues, Barjona de Freitas, Francisco Ponte Horta, Matoso dos Santos, Ressano Garcia, Adolpho Coelho, etc.

Nas Artes, foram os seus grandes representantes: Lupi, Anunciação, Pae Bordallo, Christino da Silva, Alfredo de Andrade (1), Silva Porto, Soares dos Reis, Victor Bastos, Pousão, Raphael Bordallo Pinheiro, Maria Augusta, Manuel de Macedo, Antonio Ramalho e Alfredo Keil.

Visto que fallo de tão grandes artistas da nossa terra, e da mesma patria onde nasceram Machado de Castro, os Vieiras e Sequeira (2), grandes não só em Portugal, mas

---

(1) Pintor e architecto, sabedor sobre archeologia artistica, foi professor na Italia. Reconstituio, nesse grande paiz das artes — em Turim — uma villa medieval, e por isso e outros merecimentos de que a Italia tanto aproveitou, lhe foi dado o titulo de Cavalleiro de Turim. Na patria de Dante e de Miguel Angelo, por toda a Italia, quando se discutiam obras artisticas, para as quaes se chamava sempre a opinião de Alfredo de Andrade, acabavam-se as contendas com a seguinte sentença:

Andrade lo dice. — Tambem tive a satisfação de conhecer pessoalmente este grandeartista!

(2) Refiro-me sómente aos maiores do seculo XVIII, aos da segunda renascença em Portugal.

em qualquer nacionalidade, fallo-lhes dos actores seus contemporaneos, gente de theatro, que, certo do que digo, nenhum paiz logrou ter melhor:

Manuela Rey, Tasso, Emilia das Neves, Epiphanio, Teodorico, Cesar de Lima, Santos Pitorra, Emilia Adelaide, Taborda, Antonio Pedro, Leone, Ribeiro, Delfina, Barbara, Rosas, Rosa Damasceno, Furtado Coelho, Polla, Valle e ainda outros.

Da maior parte delles que, com presumpção o digo, vi representar, inda hoje, quando vou ao theatro, continuamente me recordo. De Taborda, um dos mestres do Theatro Portuguez — como em França foi do Theatro Francês o actor Vormes — que eu vi representar com a mesma admiração com que o povo de Christo escutava o Evangelista S. João, fui eu despedir-me, quando tive a fatal noticia da sua morte.

Num andar modesto de uma casa da rua do Diario de Noticias (hoje n.º 52), esquina dos Fieis de Deus, num quarto onde mal cabia o funereo caixão, de madeira somenos, mal emalhetado, salpicado de flores, meu caro Martha, não tive bem a impressão da cruel verdade, e a *scena* pareceu-me das «Medicas», dessa peça em que Taborda nos convencia, pela lividez e prenuncios de morte, que estava a partir desta vida e que, momentos depois, o actor agradeceria, entre ruidosos aplausos, esse extraordinario desempenho, que elle soube interpretar e que com elle morreu para todo o sempre. Estive para lhe dar palmas mais de uma vez e, se o não fiz, é porque não as compreenderiam algumas das pessoas que resavam em volta do ataúde.

Da orladura genial de que fazia parte Eça de Queiroz, e que envolveu a obra litteraria desse tempo, basta citar: Alexandre Herculano, Julio Diniz, Rebello da Silva, Garrett, Camillo Castello Branco, Anthero de Quental, João

de Deus, Bulhão Pato, Costa Lobo, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, Julio Cesar Machado, Fialho de Almeida, Gonçalves Crespo, João Penha e Visconde de Castilho.

Como vê, só recordo os grandes, que já não vivem, figuras das mais proeminentes e que tanto fizeram luzir esses vinte e oito annos de trabalho e de tantos encantos objectivados pela Arte de Escrever.

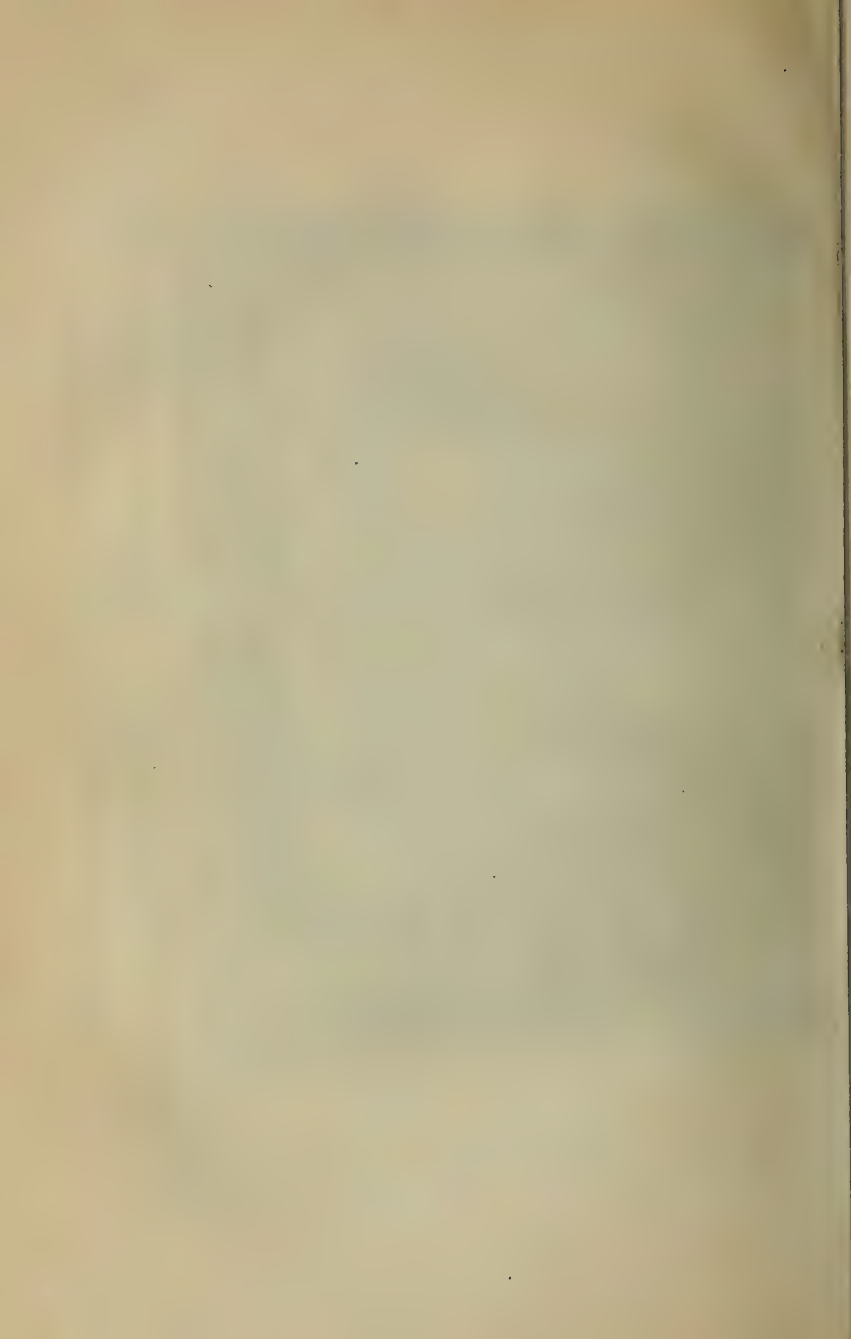
*

* *

Conheci Eça de Queiroz quando elle inda ia aos *restaurants,* quando esse grande observador estudava, creio eu, não só a maneira de passar as noites em Lisboa, mas tambem a gente que os frequentava. As tabernas mais polidas do tempo — além da que, com razão se orgulhava com este qualificativo: «Taberna Ingleza» — eram: o Silva *(Restaurant Club),* o Augusto e os cafés: Marrare, Martinho e Montanha.

Por aí o vi, e, algumas vezes, tendo eu por companheiro um seu irmão mais novo, creatura muito interessante, Carlos Alberto Eça de Queiroz, com quem muito me dei e de quem me recordo com saudade.

Eça, para todos os episodios que surgiam entre os frequentadores, sobre tudo quando appareciam melhor ou peor acasalados, metia o monoculo, levantava a cabeça, e com certo ar de perscrutação, levemente escarnecedor, franzindo todo o rosto, parecia-nos admirado, cheio de surpreza! Não era ao tempo *Vencido da Vida*, não frequentava a sociedade, era um demolidor, como foi Ramalho Ortigão, mas com a diferença que este, quando sacudia um edificio, punha triumphantemente a mão na cintura e marchava a tratar de outro assumpto. Eça de Queiroz via primeiro,

Visconde do Alcaide, Conde de Sousa Rosa (ministro de Portugal em Paris)
e EÇA DE QUEIROZ,
merendando no jardim da residência do escritor em Neuilly

com requintada ironia, qual das escoras fazia mais falta á edificação e era essa que lhe tirava; ver cair a abobada, desmoronar toda uma catedral.

Quando da inauguração dos quadros do «Leão de Ouro», Eça de Queiroz entrou, cheio de curiosidade. Desta vez o monoculo era seguro pela phisionomia concordante, cheia de sorrisos de aplauso. Pouco depois, se bem recordo, aparecia nas livrarias uma das maiores obras de Eça de Queiroz «Os Maias», e neste mesmo café *Restaurant* da rua do Principe, na mesa dos artistas, aquella por baixo dos azulejos de Raphael Bordallo, onde frequentemente se sentavam: Silva Porto, Columbano, Malhôa, Vieira, Girão, Henrique Pinto, Braz Martins, Antonio Ramalho, João Vaz, Christino, Alberto de Oliveira, Brito Monteiro, Gualdino Gomes, Evaristo Ramalho e o celebre caricaturista — eu ouvia ler a Bulhão Pato a satira a Eça de Queiroz, por o auctor da «Paquita» se julgar atingido numa das figuras d'aquelle grosso romance, que tanto tem que ler e tanto deu que fallar.

Pois o menino bonito de Alexandre Herculano (1), ao terminar a leitura, num aparte ponderado de reticencias, com mirada penetrante, olhou-me e disse: — «Deixa-o, este está amanhado!»...

*

* *

Como é sabido, não foi do agrado de todos a colocação do monumento a Eça de Queiroz no Largo do Barão de

---

(1) Desculpe, meu caro Martha, mas este seu amigo não gosta de dizer *enfant gâté*; e por saber que B. Pato foi fazer 15 annos a casa do grande escriptor, e por ter sido por elle mimadissimo, chamo-lhe *menino bonito* d'aquelle enorme portuguez.

Quintela. Essa obra artistica de boa esculptura, modelada por Teixeira Lopes, inspirada na profunda frase, gravada no mesmo monumento: «Sobre a nudez forte da Verdade o manto diaphano da phantasia» — Verdade cujas mãos Teixeira Lopes concluiu no mesmo logar onde se encontra o monumento, ás quaes alvares por mais de uma vez têem partido os dedos, apedrejando duas coisas sagradas da humanidade: o Trabalho e o Respeito — essa obra só se justifica alli, se é verdadeiro o dizer que se atribue ao proprio Eça. Soube-o no proprio dia da inauguração, no momento em que as sentidas palavras de Ramalho Ortigão disseram: «Só me avantajei a elle numa coisa: na edade». E disse deste modo, de cima do mesmo estrado donde Antonio Candido, o Conde de Arnoso e outros oradores fizeram o elogio do morto! — Versava a discussão sobre o local escolhido, que não podia ser mais improprio para apreciar um monumento, vista a impossíbilidade de o observar de um só plano. De facto não ha possibilidade de uma comparação de linhas, de grandeza, de composição, de acabamento, visto não poder rodear-se esse grupo esculptural sempre da mesma altura do terreno. A diferença, então, é extraordiaria, se quizermos ver os dois flancos do monumento sul-norte, atendendo a que o primeiro só pode ver-se de baixo para cima, e o segundo de cima para baixo e com grande diferença de posição no que respeita a planos.

Quanto a mim, não tenho memoria de outro desconcerto egual, porque nem o fundo verde, lisongeiro para o monumento, está com arbustos europeus: é feito por uma antipatica palmeira, permitindo a pergunta aos que vierem mais tarde, se Eça de Queiroz morreu em Africa. Como já frisei, o que desculpa, até certo ponto, o estar o monumento ao auctor da RELIQUIA onde está — evidentemente mal — é o facto de alguem da comisão que tratou de erigir o grupo

em pedra, de que faz parte o grande romancista, ter respeitado o pedido de Eça de Queiroz, feito ao pé de uma grande parte dos *Vencidos da Vida*, depois de um jantar cheio de alegria e de espirito, para ser ali colocado o seu monumento. Não obstante toda a ironia da recomendação, o Eça lá está.

Foi isto que me segredaram no dia em que se puseram á vista do publico o busto de Eça de Queiroz e a figura de mulher que, sem hypocrisia, se lhe entrega — uma das obras mais delicadas de Teixeira Lopes.

Eu sou, meu amigo, dos felizes, que tiveram a amizade e as lições de Ramalho Ortigão—Fialho de Almeida disse-me uma vez: «Foi elle que nos ensinou a fazer critica» — orgulho-me de lhe dizer que tive tambem o seu aplauso sempre que lhe pedi o seu nome para o inicio de alguma das coisas que estavam por fazer sobre arte entre nós, e que felizmente frutificaram. Entre outras, para as quaes elle não só deu o seu nome, mas trabalhou com affinco, notarei a organisação do Gremio Artistico, hoje Sociedade Nacional de Bellas Artes, e a Exposição de Mobiliario Artistico, obra do grande entalhador Leandro Braga, que com exito se efectuou no palacio dos Marquezes da Foz, cujas salas haviam sido decoradas com trabalhos de estilo pelo mesmo esculptor da madeira.

Ramalho Ortigão encontrava-se sempre, ao domingo, na sua mansarda dos Caetanos, feliz, escrevendo, lendo ou dispondo melhor algum dos seus objectos de estimação, para que elle olhava com entusiasmo e com sofreguidão até. Qualquer dessas coisas era para esse homem, verdadeiramente portuguez, uma grande parte do seu bem estar e orgulho se a obra era genuina portugueza. Olhava com tanto desvanecimento um quadro de Silva Porto, artista que elle tanto exaltou logo depois da sua volta de Paris e da Italia,

depois dos estudos lá por fóra, como para o trasfogueiro da chaminé de aquecer, forjado pelo ferreiro transmontano.

Numa dessas tardes, em que Ramalho Ortigão festejava um lindo calice de vidro de alguma das nossas fabricas doutro tempo, com essa espiral a côres, subiamos a escada dos Caetanos, a mesma que nos levava á moradia de Oliveira Martins, que tambem tive a satisfação de conhecer pessoalmente, com a seguinte pregunta: Qual dos livros de Eça de Queiroz elle preferia? Respondeu sem hesitar o escriptor das «Farpas», o mais intimo companheiro do auctor da «Cidade e as Serras», do seu colaborador no «Misterio da estrada de Cintra»: — «Os Maias».

O exagerado desejo de saber a opinião do mestre a tal respeito resultava de uma cavaqueira da vespera, a uma mesa do Martinho, em que a mór parte dos votos davam decisões bem contrarias á que trouxe do espontaneo dictamen de Ramalho Ortigão.

E aqui tem, meu caro Martha, embora tão pobremente, cumprida a minha promessa de ha mais de um anno.

Do seu Admirador, que muito bem lhe deseja,

José Queiroz.

Duas camisas

Todos se recordam de que *A Reliquia,* de Eça de Queiroz, foi pensada e escrita sôbre a troca casual de dois embrulhos, um sagrado, outro profano, guardando a coroa de espinhos do Salvador e a camisa de dormir de Miss Mary, florista e cortesã de Alexandria.

Na hora amarga da partida do Hotel das Pirâmides, fôra aquela camisa a sua última carícia ao *possante* Teodorico, dizendo-lhe a soluçar:

«Dou-t'a, Theodorico! Leva-a, Theodorico! Ainda está amarrotada da nossa ternura!... Leva-a para dormires com ella ao teu lado, como se fosse commigo...»

Alguns anos antes, quando Maurice Rollinat lançou ao mundo o grito das *Névroses,* numa poesia em febre, chamada *La Relique,* era celebrada *Berthe, la sirène aux pieds blancs comme du jeune ivoire,* deixando ao poeta o penhor quente da sua camisa de dormir, porque ia honestamente casar-se com outro homem.

Nestes termos comovedores acompanha a entrega da secreta alfaia:

«Je te la donne, ami, ma chemise brodée:
Car, la première fois que tu m'as possédée,
Je la portais, t'en souviens-tu?
Elle seule a connu les brûlantes ivresses
Que ta voix musicale et pleine de caresses
Faisait courir dans ma vertu.»

Depois, lialmente esclarece, sem rodeios, tudo quanto dentro e á roda da dita camisa se fôra passando e a inveja do amigo leitor facilmente imagina, continuando a embrulhar nela o último adeus:

«Conserve-la toujours! Qu'elle soit pour ton âme
La chair mystérieuse et vague de la femme
Qui te voue un culte éternel;
Qu'elle soit l'oreiller de tes regrets moroses,
Quand tu la baiseras, rouge aux nudités roses
Qui furent ton festin charnel!»

«Que les parfums ambrés de ma peau qui l'imprègnent
Pour l'odorat subtil de tes rêves, y règnent
Candides et luxurieux!
Qu'elle garde à jamais l'empreinte de mes formes!
J'ai dit à mon amour: «J'exige que tu dormes
Entre ses plis mystérieux.»

Nada conta a biografia de Eça de Queiroz sôbre a sua camaradagem, amizade ou simples admiração por Maurice Rollinat; muito menos elucidam esse ponto as memórias vermelhas do poeta francês, autor de *La Relique*.

Mas parece poder acreditar-se que a *longa camisa de rendas com laços de seda clara,* aparecida na cama de Alexandria, exalando *um aroma saudoso de violeta e d'amor*, fôsse do costureiro e do modelo parisiense da *chemise brodée* dos versos de Rollinat. Berthe e Miss Mary aparecem-nos como duas mulheres finamente amadas, tão semelhantes, tão irmãs no pensamento e no desejo do poeta e do prosador, que nos tentâmos a verificar mais uma vez o paradoxo de que nada aproxima tanto dois homens como a mesma mulher amada...

Topsius, o profundo companheiro de Teodorico, tornado hoje numa poeira erudita, já não pode valer-nos para desvendar este impenetravel problema de origens, em que até cabe a hipótese maligna de supôr-se que *Berthe* em Paris, seja *Miss Mary* em Alexandria, com o andar dos anos e o desandar dos fregueses.

Se êle, o sábio, fôsse vivo, aos seus óculos sagazes pediriamos, por exemplo, que tentassem descobrir na marca das duas camisas, a identidade da linda pecadora que as vestiu...

HIPOLITO RAPOSO.

A Obra póstuma de Eça de Queiroz

Em 1911 escrevíamos num jornal logo extinto, noticiando a próxima publicação das *Ultimas páginas:*

E' curioso que ao ter de dar aos leitores uma grande nova literária, o faça com melancolia, quási com amargura. Tam certo é que as consolações da existência, ainda estas da Arte, «a única flor da Vida», são eivadas muita vez dum travor singular... A notícia que desejo dar-lhes é esta: dentro dum mês deveremos ter á venda as *Ultimas páginas*, de Eça de Queiroz, livro admirável, inédito e á parte na sua obra. E se por um lado se alvoroça a minha curiosidade literária, e vou sentir o encanto incomparável de ler tôdas essas páginas (e de reler as que já me foi dado ávidamente conhecer), por outro passa em mim esta nevoenta tristeza: são os últimos manuscritos de Eça de Queiroz! Parece que o extraordinário artista, deixando-nos para agora êste seu livro inédito, como um tesoiro escondido das «Mil e uma noites», nos quis dar, com uma satisfação suprema, uma dolorosa saudade.

Ninguêm trabalhou com mais graça a prosa portuguesa. Outros teem possuído mais ritmos, maior opulência verbal, sintaxe mais lusitana e mais válida; nenhum o excedeu em bom gôsto (como outrora a Garrett), em scintilações de humorismo, na harmonia lenta e vaga, na cultura amorosa da imagem, que êle trata como se cuidasse das flores dum jardim encantado. Nas combinações dêsse criador de Beleza, — sem preciosismos, sem parnasianismos —, a palavra ganhou novo viço, como se fôsse uma já gasta moeda que êle cunhasse de novo. Deu a um lexicon às vezes maltrapilho foros de idioma rico; soube-o vitalizar, criar-lhe outra expressão cheia de frescura é leveza. Fez entrar o vocabulário pobre no salão das nossas Letras — expressivo, sugestivo, todo vestido de novo. Porque as palavras parecem feitas de cera, para cada grande artista as moldar diversamente nas mãos felizes e criadoras...

E cada vez o escritor foi sendo mais perfeito, mais opulento, com mais amplitude, mais ar, mais sonho e ritmo. A língua enriquecêra-se-lhe no cultivo dos clássicos, mas nunca perdeu o caracter pessoal, êsse *quid* indefinivel a que chamamos estilo, um relêvo muito seu, elegante, sem meneirismos, e porventura, nas páginas derradeiras, mais soberanamente formosa.

Diante do novo livro de Eça de Queiroz não podemos furtar-nos á impressão que nos daria um incêndio que, poupando uma galeria de Velasquez, devastasse nas rajadas de fogo telas de primitivos, de que apenas nos ficassem alguns *frescos* imortais... Esse incêndio é o da Morte, a ceifeira negra e misteriosa. Deixou-nos a obra naturalista de Eça, mas roubou-nos, em grande parte, a obra de idealismo, de imaginação e de candura, que o próximo volume iniciava. Deixou-nos as rosas púrpuras, as orquídeas elegantes, as dálias o seu tanto artificiais, (outrora tam querídas do mes-

tre como o perfume forte da lúcia-lima); mas secou-nos as flores modestas da piedade, da humildade, da renúncia. Deixou-nos, emfim, os quadros da vida contingente e efémera, e as figuras da scena quotidiana, que só a Arte tem condão de imortalizar; e levou-nos aquele pedaço de sonho e de vida enigmáticá, cuja serenidade é como a das funduras do oceano, onde de-certo estarão os germens mais puros da vida.

De Eça ficou-nos a obra revolucionária, a obra demolidora, evidentemente grande; mas quási se perdeu a obra augusta de reconstrução e de amor, cujas páginas alvorecem, como um lindo dia de Maio, na *Cidade e as Serras*.

O novo livro no prélo tem duas partes. Uma delas—*Artigos diversos*—é, como tudo do autor, uma maravilha. Eça é aí o crítico e o humorista que sabemos, o cronista cujo valor, entre outros volumes, as *Notas Contemporâneas* gravaram duma forma indelével, e que ninguêm excedeu em brilho, em espírito, e naquela maneira da vestir a erudição e a historia das roupagens mais deliciosamente leves e de mais nobres linhas. Mas há outra parte, e vasta, que é a fundamental do volume: *Lendas de Santos* (S. Christóvam, Santo Onofre, S. Frei Gil). E' êsse o livro novo; é aí que o Artista é outro: um grande pintor de frescos á Fra Angélico, sem a candura ingénua e sem a fé escaldante do visionário de Fiésole, naturalmente, mas em que vitoriosamente se sente o poeta, alumiando as almas com outra lanterna mágica, que é a do lume eterno da bondade e do amor. E é sempre consolador anotar isto: que a poesia é a senhora invisível do mundo, e que é a estrêla antiga que mais encaminha ainda o olhar triste dos homens. Através de todas as convulsões, em meio de todos os egoísmos, é ela a única flor imorredoira. E poesia quer dizer amor, quer dizer justiça—e uma infinita, trasbordante piedade. O resto

é fumarada, ás vezes resplandecente como as nuvens de oiro. A Arte mais bela será de certo a que tiver a alumiar-lhe a forma esbelta e pura, lume que nos aqueça no meio dêste frio, música que embale a todos os que vamos na verdadeira onda humana; e essa onda é a dos que teem um grande sonho, de todos os que teem fome, de todos os que escutam amorosamente os gemidos cansados dos que avançam nobremente na vida...

E' claro que Eça de Queiroz não nos aparece agora, integro e lapidar, como por milagre, sem raízes que o prendam á sua obra anterior. Essa florescência de mistério, de imaginação, de poesia, palpita romanescamente revôlta nas *Prosas bárbaras;* mas neste regresso aos seus amores primitivos, e ao fundo mesmo da sua consciência estética, houve um largo estádio percorrido, que cristalizou divinamente as emoções e as formas. O apologista de Courbet nas conferências do Casino faria agora o panegírico dum Memling, sem todavia perder o poder evocativo dum prodigioso reconstrutor de épocas extintas, á Flaubert (já visto na *Relíquia),* mas tocando tudo de outra luz, com um adorável lirísmo português, e por vezes, como hão-de ver nessas lendas de Santos, da maneira mais amorosa, mais piedosa — mais intrinsecamente poética. Dessas vidas de Santos só está incompleta a de S. Frei Gil — e que imensa pena! Nessa primeira redacção, duma rara facilidade e perfeição admirável, — ao contrário do que muitos pensam do grande escritor —, hão-de ver a maravilha da sua arte espontânea e suprema. E' certo que Eça de Queiroz emendava muito nas provas; refundia de alto a baixo; ampliava a ponto de transformar um pequeno conto *(Civilisação)* num livro de trezentas páginas *(A Cidade e as Serras)*. Mas a primeira forma saía-lhe sempre fluente; e talvez com uma graça e uma frescura de tintas, que mais punha em destaque as

suas nativas qualidades líricas, a que o Naturalismo prendêra e crestára as asas — mas que afortunadamente batem nas *Ultimas Páginas* um vôo largo e rítmico.

*

Vem agora a propósito acrescentar algumas notas ácerca da Obra póstuma de Eça de Queiroz, tam extraordináriamente bela. Essa obra começou em paginas 417 da *Ilustre Casa de Ramires*. Fomos nós quem reviu, a pedido dos editores, nossos velhos amigos, o resto do volume, que o grande escritor deixára em manuscrito, na primeira redacção; e nesse volume, melhor que em nenhum outro, se pode verificar a afirmação já feita: que a prosa de Eça de Queiroz era já, na primeira forma, limpida, fluente, luminosamente expressiva. Quem se der á tarefa de cotejar com as anteriores as páginas da *Casa de Ramires* que o autor desventuradamente já não pôde rever, mas que estão intactas, não lhes encontrará desequilíbrios sensíveis, nem desfalecimentos de escritor. São um largo e belo rio, que vai correndo claro, espelhando deliciosamente os céus e a terra. O artista é sempre dum gôsto e duma graça admiráveis. Êsses capítulos finais seriam com certeza acrescentados e refundidos, mas os que da primeira inspiração brotaram ficaram vivos, harmónicos, perfeitos. Só um artista subtil e de estética congénere veria aqui ou ali um adjectivo provávelmente alterável, algum ritmo a modificar, alguma tinta a esbater.

O segundo volume póstumo, *A Cidade e as Serras*, coube a Ramalho Ortigão revê-lo — ao velho e ilustre camarada das *Farpas*. E vejam que maravilha essa, na única redacção que tivera, que páginas incomparávelmente cristalinas!

As *Ultimas Páginas*, derradeiro livro, como ficou dito,

impresso sôbre o manuscrito, foi o sr. Luís de Magalhães quem o reviu — como fôra o mesmo insigne publicista quem tomára dedicadamente a seu cargo a amorosa tarefa de seleccionar e de organizar os diversos volumes de crónicas e trabalhos dispersos, que os devotados editores mandaram trasladar escrupulosamente nas bibliotecas de Portugal e do Brasil: — *Prosas bárbaras* (estas excelentemente prefaciadas pelo sr. Jaime Batalha Reis, o J. Teixeira d'Azevedo da «Correspondencia de Fradique Mendes»), *Contos, Cartas de Inglaterra, Ecos de Paris, Cartas Familiares, Notas Contemporâneas.*

A Obra póstuma de Eça de Queiroz parecia assim integral, quando, há poucos anos, José Pereira de Sampaio lembrou aos editores a publicação de outro volume, em que se coligissem vários artigos e uma série de dezoito correspondências, dirigidas de Londres, em 1887, ao jornal portuense de então — a «Actualidade». Opinava Bruno que o livro seria digno da obra do morto ilustre; e foi combinado que se intitularia *Páginas Esquecidas,* escrevendo um longo proémio o crítico eminente da *Geração Nova.*

Não concordaram, porêm, com a publicação dessas *Páginas* os herdeiros do grande romancista, certamente por motivos ponderáveis, e a edição não se fez.

Mas estará completa, dando-nos todos os seus contrastes e cambiantes, a Obra póstuma de Eça de Queiroz ? Em nosso humilde juízo não está. Falta ainda que se imprímam um ou mais volumes com a sua correspondência particular, cuidadosamente reùnida e escolhida. A figura do escritor e do homem ganhará com certeza algum outro relêvo ou novo encanto — como o seu valor excepcional de polemista se perdia, se não teem aparecido há tempos, coligidos em volumes, alguns dos seus artigos formidáveis.

Nós continuâmos a ver nesses livros de Cartas documentos literários e psicológicos dum valor incontrastável. E, falando-se de Eça de Queiroz, que de primores inéditos se não perdem, inestimáveis de ironia e de leveza, talvez de notas imprevistas e esplêndidas!

O valor das Cartas excede ainda, a nosso ver, o das Memórias. Falam com mais clareza, com despreocupação, com mais verdade. Rasgadas, deitariam sangue, — como diria Emerson. São confessionários, tanta vez, de palavras profundas e eternas. A alma, torva ou luminosa, fica ali em farrapos, no rescaldo das lágrimas ou na asa crespa do riso. Valem a pêso de oiro. Nas Memórias, como nos Diários, sobretudo de literatos, de artistas e políticos, ainda se descortinam com freqùência os homens a esconder-se, um ou outro autor a espreitar... A história, os costumes, a vida emfim, nas suas mil facetas de entremez e de tragédia, reflecte-se na intimidade das Cartas como num espelho que ninguêm foi embaciar. Mas não queremos insistir no que, sôbre o assunto, escrevemos a propósito de Garrett. (1)

Cremos que, em qualquer parte, tratando-se dum homem como Eça de Queiroz, alguns volumes de Cartas estariam publicados. Verdade é que, por cá, raro há tempo de sobra para homenagens áqueles que são a nossa mais legítima glória. As Cartas de Herculano começaram a publicar-se outro dia... Julgâmos, contudo, haver prestado um serviço às Letras de Portugal, se estas nossas palavras conseguirem salvar da dispersão e do esquecimento as páginas deliciosas que hão-de ser a correspondência particular do grande romancista. Sem elas ficará incompleta a sua Obra póstuma.

JÚLIO BRANDÃO.

---

(1) *Garrett e as Cartas de amor* — 1913.

Eça de Queiroz y España

En el capítulo sétimo de *Crítica Profana* (Madrid, 1916), dice Don Julio Casares:

«Yo creo que Valle-Inclán, traductor a su vez de Eça de Queiroz, y en condiciones privilegiadas, como gallego, para saborear la exquisita armonía de la prosa de este gran estilista, tan poco conocido en España hasta después de su muerte (1900), debió hallar tambien en las páginas admirables de *La Reliquia* y de *Prosas Bárbaras* la fórmula de expresión más adecuada a su propio temperamento; y voluntaria ó inconscientemente dióse a imitar en sus escritos el léxico, los giros y las cadencias del novelista portugués.» (pag. 91-2).

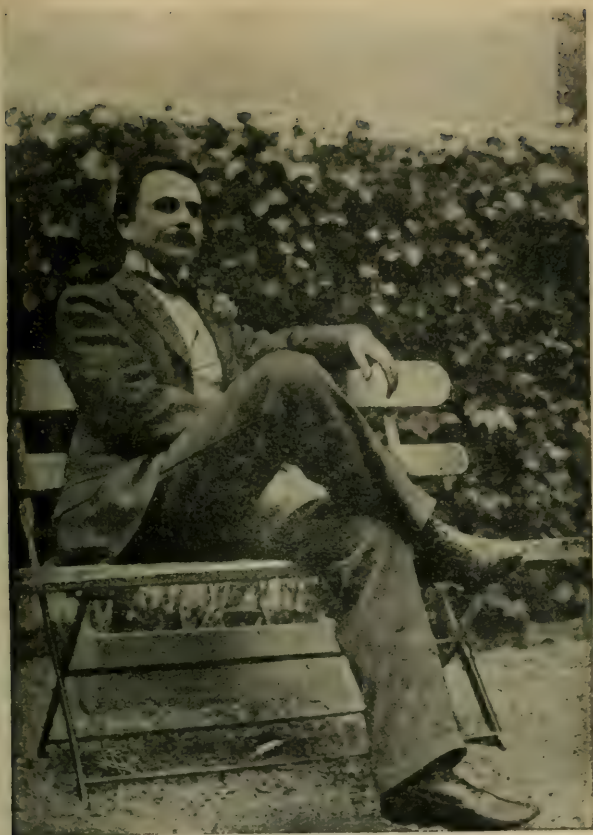
Ahora felizmente, gracias a Don Miguel de Unamuno y otros escritores españoles, es Eça un poco mejor conocido en España y no sería imposible que viniese a ser como un *officier de liaison* entre dos literaturas modernas, la portuguesa y la castellana, que ambas tienen tantas obras admirables y que parecen insistir obstinadamente en *se tourner*

le dos. Creo que, si hubiera vivido Eça de Queiroz algunos años más, hubiera influido España en su espíritu más profundamente quizá que Francia. Ya se me figura hallar algo de Pereda y de *Peñas arriba* (1895) en su último libro, *A Cidade e as Serras*. Las provincias de Portugal no dejan de ser tan interesantes como las de España, y seguramente Eça de Queiroz, viviendo en la provincia de Minho, como Pereda en la Montaña, hubiera compuesto obras aun más encantadoras que las que todos saboreamos con tanto gusto.

Fué la vida de Eça de Queiroz una educación perpetua; el autor de *A Illustre Casa de Ramires* no es el mismo que escribió *O Mysterio da Estrada de Cintra* treinta años antes, y sin embargo en las *Prosas Bárbaras* se columbra, más, se puede ver claramente lo excelente y original que había de ser como novelista.

Para mi, Eça de Queiroz tendrá siempre un encanto particular, por haber sido de él el primer libro portugués que he leido—le hallé en una librería de viejo en Barcelona hace ya muchos años; pero ahora, cuando empiezan los españoles a leer a este novelista, quizá no será inoportuno recordar que la literatura portuguesa tiene otros muchos escritores dignos de ser leidos—escritores que poseen un estilo más castizamente portugués que el de Eça de Queiroz, ya que espíritu más portugués no le podían tener.

ALVARO GIRALDEZ.

Abril de 1919.

VISCONDE DO ALCAIDE

ESTA FOTOGRAFIA, TIRADA POR EÇA DE QUEIROZ, TEM NA BASE, ESCRITO PELO PRÓPRIO PUNHO DO ROMANCISTA: «EÇA DE QUEIROZ, PHOTOGRAPHO.»

Eça de Queiroz

A obra de Eça de Queiroz, vista atravéz a lupa incolor da critica moderna, pode dividir-se em duas distinctas obras: a do romancista propriamente dito e a do estheta.

Analisada assim, a segunda parte da obra prevalece incontestavelmente sobre a primeira. Eça aparece-nos, ao declinar do seculo XIX, como um cultor da arte de Baumgarten. O estilo leva de vencida a concepção. Com um vocabulario restricto, elle forma periodos soberbos. E' assim que, á data da sua morte, Eça de Queiroz nos deixa uma obra relativamente pequena, elle que — gigante inconfundivel das nossas Letras — nos poderia ter legado, como Camillo, dezenas e dezenas de volumes.

Mas em Eça, a ideia de Belleza sobreleva a de criação; embora demolindo, Eça faz dos seus romances, a par de látegos contundentes, verdadeiras obras-primas de literatura, precisando o detalhe, esmiuçando as scenas de pouca monta, mas fazendo erguer acima d'esses quadros de miseria terrena, qualquer coisa de superior, que é Arte pura, embora

joeirada a noites longas de vigilia e a torturas de gestação que se me anteolham evidentes...

*

* *

Não é para aqui, nem para a minha exígua competencia de subalterno nas letras, fazer o esboço biographico do Artista, nem acentuar a fraqueza moral que fez de Eça de Queiroz um doente da vontade, incutindo-lhe receios e superstições que, de resto, nada depoem contra a sua obra, como o querem fazer acreditar certos criticos que, em grossos volumes, teem lançado aos quatro ventos a inferioridade da obra de Eça.

Deleguemos a um plano secundario esse estudo quiçá extemporaneo e admiremos a Perfeição que o Artista pôz na sua obra, olhos postos n'um ideal de Belleza que jámais talvez conseguisse atingir. E se afirmo isto, é que o Artista é sempre um insatisfeito e um incomprehendido. De resto, a Belleza tem para muitos uma acepção absoluta que eu não me atrevo a perfilhar. Para o Artista, a Belleza é meramente subjectiva e não objectiva. A Belleza objectiva não tem fundamento, não existe. Pretender impôr aos outros a admiração por um determinado trabalho, é tarefa estéril. Para Tolstoi, a Arte não é productora de Belleza; é apenas uma das condições da vida humana; é uma fórma de actividade, fundada sobre a aptidão do homem em exprimir os sentimentos que outro homem experimenta.

Temos pois que Eça de Queiroz, conhecedor profundo das leis da esthetica, não chegou talvez a atingir, na sua opinião, como todos os grandes artistas, a Perfeição em Arte. E comtudo, ninguem como elle, até hoje, em Portugal, teve sêde de Belleza e ancia de Perfeição. E' elle

proprio quem o afirma. De Paris, em 21 de Junho de 1897, escrevia elle uma carta a Bernardo Pindella (Conde d'Arnoso) um dos «Vencidos da Vida» — vencidos que na mór parte foram vencedores, carta cuja cópia tenho presente.

«O meu mal é o amor da perfeição» — diz Eça de Queiroz. E mais abaixo: «se se trata de escrever seis linhas a um velho Bernardo, eu espero até ter o vagar de escrever uma epistola muito cheia, muito completa, muito divertida, muito amiga, e a consequencia é que o vagar não vem e nunca se começa a primeira linha...»

Confirma esta confissão o que a seu respeito escreve um dos seus biographos, o snr. Batalha Reis. Eça era um torturado do estilo, todos o sabem. E comtudo, nos primeiros tempos da sua vida literaria, quando colaborador da *Gazeta de Portugal* de Teixeira de Vasconcellos, Eça, quasi alheio a influencias estranhas, na sua phase primitiva, quasi romantica, ainda emendava pouco. Todavia, que Belleza elle punha já n'essa prosa de maravilha, de que são autenticas joias o soberbo estudo «Lisboa» — e as paginas admiraveis da «Ladainha da Dôr»!

O folhetinista dá mais tarde logar ao romancista. E é n'esta phase da vida que a sua obra, a meu vêr, se deve dividir em duas: a do romancista e a do estheta.

Eça é um torturado; quando se senta para escrever, é com dificuldade que a ideia surge. Quando ella aparece, os *linguados* de papel cobrem-se de palavras quasi hieroglificas. Sucedem-se as emendas e as rasuras. Mas d'essa amalgama de signaes e de linhas sáe uma prosa viva, rítmica como um lindo corpo de mulher, expressiva como um sorriso alegre de creança.

Com um pobrissimo vocabulario em confronto com o de Camillo — o Mestre — Eça modela periodos esplendidos, en-

gasta a lingua portuguesa — gemma delicada — nas mais estranhas e caprichosas cravações.

Como Flaubert — que n'uma carta a Maxime du Camp rotulava de quasi sobrenatural o seu trabalho de escrever vinte paginas n'um mez, como os Goncourt, como tantos espíritos sedentos de Belleza, Eça ergue um altar á Perfeição, procurando altear-lhe o pedestal. — E — a justiça dos homens! — annos volvidos, a estatua que glorifica o Artista não tem pedestal! Ergue-se alli, no largo do Quintella, bella como a figura esplendida da Verdade que ella encarna e á qual, ha tempos, vandalicas mãos partiram dois dedos. Mas, embora bella, está assente sobre a relva, uma relva pobre, rasteira quasi, que o borraceiro das noites hibernaes piedosamente cobre com miriades de pérolas d'orvalho. Eça não tem um pedestal — elle, que no mais alto dos pedestaes quiz collocar essa Deusa que lhe sorria sempre n'um sorriso lúbrico de mulher insatisfeita — a Perfeição!

*

*   *

Até aqui, o Eça cultor do Bello, o Eça sacerdote da Esthetica. Analisemos agora, ainda que summariamente, o romancista. Eça não foi, como Camillo, um escriptor rigorosamente lusitano. Amou a Belleza, fez Arte, mas teve este grande defeito: desnacionalisou-se. Materialisou, por assim dizer, o seu talento n'uma obra de demolição; negativista das virtudes nacionaes, gastou-se a evidenciar os defeitos da nossa raça.

Camillo tem uma galeria de tipos portuguêses. Tem as resignadas, as mártires, as abnegadas. Fialho tem, a dentro da sua obra de contista, os mais variados tipos. Eça cultiva mais o ridiculo no romance. Convicto innovador, faz um pas-

seio pelos bastidores da Politica e pelos salões do Postiço, e deixa em paz os habitantes sádios da Montanha. *A Cidade e as Serras* é quasi uma excepção. De resto, da *piolheira* onde nasceu, faz-nos conhecer apenas os mais incaracteristicos tipos, descriptos embora por fórma superior.

Para mim, a Eça de Queiroz faltava aquelle fogo sagrado que faz dos raros predestinados da Arte os tipos imortaes que honram as nacionalidades. Burilador magnifico da phrase, possuidor d'uma visão esthetica perfeita, Eça não tinha talvez os destrambelhamentos do genio. Não tinha, como Camillo (e mesmo como Fialho), o poder superior da criação.

Fialho deixou uma obra por assim dizer fragmentada e incompleta. A sua galeria de tipos não estava exgotada. Mas devemos reconhecer que, se foi dispersivo, se foi incompleto, isso se deve, primeiro á sua lucta pela vida, mais tarde ás suas peregrinações pelos cafés, a esbanjar o seu talento em conversas onde—critico impenitente—elle era implacavel para com os vicios que corrompiam a gente do seu tempo. Eça fez o contrario. Demoliu, mas demoliu sem pensar na reconstrucção. Ramalho foi um demolidor; mas o que elle, principalmente, pretendeu demolir ou pelo menos refundir, foram apenas os erros de governação e os erros dos pseudo-artistas.

Eça, ao contrario, embrenhou-se no romance e, n'uma fórma moderna, importada de Paris (1), tratou só de pôr

(1) N'essa admiravel *Correspondencia de Fradique*, Eça deixou uma carta lapidar—a quarta, segundo creio—dirigida a madame S., em que o Artista combate a ideia de se embrenharem os portuguêses no estudo aprofundado das linguas estrangeiras. A minha afirmação, porém, não fica invalidada. Emilio Castelar disse que só não mudam de ideias os que não pensam. Recordemo-nos ainda de que a Arte vive muito do paradoxo; para o que basta citar Oscar Wilde, proclamando que «a Arte é inutil»—e vivendo para Ella, apaixonadamente.

em evidencia os varios Accacios, Pachecos e Ernestinhos que por ahi abundam. Não tratou, áparte raras excepções, os tipos regionaes, os costumes sãos, as creaturas equilibradas. Por traz do seu monóculo, na sua retina de artista e homem de compleição doentia, fixavam-se apenas tipos que tanto podiam ser de Lisboa como de Londres, do Porto como de Paris. Os seus tipos não eram retintamente portugueses; para Eça, a Vida era um aglomerado de defeitos e de vaidades. Cultor do Bello, raro desenhava o que a Natureza lhe revelava de bello e de superior; pòveiro de nascimento (1), pouco aproveitou as bellezas do nosso litoral para glorificar a terra portuguesa. Por Lisboa ainda se interessava. Revela-o n'outra carta ao Conde d'Arnoso, escripta de Salamanca, em que pergunta «pela pequenina Lisboa por quem se interessa.»

Quanto á moral da sua obra de contrastes, não é para agora a sua apreciação. A reincidencia no incesto d'*Os Maias,* a falta delictuosa do padre Amaro, alguns realismos exagerados d'*O Primo Bazilio,* acabam de dar a maneira exacta do romancista, apaixonado pela ultima palavra literaria do seu tempo, atreito a materialismos, como Zola em França, fundando a escola realista sobre as theorias de Claudio Bernard.

---

(1) Alguns biographos, entre os quaes o snr. Fidelino de Figueiredo, pretendem que Eça de Queiroz tenha nascido em Villa do Conde e não na Povoa de Varzim. Em 1906, imprimiu-se no Porto um folheto — *Eça de Queiroz, questão de naturalidade* — que parece desfazer todas as duvidas, provando que o romancista nascêra na Povoa. Pouco dado a velharias e a escavações eruditas, e sendo certo que uma distancia de cinco kilometros não póde influir no estudo d'um caracter, deixo essa investigação aos entendidos.

*

* *

Escrevendo em homenagem a Eça de Queiroz, e como admirador do estheta requintado da *Correspondencia de Fradique Mendes,* pensei que só na Verdade poderia encontrar glorificação condigna.

Foi por isso que eu — invocando aquella figura do estatuario Teixeira Lopes, que, no largo do Quintella, olha o Eça apaixonadamente — vim, por esta forma rude, trazer o meu obulo humilde para a homenagem que ora se presta ao auctor do *Mandarim,* que foi, com todos os seus defeitos, um dos maiores Artistas de que se póde orgulhar a lingua e a raça portuguesa.

Lisboa, 21 de Novembro de 1915.

CARNEIRO GERALDES.

Oliveira Martins e Eça de Queiroz

Portugal pôsto em escultura deu duas obras: a de Soares dos Reis e a de Teixeira Lopes. Soares dos Reis vive na memória dos portugueses por «O Desterrado», que é a Alma da Raça estatuada com o sangue e as lágrimas do martírio do artista, com o seu suicidio completando a sua obra, simbolo da Raça, pois êsse seu ultimo gesto é o da Raça em Alcacer-Kibir. Teixeira Lopes viverá por dois monumentos, um túmulo e uma estátua, o túmulo de Oliveira Martins e a estátua de Eça de Queiroz, dois escultores da prosa, os maiores de Portugal. Em ambos vive Portugal, no eco das pancadas dos seus camartelos, que ainda ecoam, ecoando o seu nome.

Oliveira Martins moldou com amargura e com génio a «Historia de Portugal», feita de lama e de luz, e fundiu-a em bronze. O seu sucessor é Raul Brandão, esse dramaturgo extraordinário da humildade e do sinistro, que em sombras e esgares esculpiu uma obra de farrapos e de gritos, fundida no rôxo de equimoses e no verde de podridões do bronze, e que é a mais trágica da literatura portuguesa.

Em ambos a caricatura é dôr e a dôr é grotesco, em ambos os homens são fantoches e os fantoches são crucificados, em ambos os retratos são Almas postas em tintas sombrias, como Columbano faz nas suas telas de silêncio e de mistério, intérpretes do além animico das coisas e dos sêres, como as páginas iluminadas de génio do poeta Teixeira de Pascoaes.

Eça de Queiroz moldou com ironia e com génio as suas figuras de tragi-comédia ou de missal, de sarcasmo ou de prosa-lírica, toda essa galeria animada de estátuas que observou na vida atravez do seu monóculo, e esculpiu-as em mármore. Ele foi um cinzelador, um burilador e um debuxista da prosa qué, ridicularisando a sociedade contemporanea do seu país, lhe indicou os dois melhores, os dois únicos caminhos a seguir, em «A Illustre Casa de Ramires», continuando em Africa a obra colonisadora da Raça, e em «A Cidade e as Serras», voltando ao seio da terra sua mãi, para prazer e glória dessa sociedade criando a Beleza das suas imagens de santos, que teem o encanto dos vitrais coloridos e das rosaceas rendilhadas das catedrais góticas, das iluminuras decorativas dos missais antigos da Idade-Média, que ela deve amar como as mais belas criações da sua literatura. O herdeiro do seu título de principe das nossas letras é Aquilino Ribeiro, mestre do conto, da novela e do romance, em que a vida estúa e a paisagem reza, a ela rezando, na sua obra, uma oração como só Graça Aranha escreveu nas páginas intensas do «Chanaan», que são, com as de «Os sertões», dêsse genial Euclydes da Cunha, as mais extraordinárias paginas da prosa brasileira.

O facto de Oliveira Martins e Eça de Queiroz serem os dois maiores prosadores da literatura portuguesa do seu tempo e, talvez, de toda a nossa literatura, não é a única razão que me leva a pô-los em paralelo. Ha, para mim, um

outro facto mais importante sôbre o ponto de vista crítico e para o estudo de Eça de Queiroz. Falo da estreita amizade que os ligou em vida e que, a meu vêr, não interessa só sob o aspecto psicológico como tambem, e principalmente, sob o aspecto estético. Porque eu penso que a personalidade artistica de Eça de Queiroz deve ter sofrido certa influência do espirito forte do historiador filósofo e poeta genial que foi Oliveira Martins.

O génio de Eça de Queiroz é mais incompleto que o de Oliveira Martins, pois Oliveira Martins é pensador e artista e Eça de Queiroz é só artista, embora como artista seja superior a Oliveira Martins, talvez por a sua actividade mental ser puramente estética. As suas ideias não constituem conceitos novos pois são apenas o producto duma grande cultura livresca e o seu reflexo. E' êle próprio que, falando de Ramalho Ortigão, de si próprio diz: «Eu era, sou ainda, em philosophia, um *touriste* facilmente cançado, em sciencia um *dilletante* de coxia». Apesar de esta frase ser o resultado da sua modéstia sincera e o seu espelho, ela traduz, embora exagerando, a verdade que proclamo. Que a sua memória perdôe este leve reparo do seu, talvez, mais novo, mas mais fervoroso admirador.

Oliveira Martins é, com Antero de Quental, o poeta filósofo e santo, o maior pensador do seu tempo, que até o próprio Antero de Quental, que é o poeta português mais universal pelo pensamento, como Guerra Junqueiro é o maior poeta nacional, admirava, na sua obra e no seu convivio tão espiritual. Da admiração de Eça de Queiroz pelo artista evocador da «Historia da republica romana», pelo sábio pensador da «Historia da civilisação iberica», pelo crítico profundo do «Portugal contemporaneo», pelo analista poderoso de «A Inglaterra de hoje», por esse polígrafo poeta que foi Oliveira Martins, temos um documento

nas suas páginas sôbre Antero de Quental, que são, com o prefácio de Oliveira Martins aos «Sonetos», a mais béla oração ao poeta supremo da língua portuguesa.

Ambos morreram deixando incompleta a sua Obra, quando novos sonhos de Beleza enchiam as suas Almas, mais próximas de Deus. Quando a morte gelou a mão nervosa do historiador, escrevia êle as páginas de «O Principe perfeito», terceiro poema da tetralogia admiravel que cantaria a segunda dinastia dos reis de Portugal, de que nos ficaram «Os Filhos de D. João I» e «A vida de Nun'alvares». O quarto canto dessa epopeia em prosa seria sôbre D. Sebastião, e pena é que êle o não escrevesse, pois talvez só êsse descendente espiritual de Fernão Lopes e de João de Barros poderia fazer o supremo elogio dessa figura divina que é a maior da nossa história e que António Nobre cantou em versos inferiores ao seu génio. Quando a morte gelou a mão febril do romancista, nesse Paris tão querido do seu espírito e de Fradique Mendes, a cuja memória dedico êstes dizeres, que só para êle escrevi, compunha o seu criador ás páginas do «S. Frei Gil», terceira sinfonia da rapsódia admiravel que cantaria toda uma dinastia de santos da Igreja, de que nos ficaram o «S. Christovam» e o «S.to Onofre», que só Gustavo Flaubert, mestre da minha «Éducation sentimentale», e seu mestre, saberia escrever assim como êle escreveu.

José Osorio de Oliveira.

Lisboa. Dia de Primavera de 1919.

El sarcasmo ibérico de Eça de Queiroz

Lo primero que de Eça de Queiroz leí, siendo un mozo, fué *O Primo Bazilio*. Era el tiempo en que hacía aqui furor Zola. No puedo recordar el efecto estético, de arte, que me produjera. Sólo recuerdo otro efecto. Solo recuerdo que al llegar a cierto pasaje y a una frase que aun, a través de los años, me retintina en la memoria, se me suspendió el respiro. Pero no fué ello pura emoción estética de arte.

Después leí *A Reliquia,* que a ratos me entraba como una espada de hielo en el ánimo. Y, sin embargo, adivinaba que alli debajo latia algun fuego.

Leí después *A illustre casa de Ramires*, cuyo artificio de yuxtaponer dos épocas distantes entre sí—cultivo artístico del anacronismo — se encuentra en *A Reliquia* y en algun pasaje de la *Correspondencia de Fradique Mendes.* Y así el arte se le disuelve a las veces a Eça de Queiroz en artificio aunque esquisito. Se ve la receta.

Pero lo que de él me encantó fué la *Correspondencia de Fradique Mendes.* Libre aqui el autor del cuidado de urdir

y tramar una traza novelesca, se expande más a sus anchas. Esa serie de ensayos irónicos, a las veces humorísticos y hasta sarcásticos, ponen a toda luz el alma portuguesa de Eça de Queiroz, lacerada por las miserias de su patria.

En cambio *A cidade e as Serras,* libro con el que su autor se reconcilió con su pueblo, no me satisfizo. Es un libro de cansancio. Y al arrepentimiento que en él parece mostrar su autor de la fria crudeza con que antes fustigó por amor, por encendido amor, a su pueblo, es un arrepentimiento de atrición y no de contrición.

Se ha comparado a Eça de Queiroz con Anatole France, y he oido muchas veces en Portugal reprocharle a aquel su poco portuguesismo, diciendo que es más francés que portugués. Yo tambien lo créi en un tiempo, mas hoy ya no tanto.

He de declarar que gusto poco, muy poco, de Anatole France. La ironia profesional, ó sea la profesión de ironista, me es antipática. Debajo de ella no veo sino frialdad y egoismo. Jamás he podido admitir lo de que *tout comprendre est tout pardonner.* A la larga no tolero a esos escritores que no se descomponen, que no gritan, que no gesticulan, que no se rien a carcajadas o lloran a sollozos agónicos, que no patalean, que no insultan. Se me dirá que se contienen y que esto es lo aristocrático y lo clásico y lo artístico, pero eso no me convence.

Y esta actitud irónica profesional me ha parecido siempre muy poco ibérica, muy poco acomodada a nuestro temperamento castizo peninsular. Nosotros, españoles y portugueses, nos indignamos y entonces o sermoneamos o insultamos. Nuestra sátira es sermón didáctico y es invectiva virulenta. Nuestro humorismo se disuelve en sarcasmo. Apenas si Cervantes se libra de ello. Y por esto me ha pa-

recido siempre Camillo tan ibérico, tan peninsular, tan nuestro. El encendido, el ardoroso sarcasmo de Camillo me ha llegado siempre al fondo de las entrañas. Y de aquí que haya preferido Camillo, tan desordenado, tan confuso, tan improvisador, tan *primesautier,* a Eça de Queiroz. Hay media docena de novelas de Camillo que jamás podré olvidar.

Pero más después he rectificado, o por lo menos atenuado este juicio comparativo y a favor de Eça de Queíroz. He ido descubriendo calor y calor quemante en el fondo de su ironia; he ido viendo el sarcasmo ibérico bajo la mascarilla de ironia parísiense. Y más en el fondo el trágico pesimismo portugués; el de Anthero de Quental, el de Oliveira Martins... el de tantos otros. No es, no, la superficial filosofia entre volteriana y epicurea de Anatole France; es muy otra cosa. ¿Quien leyendo *A Reliquia* no adivina en su autor un desesperado, un hombre que aunque no cree quisiera creer y llora hacia dientro de si lágrimas de fuego, de fuego que hace cristalizar esas lágrimas en duros y frios diamantes, por haber perdido el secular y único consuelo de haber nacido?

No, la ironia de Queiroz no es la de France. A este — que creo es un solterón — le molesta que sus compatriotas sean como son, y en la *Isla de los Pinguinos* da rienda suelta a su mal humor por esa molestia, mientras que a Eça de Queiroz, portugués y lo que és más, padre de portugueses, le duele Portugal. Cuando de este se burla óyese el quejido. Todo su arte europeo, un arte tan esquisitamente europeo, no logra encubrir su ímpetu ibérico. Se le oye el sollozo bajo la carcajada.

Además es muy dificil volver a leer una novela de Camillo, que es siempre un drama, una tragedia. La anhelante emoción de la primera lectura no se puede repetir. Conocemos la solución. En Camillo, como en las tragedias

románticas, todo es espectativa. Ninguna página nos retiene. Las más intensas, las más fuertes, las más hondas valen por lo que las preparaba y por lo que nos hacen esperar. Mientras que en Eça de Queiroz hay muchas páginas, muchisimas, que tienen valor por sí. Se puede ojear al azar, por aqui y por allá, una novela de Eça de Queiroz. Cada perla del collar tiene valor de por sí. Y es porque no son dramas. Es mas aún, las novelas de Queiroz todas tienen algo de la *Correspondencia de Fradique Mendes,* que no es novela, todas ellas tienen algo de colección de ensayos humorísticos sobre costumbres y tipos portugueses. Y esto de que las novelas de Queiroz sean releibles y no lo sean tanto las de Camillo, es lo que ha hecho que la boga de aquel sea mayor que la de este fuera de Portugal. Su valor emotivo es menor, pero es mayor el intelectivo. Camillo rara vez sugiere ideas; Eça de Queiroz muchas veces.

Y en cuanto a la lengua...

He de empezar por lamentarme una vez más de que se traduzca al español libros portugueses. Las obras portuguesas deberian ser leídas en España en su original como las españolas en Portugal.

En cuanto a la lengua, pasa Camillo por ser el escritor portugués moderno más vernacular, más castizo, con más raices en el pueblo, pero acaso su lengua peca de sobrado exuberante, de poco podada, de algo selvática, y a trechos harto oratoria. De él cabe decir lo que de los escritores españoles en general decía un crítico francés, y es que no son tales escritores sino oradores por escrito. Y cuando dialoga se deja llevar Camillo del encanto del diálogo, de la voluptuosidad de conversar. La lengua de Eça de Queiroz, por otra parte, más ceñida, aunque algo monotona a las veces, es la que cuadra a un tiempo en que hay mucho que leer y poco tiempo para hacerlo.

*

He oido a no pocos portugueses acusar a los de la generación de Eça de Queiroz, a los pesimistas, de haber incapacitado para la acción a los jóvenes que bajo el encanto de sus obras se educaron. No lo creo así, sino todo lo contrário. La desilusión que Eça de Queiroz y los suyos predicaron ha sido madre de más altas y más nobles y más fecundas ilusiones. Eça de Queiroz condujo a su pueblo, como al amigo Jacinto, de la ciudad a la sierra, a una alta sierra de donde se abarca el panorama de la historia. Enseñó la triste verdad y con ello a buscar nuevas mentiras creadoras, a hacernos la verdad de cada dia y la ilusión de la eternidad. El final de *A Relíquia* es característico.

Cuando pasen años los que lean con deleite a Eça de Queiroz comprenderán con que hondo cariño amó a los heroes de que más se burlaba. ¿Es posible sentir mayor cariño y hasta respeto que el que por el P. Salgueiro, esta figura estupenda, sentía su autor? No, no es verdad lo de que *tout comprendre est tout pardonner;* la verdad es que *tout aimer est tout pardonner.* No es comprendiendo, es amando — y aun odiando — como se perdona todo. Hasta el que odia, que es un modo de amar, perdona al odiado asi que satisfizo su odio en él, acaso poniéndole en la picota. Y Eça de Queiroz acabó amando a aquellos tipos a que puso en la picota del más implacable ridículo. Basta leerlo. Ese padre de portugueses escribió con amor. Y por ello, debajo del susurro cosquilleante de su ironía, ruge el áspero sarcasmo que brota de amores, amargos como odios, y de odios dulces como amores.

Salamanca.

MIGUEL DE UNAMUNO.

Eça de Queiroz póstumo

A obra do grande romancista apresenta-se em dois aspectos caracteristicamente diferentes: a sua phase de escalpelisação e de romance e a segunda maneira, ou seja a sua phase de religiosidade.

Eu conheço felizmente toda a obra de Eça. Fallar dos seus romances, dos typos que elle criou, do seu estylo, da sua ironia subtil e inimitavel, equivalia n'uma palavra a apreciar a obra do maior romancista portuguez, embora isto peze a romanticos póstumos e a criticos baloios sem envergadura mental e visão critica. Não contesto que Camillo, um dos maiores e mais geniaes fazedores de livros da nossa litteratura, fosse um romancista regular deixando alguns livros preciosos, onde não existem tipos nem simbolos humanos. Mas d'ahi a concluir que fosse elle o maior, o mais profundo dos nossos romancistas, vae uma grande differença e um grande equivoco. Camillo não fazia romances, fazia livros, alguns decerto admiraveis, onde a sua ironia é culminante de belleza, levando o proprio auctor dos *Maias* a consideral-o «o ardente satyrico neto de Quevedo

que põe ao serviço da sua apaixonada misantropia o mais quente e o mais rico sarcasmo peninsular.» Demais o valor mental deste escriptor é um producto consequente da sua propria individualidade, que fica entre nós como um admiravel caso de transição literaria.

O que mais resalta, anima, vibratilisa as paginas do escriptor e a sua ironia funda, directa, pessoal, d'um sarcasmo que parecia deixar sangue ao adversario para mostrar bem como o feria.

Os personagens do auctor illustre do *Sentimentalismo e Historia* são iguaes, semelhantes, falando a mesma linguagem, esboçando identicos gestos, identicas maneiras, individualidades do mesmo quilate, apaticos, frios, sem que sintam a sua realidade humana.

Sem ambiente artistico nos seus livros, quasi sem paisagem, na sua vasta galeria de romances apressados, apenas os personagens romanticos nelle viviam um pouco a sua realidade ambiente. Portanto em Camillo subsiste o escriptor e quasi que não existe o artista, já que elle ficou na nossa literatura como um admiravel mestre da lingua. Conhecendo-a altamente, classicamente, dando-lhe novos cambiantes, novos aspectos na linguagem e na prosodia, indo buscar termos obsoletos e esquecidos d'uma belleza expressiva, o auctor illustre da novella admiravel que é *O Esqueleto*, das laudas descriptivas do *Eusebio Macario* e da *Brazileira de Prazins*, o novellista culminante das *Novellas do Minho* e d'esse curioso e supremo livro no genero de concepção religiosa que é a *Bruxa de Monte Cordova*, é um alto escriptor, d'um talento poliforme, vivo, sarcastico, vincando bem a sua personalidade illustre n'uma obra que, no seu conjuncto, perante uma critica serena, apenas nos dá uma dezena admiravel de livros onde a lingua portugueza esboçou bem a sua contemporanea belleza

N.° 33 – 29 DE A...

PARODIA

Administrador — GONZAGA GOMES
Administração — RUA DA BARROCA, 115, 1.°

Composição: Min. Peninsular, 111, R. da Atalaya, 118
Impressão: Lythographia Artistica, R. do Jardim do Tabaco, 96

Preço avulso 20 réis
Um mez depois de publicado 40 réis

CARICATURAS DE **RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO**
E
M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

PREC...
Lisboa e prov... 500 reis
... 1$000
... 100
Cobrança p... correio
Africa e...
Vende-se... Jard des Capu-
cines (GR...

A Parodia abre um parenthesis na sua alegria para uma singela commemoração ao glorioso Mestre que passa inanimado, ao involucro do gentilissimo espirito do grande ironista que deixa em paginas inconfundiveis o traço indelevel do seu talento e uma boa parte da herança que recebemos do seculo XIX intellectual.

PAGINA DO JORNAL «A PARODIA»

COMEMORATIVA DO FALECIMENTO DE EÇA DE QUEIROZ

musical, expressiva, equilibrada e d'uma correcta elegancia melodica. Na trindade dos nossos grandes escriptores contemporaneos, Camillo foi o grande alicercista, Eça o grande escriptor-artista e Fialho o mais bizarro descriptor da lingua.

Camillo fica como um grande artista, truncando a belleza da sua obra, por ella ser precisamente enorme em bibliografia, mas não deixou decerto uma obra humana, cuja influencia seja perduravel e cujo valor seja indiscutivel. Os seus personagens, os seus typos, analisados hoje, não são mais do que dolorosas e velhas caricaturas romanticas, da realidade ambiente. Eça pelo contrario, em todos os seus romances criou typos que ainda se encontram hoje vivos, com modificação do scenario — excepção talvez feita ao Padre Amaro no seu cynismo, e a Fradique no seu postiço literario de super-homem moderno. Primo Bazilio, Ega, quasi todos os seus personagens caricaturaes e realistas, o ridiculo do Pacheco e o constitucionalismo do Conselheiro Acacio, vivem ainda, transformados é claro, mas em todo o caso vivem, atravez da sua efabulação.

Nos romances de Camillo perpassa sempre um sentimentalismo piegas, estudado e continuo, tocando algumas vezes o ridiculo, por ser muito artificial. Qualquer dos seus livros o atesta. Eça pelo contrario, influenciado pelas correntes literarias importadas depois de Balzac, então em voga, do realismo naturalista de Flaubert e de Zola, deixou em todos os seus livros transparecer a nudez forte da verdade observada e nitida.

Eça foi um realista. Camillo um romantico de transição. Mas ainda assim, com todos os seus defeitos romanticos, com todas as suas fraquezas de sentimentalista morbido, Camillo, hoje na maior parte das vezes tão mediocremente admirado e criticado por escriptores de logares communs

e d'uma inferior e local visão critica d'arte, teve contudo esta qualidade rara — escreveu como poucos a lingua portugueza. — Não esquecendo contudo esta outra qualidade não menos notavel: era o homem que em Portugal sabia mais termos de dicionario, como o apreciou pouco mais ou menos. Eça de Queiroz, n'uma carta das *Ultimas Paginas*, em que a ironia do mestre é superior de espirito e em parte intensamente justa e precisa.

Um senhor, de nome José Agostinho, no volume infeliz e banal que consagrou a Eça de Queiroz, longe de entrar n'uma critica serena, rodopia sempre em torno d'esta affirmação — «Os livros de Eça de Queiroz são na essencia e quasi sempre até na forma, a corrupção viva.» E mais adiante continua: «Lê-los é descrer da boa linguagem dos nossos avós.» Eça pintou a verdade nos seus livros, segundo o admiravel realismo francez, consequencia do naturalismo inglez? — é um corrupto para a inferior visão do criticoide.

É incontestavel que a linguagem de Eça, longe de ser uma linguagem vernaculamente portugueza, classica, está eivada de galicismos, tem qualquer coisa de afrancezado; mas com estes defeitos a sua prosa é uma prosa linda de belleza melodica, faiscante de ironia, d'uma ironia que só Eça tinha, uma prosa cujo rytmo emballa maravilhosamente.

Fidelino de Figueiredo, na sua resumida e inteligente *Historia da Literatura Portugueza*, apreciando Eça de Queiroz, escreve: — «A lingua portugueza nos seus romances transformou-se, perdendo talvez em purismo, mas ganhando na maleabilidade, em poder de expressão incisiva e flagrante.» Fialho, num supremo artigo de combate, que ficou celebre, publicado na revista *Brazil-Portugal* logo apoz a morte do escriptor, vergasta desalmadamente o artista per-

feito dos *Maias*, porque a sua prosa, longe de ser portugueza, era afrancezada, concluindo que Eça de Queiroz não era um escriptor nacional, mas sim um escriptor internacional e europeu.

Fialho no seu artigo foi violento, desalmadamente violento, injusto e apaixonado. Não criticou, ridicularisou em detalhes soberbos de sarcasmo contundente, a obra do grande romancista morto. Mas as suas affirmações não ficaram sem contestação. Silva Bastos, no prefacio do *Dicionario dos Milagres*, rebateu esse erro tão frequente e sempre continuo na pena inconfundivel e superior de Fialho de Almeida, vendo a obra do grande morto com paixão e flagrante injustiça.

A sua obra como romancista foi sem duvida cheia de defeitos, mas ella tem perdurado e ha-de perdurar. Eça foi um grande artista e conjunctamente um grande psichologo. Alguns dos seus livros teem paginas verdadeiramente soberbas de descriptivo e colorido. *A correspondencia de Fradique Mendes,* como breviario de belleza, por exemplo, contém cartas que são «documentos d'uma prosa eternamente bella, engastando as mais argutas idéas sobre moral, religião, coisas portuguezas, sob aquella subtilissima ironia, que ainda ninguem no mundo igualou.»

Vae nesta frase alheia e justa todo o seu elogio, mas decerto o seu proprio valor reside na sua obra inconfundivel e unica entre nós.

Eça, que em toda a sua obra ridicularisou, satirisou e prostituiu, teve tambem a sua phase de religiosidade.

E não foi só elle. Junqueiro, por exemplo, esse genial e deslumbrante creador da *Patria* (já entrevista atravez a visão negativa de Oliveira Martins na *Historia de Portugal* e cujo symbolo e motivo tem uma grandeza ao mesmo tempo satirica e shakespeareana, pela maneira como previu a

nossa ruína moral) o demolidor, emfim, de *A Velhice do Padre Eterno*, escreveu a *Oração á Luz*, onde em pureza de verso ha pureza de idéas espiritualisadas. As primeiras poesías de revolta de Anthero deram depois logar á tragedia humana, dolorosa, culminante e genial dos seus sonetos, constituindo em conjuncto um dos maiores dramas intimos e um dos maiores livros de todo o mundo.

Depois da revolta ha sempre um esboço de perdão e de contraste. Gomes Leal, o auctor do *Anti-Christo*, publica actualmente poesias religiosas. Já na *Cidade e as Serras*, o grande artista deixa transparecer uma maneira diferente, uma prosa mais vernacula, mais portugueza. A ultima parte do livro tem paginas que são um encanto. Mas a obra que ha-de ficar para apreciação da sua nova phase, é sem duvida as *Ultimas Paginas*, publicadas postumamente.

Consta de tres narrativas de Santos: S. Christovam, S.to Onofre e S. Frei Gil. A primeira d'essas lendas, S. Christovam, é na verdade a melhor, onde a linguagem attinge simultaneamente mais simplicidade e mais perfeição. Tem trechos que fazem lembrar Bernardim Ribeiro e Rodrigues Lobo, pelo descriptivo quinhentista. Longe dos seus francesismos, da sua ironia, Eça nesta obra póstuma «vendo a vida d'uma culminancia extrema, tomado de vertigem e comoção religiosa, affirma, ama, reza, perdoa e resgata.»... escreveu algures Jayme Cortezão. Eça, nas *Ultimas Paginas*, resgata-se dos seus anteriores defeitos, do afrancezado da linguagem. Vem da *Illustre Casa de Ramires* a sua contricção artistica quer na lingua, quer no motivo, quer no conjuncto, quer no perdão que o seu genio tem pela terra patria na longa ecloga christã dos campos, que o seu estylo descreve n'uma serenidade contemplativa de ode latina. É o seu perdão a tudo que o desdem e a ironia corromperam quando o artista, a esboçar

um sorriso fino, em tudo punha o traço agudissimo da graça gauleza, perante o palco onde a sua galeria de palhaços vinha agitar um mundo doente, torpe, pequeno ante as ideias e os factos, ante a belleza e o coração.

Da *Illustre Casa de Ramires*, o seu mais completo trabalho no romance, aquelle onde os tipos mais realçam e mais vincam e a paysagem parece soffrer com os seus personagens nas suas dores e nas suas alegrias, paysagem pulchra de tonalidades verdes, em que a côr tem a sua graça olympica de fausto e de maravilha, vem a sua religiosidade a fundamentar-se na *Cidade e as Serras* onde o artista, perante o problema da felicidade, pinta o barulho febril e supremo de Paris, a cidade babylonisante, onde a vida é o minuto que surge e logo sucumbe, inutil e constante sempre, e o regresso á serra n'uma viagem ironica de graça e tortura, até que o scenario virgem da paysagem, põe ante os personagens da sua efabulação todo o seu encanto e toda a sua maravilha.

Perante o problema da habitalidade e da felicidade mais moral do que material que o homem precisa para a sua existencia plena de dôr pensante e de dôr moral, o artista estuda o problema do egoismo, que na cidade vive bem o seu imperio. Deante de tantos seres, indo atraz da sua propria vontade, tudo é frio, indiferente, e injusto, para com o desacompanhado. Esse personagem bem tipico do Zé Fernandes, atravessando a obra com a sua individualidade serrana talhada e aperfeiçoada pelo ambiente e pela correcção citadina, só, na cidade, ante o bulicio conjuncto da mesma cidade, nella mergulhando o seu tedio, a sua consequencia funesta, assim pensa e desta forma medita: —«Bem certamente estava ali como perdido n'um mundo, que não me era fraternal. Quem me conhecia? Quem se interessaria por Zé Fernandes? Se eu sentisse fome e o con-

fessasse, ninguem me daria metade do seu pão. Por mais afflictivamente que a minha face revelasse uma angustia, ninguem na sua pressa pararia para me consolar. De que me serviriam as excellencias da alma, que só na alma florescem? Se eu fosse um santo, aquella turba não se importaria com a minha santidade; e se eu abrisse os braços e gritasse ali no boulevard — «Oh homens, meus irmãos!» — os homens, mais ferozes que o lobo ante o Pobresinho de Assis, ririam e passariam indifferentes. Dois impulsos unicos, correspondendo a duas funcções unicas parecia estarem vivos naquella multidão — o lucro e o gozo. Isolada entre elles, e ao contagio ambiente da sua influencia em breve a minha alma se contrahiria, se tornaria num duro calhau de Egoismo».

Era a lucta do desamparado e do forte que reflecte e sabe pensar e achar o caminho da salvação. Era o egoísmo convertido em lema oficial e colectivo a ferir o instincto daquelle que naquelle meio sabe ser forte e reflectir na sua força moral.

Inicia então Eça de Queiroz a sua maneira contricta, intima, em que o seu sorriso emudece a ironia suprema e a propria mascara avelhentada, fixa na tela de Columbano, pinta o mestre numa atitude serena, de crença, perante o novo caminho da sua alma, vendo agora as coisas apenas pelo seu destino ou pela sua beleza, como um mistico vendo um crepusculo moirisco de sangue e rezando á ironia do sol morto e moribundo, ou como um religioso amando a crença intima do seu coração, já alheio ao mundo e só d'ele recebendo carinho e suavidade e beatitude. Estava pois aberto o caminho para a obra mais sentida, mais culminante, mais intensa de Eça, as lendas dos santos, que na *Cidade e as Serras* annunciou para o fim, para o remate su-

premo da sua obra — uma nova e sentida fase de religiosidade e perdão, a indulgencia de quem ama intensa e fundamente a terra que viu e acarinhou a sua infancia anónima.

Esta phase teve o seu apogeo, a sua culminancia definitiva com a publicação das *Ultimas paginas,* afirmação mais alta d'um grande estilista e d'um grande psicologo, descrevendo numa linguagem de himnario religioso, ou n'um estylo arrancado ás laudas do *Flos Sanctorum*, a tragedia dramatica dos santos, vivendo atravez da sua crença a heroica beleza das suas vidas, plenos de conflicto moral e simbolico. Era a verdade a pôr-se enternecidamente ante os olhos maravilhados do artista. Era o perdão a tomar na sua prosa a attitude serena d'um fio de reza tenue e enferma, em labios frios de freira adolescente d'uma virgindade supliciada, amando o mundo pela contricção da sua ardente e macerada mocidade, que vai cahindo pouco a pouco em crepusculo. E assim nos vem *S. Chistovam*, a mais completa narrativa, a mais descriptiva, a mais perfeita, e talvez o seu mais ordenado, sereno trecho de prosa; a seguir o *S.to Onofre,* trecho intenso, dramatico, maravilhoso, flaubertiano, em que o artista atinge atitudes dolorosas, fantasticas, admiraveis e culminantes e o descriptivo esboçado do *S. Frei Gil,* a caminho da sua perdição, pactuando com o diabo e por ele perdido.

Referindo-se á primeira d'estas lendas, escrevia Eça de Queiroz a um amigo, que achava a lingua portugueza quasi insuficiente e incapaz para a descripção de certas passagens, que a elevação d'esse assumpto lhe sugerira já que àquelle conflito de bondade queria dar um simbolo eterno. No *S. Christovam* descreve-nos Eça a vida simples e pacata d'um velho rachador, vivendo n'uma tosca cabana com sua mulher, uma vida de ecloga christã, bem serena e bem limpida, mais serena e mais quieta do que uma tarde de infan-

cia já morta. O velho lenhador trazia na alma uma grande tristeza e tinha na sua vida um grande vacuo — a falta d'um filho.

Mas um dia, córando o seu rosto de santa, a boa companheira, entre chorosa e alegre, disse-lhe ao ouvido, n'um murmurio de mêdo, que brevemente elle seria pae. A transformação brusca que se opera nesse bronco rachador, as suas alegrias e os seus sobresaltos, só um espirito fino de alto psicologo o poderia descrever com tintas fulvas ou doces. Eça, nessa parte do seu conto, foi grande e foi inimitavel.

Nasce o filho, o S. Christovam da lenda. Porém, longe de ser um filho risonho, robusto como um anjo de Fra Angelico, sahiu uma creança disforme, horrenda, um pequeno gigante mal movendo as mãos longas e os pés inertes.

Os primeiros tempos da sua infancia passou-os n'uma insensibilidade desconhecida, n'uma inercia apavorante. Todos os dias, a todas as horas, o mesmo socego, a mesma tranquilidade, a mesma inercia, davam ao seu corpo uma atitude presa de somnambulo. As vespas mordiam-no e ele nem sequer movia as suas grandes mãos de gigante precoce.

O Christovam da lenda era uma criança na idade e era gigante no corpo, e esta anormalidade desgostou de tal maneira o bom lenhador e a sua companheira, que a pouca distancia um do outro, morreram socegadamente, como aves enfermas a um frio de inverno, todo vestido de neve. Christovam ficou orfão e só, mais só do que um cipreste numa paisagem erma. Contemplando dia a dia os mesmos sitios e as mesmas paisagens, a sua velha cabana, o gigante tinha nostalgias indefinidas, desejos incertos d'um incerto além. Uma noite um grupo de ladrões assaltou-lhe a cabana e emquanto ele dormia profundamente, levou tudo o que poude—rou-

pas, moveis e mantimentos. Ao acordar na manhã seguinte viu-se tão só, que, olhando pela ultima vez a cabana, foi pelos campos fóra.

A vida foi-lhe então vagabunda e triste. Serviu como criado n'um mosteiro, foi escravo, trabalhador, e um dia juntou-se a um bando de servos seus irmãos, que, andando em guerra com os seus senhores, pediam pão para matar a fome. Christovam acompanhou-os levado pela magnanimidade da sua boa e enternecida alma, com ternuras de menino e gestos de heroe, triste como a alma de um mendigo e doce como a fé d'um rabbi nazareno.

Proximo d'um castelo, houve uma vez uma escaramuça entre os esfomeados trabalhadores e os homens d'armas d'um forte senhor. Ao primeiro encontro, homens e mulheres, velhos e creanças, cahiram por terra, ensanguentados e chorando. Então Cristovam, n'um arranco de enthusiasmo e de amor pelos seus eguaes, vendo que estes fugiam, com um velho tronco de arvore que as suas mãos de gigante arrancaram do sólo, intimidou os homens de armas como um phantasma.

A descripção de Eça attinge aqui proporções verdadeiramente supremas de colorido e realidade descriptiva. A suprema culminancia alliada á suprema verdade descriptiva, deram a esse painel movimentado, um cunho inimitavel de beleza e enternecido carinho pela lingua. Depois, mais tarde, o bom gigante, já velho e adoentado, passava animaes e caminhantes d'uma para a outra margem d'um rio, substituindo uma velha ponte que tinha apodrecido. Chegou a passar touros, tal era a sua força herculea. Mas uma vez, quando todo elle era já um marmore de senectude, e a corrente era grande, appareceu-lhe um menino, que lhe pediu o levasse a casa de seus paes, lá para a outra margem. O bom Cristovam levantou-o nos braços, mas ao atraves-

sar a corrente, sentiu-se tão fraco, que ia quasi a abandonar a creança que suplicava, que suplicava sempre, o levasse, lá longe, lá longe, a casa de seus paes! E ao chegar, tonto, exausto, bamboleando os musculos largos, ao outro lado da margem, cahindo inanimado, reconheceu n'esse menino o bom Jesus, disfarçado n'aquella creança, que o levava subtilmente para o céu distante.

*

A narrativa acaba assim n'uma suavidade religiosa, maguada e serena. O mestre corrobora o seu inicio de Arte. Começa por dissecar a frio, para acabar por fim amando os personagens das lendas com um sorriso amantissimo. Assim o genial creador d'essa satira intensa que é «A reliquia,» agora tomado de ternura, acompanhou S. Cristovam como um guardião acompanhando um anjo, n'uma alegoria hieratica, pela vida adeante, e n'ella tomando cuidado e por ella amando e soffrendo. S. Cristovam atinge as proporções d'um simbolo eterno. Não é já no trecho do Artista o Santo que caminha entre maguas e torturas, entre incertezas e pezares, a sua vida dolorosa de fé e de caridade, e gigante, pleno de força, herculeo, ciclopico, não se serve da sua força senão para acariciar os fracos, os que o destino enfermou e a quem fez engeite. Cristovam batalha, soffre, labuta sempre, exalça a sua fé e a sua força, levanta medos e admirações, arrasta os seus passos, para quê, com que fim? Com um fim religioso decerto, mas que pode e deve ser social, mais ainda do que humano. Elle é bem o simbolo da revolta pacificada, para quem o mundo é cheio de duvida e de malquerença. E assim caminha o seu corpo de gigante, mais pacifico e inofensivo do que um perro domesticado e brando, mais fraco do que uma creança

doente e aleijada, mais humilde até do que os pobres viandantes, que de barbas talmudicas, pelas estradas ermas, esmolando a luz e a bondade dos semelhantes, põem no roxo cahir das tardes, cheias de crepusculos incendiados, ás voltas dos caminhos, discos esboçados para a grande aguarela do crepusculo agonico (vinde vós, vinde vós pintá-lo, ó Artistas enternecidos da tinta!) que ninguem ainda poz em tela extensa, ou em painel extatico, decerto.

Cristovam ama, soffre sempre, realisa bem a sua fé contricta e por isso é eterno como simbolo. Mais do que religioso o destino de Cristovam é humano, desvairado de ternura funda, social. O que o Santo soffre é o resumo de todos os que soffrem, os que amam, os que batalham pela felicidade inutilmente. O que o Santo realisa n'essa vagabundagem de ternura e de servidão, é o destino de todos os que erram, de todos os anonymos, os perdidos, os ignorados.

Nas paginas em que o genio de Eça de Queiroz descreveu o combate entre os esfomeados trabalhadores e os homens d'armas d'um forte senhor, a sua prosa é intensa, plena de dramaturgia e vigor, elastica, castiça, doce, e cheia de tinta descriptiva, tinta que se anima e cria realidade, expressão, verdade pictorica, portanto.

Cristovam quando acode e acompanha os seus eguaes, por elles combatendo, ao ver mulheres e creanças desnudas de pés, pondo na terra o seu sangue suplice e inocente, ergue-se como um phantasma, e aquelle gesto tão nobre é o gesto resumo de todos os oprimidos, aquelles a quem o destino só dá o mal e a dor contínua. Então Cristovam surge, surge como um Deus, mais humano do que um heroe e mais belo do que um sacerdote ou um bispo mitrado de oiro e de joias. E' então que elle toma as proporções d'um simbolo eterno e social. É a razão contra o despotismo. É

a dor humilde contra o bem estar. É a voz da força contra a voz do fogo e sangue que sobre a terra marca esse cemiterio de momento, é a ara onde nasceu o culto pagão da força, do bom Cristovam gigante e manso, arrastando os pés enormes e as mãos grossas, e levando nos olhos humildes uma eterna sombra, incerta e nebulosa... Cristovam foi só, foi orphão, foi abandonado—e triste do seu destino, insensivel á vida depois que os ladrões lhe levaram tudo, deante do mundo, insensivel tambem, só com a sua vontade e a sua bondade, começou a ser peregrino e romeiro errante. Mas a mão de Deus, a sua mão guiadora e amiga dos humildes, acompanhou-o sempre. Cristovam foi martir para elevar, para realçar mais a sua santidade, visinha já da vida eterna, que Deus lhe destinava. Foi escravo, conheceu o mal, a desgraça, a perseguição, a infamia, o ultrage e a inveja. Passava acossado como um mastim cheio de pustulas, n'um caminho berrante e alacre de romaria, n'uma hora de sol esparso e tenue, mais rubro do que sangue volatil. E assim soffrendo, ià creando no seu intimo a razão que lhe guiava os passos. Era a santidade a ensinar-lhe o destino, os seus gestos, os seus passos incertos. E quandoCristovam, já velho, incerto e tropego, passava animaes e touros, substituindo uma ponte, no fim d'uma existencia tão heroica, trazia n'aquella senectude o mais belo dos simbolos humanos—a lucta pela bondade. Deante do conflicto com o mundo, elle conheceu bem os homens, conheceu o mal, a maldade, e a dor, o seu melhor brazão intimo, intensamente justo. O seu elmo era a bondade e junto aos escravos parecia o proprio Deus vindo á terra transmigradamente, no corpo enorme d'aquelle gigante, a crear para nós as attitudes inesqueciveis d'um simbolo religioso e ao mesmo tempo universal. A dor foi maior do que em Job, mais dolorosa do que em todos os simbolos que a his-

toria, a mythologia greco-latina e a tradição trouxeram até nós. Maior do que Hercules e Anteu, maior do que a propria razão, Cristovam viveu a sua existencia a realisar plenamente a bondade, cristão inconsciente, amado pelos humildes, temido pelos fortes, mais contricto do que um escravo religioso e mais forte do que um gladiador heroico. Elle foi bem o anjo da guarda dos fracos, e caminhando tropego e disforme, a sua alma no fundo era superior e luminosa como a de um Deus e bondosa como a alma d'uma mendiga, cheia de farrapos e por elles vestida, que sente na mão fria, hora a hora, a esmola dos homens convertida em dadiva humana universal e augusta. O simbolo de Cristovam acho-o mais humano, mais resumo de nós proprios, mais sintese da dor universal, do que se Cristovam fosse apenas um simbolo religioso, um pouco martir S. Sebastião, mais gigante e mais belo, mais resignado e mais culminante. É todo o arranco da vida a tomar expressão revolta, carinho, fé e beatitude, nos seus braços inegualaveis, que tem sempre um auxilio á fraqueza e são sempre bondosos, abertos a toda a inopia dos pobres, dos oprimidos, dos anonymos e dos humildes, mais humildes ás vezes do que uma paisagem mendiga, sem horisonte, sem vegetação, sem arvores e sem beleza. Depois Cristovam, no fim da sua accidentada róta pelo mundo, crê na eternidade e lá fica portanto a velar, estatuado, como um marmore doloroso, em que o corpo mudamente confessa uma vida de combate e de vigor intenso, incessante e forte.

Nasce então a alegoria. Uma vez, junto a uma ponte, como a corrente era agitada e medrosa e as ondas tinham impetos escravos de revolta, appareceu ante a sua bondade, um menino solitario e mendigo, que lhe pediu a medo o levasse a casa de seus paes, que era bem longe, bem longe, para o outro lado da margem. S. Cristovam tentou levá-lo e

caminhou e fez um esforço gigantesco, admiravel! E de tentativa em tentativa, já sem animo, ao tentar dar o ultimo arranco, elle que fôra tão forte, sucumbindo, para levar esse menino perdido lá longe, lá para muito longe, reconheceu ao cerrar os olhos para o mundo, que esse menino tão fragil nas suas grossas mãos era o menino Jesus, que o levava para o céu em agradecimento da sua vida contricta de fé e de bondade. Eis aqui bem nitido o simbolo que Eça quiz dar ao personagem. Deus deu-lhe a razão para a eternidade e Cristovam ficou um santo eterno, tendo na existencia uma biographia enorme de beleza religiosa, a realisar o verbo augusto de Cristo, perdido em vão entre o egoismo humano, frio, como a lamina d'um punhal virgem de crimes. Cristovam depois de combater e amar, depois de soffrer assim, realisou inconscientemente um dos maiores simbolos—a eternidade. Mas o seu simbolo mais alto é decerto a sua existencia tumultuosa, isto é, a sua tortura, a sua dor, considerada então em si, sintese de toda a dor humana. S. Cristovam é pois ao mesmo tempo um simbolo humano, religioso e social—melhor, intensamente, humanamente doloroso. E Eça de Queiroz, como um monge letrado, escrevendo á labareda do seu sonho uma creação cristã, foi n'este trecho inegualavel, enorme, deslumbrante.

*

No S.to Onofre, esse episodio tão flaubertiano, Eça descreve-nos a vida de um santo, que procurou um deserto para n'elle com resas e penitencias conseguir a salvação da sua alma. Isolado do mundo, tendo apenas a uniformidade triste e o azul sereno do céo, a suavisar-lhe a monotonidade doentia do deserto, o velho Onofre passou verdadeiros tormentos! Appareceram-lhe visões, visões varias. Vie-

ram doutores e sabios para o convencerem a abandonar a religião christã.

Via, nitidamente via, nos seus sonhos, mesas floridas com doces, iguarias, vinhos finos, piteus saborosissimos. E em tudo isto elle via o diabo, a perseguição do Diabo! Redobrava de penitencias e resas. Mas em vão. Depois vinham mulheres luxuriantes, tentadoras de carnação e volupia, que lhe estendiam os braços roliços e os seios odoriferos! E Onofre passava horrores, implorava a misericordia do Senhor!

Vinham-lhe tentações do poder, coisas do Demo. Até que o santo abandonou o Deserto, o seu horto de pedras, e amparado ao velho bordão, barba talmudica de romeiro, veiu para as vilas e cidades. Uma mãe, ao vê-lo, pede-lhe que lhe salve o seu filho.

Elle póde, elle é santo! Fez-se o milagre!

E o velho Onofre encheu-se de vaidade, d'um orgulho indomavel! Ha então na lenda o combate entre o orgulho e a santidade do santo. Julgou-se perdido nas mãos de Satan.

Mas Jesus salvou-o, levando-o para o céo!...

*

Em S.to Onofre ha a grande lucta entre o orgulho e a vontade, uma lucta titanica, allucinante, macabra e quasi sinistra. Onofre, perdido no mundo, saciado da carne e do prazer, de tudo o que é supremamente consolador e divinizante, de tudo o que é profano e excita, procura o deserto como uma salvação para o seu mal intimo, labareda accesa no seu peito que depois toma a attitude macabra e doida d'um incendio. No deserto, alheio ao mundo, tendo só ante si a montra dolorosa, elysea e cristã do céu, onde as es-

trellas entretinham o seu adagio de oiro tremulo na grande camara ardente da noite e das sombras, Onofre, o solitario, em tudo via o pecado a tentá-lo de novo, a tentá-lo perdidamente, roubando-lhe a salvação e a fé que o haviam de redimir. Vieram doutores, vieram sabios de longe a convence-lo. Debalde, debalde sempre, porque Onofre, perdido entre o seu deserto, vivia como a chama de um lampeão, agitada pelo vento, sem fixidez, sem atitude certa, agitada, a mover-se sempre. Era a inconstancia. Depois é a visão profana das mulheres, das amantes, da carne, do vinho e do prazer. Ante a sua fé surge sempre o mundo, funambulamente, profanamente. E o pecado faz com que nos seus sonhos de alheio ao mundo, mulheres desnudas lhe extendam os braços cor de rosa-exangue, coleantes como serpentes, cujo veneno fosse apenas o prazer. Em tudo era o Diabo impenitentemente a tentá-lo para a perdição, porque ante o seu deserto, ante a sua propria vida, alheia ao mundo, era o mundo que lhe aparecia sempre, allucinadamente, perdidamente, como uma visão lasciva de harem, iluminado e feerico, deslumbrante e tentador sempre, minuto a minuto, hora a hora. Surge então a lucta dramatica entre a razão e o instincto. Entre penitencias e rezas, entre os suplicios a que o seu corpo se sugeita, o seu credo profano na vida surge continuamente. E' a perda certa da sua fé recente. Elle soffre por Deus, decerto, e as suas rezas são fundas como abysmos e continuas como a noite, ante seus olhos perdidos na fé que o illumina e que tanto conheceram, sentiram e amaram o mundo. O S.to Onofre abandona então o deserto e vem para a cidade, para a vida. Quando lhe supplicam que faça milagres, o santo não confia em si para os fazer, mas uma mãe pede-lhe com ardencia que lhe salve o filho!

— Elle pode !—Elle pode, elle é santo, divino, no aspecto,

as suas mãos hão de fazer milagres — rogava com amor doloroso a velha suplicante.

No seu intimo o orgulho e desvairado, quente, fulvo como se tivesse um incendio no coração. Era o milagre a surgir ante S.to Onofre, outra vez profano no seu orgulho intensissimo. Satan, o Diabo, queria-o perder, perder na sua fé illuminada, sabendo-o ido para o deserto, para se salvar das delicias do mundo, que tanto conhecera e amara, no prazer, na carne que violara e beijara, no amor, no deleite e na mulher. Ha a salvação! Jesus deu-lhe carinho e amparou-o! E Santo Onofre realisou e viveu o seu destino, a sua salvação concebida e tentada, n'esse deserto tão amplo e tão ermo! O espirito eleito de Eça, já então conhecedor do descriptivo anatoliano (digamos assim) tão equilibrado e tão sèreno de imagens e de aspectos, tem n'esta narrativa paginas assombrosas, inegualaveis, e atinge atitudes d'um dramatico fóra de toda a sua obra anterior — fazendo mover ante si uma vasta baixa comedia de viciosos caricaturaes, de figuras ambientes prezas á vida por um lado real e frivolo de mais, e de ridiculos de coluna vertebral hirta a pretenderem ser humanos e terem humana beleza simbolica e humano orgulho! Santo Onofre é a narrativa em que o lado dramatico tem simultaneamente o seu auge e a sua perfeição.

Eça estudou bem a lucta do orgulho contra a razão. Santo Onofre é bem o simbolo da duvida, o marmore religioso do orgulho rebelde, amando de mais a vida profana, para esquecer e amar o suplicio, a reza, a idéa de Deus, o céu enorme — bem longe da sua infancia, dos corpos que amara, dos corpos que beijara. N'essa lucta fanatica, Satan não venceu Deus, antes foi a idéa de Deus que venceu Satan, salvando o Santo Onofre e fazendo, creando assim um grande simbolo de orgulho a quem a mão sobrenatural

do destino religioso salvou da perdição e da vaidade. E' um grande drama subjectivo e intimo que a personalidade de Santo Onofre sintetisa na sua vida de contricção e de remorso, de alheamento e de sensualismo, vida intensa, cristã, rebelde e profana, simultaneamente!...

*

A lenda de São Frei Gil, incompleta, é a velha lenda de um santo portuguez que pactuou com o Demonio. Vivia n'um rico solar feudal, com seus velhos paes. Era o enlevo d'aquellas gentes.

Aprendeu a manejar as armas, a lança, a bésta, o dardo, caçava quasi sempre só, pelos montes, mas Gil tinha o desejo de aprender, ir para as Universidades tão acreditadas então.

Partiu um dia, confundindo as suas lagrimas com as dos velhos paes e foi caminho da França, com um bom escudeiro. No caminho encontrou um fidalgo, que tambem ia aos seus estudos, mas com o fito de estudar as Artes-negras. Convenceu Gil a acompanhal-o.

Abancaram n'um amigavel jantar. E termina aqui esta lenda, infelizmente incompleta.

De toda a lenda a scena do amor do fidalgo com a pastora Solena, a infancia da sua paixão, a sua busca acompanhado pelos seus homens de armas, desde que um dia ao tocar a sua buzina ella não appareça, nem São Frei Gil vira as ovelhas que ella apascentava, as suas anciedades continuas, as suas dores intimas, tudo isso é dado pela mão do Artista, em um descriptivo cheio de côr e de expressão altamente castiço e limpidamente sereno.

Embora truncada, esta lenda realisa tambem o seu mo-

tivo de expressão o conflicto medievo entre as duas verdades — A Razão e a Fé. O nosso S. Frei Gil, considerado o doutor Fausto da primeira Renascença portugueza, através do satanismo da meia edade, é bem o iniciado em coisas profanas e diabolicas, levado de casa de seus paes, através de tentações, de incertezas e de misterios para desvendar a verdade, pactuando mesmo com o Diabo e estudando Artes-negras na Universidade de Toledo, onde, ante os professores assigna o magico pacto que lhe daria todas as felicidades e gosos d'este mundo.

Gil partiu levando nos olhos uma grande crença e um destino incerto, depois do seu amor á pastora Solena, destino que elle mal concebia no satanismo criminoso de desvendar a origem dos seres e o seu segredo, segredo que o demonio lhe daria depois do pacto assignado — agora que elle já tinha posto de parte a idéa de ir estudar medicina a Paris.

O fidalgo que o convenceu a estudar as Artes-negras, era o proprio destino, humanisado n'aquelle companheiro de viagem, a procurar-lhe a alma, diabolicamente — mas no fim da sua existencia, elle renega a sua omnipotencia, quebra o pacto satanico e morre santo, em plena beatitude cristã, na paz e na suavidade extatica da nossa boa e bemdita terra de promissão, decerto eleita por Deus e por elle muito querida. Se Eça não tivesse aqui infelizmente acabado o manuscripto, contar-nos-hia o destino futuro do santo, que o Artista esboçou no seu plano de obra, publicado juntamente com o começo da narração, de envolta com os seus actos profanos e sinistros, até que tornado omnipotente pelo pacto com o Demonio, usufrue todos os gosos e d'elles se cança — e dir-nos-hia a sua vida de camaradagem com o simbolico Satan o roubador sinistro das almas, que o inferno na concepção cristã reune e contém,

no sinistro imperio da morte, por castigo de erros terrenos, e acabando o seu celebre pacto e morrendo em beatitude.

Dos tres manuscriptos publicados com a designação de lendas de santos, é este o mais curioso, e decerto seria o mais belo e sugestivo. São Frei Gil ressae bem como um simbolo, pois que tentando o incerto e a felicidade por intervenção do diabo, veiu a renegar o seu pacto desde que a mulher que ama lhe aparece transformada no esqueleto da morte e deixando para sempre a iniciação nas Artes-negras.

Volta á sua terra e n'ella morre n'um convento silencioso, em um quieto e remançoso vale, em plena santidade, feliz da sua conversão a Deus e certo de que só a sua imagem vale e ampara ao Homem, á ambição, ao goso, ao amôr fragil das coisas profanas que o tentaram e illudiram.

A adolescencia de Gil que Eça ainda poude escrever, é dada n'uma agua-tinta leve de coloridos, imagens e descripções, bem como o seu amôr á pastora, aos livros—até que vae com o seu escudeiro Pero Malho a caminho de Paris estudar medicina. Sahido da sua casa feudal para se tornar um santo e um simbolo e para eleitamente viver a sua eleita vida, buscando sempre a verdade no conflicto entre a Razão e a Fé, através de todo o ambiente medieval.

O estilo é de imagens tenues como um velho romance de cavalarias, que o supremo espirito do Artista moldasse com o seu estilo fluente e sereno, como a agua de um rio entre margens quedas a ouvirem o seu proprio monologo de ondas, no seu caminho errante e continuo. A concepção religiosa de Eça está nitidamente patente em qualquer das lendas, porque em todas transparece a sua nova phase, n'aquella em que a bondade do Auctor se humanisa plenamente, e o seu sorriso ironico emudece e morre e sobre

tudo — almas, caracteres, os Santos, a paisagem, o ambiente e o mundo espalha n'uma enorme benção o seu perdão intenso, ardente e cheio de beatitude, ou de serenidade religiosa, cheia de paz e de carinho.

*

Na *Correspondencia de Fradique* Eça escreveu a beleza convicta do conceito seguinte, que a sua phase postuma documentou bem largamente. Isto é, Eça de Queiroz viu em si a remissão d'um erro e o seu resgate ficou bem patente mesmo nas paginas das lendas dos Santos, em que o seu espirito cristão tem no estilo a doçura tenue, tranquila e quasi mistica d'um sol-pôr de outomno, quando as folhas cahem n'um requiem amortecido, sobre o tapete da paisagem derredor — «Um homem só deve fallar, com impeccavel segurança e pureza, a lingua da sua terra: — todas as outras deve fallar mal, orgulhosamente mal, com aquelle accento chato e falso que denuncia logo o extrangeiro. Na lingua verdadeiramente reside a nacionalidade» e decerto esta superior e admiravel, antes *classica* maneira de ver, bem patente está na sua phase até de aperfeiçoamento de linguagem, que vem desde essa admiravel, suprema e tão pouco comprehendida *Illustre Casa de Ramires*. Esta novela de Eça, a mais completa, e onde o mestre o altamente superior, quer na concepção ideativa, quer na realisação plastica, tem em si nitidamente dois aspectos. A critica ironica á novela historica, que é uma maravilha de descriptivo e de colorido e a efabulação que envolve o personagem simbolico, esse Gonçalo Mendes Ramires, onde decerto um pouco subsiste a personalidade moral de todo o portuguez moderno e superior ao mais da gente, e que o proprio Artista conclue ser Portugal, isto é, ser um pouco

de nós todos (nós, considerados como selecção é claro) através dos seus defeitos proprios e das suas qualidades individuaes. Muitas vezes monologando comigo mesmo, me ponho a pensar, avaliando todo o simbolo humano cheio de ternuras e de incertezas de Gonçalo Mendes Ramires, esse personagem-tipo tão sinceramente nobre na nobreza clara do seu espirito — Quem me dera ser como o Gonçalo, na sua ternura, no seu orgulho, na sua raça, ao mesmo tempo tão forte e tão fraca! — Quem me dera ser como Gonçalo, porque ser como elle, é ser como o proprio Portugal! N'esta novela tão superiormente urdida, onde a lingua e a concepção de Eça começam a ser contrictas e indicativas d'uma nova phase literaria, é n'esta novela que uma noite na sua torre vetusta, pensando na superfluidade da vida, Gonçalo levou Eça a escrever o mea culpa superior d'esta pagina, onde tudo é elevado e luminoso, comprehendido e sentido, com tortura e com certeza intima, e onde Gonçalo Mendes Ramires se comprehende subjectivamente, como se n'um espelho visse toda a existencia que o entediava e a sua vida anonyma, oscilante, onde não imperava nem uma vontade, nem um forte querer.

«Ah! que pêca, desinteressante vida em comparação de outras cheias e soberbas vidas, que tão magnificamente palpitavam sob o tremeluzir d'essas mesmas estrellas! Em quanto elle se encolhia no paletot, deputado por Villa-Clara, e no triumpho d'essa miseria—Pensadores completavam a explicação do Uuiverso; Artistas realisavam obras de beleza eterna; Reformadores aperfeiçoavam a harmonia social; Santos melhoravam santamente as almas; Physiologistas diminuiam o velho soffrer humano; Inventores alargavam a riqueza nas raças; Aventureiros magnificos arrancavam mundos da sua esterilidade e mudez. Ah! esses eram os verdadeiramente homens, os que viviam deliciosas ple-

nitudes de vida, modelando com as suas mãos incansadas formas sempre mais belas ou mais justas da humanidade. Quem fôra como elles, que são os sobre-homens!»

Mas de momento a momento a forma de Eça toma a atitude doce d'um grande perdão contricto. A ironia descriptiva e simbolica como expressão de contraste e conflicto de meios moraes e de ambiente da *Cidade e as Serras*, onde combate essa ruina civilisadora do urbanismo precipitado, continuo e doente, leva-o a realisar tipos inconfundiveis e perfeitos na sua vasta comedia de analyse, que é toda a obra anterior de combate. O realismo ante a phase primeira de Eça, era necessario para o complemento sincero e contricto das lendas. Assim pensando, o Artista realisou n'ellas a sua obra mais propria, mais conceptivamente elevada, isto é, a obra em que o seu espirito creador mais completamente realisou o equilibrio rytmico, musical e terso da sua prosa. A critica desapiedada e persoalissima de Fialho, na revista *Brazil-Portugal*, devia parar, se fosse possivel, ante as lendas, ante as paginas religiosas d'estas narrações, em que a lingua teve por vezes a leveza unica e quinhentista do enamorado Bernardim e tem tonalidades, effeitos, cambiantes e expressões inteiramente novas. A sua reconstrucção espiritual estava já em bom caminho. A sua phase de escalpelisação e analyse devia ter agora o seu contraste de contricção *artistica e ideativa*. Os Santos vem até nós como simbolos eternos, e as lendas que envolvem as suas vidas são para o Artista os ambientes proprios á descripção natural. O seu efeito foi quasi milagroso. A lingua tem crispações, efeitos, cambiantes, que só uma mão eleita poderia fazer n'um milagre. Eça víncou e realisou bem o seu fim. O caminho esboçado na *Illustre Casa de Ramires* veiu através a *Cidade e as Serras*, a ter confirmação nas *Ultimas Paginas*, que ficarão na nossa literatura

como um dos mais sentidos, intimos e supremos livros subjectivos d'um escriptor na phase certa da sua religiosidade ou do seu perdão, para tudo o que atraz de si ficou—idéas, maldades, ironias e torpezas. Eça foi acima de tudo coherente entre a concepção das suas lendas e a sua realisação plastica. O assumpto decerto queria a sua linguagem consequente, e esta realisou-a Eça de Queiroz n'um estilo sereno, de beatitude, atingindo no Santo Onofre a mais bela e culminante das descripções e das atitudes dramaticas de um simbolo. Esta deducção de analyse, que é logica e natural, foi vista erradamente pelo sr. Antonio Cabral, n'um infeliz trabalho sobre Eça de Queiroz, com o retrato do modesto auctor, a servir de ponto final phisionomico a todo o acacismo doloroso e tipico da obra, e onde vamos encontrar sobre as *Ultimas Paginas* um dos mais simbolicos livros de todas as literaturas, e nomeadamente da nossa, estas coisas conselheiraes e d'uma infelicidade suicida—«As *Ultimas Paginas,* em que as lendas dos Santos representam a parte principal e são apenas esboços incompletos, trechos mutilados, que Eça com certeza não entregaria ao publico sem os refundir, remodelar e retocar cuidadosamente, pacientemente, como usava fazer a tudo o que produzia.» E' decerto curiosa a mutilação de inteligencia d'um conselheiro, sobre um ponto fundamental de sensibilidade critica. Decerto o sr. Antonio Cabral queria a *Reliquia* escripta com o estilo do S. Cristovam e o S. Cristovam escripto á maneira do *Crime do Padre Amaro*, para documentar bem o seu conceito primario de Arte, que avalia e critíca a prosa alheia, pelo metodo de João de Deus.

*

Mas a obra de Eça tudo salva, tudo anula e tudo confunde, tal é a sua beleza no conjuncto e a maneira como ainda hoje subsiste para nós, os raros, tão dignos d'elle, como elle o é digno de nós, os seus admiradores conscientes. Ha n'essa obra postuma a sugestão talvez d'uma parte da obra de Flaubert *Trois Contes* e *Tentation de Saint Antoine*, e da obra de Anatole *Thaïs* e *Étui de Nacre*, o Artista inegualavel e sereno pela maneira lapidar, definitiva da sua prosa, mas d'uma maneira geral, esboçadamente, apenas no arranjo classico, metodico da lingua, ou na maneira de realisar a prosa serena, fundamentalmente diversa da sua primeira phase analytica e satirica antes dolorosamente caricatural. A remissão d'estes pecados está aliás defendida d'uma forma absolutamente inteligente e arguta, no artigo o *Francesismo*, incluido no livro que contém as lendas dos Santos, e que de envolta com a *Carta a Camillo*, o *Testamento de Mecenas* e a *Ultima Carta de Fradique* devia estar nas novas edições das *Notas Contemporaneas*, porque obedece ao plano e á maneira d'esse livro de trechos dispersos. N'uma obra de unidade como as lendas, é absurda a visinhança e a companhia d'esses artigos dispersos, que não tem analogia ideativa nem contínua, com o plano fundamental do livro, embora não realisada a parte final do S. Frei Gil. No artigo o *Francesismo*, Eça viu bem que a causa do erro era o proprio ambiente, a francofilia de pensamento, que tudo contamina e apaixona. A sua obra postuma é uma obra de resgate e decerto aquella que o Artista mais apaixonadamente escreveu, talvez com mais intensidade do que nas outras obras, porque as laudas das lendas parecem escriptas com sangue, com nervos, com se-

renidade e confiança. Eu creio muito no artificialismo intimo do auctor do *Mandarim*.

Artisticamente, elle conhecia, via os assumptos; e moldando-os, vestindo-os com a sua ironia propria, realisava-os um pouco contingentemente.

D'ahi nasce o facto de eu considerar as lendas como o livro que elle mais intensamente amou ao escreve-lo, e isto documenta-se bem pela serenidade rytmica da linguagem, que não emperra, nem é forte, nem tem artificios, nem tem francezismos, mas antes é fundamentalmente vernacula, classica, d'um castiço natural e limpido. O Eça postumo equivale ao Eça anterior, se não o superiorisa, porque a meu ver as lendas são a sua obra mais completa e expressiva, e o Santo Onofre, o melhor trecho de pintura, (Eça era um grande pintor) realisado em toda a sua bibliographia, que não é grande nem pequena, antes é intensamente superior, genial e inconfundivel. Demais, o proprio Artista confessa não amar bem, com carinho amantissimo, a obra do seu espirito:

«As minhas obras, essas, não contam mesmo para viver com esse «espaço d'uma manhã» que Malherbe garante ás rosas. Não sei como é: dou-lhes a minha vida toda, e ellas nascem mortas; e quando as vejo deante de mim, pasmo que depois de tão duro esforço, depois de tão ardente, laboriosa insuflação d'alma, sáia aquella coisa fria, inerte, sem voz, sem palpitação, amortalhada n'uma capa de côr.»

Quando o Artista escrevia a um amigo, dizendo-lhe ser de tal maneira grandioso o seu motivo, o S. Cristovam, que temia que a lingua não tivesse recursos precisos para a sua realisação — não realisou o facto de amar entranhadamente a sua obra, a ponto de temer acaba-la com enthusiasmo e beleza? Elle que tanto e tão superiormente tinha a ancia

bizantina da perfeição, do retoque? Ha n'isto, decerto, um fundo de crença...

*

Eça deixou nas lendas o seu testamento de beleza, legando aos sensiveis e aos eleitos o espolio d'um grande espirito, aquelle em que a lingua é mais perfeita e serena, mais castiça e maravilhosa, mais tranquila e mais suave.

S. Cristovam é o eterno simbolo ao mesmo tempo religioso e profano, do forte contra o despotismo, do humilde contra o opressor, do peregrino contra o senhor feudal. É a lucta da humildade contra a força. Santo Onofre é o conflicto latente do orgulho a contrariar a razão da vaidade, a prejudicar o destino e a verdade, até que Deus o salva de Satan e do pecado.

S. Frei Gil é a lenda d'um Santo que deixou o lar, a vida senhorial, para correr atraz do pacto com o Demo, do satanismo medievo, do acaso misterioso—até á remissão final, até á crença eterna em Deus.

Em todas ellas o espirito do mestre pousou a sua religiosidade serena e limpida n'uma prosa embaladora de hymnario, que tem uma doce musica, uma côr sempre esfumada em tons leves, e um rytmo socegado de agua virgem, sahindo d'uma fonte para a vida errante. E em todas aquellas paginas supremas a lingua é harmoniosa e fluida, lembrando na tinta descriptiva fundos de tela religiosa, saudades indefinidas de sonhos já mortos na memoria, no grande painel agitado e tumultuoso d'aquellas biographias tão altamente simbolicas.

Assim a sua linguagem, assim o seu estilo, que é novo, sem aquelle verniz parisiense da primeira phase, que logo embota e estala á primeira analyse justa, ou á primeira tendencia critica.

As lendas dos Santos são um livro eterno (quem o lê, quem tem por elle ternura, carinho, irmandade?...) — decerto o mais completo e o melhor de toda a obra inconfundivelmente genial de Eça; irmão da verdade latente de Zola e companheiro de Flaubert no fervor bizantino da perfeição e do retoque cuidado — decerto o melhor livro de toda a obra de Eça, o *fantasista prodigioso* na phrase de Fialho, esse mago, deslumbrante, sortilego creador de beleza, maravilhoso, pelo espirito e pela forma, Fialho, esse gigante do sonho desfeito logo após o fim, que tanto soffreu para crear e que tão belamente creou para soffrer. O Artista aqui atinge uma beleza deslumbrada e serena, e a sua forma plastica, melódica e pictorica atesta bem, documenta bem, d'uma maneira insophismavel, como o seu espirito ironico perdoou, amou e quiz á sua terra, e como soube cuidar da sua lingua.

E' evidente que cada vida, cada narração de um Santo encerra em si um verdadeiro simbolo. O phantasista carinhoso do *Suave Milagre* deu-nos tres personagens vivendo uma existencia a caminho da divinisação e onde um eterno simbolo religioso perdura e vive sempre. Atravez do S. Cristovam, do Santo Onofre e do S. Frei Gil, o Artista esboçou, realisou e fez-nos comprehender a visão propria dos Santos, qual o seu fim, quaes os seus dramas a exteriorisar, quaes as consequencias moraes e religiosas das suas penitencias, das suas dores moraes, das suas crenças, da sua fé eterna — ponto de vista que muita sub-gente não tem podido comprehender, abstraindo a acção que encerra sempre consequentemente um simbolo, e vendo só o lado exterior e pictoresco da narrativa. Alberto de Oliveira, no seu recente e infeliz livro sobre Eça de Queiroz, paginas pessoaes e incoherentes de memorias, embora não possua visão critica, nem uma analyse sequer esboçada da obra do

mestre, soube no entanto ver com nitidez intima a tendencia dramatica dos Santos — «os seus Santos, S. Cristovam, S. Frei Gil e Santo Onofre, não são estatuas toscas ou mortas de pau ou de pedra, mas seres humanos de que se vê o movimento, se ouve a falla, se comprehendem e resentem contagiosamente as alegrias e as dores.»

Fidelino de Figueiredo, no seu estudo de comentario sobre a obra de Eça na *Historia da Literatura Realista*, depois de inteligentemente ter comprehendido a obra do mestre atravez as suas tres evoluções literarias, vem-nos dizer sobre as lendas:—«Incompletas como estão essas vidas de Santos, nenhum esclarecimento nos fornecem, são simples narrações. E a propria narração é obvio que não podia ser o intento unico do romancista.»

Contra a não visão interpretativa do critico, que aqui falhou redondamente, o que mais vive nas lendas dos Santos é o simbolo da contricção social e religiosa no S. Cristovam, o combate entre o orgulho e a fé no Santo Onofre, e a perversão sortilega, satanica de S. Frei Gil, personagem da Meia-Cidade, até a sua conversão religiosa, o combate entre o profano amôr dos segredos diabolicos e mysteriosos — e a fé que tudo por fim domina e acarinha. Isto é, o escriptor citado, não soube ver, não poude ver, o simbolo das narrações, que são aliaz interpretações simbolicas, nem soube ver o seu estylo, a sua maneira nova e melodica de lançar, realisar a prosa.

Eça, nas lendas, é superiormente, subjectivamente artista quer na concepção, quer na realisação, quer na maneira como nós sentimos não literariamente, mas *humanamente* os santos, cheios de fé e de belleza a dizerem em si proprios o motivo que lhes fez nobres e elevadas as vidas, isto é, o simbolo, a verdade religiosa, que ellas encerram.

As *Ultimas Paginas*, onde Eça postumo nos dá uma ex-

pressão nova em contraste com a obra anterior, documentam bem como o artista tinha desde a *Illustre Casa de Ramires* modificado a sua maneira artistica, para arripiar caminho. Mesmo nas laudas finaes de *A Cidade e as Serras,* onde Jacinto, esse maguado principe da Gran-Ventura, morrendo cheio de tedio no halali, no barulho da grande quermesse viciosa de Paris, farto dos seus dias isocronos, repetidos, vagos, e das noites tão viciosas que tudo abstraem até a propria noite — ha um indicio seguro, terminante, na maneira como elle faz comparticipar a paisagem no romance, fazendo d'ella um personagem moral. Isto é, a paisagem humanisa-se ao convivio dos personagens, acompanha-os, fa-los viver no ambiente, como se paisagem e personagens vivessem a sua irmandade humana e moral. Assim, da segunda parte do livro maravilhoso do fantasista, escreve Fidelino de Figueiredo na sua obra citada: — «ha já muita observação, muita descripção do real, principalmente na pintura dos aspectos da serra, em que o romancista se mostra um paisagista sobrio e flagrante e tambem psychologo, porque não só nos dá a côr e o movimento, mas tambem os seus efeitos moraes.»

Nas *Lendas de Santos* o artista, então, enche toda a paisagem com a descripção real e fa-la viver junto com os santos, quer em toda a movimentação scenica e nómada de São Christovam, quer no deserto fundo e ermo de Santo Onofre, quer na admiravel descripção da viagem de São Frei Gil, sahido de casa de seus paes, depois do seu amor a Solena, a pastora perdida, com o escudeiro Pero Malho, atravez d'uma paisagem soturna, triste e arida, onde os olhos iam já a lembrar extaticamente a terra natal.

Tudo o que o seu sonho tocou n'estas paginas derradeiras, foi por elle amado com carinho, um carinho que muito enternece e muito nos conforta, porque é são e cheio de doçura.

*

Tentemos agora resumir, para mais inteira percepção. Na sua obra postuma, vendo a parte anterior da sua phase de combate e de ironia em que a baixa comedia burguesa e romantica passava em seus livros, ora em torpezas, ora em degradações, aviltamentos e fatalidades, Eça esboçou bem o caminho da sua redempção escrevendo as lendas, livro este que a sub-gente da critica ainda não comprehendeu suficientemente no seu significado.

De ironia em ironia, de farça em farça, na agitada comedia burlesca dos seus tipos quasi todos elles caricaturaes, surge por fim o narrador contemplativo, o psycologo á William James, anotando as vidas dos tres santos, atravez dos seus tramas e dos seus conflictos.

Esta sua obra de complemento vale quasi a revelação genial d'um nome porque criou tres simbolos eternos. Afóra um ou outro trabalho probo, d'uma honestidade logica, não se realisam entre nós estudos interpretativos da obra d'um escriptor ou de determinada obra ou phase d'um escriptor. A maior parte dos nossos escriptores contemporaneos não tem tido um estudo condigno (pelo menos de inteligencia) quer no seu conjuncto, quer em detalhes criticos, isto definindo d'uma maneira dolorosa como a critica ante a sua verdadeira e unica funçâo — a evita redundando no folhetinismo balôfo ou no localismo, d'uma mera noticia bibliografica. A obra eleita de Eça de Queiroz atravez dos seus defeitos, dos seus tipos, da sua beleza e do seu significado é dos maiores documentos de sensibilidade universal e humana a que um escriptor deu fórma. A sua obra é um lexicon de sensibilidade, chamemos-lhe assim. A parte final da sua obra de contricção, que eu filio nas laudas dos santos e que vem já desde a *Casa de Ramires* e de *A Cidade e as Ser-*

ras, documentação genial d'um dos maiores e mais belos espiritos d'uma raça, merece um longo estudo, a fazer ainda. Volvamos para as *Ultimas Paginas* a nossa admiração consciente e o nosso carinho, já que o seu livro postumo é a sua mais surprehendente obra de unidade simbolica, aquella onde a perfeição é quasi absoluta e o seu espirito é mais religioso. Surge n'esta parte da bibliografia do artista, mais do que em nenhuma parte da sua obra, a sua qualidade de pintor e de aguarelista, pois que no equilibrio da sua linguagem o panorama acompanha moralmente a vida dos santos, e parece velar pelos seus destinos como se, personagem moral das narrativas, n'ellas vivesse tambem o seu drama. O escriptor perdôa na sua obra postuma a sua ironia unica e surprehendente enchendo de ridiculo as coisas e os homens. Agora tudo que a sua mão toca é religioso, d'uma bondade cristã e parece que áquelle sopro criador, a vida é mais cheia de beleza e de verdade.

Ante a sua obra postuma a critica tem que ver em Eça de Queiroz um novo artista, d'uma perfeição quasi absoluta e escrevendo para a valiosa bibliografia que nos legou as mais belas, as mais culminantes e as mais subjectivas das suas laudas. Depois do romancista e do ironista gaulez surge o narrador religioso, e o psycologo supremo. E de ironia em ironia, de uma phase de verdade e analyse, a uma phase de contricção e de carinho, o espirito do mestre, mais sereno e mais religioso — veiu afinal a realisar a ambicionada perfeição na sua propria obra—sahida de suas mãos e por suas mãos cuidada.

Lisboa, agosto de 1919.

CORRÊA DA COSTA.

Suave milagre

Num falar saudoso e maguado
como o entardecer de outonal dia,
conta um conto a miséria escura e fria
da mãi, cujo filhinho era entrèvado.

Alguêm disse que um tal, Jesus chamado,
as doenças sarava e as almas lia;
que uma outra vida aos homens prometia...
... E o pequeno a escutar, maravilhado...

— Sarava-me! gemeu. Ah, se Êle viera!
Tam pobresinha, a mãi perdêra a esperança...
... Mas nisto Êle apar'ceu, envolto em luz...

Qual de vós, meus amigos, não quizera
ter a fé ansiosa da criança
que viu um dia a face de Jesus?

O Rabi Samuel.

Eça de Queiroz em Espanha

Na noite de 18 de fevereiro de 1905, celebrava-se no Ateneu Barcelonês, prestimosa entidade de cultura da capital da Catalunha, a sétima conferencia do Ciclo de sessões organisado para tratar das Artes e da Literatura portuguesa. N'essa conferencia tive a honra de me referir a Eça de Queiroz e á sua Obra. Creio bem que foi n'aquella noite que o nome do grande escritor luso foi proferido d'uma feição solemne e largamente desvendado á inquietude espiritual d'um valioso magote d'intelectuaes espanhoes. Eça, até alli, fôra um desconhecido na Espanha.

Essas conferencias do Ateneu Barcelonês, fôram, mais tarde, coligidas e publicadas em dois volumes escriptos em idioma catalão, e que a casa editora «L'Avenç», de Barcelona, ofereceu ao publico n'uma edição popular profusa sob os titulos de *Portugal Artistic* e *Portugal literari.* D'esta forma o glorioso nome de Eça de Queiroz fez nascer um interesse inedito entre certa gente culta do nosso paiz.

*

Já antes, porém, no rapido labor jornalistico, tinha eu falado em Eça. Ao alvorecer o seculo actual, publiquei varios artigos sobre Eça de Queiroz, ao dar a noticia da sua morte ocorrida na sua residencia de Neuilly, no dia 16 de agosto de 1900. Encontrava-me eu, então, em Portugal, entregue aos meus estudos de Direito, preparando livremente o meu curso de advogado. Desde Thomar, a ridente e placida cidade nabantina, eu colaborava em varias publicações espanholas, principalmente catalãs; e lembro-me bem o eu ter escripto sobre Eça de Queiroz, n'aquela epoca, nos quotidianos *La Renaixensa* e *La Veu de Catalunya,* na revista *Catalunya Artística,* e ainda no semanario republicano thomarense *A Verdade,* a cujas Redacções pertencia.

Essas referencias rapidas vincaram no espirito d'um arrojado e popular editor de Barcelona, o sr. Maucci, que descortinou nos elogios que eu prodigalisava á Obra de Eça materia de seguro exito editorial se elle se abalançasse á traducção das mais famosas novelas do Mestre. Infelizmente a lingua portuguesa não era — nem é — nada familiar aos escriptores espanhoes, e, portanto, não era facil, então, encontrar-se um traductor discreto.

É deploravel, realmente, esse pertinaz afastamento dos tres grandes espiritos ibericos: — o português, o castelhano e o catalão. Representa, com efeito, uma sensivel mostra de incultura e defeituoso patriotismo, o facto de portugueses, espanhoes e catalães não poderem assimilar espontaneamente, na genuina expressão do idioma originario, as grandes manifestações da litteratura respectiva. Um homem culto peninsular deveria conhecer familiarmente os tres grandes idiomas ibericos: — o português, o castelhano e o catalão. Mas, arduas e obsoletas razões de politica galho-

feira e medrosa, impõem um razoavel afastamento — ou, talvez, um suicida isolamento — aos tres povos da Peninsula, ás tres almas irmãs, no mutuo receio de que um devorador patriotismo enkistado ou fossilizado no curto cerebro dos mais altos representantes da nossa pittoresca e bruta fauna burocrata — trinque, despedace e engula bonitamente um povo — o mais fraquinho — com a mesma facilidade com que um gôrdo *gourmand* trinca, esfola e devora uma misera banana!

Havia, pois, dificuldade em se arranjar um traductor decente, e o editor chamou-me para me propôr a tradução castelhana das obras de Eça de Queiroz. Comprazeu-me a bella decisão, e exultei com a honrosa espectativa de ser eu — que fiz na Espanha a publica *descoberta* do maravilhoso espirito de Eça — quem intentasse a adaptação das suas obras á lingua castelhana. Fiz ver, comtudo, ao editor as dificuldades e o arrojo que tamanha empresa comportava: — Eça, no seu estilo unico e brilhante, dificilmente póde ser transportado com uma certa decencia literaria a outro idioma, por muito perfeito que seja êste na força da sua expressão e de sua intenção. O estilo de Eça de Queiroz tem um encanto tão grande, que só a lingua portuguesa que elle dominou, forjou e subtilisou soberanamente pode conservar e relêr, como a anfora ou gomil delicado feito d'um barro divino que encerrasse o mais fragante dos aromas.

Todavia, esses devotos escrupulos fôram para o editor beocio rabulices de megalomania literaria.

— Ora diga-me, qual é o mais *fresco* romance de *Eca de Quéiroz* (sic) — inquiriu o editor, gaguejando.

— Ah! Mas, o senhor procura a *frescura* n'esses livros, julgando Eça de Queiroz uma especie de Paulo de Kock vertido ao português? Eça é um escriptor honesto!

— Então, não me serve. Eu julgava outra coisa, pelo que a gente diz, e ainda pelos excerptos que o senhor nos deu das suas obras...

Abalei.

Comtudo, tempo depois o editor investiu de novo o negocio. O seu *faro* mercantil descobria-lhe boa maquia na edição castelhana das obras de Eça de Queiroz. Mas, tambem d'esta vez não conseguimos chegar a um acôrdo. O editor, é, geralmente, em todos os paizes, um animal analfabeto que vive regaladamente encafuado entre montanhas de papel impresso que nunca lê, a engordar cevado com bife d'escriptor ou com canja d'ossos de poeta. O peor é que, cá na Peninsula, os escriptores já não podem oferendar no talho editorial, nem um magro arratel da sua carne comestivel: — por tal forma foram elles sugados e retalhados pela insaciavel editorial voracidade!

O editor das obras de Eça, em castelhano, dava trinta mil réis por cada traducção, o que, em volumes de 400 paginas e tal, — como *Os Maias, O Primo Bazilio, A illustre Casa de Ramires*, e outros, — vem a resultar a menos de dois patacos cada pagina.

— E vá, que o trato de amigo! — disse-me o Mecenas, quando me apresentou esse negocio da China.

Está-se a ver como a riquissima prosa de Eça de Queiroz vertida ao castelhano sae baratisima: um ovo por um rial!

As tarefas universitarias não me deixavam tempo, e, além d'isso, a perspectiva do lucro não era para tentar a cubiça d'um estudante pelintra. Desisti.

— E' tolo! — teimou o editor. — O senhor fazia a traducção n'um *periquete*... Conhece bem o português... e a questão é sair do lance depressa...

E, sempre gaguejando, findou, matreiro:

— Olhe: se tem escrupulos de honestidade literaria, não assigne as traducções... Isso é corrente... Afinal não é o seu nome que me interessa, mas, o de Eça de Queiroz!

Abalei mais uma vez e para sempre.

Passados alguns mezes a casa editorial Maucci publicava *A Reliquia* n'uma edição de 20:000 exemplares. Assignava a traducção o eximio Don Ramon del Valle-Inclán.

Successivamente, e visto o grande exito da primeira tentativa, a mesma casa editora lançou no mercado hispano-americano outras traducções, mutilando de cada vez mais ou menos o original português, dos romances de Eça de Queiroz. Eis a lista completa:

A Cidade e as Serras, traduzida por Eduardo Marquina. Tres edições.

O Mandarim. Versão castelhana anonima.

A Correspondencia de Fradique Mendes, traducção de Juan José Morato.

Os Maias, traducção de Augusto Riera.

O Primo Bazilio, e *O Crime do Padre Amaro,* traducção de Don Ramón del Valle-Inclán.

Além d'isso, n'um volumesinho de contos publicado pela colecção «Diamante», da Livraria Espanhola, de Barcelona, Miguel A. Ródenas traduziu *A Ama, Singularidades d'uma rapariga loira, Adão e Eva no Paraiso,* e *Um poeta lyrico.*

No volume da «Societat Catalana d'Edicións», de Barcelona, dedicado aos Contistas Portugueses, o autor d'estas linhas traduziu em lingua catalã o magnifico conto de Eça *O Defuncto.*

Tambem em Madrid Eça de Queiroz mereceu, posteriormente, uma relevantissima consagração. A prestigiosa Biblioteca «Renacimiento», superiormente dirigida por Gregorio Martinez Sierra, tem publicado dois volumes da pro-

sa de Eça: *Adão e Eva no Paraiso, São Christovão* e *Santo Onofre,* traduzidos honestamente por Enrique Amado. E' d'este ilustre homem de letras, devotissimo da Obra do grande romancista luso, uma esplendida traducção de *O Misterio da Estrada de Cintra,* pulcramente editada pela casa madrilenha A. Beltran.

Do eminente escriptor Pedro Gonzalez-Blanco, muito afoito ás coisas portuguesas, existe em versão castelhana:

A ilustre casa de Ramires. cuja 2.ª edição esmeradissima lançou ultimamente ao mercado a mesma casa editora.

E de André Gonzalez-Blanco:

Paris, traducção dos *Echos de Paris* — Editorial América — Madrid, 1918.

La Decadencia de la risa.—Fragmentos dos volumes *Prosas barbaras, Notas contemporaneas* e *Echos de Pariz* — Biblioteca Nueva — Madrid, 1918.

Anthero do Quental, Victor Hugo y otros ensayos.—Editorial América — Madrid, 1919.

El Señor Diablo — Fragmentos de *Prosas barbaras* e *Notas contemporaneas.* — Biblioteca Nueva — Madrid, 1919.

O sr. Gonzalez-Blanco tem ainda para publicar na Biblioteca Nueva de Madrid, *Prosas barbaras* (edição quase integral do livro de Eça) e *Cartas familiares y billetes de Paris.*

Isso é tudo que eu conheço da Obra de Eça de Queiroz divulgada em Espanha, o que, ainda assim, permite considerar o admiravel romancista como o mais conhecido e apreciado, no nosso paiz, de todos os escriptores portugueses contemporaneos. Mas, apesar de serem essas traducções d'alguns dos mais cotados representantes da literatura espanhola, eu creio que, para maior gloria e prestigio de Eça, os milhares de leitores que as suas obras teem em Espanha deviam esforçar-se por lêr Eça de Quei-

roz no idioma original, para assim poderem haurir, por pouco que fôsse, o aroma delicioso da sua suave e encantadora ironia.

Comtudo, é sempre digno de menção o facto relevante de ter elle penetrado e triunfado no largo estadio do publico hispano-americano, levado pela mão d'alguns dos mais insignes arautos das letras espanholas, dando de passagem fartos lucros aos afortunados editores.

Barcelona, 23 de março de 1917.

RIBERA I ROVIRA.

Uma emenda á «Reliquia»

(Carta a Luiz Fernandes)

Meu caro Luiz:

Como sabes fui, em Paris, o médico da familia Eça de Queiroz. O auctor do *Primo Bazilio* passava, de vez em quando, pelo consultorio da rua de Phalsbourg, por volta das 5 horas, á sahida do consulado, que era então na rua de Berri. Um dia em que se demorou a conversar, vendo, nas minhas estantes, os livros cheios de notas e de autographos, prometteu-me uma carta interessante para o meu exemplar da *Reliquia*. Mandou-ma no dia seguinte. Datada de Cuyabá (Brazil) 10 de junho de 1898, a epistola anonyma, registada no correio, apontava simplesmente um lapso do escriptor, sem guindar a judiciosa observação á petulancia das criticas do famoso Doutor Topsius, autor da *Jerusalem passeada e commentada.*

Envio-te essa carta para que tenhas a bondade de a offerecer, em meu nome, ao Snr. Cardoso Martha, accedendo assim ao pedido de colaborar no livro de homenagem ao Flaubert portuguez. Acceito o honroso convite, mas dou

homem por mim. Sobre a patria longinqua desse imprevisto collaborador do *In Memoriam* direi no entanto duas palavras, que não serão porventura aqui descabidas.

*

Cuyabá, na provincia de Matto Grosso, é uma pequena cidade de trinta e tantas mil almas, hoje capital do Estado. Arraial de tribus selvaticas, em remotos tempos, o seu nome deriva — segundo os etymologistas — de duas palavras indianas «Cuna Abá» (mulher animosa). Ao primitivo sitio sertanejo affluiram, ha dois seculos, os aventureiros europeus, á procura de pedras preciosas e do ouro que reluzia á flor da terra, nas espessas matas circumvizinhas. Mas já a esse tempo eram as abundantes minas auriferas exploradas por paulistas, cujas familias edificaram, n'aquellas paragens agrestes, as primeiras povoações de onde partiram, em destino á côrte portugueza, centenas de canoas carregadas do precioso metal, em diversas expedições.

Os naturaes não viam com bons olhos estes usurpadores audaciosos de suas terras, e não perdiam lanço de lhes fazer grandes damnos.

A's vezes, pela calada nocturna, uma cabilda de indios bravos extravasava dos bosques, aos pulos, e arrasava o povoado. Outras vezes eram as expedições atacadas e massacrados os exploradores nos pantanos, á embocadura dos rios, pelos guerreiros das selvas.

Cuyabá assenta nas margens do rio do mesmo nome, grande affluente do caudaloso Paraguay. Limitam-lhe os horizontes, a norte e leste, alturas de collinas cobertas das mais opulentas vegetações. Comprazem-se os roteiros em louvar a feracidade admiravel do torrão e a excellencia do clima cálido mas saudavel do antigo logarejo brazilico, ele-

vado á cathegoria de cidade por alvará do rei D. João VI, que lhe conferiu as preeminencias de capital em 1820.

Privilegiada estancia! Ouro nas entranhas do solo para a sêde maldita dos homens, seivas exuberando da gleba para a vida prodigiosa das esplendidas florestas.

Da vida intellectual de Cuyabá não rezam as chronicas. E' todavia licito presumir do apurado gosto litterario dos seus filhos, um dos quaes denomina *A Reliquia* — «o livro sublime».

Num pedaço abençoado da terra brazileira, proximo dos sertões incultos — saibam-no quantos se inclinam hoje perante a obra gloriosa do Mestre — vivia pois, em fins do seculo XIX, um amigo perspicaz das lettras portuguezas, devotadamente empenhado no ameno entretenimento de averiguar as phases da lua, durante as peregrinações de Theodorico Raposo pelas terras santas, com a camisa da Maricócas debaixo do braço.

«Não podia ser cheia a lua da noite seguinte...», murmurava o sisudo cuyabense, embrenhando-se pelas moitas balsamicas á hora da sesta e

> «Seguindo os vôos da erradia mente
> «Sob a odorosa cupula fremente
> «Dos bosques, onde os ventos sussurravam,

como, em versos deliciosos, cantava um eminente lyrico do seu paiz.

*

Numa obra publicada ha poucos annos e optimamente documentada, Marie Robinson Wright cita um facto que impressiona devéras e deve ter contribuido para engrossar por esse mundo fóra, a onda de emigrantes, em demanda

da fortuna. Escreve o auctor do *New-Brazil* ácerca da cidade do ouro:

«*So rich in gold is this region that specimens of the precious metal are frequently found in the streets after a heavy rain.* (1)

Em logar de correr aventuras, estouvadamente, na terra do Egypto e na Palestina, para ganhar as boas graças da tia e fazer jus á herança apetecida, porque não foi o ambicioso Theodorico a Cuyabá, sacudir a arvore das patacas? Em duas palhetadas ficava rico, como um Creso, sem precisar de recorrer ao misero expediente de vender cueiros do Menino Jesus para arranjar a vida, depois de ter passado a juventude a ouvir missas e a rezar terços, com o fim de agradar ao estafermo da beata vingativa que o desherdou.

*

No prefacio da *Reliquia* vemos rebatidas, com altivez lusitana, as phantasiosas locubrações do egregio Topsius, que sempre falava com admiração do seu companheiro saudoso da romagem, a quem ficou devendo trinta mil reis. As affirmações censuraveis do doutissimo tudesco eram de natureza a desacreditar o futuro senhor do Mosteiro, perante a burguezia liberal do seu paiz. Merecida portanto a energica contestação do fidalgo.

Não ha vislumbre de irreverencia ou de fatuidade na missiva de Cuyabá, louvado seja o nome dulcissimo de Jeschoua de Nazareth. Por esse motivo, Eça de Queiroz não respondeu em tempo ao seu admirador fanatico e lunatico,

---

(1) Marie Robinson Wright — *The New Brazil, its resources and attractions:* «Cuyabá», pag. 431.

e eu não hesito hoje em legar á posteridade o inedito documento que guardei, durante vinte annos, entre as paginas do delicioso livro «onde a Realidade sempre vive, ora embaraçada e tropeçando nas pezadas roupagens da Historia, ora livre e saltando sob a caraça vistosa da Farça.»

Paris, 10 de julho de 1918.

Teu amigo

J. DE MELLO VIANNA.

Cuyabá, 10 de julho de 1898.

Ao Ex.mo Snr. Dr. Eça de Queiroz

48, rue de Laborde — Paris.

Mestre:

O vosso sublime livro — *A Reliquia* — contem um engano que é o seguinte:

A' pagina 186 da 2.ª edição, no final do segundo capitulo lê-se:

«Recolhemos tarde, quando por sobre Moab, para os lados de Makeros, a lua apparecia fina e recurva como esse alfange de ouro que decepou a cabeça ardente de Iokanan.»

A' pagina 339, desde a ultima linha lê-se:

«Quando nessa noute acampamos em Bethel, vinha a lua cheia sahindo por traz dos montes negros de Gilead.»

A noute a que se refere o trecho da pag. 186 é a do sonho de Theodorico; a noute a que se refere a pag. 339 (principio do 4.º capitulo) é a que se seguio immediatamente ao sonho.

Na primeira, a lua é minguante, porque «apparecia fina e recurva como esse alfange...» e porque o planeta appareceu tarde da noite para os lados de Makeros, que fica ao oriente de Jericó, onde se achava Theodorico.

Não podia pois ser *cheia* a lua da noute seguinte.

Um fanatico admirador vosso.

Eça de Queiroz em Paris

(ALGUMAS RECORDAÇÕES...)

Pedem-me algumas linhas emotivas sobre esse grande vidente da Prosa moderna em Portugal, o super-artista das mais feéricas paginas, esse genial Eça de Queiroz. Conheci-o de perto, n'este Paris hoje sangrando dolorosamente, no meio da maior tragedia de todos os seculos. Chegára da Inglaterra para vir occupar o cargo de consul de Portugal em Paris. Foi, se bem me recordo, o Marianno Pina quem nos pozera em contacto, n'um almoço intimo dos *boulevards*. Depois, estreitámos, mais de perto, mais intimas relações, no seu *bureau* modesto da rue d'Artois, o *rez-de-chaussée*, esquina da rue de Berri, onde estava installado o luzo consulado. Eça, de monoculo, rabona curta, chapeu de côco, um pouco curvado, sorriso levemente ironico á flor dos labios, surgia todas as tardes, por volta da uma e meia para as duas no *bureau*, — com alguns livros debaixo do braço, um maço de provas d'imprensa e os seus dois inseparaveis *Figaro* e o *Times*. E deixando cahir o monoculo, estendia-nos a mão, sempre tão cuidada, perguntando no-

vas de Portugal, que todo o interessava, com uma religiosa saudade...

De vez em quando, nas amiudadas visitas ao consulado, vinha com escritores amigos. Fiz-lhe conhecer Paul Bonnetain, o romancista do *Opium* e do *Charlot s'amuse,* Francis de Poictevin, Paul Verlaine e Léon Bloy. Porque esse curioso espirito, de tão audaciosos themas, esse temperamento ardente, cheio de rythmo e de rubro colorido, era, no fundo, um timido. Não conhecia, para assim dizer, meia duzia de homens de lettras em Paris, não frequentava os cafés litterarios, nunca puzera os pés no *Tortoni* onde pontíficava todas as tardes o chronista Aurélien School, ou no *Napolitano*, onde imperava olympicamente Catulle Mendés.

Eça de Queiroz vivia apenas com os seus livros,—e para a sua familia, n'uma roda toda intima d'amigos, como Eduardo Prado e o Batalha Reis. Mais tarde, o Arruda Botelho, que fundava a *Revista Moderna* onde o romancista tanto collaborou e onde publicou *A Illustre Casa de Ramires*, foi um assiduo da caza de Eça em Neuilly sur Seine.

Infelizmente, estou escrevendo sem notas complementares, n'um modesto quarto d'hotel de Bordeus, ainda combalido da serie d'abalos nervosos que recebi no ultimo mez de Paris,—após as terriveis horas passadas nas *caves,* ouvindo o estampido das bombas dos *gothas* e o uivo sinistro das sereias, entre os tiros de barragem dos fortes. Não tenho aqui todos os materiaes que deixei no meu *appartement* de Paris: as cartas tão encantadoras d'esse artista de raça e sobretudo aquella em que elle, simples e bom, mal agradecia a minha critica aos *Maias* e me falava com paixão do suicidio do Anthero.

D'uma vez preguei um susto a Eça. Foi por occasião d'uma viagem em balão livre que realisei com o senador Cypriano Jardim (Visconde de Monte-São) n'um fim de tarde dominical, em agosto de 1888, desde as Tulherias até além de Meaux, — uma larga passeata de 50 a 60 kilometros. N'essa noite não houve musica nem palestra amena nos salões do Conde de Valbom, que era então o nosso ministro em Paris. O Eça, que em companhia de Marianno Pina, director da *Ilustração,* me vira subir no aeronave do Jardim do Caroussel, ficára muito impressionado e dissera a varios portuguezes:

— Que loucura! Sem nunca terem ainda subido em balão! Só o Jardim é que deve conhecer um pouco a complicada maneira de se equilibrar nos ares. Mas o Xavier! que loucura!

E foi por isso que nos salões do Valbom supplicára para que não tocassem piano. O que nos teria succedido? Talvez áquella hora, eu e o Cypriano, estivessemos em frangalhos, n'algum distante recanto da França, os dois corpos transformados n'uma massa sangrenta, após a queda irremediavelmente fatal e horrivel.

Felizmente nada nos succedera de tragico. Fôra uma aventura banal. E no dia seguinte, no *Riche*, o Eça, n'um almoço intimo, pedia-me para lhe contar com todas as sensações, o relato do nosso passeio aereo, entre os telhados de Paris e as estrellas. Foi o Pina quem fez a chronica da aventura n'um trecho alegre de prosa, nas colunas do *Reporter*, a folha de Oliveira Martins, orgão lisboeta dos *Vencidos da Vida.*

Eça de Queiroz era sobretudo d'uma extrema bondade. Ao Consulado da rue de Artois vinham amiudadas vezes

alguns lusitanos bohemios, sem eira nem beira, pedinchando... E o Eça dizia-lhes sempre:

—Irra! isso já chega a ser uma grande pouca vergonha! Ainda lhe dei ha tres para quatro dias uns dez francos e você volta de novo a reclamar, inventando historietas...

E depois mostrando-se ainda mais irritado:

— Não. E' escusado. Não lhe dou nem mais um *sou*.

Mas... procurando a mão do pedinte, ás escondidas, para que a gente o não surpreendesse, dava-lhe ainda outros dez francos; e accrescentando:

— Ora vá-se embora! Que o não torne a vêr por cá. Procure trabalho, que isso não é vida...

E ficavamos depois, nós ambos, a discutir philosophicamente a imoralidade da esmola, com vagas theorias anarchistas contra a caridade e prégando a justiça integral que nos não avilta na caridade christã.

— Mas quando um ente humano tem fome, podemos discutir teorias de Bakounine, antes de lhe darmos uma fatia de pão, ou uma moeda de cinco francos?

— Não, dizia-me o Eça. Depois de lhe darmos o pão e a moeda de prata é que devemos discutir com o pobre diabo as theorias anarchistas contra a esmola.

Porque esse funcionario do Estado, tão querido na côrte, tendo por intimos varios aristocratas de raça, era no fundo o mais revoltado espirito que conhecemos, entresonhando a realisação do paraízo civico de Platão, uma sociedade harmonica, cheia de justiça e de belleza.

Mas, certo dia, entrando no Consulado, vim encontrar Eça de Queiroz verdadeiramente irritado: acabava de lêr o principio da traducção do seu *Primo Bazilio*, em folhetins diarios, no jornal parisiense *La France*, tradução atabalhoa-

damente feita por M.me de Rute, a Princeza Rattazzi. Dias depois levei eu mesmo ao escritorio de Eça o editor Savine, que devia publicar em volume a trapalhada incorrectissima da Rattazzi. Combinou-se logo ali a maneira de evitar a publicação do livro, porque Savine se achava já muito arrependido de ter assignado um tratado com a traductora. E o *Cousin Basille* não chegou a apparecer na livraria da rua das Pyramides.

E' uma pena enorme vêr que não existe uma tradução completa das obras d'Eça de Queiroz em francez, obras que, lançadas no grande mercado mundial por uma casa editora de Paris, deviam receber a consagração universal.

No emtanto o seu nome não é desconhecido da *élite*. Um mez depois da morte do romancista, em Neuilly, fui visitar Emilio Zola em companhia do meu amigo Alfredo Xavier Lobato, que me trouxera de Lisboa uma mensagem de saudação ao auctor do *J'accuse*. E no meio da nossa palestra, Zola disse-me com absoluta segurança, exprimindo um sentimento profundo:

— Os senhores perderam agora um grande romancista, o vosso Eça de Queiroz. Tenho todas as suas obras. E considero-o superior a Flaubert, que foi no emtanto o meu Mestre.

Eis o que pensava o maior romancista da França do maior romancista portuguez. Palavras de justiça que immortalisam!

Paris — Bordeus, 1918.

XAVIER DE CARVALHO.

S. Cristóvam

(LENDO AS «ULTIMAS PAGINAS»).

Por cidades e campos sempre errante,
simples como Jesus Nosso Senhor,
Cristóvam foi o símbolo do amor,
foi da Bondade o cavaleiro andante.

Dera-lhe Deus, num corpo de gigante
uma alma de criança e o são vigor
dum colossal atleta. A sua dor
era não ser ainda mais possante,

não ser mais forte e mais infatigavel
p'ra arrostar co'a miséria dolorida
da pobre humanidade lastimavel.

...E Cristóvam foi santo... sem saber,
porque ser santo é dedicar a vida
a viver para os outros e sofrer...

ANTÓNIO AMARGO.

ECA DE QUEIROZ

ESTATUETA EM BRONZE DE F. DA SILVA GOUVEIA

Sobre Eça de Queiroz

(EXCERPTO)

Ólho, antes de escrever, o seu retrato. Tem uma cabeça longa e magra, uma mascara de clown-gentilhomem : bocca sensual e sardonica a que o bigode espesso e forte vem esconder as commissuras ; os olhos, d'um brilho avelludado, são bellos e cheios de bondade, d'uma agudeza sempre moça ; o nariz é fino, fariscante, um nariz de requintado poeta, para aspirar jardins e axillas d'oiro ; o mento em angulo, as sobrancelhas crespas ; e o cabello ralo, em risca ao lado, cortado com um bom gosto anti-litterario, que me evoca, não sei porquê, uma calote, uma calote de *pierrot* grizalho. Como entala o monoculo á direita, tem esse lado contrahido em rictus, o que lhe dá á physionomia um ar estranho, uma asymetria de linhas e expressões: d'ahi talvez um não sei quê macabro, pelo contraste do clownismo d'uma face com a calma muscular da outra. E resumo pr'a mim a minha analyse: uma expressão estranha de humorista, de sensual poeta e homem bondoso, n'um arranjo bem cuidado de mundano. Como dizem os inglezes, *well groommed.* O

corpo é «um poste de osso, suspendendo fios electricos de nervos», na phrase tão mordente de Fialho; e a atitude, não lhes sugere logo uma cegonha, uma cegonha nostalgica, febril, pela elegancia pernalta um nada lugubre, sob o dandysmo sobrio que a disfarça? E de memoria, lembro o retrato de Columbano, outros retratos. Evoco os camaradas do seu genio, Oliveira Martins e Anthero, os mais amados. Junqueiro, subtil e adunco, é uma especie de Shylock metaphysico, tendo em vez do vicio dos dobrões a obsessão augusta da Verdade. A cabeça de Oliveira Martins, a mais meditativa e concentrada, lembra um môcho, ensimesmado até á hypnose em visões trágicas: é a do poeta-medium d'uma Raça. A de Anthero, um lião mystico, «era de santo e de piloto do Baltico» (1). A de Eça de Queiroz é o indice numullar da sua obra, o sinete em arestas do seu genio. Na minha sêde de a ler bem claro, rapo-lhe o bigode mentalmente, e tenho-a agora em frente a mim, desnuda. É a expressão que eu disse em mais vincado, confrangida e dolorosa um pouco. Como o lábio superior é muito alto e as comissuras escondidas se descobrem, o sensualismo da bocca é mais amargo: ha um scepticismo transido em toda a mascara. Vejo-o assim mais intimo, mais *elle,* esse grande artista que amei sempre: posso palpar-lhe com os olhos a caveira, e só em confronto com a Morte, se vê bem. A vida interior d'um artista é sempre trágica, e eu sinto nodal, no drama de Eça (o que a muitos parecerá um paradoxo) uma sêde de fé inextinguivel. No seu scepticismo tão calumniado, no dandy que retalha de monóculo, movendo certos personagens como títeres, mas não é difficil auscultar mais fundo, um genio portuguez bem de raiz, um grande interprete da Raça, autochtono, e a essencia do seu ser que é

(1) E. de Queiroz no *In Memoriam* de Anthero.

toda lyrica, apesar da ganga cosmopolita em que o enterram aquelles cuja visão é parcial, e os estupidos, que são o maior numero. Haverá um dia em Portugal um critico? Por mais que sonde a nevoa, não me parece que venha n'este instante. Se o *Encoberto* da Critica surgir, ha-de exhumar das bandaletas das escolas, de molde naturalista hoje em poeira onde o seu genio se debateu por muito tempo, inferior a si mesmo, suffocado, — o galbo raro de humorista-poeta, de psychologo (criador em menor grau) — e de artista subtil, delicadissimo, como evocador de frescos, de paysagens, como imaginativo visual.

Vou interrogar uma hora ou duas a emoção que me deu a sua obra, e dizel-a com humildade e com leveza.

Deitando ainda o olhar ao seu retrato, é o ironista que primeiro evoco. Lembremos episodios ao acaso, em que a índole do seu *humour* se revele. É em casa de Luiza, no «Primo Bazilio», um dos serões familiares. Oiçamos um instante, um só instante:

«Mas D. Felicidade, que olhava, ao pé de Julião, as gravuras do Dante, illustrado por G. Doré, que elle folheava, com o volume sobre os joelhos, exclamou, de repente:

«— Ai que bonito! que é? Muito bonito! Viste, Luiza?

«— É um caso d'amor infeliz, sr.ª D. Felicidade — disse Julião. — É a historia triste de Paulo e Francesca de Rimini. E explicando o desenho: — Aquella senhora sentada é Francesca: este moço de guedelha, ajoelhado aos pés d'ella, e que a abraça, é seu cunhado, e, lamento ter de o dizer, seu amante. E aquelle barbaças, que lá no fundo levanta o reposteiro e saca da espada, é o marido que vem, e zás! — E fez o gesto de enterrar o ferro.

«— Safa! — fez D. Felicidade, arripiada. E aquelle livro cahido o que é? Estavam a ler?

«— Sim... Tinham começado por ler, mas depois...

Quel giorno piú no vi leggiemi avante,

o que quer dizer: — *E nós não lemos mais em todo o dia!*

«— Puzeram-se a derriçar — disse D. Felicidade com um sorriso.

«— Peor, minha rica senhora, peor! Porque, segundo a mesma confissão de Francesca, éste moço, o da guedelha, o cunhado,

La bocca me bacció tutto tremante,

o que significa, — *A bôca me beijou tremendo todo...*

«— Ah! fez D. Felicidade, com um olhar rapido para o Conselheiro. — É uma novella?

«— É o Dante, D. Felicidade — acudiu com severidade o Conselheiro — um poema epico, classificado entre os melhores. Inferior, porém, ao nosso Camões! Mas rival do famoso Milton!»

A luxuria de poiluir, reduzindo a farça n'um tal meio, um dos instantes mais altos da poesia do mundo, é para mim d'uma tristeza má. Hysteria de negação, vazio horrivel. Os senhores riem deliciados, como eu: mas que um segundo só de pensamento faça precipitar o nosso riso, e sentiremos como tine falso, como sabe a exaspero pessimista. Lembremo-nos. O caricaturista-clown que assim deforma, é Eça de Queiroz, não é Gervasio: é uma grande alma de poeta, um sensitivo. Esses tercetos prodigiosos, bronze e chamma, echoavam dentro d'elle n'esse instante, no proprio instante em que escreveu a scena. Releu-os com certeza muitas vezes: sabia-os de cór, ia jurar. Viu melhor do que nós, no *aer bruno* Paolo e Francesca errarem enlaçados:

tremeu ao sopro de simoun eterno: — como comprehender que seja elle que debruça sobre as gravuras de Doré, a D. Felicidade e o conselheiro? Eu bem sei que a scena é natural, d'uma verosimilhança flagrantissima; mas que o *humour* de Eça a escolhesse, é o que importa fixar sob o meu angulo.

Quando Theodorico deixa o Egypto, a caminho de Jerusalem, vae, na caleche que o leva, a dizer adeusinho com o lenço á *doce Maricoquinhas: depois*, diz elle, *eu cahi sobre a almofada de chita como cae um corpo morto.* D'esta vez, como não ha citação e o leitor, em geral, não é subtil, poucos veem paraphraseado em burlesco, o grande verso final do mesmo canto:

E caddi come cadde un cuorpo muorto.

Theodorico cae na almofada de chita da caleche, como Dante no terceiro canto do *Inferno.* Mas onde a aura nihilista mais se sente, é ainda na *Reliquia,* na visita ao Jardim das Oliveiras. É, na obra do humorista, o instante mais gelado do clownismo. A epilepsia de negar mima aqui a frieza a mais commum; é monstruosa á força de banal, de bonhomia ôca, familiar. Faz o vácuo em nós, e gela o riso. Só os imbecis não sentem que é demais, e que ha sob a epiderme de frieza, qualquer coisa de fatal, de trágico. Oiçamos como Theodorico, o *Raposão,* entra no jardim de Géthsemani:

«Empurrei a portinha verde, pintada de fresco, com a sua aldraba de cobre; e penetrei no pomar onde Jesus ajoelhou e gemeu sob a folhagem das Oliveiras. Alli vivem ainda, essas arvores santas que ramalharam embaladoramente sobre a sua cabeça fatigada do mundo! São oito, negras, carcomidas pela decrepitude, escoradas com estacas de ma-

deira, amodorradas, já esquecidas d'essa noite de Nizan em que os anjos, voando sem rumor, espreitavam através dos seus ramos as desconsolações humanas do filho de Deus... Nos buracos dos seus troncos estão guardados enxós e podões: nas pontas dos galhos raras e tenues folhinhas, d'um verde sem seiva, tremem e mal vivem como os sorrisos d'um moribundo.

«E em redor, que hortasinha caridosamente regada, estrumada com devoção! Em canteiros, com sebes de alfena, verdejam frescas alfaces: as ruasinhas areadas não têm uma folha murcha que lhes macule o asseio de capella: rente aos muros, onde rebrilham em nichos doze Apostolos de louça, correm alfobres de cebolinho e cenoura, fechados por cheirosa alfazema... Porque não floria aqui em tempos de Jesus tão suave quintal? Talvez a placida ordem d'estes uteis legumes acalmasse a tormenta do seu coração!»

Era curioso confrontar este fragmento com o da «Jerusalem» de Loti, sobre o mesmo jardim das Oliveiras. Dir-me-hão: não é Eça de Queiroz quem falla, é Theodorico. Mas Theodorico é um personagem de farça, um delicioso fantoche, e o *humour* de Eça, cabriolando d'esse trampolim, podia permittir-se o que quizesse. Nada o forçava: não foi para revelar um personagem, para exprimir o caracter do seu títere, que Eça de Queiroz escreveu esse episodio, obra-prima de *humour,* perturbante de aparente cynismo e de seccura. De onde vem pois, que significa o impulso anarchista, destructivo, que da belleza mais pura ao heroismo mais puro, tudo projecta em farça, prostituido, com uma especie de sadismo *bon-enfant?* Sob a cerusa que reboca o clown, ha rosetas de febre, podem crer. O humorista e o poeta são só um. Podia citar mais, analysar, mas o residuo, para mim, seria o mesmo. O seu *humour* corre a gamma

toda, tem um virtuosismo prodigioso; desarticula-se como o lapis de Bordallo n'um baile esfusiante de fantoches, reflectido em espelhos deformantes, concavos e convexos, em farândola; e medita em cegonha, elegantissimo, empoado de luar n'um vôo brusco, para além dos seus quadros de costumes, dos scenarios dos seus contos e romances. Mas na raiz — como eu o sinto doloroso, producto do seu triplo pessimismo: pessimismo de escola, de *realista;* pessimismo de portuguez do nosso tempo; e finalmente, pessimismo physiologico de fraco, de sensitivo morbido, tarado. Tudo isto é dito condensadamente, mas quem tem de entender, entende assim. O seu *humour* é uma mascara de poeta no carnaval penitenciario que é viver. Sob a impassibilidade que o maquilha, pulsa um idealista confrangido, um lyrico que se vinga em clownerias, neurasthenicamente, tristemente, da torpeza dos homens e das coisas. E' uma mascara de velludo ou de sêda, palhetada de lua ou quasi lugubre (1), que vem em passo de ave ou que é macabra. Que a intuição do nosso amor lh'a arranque, e a face do poeta que então vêmos, ao mergulhar nos seus os nossos olhos, não é d'um clown: é dolorosa. Para mim, a essencia do seu *humour* é um lyrismo pisado, confrangido, um bater de azas feridas sobre o lodo. O seu *humour* é de estirpe heinesca; o criador de Accacio e de Pacheco começou imitando o *Intermezzo* (2). Não quero dizer que seja sempre assim (systematizar é sempre falso), mas é assim nos momentos dominantes. Ha paignas que escorrem mocidade, em que o riso tine claro e são, e o *humour* espuma como um vinho verde, sob uma latada do Minho, em pleno julho. São porém excepções, alacridade, folias de estudante á flor das

(1) O periodo final do *Crime do Padre Amaro,* por exemplo.
(2) Nas *Prosas Barbaras.*

coisas, ou bolas de sabão que o sol irisa e não deixam vestigios ao sumir-se. O *humour* que tem a sua garra, é outro. É quasi uma vingança do Destino, que deu nervos de stradivarius a um poeta, e o fez nascer em Portugal. Como o desespêro de Camillo e Fialho, e o pessimismo buddhico de Anthero (ironia mais alta, transcendente), o sentido prodigioso do sen *humour* é um symptoma d'este mal sem cura, do grande mal de haver nascido portuguez. Mal delicioso, mal amado, que em Oliveira Martins, supremamente, teve o seu representante trágico, o dramaturgo mystico da Raça.

Na nossa terra, Eldorado de gágás e de medíocres, tudo que é superior é calumniado. Accusam Eça (mesmo um homem de genio, entre imbecis) de ser litterariamente, com a fascinação perigosa do seu *charme,* um ser varrido de amor ao seu paiz, por pura perversão e por systhema, desnacionalisando-o em cada livro, com um cynismo diabolico de dandy, para quem o escarneo é já condescendencia. Uma vez pontificado isto, dada a preguiça mental da nossa gente, foi um *leit-motiv* com mil variações, ao sabor de ideologias e de taras, com a volupia que energúmenos teem sempre, tentando achincalhar tudo que é grande. Não houve cretino-de-letras, que não repetisse, — e escrevesse —, ter sido a obra de Eça dissolvente, depressiva e annuladora de energias, apotheosando por contraste o que é estrangeiro, e deprimindo o que é nosso por instinto, n'uma apostasia de revoltar as boas almas. Teve de pagar, olá se teve ! — depois da morte sobretudo —, ter sacudido aos repelões de riso, o fakirismo de todos os mediocres, da sociedade portugueza em coma, hypnotisada a olhar o proprio umbigo. Foi um deboche de conselheiros e fadistas, e sel-o-ha por muito tempo ainda. Centenas de criaturas que o decalcam, moem este cliché a cada instante. E é o contrario precisamente

que é verdade. Calumniam-no assim, admirando-o; crendo sinceramente admiral-o. Não admira quem quer, meus bons senhores. Analysemos a calumnia, um pouco. O *Crime do Padre Amaro,* por exemplo, o seu primeiro e o seu melhor romance, termina assim, como se lembram:

«E o homem de estado, os dois homens de religião, todos tres em linha, junto ás grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu paiz — alli ao pé d'aquelle pedestal, sob o frio olhar de bronze do velho poeta, erecto e nobre, com os seus largos hombros de cavalleiro forte, a epopeia sobre o coração, a espada firme, cercado dos chronistas e dos poetas heroicos da antiga patria — patria para sempre passada, memoria quasi perdida!»

Não é um incidente: é a convergencia moral de todo um livro. Eis o fecho de abobada, o echo ultimo d'um pessimismo doloroso e lúcido, repercutindo em nós por muito tempo, da obra amada e trabalhada muitos annos, que o revelou um escritor perfeito, e em que apesar dos canones realistas, e da pretensa impassibilidade do seu *humour,* a sensibilidade de Eça corre a jorros. Pois não é bem flagrante? Pois não sentem? Será preciso comentar ainda? É preciso (como n'outra acepção elle dizia á critica de Portugal e do Brazil) *uma estupidez cornea ou má fé cynica,* para não vêr nas palavras que lhes cito uma amargura de raiz, em ferida, que por não vir burlescamente expressa, á *Portugal, meu berço de innocente,* não deixa de ser funda e bem vivida, ou melhor, é bem vivida e funda.

....

ANTONIO PATRÍCIO.

Uma pagina anonyma de Eça de Queiroz

Escrevi tantas vezes sobre Eça de Queiroz e os seus livros, na vida do eminente escriptor e depois da sua morte, que tudo o que hoje aqui pudesse dizer da sua personalidade litteraria não seria mais do que uma *redite* de ideias, impressões e juizos já largamente notados e desenvolvidos.

Alem d'isso, contemporaneo e amigo do glorioso romancista, a minha opinião a seu respeito é, em tudo, conforme com aquella que a critica de ha vinte e cinco a trinta annos definitivamente formulou sobre o auctor e a sua obra. E, assim, julgo inutil proclamar eu, mais uma vez, que Eça de Queiroz foi um dos mais pessoaes e mais bem dotados d'entre os grandes homens de lettras do ultimo quartel do seculo XIX; que foi elle o creador poderoso do nosso romance de observação, e, ao mesmo tempo, o mais extranho, o mais imprevisto, o mais phantasioso dos nossos humoristas; que o seu estylo attingia a perfeição dentro do maximo requinte artistico e se caracterisou pela pericia de lapidario com que talhava e facetava a sua phrase; que o seu espirito alliou á graça a profundidade, á phantasia alada e bor-

boleteante o senso vivo da realidade; e que o seu vasto labor é, emfim, um dos mais bellos e mais solidos monumentos da litteratura portugueza contemporanea e a sua gloria de artista a d'um verdadeiro Mestre já consagrado e indiscutido.

Tudo isto, dito e escripto pelas primeiras pennas de Portugal—e n'uma epoca em que as havia tão brilhantes quanto auctorisadas—representa uma especie de opinião cathegorica, quasi um dogma, que não precisa de novas definições.

Por isso, não querendo deixar de associar-me á homenagem que dois admiradores de Eça de Queiroz lhe quizeram prestar com a publicação d'este livro, limitar-me-ei a fazer aqui uma verdadeira e curiosa revelação litteraria. Vou exhumar, d'um velho jornal, uma pagina anonyma e esquecida do fino humorista, evocando simultaneamente a historia d'essa pagina faiscante de *verve*, — historia que constitue uma scena interessante da vida litteraria e jornalistica de ha trinta annos, e é, para mim, uma das melhores e mais saudosas recordações d'um convivio de espirito e de coração, que foi um dos encantos de minha remota mocidade e uma das mais altas e deliciosas mercês que a sorte bemfaseja me dispensou...

No dia 21 de Fevereiro de 1887, que era uma segunda-feira gorda, publicava *A Provincia* — o orgão politico que Oliveira Martins fundára no Porto, dois annos antes, para apoiar o movimento chamado da *Vida Nova* — um numero carnavalesco, que, pela elevação e finura do seu espirito e o seu raro valor litterario, destacava singularmente das jogralices rasteiras com que na imprensa se celebravam, de ordinario, as folias do Entrudo.

Por esse tempo, viera a Portugal, e dera sessões em Lisboa e no Porto, um *adivinho* inglez, Mr. Stuart Cumberland, que revelava os pensamentos dos circumstantes, descobria objectos por elles escondidos, escrevia n'um quadro os numeros que fixavam mentalmente, e fazia outros curiosos exercicios de suggestão e percepção psychologica.

A farça carnavalesca da *Provincia* consistia n'um longo artigo, que occupava as duas primeiras paginas do jornal e em que se descrevia uma imaginaria sessão do adivinho nas salas da sua redacção. Era todo um borbulhar de humorismo, de *charges* politicas e litterarias, de allusões aos acontecimentos do momento e a personalidades em evidencia n'essa epoca. O exito foi verdadeiramente sensacional.

Quem era o auctor d'esse escripto notavel?

No sabbado seguinte, o chronista da *Provincia*, que assignava João Ratão (e que era a mesma pessoa que estas linhas está saudosamente escrevendo...) dizia na sua chronica hebdomadaria intitulada *A Semana:*

«O grande caso da semana foi o apparecimento de Mr. Cumberland. O pobre João Ratão encontra, porém, esta veia já explorada e gasta pelo jornal em que escreve.

«O nosso numero phantastico de segunda-feira tomou conta do adivinho inglez, e por tal forma o aproveitou, que eu me acho apenas agora com o magro osso da simples *reportage*. E essa mesma, bom Deus! já está feita e mais que feita...

«Havia uma coisa que eu poderia aqui contar—e esta bem mais interessante, creiam, do que as proprias e reaes sessões do illustre suggestor. Esta coisa era a boa e alegre noite em que essa longa troça foi elaborada e escripta. Se soubessem o nome dos collaboradores! Se soubessem que, n'esse kaleidoscopio de ditos, de *charges*, de epigrammas,

trabalharam quatro dos primeiros nomes da nossa litteratura! Se eu lhes pudesse dizer as phrases, os alvitres, as gargalhadas, no meio dos quaes se amalgamou esse artigo, já agora famoso!

«Mas não. Seria indiscreto. O carnaval passou. Já não é tempo de *matar* os mascarados, de lhes denunciar os perfis atravez do *loup* que os occulta.

«Paciencia! A historia das lettras patrias ficará sem esta pequena nota viva da biographia de quatro nomes illustres. Os criticos do futuro embasbacarão com esta minha chronica, irritados da prudencia que lhes rouba algumas paginas intimas sobre as individualidades da litteratura portugueza no ultimo quartel do seculo XIX.

«Lamento a falta que isso vai fazer aos criticos. Mas nada ha n'este mundo que me obrigue a ser indiscreto...»

Posso sêl-o hoje!... Trinta e dois annos passaram já sobre esse episodio da nossa vida litteraria que o chronista da *Provincia* tão veladamente, n'uma meia inconfidencia, revelava então aos seus leitores. Dos que collaboraram n'esse numero do brilhante jornal portuense, só trez sobreviventes restam. Eu sou um d'elles. Contarei, pois, essa historia que, ao tempo, certas conveniencias e melindres me vedavam de referir.

Os *quatro primeiros nomes da nossa litteratura*, a que eu fazia allusão, eram estes, nem mais, nem menos: Anthero de Quental, Oliveira Martins, Eça de Queiroz e Guerra Junqueiro. Os restantes collaboradores foram os redactores effectivos da *Provincia:* Joaquim Gonçalves, o economista e jornalista distinctissimo, Fernando Maya, o brilhante official de cavallaria e illustrado escriptor militar, Queiroz Velloso e eu. Mas quem, n'essa collaboração, teve a parte mais larga, quem, principalmente, redigiu o artigo,

aproveitando as lembranças, as suggestões, os ditos, os apartes, que de todos os lados rompiam e esfusiavam,—foi Eça de Queiroz.

Estou a vêl-o, de pé, curvado sobre a alta mesa de trabalho de Oliveira Martins, esguio no comprido frak negro escorrido ao longo do corpo esqueletico, o perfil adunco contrahido no seu *rictus* ironico, o monoculo encravado na arcada superciliar, a mão fina e delicada correndo vertiginosamente sobre as largas folhas de papel assetinado.

Era no gabinete de trabalho de Oliveira Martins, na linda e recatada casa do seculo XVIII, em que elle então habitava no Porto, n'esse recanto quasi aldeão das Aguas Ferreas, que o implacavel haussmanismo municipal, maniacamente alinhador e rectificador, esqueceu, por milagre, n'um dos flancos da extensa arteria da rua da Boa-vista. Essa casa amiga, esse gabinete recolhido e intimo, que me era tão familiar, entre que commovidas recordações os evoco sempre! O escriptorio, que já algures descrevi, era uma sala rectangular, onde, cortando um angulo, entre duas janellas, dominava a sombria guarnição do fogão, encimado por um espelho, tudo de velho castanho pomposamente entalhado. Sobre as paredes brancas sobresaiam as altas estantes em que uns milhares de volumes se alinhavam na mais perfeita ordem, alguns quadros hespanhoes e estampas antigas, e as espaldas das cadeiras de solla lavrada, orladas pela reluzente pregaria amarella. A um dos topos, ficava a unica porta de accesso, d'onde, para o gabinete, se descia por dois degraus. Velava-a um pesado e grosso reposteiro listrado, em tons escuros. A disposição d'esse aposento, que era uma especie de annexo da casa, as paredes em cal, a penumbra de que o envolviam sombras de arvores contiguas, o seu ar reservado e silencioso, fizeram com que se lhe chamasse a *sacristía*...

No fogão flammejava um enorme brazeiro de hulha. O fumo azulado do tabaco estendia, por toda a sala, a sua *grisaille* diaphana. Junto do lume, Oliveira Martins, com o seu *fez* vermelho na cabeça, Anthero, bamboleando a magra perna crusada e anediando serenamente a longa barba loira, enterravam-se nas poltronas com a volupia dos friorentos. Os mais espalhavam-se em redor.

A cada instante, Eça de Queiroz interrompia a escripta e lia um trecho do trabalho já feito, entre um côro de ruidosas gargalhadas. Outras vezes pedia *ideias*, exigia *ditos sublimes*, reclamava *genio!*... E logo remergulhava na redacção d'essa formidavel e tintamarresca pasquinada.

Mas, já pela noite adeante, um novo e adventicio collaborador cahiu em meio d'essa jovial companhia. Uma creada, correndo o reposteiro, annunciou:

— O snr. João Burnay.

E, de subito, no vão da porta, ao cimo dos degraus, uma extranha figura veio surprehender-nos, n'uma attitude theatral. Era um escossez,—um escossez authentico, na cabeça o pequeno *bonnet* com a pluma d'aguia, o *kilt* caindo em pregas até ao joelho, o *plaid* crusado no tronco, a bolsa de pelle á cinta, as pernas nuas acima dos cothurnos de xadrez, grandes fivelas de prata nos sapatos. Dir-se-ia a apparição de Lord Ravenswood n'um dos actos da *Lucia de Lammermoor*...

A acclamação com que foi recebido esse imprevísto *highlander!* João Burnay era um intimo de quasi todos os presentes, a quem elle encantava com a sua excentricidade bohemia, a sua *verve* endiabrada e inesgotavel.

Por esse tempo, esse phantastico engenheiro, de quem Ramalho Ortigão traçou nas *Farpas* o perfil originalissimo, tomara a grande empreitada da construção do caminho de ferro de Ambaca. Vinha justamente ao Porto tratar d'esse

consideravel negocio com os *gros bonnets* da finança tripeira, interessados na empreza. Mas, como se estava no Carnaval, achou preferivel vir em *travesti*... E, n'essa *toilette*, por lá girou durante dias, visitando os amigos, frequentando os theatros, jantando nos restaurantes, debatendo largamente as clausulas e as verbas do seu contracto com os graves e conspicuos burguezes da Cidade Invicta.

Este incidente apenas por curtos instantes interrompeu a grande obra. Eça de Queiroz retomou a penna e João Burnay, d'ahi a pouco, lançava meia duzia de epigrammas, que visavam, sobretudo, o seu famoso primo, o Conde de Burnay, alvo habitual dos seus dardos ironicos e a quem elle chrismára com aquella alcunha, que se tornou popular, do *Topa-a-tudo*.

Era já noite velha quando se pôz o ponto final n'essa phantasia buffa.

Reproduzil-a toda, hoje, não seria sem interesse como exhibição d'um valioso documento litterario; mas ha muita coisa n'ella que mal se comprehenderia agora sem longos commentarios á politica do tempo, aos acontecimentos coevos, a factos que passaram, a pessoas de varias cathegorias, cuja notoriedade ephemera se apagou nas sombras do esquecimento.

Além d'isso, o que aqui, principalmente, desejo reproduzir, é o que, n'essa collaboração, foi, sem duvida, obra exclusiva de Eça de Queiroz, — e bem se reconhece pelo vinco, pelo mordente de sua phrase inconfundivel.

Começava o *compte-rendu* da fabulosa sessão por dar a nota da assistencia, que era tudo o que se pode imaginar de mais charivarico.

Misturadas com individualidades reaes — escriptores, artistas, pessoas da sociedade, typos populares, politicos

n'esse momento influentes, appareciam figuras historicas, personagens de romance e de theatro e outras de pura phantasia.

Ao lado de Anthero de Quental, estava o propheta Abacuc. Lopo Vaz e João Arroyo sentavam-se ao pé de Bertholdo e Bertholdinho, Camillo Castello Branco junto do visconde de Corrêa Botelho. Via-se Ophelia «enlaçada á sr.ª D. Albertina Paraizo», Gomes Leal «carregado com o Anti-Christo», «o duque de Bolama pelo braço do sr. Hintze Ribeiro, amortalhados ambos em gran-cruzes», Affonso II, o Gordo, ladeando «Alberto Pimentel, o Magro», Dumas filho com a Dama das Camelias; a um canto o jornalista Borges de Avellar, Coge Çofar, a actriz Josepha d'Oliveira, o conselheiro Acacio, o anonymo de Sahagun, Priamo, Eurico o Presbytero, e Assis «o especialista celebre»; a outro, Serpa Pimentel, Carrilho, Simão o Magico, Hircio e Pansa, Mendonça e Costa, Gaspar Ferreira Baltar. E ao cabo de enorme lista, de que apenas dou uma reduzida amostra, vinham ainda «um cavalheiro embuçado, sombras, um homem triste de Angeja, assignante do *Commercio do Porto*, e outras multidões.»

Seguía-se a apresentação de mr. Cumberland, de que Eça de Queiroz fazia assim o retrato:

«Mr. Cumberland é um *gentleman* gordo, de cabello côr de milho, córado, prospero, mostrando no porte e nos modos o tranquillo bebedor de cerveja e o homem correcto de negocios. Vestido de preto, com luvas claras e uma gravata tranquilla, mr. Cumberland só revela os poderes sobrenaturaes, de que o dotou o destino, por cinco caveirinhas d'oiro que lhe tilintam nos berloques do relogio. Tem maneiras sobrias, reservadas, e na breve conversação que tivemos com elle, no vão d'uma janella, mostrou-se homem

culto, penetrante e conhecedor a fundo da questão palpitante dos tabacos. De vez em quando, contráe a venta, como um coelho manso, e pisca o olho direito: n'estas occasiões derrama-se-lhe na physionomia alguma coisa de sinistro e de amavel, que prende.»

E continuava, fazendo a descripção dos salões da *Provincia:*

«No momento em que mr. Cumberland, depois de ter dado explicações repassadas de cortezia ao nosso amigo Araujo, se adeantou, sacudindo risonhamente os seus berloques lugubres, — o aspecto das salas era tão surprehendente que fazia pensar nos explendores de Harun-el-Raschid.

«Como a multidão dos convidados, a emoção, o gaz, as digestões difficeis, e aquelle ardente calor que as ideias fortes sempre deixam nos lugares em que se agitam, tornariam os salões um forno suffocante, os nossos lacaios tinham aberto largamente as janellas ogivaes que dão sobre os nossos jardins.

«Das nossas magnolias em flôr subia um aroma capitoso, e tão romantico, tão inebriante de mysterio e paixão, que, por momentes, vimos emmagrecer Borges e a sr.ª D. Guiomar Torrezão.

«Felizmente, os nossos repuxos espalhavam uma frescura adoravel, cantando com tão doce melodia, que o mimoso conselheiro Thomaz Ribeiro correu á varanda, julgando distinguir n'elles o rythmo do seu *D. Jayme.*

«Entre as nossas roseiras alvejavam os nossos marmores; nas nossas relvas lantejoulavam as nossas illuminações; no céu rebrilhava a nossa lua.

«Dentro, os divans, as poltronas, os bancos de carvalho

lavrado, desappareciam sob as sedas amplas dos vestidos e as abas ligeiras das casacas. Na primeira anciedade de bem examinar mr. Stuart Cumberland, renques de cavalheiros, encarrapitados sobre as nossas mezas da Renascença italiana, tocavam com as calvas ou com as guedelhas nos caixilhos das nossas telas de Velasquez, de Parrazio e de Resende, e na orla dos mappas, onde estão desenhadas, a côres ou em relevo, passadas e futuras campanhas... eleitoraes.

«Na massa pallida dos focinhos alvoroçados reluziam os oculos do sr. Borges, promontoriava o queixo do sr. Luciano Cordeiro, destacava o nariz triste de Eurico o Presbytero. A cuia da sr.ª D. Cecilia Fernandes cobria sobre os mappas geographicos o disputado circulo de Baião. Hircio e Pansa, velhos consules do quadro, graves nas suas togas, cochichavam mirando de soslaio com pasmo o chinó do sr. Machado d'Eça em quarto crescente. Era solemne!»

N'esta altura era o discurso de Cumberland á assistencia, *Cumberland's speech,* n'uma comica algaravia de portuguez e inglez. Depois o adivinho fazia a sua *primeira sorte suggestiva,* que era uma engraçada allusão ás dissenções que, n'essa epoca, lavravam no partido regenerador e determinaram a chefatura de Antonio de Serpa Pimentel, como um elemento ponderador entre as rivalidades de Lopo Vaz e Hintze Ribeiro.

Vinha então a *sorte dedicada á «Provincia».* É toda da auctoria de Eça de Queiroz, e póde considerar-se o melhor trecho d'essa fina arlequinada litteraria.

Sabe-se que entre Camillo e Eça houve mais d'uma vez leves incidentes, — arrufos passageiros e sempre cortezes, polvilhados do sal da ironia e que se liquidavam com simples *boutades,* pessoalmente inoffensivas. Camillo tinha um

leve ciume da gloria nascente do auctor do *Crime do Padre Amaro*. Eça, que admirava o talento creador de Camillo, a paixão fremente que convulsionava muitas das suas obras, o poder do seu estylo e a mordedura caustica do seu sarcasmo, tinha a phobia do romantismo, que, por uma contradição singular, adorava na poesia (era um ardente hugolatra) tanto quanto detestava na novella.

Por essa occasião, ou pouco antes, — não posso precisar agora, — Camillo fôra feito visconde. Como Garrett, o auctor do celebre epigramma:

> Foge, cão,
> Que te fazem barão!
> — Mas para onde,
> Se me fazem visconde?...

Camillo, que tanto troçára os titulares de fresca data, deixára tambem inscrever o seu grande e glorioso nome no accessivel nobiliario do Constitucionalismo.

Na relação dos que assistiam á festa, já vimos desdobrar-se a personalidade do Mestre: Camillo Castello Branco ao lado do visconde de Correia Botelho, — o escriptor separado do titular. É da scisão d'essa entidade illustre que Eça de Queiroz se serviu para os extranhos effeitos da sua funambulesca *blague*.

Eis a sorte dedicada á *Provincia*:

«Logo que se fez um silencio, mr. Cumberland, dirigindo-se ao nosso Redactor em chefe, teve a amabilidade de dedicar ao nosso jornal a sorte inedita que ia apresentar.

«Dirigiu-se ao sr. visconde de Correia Botelho e pedindo-lhe que escondesse o seu objecto mais odiado, retirou-se

EÇA DE QUEIROZ

COM OLIVEIRA MARTINS, ANTERO DE QUENTAL, RAMALHO ORTIGÃO E GUERRA JUNQUEIRO

immediatamente para o nosso explendido gabinete persa, onde lhe tinhamos preparado algumas velhas garrafas de Porto, 1640 (rs.) — data memoravel. O adivinho sorriu, sem adivinhar a nossa suggestão.

«Apenas mr. Cumberland se retirou, o sr. visconde de Correia Botelho sobraçou o illustre auctor do *Amor de Perdição*, e contendo-lhe com mão de ferro o estrebuchar, dirigiu-se á varanda para o ir esconder no saguão.

«A assembléa protestou contra a irreverencia:

«— Não! nunca! É uma gloria nacional!

«Debalde um dos nossos redactores explicou adverbiosamente que o nosso saguão não era o saguão commum — mas um *parterre* de roseiras. Os gritos continuavam:

«— Não! nunca! Ao saguão, nunca!

«O sr. visconde teve que ceder. Com o esguio auctor das *Memorias do Carcere* a debater-se-lhe debaixo do braço, olhou em volta e dirigiu-se a um dos nossos vastos tinteiros de prata manoelinos. Ouviu-se o baque d'um corpo magro em tinta grossa — e viram-se dois pés agudos a pernear no alto.

«E — quanto póde a suggestão! — logo começaram a transbordar, em vez de tinta, obras de todas as côres, feitios e tamanhos, já impressas e brochadas: romances, contos, biographias, diccionarios, defezas da religião, ataques á mesma, phantasias, folhetins, tão copiosos, tão torrenciaes, que de toda a parte se elevou um grito:

«— Basta! Basta! Não nos afogue! Tire-o! tire-o!

«O sr. visconde, contrariado, tirou o romancista do negro charco, sacudindo-o com esmero. Dos pingos espargidos em redor, sobre os tapetes, verificamos ao outro dia terem ainda nascido tortulhinhos de prosa...

«Hesitou um pouco o sr. visconde, e de repente, com o romancista debaixo do braço, a pernear sempre, correu,

n'um lampejo de inspiração, a escondel-o no seio vasto e gracioso d'aquella senhora a quem mr. Cumberland, com um correcto anglicismo, chamára a sr.ª Torrezona.

«Raras vezes temos visto, na nossa longa carreira jornalistica, um escriptor pernear tão desabridamente. Por fim rompeu aos gritos :

« — Brutalidades, não ! Estamos aqui para nos divertirmos entre cavalheiros de sociedade... Violencias, não !

«A assembléa condemnou com um murmurio a sanha odienta do sr. visconde, que, encolhendo os hombros, com o gesto de Cesar nas Termopylas, sorriu, abriu desmesuradamente a bocca e, como quem engole espadas, absorveu o romancista.

«O pasmo era esmagador. Pairava nos ares a magestade de mr. Cumberland, invisivel como a Providencia. Olhava-se por toda a parte. Seria uma illusão? As senhoras sacudiram os vestidos, os homens palpavam as algibeiras. Sumira-se o auctor da *Corja!* O glorioso humorista estava definitivamente eliminado. E no meio da sala, de pé, o senhor visconde emmudecera, empanzinado.

«Foi então que, n'um silencio em que se podiam ouvir segredar os nossos antipodas, surgiu, risonho e agitando os berloques funebres, o suggestor Cumberland.

«Não hesitou um momento ; caminhou direito ao sr. visconde, agarrou-lhe o pescoço com uma das mãos, com a outra os tornozellos; e, com a facilidade de quem quebra uma canna, fel-o estalar pelo meio ! Houve desmaios. Do sr. visconde escoou-se no chão um corpo tenue: e mr. Cumberland, tomando-o na ponta dos dedos, mostrou á assembléa o sr. Camillo Castello Branco.

«Mas, ai ! quão mudado ! Onde se sumira o sarcastico arreganho? Para onde fôra o labio fremente de *verve?* Onde

se escondia aquella direitura de porte que parecia espartilhada em adjectivos d'aço? Tudo desapparecera! Tudo estava perdido para as lettras!

«Na nossa assembléa havia uma sussurração de desconsolo e saudade. Meninas suspiravam; e a sr.ª Torrezona comprimia ais no seu copioso seio.

«Então o sr. Camillo Castello Branco, esvaído e diminuido, murmurou:

«— Mettam-me outra vez dentro do sr. visconde! Só lá dentro estou bem! Bem para dentro, lá no meio,— onde está a corôa!

«Logo mr. Cumberland ajustou de novo o titular partido, mettendo-lhe o recheio do romancista; e no meio de palmas, *hurrahs*, gritos, urros, cacarejar de gallos e piar de corujas, terminou esta sorte que ficará memoravel na historia litteraria, e gravada nos annaes gloriosos da *Provincia*.»

Soberbo e extraordinario espirito este, que a tudo se adaptava, e a tudo, desde o romance á farça, dava o realce da graça e da belleza e o cunho da sua personalidade, tão differenciada do commum! O que acaba de lêr-se é bem d'elle. Sente-se-lhe o sabor particular, o fino *bouquet* como d'um vinho perfumado e generoso. É a *tournure* muito caracteristica do seu espirito, da sua veia comica, fluindo ricamente em contrastes absurdos, em deformações caricaturaes. A ninguem póde restar duvidas de que a penna que traçou estas linhas é a mesma que escreveu algumas das mais scintillantes e hilariantes paginas das *Farpas*, que traçou as grotescas figuras do Raposão e do Topsius da *Reliquia*, e creou o conselheiro Acacio,— a immortal encarnação lusitana de mr. Prud'homme.

Esta foi a parte principal da intervenção de Eça de Quei-

roz n'esta burlesca producção, que se diria devaneada e escripta, não n'um cenaculo de auctores cathegorisados, mas na roda picara e jovial dos heroes de Murger. Todavia, embora a sua collaboração fosse n'ellas parcial, quero ainda citar duas passagens em que elle ajudou a emoldurar em prosa duas soberbas *pochades* poeticas, — uma de Guerra Junqueiro, outra de Anthero de Quental.

A primeira tinha a rubrica de *Entremets lyrico*.

«O illustre poeta d'estado honorario, sr. conselheiro Thomaz Ribeiro, foi o heroe d'este episodio memoravel da nossa *soirée*.

«Havia um certo cançaço depois de tão fortes emoções; e mr. Cumberland, adivinhando o desejo de todo o *madamismo*, convidou o festejado estadista a recitar alguns dos seus bocadinhos d'oiro em obsequio ás senhoras.

«— Minhas senhoras, retorquiu o sr. conselheiro, é muito lisongeiro, muito honroso para mim, mas não vinha preparado... Se tivesse tido alguma antecipação...

«A instancias do sr. duque d'Avila nomeou-se uma commissão para implorar a s. ex.ª que recitasse alguns dos seus harmoniosos decretos, ou das suas mimosas portarias.

«O sr. conselheiro não resistiu mais e, acompanhado pela sr.ª Torrezona, que desferia eolicamente o sr. Alberto Pimentel, tirou o lenço bordado, prenda de mysteriosa odalisca, cofiou o bigode plangente, afogou o olho em ternura nova, e, com voz oleaginosa, trinou:

Sou par do reino, bacharel formado,
Lyrio nevado, trovador christão.
Brizas do Tejo que passaes balsamicas,
Epithalamicas, tara, tan, tão, tão...

Trazei, pousae-me n'esta fronte bella,
Pura e singela, divinal, gentil,
Os beijos castos que as meninas Peres
Dão aos alferes, sob o céo d'abril!

Trazei-me os sonhos perfumados, ledos,
Almos segredos que, escutando bem,
Á meia noite Julieta arrulha,
Quando a patrulha vae passando além!

Trazei-me os echos dos defuntos pianos,
Que eram ha annos, ao ouvir meus ais,
Martyrisados pelas viscondessas,
Em cem cabeças de comarca, ou mais!

Sou par do reino, bacharel formado,
Condecorado com a Conceição;
Tarirarira, rira, rira, rira,
Tarirarira, rira, rira, rão!

«Bis! bis! exclamaram todos.
«E o sr. Borges gritava enthusiasmado:
«—Vis! vis!
«Então o sr. conselheiro, sorrindo, repetiu:

Tarirarira, rira, rira, rira,
Tarirarira, rira, rira, rão!

«Foi um delirio!»

Esta engraçada parodia a um dos rythmos favoritos do illustre poeta do *D. Jayme* é, como disse. de Guerra Junqueiro.

Anthero fez para o capitulo intitulado *Episodio lyrico: Evocação* os alexandrinos huguescos que ahi se leem, e cujo verso final, paraphrase do famoso

Dejà Napoléon perçait sous Bonaparte

é uma felicissima *trouvaille.*

Eis o episodio:

«Mephistophelico, com o seu nariz adunco, na primeira fila, via-se o nosso Guerra Junqueiro, n'essa noite particularmente glorioso. Passavam-lhe na mente, incendiada pelos explendores da festa, trovões, montanhas, abysmos e vozes do infinito. Mr. Cumberland adivinhou immediatamente que a alma do grande Hugo se aninhára no cerebro do nosso querido Junqueiro e lhe estava revelando lá dentro um grande segredo poetico.

«E não querendo privar os nossos convidados d'uma *primeur* posthuma do epico da *Lenda dos Seculos*, tomou pela mão, que a cerveja respeitára, (1) o nosso querido Junqueiro e, levando-o á pedra, obrigou-o, por successivas suggestões, a vomitar as porções de Hugo que o affrontavam:

Je suis mort. Me voilà. Je rayonne dans l'ombre.
Je suis l'éclair, je suis la voix, je suis le nombre!

Les soirs, autour de moi, comme un essaim d'abeilles,
Voltigent. Oh firmament, jardin de fleurs vermeilles,

(1) Guerra Junqueiro, que era então um grande amador de cerveja, batendo-se *bock* a *bock*, ás mesas do Camanho, com os mais copiosos bebedores da Pilsener, ferira, dias antes, uma das mãos no gargalo d'uma garrafa, que se quebrára quando o poeta a desrolhava.

Que mon souffle caresse et que ma vaste main
Cueille d'un large geste, auguste et surhumain,

Je t'habite! Oh lueur! Je rève sur la cime!
Et mon nombril s'etale aux bords noirs de l'âbime.

Je suis tout. Oh! je suis le repos et la lutte,
De l'Infini muet. Je suis l'harmoniflûte!...

Il dit. — Et dans la fauve et sombre immensité,
Dans un nimbe effrayant d'horreur et de clarté,

Étonnant l'ouragan, et l'aigle, et l'escargot,
Sous Dieu le Père on vit — percer le père Hugo!

«Estes quatro ultimos versos, que o nosso glorioso Junqueiro addicionou á confidencia astral de Victor Hugo, fizeram dizer ao nosso Eça de Queiroz:

«— Sempre odiando o Padre Eterno, que tanto fez por elle!... Bem ingrato, este Abilio!

«Uma parte da assembléa desgraçadamente, por ignorar a lingua franceza, não poude apreciar as bellezas fortes d'esta poesia epica de Hugo. Os leitores da *Provincia* dirão se ella é sublime, ou não.

«Mas decididamente não foi este o mais bello successo da *soirée*. Pois merecia sêl-o!»

O faceto artigo descrevia ainda outras *sortes* do adivinho, não menos burlescas do que estas, mas em que a collaboração do grande humorista foi secundaria ou nulla. Por isso não citarei esses trechos.

Ah! não a esquecerei nunca, essa noite alegre de bohemia do espirito, de Carnaval litterario, em que esses grandes intellectuaes foliavam como *pierrots* enfarinhados, atirando ás mãos ambas sobre a multidão, sobre os politicos, os litteratos, os homens do dia, os *confetti* e as serpentinas da chalaça, das allusões picantes, da desenvolta phantasia clownesca!

Já lá vae quasi o terço d'um seculo!... Mas, no fundo da minha memoria, revivo essa scena adoravel, com a precisão e a nitidez de pormenores d'um successo da vespera. E os homens illustres, que d'ella foram os actores, surgem aos meus olhos, saudosos e humedecidos pela emoção, como elles então eram, todos na força da edade, na plena madureza dos seus magnificos talentos, no auge da gloria, que já os havia consagrado entre os maiores escriptores do seu tempo.

Não o guardarei, porém, avaramente para mim, no cofre secreto — e já tão cheio! — das minhas recordações, esse episodio da intimidade de tão altos espiritos, que uma grande e fraterna amisade ligava então.

A «pequena biographia» é, frequentemente, para a vida dos homens notaveis, para a revelação do seu caracter, para a accentuação da sua personalidade, tão suggestiva e luminosa como o é, para o estudo e comprehensão d'uma epoca, «a pequena historia».

A quantos, d'entre os novos, que só de tradição ou pelas suas obras, conhecem essas gloriosas individualidades, não revelará esta anedocta um traço inedito das suas physionomias, mostrando-as n'um aspecto ignorado d'essa camaradagem intellectual em que os seus espiritos, tocando-se nos contactos da conversa, pareciam tirar d'esse choque intellectual todo um chispar fulgurante e deslumbrador de grandes pensamentos e de explendidas phrases!

Ouvir conversar esses homens constituia, com effeito, um regalo epicurista de intelligencia, uma verdadeira delicia espiritual. A sua companhia era como uma Academia intima, onde se debatiam — e com que elevação! — os mais transcendentes problemas da philosophia e do saber contemporaneos, as questões mais fundamentaes da vida social e politica, e luminosamente se discreteava sobre as coisas serenas das lettras e das artes.

E como eram simples e naturaes esses Mestres, sem vaidades, sem pretensão, sem pedantismo, sem *poses* olympicas ou ares cathedraticos, fazendo quasi esquecer a sua superioridade pela sua discreção e modestia, pela sua tolerancia e a sua benevola bonhomia! Ao pé d'elles, os pequenos mal sentiam a sua pequenez, — e até, ás vezes, o clarão do seu genio parecia que lhes emprestava um pouco da sua luz, como o explendor do sol flammejante empresta á lua apagada a sua pallida e vaga claridade!...

LUIZ DE MAGALHÃES.

Eça de Queiroz na intimidade

Dizem os franceses que não ha grandes homens para os seus criados de quarto. E' um absurdo, como absurdos são muitos anexins populares que o povo repete inconscientemente. Eu creio, ao contrário, que é na intimidade que mais se afervora a admiração pelos que realmente a merecem.

Para penetrar a admiravel psicologia de Eça de Queiroz, é preciso tel-o conhecido, tel-o ouvido, tel-o seguido atentamente na sua afectuosidade, no modo superior como apreciava os homens e comentava os acontecimentos. Não era só a linha fidalga que o distinguia fisicamente: era a sua fidalguia moral que transparece em todos os actos da sua vida.

Quem o conhecesse, não podia deixar de o amar.

Havia no seu trato intimo a bondade nativa que caracterisa as almas de eleição. O que, principalmente, o preocupou sempre, foi a sorte dos pequenos e dos humildes. A sua alma confrangia-se diante das desgraças alheias. Quer

se tratasse de um individuo explorado pelo egoismo do seu semelhante, quer se tratasse de um povo oprimido pela mão de um tirano, a sua critica era implacavel. Dominava-o um sentimento de justiça. E dessa modalidade, que assinala um espirito de revolta, derivou a sua tendencia socialista, tendencia revelada igualmente nos escritos dos seus brilhantes companheiros: Antero de Quental, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins.

Eça teve, a mais, a rara virtude de se ter mantido fiel aos seus principios.

Não mudou. De uma simplicidade tocante, não o embriagou nunca a ambição que a tantos outros tem precipitado no abismo. A unica coisa que o desvanecia era a sua arte, a suprema perfeição da sua obra.

Dizia Guy de Maupassant que todo o escritor devia escrever um unico livro, durante a sua vida, e rasgal-o na vespera da sua morte. Foi este ideal de perfeição maxima que provocou a constante tortura de Eça de Queiroz. Porque, pode bem dizer-se que êle foi um torturado, correndo incessantemente em demanda de um ideal inatingivel.

Depois da publicação de uma das suas melhores obras, perguntei-lhe, um dia, se estava satisfeito. Encolheu os hombros e respondeu-me: «Se fosse hoje teria feito coisa melhor».

Todos sabem como êle trabalhava, um pouco á maneira de Balzac.

Compunha os seus livros sobre as provas, que se iam desdobrando sucessivamente em outros tantos capitulos. Era um artista, na verdadeira acepção da palavra.

Assisti certa noite á representação do *Rei Lear,* maravilhosamente interpretado pelo actor Rossi. Quando o fui felicitar ao camarim, êle, colocando a mão sobre o peito,

exclamou com veemencia: «A minha Arte!» Compreendi admiravelmente aquele gesto. Com egual rasão o poderia ter aplicado a si, Eça de Queiroz. A sua arte, por ninguem ainda foi egualada em Portugal.

Eça, por estranho que o facto pareça a alguns, foi um revolucionario e dos mais temiveis. Espalhou ideias, reformou costumes e preparou a sua geração para a prática da democracia.

E tudo isto fez serenamente, conscientemente, sem ruído, alheio ao reclame que odiava, no seu isolamento de contemplativo, como quem cumpre uma altissima missão social.

Uma tarde, fui encontral-o muito aborrecido, no gabinete do consulado. Perguntei-lhe o que tinha: — «Imagine a minha desgraça! — replicou. Escreveu-me o meu editor a pedir-me que consinta na afixação de cartazes, para anunciar uma obra minha. O meu nome, em letra redonda, nas esquinas, calcule... E', para mim, uma doença. Tenho horror a ver o meu nome em letra redonda.»

Interessava-se muito pelas questões sociaes. Nos seus folhetins para a *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, transparecia a paixão que o dominava. Falava-me neles com vivacidade. E, não ocultava o seu prazer, em comentar largamente os factos a que se referia, com incomparavel justeza de criterio e uma perfeita previsão dos acontecimentos.

Eça marcou uma época, como escritor. Teve a intuição do espirito do seu tempo, o que o tornou ainda maior. Foi um homem adoravel na intimidade, que nunca perdeu o seu ar de *bon-enfant*, caprichando pela educação e pelo caracter, ambos primorosos. Se pode haver homens perfeitos na terra, êle aproximou-se, quanto possivel, da perfeição. Possuindo, como poucos, a noção do dever, não descurou a

sua vida material. O funcionario egualou o amigo e o chefe de familia. Foi embalado no sonho e acariciado pelos rútilos ideais que tornam o homem moralmente forte.

«Só pela riqueza do espirito, os povos se engrandecem e vencem ou serão vencidos.»

Agosto de 1919.

MAGALHÃES LIMA.

Eça de Queirós, académico

Nêste *In Memoriam*, fica bem a contestação documentada, á afirmativa, feita em público e razo, de que Eça de Queirós não foi sócio da Academia.

No conceito do torturado estilista:

> «Desde que uma Academia existe, qual é no fundo a sua missão? Evidentemente constituir um Directório intelectual que mantenha na literatura o gosto impecável, a delicadesa, a finura do tom sóbrio, as puresas da fórma ....
>
> «Ora eu não afirmo nem nego a influência literária das Academias, e a sua utilidade na vida pensante duma nação. Sem Academias a Inglaterra produziu, produz, uma literatura de incomparável nobresa e originalidade. Mas, no dizer de dois mestres, Sainte-Beuve e Renan, á Academia deve a literatura francesa aquelas qualidades perfeitas que a tornaram em todos os tempos, e em todos os géneros, um modêlo,

e que no século XVIII, fizeram dela o mais persuasivo e efectivo agente da civilisação que houve na Europa.»[1]

Êste era o juizo do famoso escritor ácêrca das Academias em geral, opinião confirmada posteriormente.

Em 1883 já Eça estava notabilisado, sobraçando, a sua «obra capital de romancista»[2] — o *Crime do Padre Amaro*, o *Primo Bazilio*, e o celebre *Misterio da Estrada de Cintra*. Em 15 de março, reunida a Academia na sua fradesca sala, foi apresentada a candidatura a sócio correspondente. Passados vinte oito dias foi lido o parecer. Silveira da Mota, em testemunho de consideração pelo eminente escritor, propoz que fôsse logo votado. Todavia, praxes regulamentares o impediram. Eça foi eleito académico a 26 de abril de 1883, apressando-se a agradecer tam subida honra:

> *Ill.mo e Ex.mo Snr. — Tenho presente a communicação em que V. Ex.a se digna annunciar-me que a Academia Real das Sciencias de Lisboa me nomeou seu socio correspondente; — e venho respeitosamente rogar a V. Ex.a queira ser, perante essa illustre e douta corporação, o interprete do subido apreço e sentimentos de profundo reconhecimento com que recebi a honra de ser admettido a co-operar nas suas altas funcções litterarias. Sirva-se V. Ex.a pessoalmente acceitar a expressão da minha grande admiração e estima.*
>
> *José Maria d'Eça de Queiroz. Lisboa, aos 25 de maio de 1883 — Ill.mo e Ex.mo Sr. José Maria Latino Coe-*

[1] Eça de Queiroz, *Notas Contemporaneas*. 2.ª edição 1913. p. 194.
[2] Fialho d'Almeida, art. na revista *Brazil e Portugal*.

lho, Secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa. [1]

Eça, no assento que a Academia lhe deu, só viu, «como devia, — êle o afirma nas *Notas Contemporaneas,* — o favor, a simpatia, a honra,» [2] e... a amisade de Ramalho Ortigão influenciando nessa candidatura.

Creio nunca ter comparecido ás sessões da Academia, e tambem nunca colaborou nas suas publicações.

*

*   *

Eça pertenceu á geração coimbrã evidenciada pela polemica: — *Bom senso e bom gôsto.* Foi um prefacio apadrinhando a prosa de Pinheiro Chagas quem a provocou. Essa a causa inicial do resentimento entre os dois escritores, agravado—em 1880,—por lúta jornalistica. Sarcasticamente, Eça não podia ser mais agressivo. Ridicularizou o adversario colocando-o num sarau em casa do senhor marquez de Marialva, calçando «sapato de fivela em passo de minuete», e saudando uma secia galante de quem comparou «os olhos negros a duas figas de Cupido».

Admiravel ironia demolidora! Mas «a sciencia da vida está em saber esperar» — afirmou Taillarand.

No outono de 1887 o *Diario do Governo* annunciou o con-

---

[1] Este oficio é publicado com especial autorisação dada em 3 de Abril de 1917 pelo Secretario Geral da Academia das Sciencias de Lisboa, Adriano Augusto de Pina Vidal. Respeitei escrupulosamente a ortografia dêste documento.

[2] Eça de Queiroz. ob. cit. p. 196.

EÇA DE QUEIROZ — CARICATURA INÉDITA DE FRANCISCO VALENÇA

curso académico para o prémio D. Luiz. Eça terminára havia poucos mêses a *Reliquia*. Ora, escreve êle:

Quando a Academia «abre largamente as suas portas, convida todos os homens de letras a trazerem as suas obras para coroar a mais digna — pareceu-me que se eu, despresando êste apêlo aparatoso, me conservasse afastado, de costas voltadas para a arena, sem me misturar aos meus companheiros de literatura, num soberbo desdêm da Academia e das suas coroas, me mostraria singularmente descortês e pedante. Por isso, atirando uma capa de papel pardo aos ombros do meu livro, o único que tinha nesse ano do Senhor, a *Reliquia*, ordenei-lhe que fôsse á Academia.» [1]

Lá o esperava o seu «homem fatal» — Pinheiro Chagas. Mas, tambem lá estava o seu mais lial e melhor amigo: — Ramalho Ortigão.

Concorreram: Abel Botelho com o *Germano*, Coelho de Carvalho com as *Viagens*, Guilhermino de Barros com os *Cantos do fim do seculo*, Henrique Lopes de Mendonça com o *Duque de Vizeu*, Sousa Monteiro com os *Amores de Julia* e Teotónio Flavio de Oliveira com o drama *Egas Moniz*.

Coube a Pinheiro Chagas redigir o parecer do júri. Eça, ante este «homem fatal», anteviu logo a irreverente e despreconceituosa *Reliquia* preterida sem escandalo.

No dia 10 de dezembro, o circunspécto *Jornal do Commercio* iniciava, folhetinescamente, a publicação do extenso relatório, no qual Pinheiro Chagas se justifica:

. . . .

«Aparece-nos nêste concurso um dos nomes mais ilustres, e mais justamente ilustres da literatura por-

[1] Eça de Queiroz. ob. cit. p. 190.

tuguesa de hoje, o nome de Eça de Queirós. O grande romancista, o escritor potente e original, que se revelou de um modo deslumbrante no *Crime do Padre Amaro*, que encontrou no *Primo Basilio* inspirações verdadeiramente shakespearianas é hoje, sejam quais forem as reservas que os seus processos literários inspirem a uns, a repugnancia que outros sintam pela escola em que ele pretendeu filiar-se, uma gloria nacional. Esses processos de estilo, essas afectações de investigação muida e revoltante, meras inspirações de Escola, mudam como as modas do vestuario, mas a beleza artistica das creações, a eterna verdade humana dos tipos ideados pelos grandes poetas e romancistas, ficam como a eterna formosura que os séculos vão sempre admirando nos quadros dos grandes mestres. As altissimas toucas piramidaes das mulheres do séc. XV, os enormes cabeções engomados das mulheres do séc. XVI, os ridiculos turbantes das nossas avós espantam primeiro o nosso gosto costumado a outros aspectos, mas a imortal belesa que nêsses acessórios tem uma moldura que julgamos ridicula, como os nossos netos hão de achar tambem ridicula a que nós admiramos, arranca-nos logo um grito de admiração. Que importa tambem que os personagens de Shakespeare se desentranhem em requintadas imagens gongoricas, que os Gregos de Racine, conversem entre si com a polidez estudada dos salões de Versailles, que os personagens de Dumas declamem, que os de Eça de Queirós se percam no labirinto de uma adjétivação copada e de pormenores escusados? Nada disso impedirá que os seculos se reconheçam nas suas creações o sangue verdadeiro de um coração deveras humano a correr nas veias

dos entes por eles creados. E quem accrescenta uma figura só que seja á vasta galeria que a arte fórma, e em que a humanidade se retrata, tem certa a immortalidade.

«Por estranha anomalia sucede que os grandes homens ligam uma importancia suprema exactamente ao que é transitório, ao que desaparece com o gosto do tempo, com a escola da voga. O futuro ha de rasgar muitas paginas do *Primo Basilio* que são talvez as mais queridas do autor, como salta os trocadilhos eufuisticos do *Hamlet*, os madrigais do *Britannico*, as declamações do *Antony* para ir procurar em capitulos e scenas imortais a eterna expressão da angustia, do amor, da duvida, de tudo o que perturba, comove e agita o homem na sua passagem na terra.

«Mas será a *Reliquia* um dêsses grandes livros de Eça de Queirós deante dos quais desapareceriam todas as competencias? Não é. A *Reliquia* foi, segundo a expressão francesa, uma «mèprise» do autor. Imaginou, supomos, que seria original e extranho fazer contemplar e descrever a paixão de Cristo por um pateta moderno, um devasso reles, vicioso e beato, mantido por uma tia no culto piégas de Nossa Senhora da Conceição e no sagrado horror das saias, e fazendo ás furtadelas as suas incursões pelo campo do amor barato, e do cigarro e da genebra á mesa do botequim. Este homem, transportado fantasticamente para a Jerusalem do templo de Cristo, vendo e descrevendo o grande drama sagrado, devia dar ao mundo um Evangelho burlesco, impio de certo, muito mais escandaloso que as *Memorias de Judas*, mas que podia ser em todo o caso uma obra d'arte notavel. Acontece porem que o autor parece ter feito á parte

o seu romance da *Paixão de Cristo,* colocando-o depois á pressa nas paginas do outro. Quem adormece é Teodorico, e quem sonha é o autor, e com grande surpresa nossa, vemos aquele adorador de santinhos, e frequentador das ruas suspeitas de Lisboa sonhando que vê a Paixão de Cristo em todo o seu grandioso aspecto histórico. Mal se pode imaginar o disparatado efeito que produz este contraste, e peor é ainda quando o autor se lembra de subito que é o seu protogonista que está sonhando e introduz nas scenas mais belas uma nota que arripia com uma desafinação flagrante : — Teodorico a sonhar que acende um cigarro no meio da agitação que produz em Jerusalem a noticia da morte de Cristo ! Mas a que propósito vem este sonho fantastico ? Serve para transfigurar Teodorico ? Voltando á realidade com as impressões do sonho, aquele burguês devasso e tolo sente a sua alma inundada de uma luz nova ? Sae daquela chrisálida de chinelos e de barrete de algodão uma borboleta mistica ? Nada d'isso. Teodorico volta a ser o que fora, a sua transformação no final do romance em nada modifica a sua fisionomia burlesca, Singular equivoco foi este, e que nos faz supôr que o sr. Eça de Queirós não quiz sacrificar trabalho já feito com intuitos diversos para refazer a grande scena histórica já por ele traçada, colocando-a no foco da luneta de Teodorico. Pois esse ponto de vista funambulesco, e pouco simpatico, porque é sempre repugnante ver sacrificadas ao aviltante motejo offenbachiano as grandes scenas consoladoras da história da humanidade, era em todo o caso o ponto de vista carateristico do romance. Se Eça de Queirós recuava diante da profanação de corrigir o drama do Evan-

gelho com a equação pessoal do seu Teodorico, para que inventou este personagem, e o colocou em situação de presenciar tam grandiosas scenas? Que significa o sacrilegio à Pigault-Lebrun da camisa confundida com a corôa de espinhos, se a alma de Teodorico se mostra apta para compreender o que ha de grandioso e de sublime no drama de Cristo? Eis o defeito irremediavel do livro, defeito que o coloca longe das obras primas com que o sr. Eça de Queirós tem enriquecido a literatura portuguesa.

«Mas o génio do escritor sente-se em todo o caso nesse livro, tam falto de unidade logica, e o sonho da Paixão, logo que o leitor se esqueça de quem é o personagem que sonha, é de uma belesa verdadeiramente admiravel. Sobretudo apontamos, como um dos trechos mais brilhantes, que resplandecem na nossa literatura, a transição da realidade para o sonho. E' meia noite, o protogonista acorda ou julga acordar na sua tenda de viajante, e vê á luz vacilante da vela o sabio alemão que o acompanha, como que revestido de uma tunica antiga. Montam a cavalo e partem para Jerusalem. A estrada toma diante dos seus olhos um singular aspéto. As ferraduras dos cavalos resoam no asfalto das antigas vias militares romanas, perpassam deante dos olhos do viajante, no rapido galopar, estalagens estranhas onde se lêem inscrições latinas. vem á estrada um asceta biblico, um profeta, vestido de peles de animaes, magro e hirsuto, soltar imprecações, passam fatigados uns legionarios, e ouve-se ao longe o estrepito da caravana da Galilea. E o autor pinta tudo isto n'umas meias tintas com tal arte combinadas, que parece efetivamente que em torno de todas estas paisagens e de

todos estes personagens fluctua aquele veo de neblina que dá um tom vaporoso ao scenario e ás figuras dos sonhos, que esses rumores não tem écos, são baços como os que em sonhos ouvimos, e que nós tambem vamos de um momento para o outro acordar nessa tenda da Palestina, vendo vacilar no chão as sombras, e á cabeceira, ao sopro do vento, a luz tremula da vela.

«Se um trecho destacado bastasse para darmos a palma a uma obra qualquer, tel-a-ia decerto a *Reliquia;* se podessemos ver a obra completa do autor por traz do livro que nos é enviado, não exitariamos decerto em o colocar no primeiro plano.» [1]

Perdido no jornalismo da epoca, este relatório foi editado, pela Academia, em folheto hoje rarissimo. Isto justifica a sua transcrição integral, no concernente a Eça.

Tais foram as relações, dirétas e indirétas, de Eça de Queirós com a Academia. Dos conflitos literários com Pinheiro Chagas—«sempre este homem fatal»—escreverei n'outra oportunidade.

Aqui ficam estas notas documentais para a biografia do notavel critico da sociedade portuguesa no seculo XIX, vencido da vida, e vencedor na perfectibilidade suprema da sua obra requintadamente artistica.

1919. Set.

ALVARO NÉVES.

---

[1] Eça escreveu acêrca dêste parecer uma carta a Mariano Pina, de 25 de junho-1888, com o titulo: «A Academia e a literatura» Cf. *Notas Contemporaneas,* 2.ª edição, p. 137-206.

— Foi Eça de Queirós um plagiador?

(EXTRACTO)

Quando se fala de Eça de Queirós, raro se não fala dos seus «plágios». Os plágios são o *mas*, o mais terrível MAS, que surde a cada instante — sempre cruel na sua franqueza bruta ou na sua hipócrita benevolência — apôsto à obra de arte do eminente Escritor.

Colaram-lhe, em afastado tempo, o achincalhante dístico de «plagiador», — e a lusa inércia mental repete-o sem cessar, engrossando cada vez mais a voz, a ponto de o tornar, a bem dizer, como que a característica de Eça de Queirós, e sem que por sombras procure averiguar se os olhos do cérebro veriam o que os olhos da cara vêem... quando vêem!

Assim, a grande figura de Eça, artista inconfundível, vem seguindo pela cascalhenta vereda mental da sua pátria, por entre a poeirada literária que o vendaval do elogio — mútuo e próprio — faz remoìnhar, vaiado pela gente da sua terra — *da sua terra!* — que se esbofa às orlas do caminho: — *Plagiador! Plagiador!*

O façanhoso D. Quixote passeava a sua poética loucura nas ruas de Barcelona, reconhecido por tôda a gente—porque tôda a gente lhe via no *balandrán de paño leonado* o traiçoeiro cartaz: «Este es don Quijote de la Mancha.»

Eça é o Plagiador, — o «Super-plagiador», como na Itália chamam a Gabriel d'Annunzio, — não porque esta gente berradora que lhe sai ao caminho o conheça atentamente, mas porque soletra o maldito letreiro que em afastado tempo lhe colaram nas costas...

No entanto, vozes se teem erguido, no deserto da lusa inércia mental, esforçando-se por que a justa verdade brilhe com nitidez; — são vozes, porém, que se apagam nos próprios ecos, como sons que se reflectem a uma curta distância, — em contraposição à corrente dos assacadores de plágios que se avoluma clamorosamente, parecendo não haver já fôrças humanas, nem divinas, que se lhe possam opor.

Farei passar por estas páginas algumas dessas vozes, apoiando a minha, — para que fiquem devidamente conjugadas, e assim possam, num côro intenso, abalar eficazmente a cerebral atonia portuguesa.

*

* *

Entre as vozes, que a verdade alenta, especificarei a de um dos homens mais ilustres dêste Portugal,—o cauteloso, vivo e profundo pensador José Pereira de Sampaio *(Bruno)*, excepcional homem de um país onde a regra é não pensar, e que, por isso mesmo, está quási esquecido, senão ignorado, pelos seus compatriotas.

Bruno, em 1886, no livro *a Geração nova — Ensaios criti-*

cos — Os novellistas (1), depois de se haver referido às tôlas acusações de plágio feitas ao *Primo Bazilio* (considerado variante de *Eugénie Grandet!!)* e ao *Crime do Padre Amaro* (2) (tido como inspirado na *Faute de l'Abbé Mouret,* que foi publicada posteriormente!!), escrevia (3):

«Quando appareceu o *Mandarim*, recordou-se uma narrativa, com o mesmo nome, de Augusto Vitu, n'uma collecção detestavel, ingenuamente justificando o titulo de *Contes à dormir debout;* tambem se fallou que, pelo menos, Eça de Queiroz copiara de Jules Verne, nas *Attribulations* (sic) *d'un chinois en Chine*, a sua descripção de Peking, como se o litterato portuguez não tivesse de proceder sobre o relato de alguem na pintura d'uma localidade onde nunca poz os pés.

«Uma e outra accusação são de tal modo absurdas que não chegam a adquirir fóros de que se discutam. O conto de Vitu não passa d'uma semsaboria e a descripção de Jules Verne fornece os informes de qualquer artigo de diccionario geographico; é, litterariamente, insignificante.

«O caso do *Mandarim* procede d'um conceito moralista, celebre na litteratura contemporanea. Um pessimista ou um mystico, não se averiguou ainda se Rousseau se Chateaubriand, se outro d'onde o segundo o tirou, propõe, para dar ideia da inconsistencia moral do homem, este problema de saber se o mais virtuoso não será capaz de, para lhe herdar a riqueza, supprimir um botão de crystal ignorado no fundo da China, comtanto que para isso não lhe exijam mais do que formular o desejo homicida no silencio do seu coração.

(1) Porto 1886.
(2) Pág. 173.
(3) Pág. 174-175.

«Esta these frivola deu logar a muitas allusões litterarias, conforme em Balzac se vê no dialogo entre Horacio Bianchon e Eugenio de Rastignac; tornada fundo commum para o desenvolvimento artistico, originou e originará contos varios, como em Méry e em Léon Gozlan, comedias como em Lambert Thiboust, vaudevilles como o de lettra de Albert Monnier e Edouard Martin.

«Censurar, pois, o romancista portuguez de ter trabalhado, aliás com a mais rutilante pessoalidade, sobre um terreno neutro, equivale simplesmente a desconhecer a lei de formação das grandes creações litterarias.»

Os paralelos entre passos de Júlio Verne e Eça de Queirós véem nas *Influências estrangeiras em Eça de Queirós*, de João de Meira (1). São quatro! João de Meira apresenta-os para mostrar que «Eça não procurou exclusivamente no livro de Jules Verne, os elementos da descrição de Pequim. Todos os pormenores de vestuario, de bricabraque, de usos domesticos, de culinária, que aparecem no *Mandarim*, encontram-se no romance de Jules Verne.» (2)—São coisas demais para quatro exíguos paralelos apenas...

O que se conclui é que Eça, tendo de colhêr alguns elementos, puramente descritivos, sôbre a China, os foi buscar a um livro de Júlio Verne, por o ter mais à mão naturalmente, e não estar para a maçada de os ir buscar a outros livros.

Havia de pôr os chineses vestidos à alentejana, ou a correrem toiros à antiga portuguesa, ou a entornarem carrascão numa taberna minhota? Havia de ir ver a Porcalhota para imaginar Pequim? Se lhes parece!

---

(1) Famalicão 1912.
(2) Obr. cit., pag. 8-9.

As *Tribulations* foram «para o *Mandarim* — afirma João de Meira (1) — o que mais tarde foram as *Memoires de Judas* para a *Reliquia*.» — *E foram*, pois que não passaram de meros textos fornecedores de materiais. (2) Devendo-se acrescentar que P. della Gattina se não cansou muito a *criar*... Foi à Bíblia, a Juvenal e Marcial, a Voltaire, além dos evangelhos apócrifos em que as *Memórias* se baseiam, como confessa o Autor, e urdiu a sua obra, na qual Eça, em segunda mão, encontrou depois materiais para construir livremente, pessoalmente.

No mesmo caso estão muitos paralelos que se teem feito entre passos da *Reliquia* e de obras de Flaubert.

E' claro que, se Eça de Queirós se preocupasse com o saber-se onde êle pousava as pontas dos pés para erguer os seus voos artísticos, lhe seria fácil, por estudo, por mais vasta leitura, por habilidade, diluir ou mascarar os trabalhos subsidiários da sua obra. Eça de Queirós, porém, não era homem que se prendesse com isso: era um verdadeiro artista, avêsso a erudição, e tendo lido o seu Flaubert e outros livros de arte, contentou-se com servir-se quási só dos subsídios que aí encontrou, amalgamando-os na sua imaginação, trocando épocas e países, sem respeito pela história, embriagado apenas por efeitos literários.

Não é, porém, nêsses subsídios que alguém pode ver «plágios», nem sequer «influências», — mas «fontes», que é coisa muitíssimo diversa. A influência de Flaubert não está nessas miuçalhas subsidiárias, que Eça podia ir buscar a outros livros, sem que no entanto deixasse de ser um influenciado pelo autor da *Salammbô*. Há, por exemplo, alguma influência de J. Verne em Eça de Queirós?

Obr. cit., pag. 8.

(2) Vid. obr. cit., de João de Meira.

E «fontes» teem-nas todos os literatos, os artistas de maior originalidade, principalmente quando, como no caso de que se trata, pretendem vivificar gentes, costumes, factos, paisagens de nós muito distantes, no lugar ou no tempo.

O Mysterio da estrada de Cintra, essa curiosa estroinice literária, onde a uma espontânea ginástica de imaginação se uniu um propósito folhetinescamente sensacional, não escapou também ao tremendo apodo.

Foi o Dr. Adolfo Coelho que lho jogou. Diz êle (1):

«Aperfeiçoando-se como escritor, Eça permaneceu fiel a essa direcção, que o afastava da seguida com Ramalho em *O mysterio da estrada de Cintra*, cujo ponto de partida fôra plagiado duma historia phantasiada por um noticiarista no *Progresso e ordem.*»

O sr. António Cabral teve a paciência de ir folhear a collecção do *Progresso e ordem*, atrás da notícia a que o ilustre Professor aludia. Folheou, e encontrou nada menos de três notícias, que o leitor pode ver na sua obra *Eça de Queiroz*, de pág. 260 a 262. Conclui-se que elas nenhuma relação teem com a narrativa do *Mysterio*, — o que aliás diz com as afirmações dos autores acêrca da génese do romance. (2)

Mas que tivessem? Suponhamos que sim, que o *ponto de partida* (passe o barbarismo por conta alheia) de o *Mysterio* foi qualquer notícia de periódico. E daí? Que importava a

---

(1) *Alexandre Herculano e o ensino publico*, Lisboa 1910, pag. 220.

(2) Vid. Prefácio da 2.ª ed. de *O Mysterio da Estrada de Cintra* e *as Farpas*, ed. de 1887, II, pag. 221-222.

severa afirmação do Dr. Adolfo Coelho? Poderá alguém dirigir censuras, as mais leves censuras, a um escritor que, para a feitura de uma obra de arte, aproveite a magra notícia de um sucesso qualquer? Não é lícito, pois, literatizar um facto real ou imaginário, uma informação que se colhe, uma tradição, um documento, uma página de história, ou coisa que o valha, quer tal se aproveite como sugestão apenas, quer como estrôma fundamental?

... Se isto não é lícito, — faça o obséquio de atirar a primeira pedra o literato que não seja plagiador!

O mesmo se dirá de acusações idênticas como a do sr. A. Cabral, que foi, no seu livro citado, confrontar o caso do *Castelo de Faria,* narrado em Fernão Lopes, e aproveitado por Herculano nas *Lendas e narrativas* (mas êste não é plagiador!...), com o conto entretecido em *a Ilustre Casa de Ramires.*

Agora, a conferência do Casino.

— Inspirou-se em Proudhon! descreveu quadros de Courbet, encostando-se a Proudhon! — logo é um plagiador.

A modos que não passa de um plagiador quem se inspira em opiniões, doutrinas, modos-de-ver de outrem! Por êste andar, nada de mestres, nem de discípulos! Nada de escolas! Cada qual tem de arrancar dos miolos teorias *suas*, doutrinas *suas*, *originalidades* absolutas, — e ninguém as pode aceitar e seguir, é claro!

Dirão: Eça podia aceitar as ideias de Proudhon, assimilando-as, e apresentando-as depois com o cunho pessoal.

A objecção não invalida o que ficou dito sôbre mestres e discípulos e escolas, mas aceita-se. E, logo de entrada, pregunto: — Quem assegura que Eça não deu cunho pessoal à conferência? Deve notar-se que, no lance, o «cunho pessoal» representa muito, muitíssimo, porque o Artista se

não dedicou a estudar por meúdo o assunto, compulsando livros, sopesando opiniões, rebuscando sugestões, para daí tirar — o que é fácil a tôda a gente — conclusões emmascarantes dos elementos contribuintes. Eça, como Artista, e só Artista, que era, — delineou sem vagares nem profundezas a sua palestra, — e, atendendo à sua feição literária, ao tema que escolheu e ao seu tempo, só por milagre êle poderia deixar de ir impregnar-se das ideias, então retumbantes, de Proudhon.

Quem testemunhará o vinco pessoal da conferência? Mais uma vez Bruno, que, na *Geração Nova* (1), escreve:

«Baseára-se..... no livro posthumo de Proudhon sobre o principio da arte, não passando a sua conferencia d'uma amplificação das theses do grande doutrinario, em que a sagacidade do conferente, ainda assim, devia corrigir, sem lhe contradizer a essencia do pensamento, as originarias falsidades de julgamento esthetico, subordinado a um criterio mais de renovador social do que de interpretante, livre de quaesquer suggestões de espirito de partido, philosophico ou politico.»

Se era naturalíssimo que Eça, falando do realismo na arte, se baseasse em Proudhon, — *fatal* era que, com tal base, se referisse a Courbet. Pois qual é o núcleo do livro de Proudhon, senão Courbet? Quem provocou o livro? Para que foi escrito o livro? Courbet e sempre Courbet, transfigurado por Proudhon, que lhe dá alores estranhos e grandiosos com que o pintor afinal nunca sonhara. Falar de Proudhon, do seu livro, do realismo na arte, e não falar de Courbet, tipo de pintor realista, seria até um contra-senso.

---

(1) Pag. 149-150.

E faria sentido falar de Gustavo Courbet, sem alusão aos seus quadros, que tanto escândalo, tam ruidosas discussões levantaram ?

Pelo relato, que da conferência então publicou o *Diário de Notícias,* vê-se que Eça *descreveu espirituosamente três quadros de Courbet, como exemplo do realismo na arte.*

— ¿E para *descrever espirituosamente*, precisaria o Mestre da descrição e da ironia, de ir buscar tintas e graça a outrem ?

Eça não tinha visto os quadros, pelo que afirmam, — e foi isso que levou os críticos a censurá-lo, como se todos nós não tivéssemos falado muitas vezes em coisas que nunca vimos, e como se fôsse razoável que, dissertando-se acêrca de Courbet e do seu realismo na arte, se não *exemplificasse* êsse realismo. A necessidade dessa exemplificação é que levou o conferente a descrever os quadros, e vendo-os, através da descrição de Proudhon, não o plagiou, pois que o fêz com a *sua* graça e com a *sua* maneira, tanto mais que o assunto a isso à maravilha se prestava.

Teem-se feito ainda confrontos que, à falta de espaço, melhor é nem os enumerar, pois que as parecenças não derivam senão de as ideias, os tipos ou os factos visados serem *comuns*, — confrontos que chegam até ao ridículo, quando se pretende achar «plágio» em o nome *Paraizo*, de *o Primo Bazílio* (de *Paradou,* de *la Faute de l'Abbé Mouret)*; no vocativo «madrinha», nas cartas a M.^e^ Jouarre, (de igual vocativo de Musset a M.^e^ Jaubert); e no título *Prosas bárbaras* (do título *Poèmes barbares*, de Leconte de Lisle)!

*

* *

E' conhecido o soneto de Gerardo de Nerval—*El Desdichado,* que principia:

«Je suis le ténébreux,—le veuf,—l'inconsolé,
Le prince d'Aquitaine à la tour abolie:
Ma seule *étoile* est morte,—et mon luth constellé
Porte le *soleil noir* de la Mélancolie.» (1)

Batalha Reis (2) pôs em confronto êstes versos com os seguintes passos de Eça:

«Eu era o tenebroso, o inconsolavel, o viuvo. (3)

....

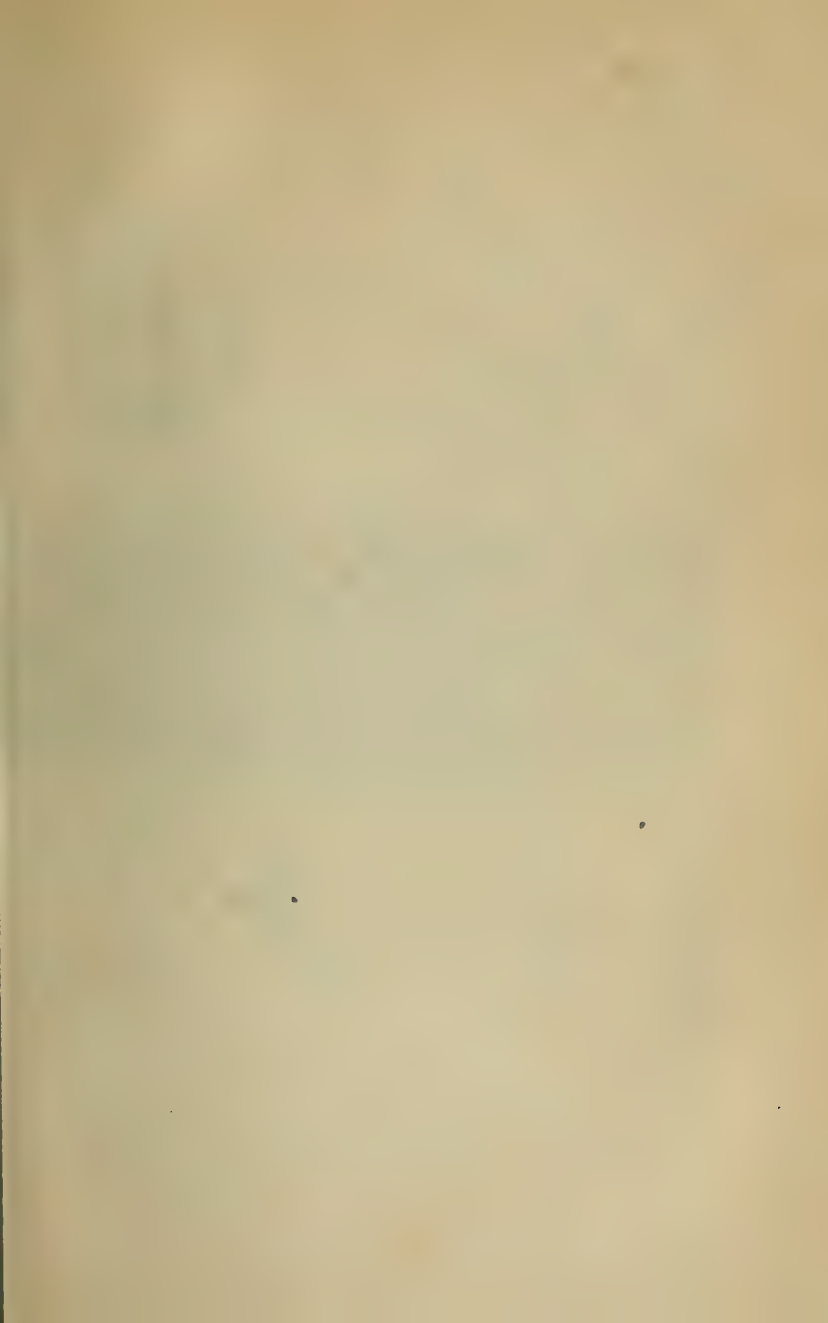
«Passamos lentos, desconsolados e alumiados pelo sol negro da melancolia.» (4)

«Luzia um grande sol, mas negro; o sol da melancolia...» (5)

Fazendo tais confrontos, Batalha Reis não acoimou Eça de plagiador, mas sim disse que era «evidente nas páginas das *Prosas barbaras*, a influencia dos proprios escriptos

---

(1) *Œuvres choisies*, Paris (La Renaissance du livre) s. d. pág. 16.
(2) *Prosas barbaras*, 3.ª ed., Pôrto 1917, pág. xxxiv, nota.
(3) Das «Notas marginaes», obra cit., pág. 8, n.º xv.
(4) Idem, pág. 11-12, n.º xx.
(5) «Symphonia de abertura» in *Gazeta de Portugal*, de 7 de outubro de 1866 = apud Prefácio citado, de Batalha Reis, nas *Prosas barbaras*, pág. xxxiv, nota.

10

Saaron; Samsão e a sua desconsolação é a sua força; o Menino bebendo, na sua fuga para o Egypto, á sombra das arvores, que os anjos iam adiante semeando. São todas fabulas: mas são fabulas que ha douz mil annos tem dado energia moral a um terço da Humanidade.

Os logares onde se passavam esses factos, do certo muito simples e muito humanos que depois, atravez da imaginação e pela necessidade que a alma tem do Divino, se transformaram na adoravel mythologia christã, são por isso veneraveis perante a religião como perante a historia. Todos são todos os seres excepcionaes que hoje formam, para o crente, a côrte do céo, d'esde Jacob a S. Paulo, viveram, combateram, ensinaram, padeceram, n'aquelles logares — que por isso muito justamente se denominam *santos*. Jehovah só alli se mostrava, no seu terrifico esplendor, no tempo em que visitava os homens. Jesus desceu alli para salvar o mundo.

Todos Os deuses nascem no Oriente — mas a Palestina foi de certo a residencia mais grata da divindade. D'ahi lhe ficou esse dom unico na terra, de tornar mais piedosos e melhores, e mais toleradores da vida, e mais fortes em esperança, aquelles que vão em peregrinação respirar esse ar, que ainda conserva o perfume da passagem dos anjos, e pisar esse solo onde ainda não se apagaram as pegadas divinas.

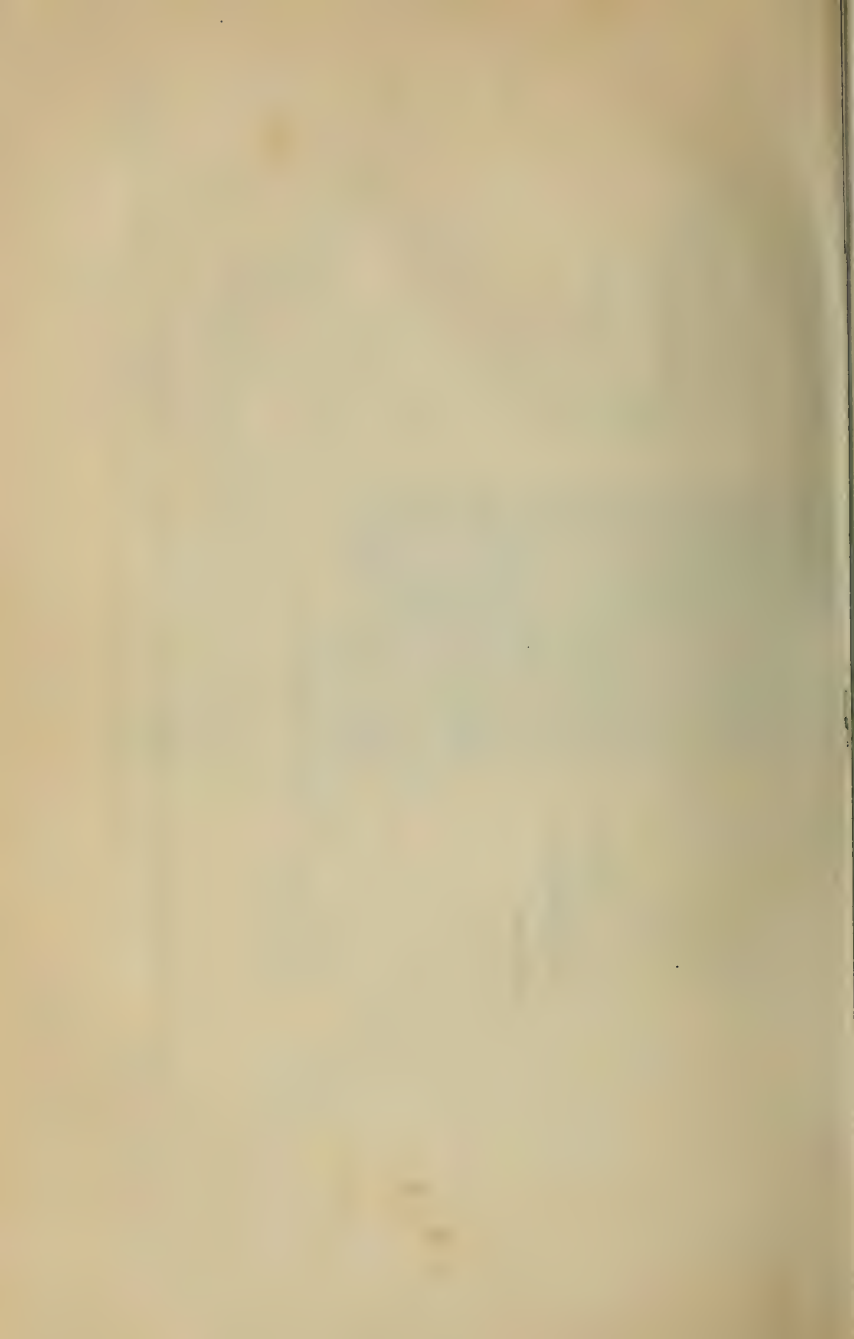
A Terra Santa constitue um perpetuo fermento de illusão. Mas a illusão é tão util como a certeza — e na formação de todo o espirito, para que elle seja completo, devem entrar tanto os Contos de Fadas como os Problemas de Euclides. Destruir pois a influencia moral, religiosa e mesmo poetica da Terra Santa, tanto

rath, Bethlem, a Galilea e Samaria, com os seus guichets, a sua pressa rude, a sua fealdade, o seu desenvolvimento parallelo e de estações restaurantes, hoteis, omnibus, a cultura e o commercio inevitaveis e grossos, destroem irremediavelmente a influencia da poetica Terra-dos-Milagres, por que a modernisam e a materialisam,

Essa influencia encantadora da Palestina de que provinha? Unicamente de ella se ter conservado atravès d'estes quatro mil annos, immutavelmente biblica e evangelica. De certo existem hoje em Israel, modificações introduzidas pelo mussulmanismo; a administração turca é menos completa e efficaz que a administração romana, os vergeis e jardins que cercavam Jerusalem desappareceram; certas cidades perderam o seu heroico feitio de cidadellas; o vinho é raro; e não duvido que aqui e alem, em Sião, se geme ao piano a valsa de Madame Angot. Mas todas estas alterações são de exterioridade.

A vida intima, na sua fórma rural, urbana ou nomada, as maneiras, os costumes, as ceremonias, as construcções, os trajes, os utensilios, — tudo permanece identico ao que era nos tempos de Abrahão e nos tempos de Jesus. Entrar

A CORRESPONDENCIA DE FRADIQUE MENDES

UMA PROVA EMENDADA POR EÇA DE QUEIROZ

originaes de Gerardo de Nerval, principalmente a dos mysteriosos e phantásticos sonetos que começam

«Je suis le ténébreux,» etc. (1)

Influência e não *plágio*.

Eça, escrevendo *eu era o tenebroso, o inconsolável, o viuvo,* repetia *propositadamente*, às claras, o verso de Nerval. Não plagiava, *repetia*, com a consciência de que a frase era bem conhecida, bem divulgada, entre o público ilustrado, mormente pelo que constituia a sua roda, cuja opinião lhe havia de importar singularmente.

Escrevendo *sol negro,* Eça *repete* ainda, impressionado pela expressiva beleza dessa original união vocabular, palavras conhecidas, tam conhecidas como as outras que no mesmo soneto se encontram; mais ainda, porque Hugo as aproveitou em *les Contemplations*, como já o notava Batalha Reis.

....

Et l'on voit tout au fond, quand l'œil ose y descendre,
Au délà de la vie, et du souffle et du bruit,
Un affreux soleil noir d'où rayonne la nuit! (2)

E bastará uma rápida leitura de *les Contemplations*, nomeadamente da poesia especificada, para se ver quanto esta obra também influenciou nas *Prosas barbaras*.

---

(1) *Prosas barbaras*, ed. cit., pág. XXXIV.

(2) V. Hugo, *Les Contemplations*, II, Aujourd'hui — 1843-1855, poesia n.° XXVI, «Ce que dit la bouche d'ombre,» — Paris (J. Rouff et C. E) s. d., pág. 46 do último tômo.—O soneto de Nerval é de 1833 e a poesia de Hugo é datada de Jersey, 1855.

*
* *

Terminando esta catalogação de falsos «plágios,» sem dúvida enfadonha, mas sem dúvida também necessária, para se opor um entrave, senão intenso, ao menos... extenso, à torrente progressiva de depreciação a um nosso grande Artista original, — vou estampar uma série de cotejos, em que parece terem o seu tanto de razão os tremendos acusadores...

«Oh, que differentes se mostravam estes caminhos, estas collinas, que eu vira dias antes, em torno á Cidade Santa, dessecadas por um vento d'abstracção, e brancas, da côr das ossadas... Agora tudo era verde, regado, murmuroso, e com sombras.» (1)

...«la triste Judée, desséchée comme par un vent brûlant d'abstraction et de mort.» (2)

..... «repelliu primeiro o vinho de Misericordia, que lhe daria a inconsciencia... O Rabbi queria entrar com a alma clara na morte por que chamára!... Mas José de Ramatha, Nicodemus, es-

«Il préféra quitter la vie dans la parfaite clarté de son esprit, et attendre avec une pleine conscience la mort qu'il avait voulue et appelée.» (3)

---

(1) *A Reliquia*, 3.ª ed., pág. 219-220.
(2) E. Renan, *La Vie de Jesus*, pág. 28.
(3) E. Renan, obra cit., pág. 419.

tavam lá vigiando. Ambos lhe lembraram as coisas promettidas uma noite em Bethania... O Rabbi então tomou a malga das mãos da mulher de Rosmophin, e bebeu.» (1).

«HILARION

Toda esta costa do Grande Verde então, desde Byblos até Carthago, desde Eleusis até Memphis, estava atulhada de deuses. Uns deslumbravam pela perfeição da sua belleza, outros pela complicação da sua ferocidade. Mas todos se misturavam à vida humana, divinisando-a: viajavam em carros triumphaes, respiravam as flôres, bebiam os vinhos, defloravam as virgens adormecidas.

....

«Ils (faux Dieux) se penchaient du haut des nuages pour conduire les epées ; on les rencontrait au bord des chemins, on les possédait dans sa maison ; — et cette familiarité divinisait la vie.» (2)

«O amigo, perguntou elle (o Diabo), nunca esteve em Babylonia?» Ahi todas as mulheres, matronas ou donzellas, se vinham um dia

«Antoine aperçoit un jardin, éclairé par des lampes.

Il est au milieu de la foule, dans une avenue de cyprès.....

(1) *A Reliquia*, ed. cit., pág. 335.

(2) Flaubert, *La Tentation*, éd. déf., Paris 1913, pág. 217.

prostituir nos bosques sagrados, em honra da deusa Mylitta..... Umas, estendendo um tapete na herva, agachavam-se como rezes pacientes; outras, erguidas, núas, brancas, com a cabeça escondida n'um véo preto, eram como esplendidos marmores entre os troncos dos alamos. E todas assim esperavam que qualquer, atirando-lhe uma moeda de prata, lhes dissesse: «Em nome de Venus!».....

....

....

Au pied des cyprès, des femmes sont accroupies en ligne sur des peaux de cerf, toutes ayant pour diadème une tresse de cordes. Quelques-unes, magnifiquement habillées, appellent à haute voix les passants. De plus timides cachent leur figure sous leur bras, tandis que par derrière, une matrone, leur mère sans doute, les exhorte. D'autres, la tête enveloppée d'un châle noir et le corps entièremente nu, semblent de loin des statues de chair. Dès qu'un homme leur a jeté de l'argent sur les genoux, elles se lèvent.» (1)

«Depois o Diabo contava-me como brilhavam, dôces e bellas, na Grecia, as religiões da Natureza...............

..... a belleza de Venus era como uma condensação da belleza de Hellenia.» (2)

«VÉNUS

«Je faisais avec ma ceinture tout l'horizon de l'Hellénie.

Ses champs brillaient des roses de mes joues, ses rivages étaient découpés d'après la forme de mes lèvres; et ses montagnes, plus blanches

(1) Flaubert, *Ibidem*, pág. 191-192 e 192-193.

(2) *A Reliquia*, ed. cit., pág. 136, 137 e 138.

que mes colombes, palpitaient sous la main des statuaires.» (1).....

..... «Crucificai-o... Mas não sou eu que derramo esse sangue!

O levita macilento bradou com paixão:

— Somos nós, e que esse sangue cáia sobre as nossas cabeças!

E alguns estremeceram — crentes de que todas as palavras têm um poder sobrenatural e tornam vivas as coisas pensadas.» (2)

«Alors il (Mannaëi) étendit les bras du côté de Sion; et, la taille droite, le visage en arrière, les poings fermés, lui jeta un anathème, croyant que les mots avaient un pouvoir effectif.» (3)

«As lagrimas rolavam pela sua face, tristes como a chuva por um muro em ruinas. E a minha piedade foi grande por aquelle Rapsodo das ilhas da Grecia.» (4).....

«Hannon dénonça l'indignité d'un tel outrage;..... et des pleurs coulaient sur sa face comme une pluie d'hiver sur une muraille en ruine.» (5)

Ideia semelhante à expressa no primeiro passo — dêste último lanço de confrontações—se encontra noutro lugar da *Relíquia:*

---

(1) Flaubert, *La Tentation,* ed. cit., pág. 230.
(2) *A Reliquia,* ed. cit., pág. 289.
(3) Flaubert, *Trois Contes*, nouv. éd., Paris 1913, pág. 174.
(4) *A Reliquia,* ed. cit., pág. 347.
(5) Flaubert, *Salammbô,* éd. déf., Paris 1914, pág. 131.

«Ellas (as colinas de Judá) succedem-se, lividas, redondas como craneos, resequidas, escalvadas por um vento de maldição :» (1)

Aproxime-se ainda da última transcrição acima feita, estoutra :

«E uma inquietação engolfou-se em minha alma como um vento triste n'uma ruina...» (2)

E então avistei, errando por cima dos penedos sobranceiros ao caminho, um homem estranho, bravio, coberto com uma pelle de carneiro, que me recordou Elias e todas as cóleras da Escriptura;

«Une forêt de cheveux et de poils lui couvrait la figure, ne laissant voir qu'une petite bande du front, des pommettes cuivrées et deux yeux profonds et étincelants. Une vieille loque de poils de cha-

(1) *A Reliquia*, ed. cit., pág. 182.

(2) *Ibidem*, pag. 384.—Nas obras de Eça de Queirós há muitos outros «ventos». Encontro agora mais os seguintes :

—«Porque Roma é sobre a terra como um grande vento da natureza;» *A Reliquia*, ed. cit., pág. 257.—«Os seus cabellos (de Tópsius) ondeavam agitados por um vento de inspiração». *Ibidem*, pág. 374. — «Subitamente, saudades dolentes do passado, cinzas que me cobriam a alma foram varridas por um fresco vento de mocidade e de modernidade...» *Ibidem*, pág. 387.—«Um a um, entrevi os amigos perpassarem, como longas sombras levadas por um vento de terror». *Ibidem*, pág. 454. — «João, Marcos, Lucas e Matheus, imagens rigidas, envolvidas n'essas roupagens violentas que um vento de prophecia parece agitar.» *Os Maias*, 2.ª ed., II, pág. 129-130. — ... «para lhe fallar da *Revista*, d'um forte vento de espiritualidade e de virtude viril que se devia fazer soprar sobre o paiz...» *Ibidem*, pág. 254. — ... «deslumbrados pelo Lyrismo Epico da *Légende des Siècles*, o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey» — «*A Correspondencia de Fradique Mendes*, 2.ª ed., Pôrto 1902, pág. 6.—E se mais catara, mais achara...

o peito, as pernas pareciam de granito vermelho; por entre a grenha e a barba, rudes, emmaranhadas, fazendo-lhe como uma juba feroz, os olhos refulgiam-lhe desvairadamente... Descobriu-nos; e logo sacudindo os braços como quem arremessa pedras, despediu sobre nós todas as maldições do Senhor! Chamou-nos «pagãos», chamou-nos «cães»: gritava «malditas sejam as vossas mães, sêccos sejam os peitos que vos crearam»! Crueis e cheios de presagios cahiam os seus brados do alto das rochas: e, retardado pelos passos lentos da agua, Topsius encolhia-se na capa como sob uma saraiva inclemente. (1)

meau, serrée à la taille par une courroie, lui descendait jusqu'aux genoux, laissant nus le cou, la poitrine, les jambes, les pieds que l'on aurait dit de granit rouge.» (2)

..... «Sur un monticule, à côté, um homme parlait (Iaokanann). Il avait une peau de chameau autour des reins, et sa tête ressemblait à celle d'un lion. Dès qu'il m'aperçut, il cracha sur moi (Hérodias) toutes les malédictions des prophètes. Ses prunelles flamboyaient; sa voix rugissait; il levait les bras, comme pour arracher le tonerre. Impossible de fuir! les roues de mon char avaient du sable jusqu'aux essieux; et je m'éloignais lentement, m'abritant sous mon manteau, glacée par ces injures qui tombaient comme une pluie d'orage.» (3)

---

(1) *A Reliquia,* ed. cit., pág. 216

(2) P. della Gattina, *Les Mémoires de Judas,* pág. 189:—(Referência ao Bàtista).

(3) Flaubert, *Trois Contes,* nouv. éd., Paris 1913, pág. 181.

A comparação com o granito faz-me lembrar *le Roman de la Momie*, onde há esta frase (1):

«Entre la brassière et la ceinture, le torse apparaissait luisant et poli comme le granit rose travaillé par un ouvrier habile.»

A sua penitencia, durante vinte annos de claustro, fôra tão dura e alta que já não temia o tentador. (2)

«Je me suis réfugié à Colzim; et ma pénitence fut si haute que je n'avais plus peur de Dieu.» (3)

Então, pensando que Lisboa, o meio dormente em que me movia, era favoravel ao desenvolvimento d'estas imaginações — parti, viajei sobriamente, sem pompa, com um bahú e um lacaio.

Visitei, na sua ordem classica, Paris, a banal Suissa, Londres, os lagos taciturnos da Escocia; ergui a minha tenda diante das muralhas evangelicas de Jerusalém; e d'Alexandria a Thebas, fui ao comprido d'esse longo

«L'Égypte s'étalait sous nous, monumentale et sérieuse, longue comme le corridor d'un temple, avec des obélisques à droite, des pyramides à gauche, son labyrinthe au milieu, — »..... (4)

«Il voyagea. Il connut la

(1) Teófilo Gautier, *Le Roman de la momie*, nova ed., Paris (Charpentier) 1917, pág. 112.

(2) *Contos*, pág. 141.

(3) Flaubert, *La Tentation de Saint Antoine*, ed. cit., pág. 5.

(4) Flaubert, *La Tentation*, pág. 209-210.

Egypto monumental e triste como o corredor d'um mausoléo. Conheci o enjôo dos paquetes, a monotonia das ruinas, a melancolia das multidões desconhecidas, as desillusões do *boulevard:* e o meu mal interior ia crescendo.» (1).

mélancolie des paquebots, les froids réveils sur la tente, l'étourdissement des paysages et des ruines, l'amertume des sympathies interrompues.» (2)

Aí ficam, nêste último grupo de confrontações, muitas futilidades ainda, muita coisa sôbre que se poderiam cerzir fundamentados comentários favoráveis para Eça de Queirós.

Suponhamos, porém, que em tudo isso há sintomas de plágio, e a êste grupo juntemos tudo o mais que, a tal propósito, se tem dito e escrito contra o Romancista, e a que nesta parlenda ainda se não aludiu. Incluam-se aqui as acusações de Camilo e de quantos, com mais ou menos autoridade, com maior ou menor vigor, teem entrado na famigerada campanha. E excursionemos um pouco.

*

* *

Isto de «plágio» é matéria complexa e, realmente, difícil de diagnosticar. *Nem tudo que luz é oiro;*—mais vezes do que se cuida, *as aparências enganam.*

Há concordâncias de palavras—que, sendo ordinárias, parecem extraordinárias...

---

(1) *O Mandarim*, 2.ª ed., pág. 71-72.
(2) Flaubert, *L'Éducation sentimentale,* pág. 510.

J. de Meira (1) recordou, a tal propósito, o começar de *la Joie de vivre*, de Zola (2):

«Comme six heures sonnaient au coucou de la salle à manger, Chanteau perdit tout espoir. Il se leva péniblement du fauteuil où il chauffait ses lourdes jambes de goutteux, devant un feu de coke. Depuis deux heures, il attendait madame Chanteau,»...,

para o comparar com o princípio de *o Primo Bazílio*:

«Tinham dado onze horas no *cuco* da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luiz Figuier, que estivera folheando»...

O romance francês foi publicado mais tarde que o português; se se houvesse dado o contrário, impossível seria convencer os catadores de «plágios» de que Eça não tívesse plagiado Zola, — apesar de se tratar de uma simples identidade de palavras, sem qualquer chorume artístico.

Há, igualmente, concordâncias de ideias,—reproduzidas de modo mais ou menos semelhante.

Acho excelente, para prova disso, os epistolários de Gustavo Flaubert e Gustavo Modena, pois que, sendo publicados após a morte dêsses dois Gustavos, não é possível receio de cópia ou sugestão. Bastará ver os cotejos que, na sua obra acêrca de plágios, fêz Giuriati(3), autor que abertamente confessa (na tradução espanhola que possuo): — «Tradúzcanse al italiano los fragmentos (que publicou) de

---

(1) *Influências estrang. em Eça de Queiroz*, pág. 3.

(2) Emilio Zola, *La Joie de vivre*, Paris (Charpentier) 1884, pág. 1.

(3) D. Giuriati, *El Plagio*, trad. de Luís Marco, Madrid (La España moderna) s. d., pág. 174 e segg.

Flaubert, y parecerán escritos por Modena; traduzcanse al francés los fragmentos de Modena, y parecerán escritos por Flaubert. Uno es lo pensamiento que los anima, una la forma que éste encarna, y diríase que las frases han salido de una misma pluma.» (1)

A identidade de ideias é tanto mais freqùente, quanto mais íntima fôr a identidade de temperamentos entre os escritores.

Dizia Baudelaire:

«Je puis vous marquer quelque chose de plus singulier et de presque incroyable. En 1846 ou 47, j'eus connaissance de quelques fragments d'Edgar Poe: j'éprouvais une commotion singulière. Ses œuvres complètes n'ayant été rassemblées qu'après sa mort en une édition unique, j'eus la patience de me lier avec des Américains vivant à Paris pour leur emprunter des collections de journaux qui avaient été édités par Poe. Et alors, je trouvai, croyez-le, si vous le voulez, des poèmes et des nouvelles dont j'avais eu la pensée, mais vague et confuse, mal ordonnée et que Poe avait su combiner et mener jusqu'à la perfection.» (2)

E, de facto, comprovando esta afirmativa de Baudelaire, encontram-se nas suas *Œuvres posthumes* «des esquisses de nouvelles et de drames tout à fait dans le goût de Poe. Nous relevons, du reste, dans ce curieux ouvrage, des notes confidentielles de Baudelaire qui montrent bien intime parenté de ces deux grands dégénerés:»..... (3)

---

(1) Obra cit., pág. 182.

(2) Baudelaire a Armando Fraisse, *Salut public,* de Lião, Agôsto de 1869,—apud Emilio Lauvrière, *Edgar Poe—sa vie et son œuvre,* Paris 1904, pág. 644.

(3) Emilio Lauvrière, obra cit., pág. 644, nota 3.

Não se julgue, porém, que só entre homens próximamente ao mesmo nível intelectual, se dão estas coincidências. Conta o Sr. Dr. J. Leite de Vasconcelos, na *Lusa* (1):

... «citando a expressão *radiantia arma virorum* do mencionado poema [poema latino, atribuído a Angilbert, poeta carolingeo] de Angilbert, compara-o o sr. Wilmotte, pg. 106 [do livro *Le Français à la tête épique*, Paris 1817], com outra de Vergilio (*Eneid.* VIII, 616), e com a do *Roland*, 1031, *luisent cil elme*. Ora lembro-me que, quando eu era criança, houve na minha terra, na Beira, tal desavença entre povos limitrofes, por causa da divisão de maninhos, que foi preciso ir tropa de Lamego serenar os animos: um meu vizinho, que era analfabeto, disse então, aludindo a que os povos se acomodariam: «quando eles virem o sol a luzir nas baionetas...» E já se vê que não tinha em mente nem textos rolandianos, nem vergilianos.»

Corre entre o povo a frase *não morreremos no mesmo dia*, a sublinhar o facto muito vulgar de simultâneamente duas pessoas terem a mesma ideia, expressando-a ou praticando-a da mesma maneira.

Dá-se entre os indivíduos o que se dá na humanidade. A tal respeito, sob o título de *Tradição e Reprodução*, publicou o Dr. Leite de Vasconcelos, na referida revista vianense, (2) uma nota breve, mas de substancial alcance, comprovativa de que «percorrendo os capítulos da nossa Etnografia moderna, encontraremos numerosos elementos materiais, morais e intelectuais que..... nos fazem evocar fases sociais que ficam muito afastadas da civilização de que

(1) *Lusa*, revista de Viana-do-Castelo, I, pág. 161. nota 2.ª.

(2) *Lusa*, I. pág. 2-3.

gozamos.» (1) «Nuns casos temos verdadeiras supervivências do passado; noutros reproduz-se êste espontaneamente.» (2)

Muitíssimas vezes onde se pretende ver cópia, imitação, plágio, não há senão *espontaneidade.*

O cérebro humano labora dentro de certa esfera, e é formado dos mesmos tecidos que idênticamente se associam e idênticamente funcionam. O laborar mais ousado, mais impetuoso, bate sempre nos limites dessa esfera. Que admira, portanto, que haja coincidências?

Diversas, indubitávelmente, são as doenças nervosas, mas por serem doenças dum mesmo sistema, cujas reacções giram dentro de um limitado circuito, há muitos contactos na sua sintomatologia.

«Os cerebros humanos, nas mesmas condições, produzem os mesmos resultados», diz o douto etnógrafo ha pouco citado, (3) e, apesar das excepções fatais, não deixa a frase de constituir uma regra verdadeira.

A possibilidade das coincidências, vocabulares ou não, fêz confessar a Julio Denis, ao encontrar semelhança entre um trecho de Octávio Feuillet e um seu, o seguinte, pelo sr. António Cabral recordado na sua obra acêrca de Eça de Queirós (4):

«Com estas e outras descobertas aprende-se, à custa propria, a não ser precipitado em attribuir propositos de plagiário a quem innocentemente muitas vezes o foi. Ninguem se deve persuadir de que, depois de tantos seculos

---

(1) *Loco cit.*, pág. 2.

(2) *Loco cit.*, pág. 3.

(3) J. Leite de Vasconcelos, *Ensaios Ethnographicos,* II vol., Espósende (Colecção de Silva Vieira) 1903, pág. 5.

(4) *Eça de Queirós*, pág. 305.

de litteratura, ainda qualquer possa ter pensamentos ou conceber imagens absolutamente novos.»

Deverá notar-se ainda — frizo-o mais uma vez — que há repetições ou parecenças de palavras que não teem significado, isto é, que são fúteis, sem polpa artística. Meras palavras, — e que disso não passam. Depois, é um êrro grave julgar, sistemáticamente, como plágio a reprodução de uma ideia. A originalidade pode estar, intensa, na forma como a ideia é expressa. (1) Há ideias comuns, traduzidas originalmente, — como também, muitas vezes, natural é que se reproduzam as mesmas ideias pelas mesmas fórmas. Giuriati, na obra que citei, (2) exemplifica admirávelmente o que assevero. E, após haver recortado trechos poéticos que, versando o mesmo assunto, teem coincidências formais, declara (3):

«Ninguno de estos admirables poetas es reo de imitación servil. Y sin embargo, sobre el mismo assunto, todos dicen poco más ó menos las mismas cosas.

En tercer lugar (después de excluir la odiosa hipótesis del plagio por las dos primeras razones, el amor legítimo a los textos clásicos y la necesidad de plasmar unos mismos pensamientos), conviene proceder a un examen toda-

---

(1) Com um exclusivismo inadmissivel afirmou Paulo Souday que na literatura o assunto não é nada, e que a maneira de o tratar é tudo. *Petit Temps*, n.º 895, de 1899, apud Giuriati, obra cit., pág. 48.

— O sr. dr. Fidelino de Figueiredo, na *Historia da literatura realista*, Lisboa (Liv. clássica edit.) 1914, pág. 152, escreve, a tal propósito, as seguintes acertadas palavras: «...a originalidade duma idéa não está só em ser apresentada pela primeira vez, está tambem no modo de ser apresentada, que lhe imprime caracter e decide do seu destino.»

(2) Pág. 166 e segg.

(3) Pág. 168-169.

via más difícil, aún más delicado. Admitida la semejanza, es necessario preguntarse si ha concurrido la voluntad del escritor y hasta qué punto. Porque en las obras del hombre como en las de la naturaleza se presentan semejanzas accidentales, que hieren los sentidos y llegan a confundir nuestra pobre sindéresis. A cada uno de nosotros le ha ocurrido en la vida ese fenómeno. Vemos a veces personas cuyas facciones nos parecen idénticas a las de otras a quienes conocimos en tiempos pasados o en lugares lejanos. ¿Es ilusión nuestra lo que nos engaña a primera vista? No siempre. Cuanto más nos aproximamos, más salta a nuestros ojos la identidad: tenemos que detener en la calle a esas personas, tenemos que saludarlas y provocar su saludo, tenemos que oir su voz para que desaparezca la equivocación.

Precisamente por eso, la prudencia requiere cerciorarse de si el plagio aparente y que resiste al martillo de la critica no contendrá otros contraindicios que sirvan para disculpar al autor de lo que con injusticia se le atribuye.» Etc., etc.

De todo êste aranzel se conclui que há, indiscutívelmente, muitos motivos de êrro na indicação de plágios. Propositadamente alonguei a transcrição última, porque ela, de um modo pitorescamente claro, veio realçar mais uma causa de engano, proveniente da nossa irreflexão, das nossas primeiras impressões (1); e aqui relembro os leitores que à margem dos livros, tam só levados pelas aparências, vão apontando plágios. — Quantas acusações graves

---

(1) O autor italiano exemplifica estes lapsos de irreflexão, estas ilusões, noutros lugares. — Vid., por exemplo, pág. 183 e segg.

e sem base séria, assim se não fazem, ainda que fóra de qualquer intuito malfazejo?!

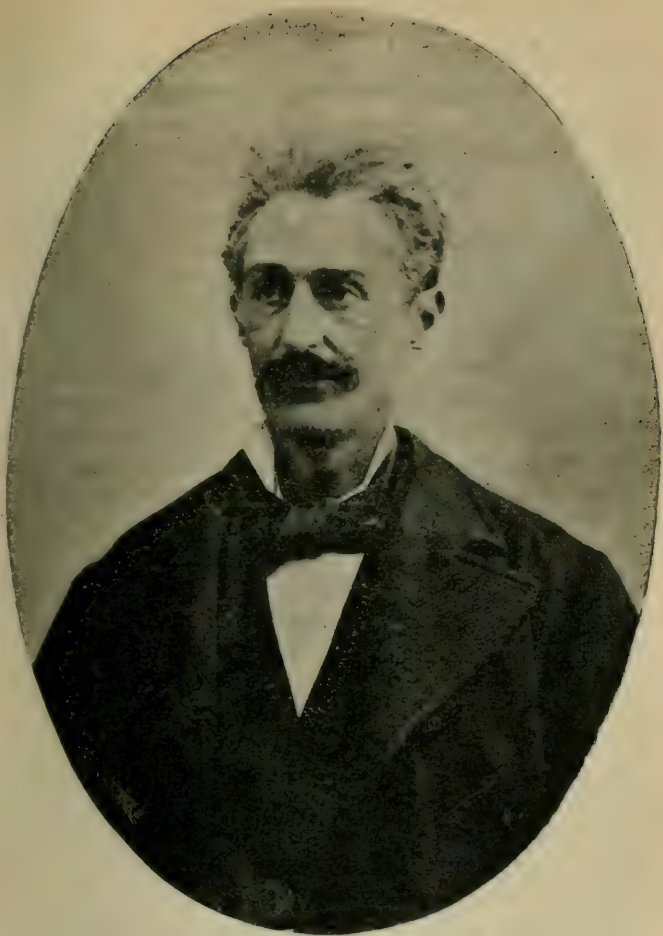
Os motivos que induzem a êrro, derivados de parentesco intelectual ou psíquico, de afinidade de circunstâncias, de igualdade de assuntos, de aparências mal apreciadas, de simples coincidência de palavras, e de outras origens que não paga a pêna espiolhar, — êsses factores múltiplos são, pois, complicados, de muito difícil exame, e tornam por isso mesmo sobremaneira falível a crítica, a destrinça do que é original, do que é espontâneo e do que o não é.

Dêmos de partido, no entanto, àquêles que sejam pessimistas — o não haver razão, no último grupo de cotejos acima exposto, para as considerações que aí ficam. Suponha-se que em todos êsses cotejos há concordâncias de imagens, de belezas artísticas arrancadas á fantasia, que é onde os apontados motivos menos lugar teem, por ser nos voos da imaginação criadora, reprodutora e sobretudo plástica, onde o coeficiente pessoal mais se estrema. Suponha-se o pior.

*

* *

O escritor não se forma — por geração espontânea. E' um produto de inumeráveis e diversíssimos factores: factores que herdou e factores que adquire. O escritor, dentro da regra humana, tem atrás de si uma árvore de antepassados que o determinou a êle, e sofre, pela sua vida adeante, influências sem conto. Tem tendências, tem simpatias, tem aspirações, tem vontade. Modifica ou avinca, orienta ou corrije o seu modo-de-ser, sob a educação que lhe é dada ou a que êle proprio a si dá.

O Artista sente-se levado num turbilhão de influências, que por fim lhe dão directriz, personalidade, mas ainda

Uma personagem viva de «O Crime do Padre Amaro»:
o leiriense Júlio Teles,
que figura naquele romance com o nome
de Artur Couceiro

nessa orientação definitiva não escapa a influências várias. O artista afeiçoa-se e aperfeiçoa-se.

No seu cérebro há um vulcão de ideias, de fragmentos de ideas, de esboços de ideas: interseccionam-se nêle efeitos de complexas causas — do que o cerca, do que brota dentro de si; do que vê, do que ouve, do que lê, do que sonha, do que cria. O esfôrço mental suga delirantemente raizes inúmeras, inspirando-se em inúmeras origens. E' uma tempestade de pensamentos, de imagens, de recordações, de frases que escachoa no cérebro do artista — e quando começa o trabalho febril da plasmação do assunto delineado mentalmente, ¿que espanta que pelo bico da pêna escorram partículas de outrem provenientes?

Para que assim não suceda, impõe-se uma excelente memória, capaz de atentamente diferençar o que é próprio de o que é alheio. Memória que não possua estas qualidades de localização e reconhecimento, conduzirá o seu dono a repetições involuntárias — a *plágios involuntários* ou *inconscientes,* como se lhes costuma chamar.

O fenómeno é conhecido; regista-o até qualquer tratado de filosofia elementar.

Ribot refere-se circunstanciadamente a êle em *les Maladies de la mémoire.* (1) Não é necessário, porém, nem conveniente, irmos aos extremos, considerando estados mórbidos. Nos estados normais, encontramos ameúde essa falta de localização e reconhecimento, à nossa volta e em nós mesmos até. Um facto sucedido com certas pessoas — para citar exemplos — é contado repetidas vezes; e, sendo assimilado e recontado por outras pessoas, estas chegam a convencer-se absolutamente de que êle, o facto,

(1) 18.ª ed., Paris (Alcan) 1906, pág. 32 e segg.

se deu com elas. Encontrei isto muitas vezes nas escolas que freqùentei. «Partidas» de certos estudantes, contadas por outros como suas, com indestrutível convicção.

E', pois, um fenómeno correntio, que o exagêro dos estados mórbidos comprova, — sabido como a patologia ministra elementos magníficos para o estudo da fisiologia.

Assim, o Artista, arrebatado pela sua febre de arte, e por conseguinte em condições desfavoráveis para a memória se exercer perfeitamente, repete *sem querer* pensamentos ou imagens de outros.

E, como involuntáriamente repete, mais ou menos, o que outros disseram, o que em outros leu ou de outros ouviu, assim também, involuntáriamente, se repete a si mesmo, — e melhor exemplo não me ocorre do que o seguinte:

«E as palmeiras da margem fronteira recortavam-se no poente amarello — como feitas em relevo de bronze sobre uma lamina d'ouro.» (1)

«... as palmeiras de Giseh, finas e como de bronze sobre o ouro da tarde.»..... (2)

---

(1) *A Reliquia*, ed. cit., pág. 121.

(2) *A Correspondencia de Fradique Mendes*, 2.ª ed., Pôrto (Chardron) 1902, pág. 56. — «Palmeira *de bronze*», frase que, assim insulada, se pode considerar um lugar-comum, encontra-se, por isso mesmo, noutros passos, até no próprio Eça (tanto a ideia se lhe tinha fixado no cérebro): «solitaria, no meio, uma vetusta palmeira arqueava o seu penacho, immovel e como de bronze:» *A Reliquia*, ed. cit., pág. 265.—Observo isto, e escôlho tal exemplo *da Reliquia*, para atalhar uma nova possível acusação de plágio, fincada nisto de Flaubert: «Des grenadiers, des amandiers, des cyprès et des myrthes, immobiles comme des feuillages de bronze,»..... *Salammbô*, ed. def., pág. 79.—Se bem que pudessem ir buscar o seguinte de Gautier: ... «des captifs de la mauvaise race de Schéto portaient des urnes remplies de sel et d'huile d'olive, où trempait une mèche dont la flamme crépitait vive et claire, et se tenaient rangés

Supondo-se o pior, isto é, que não tenham cabimento os motivos de êrro na indicação de plágios, — desta maneira se deve explicar o encontrarem-se nas obras de Eça algumas reminiscências de outros autores. São repetições *inconscientes, involuntárias*, que êle, se as topasse e se se importasse com mudá-las, fácilmente as safaria ou as disfarçaria, pois que para isso, e muito mais, lhe sobravam recursos de escritor e de artista.

A leitura insistente dos autores adorados, a sua contínua convivência espiritual com êles, são causas que exuberantemente justificam a possibilidade de tais repetições, — raras repetições aliás, e que de maneira nenhuma ofuscam o carácter original das suas obras, olhadas como devem ser olhadas.

Á catadela minuciosa, por esquírolas, de «semelhanças», nenhum escritor resistirá, por mais original que seja, — desde que o catador tenha o suficiente grau de leitura e paciência.

O Corvo, de Poe, é uma poesia de brilhante originalidade, cuja feitura o próprio autor denunciou na «Génese de um poema». (1) Todavia, decomposta a poesia em meúdos fragmentos, não tem faltado quem lhes encontre parecenças com isto ou aquilo dêste ou daquêle autor. Veja-se a análise que vem incerta no livro de Lauvrière. (2).

Não é, porém, justo nem racional que se apreciem os tra-

---

en ligne,..... immobiles comme des lampadaires de bronze.» *Le Roman de la momie*, ed. cit., pág. 122. — E se procurassem mais, mais encontrariam.

(1) Encontra-se traduzida em português, no volume *O rei Peste*, da Biblioteca universal antiga e moderna, 2.ª ed., Lisboa 1890, pág. 21 e segg.

(2) *Edgar Poe — sa vie et son oeuvre*, Paris (Alcan) 1904, pág. 391 e segg.

balhos literários por fragmentos, muitas vezes reduzidos a palavras quási sem expressão. Ninguém dirá, por exemplo, que o *Corvo* não seja nítidamente original. (1)

Demais, queiram os senhores riscar a meia dúzia de frases incriminadas nas obras de Eça de Queirós, — e Eça de Queirós ficará sendo Eça de Queirós, um «eminente artista que não é só uma honra nacional, mas uma das mais altas figuras literarias da Europa contemporanea» — nas autorizadíssimas palavras de Bruno. (2)

O que se depreende, em conclusão, de quanto aí ficou dito *currente calamo*, é que, nas acusações a Eça, tem havido muita leviandade, muita ignorância, lamentáveis confusões entre «plágio» e «fonte» e «influência.»

Referindo-se ao nosso escritor, escreveu a sr.ª Condessa de Pardo-Bazán no seu livro acêrca do Naturalismo (3):

«Peninsular, portugués, y no francés, es el novelista que más de cerca ha seguido à Flaubert, aquel Eça de Queiroz, también fino ironista, también copista satírico de los costumbres de provincia, y también estudiador de los estragos del *esnobismo* en un alma femenina, mucho menos estética, pero no menos real, que la de *Madama Bovary*. Por seguir fielmente las huellas de su modelo, Eça de Queiroz tuvo su correspondiente visión de la antigüedad y de los países orientales en *La Reliquia*, y acaso en el *Mandarin*, donde el pesimismo es, si cabe, más amargo que en ninguna página del maestro.»

---

(1) Ponhamos de parte, por infundadas, as acusações de que o *Corvo* é uma cópia de um poema persa ou a tradução de uma poesia do pai do poeta...—Vid. *Lauvrière*, obr. cit., pág. 406, nota.

(2) *A Geração nova*, Pôrto 1886, pág. 148.

(3) *La literatura francesa moderna—El Naturalismo*, Madrid (Renacimiento) s. d., pág. 65.

Em poucas palavras, a ilustre Crítica espanhola faz ressair as afinidades entre Eça e Flaubert e a «influência» que, por isso mesmo, êste deveria exercer sôbre êle.

Por seguir fielmente las huellas...

Será talvez conveniente explicar que a frase não quere dizer que Eça de Queirós seguisse Flaubert, pondo o pé nas pègadas dêle, mas livremente, pondo os pés à sua vontade, afirmando a sua personalidade artística de um modo profundamente, brilhantíssimamente original. (1)

Viana-do-Castelo, 1918.

CLÁUDIO BASTO.

(1) A necessidade de acomodar o meu trabalho a êste livro, forçou-me a resumí-lo muito, especialmente na documentação. Quando houver ensejo, se publicará na íntegra, àparte.

O monumento a Eça de Queiroz

POR

TEIXEIRA LOPES

Ha mais de dezasseis anos que foi inaugurado o monumento a Eça de Queiroz, no largo do Barão de Quintela, e quem hoje por ali passa e o admira, ou não sabe, ou já se não lembra do que então se disse ácerca do grande escritor e do artista que concebeu e executou a obra glorificadôra. E todavia, na historia ainda não organisada dos monumentos de Lisboa, penso que este não figurará com menos relevo de que qualquer dos outros. Essa historia deve fazer-se, quando mais não seja, para nos revelar o nosso modo de vêr e sentir em questões artistícas e nos deliciar com o inesperado de certas apreciações.

Porque Lisboa, a tal respeito, pensa de um modo muito caracteristicamente obnoxio e sobre maneira obsoleto. Lisboa vive e sente ainda em pleno seculo XVIII e, nas suas sentenças, quer de ordem artistica, quer de ordem moral, até quando alegremente prevarica, revela-se a mais digna e submissa neta de Pina Manique, numa eterna sobrevivencia da sua escola. Lisboa é ainda, quanto a mim, fundamen-

talmente casquilha e convencional, como se era nos saudosos tempos da Senhora D. Maria I; e Eça de Queiroz assim tambem pensava. Lembra-me do que me disse ácerca dos *Peraltas e secias* de Marcelino de Mesquita, comedia de que muito gostava. Tendo-lhe eu perguntado se não via na sociedade ali representada o fiel retrato da actual sociedade lisboeta, respondeu-me imediata e vivamente que sim, que tudo se passava hoje dessa mesma forma, nos salsifrés de Lisboa: os assuntos, as opiniões das senhoras e dos homens que as acompanham, a musica de salão ou de teatro, e até os aspectos exteriores da religião. Tudo é casquilho e salsa como nessa epoca em que eu pressinto sobretudo uma constante e feroz antipatia para com as manifestações inspiradas pela pura graça franceza. As cousas da graciosa arte do seculo XVIII em França tornam-se amaneiradas e pesadas entre nós; e esse gosto amaneirado ainda hoje o encontro dominando na escolha que o genuino lisboeta faz de um quadro, de uma peça de arte decorativa, de um projecto arquitectonico. E' vêr, por exemplo, a arquitectura bancaria que, nas ruas da baixa, vai substituindo a linha sobria dos edificios pombalinos, e os varios e estapafurdios casos de predios e *chalets* espalhados pela cidade e seus arredores. É sempre o mesmo amaneirado de uma peça do Rato, das pratas de D. João V, da religião das madres Paulas.

O monumento a Eça de Queiroz não conseguiu agradar aos lisboetas, porque não respeita os convencionalismos tão queridos dos nossos *Peraltas e Sécias*, o arranjo arrebicado, os arredondamentos constructivos, as curvas grossas e sornas de que eles não prescindem e com que, por exemplo, se deliciam no monumento ao Pinheiro Chagas, posto com toda a evidencia, para seu deleite maximo, no passeio predilecto, no ponto mais frequentado pela população da cidade; ou ainda naquelas quatro estatuas, que pa-

rece terem sido destinadas ao monumento de D. Maria I, não levado a efeito, e que lá mais acima, aí por alturas da rua Alexandre Herculano, exibem a sua sensaboria aos olhos dos transeuntes. Tendo, pois, desprezado as condições do mercado, não podia o monumento do Eça conquistá-lo, e o mercado zangou-se; e francamente, aqui para nós, com muita razão. Pois então Lisboa...

Antes de mais nada, devo porem citar um outro caso do mais deploravel fracasso, em que uma senhora das relações da minha familia quiz tambem conquistar a sociedade elegante de Lisboa. Conheci-a em Paris, ha talvez uns vinte anos. Era nova, de alto e brilhante porte, verdadeira *Flor de altura*, linda, esbelta, ostentando uns prodigiosos cabelos fulvos, alegre, vivissima, cantando e tocando piano muito bem, tendo-se em alto conceito e não duvidando de si nem um só instante. Plasticamente era um tipo de mulher muito afim da *Verdade* do monumento de Eça de Queiroz, mas ainda mais vibrante e nervosa. Disse-me que ia casar e pensava estabelecer-se em Lisboa, donde não era e que não conhecia. Queria dominar, embora o não confessasse; sentia-se com direito para isso. E, como eu reconhecesse o seu acentuado temperamento combativo, de intelectual nada amorosa, aconselhei-a a que procedesse com cautela na conquista a que porventura visasse, porque Lisboa não se deixa vencer sem muito geito, muita lisonja e hipocrisia. Ela não fez caso dos meus conselhos. Chegou, surpreendeu, irritou as mulheres; despertou-lhes todas as invejas possiveis, e desnorteou os homens; e ao cabo de poucos dias gosava das honras da inevitavel alcunha, ela e o marido. O peor de tudo sucedeu porem, quando após alguns anos de ausencia, cá voltou de novo, mas só, sem a companhia do esposo, e quiz ainda frequentar o meio em que anteriormente brilhara e que abertadente havia afrontado.

Falava-se dela nos jantares elegantes e nas *soirées* da alta burguezia, por toda a parte; abocanhavam-na e perguntavam porque viera sem o marido. Essa falta de encadernação marital, do editor responsavel para quantas alegrias por aí se expandem livremente, perdeu a pobre e honestissima senhora que abalou, parece-me, para nunca mais cá voltar. E creio ter eu tambem concorrido para um tal resultado. Uma noite em que ela brilhantemente cantára e tocára, voltou-se para mim e diz-me alto e bom som, como sempre fazia:

— Vamos conversar um bocado, pai Arroyo.

E fomos sentar-nos numa pequena saleta contigua ao salão da musica, onde ninguem estava ao tempo. Queria ouvir-me sobre a sua maneira de cantar, sobre o desenvolvimento que a sua voz tomara, e principalmente sobre a egualdade ou desegualdade dos tres registos vocais. A conversa não durou muito; apesar disso fomos constantemente vigiados pelos profissionaes da reinação amoruda, que vinham uns após outros observar-nos, como usam fazer os peixes do aquario de Algés. Isto sensibilisou-me por causa dêles. E, quando a dama voltou para o salão, recordando uma velha anedota do velhissimo e catarroso Duque de Avila, que afirmava nunca ter havido nada entre ele e certa princeza, aliás desavergonhada e adultera, assegurei-lhes que nada tinha havido entre mim e a dama, e que se me afigurava que tambem nada haveria entre eles e ela; que me palpitava isso e lho dizia para seu socego, dêles.

Entretanto as madamas ao que parece, tomavam as dôres, pelos maridos, primos, cunhados e mais parentes, e não perdoaram á esquiva e esbelta cantôra, a sua indiferença por tanta cousa e tanta pessoa que elas adoram. Nem tão pouco admira que não perdoassem ao escultor do monumento do Eça o facto de dar á *Verdade* uma figura tão di-

versa da delas, de a não fazer á imagem da sua *Hipocrisia*, e pelo contrario de a representar sob um aspecto tão aparentado com a ***Flor de altura***, sincera e franca, que de cá desarvorara para sempre.

Esse estado dos espiritos desdobrou-se, porem, em polemica varia, e mais uma vez muito tempo e muito papel se perdeu inutilmente. Porque a obra é bela e ficou, e porque Eça de Queiroz e Teixeira Lopes são dois grandes artistas de um paiz em que não ha muito que deitar fóra no genero. Facto é, contudo, que os criticos agravaram a situação, como na maioria dos casos sucede, por aquela conhecidissima tendencia de só quererem encontrar, na obra que parece analisarem, as suas proprias idéas, os seus modos de sentir, que só trazem consigo a velocidade adquirida dos tempos idos.

Por essa ocasião publiquei eu varios artigos, não só ácerca desse monumento, como tambem do elevado a Oliveira Martins no cemiterio dos Prazeres, vindo logo depois o sr. Jaime Batalha Reis manifestar a sua opinião que, muito honrosamente para mim, afina pela nota admirativa da minha exposição; artigos estes que apareceram todos na *Revista literaria do Seculo*, entre Novembro de 1903 e Junho de 1904, e de que vou extratar umas quantas passagens, contando desde já com a autorisação do ilustre diplomata.

Dizia-se, em primeiro logar, que não tendo ainda sido levantados monumentos á Trindade Sagrada — Herculano, Garrett e Castilho — nem tão pouco a Camilo, mal parecia levantá-lo a Eça de Queiroz «o qual não tem o valor dêsses». Eu confesso-me incapaz de os comparar, aos cinco ilustres portuguezes; julgo-os até incomparaveis, em virtude da diferença das suas obras, mas principalmente porque nos achamos pouco afastados do tempo em que eles

viveram; só um maior afastamento permitirá medir-lhes bem a sua grandeza e a influencia que exerceram.

Mas, além de isso, tal afirmativa parece conter, implicitamente, pelo menos uma suposição senão o convencimento de que só aos promotores desta obra assiste o direito de levantar monumentos aos artistas e pensadores nacionaes: que o sr. conde de Arnoso, a quem se deve a iniciativa do monumento, e o grupo dos seus amigos e companheiros, entre os quaes se conta o escultor, tão desinteressado como os outros, que essas pessoas são as unicas que teem o direito e o dever de exercer uma tal acção.

Cumpre-me reclamar para mim, e para nós todos, um direito que a todos pertence, e penso até que a iniciativa do sr. conde de Arnoso, fazendo despertar outras iniciativas semelhantes, concorrerá para o pagamento imediato de uma divida em aberto por que os quatro grandes extinctos estão esperando ha já tantos annos. Julgo, portanto, apenas louvavel e digna de ser tomada como exemplo uma acção que a tantos se afigura condenavel; e explico-a por um facto iniludivel para mim. É que Eça de Queiroz, pelo seu adoravel caracter, feito de bondade, de graça e de suprema tolerancia, soube crear em redor de si, alem de um mundo de admiradores, tão numeroso como o dos outros quatro, uma coorte de amigos absolutamente subjugados pelo seu encanto pessoal. Essa atmosfera de profunda simpatia, que talvez faltasse aos outros, teve mais força do que a admiração literaria isolada e sem ternura; e nós, portuguezes, que mais vivemos pelo coração do que nos guiamos pela cabeça, obedecemos agora á fatalidade do temperamento e o monumento fez-se.

Se foi erro, e se é nobre o confessá-lo, não creêmos porém uma junta oficial de privilegiados com direitos e deveres que pertencem a todos; e glorifiquemos esses grandes

homens se sômos capazes de o fazer, para o que não faltará espaço em Lisboa, tanto mais quanto o logar que o monumento a Queiroz ocupa é modesto e adrede escolhido, para não ser ocupado individamente outro de mais epico destino.

O monumento, sem arquitecturas pomposas e oficiaes, apenas composto de uma figura de mulher e do busto de homem emergindo de um bloco de marmore branco, ergue-se do solo arrelvado sobre o fundo escuro de um feixe de palmeiras, e olha para o palacete fronteiro, o que foi do Conde de Farrobo. Instalação modesta, sem luxos de jardineiro caro a rodeá-lo, numa praça pequena cercada de edificios nada grandiosos, que não é centro de reunião nem de cruzamento de ruas, que não tem, emfim, nada que a torne invejavel, nem recommendavel para altos destinos. Para os outros ficou tudo quanto ha de magestoso em Lisboa, o que é largamente frequentado e de grandes proporções.

«Que Eça de Queiroz escreveu em francez», afirmam ainda. E este grito que, certamente já não sôa pela primeira vez na nossa atmosfera artistica ou literaria, foi repetido por muitos e calou fundo. Entretanto suponho que toda a nossa vida de arte esteve e estará preza ás mais iniludiveis influencias estrangeiras e que, só a elas, podemos attribuir as epocas, as obras e os monumentos da nossa respectiva historia.

Se a Sé de Coimbra é estructuralmente franceza, a Batalha é caracteristicamente ingleza e foi talvez projectada pelo secretario do Duque de Lencastre, que era arquitecto, creio. Herculano pressentira já a influencia franceza nos Jeronymos, hoje justamente atribuida a Boytac. Italiana foi entre nós a arquitectura dos seculos XVII e XVIII, como flamenga foi a pintura que usa reunir-se em redor do nome de

Grão Vasco. A *rocaille* franceza deu o nosso D. João V e, mais ou menos, se sente a influencia espanhola nas artes decorativas de Portugal. Estrangeira foi a influencia que, penetrando o nosso movimento literario quinhentista, substituiu, por uma lingua artificial, reconstruida directamente do latim, a lingua rude, mas bem mais caracteristicamente portugueza em que escrevêra Fernão Lopes. E estrangeira é toda a nossa musica culta; toda ela é musica italiana, ou franceza, feita em Portugal, por portuguezes. Parece pois que Queiroz obdeceu, pura e simplesmente, á tradição.

Educado no moderno movimento literario estrangeiro, foi buscar ao francez fórmas e expressões que ele julgou necessarias para dizer cousas, muitas das quais nenhum outro havia dito entre nós. Pouco a pouco, porém, modificava o seu lexico, ao mesmo tempo que aperfeiçoava a forma geral do seu estilo. Obedeceu a uma necessidade sincera e, contemporaneamente, sofreu uma evolução; e á medida que foi dando á lingua uma muito maior plasticidade, novos ritmos ou cadencias, novas locuções e novas fórmas de adjectivação rara ou imprevista, que creou emfim um mais rico instrumento de expressão, influia poderosamente nos escritores da sua epoca e nos que lhe sucederam. Essa evolução no processo formal não se deu porém rapidamente e sem esforço; foi lenta e dolorosa para ele; e por isso mesmo ficava surprehendido vendo como os novos tão cedo escreviam tão bem, com tão vísivel facilidade. Não attribuia esse facto á súa influencia, não via que os novos, taes quaes são, só poderam existir após ele.

Evidentemente com Eça de Queiroz a lingua portugueza não é o que havia sido com os classicos e com os romanticos; e esse facto a ele principalmente se deve attribuir. Reconheçamos, pois, o esforço do homem, a sua sêde de perfeição nunca desmentida e os resultados obtidos, con-

frontando os seus primeiros escritos com os ultimos, os escritores de hoje com os de trinta annos antes. E ainda quanda muito de francez tenha aí ficado, crime de que ninguem julgava isento o Garrett, sem duvida alguma o mais interessante dos literatos precursores de Eça de Queiroz, certo é que este gerou uma grande corrente de movimento estilistico, uma procura de fórmas novas, facto de não pequena e vulgar importancia.

Quero crêr que se essa influencia foi má, se na evolução produzida sob um tal impulso a lingua se desnacionalisa profundamente, ela jamais produzirá as chinezices dos amantes do classicismo, os preciosismos arrebicados e subtis de uma literatura sem idéas proprias, sem vida e até sem o interesse de outros tempos. Porque Queiroz, sejam quaes fossem os seus defeitos, tinha na frase de J. Batalha Reis, um poder de crear vida absolutamente desconhecido antes de ele, principalmente se atentarmos na diversidade e gradação dos seus efeitos expressivos.

Este facto de evolução no processo que, como não podia deixar de ser, acompanhou a evolução da sua concepção artistica e que outros, melhor e com muito mais autoridade do que eu, já haviam apontado, tive de o citar para, como sei, explicar a obra do artista-escultor. Este toma, para tema, a seguinte frase de Queiroz, a qual em parte define o criterio da sua producção após o periodo romantico das *Prosas barbaras:*

«Sobre a nudez forte da verdade o manto diafano da fantasia.»

Evidentemente nem esta, nem outra qualquer expressão concisa póde concentrar em si o conjunto e completa evolução da obra do romancista; e sobretudo afigura-se-me que o escultor, na sua conceção, de facto superior e incon-

testavelmente pessoal, não simbolisou rigorosamente o que o tema encerra em si.

Sem por fórma alguma querer saber se tal devia ser ou não devia ser a representação simbolica da obra de Queiroz, encarando apenas a obra do escultor tal qual ele a dá, julgo que o tema indicado só seria bem traduzido pela Verdade revestida ou vista através da fórma creada pelo escritor, isto é: o facto real (que é o que alí quer dizer Verdade) coado através do temperamento do artista, que se filiára na escola realista chamada, e portanto como ele o via sob o imperio da sua comoção estetica.

Parece-me porem que tal não é a expressão artistica encontrada pelo escultor. Vejo ali apenas a Verdade simbolisada por uma mulher de fórmas adoraveis, sadias e fortes; de uma euritmia perfeita, como dirão os criticos, o busto puro não deformado pelo espartilho, com uma cabeça um tanto grande, a expressão do rosto aberta e encantadora, quasi completamente núa mas de uma castidade índiscutivel, ela sorri docemente para o escritor e deixa cair, dos braços abertos, as roupagens que a cobrem. Superiormente a ela, o artista profundamente concentrado fita-a com a maxima persistencia.

Mas essa Verdade julgo-a ainda não expressa, mas simplesmente observada pelo escritor: ainda não tem os contornos, o ritmo das curvas alteradas pela sua visão estetica; está ainda fóra dêle, não tocada da graça helenica que eu sinto atravessar toda a obra de Queiroz. O monumento para mim traduz, pois, o instante em que o romancista encara de frente a Verdade, forte e bela em si mesma, que lhe sorri e o escolhe para ele a revelar em toda a nudez ao mundo da arte. E se é como penso, sem a menor preocupação de fazer uma critica que vise a achar contradicções, porque mais de uma vez tenho encontrado, até

fóra do campo artistico, essa ilusão do genio productor, ponho completamente de parte o tema que nos induz em erro, não me preocupo com o *assunto* e vejo apenas a obra do escultor ; e essa, forçoso é confessá-lo, é superiormente bela e sugestíva, independentemente do seu pretendido tema.

Do bloco de marmore, da sua base, levanta-se a figura da mulher e o busto olha-a de cima para baixo ; a estatua é, como dissémos, admiravel de modelação e de expressão; não lhe fica, porém, inferior o busto do romancista. Numa semelhança fisionomica notavel, a fronte e as faces do rosto aparecem-nos vincadas pela mais intensa concentração. O escultor apaixonára-se pela estranha cabeça do romancista, pela multiplicidade dos seus *planos* onde nada é vulgar ; onde, pelo contrario, a intensa vibração do cerebro raro serenamente se condensa em linhas de excecional tortura, mas que, ao mesmo tempo, se fundem numa homogeneidade, ou harmonia completa. Vira-o porem encerrado em si mesmo, na mais absoluta contemplação, como que esquecido da propria personalidade, de absorvido que está na visão da vida real.

Nada mais contém o monumento. Não assenta em substructuras arquitectorais, sem significação simbolica para representar a obra do romancista. Procura fórma na ausencia de formas anteriores, e acha-se pago de sobejo pela nota fortemente pessoal que marca a conceção da figura alegorica da mulher e pela superior execução do busto e do monumento em geral.

Eu não sei, nem quero saber se a conceção obedece ás regras geraes da contrucção dos monumentos; sei só que é nova, que é pessoal e que é superiormente bela. Não é arte de receitas.

Felizmente.

E não se me dava, por varias razões, de ter a sorte rara do feliz proprietario do palacio que foi do conde de Farrobo: para todas as manhãs, ao levantar da cama, cançado das mentiras inesteticas da vespera, dizer com os meus botões: — Vamos lá ver a Verdade e o Eça que se estão a namorar esteticamente ali por debaixo da palmeira.

Entretanto surge no meu espirito uma necessidade de maior vegetação em redor do monumento, mas sobretudo de vegetação propriamente nossa. Queiroz dá-nos na sua obra a sociedade portugueza sua contemporanea do sul do paiz, como Camillo nos faz vêr a do norte. Que a verdade pois irrompa do seio de um jardim portuguez, gracioso e elegante, de um massiço de verdura nossa, de flores nossas, entre as quais esse feixe de palmeiras, que tão bem se acclimam para áquem do Mondego, tem o seu logar proprio. Mas que irrompa das profundezas da nossa natureza que Eça tão profundamente sentiu e descreveu.

Terminada a serie dos meus artigos, a que atrás me refiro e de que mais tarde deverei ainda extractar uma pequena parte, enviei-os ao sr. Jaime Batalha Reis, por saber de antemão que o interessaria a polemica travada em Lisboa, a ele que tantas vezes se havia batido por artistas dignos da sua admiração: Eça de Queiroz, Columbano, O. Martins, Teixeira Lopes; e fui gentilmente recompensado pela carta que ele me dirigiu e veio publicada a 20 de junho de 1904 na *Revista* do *Seculo*. Nessa bela carta, depois de citar a conversa que teve em Paris com um *intendedor* de cousas de arte que achava *seu geitinho* em Teixeira Lopes, até ao ponto de esperar *fazer dêle* alguma cousa, embora reconhecesse que o esculptor não começára bem, dando o *Caim*, um aleijado e um vesgo, e a *Viuva*, uma creatura

vulgar, ordinaria e sem nobreza; e depois de manifestar a sua tristeza por ter julgado que agora os *Conselheiros Acacios*, os *grandes Pachecos*, os *Steinbrockens*, os *Basilios*, os *viscondes Reinaldos*, os *Cohens* e mais personagens da riquissima comedia de Eça de Queiroz lhe louvavam o estilo e o recomendavam, se comoviam com a vida poderosa e completa das suas creações, reconheciam a sua originalidade e distincção, a ironia transcendente, ou a permanente delicadeza de observação, a finura e a gradação das meias tintas, que admiravam finalmente com entusiasmo e comoção as obras do grande romancista, acrescenta:

«Mas logo verifiquei que os meus queridos artistas continuavam a estar incompreendidos; que os inovadores de ha 37, de ha 29, de ha 19 e de ha 14 anos podiam ainda hoje considerar-se revolucionarios; que a luta tinha de continuar, — d'esta vez contra os sempre antigos, mas tambem contra os recemchegados; — e senti-me novo, e forte, e despreocupado, como nos tempos em que, para mim, o Portugal intellectual principalmente se continha nas improvisações, nas discussões enciclopedicas, alegres, imprevistas e esperançosas com o João de Deus, o Anthero de Quental, o Eça de Queiroz, o Oliveira Martins, o Lobo de Moura... e alguns outros, — poucos mais, — semelhantes libertinos e bandidos.

«Soube por exemplo, com intensa alegria, que os modelos apresentados por Teixeira Lopes, em concursos oficiaes, para monumentos a grandes homens portuguezes, haviam sido regeitados;... que muitos dos nossos mais respeitados criticos lhe acham pouca imaginação, o declaram simples «santeiro», «canteiro» banal, classificam de ordinaria e insignificante a figura do tumulo de Oliveira Martins, e acusam de indecorosa a estatua do largo do Quintela.

«Sobre o Eça de Queiroz li, encantado, as velhas acusa-

ções: que não sabia portuguez, que é um desconhecido, que nada ha digno de menção nos seus primeiros contos fantasticos, que os seus romances são inteiramente pornograficos...

«E fiquei felicissimo.»

Seguidamente passa a descrever e a apreciar a figura modelada por Teixeira Lopes para o tumulo de Oliveira Martins, que considera uma das mais comovedoras «*dentre todas as obras de escultura moderna*», que conhece e terminando pela critica ao monumento de Eça de Queiroz, cujas «*formas como formas*» lhe parecem mais dificeis de expressar do que a anterior. E escreve:

«Um alto rochedo de marmore branco parece sair da terra, ir, insensivelmente, tomando formas organicas, e piramidando para o Ceo. As linhas de direcção das massas, rugas longitudinais, todas predominantemente no mesmo sentido, vão como que subindo curvas e alastradas perto do terreno, de cuja horizontalidade se soltam, — convergentes depois para um centro superior, alargando-se um momento em dois largos movimentos lateraes, que formam um cruzamento obliquo, sem que as massas centraes deixem de continuar a evolução ascensional. Na base a rocha amacia-se, amarrota-se em panejamentos, e, mais acima, organisa-se, espiritualisa-se, nas fórmas d'uma forte mulher núa, e no busto, de cabeça triste e severa, que atentamente se inclina para a olhar.

«Duas cousas eu preferiria talvez diferentes n'este conjunto de fórmas:

«Prefiriria que o manto tivesse caido completamente do braço direito e não parasse, á mesma altura dos dois braços, formando um semi-circulo simetrico a meia altura do

grupamento (1). Preferiria que a rocha, nos pontos em que ainda se mostra rocha, parecesse estar incorporada na pedreira natural, — e não já toda ela picada pelo escôpro do canteiro.

«Mas quando catastrofes historicas e naturaes arrasarem Lisboa, os trechos das pregas d'esses panejamentos, e d'esse corpo de mulher, serão, julgo eu, adorados nos museus de então, como o são, nos museus de hoje, os fragmentos esboroados dos escultores gregos.

«Consideremos, por ultimo, o assunto literario:

«E' esta figura a melhor representação da «Verdade»?

«E' a contemplação e a realisação da Verdade a melhor sintese da obra de Eça de Queiroz?

«Não poderá jamais uma obra d'arte completamente sintetisar a obra intellectual e sentimental d'um grande escritor. Póde um monumento, quando muito, sugerir, celebrar, fixar, vagamente, um lado, uma feição, um momento do seu genio. Mil realisações formaes representarão, todas ellas, com egual propriedade, o espirito e o trabalho complexo d'um grande escritor. Nada mais facil que provar, dada uma formula de simbolisação qualquer, que *essa* não é, de modo nenhum, a mais adequada. E será, quanto a mim, desconhecer os limites de expressão das *artes da forma e côr*, o não vêr que, áparte certos simbolos muito biografi-

---

(1) E' tanto mais para notar esta observação do Sr. Batalha Reis, quanto é certo que estando eu um dia a discutir a obra de Donatello com Teixeira Lopes, este a fizera tambem relativamente á estatua do *Poggio* que se encontra na catedral de Florença, e cujos panejamentos se dobram em pregas caídas dos dois lados do corpo e á altura dos joelhos. O nosso escultor condenava essa mesma simetria que vamos encontrar na *Verdade* do seu monumento a Eça de Queiroz, o que me leva a crêr que o fez muito intencionalmente, depois de ter porventura tentado um outro arranjo e de o ter condenado.

cos, todos os monumentos podem servir para todos os homens.

«A retorica da alegoria adotada,—e, porventura, as opiniões ponderosas do Conselheiro Acacio, que é hoje, como se tem visto, um dos mais zelosos admiradores de Eça de Queiroz, — levaram Teixeira Lopes a dar á cabeça do ironico escritor, uma gravidade, uma severidade, que eu nunca lhe conheci.

«Eis por que prefiro o busto primitivo, espirituoso, ironico, e, ao mesmo tempo, dolorosamente dramatico que eu vi em gesso, e que Teixeira Lopes destinava para o monumento.»

Em Janeiro do mesmo ano de 1904 defendia eu, porem, a respeito desse promenor um modo de vêr diferente. Dizia que Eça de Queiroz tinha o habito de andar, de se sentar, de se fotografar numa quasi unica atitude, um pouco inclinado para a frente e olhando para baixo; assim o vejo no grupo fotografico dos *Vencidos da Vida,* na pagina interessante que Raphael Bordalo Pinheiro lhe consagrou no *Album das Glorias,* em muitos outros casos; assim tambem o vi, quer na rua, quer em casa, e ainda assim o viu o escultor. Eça tinha, contudo, um *rictus* ironico, que imprimia caracter á sua fisionomia e que este não reproduziu; quero crêr que lhe sobejasse razão para isso, que no momento de contemplação calma e profunda, de maxima concentração, todo o esforço se fixe no cerebro, imobilisando-se os musculos da face. O busto de Teixeira Lopes dar-nos-ia, pois, a expressão fisionomica do observador-artista no momento em que a visão dos casos da Vida o absorvia completamente, e será uma sincera expressão de elevado valor psicologico. Quem direito tem a apreciar o facto, afirmou-

me que o busto é o retrato mais fiel que existe do Eça de Queiroz (1).

Pareceu-me porem que devia ainda discutir a falta de convencionalismos arquitectonicos no monumento e a sua situação no largo Quintela. Afirmava eu, como hoje afirmo, que não concebo Eça de Queiroz assente em arquitecturas de epocas passadas; e como a não haja nova, a não ser a do ferro que lhe não é aplicavel, vejo-o mais completamente sem nenhuma. A sua obra é por via de regra considerada pouco estructural, como o é quasi sempre a obra dos portuguezes cuja imaginativa constructiva peca por defeito. Sómente, de essa inferioridade, se assim quizerem chamar-lhe, resulta no Eça um encanto proprio que veio ajuntar-se ao do seu sonho de uma intensidade indiscutivel: o vago acentua-se, amplifica-se.

Dada porem a expressão desse sonho, o monumento de Teixeira Lopes afigura-se-me mal instalado no local onde o poseram; falta-lhe ali a atmosfera juvenil, a amplitude, o enquadramento vago que a natureza do seu sonho de arte reclama. Depois não é possivel observá-lo longamente. Ninguem póde sentar-se em frente do grupo para o contemplar, ali, no sitio onde ele está. Suponho porem que a escolha do local obedeceu a um sentimento louvavel: — o de que muitos vissem a obra glorificadora. Mas houve nisso um engano. Na rua do Alecrim toda a gente passa no electrico, com rapidez nada estetica, embóra muito confortavel; e custa a deixar a excelente carruagem para estar muito tempo de pé, ao sol, a contemplar o monumento. Além disso, o largo do Quintela tem um aspecto pesado e

(1) Conta-se que um velho creado de Eça de Queiroz declarára que o seu retrato, no monumento, estava muito bom, mas que o da *senhora* nem por isso

duro; a palmeira é de uma rijidez metalica; os altos predios apertam o horisonte numa moldura de durezas antipaticas. O monumento requer pois outro local, a meu vêr.

Em Paris destinou-se o gracioso *Parc Monceau* a monumentos de artistas cujas obras tem um cunho de acentuada elegancia. Já lá está Guy de Maupassant e parece que em breve lá estarão tambem representados Corot, Chopin, Bizet e Gounod. Em Lisboa ha, penso eu, um jardim que reune qualidades da mesma natureza do parque parisiense, se bem que em grau superior, o do *Principe Real* (hoje do *Rio de Janeiro)*. Ali gostaria eu de vêr, de um lado, o monumento de Queiroz encostado a uma forte espessura de arbustos que lhe tapasse o fundo, de arbustos bem nossos; nessa atmosfera o monumento adquiriria uma muito maior irradiação luminosa de sonho, de graça e de formosura. E, de outro lado, seria para desejar uma obra erguida á memoria de Camilo, aquele a quem todos comparam o Eça, de quem todos se lembram quando se fala do Eça. Assim ficariam no mesmo jardim os dois romancistas que mais intensamente interpretaram a sociedade portuguesa: Camilo, que deu a do norte, Eça a do sul do paiz. Na antiga *Patriarcal,* alêm disso, ha bancos para os estetas se sentarem á sombra das arvores protectoras, e as casas não nos afectam, não nos interceptam a vista; para cima de nós ha apenas o ceu, o ar, a luz, e as ruas de acesso descem de todos os lados (1).

Esta minha idea, em que naturalmente ninguem atentou, correspondia porém a uma outra necessidade de ordem es-

---

(1) Segundo me consta alguem propoz recentemente, num jornal de Lisboa, que se transferisse o monumento do largo do Quintela para o Jardim da Estrela. Salvo erro, parece-me que isso corresponderia a um enterro de 1.ª classe.

O Jardim da Estrela!!...

tetica. Teixeira Lopes não se impoz como devia, com o seu alto valor artistico, para obter melhores adaptações das suas estatuas, quer no monumento do Eça, quer no do Oliveira Martins, dos Prazeres. Contentou-se com modestos materiais, na sua nobre ambição de exprimir a profunda admiração que sentia por esses dois ilustres portuguezes; aceitou tudo e não impoz o emprego de instalações grandiosas, dignas dêle. Assim, no monumento de Eça, composto de pedras sobrepostas e não de um só bloco, destacam-se violentamente as juntas horisontais feitas a cimento que vai enegrecendo com o tempo. O meu desejo era pois que se esculpisse novamente o monumento num grande bloco, muito mais espesso do que o actual, sem juntas algumas; ou que busto e estatua da Verdade, feitos em marmore de Carrara, irrompessem de um grande bloco de outro marmore mais escuro.

Era esse o monumento que, quanto a mim, melhor ficaria colocado no jardim do *Rio de Janeiro;* e, ao do largo do Quintela, dar-se-ia um belo destino: A' maneira do que os francezes fizeram com a estatua da Vitoria de Samotracia, ficaria encostado á parede do museu das Janelas Verdes, no primeiro patamar da escadaria de entrada. Se tal projecto se realisasse, tornava-se, ao mesmo tempo, urgente pensar no monumento a Camilo Castelo Branco. E assim sucedeu, caso que me causou o prazer de que talvez nem tudo se perdesse de quanto escrevi a este respeito. Porque, passado tempo, organisou-se uma comissão para tratar de erigir uma estatua a Camilo, estatua que nunca viu a luz do sol; e depois de muita discussão em que eu não tomei parte, não sendo vogal da referida comissão, foi escolhido — *por unanimidade* — para escultor dessa obra, Antonio Teixeira Lopes, autor dos monumentos de Eça de Queiroz e Oliveira Martins.

E tambem votou o falecido Barbosa Colen, um dos mais violentos adversarios do artista, apesar de dolorosamente surpreendido por não se haver ainda pensado no Herculano, Garrett e Castilho — em materia de monumentos — e passar-se directamente de Camões para Eça de Queiroz, ali a dois passos um do outro, dizia ele.

Agora deram em apedrejar o monumento do largo do Quintela. Já quebraram os dedos da mão direita á estatua da *Verdade;* concertaram-nos depois, mas voltaram a quebrá-los. Ficarão por aí?...

Outubro de 1919.

ANTONIO ARROYO.

Nos meus tempos de rapaz

Já lá vão uns bons trinta anos; um grupo de rapazes entretinhamo-nos, nas horas sobejas dos trabalhos escolares, em trocar impressões ácerca das produções literarias, que enfeitavam os mostradores das livrarias, aguçando-nos o apetite e levando-nos, quasi sempre, os parcos cobres das bolsas pouco providas. No grupo, não muito numeroso, constituido espontaneamente pela simpatia de individuos que, embora de tendencias esteticas diferentes, tinham como laço comum a paixão pelas letras, havia de tudo quanto peregrava no meio academico d'então; o Luis Serra, o João Climaco e o Calado Nunes, poetas; o Lemos de Napoles, apaixonado pelas artes plasticas e critico acerado das exposições de pintura; o Caldas Cordeiro e quem estas linhas escreve, incapazes um e outro de perpetrarmos o mais pequeno atentado em verso, mas apaixonados pela prosa que devoravamos numa ansia insaciavel do conhecimento dos bons mestres.

Reuniamo-nos onde calhava; nas nossas escolas, nos jardins, nas casas de cada um de nós, mas nunca nos cafés, de

cujos frequentadores desdenhavamos, embora já por essa época o Fialho de Almeida, a quem todos liamos e admiravamos, pontificasse no Martinho. E o nosso desdem dos cafés provinha do facto de haver saído duma das bancas do Martinho a baboseira, que chegou a ter fóros de cidade, de que Eça de Queíroz, no *Crime do Padre Amaro*, não tivera mais trabalho do que traduzir, nem sempre com felicidade, *La faute de l'abbé Mouret* de Zola, depois de aí tambem se proclamar que Camões era uma gloria nacional que se acreditava por fé, visto ninguem que se prezasse de bom gosto litterario, ler *similhante* maçador!

Ora no reduzido grupo a que eu pertencia, encontravam-se admiradores entusiastas de Eça de Queiroz, capazes de desagravarem o bom nome literario do que eles consideravam o mais alto representante da novelistica portuguesa do tempo. D'aí a nossa aversão quasi religiosa pelos cafés e seus frequentadores, que ousavam abocanhar, a nossos olhos sacrilegamente, o estilista inimitavel, o psicologo profundo, o castigador caustico e justo duma sociedade em decomposição, como aquela retratada e imperecivelmente fixada nas paginas do *Crime do Padre Amaro* e do *Primo Basilio,* as duas novelas de Eça, ao tempo publicadas.

Eça foi, pois, o mestre dilecto d'aquele punhado de rapazes, que, á excepção de dois, se encontram já no numero dos idos d'esta vida. E com que carinho, com que amor liamos as paginas inimitaveis do grande artista, embora um ou outro mais gramaticão se arripiasse ás vezes com este ou aquele galicismo, que viesse á supuração na prosa tão vivida, tão maleavel e flexivel do mestre! Ha impressões indeleveis no nosso espirito, que nos acompanham formando o quadro que restringe o campo das nossas saudades mais sentidas, das nossas emoções mais fundas, por desper-

tadas por vibrações do sentimento estetico, ainda quando este se amarfanha e oblitera por a nossa actividade mental haver sido atraída para outros terrenos menos floridos e variegados. Impressões tais são as que, ainda hoje, o meu espirito conserva da obra de Eça de Queiroz, tão frescas, tão vivas, como se acabassem de ser gravadas no cortex cerebral. E é por isso que, ainda hoje, para mim, *O Primo Basilio* é no romance português uma joia de inestimavel preço, por mais estranho que o caso possa parecer áqueles que não conheceram a sociedade aí descrita e não podem, portanto, apreciar a justesa e a finura do grande artista que tal preciosidade burilou.

Para mim, de toda a galeria de tipos focados por Eça de Queiroz na sociedade do seu tempo, nenhuns ha que igualem, em verdade, Luisa, a simpatica vitima duma educação falsa e convencional, arrastada á perdição pela lubricidade canalha dum primo e martirizada pela vesga e hedionda Juliana, a criada rancorosa e mordida de inveja; Sebastião, o grande Sebastiarrão, a alma boa e generosa, que na felicidade e paz alheias encontra a maxima alegria para o seu espirito fundamental e irreductivelmente afectivo; o Acácio, o conselheiro, o ôco empanturrado da sua pessoa, que ainda agora, embora noutras modalidades e com outras vestimentas, nos atravanca por aí a toda a hora o caminho. Ha quem apode de imoral *O Primo Basilio*, bem sei; mas esses são os capadinhos que, ás ocultas, se lambem de goso com as páginas porcas dos *romances só para homens*, ou se rebolam em ademanes grotescos e efeminados, que estão a pedir desinfecção ou um justiceiro ponta-pé.

Já lá vão uns bons trínta anos, e como eu desejaria agora reviver esses belos e despreocupados dias d'então! O Caldas Cordeiro, levando a sua admiração por Eça e Camilo a ponto de subscrever as suas prosas com o pseudónimo de

Camilo Queiroz, Luis Serra e João Climaco procurando encontrar a mais perfeita e a mais bela forma para as suas concepções poeticas, Calado Nunes sempre embevecido na sua adoração por João de Deus e fazendo negaças aos amigos com os primores da sua alma bondosissima, com as maravilhas dos seus versos só de poucos conhecidos e com os admiraveis traços do seu lapis de caricaturista eximio, Lemos de Napoles, sempre de lance em riste contra os artistas da velha escola e preconizando entusiasmado as organisações artisticas de Carlos Reis e Costa Motta, que tão brilhantemente lhe confirmaram os vaticinios. E quem pudera ainda reviver as belas horas espirituais que Eça de Queiroz nos proporcionou a todos nós, tão seus admiradores, que nem sequer tinhamos a coragem de procurar ser-lhe apresentados. É que tinhamos por ele tamanha adoração, que se nos afigurava um sacrilegio o nós, pigmeus, aproximarmo-nos da sua personalidade de desmedida grandeza.

AGOSTINHO FORTES.

O espólio de Fradique

Exactamente quando a nova geração aflorava dentre as rendas do berço é que Fradique Mendes se deixou morrer em Paris nesse fatal inverno de 1888, da mesma morte que êle e Cesar foram os dois a apetecer — *inopinatam atque repentinam*. A culpa teve-a, sem querer, o velho general Terran-d'Azy, levando, por engano, a rica pelissa de Fradique, ao sair duma festa em casa da condessa de La Ferté, companheira de Fradique na sua celebrada viagem á Islandia. O que veiu a suceder depois é desgraçadamente do conhecimento de todos.

Posto que confortavel e rica, Fradique sentiu uma repugnância invencivel ao encontrar-se no vestiário do palácio La Ferté com a pelissa duma pessoa que sinceramente detestava sempre pela sua rabugice e pelo seu catarro. A noite estava, porém, sêca e límpida. Sem uma hesitação, Fradique, em casaca, preferiu atravessar a pé a praça da Concórdia. Não reparou na aragem, que corria finissima, — uma aragem certamente afiada durante léguas e léguas

EÇA DE QUEIROZ

EM NEUILLY, VESTIDO DE MANDARIM

ao longo das planícies do norte e que já o velho André Vasali comparava a um punhal traiçoeiro...

Na manhã seguinte, quando o seu criado Smith, velho escocês do *clan* dos Macduffs, ás nove horas bem batidas lhe entrou no quarto, gritando, como de costume: — «Morning, Sir !», Fradique, despertando, achou-se tomado duma tosse impertinente, ainda que leve. Não se preocupou muito Fradique, seguro da sua robustez que resistira ás inclemências dos mais contraditórios climas do mundo. E cumprindo imperturbavelmente o seu imperturbavel horário, marchou caminho de Fontainebleau, instalado no alto dum *mail-coach*, e atraido pela camaradagem espirituosa dalguns amigos. A' noite, ao recolher, queixou-se de arripios. Dois dias passados, Fradique «tinha vivido», — como costumavam dizer os antigos, expirando com tanta serenidade, que Smith, durante minutos, supôs que seu amo adormecera simplesmente. Ao caracterizar a doença — uma fórma rarissima de pleurisia, o dr. Labert não se conteve que não exclamasse : — *Toujours de la chance, ce Fradique !*

Debaixo dum ceu cinzento de neve, as ruas de Paris viram atrás dos restos de Fradique um punhado das mais gloriosas figuras da França nas coisas da arte e do bom-saber. Houve quem o chorasse, — rostos lindos e misérias ignoradas. Porque, Fradique, apesar de scético, gostava de acudir aos males humanos, embora envolto em cabaias de seda. Deixaram-no tranquilamente no *Père-Lachaise,* — informam-me que não longe da sepultura de Balzac, onde, todos os anos, pela Festa dos Mortos, Fradique mandava poisar um ramo de violetas de Parma, em lembrança das flores mais amadas pelo grande autor de *La Comédie Humaine*. Por sua vez, nunca as rosas se sécam sôbre o bocado de mármore que cobre as cinzas de Fradique.

Não se apagaram ainda os écos da curiosidade levan-

tada á volta dos seus manuscritos. Pensador verdadeiramente pessoal e forte, — como o definiu na *Gazette de France* êsse subtilissimo psicólogo que se escondia sob o pseudónimo de *Alceste*, de Fradique quasi se poderia dizer o que Dumas Filho dizia a Bourget de Flaubert: — «Foi um gigante que deitou ao chão uma floresta, para fazer uma boceta». Impresso, nada mais se lhe conhece, rialmente, do que as *Lapidárias*, publicadas na *Revolução de Setembro*, e o precioso poemeto *Laus Veneris Tenebrosæ*, aparecido aí pelos fins de 69, ás vésperas da Outra-Guerra, na *Revue de Poésie et d'Art*. As *Lapidàrias* marcavam nas influências recebidas a transição do Victor Hugo da *Légende des Siècles* para o Leconte de Lisle dos *Poèmes Barbares et Antiques*. Mordido muito de perto pelo lirismo rebelde de Swimburne, no *Laus Veneris Tenebrosæ*, Fradique Mendes sacrificaria um pouco á moda esotérica dos cenaculos que freqùentava, recordado, sem dúvida, dos *Franciscæ meæ laudes* de Baudelaire, peça curiosamente trabalhada em estilo de baixa-latinidade e dirigida por Baudelaire, — «o maganão das *Flores do mal*», — na frase do próprio Fradique —, «a uma modista erudita e devota». Mas, pequenos desperdícios dum dos maiores talentos do seu tempo, o que era isso, afinal, para quem, como Fradique, possuidor duma vasta e compreensiva inteligência, dispunha tambem dos maiores tesoiros da sensibilidade e do requinte? O que se apurou na roda dos seus íntimos é que Fradique deixara manuscritos. Eça de Queiroz assevera-nos com uma segurança que pressupõe quasi palavra de honra, que na casa da rua de Varennes os entrevira mais duma vez adentro dum cofre espanhol do século XV, a que Fradique chamava com distraído desdem — a «vala comum». Ora no seu testamento Fradique ordenou terminantemente que os misteriosos originaes do cofre se entregassem á mesma *Libuska*, de quem

tanto falava nas suas cartas a M.me de Jouarre, a ponto de que no-la tornou uma imagem familiar «com os seus veludos brancos de Veneziana e os seus olhos claros de Juno».

Casada com um diplomata silencioso e vago, que morrera em Paris duma anemia vagarosa, e que escrevia *capitene* (pertencera na Rússia ás Guardas-Imperiais) em vez de *capitaine*, Varia Lobrinska era da família dos principes de Palidoff. Tão depressa enviuvou, Madame Lobrinska, rodeada de aias e de crépes, recolheu aos seus domínios de Starobelsk, no govêrno de Karkoff. Voltou, porém, com a flor dos castanheiros, — e a sua risonha e luxuosa viuvez nunca mais abandonou Paris. Andava então Fradique preocupado com o estudo das literaturas slavas, perdido de todo com a beleza dum dos seus mais antigos poemas, — *O Julgamento de Libuska,* que se descobrira por acaso nos arquivos do castelo de Zelene-Hora. No salão de M.me de Jouarre, M.me Lobrinska e Fradique travaram relações. Naturalmente, na conversa, houve alusões ao poema. Por gentileza dos condes de Colloredo, seus parentes e senhores de Zelene-Hora, Madame Lobrinska estava na posse duma rarissima reprodução das duas fôlhas de pergaminho em que se encontrava essa velha epopeia. Releram ambos, juntos, o texto heroico na oferta preciosa dos condes de Colloredo. E um instante veiu — não sei se se lembram — em que, como os dois amorosos de Dante, «não leram mais no dia todo»...

Fradique começou a tratar Madame Lobrinska por *Libuska,* — a rainha que nos aparece no *Julgamento,* de branco vestida, como Beatriz, e mais resplandecente do que a própria sabedoria. Por seu lado, Madame Lobrinska tratava por *Lucifer* a *Fradique.*

Chegou, entretanto, o novembro funesto, aquele novembro funesto em que *Lucifer,* ou seja Fradique Mendes, morreu, como Cesar, de morte *inopinatam atque repentinam.* E

com solene tristeza Madame Lobrinska recolheu de novo ao seu senhorio de Starobelsk, no govêrno de Karkoff. Murmurou-se por Paris, em sorrisos discretos, que a filha dos Palidoff ia chorar, entre o silêncio respeitoso dos seus *mujiks,* a sua segunda viuvez, — «até que viessem os lilazes...» — acrescentava-se com malícia. Mas os lilazes vieram, vieram outra vez as flores dos castanheiros, — e Madame Lobrinska não voltou.

Será talvez bom recordar que o marido de Madame Lobrinska arrastara seis anos de diplomacia estagnada no Rio de Janeiro, esperando, — conta Eça de Queiroz, de quem me estou socorrendo como autoridade de pêso para o presente estudo — por aquela apetecida legação da Europa que o príncipe de Gortchakoff, Chanceler do Império, afirmava pertencer a Madame Lobrinska *par droit de beauté et de sagesse.* Essa legação nunca chegou. E no seu longínquo exílio, perfumado duma inexprimivel saudade da neve, Madame Lobrinska decidiu aprender o português. Aprendeu-o tão saborosamente que Fradique mostrou a Eça uma tradução da elegia de Lavoski, — *A colina do Adeus,* como sendo um mimo de pureza e de estilo. Pena é que a tradução de Madame Lobrinska se tivesse extraviado, porque assim apreciariamos melhor os recursos de emoção da mulher a quem, por extraordinária homenagem, Fradique legou a posse dos seus manuscritos.

Discute-se o que fôssem os manuscritos de Fradique. Eça, apenas começou a coleccionar-lhe as cartas, dirigiu-se imediatamente a Madame Lobrinska, comunicando-lhe o seu grande desejo de fixar num estudo de larga e carinhosa crítica a psicologia excepcional do glorioso amigo morto. Solicitava para isso o romancista dos *Maias* e da *Ilustre Casa* à herdeira enigmática dos papeis de Fradique, se não uns excertos dos originais acumulados no cofre espanhol

do século XV, «ao menos algumas revelações *sobre a sua natureza*». Madame Lobrinska respondeu com polidas palavras que, na recusa que delicadamente envolviam, mostravam bem, na própria expressão de Eça, — que debaixo dos claros olhos de Juno existia uma razão claríssima de Minerva.

Em letra grossa e redonda, numa imensa fôlha de papel de linho, onde, por sob uma corôa de oiro, se lia a oiro a divisa *Per terram ad cœlum*, a *Libuska* de Fradique-*Lucifer* persistia em manter o mistério, cada vez mais denso, em que jazia o espólio literário do auctor das *Lapidárias*. «Os papeis de Carlos Fradique — dizia Madame Lobrinska naquele mesmo português natural e dôce da sua tradução da *Colina do Adeus* —, tinham-lhe sido confiados, a ela que vivia, longe da publicidade e do mundo que se interessa e lucra na publicidade, com o intuito de que para sempre conservassem o caracter íntimo e secreto em que tanto tempo Fradique os mantivera; e n'estas condições o *revelar a sua natureza* seria manifestamente contrariar o recatado e altivo sentimento que dictara esse legado!...» E com firmeza inexoravel assim fechava a uma curiosidade piedosa o cofre espanhol do século XV, — a interdita «*vala-commum*» do orgulho de Fradique, a esta hora desfeito na poeira das coisas sem nome, depois do assalto dos camponêses de Karkoff aos domínios de Starobelsk.

Perante a negativa obstinada de Madame Lobrinska, várias suposições se desenharam entre os companheiros de Fradique àcerca do que se conteria dentro dêsse cofre, mantido em tão severo e religioso resguardo. Aventavam alguns de que se tratava de dois trabalhos em esbôço, a que Fradique aludia com freqüência, como sendo o tema mais cativante para a sensibilidade e para o pensamento da sua época, — terrivel época de transição; — uma *Teoria da*

Vontade e uma *Psicologia das Religiões*. Teixeira de Azevedo, porém, — o Teixeira de Azevedo que em outros tempos espavoria os cónegos da sua visinhança declamando noite velha a *Charogne* de Baudelaire —, cuidava, ao contrário de muitos, que nos papeis de Fradique o que devia existir era um romance de fortes pinceladas épicas, ressuscitando um tipo de civilisação extinta, conforme o modêlo de Flaubert na *Salammbô*.

Fundava-se Teixeira de Azevedo, para a sua afirmação, numa carta de Fradique a Oliveira Martins, aí por volta de 1880: — «Que dirá você, dilecto Oliveira Martins, — confidenciava então o poeta bizarro das *Lapidárias* —, se um dia, desprecavidamente, no seu lar receber um tômo meu, impresso com solemnidade e começando por estas linhas: — «Era em Babylonia, no mez de Sivanú, depois da colheita do balsamo?...» Mais senhor do *facto*, e como Fradique amando os grandes espectáculos cosmopolitas, com a retina avezada a distinguir dum golpe o traço que marca, o aspecto que caracteriza, Ramalho Ortigão participava de outro parecer. Só *Memorias* se aferrolhariam no cofre espanhol do século XV, pela singela e pronta razão de que «só a *Memorias* se póde coherentemente impôr a condição de permanecerem secretas».

Fôsse como fôsse, eu inclino-me antes para a opinião de Eça de Queiroz. Fradique não nos deixou nem um volume de psicologia nem um romance epo-histórico. E muito menos «Memórias», elucida Eça —, inexplicaveis num homem que se estonteava no amor da idéa abstracta. Neste ponto discordo eu do ilustre editor da *Correspondencia* de Fradique. Fradique, para mim, não se estonteava com o amor da idéa abstracta. Victima como a sua geração do conflito entre a ideologia e a *realidade*, Fradique, se o tomarmos como uma figura-símbolo, é precisamente como Antero um for-

midavel e dolorosissimo crucificado mental. Se Antero, pelas exigências duma profunda estrutura católica, se lançou arrojadamente na «selva oscura» da sua noite filosófica, Fradique, reflectindo hereditariedades mais antagónicas, decidiu-se por essa espécie de renúncia que é sempre o dandismo da inteligência e o sibaritismo da sensibilidade.

Fixemo-nos num detalhe da maior importância para a ressurreição psíquica de aquilo que, em verdade, significou Fradique Mendes, até ao dia de hoje festejado como um dizedor de ironias scintilantes, mas sem dúvida o exemplar mais representativo da influência do chamado *«mal du siècle»* na sociedade portuguesa, contemporânea da Regeneração. Quando Eça, pelo braço do Vidigal, visitou Fradique no antigo Central, ao Cais do Sodré, nos aposentos do varão insigne o calor desfolhava um ramo de rosas sôbre volumes de Darwin e do Padre Manuel Bernardes. Rosas, Darwin e Manuel Bernardes: — o encanto das flores e o encanto do estilo, sorvido como um perfume breve, como uma luxúria passageira; ao contato de dureza feroz, brutalissima, da vida sem Deus, a geração de Fradique procurava enganar-se, inventando ídolos: se a existência se decompunha como a *Charogne* de Baudelaire, — «*Alors, o ma beauté...*» —, procurássemos-lhe ao menos o hálito embriagante, embora efémero e mentiroso. Darwin pesava, na sua negação feroz, em cima dos nervos e da alma duma mocidade que trazia nas suas veias a inquietação sagrada dos grandes avós do romantismo. Antero, porque reagiu e protestou, suicidou-se, por fim, sem descobrir a fórmula de conciliação em que a razão e o sentimento se abraçassem embaladoramente. Fradique, mercê de circunstâncias de que investigaremos os motivos, seguiu por caminhos na aparência diversos, mas os mesmos no fundo e na essência. Optando pelo «aroma dos vasos vazíos» — na palavra

amargurada de Renan, Fradique demite-se do mundo um pouco à Petrónio, e muito à imagem e semelhança do scético dos *Souvenirs d'enfance et de jeunesse.*

Porque o caso de Fradique é nas nossas letras um caso de *renanismo* puro, é que a mim se me afigura que Fradique não foi nada um homem da ideia abstracta. O que havia em Fradique era um excesso de inteligência — um gôsto indominável de análise. Fradique não praticou a regra que Antero preceituava em mais de uma das suas cartas: — «*Saber até qual limite se póde saber.*» Ora como a inteligência por si é impotente para resolver a tortura do coração e do entendimento, Fradique, compondo a sua atitude segundo a atitude de Renan, decidiu-se a ser em vez duma das *dramatis personæ* da tragédia do século, como Amiel ou o poeta dos *Sonetos,* um espectador amável, resignando-se com amabilidade às cruezas sórdidas da vida. Nem por isso o seu calvário seria menos cruciante, nem nêle teremos menos que aprender.

O processo do «espírito-de-análise» informa-o com mão de mestre nos seus *Essais de psychologie contemporaine* êsse mestre de verdade que é Paul Bourget. Verificar-lhe as conseqûências funestas na mentalidade nacional é estudar em conjunto a geração de Fradique, não só culminante em Portugal, mas, sem dúvida, na sua expressão literária, uma das mais representativas da Europa Ocidental. Em semelhante estudo, que num dia mais sereno constituirá para mim uma das minhas mais queridas realizações, — em semelhante estudo se ha-de gravar como em nenhum a genealogia directa e forte da poderosa corrente tradicionalista que hoje absorve o melhor das inteligências moças no nosso país. Antero, Oliveira Martins e Eça de Queiroz são verdadeiros professores de nacionalismo, enriquecendo com a sua experiência e sua angústia de *antecipados* a admiravel

síntese nacionalista que, num futuro bem próximo, encherá a consciência colectiva da Pátria dum sentido novo e dum vigor inesperado.

Como os seus amigos de perto, Fradique é tambem um *inactual*, é tambem um antecipado. O seu cosmopolitismo intelectual conduziu-o pelo culto íntimo da emoção estética às portas dum completo sistema de nacionalismo artístico e político. Admiram-se que eu, ao escrever do paradoxal Fradique, acrescente ao paradoxo constante do seu temperamento um paradoxo mais : — *Fradique, mestre da Contra-Revolução?* Pois, sem paradoxo, o acrescento e afirmo. Ignoro o que conteria o misterioso cofre espanhol do século XV, a preciosa *vala-comum* do orgulho preciosíssimo de Fradique. No entanto, se Madame Lobrinska tivesse atendido às solicitações de Eça de Queiroz, do fundo da trabalhada e cubiçada caixa não sairia nem uma *Teoria da Vontade* nem uma *Psicologia das Religiões*. Talvez saisse antes, embora em esqueleto, embora em borrão, um livro que se leria agora com espantosa oportunidade : — *Filosofia da reacção na política e na arte.*

*

*   *

Importa conhecer porque, ao ocupar-me do espólio de Fradique, eu me manifesto assim com tão tranqùila segurança. Infelizmente para mim, infelizmente para todos nós, com o falecimento em abril de 1901 — quando floriam outra vez os lilazes — de Madame Lobrinska, nunca mais regressada da sua neve e dos seus crepes, o cofre espanhol do século XV não ficou preservado contra o desinteresse sacrílego de qualquer herdeiro indiferente da filha dos Pali-

doff. Por intermédio dum diplomata russo que eu convivi em Vigo, jogando um eterno *poker* e presagiando o fim das civilizações através da teoria matemática das *linhas descontínuas,*—por intermédio dêsse expatriado, como eu, o mais que pude apurar foi que o domínio de Starobelsk ardera ultimamente, em seguida a um assalto enraivado dos campesinos de Karkoff, sendo até violadas as sepulturas do carneiro senhorial—que triste sorte a da *Libuska* adorável do *Julgamento!*—e não ficando da residência opulenta mais que um monte gigantesco de ruinas acarvoadas.

Perdidos os elementos directos e positivos para a reconstituição do pensamento de Fradique, em que de ha muito e com enlevado amor me empenhava, não me ficou outro recurso senão o de surpreender com a possivel exactidão a linha tónica do seu espírito na carta que a piedade enternecida de Eça conseguiu salvar dum olvido deprimente.

Ao determinar a psicologia de Fradique, eu considerei-a já como uma demonstração de puro *renanismo.* Não é dificil de o documentar, desde que se entenda o que por *renanismo* se deverá entender. Entende-se, naturalmente, por ausência gostosa de *afirmação,* por diletantismo guloso das *fórmas* e das *idéas,* sem preferir, sem escolher, porque se para uns «ao Começo era a Acção», para Renan e para Fradique, ao Comêço e ao Fim era simplesmente—o Nada. Mas preguntar-me-ão: — «Dado um tal negativismo estrutural, dada uma tal impossibilidade de vontade e de crença, como é que se pretende enfileirar Carlos Fradique Mendes entre os doutores da Contra-Revolução? Pelas mesmas causas, conquanto que em órbita e plano diversos, porque Renan é autor da *Reforme morale et intellectuelle* e figura, na livraria de todo o bom reaccionário, ao lado de Ronald e de Maistre, alternando com Augusto Comte, Le Play e Taine. Não nos precipitemos, porêm, olhando, antes de mais

nada, aos antecedentes e à formação de Fradique, — ao que Léon Daudet chamaria o seu «*heredo*».

Representante da varonia ilustre daquele navegador D. Lopo Mendes, que, filho segundo da antiga casa da Trofa — Eça, manifestamente equivocado sôbre a lição errada de algum Nobiliário, escreve «Troba» e não «Trofa», — acabou em donatário duma das melhores capitanias dos Açores, Carlos Fradique Mendes descendia duma velha e rica familia insular com passagem larga nas Crónicas e na Torre do Tombo. O pai, assevera Eça que fôra um homem magnificamente belo, embora de inclinações rudes — o que lhe custou uma morte prematura, dum desastre, na caça. Por seu lado, «airosa, pensativa e loura», a mãi de Fradique merecera dum poeta melancólico da Terceira a designação lírica de «*Virgem d'Ossian*». E' ainda Eça quem nos conta que morrera duma febre apanhada no campo, «onde andava bucólicamente, n'um dia de sol forte, cantando e ceifando feno». Ninguem mais restava a Fradique alêm dum tio, Tadeu Mendes, que vivia em Paris, preparando com Luís Napoleão e com Morny «a salvação da Sociedade», com S maiúsculo, — ninguem mais restava a Fradique, pequeno e órfão, senão sua avó materna, D. Angelina Fradique, «velha estouvada, erudita e exótica (vidè *A Correspondencia de Fradique Mendes,* a pags. 15, quarta edição), que coleccionava aves empalhadas, traduzia Klopstock e perpetuamente sofria dos «dardos d'Amor». Eça é o primeiro a notar que a primeira educação de Fradique se acentuára logo como «singularmente emaranhada». O capelão de D. Angelina, egresso beneditino, iniciou Fradique nos mistérios do Catecismo e do Latim, inculcando-lhe, entre «outros principios solidos», no dizer de Eça, — o horror à Maçonaria. Creio bem que mais tarde, quando Balzac, Proudhon e Renan levassem Fradique ao limiar da Contra-Revolução, o

pobre frade, ardendo em ira sagrada contra os pedreiros-livres, passaria no espírito do poeta das *Lapidárias* como uma imagem tutelar, internecidamente reabilitada...

Pois dos cuidados do capelão da casa resvalou Fradique, sem mais transição, para os dum coronel francês, que nas barricadas de Julho provára, de peito às balas, o entusiasmo brusco da sua brusca exaltação jacobina. Nas leituras inocentes da meninice de Fradique, o *Feliz independente do mundo e da fortuna* viu-se substituido pelas *Ruinas de Palmyra* e pela *Pucelle*. Voltaire e Volney escorraçavam o nosso diáfano P.e Teodoro de Almeida. E para que a confusão resultasse mais completa, um alemão, «que ajudava D. Angelina a enfardelar Klopstock na vernaculidade de Filinto Elysio», e se apresentava como parente de Kant, avocou a criança ao seu raciocínio quadrado, envolvendo Fradique nas enxúndias filosóficas da *Critica da Razão-Pura*, muito antes de lhe sombrear o buço no lábio superior.

Só a reacção instintiva do temperamento de Fradique o salvou da morte certa que em tão verdes anos lhe provocaram os preceptores da sua inteligência. Herdára do pai o gôsto da vida rústica, aos saltos pelos montes, com os galgos atrás. Assim se defendeu até que aos dezasseis anos a avó o mandou para Coimbra a estudar Humanidades, deixando á responsabilidade de Eça a inconfidência que comete a págs. 16 da já citada quarta edição de *A Correspondencia*, quando atribui a propósitos menos honestos essa resolução da virtuosa senhora.

Não seguiremos agora Fradique ao longo da sua irrequieta existência de escolar. Nem tampouco nos deitaremos a correr com êle as sete partidas da Esfera, depois que a avó lhe morreu, repentinamente, debaixo dum caramanchão de rosas, por uma sésta lenta de junho, ouvindo o seu cocheiro, — é de Eça o detalhe — repicar a viola com os de-

dos enlaçados de aneis. O farto milhão de cruzados da sua herança bastava a Fradique para uma ostentação calculada de príncipe. Viajou as viagens mais inacreditaveis, cortando o mar de banda a banda — desde as civilizações adormecidas do Oriente ao tumulto modernista duma rua de Chicago, tudo a sua ânsia de ver experimentou com gulosa sobranceria, tudo, afinal, lhe deixou no fundo da alma aquele «perfume das urnas vazias» que seria a chaga sempre aberta da sua aparente felicidade.

Com um ancestralismo tão contraditório, Fradique não encontrou na sua infância a disciplina que naturalmente désse uma direcção fecunda ao seu *eu* tão carregado de originalidade, tão rico de emoção, tão cheio do sentido elevado das coisas. Dispondo de si e dispondo de dinheiro, com uma mocidade abundante e atraente, Fradique, ao desembocar nas avenidas do mundo, viveu num âmbito mais largo o conflito que Antero superiormente descreve na sua *Carta auto-biografica* a Wilhelm Storck.

«O facto mais importante da minha vida durante aquelles annos — confessa ao seu traductor o poeta dos *Sonetos* —, e provavelmente o mais decisivo d'ella, foi a especie de revolução intellectual e moral que em mim se deu, ao sair, pobre creança arrancada do viver quasi patriarchal de uma provincia remota e immersa no seu placido somno historico, para o meio da irrespeitosa agitação intellectual de um centro (Coimbra), onde mais ou menos vinham repercutir-se as encontradas correntes do espírito moderno». E Antero continúa : — «Varrida n'um instante toda a minha educação catholica e tradicional, cahi num estado de duvida e incerteza, tanto mais pungentes, quanto, espirito naturalmente religioso, tinha nascido para crêr placidamente e obedecer sem esforço a uma regra reconhecida. Achei-me sem direcção, estado terrivel de espirito, partilhado mais ou menos

por quasi todos os da minha geração, a primeira em Portugal que sahiu decididamente e conscientemente da velha estrada da tradição».

Fradique, da camada e da convivência de Antero, acha-se abrangido nas palavras impressionantes dum dos seus mais escutados amigos. A unidade interior de Antero não a possuia Fradique, já pelo descoordenado da sua hereditariedade, já pelo franco desenraizamento que bem cedo começava a operar na sua psicologia. Tanto pelas tiradas revolucionárias do coronel das barricadas de julho, como pelos kantismos de segunda mão com que o adormentava o primo do filósofo de Kœnigsberg, colaborador de D. Angelina Fradique nos seus contrabandos de Klopstock para o casticismo férreo de Filinto. Mas, modalidades áparte, o tipo mental de Fradique é o tipo mental de Antero, quando êste considera a sua geração como a primeira que em Portugal saíra da velha estrada da tradição consciente e resolutamente.

«Era o tempo em que eu e os meus camaradas de Cenaculo — reforça Eça — deslumbrados pelo lyrismo epico da *Légende des Siècles,* «o livro que um grande vento nos trouxera de Guernesey» — decidiramos abominar e combater a rijos brados o lyrismo intimo que, enclausurado nas duas pollegadas de coração, não comprehendendo d'entre todos os rumores do Universo senão o rumor das saias d'Elvira, tornava a Poesia, sobretudo em Portugal, uma monotona e interminavel inconfidencia de glorias e martyrios de amor». Um pouco mais velho, Fradique, partindo do Hugo das *Légendes,* descobrira já Leconte de Lisle e Baudelaire. O seu cosmopolitismo vincava-se artisticamente na escolha do «motivo raro» pela predilecção concedida ao diabolista das *Fleurs du Mal* e ás decorações bizarras dos *Poèmes antiques* e dos *Poèmes barbares.* No fundo, a ironia que lhe havia de entregar um scetro de elegância intelectual não passava

duma fórma macia de pessimismo que, tornado espectro metafísico invencivel, obrigaria Antero a despedaçar a cabeça com um tiro de revólver junto a uma inscrição, onde precisamente, ao alto, se lia, por contraste arrepiante, a palavra «esperança».

Como prova do pessimismo de Fradique, — e o pessimismo de Fradique é o pessimismo tão bem caracterizado nos mais miúdos e variados aspectos por Paul Bourget nos *Essais de psychologie contemporaine,* — eu assinalo, sobretudo, o seu dandismo estreme. Dandismo de inteligência, dandismo de sensibilidade, diletantismo no pensar e no sentir. A vida, para Fradique, não se vivia — saboreava-se, transformando-se quanto possivel num manjar precioso e exquisito. Não é que Fradique se abandonasse ás solicitações dum petronismo vulgar. Pelo contrário, desviado das grandes verdades tradicionais, sem a ilusão compensadora do humanitarismo revolucionário, Fradique não se resignava a ser um cínico, porque, apesar de tudo, uma voz secreta teimava em falar dentro dêle. D'aí o «dandy», — procurando defender-se do seu nihilismo interior pela miragem bem fugaz dos «Paraisos artificiaes». Choremos por Fradique, no entanto, que nem ao menos acreditava no ópio, no haschich, em Baudelaire, «o maganão, — como lhe chamava — das *Flores-do-Mal*».

Breve se lhe desfariam os «Paraisos artificiaes», transposta a fase de perturbação literária, de que o poemeto *Laus Veneris Tenebrosæ,* denuncía o período agudo. Não duraria mais a influência de Leconte de Lisle, marcando para as sensações da sua exigência estética o canon apolíneo da beleza marmórea e impassivel... Ai de nós, ai de Fradique — o demónio da sciência picara-lhe venenosamente o entendimento e não era por acaso que nos aposentos do Hotel-Central, ao lado do P.ᵉ Manuel Bernardes, — contista entre

os contistas da nossa terra! — espreitava a lombada agressiva dum volume de Darwin! O evolucionismo nos seus excessos devastadores obrigava-se, como uma serpe entre relva macia — *latet anguis in herbis* — debaixo do gôsto apurado de Carlos Fradique Mendes, descendente de D. João Mendes, da casa de Trofa — e não Troba, como reincide Eça—, e donatário no século XV duma das capitanias mais famosas dos Açores.

Com êsse medo tão peculiar do seu tempo, por toda a decaída mitologia racionalista, Fradique não obteve a necessária estabilidade do seu ser, senão aportando definitivamente ao *renanismo*. O esmêro de Renan pelo brunido do estilo transparece em Fradique no cuidado da frase castiça e própria. E' de Renan a curiosidade, tão evidente em Fradique, pelas grandes necrópoles adormecidas, pelas civilizações sagradas do Oriente. Ainda que rijo e transbordante de seiva, — a inexgotavel seiva insular dum bom tronco de descobridores, — o diletantismo intelectual de Fradique empurrou-o lentamente, como a Renan, para a inércia da bondade, para o uso e abuso da crítica, que esteriliza o impulso e reduz o homem a um simples espectador de si mesmo. «Se Napoleão fôra tão crítico como eu, costumava declarar o autor da *Histoire du Peuple d'Israel* — não daria nunca o golpe de Brumário». Outro tanto, em mais diminuta escala, ocorria com Fradique, que, excepcionalmente dotado em face dos contemporâneos, não deixou atrás dêle mais que uma panóplia de observações cheias de luminosidade e de sarcasmo.

Mas a aparentar Fradique com Renan surgem-nos mais subsídios ainda. Lembram-se decerto daquela esplêndida carta dirigida a Guerra Junqueiro, sôbre o essencial das religiões, como sendo, não o seu conteúdo teogónico ou teológico, e sim o seu revestimento litúrgico, a sua parte

pura e exclusivamente *formal*. Registamos factos, não discutimos doutrina. E até, em certo modo, a origem açoriana de Fradique, reflectindo na sua ancestralidade as longas reminiscências do mar, contribuiría para que o seu espírito, — urna vazia chorando a ausência dos antigos perfumes —, se aquietasse no relativismo dôce de Renan, tão impregnado do Oceano, como bretão que era, e dos mais secularmente enraízados.

Um comentador superficial atalhará nesta altura : — Que afinidade existe, porém, entre Fradique, mundano completo e rematado, e Renan, pessimista, embora dum pessimismo tão condescendente, como a sua condescendência natural de cura-de-almas transviado ? Eu já indiquei o dandismo como um sinal da filosofia pessimista de Fradique. Recordemo-nos de que o dandismo foi para a literatura doente dos últimos cinqùenta anos um tema constante e por vezes superiormente tratado. Barbey d'Aurevilly celebrou-o num livro com tanto de esquecido como de notavel. Nas evocações doloridas da época, Lord Brummel figura ao lado de Luís da Baviera e de Charles Baudelaire, como o crucificado do seu orgulho desmedido, que na mentira transitória das *fórmas* pretendia ocultar o vácuo que o esperava de perto, ensinando-lhe, pelo dedo da Morte, os caminhos inevitáveis do Nada. Pessimismo, diabolismo e dandismo, são assim aspectos mais ou menos agravados da espessa noite negativista que, graças ao Senhor, já viemos encontrar no declinio.

Ao diletantismo de Renan pediremos, pois, o sinónimo correspondente ao dandismo de Fradique. Renan-sofista, adivinhando em tudo a goéla insaciável do Nada, é o molde moral em que se enquadra sem constrangimento Fradique-dandy, afectando posturas irónicas diante de «Ramézes fotografado». O fim *inopinatum atque repentinum* que Fradique

tanto apetecera para si como já o apetecera Cesar, o que é senão uma confissão de niilismo espiritual, com toda a sua relutância perante a face da Dôr, sem sentido para uma criatura que perdera o sentido das verdades supremas da Fé? E' nesse aspecto que Renan se nos revela extraordináriamente grande. Conta-no-lo Jean Psichari, no romance recente *Sœur Anthelmine*. Genro de Renan, de Jean Psichari — incrédulo e sofista como o sogro, nasceu Ernesto Psichari, — o convertido admirável de *Le Voyage du Centurion*, morto gloriosamente em combate, com o rosário enlaçado á espada, durante a retirada de Charleroi.

Pois no capítulo *Les deux Ernest* — o avô e o neto, Jean Psichari testemunha-nos a coragem assombrosa do velho Renan, defendendo-se até á última da preocupação finalista e gritando com uma voz sem réplica: — «*Je sais qu'une fois mort rien ne restera de moi-même; je sais que je ne serai plus rien! Rien! Rien!*» E Psichari acrescenta — «A gradação das maiúsculas crescentes não nos transmite senão imperfeitamente a fôrça dessa afirmação máscula, heroica e vibrante». A resposta á voz sem réplica de Renan deu-lha vinte anos depois seu neto — o seu representante directo. Certamente, se Fradique tivesse um filho, o filho dêsse filho responderia com um acto pleno de fervor á sua renúncia espontânea e desdenhosa. Não é isto, porém, o que no momento presente nos importa. O que nos importa é demonstrar a afinidade do dandismo de Fradique com o pessimismo de Renan. No episódio da morte do segundo ressalta tracejado com energia o vínculo que estreitamente os ligava entre si. Morrer bem, — *Plaudite cives!* — exclamava Augusto, agonisante — foi a preocupação de Renan, como foi a preocupação de Fradique, pondo como maior ambição o retirar-se da scena do mundo com dignidade e sem desalinho.

* * *

Nesta fórma de pessimismo concluira Fradique, desviado quasi desde o berço da estrada serena da Tradição. Suponho inutil definir o que seja *Tradição,* sociológica e filosoficamente encarada. Evidentemente que não é mais que o tesoiro amontoado da experiência das gerações, baseando o desenvolvimento da sociedade na lei fundamental da *continuidade.* A quimera individualista do Romantismo, actuando irracionalmente por intermédio dum falso conceito do Homem, pretendeu conceber a sociedade não como uma *criação,* mas como uma *construção.* As consequências afloraram depressa, no coice dos mais desfrenados teorismos. Deslocado dos seus alicerces naturais e históricos, Portugal ressentiu-se logo da estranha e impetuosa paranoia, que se importara de França. A desnacionalização começou com as reformas líricas da gente da emigração liberal. Mas á geração de Fradique pertenceu o papel, a um tempo destruidor e renovador. Por ela é que Portugal tomou devéras contacto com as grandes correntes do pensamento europeu. A *Carta-autobiográfica* de Antero, é, a semelhante respeito, um documento não só pessoal, mas colectivo.

Pesa sobre Antero e os seus amigos a acusação de que ninguem preparou tanto como êles a miséria dos tempos actuais. É um êrro, — se não lhe quisermos chamar uma calúnia,—só filho da profunda ausência da cultura que manda em senhora absoluta no nosso infortunado país. E' indubitavel que a geração de Antero, — no seu próprio testemunho, — foi a primeira que em Portugal saiu conscientemente do leito seguro da Tradição. Mas, ao sair, encontrou-se, ávida de mestres que lhe utilizassem o entusiasmo, com o pensamento forte dum Balzac em literatura e dum Proudhon

em economia. Por Balzac e por Proudhon, — hoje unidos, como doutores da Contra-Revolução, no mesmo alvo de restauração social e intelectual, a geração de Fradique descubriria as cumiadas, donde novamente se havia de avistar, no seu esplendor perdido, a antiga pátria tradicional. O que roía e desfibrava Portugal senão o Liberalismo? Na geração de Fradique o Liberalismo acharia, embora ainda nas suas rudimentares manifestações destrutivas, o primeiro adversário que o atacou de frente e com resoluta coragem.

Oferece-nos a correspondência de Antero, como elemento persuasivo, um trecho singularmente interessante, em que o nome de Balzac aparece abraçado ao nome de Proudhon. Numa carta de 1866, dirigida ao seu amigo Germano Vieira Meireles, já Antero reparava: — *Os romances de Balzac são uma verdadeira historia intima do nosso século, e tenho admirado como em certas coisas capitaes (como a influencia da bancocracia, a anarchia do livre-cambio, as illusões do constitucionalismo, etc.) a sua observação despreocupada da sociedade se encontra e concorda com a critica systematica do grande Proudhon*». Será por Proudhon, rialmente, — pelo vigor desapiedado das suas análises á falsa e criminosa economia liberal, que não só Antero, mas com Antero Oliveira Martins, se aproximarão no futuro da idéa integral de Pátria, restituida ás condições vitais do seu renascimento pelo regresso ás duas grandes verdades que encheram dum clarão imorredoiro a obra de Balzac.

Na imaginação de Oliveira Martins podia imenso a fantasia romântica dum Michelet. Mas Proudhon corrigiu-lhe os exageros apaixonados da improvisação, e o *Portugal Contemporaneo* cedo evidenciou a regra segura que entregaria solidamente ao Oliveira Martins do *Projecto de lei do Fomento Rural* a compreensão económica da Nacionalidade. Assim se percebe que, agradecendo em março de 1888 a Fre-

derico Diniz de Ayalla o seu livro *Gôa antiga e moderna*, Antero comentasse: — «*Por outro lado, a politica anti-portugueza do partido regenerador n'esta questão, é mais uma completa manifestação da incompatibilidade do liberalismo com o nacionalismo, cujas raizes e essencia são muito outras*».

De nada mais se carece para sustentarmos com rigorosa irrefutabilidade o sentido francamente contra-revolucionário da geração de Eça e de Antero, — que é a geração de Fradique. Uma única excepção haverá a destacar, — é a de Guerra Junqueiro. Mas Guerra Junqueiro, psicológica e literáriamente um caso de puro hebraísmo, não tardará muito a ser restituido ás proporções medianas da sua estatura intelectual, agrandada tão sómente pela paixão política dum país, onde a noção das coisas do pensamento se mede, por via de regra, através daquela pitoresca inocência mental que já foi o maior título de celebridade de Mr. Homais, boticário em Rouen. De resto, a excepção só me confirma no meu juizo. E é socorrido por semelhante critério que um espírito bem intencionado precisa de examinar, — como superiormente o fez Hemetério Arantes —, o exacto significado da conversão de Ramalho Ortigão ao tradicionalismo político. E' que a sua acção de panfletário incansável não traduzira de modo nenhum uma demolição por demolição. Obedecera antes ao inato gôsto de medida e de arranjo, que Ramalho nos comunicou mais tarde, ao atingir o polo positivo da sua mentalidade.

O que sucedeu com Ramalho, sucedeu com Eça. O Eça inexoravel da primeira fase é o Eça que escalpeliza uma sociedade de postiços, em que a mentira se aninhara debaixo do disfarce duma aparência de honradez. Nós sabemos, por pesada herança, o que o Constitucionalismo representou para a ruina de Portugal! Eça não o poupou, com o ímpeto irresistivel dos que atacam de cara, sem olhar

aos golpes que descarregam. Como observador, *observou*, — não *concluiu*. Forçaram-lhe as conclusões, quando o supuseram batendo-se para perpétua glória dos Imortais-Princípios. Se Eça hoje vivesse, ver-se-ia onde é que Eça tomava lugar. Tomava lugar, não com os homens, mas com as gerações, — não com os bandos, mas com a Nacionalidade. Eis porque não me excedo, asseverando que a solução que Ramalho deu ao conflito da sua inteligência, não é uma solução meramente individual, como individual não é a *Carta-autobiográfica* de Antero. É a solução que se daria Eça, que se daria Oliveira Martins, que se daria Antero de Quental, — se é que se a não deram! —, se, por acaso, a presença dolorosa dos factos os tivesse acabado de esclarecer.

Quanto a Eça, — porque de Oliveira Martins, de Antero e de Ramalho a prova encontra-se feita, — quanto a Eça, ainda agora sordidamente enegrecido no seu nome como um desnacionalizado e um desnacionalizador, não é dificil a qualquer criatura de boa-vontade destruir sem esfôrço essa calúnia inqualificavel. Quem compreendeu, como Eça, a psicologia de Eduardo Prado, não nos deixa suspeitas ácerca da sua, em matéria contra-revolucionária. Não olvidemos que Eça, por influxo de Antero, se havia educado na convivência forte dos livros de Proudhon. Não é demais repetir que Proudhon é hoje um dos doutores mais vulgarizados da Contra-Revolução. Pois Eça já o citava, despreocupadamente, como tal. Nas *Notas contemporaneas,* Eça define o jacobinismo segundo Proudhon, a quem chama uma espécie de Santo Agostinho ou de S. Tomás da igreja socialista! De olhos poisados em tão autorizada fonte, o jacobinismo é, de feito, para Eça, não uma doutrina, mas «uma doença maligna de coração e de cerebro».

O sinal mais evidente de que são bem portuguêsas no

fundo as intenções de Eça de Queiroz está na *Revista de Portugal,* — um dos raros órgãos de cultura, com que entre nós se pretendeu coalhar nacionalismo consciente e elevado. Foi na *Revista de Portugal,* por exemplo, que Alberto Sampaio, — o nosso Fustel —, publicou algumas páginas suas sôbre a nossa organização social depois dos romanos e antes de Afonso Henriques, — prefácio largo e monumental à *Historia* de Alexandre Herculano. Na *Revista de Portugal* saíram, antes de enfeixados em volume, *Os filhos de D. João I.* Por lá deixou vestígios da sua erudição o insigne Martins Sarmento. E à *Revista de Portugal* pertence a glória de guardar os ensaios críticos do malogrado Moniz Barreto e as suas crónicas de política internacional, tão ricas de actualidade e de ensinamentos. E já não falo da circunstância de ser ali que as cartas do nosso chorado Fradique viram a publicidade pela primeira vez.

Eça inquiriu, — e inquiriu com finalidade filosófica —, das causas da nossa decadência. Escutemo-lo num breve trecho: — «O pae d'um amigo meu, em 1836 ou 1848, n'um odio repentino a tudo o que lhe lembrava o velho Portugal, foi-se á sua mobilia antiga, de pau preto torneado e de assentos de couro lavrado, e n'um só dia vendeu, queimou, sepultou em sotãos, dispersou todas essas fórmas vetustas que lhe vinham do passado; depois correu a um estofador da esquina, e comprou ao acaso, n'um lote, uma mobilia franceza. O que este homem fez, todo o Portugal o fez. N'um rompimento desesperado com o velho regimen, tudo quebrou, tudo estragou, tudo vendeu. Achou-se de repente nú; e como não tinha já o caracter, a força, o genio, para de si mesmo tirar uma nova civilização, feita ao seu feitio, e ao seu corpo, embrulhou-se á pressa n'uma civilização já feita, comprada n'um armazem, que lhe fica mal, e lhe não serve nas mangas.»

Pertence a transcrição ao capítulo *O Francezismo* das *Ultimas Paginas*. Para quem acuse levianamente Eça de Queiroz, e com Eça a sua geração, de estrangeirismo e desenraizamento, Eça responde-lhe aí com o coração nas mãos, num largo e carinhoso exame de consciência. Nascido e medrado numa sociedade toda torcida e aleijada pela obsessão das fôrmas gaulesas, — é bom que nos recordemos da infância de Fradique! —, Eça de Queiroz é uma vítima, como vítima foi a sua geração, a quem forçaram a pensar e a sentir em mau francês. Por isso *O Francezismo* é, quanto a mim, o testamento de Eça de Queiroz. Se Eça não *concluiu*, — repito —, é que a sua energia se consumiu inteiramente a limpar as cavalhariças de Augias. Mas concluiu por si e por êle, — insisto novamente —, Ramalho Ortigão. Atravessava-se uma época de análise, — a outros seria permitido o suor da reconstrução. No entanto, não contribuiu pouco para ela Eça de Queiroz, não sendo de mais que dispensemos ainda ao seu nacionalismo alguns momentos de atenção cuidadosa.

Fixemo-nos n'*A illustre casa de Ramires*, e tanto nos basta. Em *A illustre casa de Ramires* legou-nos Eça a mais completa e mais escrupulosa monografia que se conhece duma família portuguêsa. Já o crítico António Arroio nas *Notas sobre Portugal* o acentuava inteligentemente. Com a percepção amoravel da nossa paisagem, *A illustre Casa* denuncia na obra de Eça a posse soberana do estilo e das suas adestradas faculdades de romancista. Fechava-se para Eça a hora do sarcasmo depurador, vinha-lhe ao espírito uma ânsia nobre, — a ânsia de se amoldar à imagem e semelhança da pátria em que nascera. As figuras de *Os Maias*, do *Padre Amaro*, de *A Reliquia*, de *O primo Bazilio*, cerravam a galaria hipócrita e criminosa do Portugal da *Carta*, que amordaçara e desnaturara o Portugal de Ourique. O escritor

dirigia-se agora ao Portugal-português. Dirige-se com tanto enternecimento, com tanta religiosidade, que n'*A illustre Casa* quási chega a existir virtude na maneira discreta como Gracinha cái.

Em Gonçalo Mendes ergueu Eça um símbolo,—e um símbolo tocante. E' bem o símbolo duma raça apática, transviada do rumo superior dos seus destinos. Mas lá no fundo não se extinguiram ainda as bôas energias ancestrais. Dormem apenas. E um pequeno incidente, uma mais sacudida comoção moral, é bastante para que a cachoeira represada se despenhe outra vez e Gonçalo assista dentro de si à ressurreição daqueles tantos Ramires arcaicos que lhe ganharam o solar e lhe estilizaram o apelido.

Já se desenhava de atrás a volta de Eça de Queiroz à Terra e ao Sangue. De certo modo, a disposição literária de que nasceram os capítulos mais sàdios de *A Cidade e as Serras* indica-nos o comêço dêsse baptismo novo, em que o escritor iria reconciliar a riqueza da sua pêna com a formação natural do seu temperamento. Ha uma passagem em *A Cidade e as Serras*, que reputo expressiva. É a passagem em que os convivas do 202,—Eça esqueceu-se de enumerar Fradique entre êles, — ouvem atentamente, através do Paris subterrâneo, os écos duma cançoneta excitante que um aparelho próprio lhes transmite de qualquer teatro em voga nos *carnets* do canalhismo elegante. Chegam aos ouvidos ávidos das relações cosmopolitas de Jacinto Galeão as reticências maliciosas da cançonetista. É o brilho mórbido da civilização, é o farelo imundo que se escondia dentro dos pomos célebres de Chateaubriand. Saudoso dos horisontes familiares, o estoira-vergas do Zé-Fernandes, do vão duma janela, vê seguir a lua alta, por cima dos Campos-Elísios. Recorda-se então do luar na serra, chovendo a jorros sôbre as aldeias quietas. São dois traços sómente. Mas, em dois

traços rápidos, é dado o contraste entre o Paris gasto e inútil, embora doirado, e a vida simples de ação e bondade, ao ar livre, no coração da natureza. Julgo ser êste episódio o verdadeiro nó que prende o Eça analista ao Eça construtivo. Claro que já antes disso, aqui e alêm, talvez mais por instinto do que por deliberação, Eça nos fôra apontando as jornadas do seu itinerário nacionalista. Todavia, parece que não me engano, ao supôr que no episódio referido se traduz intencionalmente a mudança íntima do escritor.

E surge-me aqui o ensejo para inserir com oportunidade um detalhe duplamente curioso e impressionante, porque nos elucida sôbre os processos que Eça empregava na composição, ao mesmo tempo que nos ensina com que amor profundo o escritor se embebia nas coisas do nosso passado. Anda na memória de todos a morte do bastardo de Bayão, n'*A illustre Casa*. É, sem discordância, uma das maravilhas mais extraordinárias da prosa portuguêsa. Pois Eça não ideou a scena espantosa. Unicamente a extraiu das letras encaracoladas dum códice medieval, a que Herculano alude em uma das notas à sua *História,* insuflando-lhe Eça tôda a espantosa rialidade que a anima e que é sempre a minha tortura quando a leio. O caso deu-se, efectivamente. Deu-se na mesma ocasião em que a novela o coloca, reinando precisamente D. Afonso II e estando as Senhoras-Infantas cercadas em Montemór. Cercava-as por ordem del-rei um tal Martim Anes de Riba-de-Avisela. Derrotado, Martim Anes meteu-se por um paul, — dos muitos que ainda há no vale do Mondego. Conta o *Nobiliário,* chamado do «Colégio dos Nobres», que, ao arrancarem-no de lá, vinha agonizante, porque as sanguessugas o tinham chupado todo.

Em nada se diminúi o valor da criação formidavel de Eça

de Queiroz. Em arte, o que não é *rial*, é pelo menos *verídico*. Quando se cái nos domínios da pura invenção, já se não é Eça, — é-se simplesmente Júlio Dantas. Eça, como grande mestre, soube tirar da verdade aquela beleza dominadora que os medíocres costumam baldadamente pedir á fantasia. Justo é que nós o amemos, não como o Eça implacavel da ironia que não perdoa, mas como o obreiro internecido dum Portugal-Maior que está para renascer. Sentiu Eça o seu país com o coração e com o talento. No *S. Cristóvão* a missa ao Diabo, por entre o escuro da noite e da floresta, é tudo embebido dum conhecimento largo do nosso folclóre. Eça comprazia-se cada vez mais no estudo das nossas tradições populares. E um ligeiro facto nos demonstrará como na sua última fase o próprio criticismo do escritor se modificava e adoçava ao tocar na arca-santa da pátria.

Recordemo-nos de que foi na *Revista de Portugal* que a correspondência de Fradique apareceu a público. No estudo que a precede, Eça de Queiroz, a propósito dos apontamentos recolhidos por Fradique sôbre cultos primitivos, na sua viagem ao Zambeze, transmite-nos um bocado de conversação tido duma vez na rua de Varennes numa noite de ruidosa invernia. Ao calor do fogão e do café, circulava nos lábios a tése predilecta de Fradique--Renan àcerca da essência das religiões. Com aquêle traço sóbrio e incisivo que foi sempre o encanto da palavra de Fradique, o neto de D. Lopo Mendes levantava diante dos olhos dos seus convivas todo o mistério fundissimo da selva africana. Eça, seduzido, não se conteve: — «Fradique! ¿porque não descreve Você essa sua viagem á Africa?» Veiu de seguida o pasmo, a surpreza de Fradique, — um pasmo e uma surpreza sem afectação. «Era a vez primeira, — explica Eça —, que eu sugeria ao meu amigo

a idea de compor um livro». E o futuro revelador da *Correspondência* não encontra outra maneira de exprimir o espanto que assomou à face de Fradique, de ordinário imperturbavel, senão comentando: — «Foi como se lhe tivesse proposto uma epopeia sôbre o senhor D. João VI!» Isto lê-se na *Revista de Portugal.* Já se não lê, porêm, em *A correspondencia de Fradique Mendes,* editada em volume. Talvez tocado por uma visão mais justiceira da história, Eça de Queiroz deixou em paz o senhor D. João VI, — quem sabe se Eduardo Prado lho ensinara, pelo menos, a respeitar? —, e rectificou honestamente: — «Elle (Fradique) ergueu a face para mim com tanto espanto como se eu lhe propuzesse marchar descalço, atravez da noite tormentosa, até aos bosques de Marly.»

*

E Fradique? E o seu espólio? Embora pudesse parecê-lo, não me esqueci nem de Fradique nem do seu espólio. Para melhor se conhecer Fradique, até agora reputado simplesmente como um profissional de humorismos bizarros, nós necessitavamos de conhecer o seu *meio,* — de conhecer o seu *ambiente.* Nada mais falseado, em verdade, do que o *ambiente* em que se movimentou a geração de Fradique. É considerada como negadora, como iconoclasta, essa geração. Foi-o, efectivamente. Mas foi-o da ideologia liberalista, foi-o das mentiras e dos ídolos que abastardavam a essência eterna da Pátria. Era cedo ainda para que o seu esfôrço se polarizasse no sentido orgânico duma doutrina. Bastou-lhe, porêm, a observação; e a iluminá-la, a conduzi-la, a desbravar-lhe o caminho, velava por ela o génio rude e intenso de Proudhon.

A Proudhon, — um incrédulo —, deve a Igreja uma das

mais vibrantes defezas do poder temporal dos Papas. Não nos causa estranheza assim, que, á frente do livro de Jacques Bainville, *Bismarck et la France*, a memória de Proudhon se enlace comovedoramente à memória dos zuavos pontifícios caídos no campo de batalha. Pela influência máscula do pensamento proudhoniano, Antero, tambêm fóra da Igreja, defenderia o *Syllabus* num opúsculo já hoje raro, antecipando-se bem quarenta anos às apologias célebres de Charles Maurras,—um agnóstico. Intitulava-se êsse folheto:—*Defeza da Carta Encyclica de S. S. Pio IX contra a chamada opinião liberal.* «É um protesto contra a falta de lógica com que as folhas liberaes atacavam o *Syllabus*,—informa Antero na sua *Carta auto-biográfica*—, declarando--se ao mesmo tempo fieis catholicas.»

A total ausência de cultura em Portugal não permitiu que se visse logo, através de Proudhon, a razão doutrinária do anti-constitucionalismo da geração de 60. Tomou-se como um simples acto de fé republicana,—como hoje se diria em boa linguagem comicieira. Antero, Eça de Queiroz, Oliveira Martins, ao falarem-lhes em *soluções*, aceitariam então,—admite-se—, teoricamente a república. Quando, porêm, mais tarde, o seu espírito, fechado o período analítico, se procurou aquietar na desejada e repousadora síntese—*Inveni portum!* como exclamaria Lemaître, ao atingi-la alvoroçadamente—, foi na *Monarquia-monárquica*—, conquista de civilização e de história, que sem dificuldade a descobriram. De resto, bem cedo Antero se impressionou com as analogias existentes entre Balzac e Proudhon. Não nos espanta, por isso, que, pela mão de Proudhon, chegasse àquele sereno ancoradoiro, de que Balzac reflecte a tranquilidade no prefácio imortal de *La Comédie Humaine.*

Ora Fradique, nada *proudhoniano*, mais sibarita que pensador, mais observador que sociólogo, teve de comum com

os seus amigos um ponto de partida: — Balzac. É certo que Fradique, com rara agudeza crítica, qualificava o estilo de Balzac «de uma exuberancia desordenada e barbarica», mas não se olvidava nunca de lhe mandar pôr sôbre a campa, no dia dos Mortos, um ramo de violetas de Parma — dessas violetas que em sua vida Balzac tanto amara. Tambêm, por acusar Renan de falta de «solidez e nervo», nós não devemos atirar para o limbo das hipóteses inúteis o seu mais que evidente «renanismo». Ao acaso, nas menores manifestações de Fradique, êle se nos apresenta bem definido, bem caracterizado. E será por êsse fio que nós veremos como Fradique, isento da pressão de Proudhon, chegaria por interessante paralelismo a verificações sociais e políticas, idênticas às dos seus amigos.

«*Touriste* da intelligencia» se confessava espontâneamente Fradique. O crítico mais meticuloso, ao receber a sua confissão, não hesitava em classificá-la logo de «renanista». De *renanismo,* com efeito, corre eivado quási tudo o que possuimos de Fradique. É bem de Renan um excerto como êste, arrancado por Eça a uma carta de Fradique a G. F.: — «Todos nós que vivemos n'este globo formamos uma imensa caravana que marcha confusamente para o Nada. Cerca-nos uma Natureza inconsciente, impossivel, mortal como nós, que não nos entende, nem sequer nos vê, e d'onde não podemos esperar nem socorro nem consolação. Só nos resta, para nos dirigir, na rajada que nos leva, esse secular preceito, summa divina de toda a experiencia humana — «ajudae-vos uns aos outros!» Que, na tumultuosa caminhada, portanto, onde passos sem conta se misturam, cada um ceda metade do seu pão áquelle que tem fome; estenda metade do seu manto áquelle que tem frio; acuda com o braço áquelle que vai tropeçar; poupe o corpo d'aquelle que já tombou; e se algum mais bem seguro e provido para

o caminho necessitar apenas sympathia d'almas, que as almas se abram para elle transbordando d'essa sympathia... Só assim conseguiremos dar alguma belleza e alguma dignidade a esta escura debandada para a Morte.»

E tal como em Renan, em Carlos Fradique Mendes a esperança dum maior grau de consciência no Universo, como o único meio de vencer o dilema fatal da Vida, alternava, sem reticências nem transições demoradas, com o seu profundo orgulho na arte nobre do pensamento. «O homem, como os antigos reis do Oriente, — dizia Fradique em 1883 a Oliveira Martins —, não se deve mostrar aos seus semelhantes senão unica e serenamente *occupado no duro officio de reinar*, — isto é, de *pensar*.» E era ainda o seu excessivo culto pelo prestígio da Inteligência que levava Fradique, seguindo as pisadas de Renan e contra os preconceitos preponderantes na sua época, a condenar ásperamente a Democracia.

Eça guardou-nos um retalho precioso das idéas de Fradique sôbre «o grande êrro da nossa civilisação». Foi numa manhã de Maio, no jardim das Tulherias. Apoiado no braço do que viria a ser no futuro o seu biógrafo enternecido, Fradique abria-se vagarosamente, condenando «a extrema democratização da sciência, o seu universal e illimitado derramamento atravez das plebes». No horisonte já se desenhava a terrivel catástrofe,— a catástrofe tremenda. E Fradique ia alongar-se, quando, «ao transpormos a grade para a Praça da Concordia, — escreve Eça —, o Philosopho que assim lançava, por entre as tenras verduras de maio, estas predições de desastre e de fim — estaca, emmudece.» Ao trote fino duma égua passava um *coupé*, onde, de relance, flabelaram uns cabelos saborosamente côr de mel. Fradique interrompe a sua apocalipse e atira-se num fiacre arquejante para os lados do Cais de Orsay...

Ora, ao crepúsculo dêsse mesmo dia, Eça entrava em casa de Fradique, à rua de Varennes, — no velho palácio dos Tredennes. Fradique, de mãos enterradas na quinzena de seda, olhava melancólicamente para o jardim, já a esfumar-se na sombra. Ao alto, forrando a sala, quatro ricas tapeçarias de Luca Cornélio ressuscitavam os *Trabalhos de Hércules*. Pois com a maior naturalidade, como se o diálogo das Tulherias tivesse continuado pelo dia fóra, Fradique, sem mais preâmbulos, prosseguiu:

— «Não lho acabei de dizer ha pouco... A Sciencia, meu caro amigo, tem que recolher-se novamente aos Santuarios. Não ha outro meio de nos salvarmos da anarquia moral. Tem de ser recolhida aos Santuarios, repito, e entregue a um sacro collegio intellectual que a guarde contra as curiosidades das plebes... Ha a fazer com esta idéa um programma para as gerações novas!» Digam-me agora os senhores se é ou não é Renan puro, Renan genuino, — Renan dos *Drames Philosophiques*? Em Fradique transparecia, de uma maneira inconfundivel, uma das mais queridas aspirações de Renan, ao enunciar assim o seu desejo dum mundo regido por um areopago solene de sábios. Assustado com o crescer vozeante e ignaro das massas, já Renan apelara para um sumo-sacerdócio da sciência, dominando as multidões pelo terror dos seus poderes ilimitados e misteriosos. Na ausência de Deus, regressavam os deuses... E, ilusionado como Renan pelo prestígio mitológico dum intelectualismo prestes a desfazer-se, Fradique sofria-lhe as conseqùencias na terrivel escuridade da sua terrivel noite interior. Derivava daí a sua impossibilidade quási orgânica de *afirmação*, a que Teixeira de Azevedo, com precisão notabilissima, chamava *linfatismo crítico*. Comparando-o um pouco a Descartes, — Renan encontrava-se muito perto, para que a semelhança se surpreendesse com exactidão —, Oliveira Martins

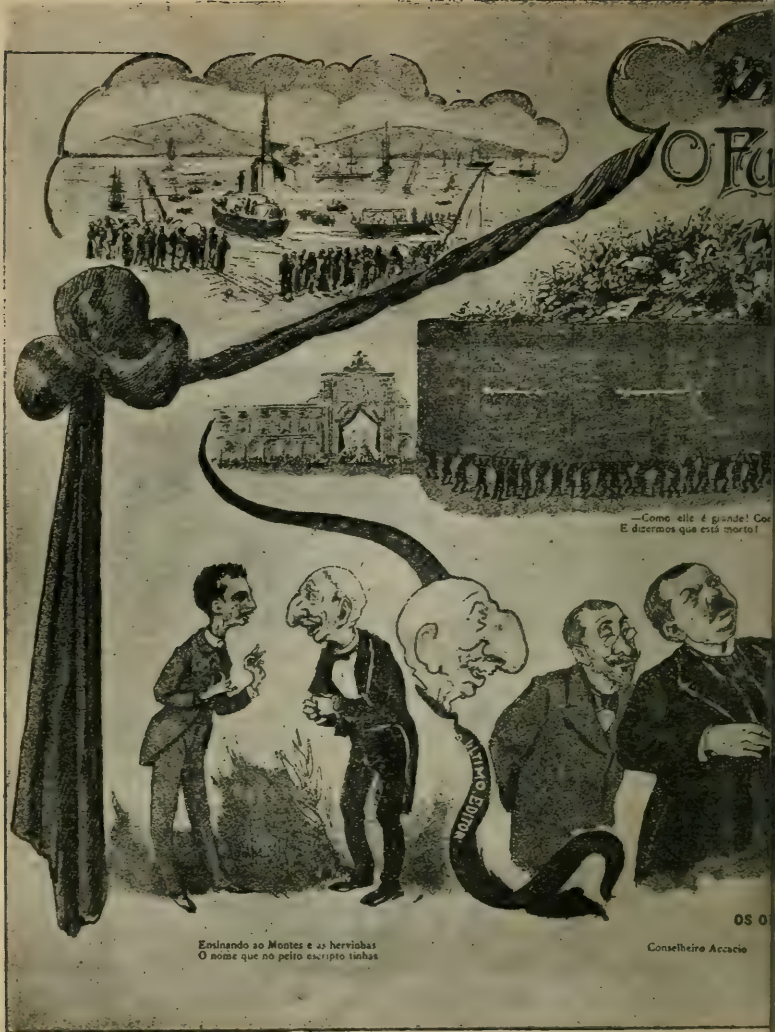
fixara num relance de visão feliz o traço próprio da fisionomia mental e moral de Fradique naquela sua carta, de Novembro de 1877, a Eça de Queiroz: — «Com tudo isto falta-lhe na vida um fim serio e supremo, que estas qualidades, em si excellentes, concorressem a realizar. E receio que em logar do *Discurso sobre o Methodo,* venha só a deixar um *vaudeville.*»

Nada mais dolorosamente verdadeiro! Nada em que melhor se estampe o diletantismo de Fradique! Eu sei que Eça o não teve como *dilettanti,*—que, até numa defeza acalorada do seu amigo, se insurge contra essa designação em que freqùentemente o abrangiam. «O *dilettante,* com effeito, — pondera Eça — corre entre as ideias e os factos, como as borboletas (a quem é desde seculos comparado) correm entre as flores, para pousar, retomar logo o vôo estouvado, encontrando n'essa fugidia mutabilidade o deleite supremo. Fradique, porém, ia como a abelha, de cada planta pacientemente extrahindo o seu mel; quero dizer, de cada opinião recolhendo essa «parcella de verdade» que cada um invariavelmente contém, desde que homens, depois de outros homens, a tenham fomentado com interesse ou paixão.» Mas o que é isto senão o dilettantismo na sua forma superior, no seu abuso da relatividade, na sua incapacidade sintética e construtiva! Não! Não nos iludamos! Fradique foi um *dilettanti!* E como *dilettanti,* saboreando os benefícios duma alta e invulgar cultura, é em Renan que nos cabe procurar o tipo intelectual que mais justamente lhe corresponde..

Depois, é mediante esta identificação de Fradique com o pensamento e com a psicologia de Renan que nós pudemos explicar o que, doutro modo, continuaria inexplicavel em Fradique: — o seu nacionalismo, em mais dum caso assinalado com paixão fervorosa numa pessoa como êle, que parecia distraìdo de todo pela perturbação das grandes urbes cos-

mopolitas. Provou-o Fradique magnificamente ao comprar a quinta do *Saragoça* em Sintra. Comprava-a, exprimia-se êle a F. G. «com desacostumada emoção» — acentúa Eça — «para *ter terra em Portugal,* e para se prender pelo forte vinculo da propriedade ao solo augusto d'onde um dia tinham partido, levados por um ingenuo impulso de idéas grandes, os seus avós, buscadores de mundos, de quem elle herdára o sangue e a curiosidade do *além.*» São palavras repassadas duma humildade religiosa, duma ternura tão rara e tão intima, que, sem querer, me trazem à lembrança as de Renan, ao invocar a memória dos da sua estirpe, agarrados secularmente ao torrão e fazendo economias de sensibilidade e de entendimento, de cujo tesoiro acumulado êle seria o usufrutuário venturoso.

Em Portugal descobria Fradique um sanatório para as suas torturas dialecticas de sofista insaciável. «Nada de idéas! — exclamava êle diante dum prato «complicado e profundo de bacalhau, pimentos e grão de bico», em certa taberna da Mouraria, aonde Eça de Queiroz o levara. Ao acaso, lançara-se o nome de Renan, — sua chaga viva, seu espelho preferido. Fradique mirou-se, horrorisado, e protestou com veemencia. «Nada de idéas! Nada de idéas! Deixem-me saborear esta bacalhoada em perfeita innocencia de espirito, como no tempo do senhor D. João V, antes da Democracia e da critica!»

Antes da Democracia e da Crítica! Eis um conceito que resume todo o segredo da personalidade de Fradique. Fio débil num enigma tão enleiante, mostra-nos, contudo, como Fradique reagia contra as baixas superstições do seu tempo. E é-nos lícito admitir, por esta via, que o nacionalismo de Fradique não se reduzia a ser unicamente um *nacionalismo pictural,* — um simples nacionalismo de esteta, buscando-se sempre a nota bizarra e imprevista.

O FUNERAL DE

FAMOSA PÁGINA DO JORNAL «A PARODIA

…A DE QUEIROZ

…SENHO DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Insofismavelmente no-lo indica a antipatia de Fradique pela vida de Lisboa, que, numa rápida faísca daquele seu humorismo tão cáustico e tão brilhante, definiu, duma vez para sempre, como «uma cidade traduzida do francez para calão». Conta Eça que, ao desembarcar em Santa Apolónia, — a morte poupou a Fradique o pavor da estação «manuelina» do Rossio! —, o tormento profundo de Fradique era descobrir, por debaixo das espessas e ignobeis camadas dum torpe francesismo de importação, o que, por acaso, restasse ainda do autêntico, do castiço Portugal. Começava logo por se desgostar com a comida. E então, num sentimento minucioso das coisas de algum dia, Fradique preguntava, — e preguntava doloridamente: — «Onde estão os pratos veneraveis do Portugal portuguez (do Portugal português — reparem!), o prato com macarrão do seculo XVIII, a almondega indigesta e divina do tempo das descobertas, ou essa maravilhosa cabidela de frango, petisco dilecto de Dom João IV, de que os fidalgos inglezes que vieram ao reino buscar a noiva de Carlos II levaram para Londres a surprehendente noticia? Tudo estragado! O mesmo provincianismo reles poz em calão as comedias de Labiche e os acepipes de Gouffé. E estamo-nos nutrindo miseravelmente dos sobejos democraticos do *boulevard*... Desastre estranho! As coisas mais deliciosas de Portugal, o lombo de porco, a vitela de Lafões, os legumes, os doces, os vinhos, degeneraram, *insipidaram*... Desde quando? Pelo que dizem os velhos, degeneraram desde o Constitucionalismo e o Parlamentarismo. Depois d'estes enxertos funestos no velho tronco lusitano, os fructos tem perdido o sabor como os homens tem perdido o caracter...» «Os fructos perderam em Portugal o sabor, como os homens perderam o caracter, desde o advento do Parlamentarismo, desde o Constitucionalismo...» E para que não

nos cresçam duvidas, Fradique trata as imortais-conquistas da Liberdade de «enxertos funestos no velho tronco lusitano». É tôda uma teoria contra-revolucionária que se enuncía, neste desprendimento elegante de Fradique. Suponho que se Madame Lobrinska tivesse permitido a Eça que remexesse no cofre espanhol do século XV, não saía de lá nem uma *Teoria da vontade,* nem uma *Psicologia das Religiões,* — repito. O que saía, detalhando uma *Filosofia de Reacção,* quási se adivinha nesse horror de inteligência e de instinto com que Fradique encarava a comédia-bufa do nosso ultra-romantismo político.

Documentou-o Fradique, em muita passagem sua, mas, sobretudo, em duas das suas mais celebradas cartas, — a carta endereçada a Mr. E. Mollinet, conspícuo director da *Revue de biographie et d'histoire,* e a ultima carta que se lhe conhece, dirigida a Madame de Jouarre, sua madrinha, e em cujo nome palpita ainda uma doce reminiscência de Renan. Na verdade, Fradique tipificou magnificamente o Constitucionalismo no Conselheiro Pacheco e no Padre Salgueiro. O Padre Salgueiro, amanuense de Nosso Senhor Jesus Christo, e Pacheco, — o de imenso talento, sempre calado, sempre recolhido nas profundidades de si-mesmo, marcam uma época e vitalizam uma mentira. E se lhes juntarmos D. Paulina, — a da casa de hóspedes, e o comendador Pinho, barão presumivel de S. Francisco, a Regeneração fica simbolizada em quatro figuras, que são outros tantos resumos de génio num tratado de experiência humana. Julgo demais examiná-las à luz do critério que ilumina o presente ensaio. Sómente aconselho a sua meditação reflectida, em seguida a uma leitura não menos reflectida do *Portugal contemporaneo*, ou das *Farpas*. Então se verificará a admirável coincidência doutrinária que presidiu no ambiente de Fradique à demolição consciente e sistemática do Libera-

lismo. Essa demolição, revestindo em Fradique termos mais brandos, podia êle tê-la bebido no Renan da *Reforme intellectuelle et morale*. E se traduz alguma influência remota de Proudhon, — Proudhon, com a sua rusticidade ardorosa, arranharia os nervos aristocráticos de Fradique —, é ao aludir, num periodo passageiro, às crenças do Rev.do Salgueiro. «Não admira, porêm, na obra pontifical de Pio IX, — esclarece Fradique —, nem a Infallibilidade, nem o *Syllabus*; porque se preza de liberal, deseja mais progresso, bemdiz os beneficios da instrucção, assigna *O Primeiro de Janeiro*:» Singular geração essa em que, de Antero a Fradique, se compreendia e respeitava o *Syllabus*, quando, a—dentro da Igreja, prelados, como o de Vizeu, se recusavam publicamente a defendê-lo!

Pena é que não chegasse a aparecer o volume *Versos e Prosas* de Fradique Mendes, anunciado por Eça na *Correspondencia*. Mais espaçadamente aí se confirmaria o intenso nacionalismo do glorioso amigo de Ana de Léon, — tanto mais que Eça proclama como verdadeiros «Ensaios Historicos» as cartas de Fradique a Oliveira Martins àcerca do nosso imperialismo no Oriente, do Sebastianismo e do Marquês de Pombal. Com fundamentos colhidos na história e na sociologia, êsse nacionalismo, — insisto —, não resultava, pois, duma mera guloseira de estética, dum picturalismo requintado e exigente. Em politica, conduzira Fradique francamente a uma posição de *inactual*, — de *antecipado*, que, por conhecimento próprio, o obrigou talvez à mudez inviolável do cofre espanhol do século XV. Fradique sentia o amor da história e não ha nada mais irreconciliável com a Democracia e com o Liberalismo do que a História — quando história —, na realidade! Foi por aí que Fradique recuperou o senso das coisas da nossa terra. E assim não nos espanta que Fradique amasse, em Portugal, principal-

mente o Povo. E porquê? Porque o Povo «não mudou, como não muda a Natureza que o envolve e lhe communica os seus caracteres graves e doces». Com o Povo, não mudou tambêm a Paisagem. E a Paisagem arrancou a Fradique essa écloga admiravel que é a carta escrita da quinta de Recaldes, no Minho, a Madame de Jouarre. «Um carro retardado, pesado de mato, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo e simples e terno, minha madrinha, que, em qualquer banco de pedra em que me sente, fico enlevado, sentindo a penetrante bondade das coisas, e tão em harmonia com ella, que não ha n'esta alma, toda encrostada das lamas do mundo, pensamento que não pudesse contar a um santo...»

Quando no nosso país se institúa a valer um curso de energia nacional, a Fradique se irá pedir, como uma das prelecções iniciais, a sua bela carta a M.me F. — maravilhoso epítome do que seja um patriotismo sentido com a inteligência e compreendido com a emoção. Sabem de certo a que carta me refiro? Refiro-me à resposta de Fradique a uma senhora que pretendia para seu filho um professor de espanhol. Numa hora de estrangeirismo invasor, a carta de Fradique precisava de andar em tôdas as bôcas, de ser lida em tôdas as escolas, de estar patente à entrada de tôdas as casas. É dessa carta um grande, um inolvidável conselho, digno de se reduzir às honras dum artigo de fé na religião, hoje tão desertada, da Terra e do Sangue: — «*Falemos nobremente mal, patrioticamente mal, as línguas dos outros*». E Fradique justifica-se, Fradique explica-se: — «Mesmo porque aos estrangeiros o polyglotta só inspira desconfiança, como ser que não tem raízes, nem lar estavel, — ser que róla através das nacionalidades alheias, successivamente se disfarça n'ellas, e tenta uma installação de vida em todas porque não é tolerado por nenhuma. Com effeito, se a

minha amiga percorrer a *Gazeta dos Tribunaes* verá que o perfeito polyglottismo é um instrumento de alta *escroquerie*».

Passo em claro o episódio comovedor da tia de Fradique (os genealogistas descobrirão, de futuro, se o era por via materna, se por linha paterna), boa e excelente senhora, que, sem falar mais do que o minhoto, «nunca, em cidade ou região intelligente do Universo, ... deixou de comer os seus ovos, e superiormente frescos». E no momento em que se funda em Portugal uma *Casa de Jornalistas*, — que diabo serão na sociedade os jornalistas para terem casa? —, prefiro recordar a definição que Fradique nos dava dos jornais portugueses. Como *fenómenos picarescos de decomposição social* os encarava e caracterizava o poeta fugidío dos *Lapidários*. Pois aos jornais, como desfôrço póstumo, pode Fradique agradecer o conceito de fazedor impertinente de frases que lhe desbota e ennegrece a memória! Pobre Fradique! Ninguem padeceu como êle a tragédia profunda da Inteligência,—e ninguem como êle é ainda agora festejado como um profissional de ironias célebres, impostas, ditatorialmente, do alto da sua correcção, a uma plebe anónima de *snobs* — dos que vegetam, como o lixo da rua, ao longo dos *carnets-mondains* e alternam com os moços de corda às esquinas inglórias do Chiado. Afilhado, se não irmão mais novo de Renan, Fradique teve, como Renan, o encanto da conversação e o gôsto do estílo. Mas, como em Renan, a bondosa despreocupação de Fradique não correspondia ao conteúdo exacto da sua alma.

Léon Daudet apresenta-nos algures Renan como «*un scéptique suspendu entre un rêve multicolore et le néant.*» Suspensa entre a imagem obsediante do Nada e o sonho artifícial de que baldadamente se tentou rodear, eis como decorreu a existência, só nas aparências tranquila e sorridente, de Car-

los Fradique Mendes. *Inopinatam atque repentinam*, veiu um dia a morte, — a morte que êle e Cesar foram os dois a apetecer, igual. O segrêdo de Fradique ficou para sempre guardado no cofre espanhol do século XV, confiado aos cuidados severos de Madame Lobrinska, — aquela «sapiente Libuska» que se movia com o esplendido pêso duma estátua. Debalde insistiu Eça de Queiroz pará que os inéditos de Fradique se revelassem, belos, à admiração internecida dos seus amigos. Refugiada entre neves e crépes, nos confins do govêrno de Karkoff, Madame Lobrinska obstinou-se sempre numa recusa tão inabalavel e tão gelada, como a impenetrabilidade das velhas esfinges tumulares. Morreu Madame Lobrinska. E nas mãos dos seus herdeiros os papeis de Fradique, ou voaram desfeitos na indiferença da gente estranha, ou juntaram as suas cinzas às cinzas do vasto domínio, quando ultimamente os campesinos de Karkoff o reduziram a um montão de cinzas acarvoadas.

*

*   *

Pregunta-se:—mas o que conteria afinal o cofre espanhol do século XV, tão ciosamente guardado por Madame Lobrinska? Não creiam que contivesse *Memorías,* — e muito menos, ou uma *Teoria da Vontade,* ou uma *Psicologia das Religiões.* Senhor de tôda a cultura da sua época, Fradique não ignorava que essa cultura representava superiormente, com Balzac, Comte, Taine, Renan e tantos outros, um sistema de crítica filosófica aos baixos erros da Democracia e do Liberalismo.

Não se entende, de outro modo, que Fradique — um cosmopolita e um *dilettanti,* — concluisse emotiva, estética e socialmente num nacionalismo tão intenso e tão apaixo-

nado, como o que nos oferece o estudo reflectido da sua *Correspondencia*. Afigura-se-me que, se nalgum trabalho de fôlego, consistia o espólio literário de Fradique, talvez se intitulasse *Filosofia da Reacção*. Não é constranger a uma idéa minha as idéas sempre tão vigorosas e tão independentes de Fradique. É antes concretizar numa fórmula precisa o espírito e as intenções do pouco que de Fradique chegou até nós, desgraçadamente.

Mas seja como fôr, na minha livraria eu coloco doravante o volume de *A Correspondencia*, entre os pensadores politicos, ao lado de *O Novo-Príncipe*, do dr. José da Gama e Castro, e de *O Desengano*, do P.e José Agostinho de Macedo. E se àmanhã, de posse de subsídios inesperados e mais decisivos, houver de refundir o presente ensaio, chamar-lhe-ei definitivamente e com mais propriedade: — *Fradique, mestre da Contra-Revolução*.

Badajoz, exílio, 2 de Janeiro de 1920.

António Sardinha.

Ante la estatua de Eça de Queiroz

I

Durante mi estancia en Lisboa, nunca creí que podría resucitar á mis ojos, en esta ciudad tan moderna, tan clara, más entrenada aún para la vida cosmopolita y *ultrachic* que el castizo y adorable Madrid ; — ese viejo Portugal que yo antes tantas veces había soñado, pero que sólo podía interpretar y sentir á través de los libros de ese mago de la Historia, con más solidez mental que Michelet, con tanta capacidad para las ideas generales como Taine, con tanto poder de evocación en su estílo como Agustin Thierry, con tanta facultad poética de animar la documentación como Alejandro Herculano, en suma, ese mago de la Historia á quien yo creo que el Portugal intelectual no ha estimado aún en todo lo que vale, que se llamó Joaquín Pedro Oliveira Martins...

En una mañana clara y luminosa de Diciembre, — con un cielo *azul-ferrete,* «profundo, luminoso, consolador», como una vez definió Eça el cielo de Lisboa — tuve la visión gloriosa y nítida de ese viejo Portugal de frailes, de *desem-*

bargadores, de *fidalgas* rezanderas, de muchachitas enamoradizas, *meigas* y románticas...

Fué en la Iglesia de Nuestra Señora del Loreto, en lo alto del *Chiado.* Yo venía de recorrer calles y plazas de la vieja Lisboa, *ruas, largos, travessas, becos,* y *escadinhas*, que, si me eran desconocidas en su tangible realidad, me eran familiares en sus nombres, en su configuración y en su alma; hay un alma dormida en cada *rúa* de Lisboa! á través de los libros más estimados de la literatura portuguesa, que cultivé y curioseé siempre con el amor de una literatura hermana...

Eran las once de la mañana de un claro dia genuinamente del invierno de Lisboa. ¿No fué pensando en este clima delicioso y en la alegría de vivir que inspira, en el instinto de goces naturales y sanguíneos que despierta en el pueblo português, cómo un personaje de Eça de Queiroz decia que se contentaba en su sobriedad meridional, como los antiguos griegos, con comer unas aceitunas y mirar al cielo que es bonito?... Quien hablaba asi era — en A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES—el delicioso Tító, de vozarrón recio, cara gordinflona y alma amable de obeso, el simpático Antonio Villalobos, gentil epicúreo que es representante de la mesocracia portuguesa, junto con João Gouveia, como Gonçalo Mendes Ramires es el representante de la aristocracia y de la hidalguía, como André Cavalleiro es el representante de la burguesía enriquecida y condecorada con encomiendas, como José Casco es el representante del pueblo rural que sabe fustigar á sus superiores y sabe también humillarse cristianamente... Porque en A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES, esa novela síntesis del grande amor que por dentro sentía Eça de Queiroz hacia su patria, pasan figuras representativas de todas las clases sociales del Portugal viejo y del nuevo Portugal...

Yo venía aquella mañana de recorrer las calles del riñón de Lisboa, calles pinas, algunas cortadas á pico, sobre las tres colinas de San Pedro de Alcántara, Chagas y Alto de Santa Catharina; calles que tienen nombres pintorescos, de sabor rancio y popular: *Rua das Gáveas, Travessa do Poço da Cidade, Rua da Barroca, Travessa dos Inglezinhos, Travessa dos Fieis de Deus, Travessa da Agua de Flôr, Rua da Trombeta, Rua da Atalaia,* etc.; calles que están encerradas en ese laberinto que se tiende detrás del jardin de San Pedro de Alcántara; calles aúu con caracter, convertidos los balcones en tendederos de ropa blanca, con portales lóbregos y *tendinhas* infectas en los pisos bajos, con fachadas pintarrajeadas de colores chillones; en suma, un resto de la Lisboa típica tal como la vió, en los comienzos del siglo pasado, el viajero inglés Kinsey...

Lo que dá caracter á estes barrios típicos de Lisboa es que, siendo esta ciudad de las más ricas y alegres en su parte nueva, alli en aquellos escondrijos rezuma la pobreza, la miseria secular del país. La miseria está más confinada, tornandose com eso más triste por más aislada, en Madrid, en Paris y en Londres; en Lisboa la miseria es más alegre, es una miseria andariega y resignada como la de San Francisco de Asis y de sus compañeros los *poveretti*... En Lisboa la miseria sale á la superficie, rebosa, sobrenada; no se la puede contener en *ghettos* ni morerías; el sol alegre y el cielo claro la convidan á salir de sus *choupanas,* de sus cubiles; y se expande y se luce y se repulga al sol en las calles nuevas y ruidosas, perturbando con su visión sórdida la digestión de los felices y de los ricos...

II

Me detuve ante la iglesia que hace un tan lindo emparejamiento fronterizo con la de Nuestra Señora de la Encarnación y que ostenta sobre el portalón labrado bellas alegorias angélicas de escultura italiana. ¿Había en la iglesia alguna joya de arte religiosa, algún cuadro de Wolkmar ó escultura de Machado de Castro? Alguna cosa habia que valiera la pena de verse; mas no era esto lo que alli me atraía; venia yo aquella mañana de la Iglesia de San Roque, saturado de pintura religiosa...

Lo que alli me atraía y cautivaba era el espectáculo sugestivo de una funcción religiosa, con exposición del Santísimo Sacramento, lo que en Portugal aún se llama, á la linda manera latina, un LAUSPERENNE... Ese *Lausperenne* al cual van todas las tias viejas de los muchachos *janotas* que Eça ha retratado; ese *Lausperenne* al cual va siempre la fétida D.ª Patrocinio das Neves en A RELIQUIA; ese *Lausperenne* al cual van, como en sumisión de súbditos de Su Majestad Fidelísima, todas las fuerzas vivas del país — las fuerzas vivas que en Portugal como en España son casi siempre *las fuerzas muertas:* — la burocracia, representada por el consejero Acacio en O PRIMO BASILIO, por el Dr. Margaride en A RELIQUIA y por João Gouveia en A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES; la hidalguía momificada, representada por Barrôlo en esta última novela, por el Conde de Ribamar en O CRIME DO PADRE AMARO; la politica constitucionalista y *velhota* representada por el Conde de Gouvarinho en OS MAIAS y por André Cavalleiro en A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES; y hasta *¡pudet dictu!* la literaturilla inconsulta y acéfala, representada por Thomaz de

Alencar en OS MAIAS y por Ernestinho en O PRIMO BASILIO...

¡*Lausperenne* simbólico, representativo del viejo Portugal que pasó la vida entre novenas, *Lausperennes, Salve-rainhas* y *toiradas!*... ¡Portugal arcaico de los *desembargadores* y de las *fidalgas* devotas, Portugal de los consejeros y de los comendadores de S. Thiago ó de la Orden de Cristo; Portugal que hoy menosprecian los mozos violentos y radicales, calificándolo de *charneca!*... Yo no comparto, aunque comprenda, el parecer de estos mozos irrequietos y batalladores; y el dualismo es perfectamente explicable... Comprendo la posición mental de los desdeñadores y detractores del viejo Portugal porque es la misma posición que ante la vieja España mantenemos todos los escritores é intelectuales de la generación que viene después de la caida del imperio colonial y los estertores de agonia de 1898; ocasión solemne aquella en la historia del mundo en que un áspero Lord Salisbury nos envolvió á todos los íncolas de la Península en una *gargalhada* de sarcasmo y de desdén...

Concibo, pues, la posición de menosprecio al viejo de Portugal — que es la posición nuestra de menosprecio á la vieja España: la posición de Unamuno el fuerte, de Azorin el flando, de Ortega Gasset el denso, de Maeztu el vasco áspero, de Pérez de Ayala el ondulante como la curva de nuestras colinas rideñas del Cantábrico, la posición mia en suma, que tengo en mi espíritu esa dualidad dúctil y flexible que dá el clima lluvioso y la etnografía indecisa de Asturias... Pero si la concibo, no la comparto; porque para mi punto de vista de extranjero, á quien el viejo Portugal no ha herido en las entrañas, hay un aspecto artístico del viejo Portugal al cual no puedo sustraerme: y amo ese viejo Portugal visto á través de Herculano, de Arnaldo Gama,

de Oliveira Martins. Á través de estos artistas, puede decirse que el Portugal viejo era un poco triste, un poco sórdido, un poco melancólico y un poco sucio, pero ¡ tan pintoresco, tan interesante !...

III

En el templo susurraban las devotas rezos bisbiseados. Había muchas mujeres y también — para consolación de almas católicas — muchos hombres ; ancianos en su mayoría, de largos bigotes colgantes y blanca perilla ; hombres maduros de ásperos bigotes ó *suiças* genuinamente portuguesas ; hasta cinco ou seis mozos de negros ojos agarenos, foscos bigotes estirados é impertinentes, de pensativa y elegante esbeltez peninsular... Los clérigos cantaban una *Letanía* cadenciosa á la cual contestaban las devotas con un bisbiseo mascullado y sordo de latín litúrgico... Era una letanía *omnium sanctorum,* monocorde y melódica que me evocaba las rogativas de primavera en Asturias, en las iglesias de aldea para pedir sol que fecunde las siembras estragadas por la lluvia... Sonaba lento y solemne en el vasto recinto de la iglesia, el *Libera me*, *Domine* y el *Exaudi nos* de las voces rezanderas...

Luego los cantores del coro alto entonaron el *Pange lingua*... Entonces un sacristanuco de facha enrevesada y harapienta, con una capa roja sobre el raido traje seglar, vino á invitarme con esa dulzura cadenciosa que toma el portugués en labios de servidores :

— *Quer V. Ex.ª uma capinha p'rá procissão do Santissimo Sacramento ?...*

Con timidez de extranjero que pronuncia mal contesté

que no, á pesar de haber visto á los mozos de langorosos ojos ibéricos y á los viejos de adusta faz sombría colgarse capas rojas sobre *fatos* de córte inglés y bajo bigotes donjuanescos... No era, pues, repulsa despectiva descortés, sino timidez de extranjero — y un poco de ironía volteriana... A punto estuve de explicarte esta actitud ¡ oh sacristán de traza tan ruin y voz tan *meiga!* con estas ó parecidas frases: — No me pongo la capa para la procesión del Santisimo Sacramento — aún siéndome tan grato el encuentro imprevisto con ese viejo Portugal que tantas veces presentí en Almeida Garrett, en Arnaldo Gama y en Oliveira Martins, y sobre todo, en el *mestre* inmortal Herculano — por causa de ese hombre *que está ahí abajo*...

IV

Ese hombre era, en efigie, José Maria Eça de Queiroz, estatuado por Teixeira Lopes en un bloque de mármol claro; y ahí abajo era... el Largo do Barão de Quintella, pequeña plaza encuadrada entre la Rua das Flores, empinada y revuelta, y la Rua do Alecrim que en suave pendiente baja al Caes do Sodré... De esta plazoleta arranca en pendiente perpendicular la Rua do Sequeiro das Chagas, melancólica calle de provincia, con muros de quintal sobre los cuales ramajes de árboles asoman las cabezas curiosas; con casas viejas siempre cerradas, con una soledad y un silencio conmovedores, en pleno corazón de la ciudad...

Ante ese monumento he ido muchas mañanas claras y apacibles del invierno de Lisboa á meditar y á soñar... La vida portuguesa del siglo pasado tal como la retrató Eça en sus novelas desfilaba ante mis ojos... Frente al monu-

mento de Eça de Queiroz está un caserón aristocrático siempre cerrado — un caserón como esos que él ha descrito, como el caserón de los Barrôlos en Oliveira, con su «fidalga fachada de doze varandas» (1); — es el Palacio de Carvalho Monteiro, donde se alojó el Mariscal Junot cuando invadió el reino lusitano, en el primer vuelo del águila napoleónica sobre el antiguo solar de Viriato... (Evocación del fuerte libro EL-REI JUNOT de Raul Brandão). Propiedad del Barón de Quintella que da nombre á la pequeña plaza, está hoy siempre cerrado y con su fisonomía severa y adusta entona aquel paraje de Lisboa en que vive con la vida iumortal del mármol el glorioso creador de OS MAIAS.

El novelista, en su gesto de hombre superior, va á recoger en sus brazos la figura de la Verdad que se le entrega, medio desnuda, velada por el cendal de la fantasía, evocando aquel epígrafe suyo en A RELÍQUIA: *Sobre a nudez forte da verdade, o manto diaphano da phantasia*... Contempla el novelista á la Verdad con su atenta mirada algo irónica. Pero hay un acierto admirable del escultor que se debe, antes que á una intencionalidad deliberada, á una dificultad de ejecución. Teixeira Lopes, que ha hecho en esta estatua una bella obra de arte, no ha puesto al novelista su clásico monóculo... El olvido ó la deliberación son simbólicos. ¡Aquel era el único momento de su vida en que Eça no se encajaba el monóculo bajo el arco supericlial!... Para mirar á la Verdad, Eça se ponía frente á frente y la contemplaba cara á cara, la encaraba sin auxilio del lente maligno y mundano, lente de ironía y de salón, de sociedad y de ritual... Es toda una enseñanza: á la Verdad la miraba Eça con sus propios ojos, con esos ojos que se había de comer la tierra, como dice el pueblo en España.

(1) *A Illustre Casa de Ramires*, cap. IV, pag. 119.

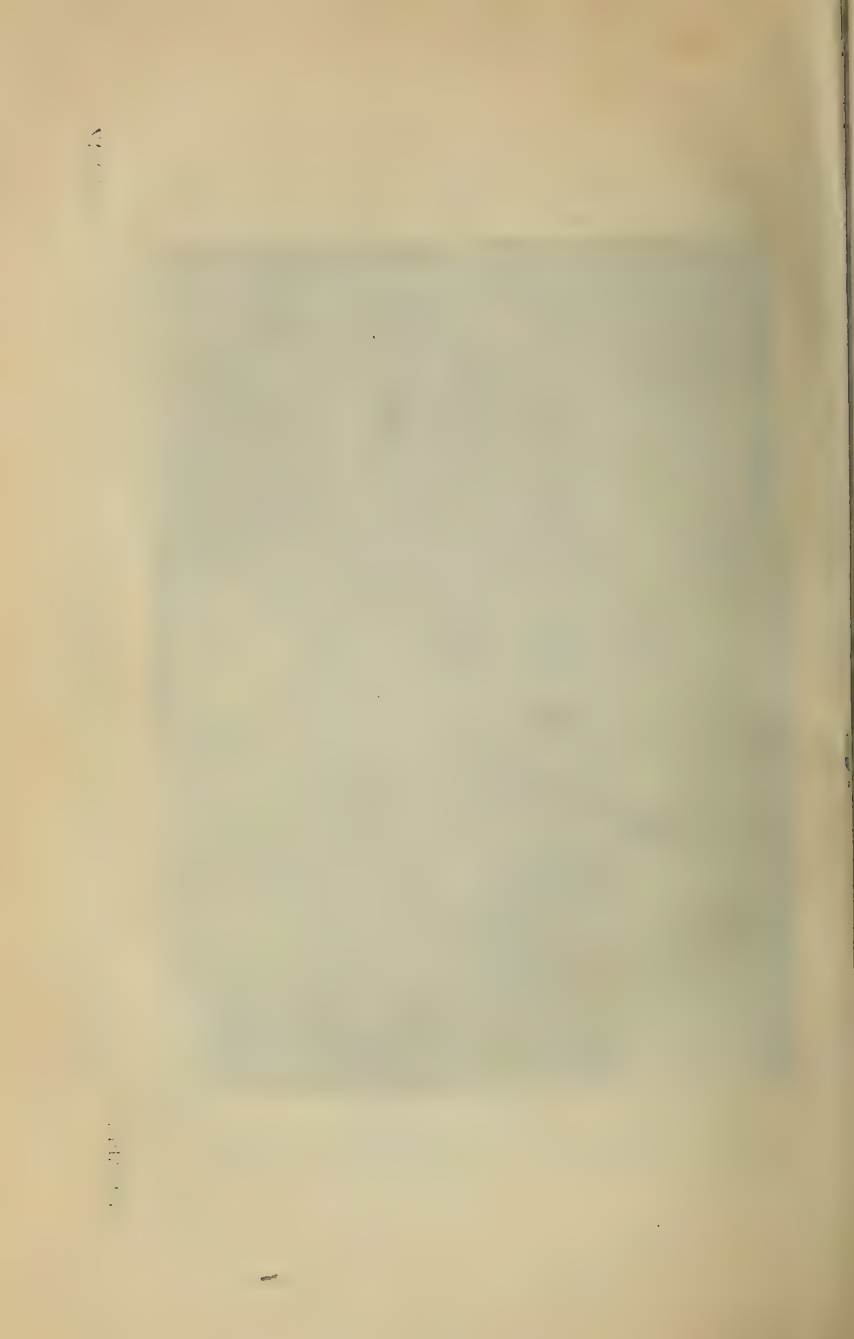
Este era el hombre ¡oh sacristán del Loreto, de rostro expresivo y picaro de portugués *caturra!* que me había enseñado á sonreir del viejo Portugal... Ese viejo Portugal que el tanto vilipendió y pisoteó al principio de su carrera literaria; del que luego se sonrió con una más leve y alada sonrisa de escepticismo en la edad madura á la hora en que el espíritu se va tornando más serio y más concentrado; y que acabó en el ocaso de su existencia por amar y adorar y evocar con tan llorosa nostalgia, con saudade infinita de poeta — pudiendo entonces decirse que amaba al viejo Portugal como un *Lost Paradise*, como una patria para siempre perdida: amor del cual son símbolo y cifra *A Cidade e as Serras* y *A Illustre Casa de Ramires.*

V

Temperamiento nunca inclinado á las ideas cerradas y unilaterales, temperamento que como el de Renan alcanzaba en toda cosa el doble aspecto de verdad y mentira que encierra, temperamento predominantemente artista, y como tal, propicio á la flexibilidade y de escasa receptividad para la obsesión fanática, Eça de Queiroz nunca tuvo «ese noble y bello fanatismo por la Revolución», por el cual el loaba á Teófilo Braga, en carta que le dirigia desde New-Castle en 12 de Marzo de 1878 á propósito de EL PRIMO BASILIO (1).

---

(1) He aqui el pàrrafo en que se halla ese fuerte inciso: «A sua ultima foi para mim um grande allivio. Eu estava-lhe com receio. Como todos os artistas, creia, eu trabalho para tres ou quatro pessoas, tendo sempre presente a sua critica pessoal... E muitas vezes, depois de ver

No jardim de Neuilly: de pé, Domício da Gama, estadista brazileiro e Eça de Queiroz. Sentados, a esposa e a filha do escritor, e o Conde de Caparica

Nunca tuvo él, es cierto, ese noble y bello fanatismo, pero lo aprobaba cuando lo advertía en alguien. Y si al final de su vida combatió acerbamente el jacobinismo — especialmente en aquel ensayo sobre Melchor de Vogüé y las tendencias de la moderna ideología francesa, que con el título de *O Bock Ideal,* ha sido recopilado en NOTAS CONTEMPORANEAS, porque ya en los años en que eso escribía propendia á cierto catolicismo sentimental — no hay que olvidar que, en los ardores de la mocedad, sintió algunas veces el entusiasmo fervoroso, el furor sagrado de los jacobinos y de los sectarios del racionalismo... En esos primeros años de su vida, Eça asemejábase sin duda al João Eduardo que el describe en Leiria, periodista anticlerical, que gustaba de mofarse de los clérigos, y que era detestado por las gentes de orden de la pequeña ciudad levítica... Por entonces hay que imaginarse que «Eça, administrador do concelho» en Leiria, estaba en oposición con la ciudad beata y levítica por sus ideas jacobinas y que con fragmentos de su vida personal y recuerdos de su estancia allí, mezclados y combinados, — como con alguna reminiscencia de su temporada pasada en Evora, como periodista, ciudad triste y abrumadora, que un archivo de monumentos históricos envuelve en su pesado cíngulo de recuerdos, evocando toda la vieja *Ebora* romana, centro de la gran comarca cerealífera ; — fué como compuso aquella su primera obra fuerte, su primera gran novela que se llama O CRIME DO PADRE AMARO.

O Primo Basilio impresso, pensei : *O Theophilo não vae gostar !* com o seu nobre e bello fanatismo por a Revolução, não admittindo que se desvie do seu serviço nem uma parcella do movimento intellectual ; — era bem possivel que você, vendo *O Primo Basilio* separar-se, pelo assumpto e pelo processo, da Arte de combate a que pertencia *O Padre Amaro*, o desapprovara.» *(Quarenta annos de vida litteraria*, p. 92).

El influjo de las ideas positivas en el contacto con Teófilo Braga — él dice en esa misma carta que «é de Você de quem tenho recebido depois das minhas duas tentativas d'arte as cartas mais animadoras e mais recompensadoras» — hizo evolucionar su espíritu hacia un sociologismo positivo y hacia un panteismo poético que tenia mucho de deismo y algo de ateismo... Este panteismo se refleja en el proyecto de *Historia de um Atomo* (1) que esboza su Sosias novelesco, su *alter algo espiritual,* su fotografia novelesca, João da Ega en Os Maias. En esta época puede decirse que su actitud ante el problema religioso es un agnosticismo elegante y algo como un ateismo paradoxal y propicio á las frases, un paradojal ateismo á la manera de Stendhal: «La única disculpa de Dios es que no existe...»

Con la misma enigmática ironia ataca entonces Eça el énfasis pomposo del Consejero Acacio, la vacuidad mental del Conde de Gouvarinho ó la devoción hipócrita de las *fidalgas* ricas... Su postura nunca es la de un sectario encarnizado, sino la de un escéptico sonriente... Surgen entonces las páginas brillantes y deslumbradoras de Os Maias en que el viejo Portugal es ridiculizado, vilipendiado y escarnecido. Brota luego la más directa y encarnizada sátira que contra el poder eclesiástico y el ritualismo católico y

---

(1) No se olvide este detalle curioso que corrobora más la similitud de João da Ega con Eça de Queiroz. João da Ega escribe á través de la novela capital de Os Maias la *Historia de um atomo* y Eça de Queiroz en Prosas barbaras, en uno de los primeros folletines publicados en *A Revolução de Setembro*, nos dice que «talvez este sentimento me leve ainda algum dia a publicar papeis que guardo avaramente e que são as *Memorias d'um atomo* e os *Apontamentos de viagem d'uma raiz de cypreste.*» (Prosas barbaras, p. 182, 3.ª edição—Porto, 1917).—Hasta en esos detalles se ve la intención de similitud psicológica consigo mismo que quiso poner en su João da Ega el gran paradoxista.

el mercado de milagros é indulgencias en la religión romana se ha vibrado jamás desde *La Religieuse* de Diderot; la más ardorosa invectiva que contra la mojigateria y la falsa piedad se ha escrito desde el *Tartuffe* de Molière; en suma, esa obra maestra de sarcasmo demoledor que se titula A RELIQUIA.

Como ensayo de demolición de los viejos idolos, como sátira acerba y vibrante, rivaliza con un Persio ó un Juvenal moderno; como pamfleto, es algo tan luminoso y admirable como las mejores páginas de Paul-Louis Courier; como novela sujeta á un cánon retórico, no será la más perfecta de las suyas, aunque diste mucho de ser una *pochade,* como la llamaba el severo Camillo, que debiera ser algo más indulgente para que lo fueran con sus muchas equivocaciones y *gaffes* literarias. En A RELIQUIA es sometido á befa é irrisión el sentimiento falsamente religioso y postizamente pio de las beatas portuguesas, como D.ª Patrocinio das Neves; es *assobiada* la pompa tribunicia del Dr. Margaride, visto en grotesco el tartufismo de Justino; y aparece motejado de avaro, simoniaco, retrasado y cazurro el clero portugués en las personas del Padre Casímiro y del Padre Pinheiro... ¡Con esta novela si que debió exultar el noble y bello fanatismo de Th. Braga, pensando que Eça de Queiroz, su camarada de Coimbra, no se desviaba ni un ápice de laborar por la Revolución futura!...

Raposo pertenece á esa generación que en las calles de Coimbra «chasqueava» al Señor de la Caña Verde en las procesiones de Semana Santa; á esa misma generación pertenece Eça de Queiroz y en ese mismo espiritu estaba educado y embebido... Cuando hizo su viaje á Tierra Santa con el Conde de Resende en 1869—con cuya hermana habia de casar años después — ciertamente que no iba acom-

pañado de sentimientos de piedad ni espoleado en esa peregrinación por móviles religiosos... El mismo Conde de Resende era un gran señor volteriano á la manera de los aristócratas franceses de finales del siglo XVIII, que habia perdido todo contacto con la religión positiva de su país y que se encontraba en estado de racionalismo ateo cuando fué á Jerusalem... Buena prueba de ello es aquella anécdota que de él se cuenta: al llegar al Templo del Santo Sepulcro toda la peregrinación portuguesa en la que ellos iban enrolados — aunque espiritualmente desligados — se postró de rodillas ante el Sepulcro de Jesús Nuestro Señor, todos movidos por un sentimiento de respeto irresistible, ya que no de devisión, todos incluso Eça de Queiroz, espiritu algo apocado y supersticioso un tanto cuanto; — todos menos el Conde de Resende, que con el sombrero puesto, el monóculo engastado en el ojo, sereno, altivo, retador, golpeaba con su bastón, con su fina bengala de Malaca, en las losas diecinueve veces seculares del Santo Sepulcro, erguido ante la multitud como un monstruo de volterianismo y de desdén a los mitos religiosos, terror de las devotas portuguesas que en aquella generacion venian...

¡ El Conde de Resende !... ¡ Que magnífico relato se podria escribir de su vida multiforme, accidentada y pintoresca !... Pero ¿ como olvidar la medalla sobria y elegante de su figura romántica que nos dejó Ramalho ?...

Otro de los nombres que influyeron más en el temperamento de Eça durante su juventud fué el ingeniero João Burnay, hombre de datos y de cifras, hombre positivista, *a very matter-of-fact-man,* que le inspiraba ideas prácticas y le inyectaba conocimientos positivos, de quien parece haber una vaga *lembrança* en el Jorge, protagonista de O PRIMO BASILIO, que nunca se commoviera con Musset ni leyera emocionado las novelas de Balzac... Por esa época el Ce-

náculo era el centro de reunión de Eça e de sus compañeros de generación, el Cenáculo que fué una recogida cooperación de entusiasmos juveniles más que una capillita de secta literaria; el Cenáculo que nos ha descrito tan maravillosamente Jayme Batalha Reis en su magnifica introduccion á las PROSAS BÁRBARAS; el Cenáculo del cual dice Ramalho Ortigão, en un movimiento generoso de hipérbole, sugerido por la *saudade* de aquellos tiempos juveniles, que nunca en Portugal se desperdició tanto ingenio, tanta fantasia, tanto poder de improvisación, tanta fuerza humoristica, tanta vena cómica. *(Nunca em Portugal se dispendeu tanto espirito, tanta phantasia, tanto poder de improvisação, tanta força humoristica, tanta veia comica).* (1)

Mas realmente se habia educado Eça de Queiroz, en un ambiente poco propicio al respeto de los Poderes constituidos. La Universidad de Coimbra era una almáciga de rebeldias, un plantel de protestas mozas. Como reacción contra su tradicionalismo teológico, los estudiantes de entonces estaban en continua insurrección contra la Universidad que les cobijaba, considerándola como Leopardi en su época, *abolizione della gioventú*... El mismo Eça nos lo dice en su estudio maravilloso sobre Anthero de Quental: «La Universidad, que en todas las naciones es el *alma mater,* la madre creadora, por quien se consierva siempre, á través de la vida, un amor filial, era para nosotros una madrastra amarga, gruñona, malhumorada, de quien todo espiritu digno se deseaba libertar, apenas le hubiera arrancado por la astucia, por el tesón, por la sujección a las *sebentas,* ese grado que el Estado, su cómplice, convertia en llave de las carreras...» (2)

---

(1) *As Farpas*, tomo II, *As Epistolas*, pág. 211.

(2) *Notas contemporâneas:* Anthero de Quental. 1.ª edición, Livraria Chardron, Porto, 1909.

¿Quienes eran sus camaradas de Universidad?... Teófilo Braga, ya en aquellos tiempos escolares, un revolucionario — teórico más que práctico y doctrinal más que de acción—ya suspirando por el advenimiento de la República, ya propagando la filosofia positiva y las afirmaciones irreligiosas de sus pòntífices máximos Comte y Littré y de sus satélites Robinet, Laffite, Lafargue, Wirouboff, *et quibusdam aliis;* Anthero de Quental, por aquellos tiempos ateo hasta de *parade,* mozo que resumió con inusitado brillo — como dice el mismo Eça — «el tipo del academico revolucionario racionalista», el mozo audaz é intrépido de quien se cuenta la anécdota de aquella temeraria noche en que él, reloj en mano, «intimó a Dios á que lo partiera de un rayo en el término de siete minutos *en caso de existir...*» Y aunque Eça agrega por su cuenta, con una sonrisa de leve ironia, que Anthero no llevaba reloj y que «su exegesis era ya muy fina para confundir asi los modales de Jehovah con los de Júpiter y si lanzó el desafio satanico, fué riéndose alegremente del ecceso de su fantasia» : — lo cierto es que la anécdota, si autentica, es estupenda; si legendaria, da idea de la formación del mito de la irreligiosidad y del ateismo en torno de Anthero de Quental...

En Coimbra fueron estos sus directores espirituales; y todos los restantes condiscípulos palpitaban en un ansia perpetua de mesianismo revolucionario... Luego en Lisboa tórnase muy amigo y camarada de Ramalho Ortigão, cuya labor demoledora de prejuicios teológicos y politicos es bien conocida por AS FARPAS; de João Burnay, un ingeniero positivista, creyendo solo en la ciencia y en la industria... Forman entonces unos cuantos amigos el Cenáculo que se torna una institución irreverente y agresiva contra todos los Poderes consagrados... *Nunca em Portugal* — nos dice Ramalho — *se dispendeu tanto espirito, tanta phantasia, tanto*

poder de improvisação, tanta força humoristica, tanta veia comica. (1)

La infiltración de racionalismo y positivismo era intensa para el espiritu mui mozo, muy dúctil y muy permiable de Eça de Queiroz. Tal vez fué por eso muy fuerte la sacudida y muy intensa la reacción que contra ese su espíritu juvenil, racionalista y librepensador, se inició en los postrimeros años de su vida y que tal vez le hubiera llevado a una retractación fervorosa y pública, tal vez a una confesión solemne de catolicismo, como la de Bourget ó la de Verlaine...

¡ Quien sabe ! Si Eça hubiese vivido unos años más después de 1900, acaso hubiera marcado un rumbo nuevo á su orientación ideológica. Casi quisiera decir que es fortuna para sus admiradores que no haya ocurrido asi, porque hubiera deslustrado un poco el esplendor y la unidad adamantina de su obra. Tal como se inició y apenas se esbozó esa reacción contra sus opiniones de juventud, puede decirse que fué un bosquejo de reacción sin ser una reacción completa y acabada, un movimiento que se apuntó y no se definió... Comenzó Eça á desbrozar toda la maleza jacobina y racionalista que consigo llevaba; llegó también á formarse un concepto de la patria, que no era el concepto peyorativo de la mocedad...

Habia maltratado á su país como pocos escritores; habia protestado de él y de su orgullo peninsular, estólido y estéril, sin fruto y sin motivo ; habia criticado severamente sus instituciones y sus oligarquias, sus costumbres y su organización, su vida cívica y moral... Se arrepintió des-

---

(1) *As Farpas*, vol. II—*As Epistolas*, VIII, pag. 211, (David Corazzi, editor, Lisboa, 1884).

pués de todo lo que escribiera porque tal vez se dió cuenta del daño que habia hecho á la patria y, sobre todo, á las generaciones que le sucedieron...

VI

Tiene, pués, dos aspectos verdaderamente interesantes para paralelizar la obra de Eça de Queiroz como labor social y de orientación de las futuras generaciones: una fase perfectamente definida, destructiva, demoledora, negativa, que arranca de su colaboración en AS FARPAS y se prolonga cada vez más agresivamente á través de O CRIME DO PADRE AMARO, O PRIMO BAZILIO, A RELIQUIA, OS MAIAS donde culmina; y otra fase, creadora, constructiva, ferviente en el amor á Portugal, que ya se inicia y esboza en A CORRESPONDENCIA DE FRADIQUE MENDES, se acentua en A ILLUSTRE CASA DE RARMIRES y se vigoriza más aún en A CIDADE E AS SERRAS.

En la primera fase analítica y negativa Eça de Queiroz no hizo más que fustigar y lapidar con su ironia de gran artista la sociedad portuguesa de aquellos años que arrancan desde el 60 al 90 y que han sido igualmente fustigados por la verberante y flageladora pluma—asote de todas las almas selectas de la época, asi de los constructores de la historia de Portugal como Alexandre Herculano, de los poetas-filósofos como Anthero de Quental, de los panfletarios como Ramalho Ortigão, y de los historiadores ó más bien filósofos de la historia como Oliveira Martins. Pienso que se es un poco injusto en Portugal con Eça de Queiroz cuando se le denigra ó se le maltrata ó al menos, no se le quiere bien, por una exagerada filaucia patriótica. ¿Qué

se le reprocha en suma?... ¿Haberse excedido en Os MAIAS en pintar una Lisboa perversa e sucia?... ¿Haber sido acerbo y á ratos truculento en su critica del Portugal *fadista* y frailuno, *caturra* y constitucional?... No fué mas acerba y más dura su critica—aunque fuese más plástica—que la de un Herculano, que fué «el último de los que poseyeron alma bastante para protestar y para acusar», en frase de Oliveira Martins; no fué tampoco más áspera y agresiva su critica que la del propio Oliveira Martins que escribia: «Después de el (de Herculano) las generaciones convirtieronse al optimismo, cómodo para la inteligencia que asi descansa y para el cuerpo que asi engorda... Los Pancracios ó los Falstaffs hallaban al final la verdadera libertad; consumárase la revolución definitiva; muriera al final el último é importuno Jeremias...» (1)

Todos ellos venian á ser en verdad inoportunos Jeremias, lo mismo los que protestaban desde el folleto y la sátira, como Ramalho Ortigão, que los que protestaban desde la altura del Olimpo sereno de la poesia ó del Erebo atormentado de la filosofia pesimista, como Anthero de Quental; que los que protestaban desde sus libros de historia y sus elucubraciones financieras, como Oliveira Martins; que los que se limitaban, más bien que á protestar, á presentar en cuadros maravillosos de novela toda la decadencia de una sociedad, como Eça de Queiroz... Todos ellos eran voces discordantes en el concierto de alabanzas y de loores de la obra de la Regeneración. Inoportunos Jeremias eran tambien en España Larra, el genio satírico más fuerte que allá hemos tenido, nuestro Joaquín Costa, un profeta fatigado al fin de predicar en desierto, y retirado al refugio

(1) *Portugal contemporâneo*, tomo II, livro VI, pag. 301. (Livraria Bertrand; Lisboa, 1883).

peñascoso de Graus, como Herculano al rincón campestre de Val de Lobos, nuestro Macias Picavea, que es alli el equivalente de vuestro Oliveira Martins, disminuido, *retréci;* nuestro Leopoldo Alas, que fué el artista, como Eça, el que protestó de la sociedad no en folletos doctrinarios, sino en verberaciones de ironia...

Era natural que en Portugal todos los espíritus nobles, todas las inteligencias selectas de la época, protestasen del constitucionalismo. Todos los espíritus independientes tuvieron que reaccionar contra aquella bazofia de las inteligencias y aquella degradación de los caracteres. Lo aceptaron otros, los retribuidos con cargos del Estado, los Pinheiro Chagas, los Julio César Machado, los Serpa, los Sant'Anna; todos aquellos que fueron caracterizados por Oliveira Martins en esta frase: «Todos los literatos de esta época acabaron más ó menos en la Aduana ó en el Ministerio de Hacienda, — *na Alfandega ou no Ministerio da Fazenda...*» (1)

Más tarde, es cierto, aquellos mismos altos espíritus se doblegan un poco y Oliveira Martins, ante las presiones de la opinion acepta la *pasta* (cartera) de Hacienda y Ramalho Ortigão acaba por merced regia de Bibliotecario en el Palacio de Ajuda; pero el uno lo hace para salvar la Deuda Pública y el otro para saciar su voracidad de erudito...

Eça de Queiroz tuvo la fortuna de salvarse de claudicación visible porque se habia hecho independiente y se habia desvinculado de la política del país con su cargo consular. Vivió más tiempo en el extranjero que en Portugal, se desarraigó un poco del país, pero nunca fué un *deraciné;* fué siempre un *saudoso* de Portugal. Quizá con su capacidad

(1) *Portugal contemporaneo*, tomo II, cap. III, p. 364.

para el concurso, con sus estudios y sus buenas luces, quiso Eça de Queiroz alejarse de la patria, extranjerizarse, ascudirse las sandalias del polvo del suelo natal; pero no lo consiguió plenamente... Portugal se le aferró al alma *quand même* y su divino encanto le perfumó la vida entera, lo mismo en las arenas calcinadas de Egipto que en las tierras feraces de Palestina, que en las brumosas soledades de New-Castle ó de Bristol, que en el pabellón perfumado y discreto de la casita de Neuilly, donde en los últimos años de su vida soñaba con el Portugal amado á través de la distancia...

VII

He suscitado al correr de la pluma el tema fecundo y rico del nacionalismo de Eça de Queiroz. Es un tema que evoca mnchos recuerdos y muchas lecturas en mi mente; pero no puedo siquiera desflorarlo y menos aún agotarlo en el reducido espacio que se me concede... Por otra parte, no he de poder ser yo juez en la materia y árbitro en el litígio; pues seria impertinencia soberana que un extranjero viniese á dar patentes de portuguesismo á su gran escritor nacional...

Lo que si he notar con sorpresa es que, fuera del estudio atiborrado y difuso de José Sampaio (Bruno), la semblanza de Ramalho Ortigão y sus dos ó tres *aperçus* en AS FARPAS sobre O CRIME DO PADRE AMARO y sobre O PRIMO BASILIO, de la introducción de Batalha Reis á PROSAS BARBARAS, del exacto y completo estudio critico de Fidelino de Figueiredo en la HISTORIA LITTERARIA REALISTA, de los trazos lanzados aqui y alli en sus libros por los criticos brasile-

ños José Verissimo, Machado de Assis, Adherbal d'Azevedo, del commovido estudio de Carlos de Magalhães, del libro más de poeta emocionado y de amigo respetuoso que de critico de Alberto de Oliveira, del libro irregular y arbitrario de José Agostinho, no haya una semblanza ni una visión acabada de este artista que muy ciertamente, como el idólatra queiroziano João Chagas ha escrito en un resúmen crítico admirable: «era realmente como ningún otro escritor antiguo ni moderno lo fué en Portugal un genio claro servido por el mayor poder de imaginación plástica que hubo jamás no ya en nuestra literatura, sino en todas las literaturas del mundo y por mucho que haya sido un novelista, un analista, un humorista, un cronista, un crítico, un fino literato ó un alto *dandy* literario, lo cierto es que él fué ante todo principalmente, una imaginación viendo y comprendiendo y adivinando la vida á través de la más luminosa y fiel retina en que ella ha podido reflejarse.» (1)

Ahora ventilad y removed vosotros ahi ese pleito; pero séame lícito decir mi impresión de crítico extranjero: la más fuerte impregnación de alma portuguesa en los últimos tiempos la hemos recibido allende estas fronteras por conducto de Eça de Queiroz...

Es verdad que él desde mozo quiso evadirse del ambiente desolador y torpe del constitucionalismo, atravesado por luchas mezquinas entre regeneradores é históricos; porque este ambiente no iba bien con su achatamiento moral y su indiferencia mental á la exquisita compleción espiritual de Eça de Queiroz. Es verdad que buscó en el viaje por paises exóticos y luego en el voluntario expatriamento la calma y el reposo á las discordias que veía desencadenadas en el país... Es verdad también que quizá por ello vió más claro

(1) *Vida litteraria*, pags. 161-162. (Coimbra, 1906.)

en los defectos de su patria ; es verdad que allá en las brumas nórdicas de Britania ó en el retiro delicioso de los *environs* de París se le proyectaba más tétrica y sombría la visión de su patria — *patria para sempre perdida*, como dice el mismo en una dolorosa evocación !...

Pero también por estar lejos sintió más á fondo la *saudade* de Portugal y esta *saudade* se fué poco á poco condensando hasta constituir en él una segunda naturaleza, que necesitó derramarse en libros de arte, formando asi la segunda parte constructiva y creadora de su gran obra.

Desde fuera lanzó sus dardos contra las instituciones carcomidas, contra las costumbres viciadas, contra los grandes hombres de oropel, contra los políticos vacuos — como el Conde de Gouvarinho ó «el immenso talento» de Pacheco ; — contra los oradores pomposos y huecos, como el Rufino ; contra los periodistas venales y analfabetos, como el Guedes de *A Corneta*. Pero políticos huecos, oradores vacuos y periodistas venales, son (creedme) plagas de la Península; abundan *aquém e além* Duero, Tajo y Guadiana ; y no componen ciertamente la patria...

Pero no se limitó á protestar del Portugal oficial y de la Lisboa de entonces en sus novelas (¿ qué es Os MAIAS sino una palpitante protesta contra la Lisboa de su tiempo ?) sino que protestó en los artículos y cartas que enviaba por entonces á la *Gazeta de Portugal*, á la *Gazeta de Noticias* de Rio de Janeiro. En los últimos años de su vida, en la *Revista de Portugal* que él fundó y dirigió en París, ya no protestaba, sino que construía. Protesta contra el ambiente de la Lisboa de su tiempo, fueron AS FARPAS, que inició con un fervor sagrado de destrucción, en unión de ese Alcides que se llamó Ramalho Ortigão ; á Eça le compitió el trabajo hercúleo de limpiar las caballerizas de Augias... y luego huyó á La Habana, como él mismo dice, dejando a su

robusto amigo los otros seis trabajos que cerrasen el ciclo de leyenda del varón forzudo... «Láncese siete veces una carcajada en torno de una institución—decía él más tarde (1) —y la institución se derriba; es la Biblia la que nos lo enseña bajo la alegoría, generalmenȷe estimada, de las trompetas de Josué em torno de Jericó...»

Trompetas de Jericó fueron para la sociedad de Lisboa O PRIMO BASILIO y OS MAIAS, donde no hizo sino poner rótulos y etiquetas á las instituciones y nombres propios, aunque novelescos, á esos idolilios de cartón y barro, verdaderos *idola fori ulisiponensi* en la época, que se llaman luego con esos nombres que él ha immortalisado. Bien claramente se lo decia él á Teófilo Braga en su curiosa y precitada carta, definiendo sus personajes por grupos sociales: «O formalismo oficial (Acacio), a beatería parva de temperamento irritado (D. Felicidade), a litteraturinha acephala (Ernestinho), o descontentamento acre e o tedio de profissão (Juliana) e ás vezes, quando está calado, um bom rapaz (Sebastião). ...Amaro é um empecilho; mas os Acacios, os Ernestos, os Saavedras, os Basilios são formidaveis empecilhos; são uma seria causa d'anarchia em meio da transformação moderna». (2)

OS MAIAS continúan y acentúan esa protesta — equivocada ó no — que representa O PRIMO BASILIO. Idéntica caracterización de una sociedad envenenada y corrupta por estar sustentada sobre falsas bases: en ella danzan los Damasos Salcedes, los Gouvarinhos, los Rufinos, los Guedes, los Cohen, los comparsas todos del retablillo grotesco que adorna esta intensa y fuerte novela. Novela que tan mal

(1) Vid. *Notas contemporaneas*, Semblanza de Ramalho Ortigão; 1.ª edição, Porto, 1909.

(2) *Quarenta annos de vida litteraria*, por Theophilo Braga; pag. 92.

supo al fino paladar y acrisolado gusto de Fialho de Almeida, el fuerte colorista y critico áspero — que no era ciertamente más nacionalista que Eça (como pienso demostrar algún dia); pero que aprovechó la ocasión para descargar estos mandobles contra el novelista á quien tenia sobre ojo como el más fuerte adalid de arte que habia en Portugal... «Para o romancista, a Lisboa dos *Maias* é ainda aquella Lisboa bisonha e suja dos primeiros fasciculos das *Farpas,* em que todos os homens são grotescos, idiotas, insignificantes e velhacos; em que não ha senão mulheres adulteras, etc.» (1)

Bien se advierte, á pesar de la parcialidad, la garra del critico, pues está claro que OS MAIAS continúan el proceso psicológico iniciado contra la ciudad «de marmol y granito», que cantó Herculano. Prueba de que ese era el intento de Queiroz es que pensó primitivamente en títular esa novela A CAPITAL, considerando, pues, la ciudad olisiponense como el personaje central, el héroe novelesco, ó sea que Eça más que retratar personas, queria retratar grupos sociales y poner en pie la Lisboa regeneracionista de 1860 á 1880... Quizá no persistió en conservar ese título por paparecerle demasiado pretencioso, de *allure* social e tendenciosa á lo Zola; pero en esa novela tan voluminosa, de 900 págs., ni una sola de las cuales tiene condición de papaverismo, virtud de adormideras! — condensó todas sus observaciones de la capital donde vivió sus años de juventud, entre ese *pandemonium* de la vida lisbonense ingertando una historia de amor, un drama intensísimo, que á Fialho, *degoûté* de Eça, le parecia *historieta magra e romanesca*... *Degouté et peut-être jaloux!*...

(1) *Pasquinadas* (Jornal d'um vagabundo', pag. 267; Livraria Civilisação, sem data; Porto — 1890?...

Mas si del extranjero mandaba esas obras de demolíción, del extranjero venian esos cantos á Portugal, á sus bellezas, á sus paisajes y á su pueblo ingenuo, cristiano y humilde que se llaman A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES y A CIDADE E AS SERRAS. Hay una observación muy aguda en el prestigioso crítico Alberto d'Oliveira (1) y es que este artista «tan poco portugués», como se le dice, habiendo compuesto casi todos sus libros fuera de Portugal, se ha inspirado siempre en asuntos, paisajes y figuras de su país. La observación no puede ser más justa; y yo añado esto por mi cuenta. Para embeberme de portuguesismo é infiltrarme de alma lusitana, yo releo y repaso siempre páginas de Eça de Queiroz...

La nueva generación literaria de España ha aprendido á amar á Portugal en este gran artista. Por mi parte puedo afirmar que él me ha llevado á interesarme, á través de sus negaciones y críticas, en el arte, en el paisaje, en la literatura y hasta en la política portuguesa y que de él he recebído, más intensamente que de ningún otro, la emoción peninsular, *el sentido peninsular* que aún les falta á portugueses y á tantos españoles!...

Lisboa, Domingo de Carnaval, 15 febrero 1920.

ANDRÉS GONZÁLEZ BLANCO.

---

(1) *Eça de Queiroz* (Paginas de memorias), cap. IV. p. 66; Lisboa, s. d. (1919)

OS «VENCI

DE PÉ, DA ESQUERDA PARA A DIREITA: CONDE DE SABUGOSA, CARLOS
GUERRA JUNQUEIR
SENTADOS: RAMALHO ORTIGÃO, EÇA DE QUE

S DA VIDA»

ER, CARLOS LOBO DE AVILA, OLIVEIRA MARTINS, MARQUÊS DE SOVERAL,
CONDE DE ARNOSO.
Z, CONDE DE FICALHO E DR. ANTÓNIO CANDIDO

Notas queirozianas

Mais certo lhe chamaria — *Migalhas de lauta mêsa.* Quereria — não pude — ter feito mais e melhor (1).

Aqui lidos, acolá ouvidos, arquivei no meu canhenho de lembranças, de cantos esfiados pelo tira-mete nas algibeiras, meia dúzia de notas inconexas e menos conhecidas ácerca do escritor modêlo que nêste livro celebrâmos.

Eça foi Homem, e *nil ab eo humanum alienum erat.* Mas foi um superior, um director intelectual... Que monta isso? Lá estava o barro original a prendê-lo ás misérias do próximo, mesmo do mais diminuto próximo...

I

Com todo o seu amor da nota real, Eça era no fundo, bem no fundo, um romântico (2). Questão de herança paterna. O

---

(1) Os organisadores dêste livro tinham assente não colaborar nêle. Quase no fim da impressão mudaram de aviso; o que escreveram ressente-se, pois, da pressa em enviar os originais á tipografia.

(2) «Eça de Queiroz, en sus primeros tiempos, cultivó el romanticismo fúnebre, el romanticismo de las tumbas, de los cadalsos, y de los suicidios.»

Andrés Gonzalez-Blanco, *Eça de Queiroz, Antero, Victor Hugo y otros ensayos* — Madrid, 1919 (Prologo, pág. XI),

dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz foi um ultra-romântico sem confeição; veja-se *O Castello do Lago*, poemeto «de extenso folego scotteano» (1) publicado em 1841.

II

Murmura muita gente — e boa, ou pelo menos que o parece — da feição desnacionalizadora da obra queiroziana, e do seu desbragado francesismo. Não discutirei êste ponto, já porque sou a negação do crítico, já porque outros nêste mesmo livro proficientemente lhe produzem os prós e os contras. Má-língua antiga, afinal. O mestre jornalista Teixeira de Vasconcelos disse um dia na redacção do seu jornal, a *Gazeta de Portugal*, quando o ilustre pòveiro ali rabiscava os primeiros artigos que lhe saíram da então obscura pena:

— O rapaz tem talento, não ha duvida...

Mas acrescentava logo, a gaguejar:

— É pena ser com... com... completamente doido, ter estado em Coimbra, ...e...e... e escrever em francês (2).

Eça justificou-se mais tarde da pécha no artigo «O Francezismo», recolhido nas *Ultimas Paginas*.

III

Eça conhecia realmente aquela língua como se fosse a sua. Conta-se que sendo *O Mandarim* traduzido em francês, e enviada a versão ao autor do romance, êste dirigiu ao tra-

(1) Camilo, cit. por António Cabral, *Eça de Queiroz* — Lisboa, 1916, pag. 24.

(2) «O Seculo», de 19 de agosto de 1900.

dutor uma carta de agradecimento, num francês tão puro e tão elegante, que o destinatário não resistiu a mostrá-la a um membro da Academia Francesa, o qual, tendo-a lido e relido, assegurou que com muita dificuldade se toparia em França quem excedesse a beleza literária daquela carta.

IV

Quando Eça de Queiroz lançou *Os Maias,* o poeta Bulhão Pato entendeu que para si fôra talhada a carapuça que no livro dá pelo nome de Tomás de Alencar e enfiou-a. Eça negou a aplicação da dita carapuça; e Bulhão Pato, que então mais do que nunca justificou o primeiro apelido, meteu-se á bulha com o romancista e saiu-se com as sátiras *O Grande Maia* (1) e *Lázaro Consul*, onde põe em verso medíocre e enfático, dobrado de injustiça, as banalidades que por aí se debitavam sôbre a moral dos livros de Queiroz. Assim, a dar-lhe crédito,

Séria, n'esta nação, não ha mulher nenhuma.
Homem? Algum cretino! E com talento, em summa,
Nem mesmo amigos seus! Só elle é que figura
Na tela genial! E não borra a pintura!

Tudo é mesquinho e vil no meu torrão natal!
Assim o dizes tu, consul de Portugal!

O' Lazaro, fareja as podridões da vida,
Como fareja a hyena a carne corrompida!

---

(1) Esta sátira que A. Cabral cita como precedendo *Lazaro Consul* *(Eça de Queiroz*, pag. 226) vem apensa ao livro de Bulhão Pato *Hoje — Satyras, Canções e Idyllios* — Lisboa, 1888.

Não dás ao teu paiz nada affectivo e santo;
Nem um sorriso ao berço, nem á cova um pranto!
.... (1)

Isto é um exemplo de injustiça que admira topar no poeta da *Paquita,* que eu, sem tê-lo conhecido, fantasío bom, calmo, amoravel. Mas a paixão desvairava-o.

Eça a negar talento a toda a gente, mesmo aos seus íntimos! Em quantos lances da sua obra se distribue justiça a quem de direito! (2) Êle, que como poucos era amigo do seu amigo! Eça a achar mesquinho e vil quanto era português! Êle, que escreveu *A illustre Casa de Ramires,* êle, que escreveu *A Cidade e as Serras,* que tanto quiz ao nosso «Portugal pequenino, ainda tão doce aos pequeninos», ao nosso Portugal «que cheira bem», ao nosso Portugal onde pessoas e coisas, mulheres e flores, as aves no ceu e os guardas da alfandega ao passar a fronteira, nos «murmuram baixinho, com immensa doçura», tão meigas e amorosas palavras!» (3)

Assim se referia a «hyena» á sua terra; a «hyena», que escreveu essa comovedora coisa que se chama o *Suave Milagre,* e as idílicas, consoladoras páginas de Tormes.

---

(1) Bulhão Pato, *Lazaro Consul,* Lisboa, 1899.

(2) E' certo que E. de Queiroz era por vezes severo, mas com quem o merecia. Gostava de «mondar á thesoura todas as orelhas sumptuosas que subissem mais de dois palmos acima das cabeças respectivas», escreve Guerra Junqueiro em *Eça de Queiroz a proposito do novo romance «O Primo Basilio», — Occidente* n.º 7, de 1 de abril de 1878.

(3) Alberto d'Oliveira, *Eça de Queiroz* Lisboa, 1919. pag. 121.

V

Tinha a fobia dos albuns de autógrafos; ao invez dum literato que eu conheço — que nós conhecemos! — que dá o cavaquinho por escrever «pensamentos» catitas e sugestivos em albuns de senhoras novas e bonitas. Quando não podia deixar de ser, Eça lá rabiscava; mas rabiscava resmungando (1).

Isto de pôr uma página em branco defronte duma pessoa e intimá-la: — Pense! Escreva o que pensou! Assine o que escreveu!... Era a pior coisa que lhe podiam pedir.

Ainda assim, alguma vez escrevia sem desprazer. No album de «mademoiselle» Maria Augusta Pereira Machado, onde Junqueiro escrevêra:

....
Vida!... punhado de areia!
Morte!... rajada de vento!

e Oliveira Martins:

A vida é sonho para quem vela; será realidade para quem dorme?

---

(1) Contou Ramalho a um amigo meu, que lhe pedia escrevesse duas palavras num album de autógrafos;

— Olhe, o Eça embirrava tanto com isto, que, quando forçosamente tinha que escrever num album, costumava levá-lo ao seu barbeiro, e pedia ao mestre-escama que escrevesse. E o Eça então ditava as coisas mais chistosas e disparatadas.

«Partida» de académico coimbrão, de que sempre ficaram uns vestígios no feitio de Eça de Queiroz? Ou *blague* do Ramalho? Vão lá agora sabê-lo...

Eça resumiu:

O amigo Oliveira Martins diz que a vida é *um sonho;* o amigo Guerra Junqueiro diz que é um *punhado de areia...* Se é sonho, é o unico que vale a pena sonhar; se é areia, é a unica sobre que vale a pena edificar.

Eça de Queiroz

VI

Alguem que o conheceu em Pariz, contou-me que era assaz irregular na freqüência do consulado. Faltava muito notadamente quando estava trabalhando com afinco nalgum livro. Dizia rindo que não era preciso lá ir: todo o edifício estava cheio da sua presença espiritual. De acôrdo: não era a sua presença real, dentro daquelas salas dobrado sôbre estupidas fôlhas de papel selado, que havia de influir pròsperamente nos destinos da Pátria...

Abençoada ausência, se com ela ficava em casa a criar obras primas! Era outra maneira, e de não somenos valia, de bem servir a sua terra.

A inadaptação de Eça aos usos e fórmulas burocráticas vinha de longe (1).

---

(1) «Com os negocios da administração do concelho não se preocupava em demasia. Assignava a papelada em que era necessaria a sua firma, dava expediente, bocejando, aos serviços do seu cargo, ouvia as queixas que lhe faziam, como quem cumpre uma dura penitencia e ia logo encerrar-se no seu gabinete, folheando livros, tomando apontamentos, consultando Horacio e outros auctores latinos, a que chamava carinhosamente «os seus mestres». A administração do concelho, para elle, era o vacuo. como costumava dizer.»

Antonio Cabral, *Eça de Queiroz,* Lisboa, 1916, pag. 112.

Quando era administrador do concelho em Leiria, carteava-se desta fórma com Eduardo Coelho: «Escrevo-lhe do meu exilio administrativo. Aborreço-me como Ovidio desterrado e como Francisco I prisioneiro». E pedia jornais, noticias, relatos copiosos da guerra franco-prussiana e um mapa, que deviam distraí-lo no seu degredo oficial.

VII

Nos últimos anos da sua vida, quando Eça começou a encostar mais o coração que o cérebro á terra portuguesa, o nosso passado tinha para êle encantos inéditos. Uma das faces dêsse afecto nascente foi a paixão do *bric-à-brac* e do livro antigo. De cada vez que vinha a Lisboa visitava os alfarrabistas, escabichava a Feira-da-Ladra e os ferro-velhos da cidade. Lia muito os clássicos, quiçá lembrado das palavras de Junqueiro: «Infelizmente Eça de Queiroz não conhece ainda todos os recursos brilhantes de que pode dispor, manejada por um espirito moderno, a antiga lingua portugueza». (1) Ali topava modos-de-dizer felizes e raros, vocábulos desusados que o seduziam. Recomendava aos amigos essa leitura, como aquisição de novas riquesas lingüísticas, e como correctivo aos disparates sintacticos da mediocridade plumitiva.

Mas ainda em Pariz, Eça rebuscava o alfarrábio. Alberto de Oliveira e António Nobre foram uma tarde encontrá-lo debruçado num dos cais do Sena, folheando embevecido uns calhamaços pulverulentos. E teve com êles estas palavras, que são uma confissão de culpas, um arrependimento:

---

(1) Art. já cit. do *Occidente*, n.º 7.

«Meus amigos, a gente em Portugal não estuda nada na edade de estudar, não sabe nada. Eis porque eu cheguei á velhice quasi analphabeto e tenho agora de voltar á escola para conhecer os mestres da nossa lingua e da nossa historia. Ando aqui a formar-me em humanidades, bem fóra de tempo, por estes melancolicos caes do Sena, onde ao fim de longas pesquizas, rivalisando de fleugma com tantos pescadores á linha, longos dias debruçados sobre o rio por esses mesmos caes fóra, lá descubro um Fernão Lopes, ou arremato um Damião de Góes ou um Antonio Vieira, encadernados para a eternidade em solida carneira lusitana! Amigos, aprendam commigo a não recahir nos meus erros, formem e cultivem a sua intelligencia com fortes e lentas leituras, tudo o que se deixa de estudar a tempo e horas custa muito a apprender na minha edade!» (1)

O fragmento que, por mal conhecido, em seguida transcrevo, é tambem por demais expressivo neste particular. Em 1897 escreveu algures Eduardo Prado, outro enamorado da civilisação franceza, «amigo fraterno» (2) de Eça, que êste retratou no protogonista de *A Cidade e as Serras:*

«São longas as suas estações em frente aos alfarrabistas, e nunca volta elle para Neuilly sem alguma estampa portugueza, ou alguns volumes de velhas coisas peninsulares, chronicas, sermões, vidas de Santos, obras de mystica, portuguezas ou hespanholas, que depois leva horas a concertar, a tapar os buracos dos bichos, a lavar, a polir com vernizes antisepticos, matadores dos microbios que colonisam, de preferencia, naquella litteratura.

«Um dia fez vir de Portugal o Diccionario Bibliographico de Innocencio. O que diria Camillo Castello Branco se

---

(1) Alb. d'Oliveira, *Eça de Queiroz*, pag. 38 e 39.

(2) Id., ibid., pag. 181.

soubesse? Perguntaria, decerto, noticias d'aquelle escriptor, em quem sempre reconheceu talento, mas em quem sempre viu ou fingiu ver um estrangeirado, anti-portuguez. E a maior ponto subiria a sua admiração, sabendo que aquelles volumes do Innocencio estão acrescentados, annotados, corrigidos. (1) É para Eça de Queiroz mais alegre o domingo em que traz para casa um livro portuguez, não citado pelo bibliographo.

«— Não está no Innocencio! diz elle triumphante, mostrando o volume descoberto nos parapeitos do caes.

....

«O bem anda por todos os caminhos. A procura da perfeição na sua obra, levou Eça de Queiroz, corrigido do estrangeirismo que enfurecia Camillo, á grande consolação de ter amor e enthusiasmo pela sua terra.»

Fecho esta nota envaidecendo-me de incluir na minha modesta livraria um exemplar dos *Commentarios do grande Afonso Dalboquerque* (Lisboa, MDCCLXXIV, 4 vols.) que tem no fôrro interno da capa de encadernação: — «*Eça de Queiroz — Bristol — 7 de Abril de 1888*». Algumas passagens estão sublinhadas, possivelmente pelo lápis do romancista.

VIII

Umas vezes apetecia-lhe anular-se, confundir-se com o vulgo... «Eu sou apenas um pobre homem da Povoa de Varzim»—escreve êle numa carta a Pinheiro Chagas (Bristol, 14-XII-80). Mas numa outra de 1889 ao dr. Alfredo

---

(1) Porque mãos andará agora esta preciosa peça bibliográfica? Seria de alto interesse literário averiguá-lo.

Brandão, seu antigo condiscípulo e pároco duma das frèguezias de Lisboa, falando dum titular cujo nome não vem ao caso: — «Se êle tem pergaminhos, eu tenho-os tão bons ou melhores que os dele.» (1)

IX

Supersticioso como bom pòveiro que se presava de ser. A. Cabral, de pag. 148 a 150 do seu livro, arquiva boa mancheia de crendices — pé direito na soleira da porta, mudança de botões no punho da camisa, horror às bruxas, ao azeite derramado, ao uivar dos cães e piar das corujas, etc., de que o espírito, aliás desempoeirado de Eça de Queiroz, nunca vingou libertar-se. Mas tudo sobrelevam os periodos que vão ler-se, recortados duma carta ao açoriano Faria e Maia, datada apenas de 2 de julho mas que é de 1894:

«... Mando sempre ao sachristão d'uma capella celebre do Norte, de cujos arraiaes me lembro saudosamente, o 1.º livro que me chega do editor. Faço isto desde a *Reliquia*. (2) Eu andava destrambelhado, ultra-nervoso. Uma noite, nas vésperas da sahida do romance, que hei de eu sonhar? Que toda a gente, novos e velhos, ricos e pobres, desde o continuo da administração do concelho e desde o criado de lavoura até ao brazileiro endinheirado e ao politicão graúdo, iam pedir ao tal sachristão, não reliquias milagreiras do milagreiro santo, mas *A Reliquia*, a minha *Reliquia*, muitas *Reliquias*, copiosissimas *Reliquias*. E o pobre homem, á saída

(1) António Cabral fala das «tendencias aristocráticas manifestadas em Coimbra», que, como se vê, alguma vez ressurgiam.

(2) Publicada em 1887.

da missa, novena ou lausperenne, distribuia aos devotos, a torto e a direito, suando esbófado, braçadas e braçadas de livros. Vê tu que disparate, não é? Pois saberás, meu menino, que me deu que pensar o disparate, e d'ahi em diante, sempre que atirava ás gentes algum livro, ahi mandava eu o 1.° que me vinha á mão, com a letra disfarçada no endereço, ao obscuro funccionario da igreja, cujo nome nem sequer suspeitava. *Pas de dédicace;* apenas a nota em letras garrafaes — OFFERECIDO — a evitar que voltasse, já não digo ao meu poder, porque o destinatario ignorava o remettente, mas ao do editor. O que o pobre diabo, que talvez nem saiba ler, terá pensado ao recebel-os!

«Supunha eu assegurar assim o bom exito da obra,.. Parece-me que te estou ouvindo rir... Pois não devemos rir-nos de coisas sérias.» (1)

X

Acabâmos de ver o *quantum* de supersticioso entrado na compleição psicológica de Eça: vejâmos no episódio que segue, como êle era acessivel ás sciências ocultas — espiritísmo, telepatia, etc.

Era em Pariz. O romancista fôra convidado, com outras pessoas, por Eduardo Prado para uma sessão particular de espiritísmo, onde se apresentava um dos mais celebres *mediums* da época. Eça assistia, com um rictus sarcástico a

(1) O original desta curiosissima carta, que copiei na íntegra. e na íntegra será algum dia publicada, está actualmente na posse do meu antigo amigo e condiscípulo Manuel Afonso Pinto Braga, coleccionador inteligente e infatigavel de autógrafos, que gentilmente ma faculiou. Foi-lhe em tempos oferecida nos Açores pelo destinatário.

franzir-lhe as comissuras da bôca; e em certa altura boquejou á orelha dum amigo:

— Espera... vou apahná-lo!

— ?

— Vou pedir-lhe a história de D. Sebastião!

E voltando-se para o *medium:*

— Conte a história em que estou pensando!

Eça então assistiu, de olhos arregalados, a êste espectáculo imprevisto: a narrativa, feita pelo *medium* a traços gerais, dos planos cavaleirescos do Rei-Desejado, sua passagem à Africa, travessia do mar, os trajes e armaduras da época, a batalha de Alcácer, a morte do rei no meio da refrega. E foi o assombro, quando, entrecortando as frases, hesitante, como quem quere entrar à fôrça uma porta aferrolhada, de olhos cerrados e escorrendo em suor, numa grande concentração de espírito, o *medium* acrescentou:

— Mais... mais... chose extraordinaire! — ... on dit... on dit... qu'il reviendra!

Quando daí em diante vinha a pêlo falar-se de espiritísmo, Eça de Queiroz já não sorria. Pois se o *medium* fôra mesmo até apropriar-se, por sugestão inconsciente de Eça, da lenda sebastianista!

XI

É realmente Eça o autor do *Diccionario dos Milagres?* (1) Teem surgido dúvidas a êsse respeito, e o assunto ainda hoje não parece inteiramente líquido. Que o romancista coordenou os materiais para êle, e apresentou o manuscrito

(1) Lisboa, Parceria Pereira, 1900.

ao editor Pereira, parece não sofrer hesitação, atenta a declaração de Silva Bastos no prefácio ao *Diccionario* (pág. VIII). Como foi escrito? É ainda S. Bastos quem acrescenta: «Evidentemente Eça de Queiroz leu as obras onde se narravam tais milagres, marcou a lapis os casos mais ou menos typicos e que mais tinham impressionado a sua imaginação de artista, transplantando-os depois, por copia, para os papeis hoje propriedade da *Parceria.*» (Ibid.) Até aqui vê-se que Eça *copiou* de algum *Flos Sanctorum*, dos *Bolandistas* ou da *Aurea Legenda*, e acaso das hagiografias que ultimamente muito comprava e lia, os lances onde sentiu um motivo de arte, propondo-se mais tarde dar-lhes uma redacção definitiva, vestindo-os da sua prosa expressiva e colorida (1). As lendas de Santos das *Ultimas Paginas* são já, porventura, a resultante dêsse plano irrealizado.

Declarou Ramalho Ortigão poucos dias depois do aparecimento da obra, que ela era a coisa pior que saíra da pena de Queiroz; e seria talvez a melhor se conseguisse levar êsse trabalho até onde intentava.

Isto esclarece até certo ponto o problema que Silva Bastos considerava «actualmente insoluvel» (pag. IX).

XII

De 1884 a 1886 houve em Lisboa uma revista — *Republicas* se chamava ela — de que foi director político Tomás Ribeiro e literário o visconde de Correia Botelho (Camilo Castelo-Branco). O primeiro abandonou a revista a-quando da sua elevação à cadeira das obras públicas; o nome de

(1) S. Bastos pressente isto mesmo a pág. XI e XII do seu prefácio.

Camilo, êsse deixa de figurar à cabeça do *Republicas* desde o n.º 89 (8 de outubro de 1886).

Percorrendo as páginas dêste notável repositório literário, onde escreveram algumas das mais bem categorisadas penas da época, e outras que, por então obscuras, vieram depois a enobrecer-se no lidar das letras, fui topar em o n.º 61, de 20 de fevereiro de 1886 as seguintes quadras humorísticas ao insigne romancista, autor de *A Corja* (1):

A FIDALGUINHA

A Thomaz Ribeiro

Thomaz Ribeiro, o conto, que te envio,
é como «Pierrot» que vibra o sistro,
a fim de te alegrar n'esse sombrio
tristonho gabinete de Ministro.

Sob o docel do mirante,
(ó Graças, prestae-me auxílio !)
via-se a loura menina
A lêr «O Primo Bazilio».

No seu *chateau* solarengo
costuma passar a calma ;
— o oxygenio para o corpo,
o *Bazilio* para a alma.

(1) Esta nótula saiu já em tempos n'*O Seculo*, edição da noite, antes que A. Cabral publicasse o livro *Eça de Queiroz*, onde intercalou algumas das quadras de *A Fidalguinha*, que sai agora publicada na integra-

Com a mão aristocrata
a romanesca fidalga
afagava o pelo eburneo
de uma turbulenta galga.

Caminhavam pela estrada
tres crianças com a mãe,
esfarrapadas, mendigas...
Já não tem pae. N'isto, vem

do mirante abaixo a galga
a ladrar, a remetter
contra os pequenos que choram.
Quer um d'elles defender

os irmãos, e ergue a custo
uma pedra; então a galga
fugiu ganindo, n'um choro,
como a queixar-se á fidalga.

Raivosa, a loura menina,
curvando o peito arquejante
sobre o peitoril florido
do balsamico mirante,

brada ao pequeno: «ó garoto!
se lhe atiras a pedrada,
mando lá fóra um lacaio
rebentar-te!»
— Não é nada...

(disse a pobre). O meu pequeno
tem tanta fome, ó fidalga,
que não podia atirar-lhe
com a pedra á sua galga...

Voltou a face a menina,
carregando o sobrecilio,
e foi lêr o que fizera
no «Paraizo» o *Bazilio*.

Não compreendeu, felizmente!
Que o Eça, com grande tino,
quando a natureza é suja,
usa estylo sibyllino;

de modo que o não percebam
meninas da flôr no viço,
e apenas o entendam velhas
que nada perdem com isso.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

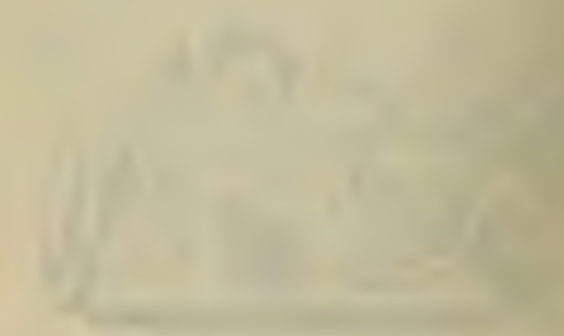
Bem se ajustam estas quadras aos remoques desfechados pelo Mestre de Seide, sempre que tal se lhe enseja, ao peito de Eça de Queiroz.

Mas o que tem graça é que o irredutivel impugnador da escola realista enfileira entre os que melhormente a seguiram, justamente com as mesmas armas com que intentou metê-la a ridículo. Não são *A Corja* e o *Eusebio Macario* primos co-irmãos dos *Maias* e de *A Reliquia?*

AS CONFERÊNCIAS DO CASINO

EÇA DE QUEIROZ, TENDO NO BOLSO *As Farpas,* MÓI NUM ALMOFARIZ O IDEALISMO A GOLPES DE REALISMO

OS CONFERENCISTAS DO CASINO (ENTRE ÊLES EÇA DE QUEIROZ) COM AS BOCAS ROLHADAS

Caricaturas de Rafael B. Pinheiro n'*A Berlinda* (Julho de 1871).

XIII

Que pensava Eça de Queiroz da dramatisação dos seus romances?

Toda a gente disse, a quando da representação do *Primo Bazilio,* que os romances de Eça de Queiroz eram indramatisáveis. Faltava, todavia, o testemunho do romancista, e é êle quem, dalgum modo, depõe com a seguinte carta, escrita ao publicista brazileiro Augusto Fábregas, que do *Crime do Padre Amaro* extraíra uma peça:

Rocio, 26 — Lisboa, 6 de maio de 1890. — Ex.[mo] *sr. — O sr. Vieira da Silva teve a amabilidade de me entregar a carta de V. Ex.*[a]*. Foi-me extremamente grato o saber que o* Crime do Padre Amaro *tem merecido de V. Ex.*[a] *uma attenção tão continua e fiel. Nunca pensei n'essa obra como sendo susceptivel de dramatisação. O unico dos meus livros que sempre se me afigurou proprio a dar um drama e um drama pathetico, de fortes caracteres, de situações moraes altamente commoventes, é o meu romance «Os Maias». Em todo o caso, estou certo de que, com os seus elevados recursos, V. Ex.*[a] *soube tirar de* O Crime do Padre Amaro *uma acção de theatro interessante e viva.*

Emquanto ao que V. Ex.[a] *me pergunta sobre a minha parte de direitos de auctor, eu não tenho mais do que seguir a regra estabelecida na Europa, e que é julgada muito equitativa. Aqui o auctor do romance e o extractor do drama recebem cada um metade dos direitos do auctor. O auctor do romance recebe mesmo mais — mas quando elle collabora na composição do drama, o que se não deu n'este caso do* Padre Amaro.

Seria, portanto, 2 ½ por cento da receita bruta que eu teria a receber. Emquanto á recita do auctor, não conheço a regra

aqui estabelecida, nem sei mesmo se ella existe ; deixo, portanto, que V. Ex.ª, de accôrdo com o meu representante, me arbitrem o que fôr considerado razoavel. Penso, todavia, em consciencia, que a melhor parte d'essa recita de auctor deve pertencer ao extractor do drama.

O meu representante é o sr. Alfredo Prisco Barbosa (rua da Alfandega 33). Elle decerto procurará V. Ex.ª.

Creia-me, com a maior estima — De V. Ex.ª, muito agradecido e dedicado — Eça de Queiroz.

Infere-se desta preciosissima carta, agora aqui estampada por extremada gentileza do seu possuidor actual, que o célebre estilista considerava, em geral, os seus romances como insusceptiveis de apresentação no palco, salvando apenas *Os Maias*. Curvemo-nos ante a opinião do Mestre, mas roguemos todos aos deuses que ninguem se lembre, entusiasmado por ela, de ir para casa cogitar numa estopada em 8 atos, a 4 por volume!

Eça de Queiroz recebeu pouco depois por intermédio do seu representante no Rio, cêrca de 500$000 réis fortes, metade do produto dos direitos de autor até êsse dia, distribuidos por vinte e quatro representações.

Deve registar-se a opinião de Eça, quanto ao melhor quinhão que ao extractor do drama cabe nos lucros da récita de auctor, valorisando por esta fórma equitativa o trabalho de extracção e desenho da peça teatral.

Quando o romance *O Primo Bazilio* veiu a lume, fez-se e em volta dêle um barulho cujos écos ainda muitos anos depois ressoavam nas esferas literárias. No Brasil, designadamente, *bazilistas* e *anti-bazilistas* escaramuçavam estrondosos no panfleto e na imprensa, na revista do ano e na caricatura; e uma peça num acto, de que não tenho mais notícia, surgiu num palco do Rio com o título do romance,

trinta e tantos anos antes que uma outra de igual origem e com igual título fôsse representada em Lisboa com o insucesso da primeira. (1)

A figura de S. Frei Gil, que tão maravilhosamente o Mestre pincelaria mais tarde, foi tambem um dos seus planos tratá-la no teatro, por conselho do falecido escritor Eduardo Garrido.

Ouçamos a êste respeito Xavier de Carvalho:

«Foi Eduardo Garrido quem primeiro lembrou a Eça de Queiroz um curioso trabalho sobre Frei Gil de Santarem.

«Os dois escriptores deviam escrever a obra juntos, e por fim Eça de Queiroz resolveu occupar-se elle sosinho do assumpto; mas não cremos que deixasse largo trecho escripto.

«Ao começo, o *Frei Gil* devia ser uma oratoria, como o *Santo Antonio,* mas Eça quiz fazer primeiramente um romance, para depois extrahir d'elle a peça theatral.

«Afinal não fez nem romance, nem peça theatral». (2)

Trata-se evidentemente do fragmento *S. Frei Gil,* recolhido nas *Ultimas Paginas*.

XIV

Eça tambem desenhava? Parece que sim. Bem? Mal? Ignoro. Não alcancei ver algum desenho seu. Os que lerem êste livro, certo apreciariam conhecer quaisquer documen-

---

(1) Existe um rarissimo prospecto litografado da peça brazileira no Museu Bordalo Pinheiro, desenho do grande Rafael.

(2) X. C. (Xavier de Carvalho) *Carta de Paris* para *O Seculo* de 27 de agosto de 1900.

tos que fixassem esta aptidão inédita do Mestre. Porfiei conseguir algum — sem resultado. Em poder da sua viuva deve todavia existir — informam-me — um album dêsses esquissos, que por desenfadamento rabiscava.

XV

A delicada oferta do nosso colaborador artístico, sr. Visconde do Alcaide, cedendo aos organisadores deste livro uma sua fotografia que lhe foi tirada pelo romancista, veio revelar aos admiradores de Eça as suas simpatias por essa arte.

«O Eça pouco se dedicou á photographia, escreve-me aquele senhor em data de 4-5-919, tendo apenas feito alguns trabalhos, no genero do retrato que me tirou; em todo o caso póde dizer-se que foi photographo amador.»

XVI

Moniz Barreto, essa grande e legítima esperança da crítica portuguesa que a morte mal deixou florir, tinha entre os seus papeis um inquérito, luminosamente reflectido e realisado, á obra de Eça de Queiroz. Antero de Quental e Oliveira Martins conheciam êsse trabalho, e tinham-no em alto apreço. Resta dêle um esbôço destinado a ser impresso na *Revista de Portugal,* dirigida por Eça de Queiroz. (1)

---

(1) Ha ainda, que eu saiba, um outro artigo de Moniz Barreto sôbre o mesmo escritor — *Eça de Queiroz* e *Os Maias*, estampado no *Reporter* de 25 de julho de 1888.

Que caminho terão levado tais papeis?

Falando desses e doutros escritos de Moniz Barreto, escreveu alguem n'*O Seculo* dias depois da morte de Eça, estas palavras que oxalá fôssem ainda ouvidas e cumpridas por quem o possa fazer:

«Seria um bom serviço prestado á litteratura, se os herdeiros do fallecido critico dessem publicidade a taes documentos para honra de ambos».

M. CARDOSO MARTHA.

O amor de Eça à terra portuguesa

«Jámais na nossa literatura alguem desenhou mais nitidas paisagens, modelou mais vivas figuras, pôs em circulação maior numero de ideas e imagens, anotou mais incoerciveis sensações, desbanalisou e recunhou mais palavras gastas, melhor descreveu, melhor narrou, mais de perto atingiu a fronteira da realidade e as fontes da vida!».

(Alberto de Oliveira—*Eça de Queiroz Páginas e Memórias*, pág. 38).

Dos nossos escritores dos últimos tempos é Eça um dos mais diversamente discutidos. Ha sôbre êle as mais desencontradas opiniões. Uns têem pelo eminente romancista uma verdadeira idolatria, escondendo cautelosamente os seus defeitos, outros, não se referindo às suas qualidades de prosador e artista primoroso, criticam-no acerba e impiedosamente.

Para alguns a RELÍQUIA é quase um decalque das MÉMOIRES DE JUDAS de Petrucelli della Gattina, o MANDARIM uma simples *bluette* extraida do PEAU DE CHAGRIN de Balzac, a ILLUSTRE CASA DE RAMIRES uma *pochade* à política provinciana, a CORRESPONDENCIA a sua pior obra e até OS

MAIAS «uma porção de crónicas, isto é, de apontamentos, de notas muito ridículas, muito engraçadas, que tanto podiam vir coleccionadas sob um título único como debaixo de vários títulos, fragmentadas.» (1)

A ânsia dos seus detractores em lhe amesquinharem a obra vai ao ponto de considerarem o CRIME DO PADRE AMARO como um ignobil plagiato de *La faute de l'abbé Mouret,* escrito por Zola alguns anos depois. (2)

Eça, defende-se ironicamente desta falsa acusação numa nota inserta na segunda edição do CRIME «Com conhecimento dos dois livros, só uma obtusidade córnea ou má fé cínica podia assemelhar esta bela alegoria idílica, a que está misturado o patético drama duma alma mística, ao CRIME DO PADRE AMARO que, como podem ver neste novo trabalho, é apenas, no fundo, uma intriga de clérigos e de beatas tramada e murmurada à sombra duma velha Sé de província portuguesa.»

Fialho d'Almeida, o azedo panfletário dos GATOS, como oficial do mesmo ofício, não poupa Eça e acha-o um caracter desnacionalisado, uma contrafacção estrangeira e Silva Pinto, (3) que a princípio o considerava um escritor sem mácula, faz côro com o autor do PAÍS DAS UVAS.

E até o sr. José Agostinho (4) o põe tambêm pela rua da amargura!

Jaime Batalha Reis prefaciando Eça não se esquece de indicar as influências estrangeiras que se notam na obra

---

(1) Fernando Reis — *Eça de Queiroz,* in-*Revista Nova.* Ano I n.° IV, pag. 102

(2) Mendes dos Remedios — *História da literatura portuguesa,* 4.ª ed. 1914, pag. 640.

(3) Silva Pinto — *Noites de Vigilia.*

(4) José Agostinho — *Eça de Queiroz,* Porto.

queiroziana; (1) o sr. dr. João de Meyra, num curioso folheto, vai mais longe pois se entrega ao trabalho pacientíssimo de comparar algumas passagens de escritores estrangeiros com as de vários romances de Eça, dizendo como desculpa à denuncia feita que Eça se limitou apenas «a imitar, transportar para o seu estilo as imagens, as ideas ou as expressões de um outro estilo, apresentando de um modo inédito as coisas já ditas, ou aplicando frases feitas a situações inteiramente novas.» (2)

Um dos muitos defeitos atribuídos à obra de Eça é a pornografia, a imoralidade, a acção dissolvente dos seus romances. Estes — dizem — atacam a família, essa instituíção que devia ser sagrada, intangível. O próprio Eça sai à estacada defendendo-se dessa agressão, — «eu não ataco a família, ataco a família lisboeta, produto do namoro, reunião desagradavel de egoismos que se contradizem» — escreve êle numa interessantíssima carta dirigida em 1878, de New-Castle, ao sr. dr. Teofilo Braga. (3)

O Primo Bazilio e O Crime são os romances considerados como mais realistas, mais imoralizados, contudo o sr. dr. Fidelino de Figueiredo considera o primeiro, na sua serena e minuciosa análise «uma obra de imaginação, animada dum elevado propósito de morigeração» e o segundo um romance completo que integralmente satisfaz, «de superior beleza e de elevada moral.» (4)

O sr. dr. Teófilo Braga, que em matéria literária, não é

---

(1) Eça de Queiroz — *Prosas Barbaras.*

(2) João de Meyra — *Influencias estrangeiras em Eça de Queiroz.* Vila Nova de Famalicão. Tip. Minerva — 1912.

(3) Teófilo Braga — *Quarenta anos de vida literaria*, pag. 92.

(4) Fidelino de Figueiredo — *Hist. da lit. realista.* Lisboa, 1914. pag. 140 e 142.

fácil de contentar reputa também inexcedível o primeiro dêstes romances: «não haverá nas literaturas europeas romance que se lhe avantage. Há ali a construção segura de Balzac, o acabado artístico de Flaubert, a crueza real mas imponente de Zola, os quadros completos como um Daudet.» (1)

Porêm, uma das mais graves e importantes acusações feitas ao eminente autor da CIDADE E AS SERRAS é a de que êle foi um escritor desnacionalizado, que as figuras dos seus romances não são portuguesas.

Como escreve o ilustre poeta e escritor dr. Alberto de Oliveira «os espíritos mais sagazes e refractários ao contágio dos logares comuns não hesitam em afirmar, aliás na intensão menos depreciativa, que Eça de Queiroz foi o escritor português menos português que ainda houve em Portugal.» (2)

Isto não é verdade. Eça adorava a sua terra, a luminosa, a ridente e linda terra de Portugal; a acção dos seus romances, escritos no estrangeiro, desenvolve-se em meios portugueses e toda a galeria de personagens da sua obra é genuinamente nacional.

Êle amava a sua pátria; o que fortemente detestava eram os ridículos da sociedade portuguesa que desassombradamente classifica de mesquinha, estúpida, convencionalmente pateta, grotesca e pulha. (3)

Os conselheiros Acácios e os literatelhos acéfalos que Eça tão flagrantemente personaliza na figurinha alvar do Ernestinho é que lhe não perdoam as ironias e as incoerências.

---

(1) Teófilo Braga — *As modernas ideas na lit. portuguesa*. Tomo II, pag. 303.

(2) Alberto de Oliveira — *Obra cit.*, pag. 51.

(3) Teófilo Braga — *Quarenta anos de vida lit.*, pag. 93.

Das centenas de tipos que povoam os seus romances e que constituem a prole literária de Eça todos êles viveram e se agitam ainda no nosso meio. Mesmo as figuras episódicas, fugitivas, mal esboçadas se tornam inconfundíveis pelos seus ligeiros traços porque foram todas elas copiadas do natural, arrancadas ao tablado da vida nacional. Toda a série curiosíssima de personagens arroladas por Eça são etnográfica e psicológicamente exactas, bem estigmatizadas nas suas taras, nos seus defeitos, nos seus vícios e na crueldade impiedosa como êle os rubrica, como êle desfaz as suas existências, como as arrasta pela amargura da vida, como as ridiculariza, é que está o seu forte realismo.

Seria interessante fixar aquí a lista verdadeiramente curiosa de todas as suas personagens genuinamente portuguesas, mas não é êsse o objectivo do nosso despretencioso artigo; o que pretendemos apenas é reabilitar Eça da acusação que mil vezes lhe tem sido dirigida de que êle desprezou sempre a sua terra.

«Acusam-no de não ser um escritor português a êle que vivendo quase sempre no estrangeiro fez todos os seus livros sôbre assuntos nacionais, e constantemente teve os olhos presos na visão desta terra que êle sobretudo criticou — porque a queria a melhor e a mais bela. O meio em que evolucionam os tipos que a sua imaginação creou, foi sempre on osso», assim escreve Justino de Montalvão numa das suas magníficas e brilhantíssimas crónicas.

Eça lá fóra viveu sempre assoberbado por uma profundíssima nostalgia, nostalgia que êle deixou bem documentada na CIDADE E AS SERRAS, livro que é, como diz Paulo Osório, «de todos o mais nosso e o que mais encanta, o único que, roçando apenas a miséria humana, se eleva alto, num vôo de optimismo e crenças, e cuja leitura, para mais com o brilho dum estilo adoravel, tonifica, faz bem.»

Com as suas subtis ironias, com os seus famosos paradoxos, com as futilidades mundanas, Eça procurava afogar as saudades da Pátria, mas, de quando em quando, elas espicaçavam-lhe a alma e assim, recordando os seus tempos de estudante, das alegres guitarradas, a horas mortas, pelas ruas estreitas do velho burgo coimbrão, escreve em uma das cartas a madame Jouarre: «E o dia na quinta finda... enquanto na guitarra ao lado geme algum dos fados de Portugal, longo em saudades e em ais, e a lua, ao fundo da varanda, uma lua vermelha e cheia, surde como a escutar, por detraz dos negros montes.» (1)

Dando relevo às suas preocupações de *touriste* intelectual fantasia o MANDARIM.

Pois ainda mesmo dentro de todo êsse exotismo encontramos uns laivos de paisagem portuguesa.

Teodoro, quando do alto das muralhas de Pekin envolve com o olhar triste a grande cidade, sente invadir-lhe a alma uma profunda melancolia, lembra-se com saùdade da sua aldeiazinha minhota.

«... era como uma saudade de mim mesmo, um longo pezar de me sentir ali isolado, absorvido naquele mundo duro e bárbaro: lembrei-me com os olhos humedecidos, da minha aldêa do Minho, do seu adro assombreado de carvalheiras, a venda com um ramo de louro à porta, o alpendre do ferrador, e os ribeiros tão frescos quando verdejam os linhos...» (1)

Como se vê, as personagens dos seus romances, mesmo quando peregrinam por longínquas terras, afoga-as a saúdade da Pátria. O Teodorico Raposo da RELIQUIA, farto

---

(1) Eça de Queiroz — *Correspondência de Fradique Mendes.* 1909 3.ª ed. pag. 218.

(1) Eça de Queiroz — *O Mandarim.* 1.ª ed. 1880, pag 110.

das remotas paragens orientais, de volta de Jerusalém, exulta de prazer quando, num hotel do Egito sabe que, finalmente, pode regressar a Lisboa porque «um vapor de gado, *El Cid Campeador*, partia de madrugada para as terras bemditas de Portugal!» (1)

A paisagem é sempre duma flagrante verdade.

«Algumas páginas descritivas — como escreve Alfredo de Carvalho num seu interessante opúsculo — são traçadas por mão de mestre, e valem como esplêndidas aguarelas, a que os anos não conseguem delir a belesa viçosa. As paisagens do PADRE AMARO conservam-se agora mesmo, em torno de Leiria, e com uma egual distribuição de tonalidades e uma inesmaecida policromia de outrora.» (2)

Realmente que luminosa aguarela é esta em que Eça nos descreve um recanto da paisagem do Liz:

«A tarde descaía muito límpida; o alto ceu tinha uma pálida côr azul; o ar estava movel. Naquele tempo o rio ia muito vazio; pedaços de areia reluziam em sêco; e a agua baixa arrastava-se com um marulho brando, toda enrugada do roçar dos seixos.

. . . .

«Com a inclinação do sol a agua perdia a sua claridade espelhante, estendiam-se as sombras dos arcos da ponte. Do lado das colinas ia subindo um crepúsculo esfumado, e as nuvens côr de sanguinea e côr de laranja que anunciam o calor, faziam, sôbre os lados do mar, uma decoração muito rica.» (3)

---

(1) Eça de Queiroz — *A Religuia*, 6.ª ed. 1918, pag. 316.

(2) Alfredo de Carvalho — *Eça de Queiroz* (sua primeira fase literaria) Lisboa, 1918. pag. 47.

(3) Eça de Queiroz — *O Crime do Padre Amaro*, 7.ª ed. 1919. pags. 10 e 11.

Interessante e fortemente colorida é tambêm a seguinte descrição duma quínta minhota:

«... por aqui me quedei, olvidado do mundo e de mim, na doçura destes ares, destes prados, de toda esta rural serenidade que me afaga e me adormece.

....

«Adiante é a horta viçosa, cheirosa, suculenta, bastante a fartar as panelas todas de uma aldeia, mais enfeitada que um jardim, com ruas que as tiras de morangal orlam e perfumam, e as latadas ensombram, copadas de parra densa. Depois a eira de granito, limpa e alisada, rijamente construida para longos séculos de colheitas, com o seu espigueiro ao lado, bem fendilhado, bem arejado, tão largo que os pardais voam dentro como num pedaço de céo. E por fim, ondulando ricamente até ás colinas macias, os campos de milho e de centeio, o vinhedo baixo, os olivais, os relvedos, o linho sôbre os regalos, o mato florido para os gados...

....

«De madrugada os galos cantam, a quinta a corda,os cães de fila são acorrentados, a moça vai mungir as vacas, o pegureiro atira o seu cajado ao hombro, a fila dos jornaleiros mete-se às terras — e o trabalho principia, êsse trabalho que em Portugal parece a mais segura das alegrias e a festa sempre incansavel, porque é todo feito a cantar. As vozes vêm, altas e desgarradas, no fino silêncio d'alem, dentre os trigos, ou do campo em sacha, onde alvejam as camisas de linho crú, e os lenços de longas franjas vermelhejam mais que papoulas.»

....

E referindo-se aos jantares da quinta de Refaldes, exclama orgulhosamente :

....

«Em palácio algum, por essa Europa superfina, se come na verdade tão deliciosamente como nestas rústicas quintas de Portugal.»

E prosseguindo num verdadeiro cântico à terra portuguesa conclue:

«Os arvoredos repousam numa imobilidade de contemplação, que é inteligente. No piar velado e curto dos pássaros ha um recolhimento e consciência de ninho feliz. Em fila, a boiada volta dos pastos, cançada e farta, e vae ainda beberar ao tanque, onde o gotejar da agua sob a cruz é mais preguiçoso. Toca o sino a Ave-Marias. Em todos os casaes se está murmurando o nome de Nosso Senhor. Um carro retardado, pesado de mato, geme pela sombra da azinhaga. E tudo é tão calmo e simples e terno, minha madrinha, que, em qualquer banco de pedra em que me sento, fico enlevado, sentindo a penetrante bondade das coisas, e tão em harmonía com ela, que não ha nesta alma, toda encrostada das lamas do mundo, pensamento que não podesse contar a um santo...

Verdadeiramente estas tardes santificam.» (1)

....

E aquí e alí, em toda a obra de Eça, pequeninas manchas, esplendidos carvões esquissando-nos amorosamente lindos fragmentos da nossa paisagem tão cheia de luminosidade, de côr e de sentimento.

As telazinhas sôbre Sintra d'Os MAIAS; as d'A ILLUSTRE CASA DE RAMIRES e tantas outras, dão-nos flagrantemente a fisionomia pitoresca dos nossos campos e das nossas cidades e demonstram-nos que todos êsses trechos do nosso Portugal se conservavam na retina de Eça mesmo

---

(1) Eça de Queiroz—*A Correspondencia de Fradique Mendes*. 3.ª ed Porto, 1909, pags. 212-218.

quando em terras alheias e longínquas, onde foram escritas as melhores páginas dos seus melhores romances.

Vivendo no estrangeiro, êle só se interessa pelo seu país.

Mas onde Eça exprime o seu grande amor à terra lusa é sem dúvida no livro póstumo A CIDADE E AS SERRAS. Nessa obra, escrita com a ternura dum enamorado, êle redime bem o grande pecado de haver sido alguma vez ingrato para com ela, quando ainda mal a conhecia.

«Enquanto conheceu mal o seu país, em que abundam maravilhas de beleza, feriu-o cruelmente com alfinetadas de violenta e implacável crítica. Mas não tardou a emenda do irremissível êrro.

«Ao fim da longa curva que seguiu na sua evolução literária, a transformação por que passou o espírito do escritor exímio era completa e êle pôde então ver os encantamentos da sua terra, cujas serras alcantiladas, o verdejar dos vales aos píncaros, algumas vezes o agasalharam à sombra dos densos arvoredos, perfumados pelo aroma agreste e picante dos montes floridos. Nessa hora de visão clara, Eça de Queiroz compôs e dedicou-lhe harmoniosos hinos bucólicos a que deu toda a alma...» (1)

Quem não conhece essas deliciosas páginas em que Eça nos descreve a beleza incomparável das serras e dos vales do Douro e que tanto maravilharam Jacinto, o principe da Grã-Ventura, o hyper-civilisado do n.º 202 dos Campos Elísios? Como êle admira «o divino Artista que faz asserras e que tanto as cuidou, e tão ricamente as dotou, neste seu Portugal bem-amado!» (2)

O acendrado amor pelo nosso belo torrão manifesta-o

---

(1) Antonio Cabral — *Eça de Queiros*. 1916, pag. 10 e 11.

(2) Eça de Queiroz — *A Cidade e as Serras*, 1908, 3.ª ed. pag. 204.

Eça ainda quando em Paris, cheio de nostalgia talvez, fecha um dos seus romances com êste período:

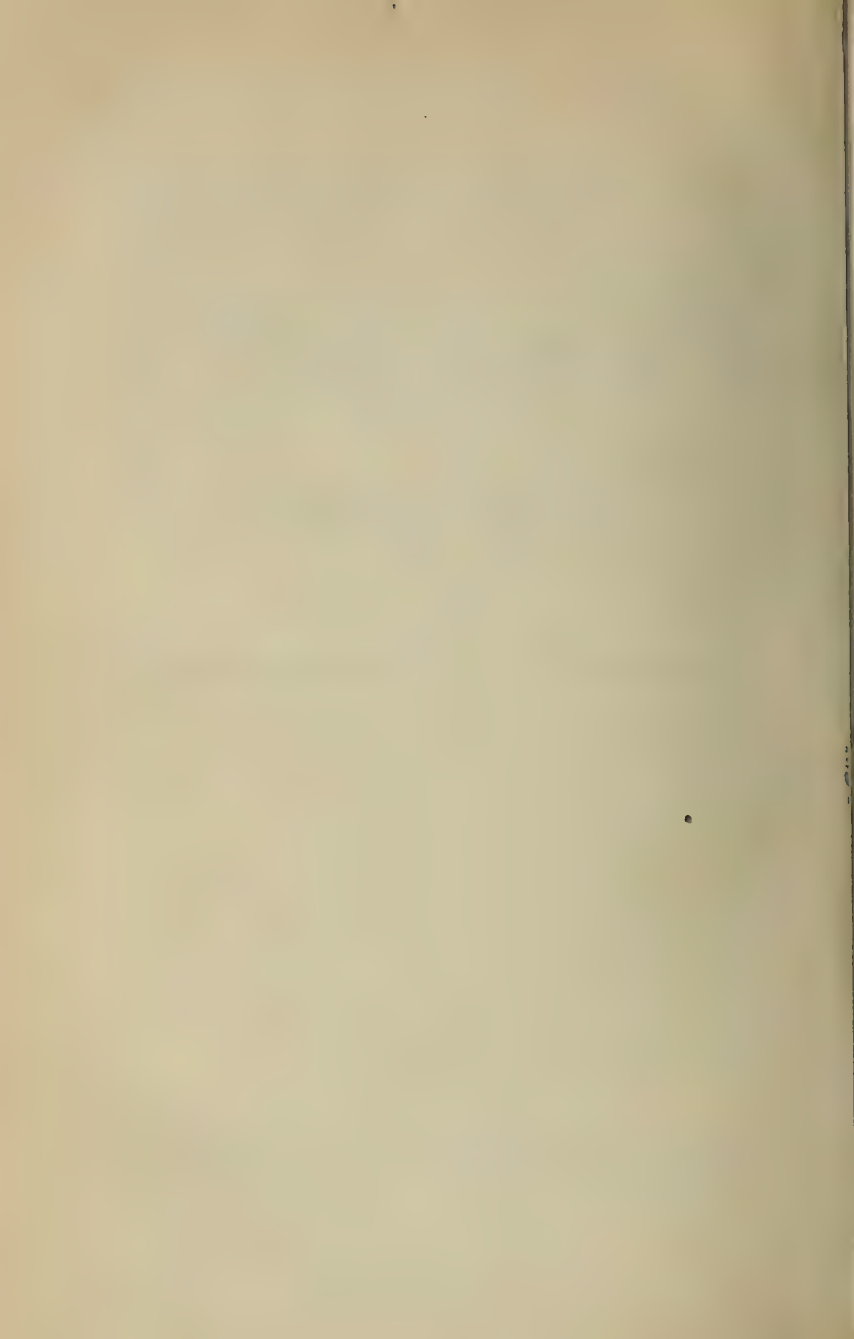
«... e padre Soeiro, com o seu guarda-sol sob o braço recolheu à Torre vagarosamente no silêncio e doçura da tarde, rezando as suas Ave-Marias, e pedindo a paz de Deus para Gonçalo, para todos os homens, para campos e casaes adormecidos, e para a terra formosa de Portugal, tão cheia de graça amoravel, que sempre bemdita fôsse entre as terras.» (1)

ELOY DO AMARAL.

---

(1) Eça de Queiroz — *A Illustre Casa de Ramires*. 2.ª ed. 1904, pag. 547.

EÇA DE QUEIROZ

(SUBSÍDIOS PARA A SUA BIBLIOGRAFIA)

Eça de Queiroz

lendo «O Figaro» no jardim de sua casa em Neuilly

Estas notas bibliográficas são apenas apontamentos e não um trabalho bibliográfico. O seu compilador, absolutamente carecido de tempo, não quiz porem deixar de acceder ao convite amavel de Cardoso Martha. Só por isso êles se encontram aqui, assim como vão.

O Crime do Padre Amaro. (1) Scenas da vida devota. Edição definitiva. Lisboa, Typ. Castro Irmão. 1876. IV - 362 pg.

— Nova edição, inteiramente refundida e recomposta. Porto, 1880 — IX - 3 - 674 pg.

— 3.ª ed., inteiramente refundida e differente na forma e na acção da edição primitiva. Porto, 1889 — XII - 674 pg.

— 4.ª ed., inteiramente refundida, recomposta, e differente na forma e na acção da edição primitiva. Porto, 1901, retrato, VIII - 726 pg.

— 5.ª ed. id. Porto, 1910, retr. VIII - 725 - 3 pg.

— 6.ª » id. » (1917) 734 pg.

— 7.ª » id. » 1919, retr. VIII - 591 - 1 pg.

— 8.ª » id. » 1920 » VII - 1 - 556 pg.

---

(1) Foi escrito em 1871 e lido a alguns amigos em 1872. Publicado primitivamente na *Revista Occidental*. (Lisboa — 2 vols. 1875).

V. *Chronicas immoraes* por Albino Forjaz de Sampaio. Cap. *A Tortura do estylo*.

O Primo Bazilio. (1) Episodio domestico. 1.ª ed. Porto, 1878 — 636 pg.

— 2.ª ed., revista. Porto, 1879, retrato, 608 pg.
— 3.ª » » 1887, 608 »
— 4.ª » » 1901, retr., 630 »
— 5.ª » » 1908, » 655 - 1 pg.
— 6.ª » » 1915, » 659 - 1 »
— 7.ª » » 1920, » 592 pg.

Em 1878 teve Eça de Queiroz preparado para sair um romance de que, creio, chegaram a compor-se e imprimir-se 16 pg. Intitulava-se «Scenas portuguezas | I | A Capital | por | Eça de Queiroz | (E. C. em monograma) | Livraria internacional | de Ernesto Chardron, editor | Porto e Braga | — | 1878 | » No verso desta pg., ao fundo: «— | Porto | Typ. de A. J. da Silva Teixeira | 62, Cancella Velha, 62 | 1878 | »

Na pg. seguinte começa: | I | Era na estação d'Ovar (ca-minho de ferro do | Norte), na primeira semana d'Abril. De manhã | chovera; mas a tarde cahia muito clara, com | uma frialdade fina. |

A 1.ª pg. tem 16 linhas além da do I indicativa de capítulo e todas as outras 32.

Deviam seguir-se a êste os romances *O milagre de Valle de Reriz* e *O conspirador Mathias*.

---

(1) *O Primo Bazilio* foi adaptado á scena e representado no Theatro Phenix Dramatica do Rio de Janeiro, em beneficio do actor Silva Pereira, em sexta-feira 24 de Maio de 1878. Representavam o *Comendador Baptista,* Vasques; o *Primo Bazilio*, Silva Pereira; *Luiza*, Rosa Villiot e a criada *Juliana,* Isabel Porto.

Não ha muito tambem o escritor portuense Vaz Pereira fez uma adaptação do romance, subindo á scena no Teatro do Ginásio, em Lisboa. Foi apenas a primeira noite.

O Mandarim. 1.ª ed., Porto, 1879.
— 2.ª ed., Porto, 1880, IV - 181 - 3 pg.
— 3.ª » » 1889, 183 pg.
— 4.ª » » 1900, retrato, 183 - 1 pg.
— 5.ª » » 1907, » VIII - 183 - 1 pg.
— 7.ª » setima edição, illustrada, com um prefacio do auctor. (É a carta em francês ao Redactor da *Revue Universelle)*, Porto, 1919, retr., VIII - 175 - 1 pg.

A Reliquia. (1) 1.ª ed., Porto, 1887 - XVIII - 441 - 1 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1891, 16 - 441 - 1 pg.
— 3.ª » » 1902, retr., 16 - 495 - 1 pg.
— 4.ª » » 1909, 436 pg.
— 5.ª » » 1915, retr. 12 - 419 - 1 pg.
— 7.ª » » 1920, » X - 329 - 1 »

Os Maias. Episodios da vida romantica. 1.ª ed., Porto, 1888, IV - 458 pg. e 520 pg., 2 vols.
— 2.ª ed., Porto, s/d. (1903) est. - 467 - 1; 520 pg.
— 3.ª » » » (1912) retr. 518 - 2; 566 - 2 pg.
— 5.ª » » 1920 » 453 - 3; 497 - 3 »

A illustre casa de Ramires. (2) 1.ª ed., Porto, 1900, 543 - 1 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1904, retr., 347 - 1 pg.
— 3.ª » » 1912, » 340 - 4 »
— 5.ª » » 1920, » 488 pg.

---

(1) Veio primeiramente em folhetins na *Gazeta de Noticias* do Rio de Janeiro.

(2) Publicado na *Revista Moderna,* editada em Paris por Martinho Botelho, desde o n.º 10 (Nov.º 1887). Não concluiu. Eça reviu o livro apenas até pg. 417.

Correspondencia de Fradique Mendes. (1) (Memorias e notas). Porto, 1900, 244 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1902, retrato. — 248 pg.
— 3.ª » » 1909, » — 251 »
— 4.ª » » 1915, » — 268 »
— 5.ª » » 1919, » — 254 - 2 pg.

Diccionario de Milagres. (Coordenação inedíta por concluir). Outros escriptos dispersos. Lisboa, 1900, retr. e est. XXXVIII - 2 - 392 - 2 pg.
(Tem artigos de Silva Bastos, Melo Freitas e José Sarmento).

A Cidade e as Serras. (2) Porto, 1901, retr., 380 - 2 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1903, est., 384 - 2 pg.
— 3.ª » » 1908, retr., 385 - 3 pg.
— 4.ª » » 1913, » 385 - 3 »
— 5.ª » » 1913, » 368 »
— 6.ª » » 1919, » 355 - 1 »

Contos. Porto, 1902, retr. — 4 - 352 - 2 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1907, 4 - 348 - 2 pg.
— 3.ª » » 1913, retr., IV - 348 - 2 pg.
— 5.ª » » 1921, » 6 - 331 - 1 »

Prosas barbaras. Com uma introducção de Jayme Batalha Reis. Porto, 1905, LIII - 3 - 246 - II pg.
— 2.ª ed., Porto, 1909, retr., LVIII - 1 - 2 - 279 - 7 pg.
— 4.ª » » 1919, » LXI - 3 - 275 - 3 pg.

---

(1) Publicado incompleto na *Revista de Portugal*.
(2) Eça reviu até pg. 241; o resto reviu R. Ortigão.

Cartas de Inglaterra. Porto, 1903, retrato. — 242 - 2 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1907, retr. — 246 pg.
— 4.ª » » 1919, » — 235 - 5 pg.

Echos de Paris. Porto, 1905, monum., IV - 241 - 3 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1911, retr., 271 - 1 pg.
— 4.ª » » 1920. » 227 - 1 »

Cartas familiares e bilhetes de Paris. (1893-96). Porto, 1907, retr., 262 - 2 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1913, retr., 260 - 4 pg.
— 3.ª » » 1918, » 259 - 1 »

Notas contemporaneas. Porto, 1909, retr. — 4 - 576 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1913, retr., 6 - 604 - 2 pg.
— 3.ª » » 1920, » VIII - 9 a 560 pg.

Ultimas paginas. (Manuscriptos ineditos). S. Christovam — Santo Onofre — S. Frei Gil — Artigos diversos. Porto, 1912, retr. — VII - 1 - 502 - 2 pg.
(Foi revisto por Luís de Magalhães).

Com Ramalho Ortigão publicou Eça:

As Farpas. — Chronica mensal da politica, das lettras e dos costumes. Lisboa. Saiu o n.º 1 em Maio de 1871. Consta de 4 series. A 1.ª de 26 n.ºs (1871 - 75); a 2.ª de 10 (1875); a 3.ª de 3 (1878) e a 4.ª de 3 (1882). Publicou-se 2.ª ed., de 13 volumes. Lisboa, 1887 a 1890, constituindo a colaboração de Eça os 2 volumes intitulados

Uma campanha alegre. Lisboa, 1890 - 91 — 374 - 2 pg. e 265 - 3 pg.

Tambem com Ramalho Ortigão publicou :

O Mysterio da Estrada de Cintra. *Cartas ao Diario de Noticias.* (1) 1.ª ed., Lisboa, 1870 — 261 - 3 pg.
— 2.ª ed., retocada e precedida de um prefacio. Lisboa, MDCCCLXXXV — X - 242 - 1 pg.
— 3.ª ed., Lisboa, MDCCCXCIV — XII - 192 - IV - IV pg.
— 4.ª » emendada e precedida d'um prefacio. Lisboa, 1902 — 204 - 4 pg.
— 5.ª ed., Lisboa, 1913 — 204 - 4 pg. de *Indice.*

Suave Milagre. O Conde de Arnoso extraiu de um conto de Eça a peça que com versos de Alberto de Oliveira e música de Oscar da Silva se representou no Theatro de D. Maria II em

Está publicado: Lx.ª, 1902. Mysterio em 4 actos e 6 quadros. 1 aguarela do Rei D. Carlos. 119-1 pg.

TRADUZIU

As Minas de Salomão, por Ridder Haggard. Porto, 1891 VII - 1 - 317 - 3 pg.
— 2.ª ed., Porto, 1902, retrato. — VII - 1 - 317 - 3 pg.
— 3.ª » » 1911, » — VII - 1 - 313 - 3 »
— 5.ª » » 1920, » — VIII - 261 - 3 pg.

(1) Insertas desde o n.º 1660 a 1715 — 24 de Julho a 27 de Setembro de 1870.

DIRIGIU

Revista de Portugal. 4 vols. Porto, 1889 — 90 - 91 - 1892 — 790, 862, 770, 818 pgs.

Almanach Encyclopedico. Parceria Pereira.
— 1896.
— 1897 — 406 pg., Lx.ª

Escreveu para ambos o prefácio, respectivamente *Almanachs* e *Adão e Eva no Paraizo,* depois reproduzidos no *Diccionario de Milagres.*

CONTRAFACÇÕES

Brazileiras

O Crime do Padre Amaro. Rio de Janeiro. Typ. da Gazeta de Noticias — 1878 — 8.º peq.º 557 pg.
Singularidades de uma rapariga loira. R. Janeiro. Casa Mont'Alverne, 1900 — 48 - 2 pg.
O Defunto. R. de Janeiro. Domingos de Magalhães, editor. Off.ᵃˢ da Livraria Moderna. 95 - 1 pg.

TRADUÇÕES

Hespanholas

El crimen del Padre Amaro.
El primo Basilio. — Traduccion de Ramon del Valle Inclan. Barcelona, 1904, 2 vols., 256 e 237 pg.
El Mandarin.

La Reliquia. — Traduccion de Ramon del Valle Inclan. Barcelona, 1902, 254 pg.

Anunciando esta tradução de *A Reliquia,* diz o catálogo da casa editora Maucci (Barcelona, 1902):

«Al aparecer este libro en Portugal, su autor, conocido ya por otras novelas de gran merito, fué objeto de vivas censuras por parte de los envidiosos de su gloria literaria, que llegaron al extremo de acusarle de plagiario, citando á este propósito las *Memorias de Judas,* de Petrucelli della Gatina.

....

Esta satira revela verdadero ingenio español y tiene sabor cervantesco. Queiroz desciende en linea recta de nuestros picarescos novelistas de la edad de oro.»

La Reliquia. — Traduccion de Camilo Bargíela y Francisco Villaespesa. Barcelona, 1901. Tomo I. (E' completa n'este vol.). — 8.º de 4-278-101 pg.

— Outra ed. Barcelona, 1904. 2 vols.

Antero de Quental, Victor Hugo y otros ensayos (Notas contemporaneas), — Traduccion, prólogo y notas de Andrès Gonzalez Blanco. Obra inedita en castellano. Madrid, 1919 — XXVIII — 255-5 pg.

Cartas de Inglaterra. — Version castellana de Aurelio Viñas. (Obra inedita en castellano).

Los Maias. — Version castellana de Augusto Riera (3 tomos).

Cartas familiares y billetes de Paris. — Version castellana, de la segunda edicion portuguesa, por C. de Velasco. Habana, 1919.

Paris, Flaubert, la «Antigona» de Sófocles, Victor Hugo, Lemaitre, Brunetière, etc. — Trad. de A. Gonzalez Blanco. 8.º, 285 pg.

Obras de Eça de Queiroz — San Onofre. — Trad. de A. Gonzalez Blanco. Madrid, s/d. (1920).

Até pgs. 70: *Eça de Queiroz* (breve bosquejo biográfico-crítico).

Ultimos Ensayos. — Trad. de A. Gonzalez Blanco. Madrid. 8.º

Una campaña alegre. — Trad. de N. Fernandez Flórez. Madrid. 8.º

Obras — Una campaña alegre. — Trad. de N. Fernandez Flórez. Madrid, 1920 (Biblioteca Nueva).

La muerte de Jesus — Poema bíblico. — Trad. de M. Féneeh. 8.º

La ilustre casa de Ramires. — Version castellana de Pedro Gonzalez Blanco.

Epistolario de Fradique Mendes. — Trad. de Juan Jose Morato. Barcelona, 1907. 192 pg.

La ciudad y las sierras. — Version castellana de Ed. Marquina. Barcelona, 1903.

El misterio de la carretera de Cintra. — Trad. y prólogo de Enrique Amado. Madrid. Francisco Béltran.

Leyendas de Santos. — I. San Cristóbal. — Trad. de Enrique Amado. 1915.

Criticando as *Leyendas de Santos* diz a *España*, n.º 52, que «el estilo de Eça, marcadamente flaubertiano, tiene jugo e suavidad portugueses».

Cuentos. — Trad. de Enrique Amado.

Idem. — Trad. de la última edicion portuguesa por A. Gonzalez Blanco. Madrid, (Biblioteca Nueva). 8.º

Prosas bárbaras y otros ensayos. — Trad. de Andrés Gonzalez Blanco. Madrid, (Biblioteca Nueva). 240 pg.

La decadencia de la risa. — Trad. y prólogo de A. G. Blanco. 1 vol., 8.º, 261-3 pg.

El señor Diablo. — Trad. id.

La Nodriza. Singularidades de una muchacha rubia. Adan y Eva en el Paraiso. Un poeta lírico. — Trad. de Miguel A. Ródenas. Barcelona — 16.º — 170-6 pg. E' o n.º 108 da Collección Diamante.

Don Juan Luís... Pacheco y su inmenso talento presentidos en 1870 por Eça de Queiroz.—El talentoso Pacheco. — Imprenta Continental — Valparaiso, 1915. Folh. de 4 pg.

E' a célebre carta extraída da *Correspondencia de Fradique Mendes* e aproveitada como pasquim contra um dos candidatos à presidencia da República Chilena.

*

Num volume da Societat Catalana de Edicions, de Barcelona, dedicado aos Contistas portugueses, Ribera i Rovira traduziu *O Defunto*. Não consegui examinar êsse volume.

FRANCESAS

Le Mandarin. — Traduit du portugais par Claude Frazac et Jacques Crépet. In *La Revue,* de Paris, n.ºs 15, 16 e 17, de 1 ago. a 1 set. de 1911. Vem precedido, de pg. 335 a 342 do n.º 15, por um estudo sôbre *Eça de Queiroz,* assinado pelo 1.º daqueles tradutores.

Claude Frazac é o pseudónimo do escritor português Cristiano Frazão Pacheco.

La Nourrice, in *Les Mille Nouvelles nouvelles.* — Paris.

E' o último conto do n.º 2, que decorre de pgs. 137 a 143. Vem precedido em pgs. 136 duma curta noticia sobre o romancista, onde, entre outras inexactidões, se escreve que nasceu em Aveiro.

ITALIANA

La Reliquia. — Trad. de Luigi Siciliani. — Ed. de R. Carabba in Lanciano — 1913.

*

No jornal *O Seculo* de 30 de Agosto de 1900 anuncia-se que está no prélo uma trad. italiana de *O Crime do Padre Amaro* por Vittorio Baroncelli. Não sei se chegou a publicar-se.

INGLESAS

The sweet miracle. — Trad. de Edgar Prestage.

1.ª ed., London, 1904 — 37 pg.
2.ª » » 1904 — 37 »
3.ª » » 1905 — 37 »
4.ª » Oxford 1914 — 35 »

As 3 primeiras edições trazem a reproducção da aguarela do rei D. Carlos. São todas em 4.º

Ha uma contrafacção americana de Portland (Maine), 1906 — VIII - 33 - 7 pg.

Eça de Queiroz and the Correspondence of Fradique Mendes.—Trad. de Edgar Prestage. London, 1906. 8.º, 12 pg. (E' a versão da história de Pacheco, o homem de imenso talento).

Our lady of the Pillar. (O Defunto). — Trad. de Edgar Prestage. London, 1906. Est. - XIII - 88 pg., 8.º

Noticia de F. F. ácerca desta trad., a pg. 205 do 1.º vol. da *Revista de Historia*.

The Dragon's teeth. — Boston (?).

E' uma trad. de *O Primo Basilio* de que não tenho mais detalhada noticia.

*

No *Manchester University-Magazine* publicou Edgar Prestage *The children's festival* (versão do n.º XI das *Cartas de Inglaterra)*.

O drama de Alberto de Oliveira foi traduzido pelas freiras de Notre Dame e publicado com o titulo de *The sweet miracle. A mystery place.* London, 1905.

Fez-se outra ed. London, 1910. — 32 pg. 8.º com a aguarella do rei D. Carlos.

Alemã

Stadt und Gebirg. (A Cidade e as Serras). — Trad. de Louise Ey. Sttutgart, 1903 — 8.º

Apreciações desta trad. no *Hamburger Fremdenblatt* e na *Feder,* órgão da *Allgemeiner Schrifssler Verceis,* de Berlim. Trad. transcritas no n.º 5.937 do jornal *Novidades,* de 29-8-1903.

Sueca

Na Lilla Rosa och Andra Berättelser. — Por Goran Björkmann. Stockholm. (Adolf Bonnier). 193-1 pg.

PREFACIOU

Azulejos. — Por Bernardo Pinheiro Pindella. Porto. 1886. — XXXVIII — 176 pg.

O brazileiro Soares. — Por Luiz de Magalhães. Carta-prefacio. Porto, 1886. O prefacio vai de págs. V a XXI.

Luiz de Camões. (1). — Por Joaquim de Araujo. Poemeto. Porto, 1887. XII-67-1 pg. A carta de Eça que serve de prefácio é datada de Bristol 15 de Junho, e vai de pg. VIII a IX.

— 2.ª ed., Porto, 1887. XI-67 pg. 8.º peq.

— 3.ª » Lisboa, 1894. 8.º peq. de 62 pg.

— 4.ª » Hayward (California), 1897. 8.º peq. de 62 pg. — 50 exemplares.

Aquarellas. — Por João Diniz. Porto, 1889. O prefácio, datado de Bristol, 1888, vai de pgs. IX a XXIII.

COLLABOROU

Gazeta de Portugal. Lisboa, 1867. Traz a seguinte colaboração: *O Milhafre* (n.º 1456 de 6 de Outubro); *Lisboa* (n.º 1462 de 13); *O Senhor Diabo* (n.º 1468 de 20); *Uma carta a Carlos Mayer* (n.º 1479 de 3 de Novembro); *Da pintura em Portugal* (n.º 1485 de 10); *O Lume* (n.º 1491 de 17); *Mephistopheles* (n.º 1503 de 1 de Dezembro); *Omphalia Benoiton* (n.º 1515 de 15); e *Memorias d'uma forca* (n.º 1521 de 22).

Districto de Evora. — N.º 1 de 6 de Janeiro a 66 de 25 de Agosto de 1867.

E. de Q. dirigiu por algum tempo êste jornal, e dêle são todos os artigos assinados A. Z. e muitos outros sem assinatura. Eça saiu de Evora a 1 de Agosto de 1867, não sendo portanto já de sua direc-

(1) Traduzido em italiano: — *Gioachino de Araujo* — *Luigi de Camoens. Poemetto. Con una lettera di Eça de Queiroz. Traduzione dal portoghese di G. Zuppone-Strani. Genova. Tip. del R. Istituto Sordo-Muti, 1895.* 16-1 pg. A carta de Eça occupa as pg. 7 a 9.

ção os n.os a partir do 60, como se vê da declaração inserta na 1.ª pág. dêsse número:

«J. M. d'Eça de Queiroz declara que desde o dia 1.º de Agosto deixou de ser o redactor e director politico do jornal «Districto de Evora», e, desligado da empreza fundadora, dá como terminada a sua responsabilidade material, moral, politica e literaria.»

Revolução de Setembro. — N.º 8167, de Lisboa, 29 de Agosto de 1869. Folhetim, em verso, contendo: *Soneto; Serenata de Satan ás estrellas; A velhinha; Fragmentos da guitarra de Satan.* Vem assinado «Carlos Fradique Mendes», e precedido dalgumas palavras sôbre o autor, onde se diz que tem preparadas tres colecções de poesias: *A guitarra de Satan, Boleros de Pan* e *Ideas selvagens.* (1).

Idem. — Folhetim *A Morte de Jesus,* n.os 8352 de 13 de Abril de 1870 a 8419 de 8 de Julho do mesmo ano. Incompleto.

Diario de Noticias. Lisboa, 1870. Insere: *De Port-Said a Suez.* Descripção das festas da abertura do Canal. N.os 1507 a 1519 de 18 a 21 de Janeiro. (Folhetim).

Idem. — Insere, desde o n.º 12469 de 23 de agosto de 1900 até 12472 de 26 do mesmo mês, o conto *Singularidades d'uma rapariga loura,* em folhetins.

A Revista. — Illustração Luso-Brazileira. N.º 1, Paris, 5 de Junho de 1893: *Collecção Spitzer.*

---

(1) Caiel, no *D. de Noticias* de 25—III—1901, atribúi a Eça as 4 poesias *A' pomba que voou, Na vareta d'um leque, Risadas* e *Miserias,* insertas na *Rev. de Setembro* n.º 8408 de 23—VI—70, porque não leu no seguinte número a rectificação onde se diz que «por equivoco ou erro de revisão sahiu com o nome do sr. Eça de Queiroz o folhetim que era do sr. Gomes Leal».

A Illustração. — Revista de Portugal e Brazil. Director e propr. Mariano Pina. Paris, n.º 3 (1.º ano), de 5 de Julho de 1884: *A Inglaterra e a França julgadas por um inglez.*

— Idem, n.º 16 (2.º ano), de 20 de Agosto de 1885: *Uma carta sobre Victor Hugo.*

— Idem, n.º 10 (5.º ano), de 20 de Maio de 1888: *A Academia e a Litteratura.*

Reproduzida in *O Reporter* (Abril e Maio de 1888).

— Idem, n.º 14 (5.º ano), de 20 de Julho de 1888: *Ainda sobre a Academia.*

— Idem, n.º 7 (6.º ano), de pgs. 102 a 110: *Christo no pretorio* (fragmento).

— Idem, n.º 16 (7.º ano), de 20 de Agosto de 1890: *Cartas de Fradique Mendes.* (A Ramalho Ortigão).

O Atlantico.—Lisboa, 1880. Traz a seguinte colaboração: 28 de Março: *Um poeta lyrico* (Folhetim); 28 de Abril: *No Moinho;* 29 de Dezembro: *Brazil e Portugal* (carta a Pinheiro Chagas); 6 de Fevereiro de 1881: nova carta a P. Chagas com o mesmo título da anterior.

O Occidente, 10.º ano, n.º 304, de Lisboa, 1 de Junho de 1887. *A Reliquia* (excerpto).

Brazil-Portugal. — 2.º ano, 1901. De pgs. 259 a 263: *O Inverno em Londres.* Com muitas gravuras representando aspectos do funeral de E. de Q.

— Ibid. *Uma carta de Eça.* Pg. 327.

— Ibid. *A Capital.* Pg. 227.

— Idem, n.º 71, 3.º ano, Lisboa, 1 de Janeiro de 1902: *O Conto de Eça de Queiroz.* (É o *Suave Milagre,* reproduzido a seguir à notícia da representação da peça com o mesmo título).

— Idem, n.º 151, 7.º ano, Lisboa, 1 de Maio de 1905: *O Senhor Diabo.*

Branco e Negro, 1.° ano, n.° 7, Lisboa, 17 de Maio de 1896: *Um genio que era um Santo.* E' um excerpto.
— Idem, n.° 25, de 20 de Set., 1896: *O Milhafre.*
— Idem, n.° 44, de 31 de Jan., 1897: *Adão e Eva no Paraiso.* Precedido de algumas palavras de José Sarmento, e com retrato de Eça.

Almanach Illustrado do Brazil-Portugal para o ano de 1900. De pgs. 44 a 46: *Singularidades de uma rapariga loura.* (Excerpto).

Collectaneas, por Eduardo Prado. S. Paulo, 1904. Art.° *Eduardo Prado,* a abrir o 1.° vol. Foi primeiramente impresso na «Revista Moderna», de Paris, n.° 22, Julho de 1898.

Os melhores trechos da litteratura portugueza. — Lisboa e Porto, s/data. Traz excerptos de *S. Frei Gil (Ultimas paginas);* das *Cartas de Inglaterra (A festa das creanças);* e uma nota bibliográfica.

Correio da Manhã, Supplemento Litterario, ano 1.°, n.° 7, de 8 de Dez., 1884: *Os Maias.* E' um excerpto do romance.

Revista de Historia, 3.° vol., pgs. 82 e 84: *Carta de Eça de Queiroz a Fialho de Almeida.* Vem precedida de uma introdução por F. de F. (Fidelino de Figueiredo).

O Dia, n.° 561, de 16 de Ago., 1913: *Eça de Queiroz. 16 de agosto de 1900.* São algumas linhas anónimas seguidas de duas interessantissimas cartas inéditas do insigne escritor.

Prosas Modernas, por Candido de Figueiredo. Lisboa, 1885. De pgs. 55 a 59: *A Communa e o Chiado.* E' um extracto de *O Crime do Padre Amaro.*

Revista Moderna. Publicação quinzenal. Director M. Botelho. Paris, 5 de Maio de 1897. Ano I, n.° 1: *Chronica — A Revista.* De pgs. 11 a 19: *A Perfeição.*

Revista Moderna, n.º 2, de 25 de Junho de 1897: *José Mathias,* de pgs. 47 a 56.

Revista Occidental. Lisboa, 1875. Aqui foi pela primeira vez publicado *O Crime do Padre Amaro.* Vai de pg. 33 do n.º de 15 de Fevereiro (1.º vol.) até pg. 93 do 2.º vol. Traz esta nota final:

«Achando-se fóra de Portugal, não poude, o sr. Eça de Queiroz, dirigir pessoalmente a publicação do seu romance, e introduzir n'este modificações importantes que tencionava fazer».

A Renascença. Orgão dos trabalhos da geração moderna. Director Joaquim de Araujo. Porto, 1878. De pg. 17 a 22: *Ramalho Ortigão (Carta a Joaquim de Araujo).*

Beja-Creche. Coimbra, Abril de 1885. Número único, primitivamente impresso em Beja. A págs. 12: *Festa das creanças.*

Um feixe de pennas. Lisboa, 1885. A pg. 93 vem o conto *Outro amavel milagre* que depois, alterado pelo auctor, se chamou *Suave Milagre.*

A Actualidade. Porto, 1887. Para êste jornal, cuja colecção não consegui consultar, enviou E. de Queiroz, de Londres, várias correspondências.

Anathema. Número único. Coimbra, 1890. A págs. 44 e 45: *Fraternidade.*

A Victoria da Republica. Almanach de Propaganda Democratica, para 1891, collaborado pelos principaes escriptores republicanos. 6.º anno, Lisboa, 1890, pg. 133: *O Inverno em Londres.*

Brinde do Diario de Noticias. 9.º vol. Lisboa, 1873. De pg. 7 a 40: *As singularidades d'uma rapariga loira.*

Jornal da Louzan n.º 140, de 7 de Janeiro de 1888. *O Lume,* folhetim de Eça de Queiroz.

Um feixe de plumas. Lisboa, 1885. Numero unico. A colaboração de E. de Q., como toda a dêste número, é apócrifa.

Algarve e Alemtejo — Continuação do «Progresso do Sul». Faro, 3 de Abril de 1904. n.º 654, O folhetim *Outro amavel milagre.*

Os de Paris a João de Deus. — (8 de Março) 1895 — Paris - Lisboa. No fim: Xavier de Carvalho, director litterario... De pgs. 5 a 6, artigo sem título, que começa: «A alma poetica do Povo Portuguez encarnou em João de Deus». Datado de Paris, 22 de Fevereiro de 1895. Número único.

Anthero de Quental — In Memoriam. Porto, 1896. De pg. 421 a 522: *Um genio que era um Santo.*

Encyclopedia das Familias. Lisboa, 1902. Anno 16, n.º 182. Traz o conto *Suave Milagre.*

Quarenta annos de vida litteraria, por Theophilo Braga. (1860 - 1900). Lisboa, 1903. De pg. 92 a 94 duas cartas notáveis de E. de Q.

Gazeta da Figueira. 1 de Abril de 1899. *O templo.*

— Idem, 6 de Março de 1901. *Fragmento.*

— Idem, 22 de Agosto de 1921. *A illustre casa de Ramires* — (Fragmento).

A Voz da Justiça. Figueira da Foz, 1904. Inseriu em 11 folhetins o conto *Singularidades de uma rapariga loira*, desde o n.º 190, de 8 de Setembro, até 200, de 13 de Outubro.

— Idem, n.ºs 371, de 8 de Junho, a 373, de 15 do mesmo mês de 1906: *A Peninsula* (folhetim).

— Idem, n.º 551, de 8 de Março de 1908: *O Suave Milagre.* É uma paródia carnavalesca de Cardoso Martha, aplicando o conhecido conto de E. de Q. a um sujeito da Figueira-da-Foz.

Anais das Bibliotecas e Arquivos. Pg. 60 do 2.º vol., Lisboa, Janeiro - Março de 1921: *Ha duas especies de patriotismo...*

A B C do Banhista — Revista semanal — Figueira da Foz, 26 de Setembro de 1921. *Lugares selectos — João da Ega na Figueira* — Eça de Queiroz.
«Pastiche» de M. Cardoso Martha.

O Heraldo — Nova-Goa. Publicou, durante o ano de 1903, *As Minas de Salomão*, de Rider Haggard, trad. de Eça de Queiroz. Tenho presente o folhetim n.º 45.

O Festival de João de Deus — Apotheose do Poeta — 8 - III - 1895. Lisboa, 1905. Traz de pg. 455 a 458 um artigo transcrito do n.º único *Os de Paris a João de Deus*. (1)

Obras sôbre Eça

Arnaldo Fonseca — Eça de Queiroz. Os panegyristas da sua obra e os censores da sua carcassa. Lisboa, s/d. (1900), 35 - 1 pg.

Francisco Lagreca — Em defesa do Mestre. Resposta a Fialho d'Almeida, sobre o que escreveu contra Eça de Queiroz. S. Paulo, 1906. 4.º VIII - 130 pg.

Theophilo Braga — Eça de Queiroz e a sua obra. Conferencia. Na sessão solemne em Homenagem ao grande

---

(1) Não menciono nesta secção as inumeráveis selectas e outras obras escolares, que encerram trechos de livros de E. de Q.

romancista, effectuada pela Mocidade das Escolas Superiores em 5 de Março de 1901. Lisboa, 1901. 14 pg.

Fernandes Agudo — Apotheose a um romancista. Lisboa, 1901. 8.° 16 pg.

Manuel de Sousa Pinto — O monumento a Eça de Queiroz. Coimbra, 1904. 16-1 pg.

Eça de Queiroz. Questão de naturalidade. — Porto, 1906. 19-7 pg. Saiu tambem no n.° 6906 do jornal *Novidades*, de 17 de Nov., 1906. Reivindica para a Póvoa de Varzim o berço do escritor.

O Partidario — Villa do Conde, 4 de Dezembro de 1906. Suplemento ao n.° 329: Eça de Queiroz — Questão de naturalidade — Contestação por parte de Villa do Conde. 1 fl. fól. impr. dos dois lados.

É a resposta ao folheto anterior. Importante por inserir os documentos do baptismo e casamento de Eça e seus Pais, declarações dêstes, etc.

Miguel Mello — Eça de Queiroz. A obra e o homem. Rio de Janeiro, 1911. 228-4 pg.

José Agostinho — Os nossos escriptores. IV. Eça de Queiroz. Porto, 1909. retr., 127-1 pg.

João de Meira — Influencias estrangeiras em Eça de Queiroz. Famalicão, 1912. (Separata de pouquissimos exemplares do jornal *O Ave*).

A Eça de Queiroz. Na inauguração do seu monumento, realisada em Lisboa a 9 de Novembro de 1903. Discursos do Conde de Arnoso, Marquez d'Avila, Ramalho Ortigão, Luiz de Magalhães, Annibal Soares, Antonio Candido e Conde de Rezende. Poesia de Alberto d'Oliveira. Porto, 1904. 1 gr., IV-90-1 pg.

Alberto d'Oliveira — Eça de Queiroz. (Paginas de memorias). Lisboa, 1919. 212-4 pg.

Antonio Cabral — Eça de Queiroz. A sua vida e a sua obra. Cartas e documentos inéditos. Lisboa, 1916. retr., 430 - 2 pg.

Artigos àcêrca dêste livro: *O Liberal*, n.º 127, de 19 de maio de 1917, por *Mario; Diario de Noticias*, de 4 e 5 de maio de 1915, n.ºs 18135 e 18136, é n.º de 20 - 7 - 1916; *Revista de Historia*, pgs. 191 do 5.º vol., por Fidelino de Figueiredo.

Alfredo de Carvalho — Eça de Queiroz. (Sua primeira fase literaria). 1918. Lisboa. 68 - 2 pg. Publicado primitivamente no jornal *A Lucta*.

A Revista Moderna — Paris. (O n.º 99, que não pude consultar, é todo em homenagem de E. de Q.).

Xavier de Carvalho — De Garrett a Théophile Braga et à Eça de Queiroz. Discours prononcé le 10 Décembre 1903 à la Societé d'Études Portugaises. Paris, 1904. 19 pg. (Ref.as de pg. 17 a 18 e tradução de um trecho de Eça s/ João de Deus a pg. 15 e 16).

Bulhão Pato — Hoje. Satyras, canções e idyllios. Lx.a, 1888. 257 pg. Entre as pg. 10 e 11 estão intercaladas 4 pg. s/n. com o titulo *O Grande Maia. A' Ultima Hora, satyra a Eça de Queiroz.* Tem a seguinte nota: «Esta satyra escripta depois de completo este livro, não faz parte d'elle, embora o acompanhe, e não figura, portanto, no indice. — B. P.»

— Idem, Lazaro Consul. 3.ª ed., Lisboa, 1889.

Rafael Bordalo Pinheiro — Album das Glorias. N.º 9, de Julho de 1880. Retrato de E. de Queiroz com artigo de João Rialto (Guilherme de Azevedo).

Manuel da Silva Gayo — Eça de Queiroz. (Carta). Coimbra, 1920.

E' a sua colaboração neste *In-Memoriam*, profundamente modificada.

Cardoso Martha — Notas queirozianas. Lisboa, 1921.
E' uma separata do artigo com que colaborou nêste *In-Memoriam*. Tiragem de 40 exempl., sendo 3 em papel Whatman, 9 em papel de linho nacional e os restantes 28 em papel *vergé*.

A consultar

Abel Botelho — Eça de Queiroz, in revista *Serões*.
Idem — Eça de Queiroz, in *O Dia*, n.º 145, de 17 de Agosto de 1900.
Idem — Eça de Queiroz, in *Mala da Europa*, n.º 50, 6.º ano, de 21 de Agosto de 1900.

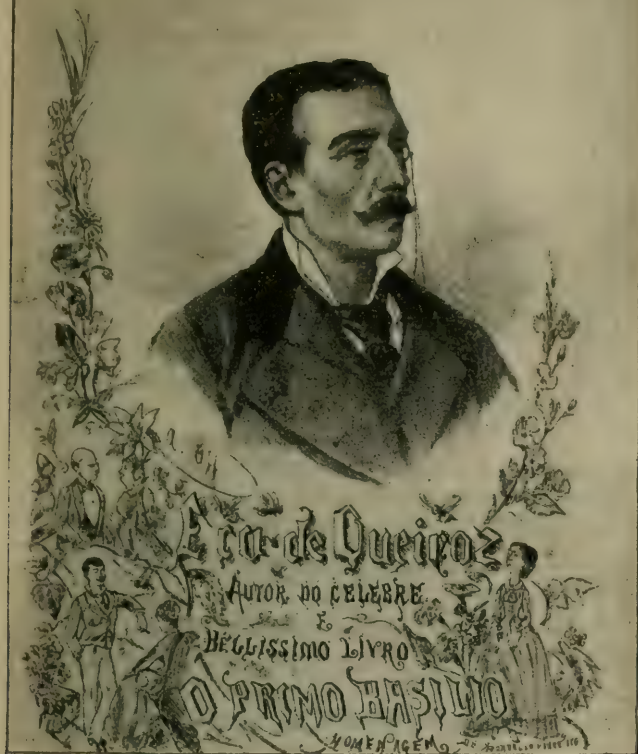
Adolpho Caminha — Cartas litterarias. Rio de Janeiro, 1895. Págs. 49 a 36.

Adolpho Coelho — Alexandre Herculano e o Ensino Publico. Lisboa, 1910. A págs. 207 e seguintes muitas referências a E. de Q.

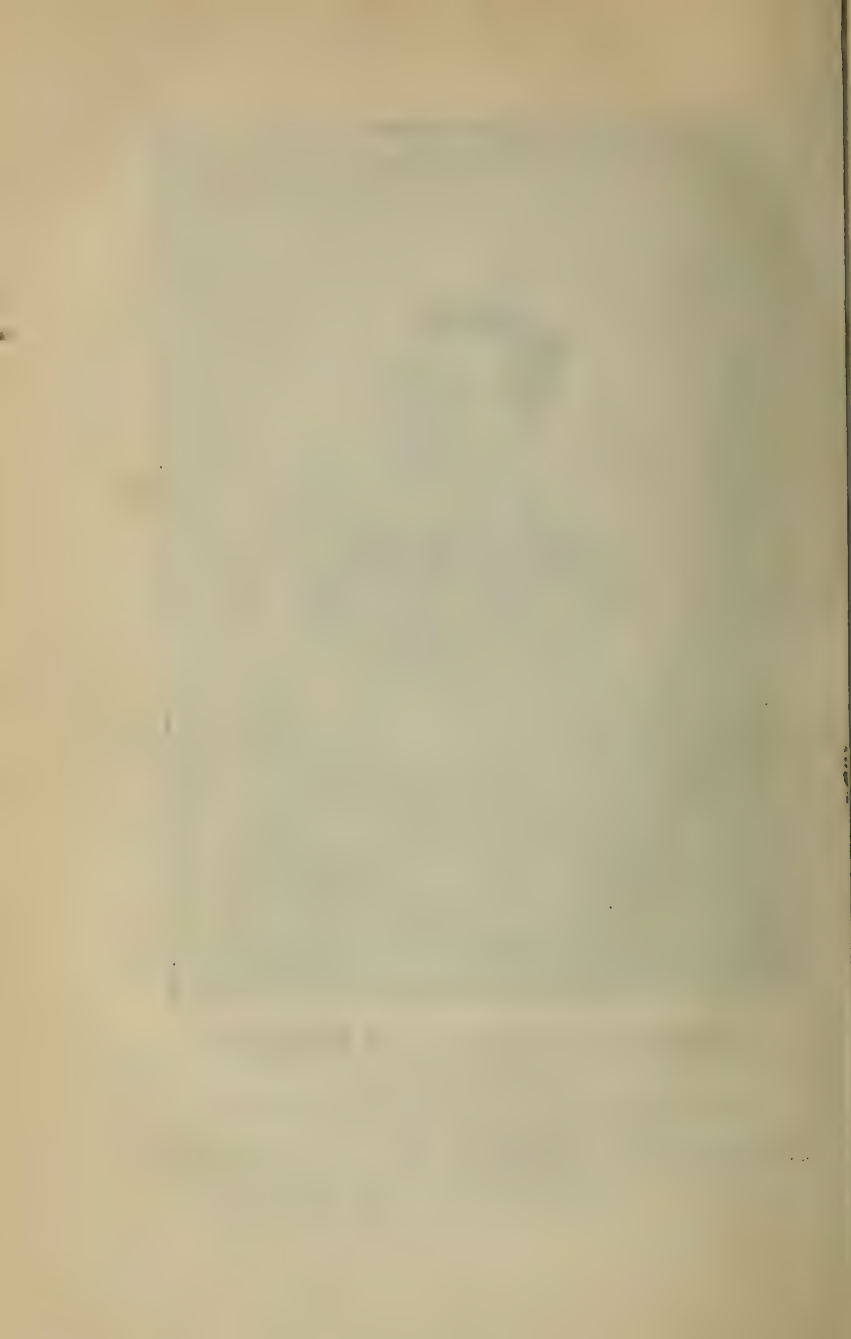
Adriano Pimentel — Os versos de Eça de Queiroz. In *Revista Portugueza*, n.º 5. Porto, 1895.

Affonso de Queiroz — Consciencia litteraria — Carta ao Ex.mo Sr. Camillo Castello Branco. Porto, 1880. Refer. a Eça a págs. 14.

Alberto Carlos — A Escola realista e a Moral. Opusculo offerecido ás mães. Lisboa, 1880.

Alberto d'Oliveira — Pombos-correios (Notas quotidianas). Coimbra, 1913. Referências a E. de Q. em págs. 59, 105, 131, 158, 197 e 353.

HOMENAGEM DO JORNAL «O BESOURO»

(RIO DE JANEIRO, 1878)

O RETRATO DE EÇA É DO DESENHADOR A. OFF;
AS FIGURINHAS DA CERCADURA,
QUE REPRESENTAM O CONSELHEIRO ACÁCIO, D. FELICIDADE,
LUISA, O PRIMO BAZÍLIO E A CREADA JULIANA,
SÃO DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Alberto Pimentel — A' volta do Eça. Folhetim in *O Seculo,* edição da noite, n.º 2185, de 3 de Dezembro de 1920.

Albino Forjaz de Sampaio — Chronicas immoraes. Lisboa, 1906. Reproduz o artigo inserto na *Revista Litt. Scient. e Artistica* de *O Seculo,* n.º 216, de 4 de Novembro.

Idem — Grilhetas. Lisboa, 1916.

Idem — Eça de Queiroz e o theatro, in *A Lucta,* n.º 3613, de 10 de Janeiro de 1916.

Alcantara Carreira — D'aquem e d'além mar — Culto da Chimera — Pequenas medalhas — Suave milagre. Lisboa, s/ data. A págs. 59 o soneto: *Eça de Queiroz,* e a págs. 69 e 71: *Suave milagre — De Eça de Queiroz* (poesia).

Alexandre da Conceição — Scenas da vida devota — O Crime do Padre Amaro por Eça de Queiroz, in *Bibliographia Portugueza e Estrangeira,* 2.º ano, n.º 4, Porto, 1880. É transcrito da *Correspondencia da Figueira.*

Idem — Camillo Castello Branco — A Corja, continuação do Eusebio Macario... Ibid., 2.º ano, n.º 12 (1880). Largas refer. a E. de Q.

Alfredo de Carvalho — Eça de Queiroz em Leiria. In *O Seculo,* ed. da noite, n.º 1692, de 19 de Julho de 1919.

Alfredo da Cunha — Eça de Queiroz e o Diario de Noticias — O Mysterio da Estrada de Cintra, in *Diario de Noticias,* n.º 12465, de 19 de Setembro de 1900.

Alfredo Mesquita — Eça de Queiroz e os Vencidos da Vida. In *Almanach de O Dia.*

Almanach Illustrado do Occidente para 1882. 1.º ano. A págs. 34 e 35: *Eça de Queiroz e Oliveira Martins.* Com retratos.

Almanach Illustrado para 1901 (Da casa Francisco Pastor). Lisboa, 1900. A págs. 81: *Eça de Queiroz*. Com retr.

A. Loiseau — Histoire de la littérature portugaise depuis ses origines jusqu'à nos jours. Paris, 1886. Ref. a págs. 388.

Andrés Gonzalez Blanco. — Eça de Queiroz. In *Estudio,* revista de Barcelona, n.os 72 e 73, Dezembro de 1918 e Janeiro de 1919.

Angel Guerra — Literatos estranjeros. Valencia, s. data (1903?). Refer. a págs. 194, no capítulo àcêrca de *Trindade Coelho.*

Antonio Arroyo — O monumento a Eça de Queiroz, in *Revista Litt., Scient. e Artistica* do jornal *O Seculo,* n.º 63, de 9 de Novembro de 1903.

Idem — Os monumentos a Eça de Queiroz e a Oliveira Martins, ibid., n.os 72, 73 e 74 de 11, 18 e 25 de Janeiro de 1904.

Antonio Bandeira — Esta Raça — O Enterro de Eça, in *Diario Illustrado,* n.º 9888, de 18 de Setembro de 1900.

Armando Labra Carvajal — El Portugal. Lisboa, 1920. Refer. a E. de Q.

Arnaldo de Oliveira — Zola e o Naturalismo, in *Bibliographia Portugueza e Estrangeira,* 3.º ano, n.º 3. Porto, 1881. É transcrito do *Jornal do Commercio.* Muitas refer. a Eça de Q.

Aubrey F. G. Bell — Portugal of the portuguese. London, 1915. Refer. a págs. 22, 74, 75 e 147.

Idem — Studies in portuguese litterature. Oxford, 1914. Refer. a págs. IX, 193, 194 e 202 a 220. Nestas ultimas págs. traduz alguns excerptos das obras de Eça.

Augusto de Castro — Eça de Queiroz, in *Atlantida,* vol. II, Lisbaa, 1916.

Basilio de Magalhães — O Suave Milagre (de um conto de Eça de Queiroz). Tres sonetos in *Atlantida,* ano III, n.º 32. Lisboa, 1918.

Beldemonio — Moços da Vida — Ramalho Ortigão, in *A Má Lingua,* n.º 2, Lisboa, 1889.

Bibliographia Portugueza e Estrangeira (Da casa Ernesto Chardron). 2.º ano, n.º 1 (1880). Insere: *Eusebio Macario* (art. recortado de *As Novidades)* com muitas referências a E. de Q.

Idem — Modificações importantes introduzidas na nova edição do Crime do Padre Amaro por Eça de Queiroz, id.

Idem — Scenas da vida devota — O crime do Padre Amaro por Eça de Queiroz, 2.º ano, n.º 4 (1880).

Idem — Eça de Queiroz — O Mandarim, 2.º ano, n.º 9 (1880). São apreciações extraídas de jornais.

Idem — O Mandarim por Eça de Queiroz, in n.º 10, 2.º ano (1880).

Brazil-Portugal — N.º 59, Lisboa, 1 de Setembro de 1900. É todo consagrado a E. de Q.

Brinn' Gaubast — La littérature portugaise contemporaine, in *Revue Encyclopédique Larousse,* n.º 247 (dedicado a Portugal). Paris, 1898, págs. 496 e 497. Com retr.

Idem — La littérature portugaise depuis 1865, in *Le Portugal,* Paris, Larousse, 1898, pág. 156.

Caetano Alberto — O monumento a Eça de Queiroz, a págs. 58 e 59 do *Almanach Illustrado do Occidente para 1905.* Com retr. e vista do monumento.

Caiel — Eça de Queiroz, in *Diario de Noticias,* n.ºs 12740 e 12741, de 24 e 25 de Maio de 1901. (Com uma longa

bibliografia). Publicado primitivamente na *Revista critica de Historia y Literatura españolas, portuguesas y hispano-americanas.*

Camillo Castello Branco — Sentimentalismo e Historia. —2.ª edição, revista pelo author. Porto, 1880. Refer. a págs. 10 do *Prefacio da segunda edição.*

Idem — Nota ao artigo supra do sr. Alexandre da Conceição, in *Bibliographia Portugueza e Estrangeira*, ano 2.º, n.º 12. Porto, 1880.

Este *artigo supra* é o 2.º de A. da C. mencionado nesta lista bibliográfica.

Capital (A) — Art. a prop. da mutilação do monumento a E. de Q., in n.ºs 1645, de 5 de Março de 1915, e 1648, de 8 do mesmo mês e ano.

Carlos Malheiro Dias — Cartas de Lisboa, 2.ª série. Lisboa, 1905.

Conceição d'Eça de Mello — Eça de Queiroz — 16 de Agosto de 1900-1909, in *O Dia,* n.º 2827, de 16-VIII-1909.

Idem — Poetas e escriptores na intimidade. Eça de Queiroz revelado. In *Alma Nova*, Lisboa, 1916.

Conde de Sabugosa — Um plano de Eça de Queiroz, in *O Dia,* n.º 169, Lisboa, 17 de Setembro de 1900.

Correio dos Açores — Ponta Delgada, 25 de Setembro de 1921. Ano II, n.º 406: A proposito da organisação da educação fisica na sociedade micaelense — Algumas páginas d'«Os Maias» de Eça de Queiroz.

Diario do Minho — Propriedade da Emprêsa «Minho Gráfico». Braga, 29 de Maio de 1921: Ao domingo — Correio literario, (a) O Outro. (Um cap. desta crónica refere-se a E. de Q.)

Diario de Noticias — N.º 13647, de 23 de Nov. 1903: Eça de Queiroz. Transcreve os discursos de Luís Cebola, António Aurélio da Costa Ferreira, António Brilhan-

te, Gomes da Silva, Campos Lima, Ramada Curto e Júlio Martins, e uma poesia de Alfredo Pimenta.

Idem — N.º 19669, de 3 de Set. 1920: Literatura portuguesa na America — Eça de Queiroz na Argentina — Dois sonetos ao autor de «Os Maias». Reproduz os assinados por Alfredo Arteaga *(Repuesta,* no livro *Camiño de la Montaña,* 1912) e por Francisco Romero *(Eza de Queiroz,* no livro *Versos,* 1917). Com retr. de Eça.

Diario de Portugal, n.º 670, de Lisboa, 8 de Fev. de 1880. Biografia e retr. de E. de Q.

D. J. da S. P. (D. José da Silva Pessanha) — Artigo in *El Mundo Latino*, de Barcelona, 25 de Set. de 1900.

Domingos de Castro — Eça de Queiroz, in *Nova Alvorada,* n.º 3.

Eduardo de Aguilar — Leves conceitos a proposito do monumento a Eça. A págs. 344 e 346 do n.º 70 da rev. *O Passatempo*. Lisboa, 25 de Nov. 1903. (Tem uma grav. reproduzindo o monumento).

Neste mesmo n.º a *Chronica* condena o monumento a Eça por ser pornográfico (!) (Com retr. de Teixeira Lopes).

Eduardo Prado — Collectaneas. S. Paulo, 1904. De págs. 299 a 334 do vol. I, o artigo *Eça de Queiroz,* reproduzido da *Revista Moderna,* de Paris, de 20 de Nov. de 1879.

Eduardo Schwalbach — Notas da quinzena, in *Brazil-Portugal,* 2.º ano, 1901. Larga referência ao falecimento do romancista.

Emilia Pardo Bazan — La literatura francesa moderna — El Naturalismo. Madrid, s. data.

Emilio Faguet — Iniciação litteraria. Trad. de Chagas Franco. Lisboa, 1916.

Enrique Segura — Un génio que era un Santo, por Eça de Queiroz. Prólogo y traducción. (De págs. 140 a 156 de *Cervantes,* revista mensual ibero-americana — Madrid, abril de 1917, año II, núm. IX).

Neste número só o *Prologo* foi publicado. Ignoro se chegou a publicar-se a tradução, que não vem, pelo menos, nos n.os X, XI e XII, que pude examinar.

Ethel C. Hargrove — Progressive Portugal. London, s. data. Refer. a págs. 235.

Farpas (As) brazileiras — Protesto por um patriota. 2.ª edição mais correcta. Rio de Janeiro, 1872. Nunca vi a 1.ª ed.

Fernandes Costa — O Poema do Ideal. Intermezzo lirico. Lisboa, 1894. 2 vols.

O n.º 107 da 2.ª parte do vol. I (págs. 282) trata de E. de Q.

Fernando de Lacerda — Espiritismo — Communicação obtida pelo Ex.mo Sr. *** e attribuida a Eça de Queiroz (Do Paiz da Luz). In *Azulejos,* ano II, n.os 25 e 26. Lisboa, 1908.

Idem — Espiritismo — Communicação de Eça de Queiroz (Do vol. II do *Paiz da Luz,* no prélo). Ibid. n.os 34, 35 e 36. Lisboa, Maio de 1908.

Fernando Reis — Eça de Queiroz, in *Revista Nova.* Lisboa. 1902.

Ferreira Deusdado (Dr.) — A crise do ideal na Arte. Angra do Heroismo, 1917.

Fialho de Almeida — Vida Ironica. Lisboa, 1892. Referências a E. de Q.

Idem — Eça de Queiroz, in *Brazil-Portugal,* 1.º ano, n.º 40, de 16 de Set. 1900.

Idem — Eça de Queiroz, ibid., 2.º ano, Lisboa, 1901, págs. 243 a 248.

Fidelino de Figueiredo — Historia da Litteratura Romantica Portuguesa (1825-1870). Lisboa, 1913. Muitas refer. a E. de Q.

Idem — Historia da Litteratura Realista. Lisboa, 1914.

Idem — A critica litteraria como sciencia. 2.ª ed. Lisboa, 1914.

Idem — Caracteristicas da Litteratura Portuguesa. Reimpressão, revista. Lisboa, 1915. (Publicada anteriormente na *Revista de Historia*, n.º 11).

Idem — Estudos de litteratura contemporanea — III — sobre a composição do romance — IV — sobre a decadencia do romance realista. De págs. 42 a 49 do 5.º vol. da *Revista de Historia*,

Folha do Fundão — Artigo anónimo: *Eça de Queiroz*, n.º 83, de 14 de Nov. 1903. Com retr.

Fran-Paxeco — A Escola de Coimbra e a dissolução do Romantismo. Lisboa, 1917.

Garcia Redondo — Atravez da Europa. Porto, 1908.

Gervasio Lobato — Chronica Occidental in *O Occidente*, 10.º ano, n.º 303. Lisboa, 21 de Maio de 1887.

Esta crónica é muito curiosa por falar de um romance sueco com assunto semelhante ao de *A Reliquia*.

Idem — Um concurso litterarío. Ibid., ano 5.º, n.º 1, de 5 de Jan. de 1888.

Gomes Leal — Fim d'um mundo — Satyras modernas. — Porto, 1899 (na capa de broch. 1900). A págs. 124: *Eça de Queiroz*. É uma sátira em verso, que vem reproduzida autógrafa neste *In Memoriam*.

Idem — A morte do Rei Humberto e os criticos do «Fim d'um Mundo». Lisboa, 1900. A «Nota Final» refere-se toda às relações de G. Leal com E. de Queiroz.

Guerra Junqueiro — Eça de Queiroz a proposito do novo romance «O Primo Bazilio», a págs. 54 e 55 de *O Occidente,* Lisboa, 1878. Com retr.

Henrique das Neves — Individualidades. Lisboa, 1910. De págs. 36 a 40, *A dedicatoria da Velhice do Padre Eterno,* reprod. da *Revista Illustrada,* n.º 9, 1.º ano, 15 de Agosto de 1890.

Illustração (A), 5.º ano, n.º 16. Paris, 20 de Agosto de 1888. Artigo *Eça de Queiroz,* assinado *A Redacção.* Reproduz a prova duma pág. de *Os Maias,* com as correcções do autor.

Idem — Art. *Um grupo celebre,* in 2.º ano, n.º 18, de 20 de Set. de 1885. Largas referências a E. de Q., a propósito dum grupo reprod. neste *In Memoriam,* em que figura o romancista com Oliveira Martins, Antero, Ramalho e Junqueiro.

Jacintho Benavente (D.) — De Sobremesa. Madrid, 1910. A págs. 32 do 1.º vol., cap. sôbre E. de Q.

Jaime Batalha Reis — Prosas Barbaras — Os primeiros escriptos de Eça de Queiroz, in *Revista Litt., Scient. e Artistica* do jornal *O Seculo,* n.º 63, de 9 de Nov. de 1903.

Idem — Ainda a proposito das esculpturas de Antonio Teixeira Lopes, carta a Antonio Arroyo. Ibid., n.º 94, de 20 de Jun. de 1904.

Jaime de Magalhães Lima — Os demolidores do liberalismo, in *Atlantida.*

Jaime Victor — Suave Milagre. In *Brazil-Portugal,* n.º 71, Lisboa, 1 de Janeiro de 1902. Com grav. represent. o autor do conto (Eça de Queiroz), os da peça (Conde de Arnoso e Alberto de Oliveira), o da música (Oscar da Silva), o scenógrafo (L. Manini) e cinco aspectos do scenário.

João Carlos de Moraes Palmeiro — Chronicas de Hamburgo — VII — ...Lendo Eça de Queiroz... In *Correio da Manhã*, n.º 261, de Lisboa, 28 de Dez. de 1921.

João Chagas — Homens e factos. Lisboa, 1905.

Idem — Vida litteraria. Coimbra, 1906.

Joaquim Costa — Alma Portugueza. Porto, 1909.

Johan Vising — Spanien och Portugal. Stockholm, 1911. Referências a págs. 197 do cap. dedic. à literat. portug. contemporânea.

Idem — Den portugisiska litteraturens pänytfödelse i det nittonde arhundradet. In revista *Ny svensk tidskrift*, n.os 7 e 8. Stockholm, 1890. Referências a pág. 445.

Jornal da Manhã, de Lisboa, 10 de Novembro de 1903. Eça de Queiroz. (É a noticia da inauguração do monumento).

José Augusto Vieira — Os Maias, in *Diario Popular*. Lisboa, 1887.

José Barros Lima Nobre — Breve estudo da evolução dos géneros literários. Chaves, 1905. Págs. 35 do cap. *Fórmas literárias em prosa — O romance.*

José Pereira de Sampaio (Bruno) — Eça de Queiroz, in *A Illustração*, 3.º ano, n.º 12, Paris, 20 Jun. 1886. E' um excerpto do livro que segue.

Idem — A Geração Nova. Porto, 1886. A págs. 129: *O romance naturalista*. A págs. 197: *Os seguidores.*

Idem — O Brazil Mental. Porto, 1898.

Idem — Os modernos publicistas portuguezes. Porto, 1916.

José Sarmento — O estylo de Eça de Queiroz, in *O Dia*, n.º 169, de Lisboa, 17 de Set. de 1900.

Idem — Artigo em *O Seculo*, n.º 6717, de 17 de Set. de 1900.

José Sarmento — Cidade de Marmore, in *A Manhã*, n.º 772, de 19 de Maio de 1914.

José Verissimo — Homens e cousas estrangeiras. Rio de Janeiro, 1902.

Julio Brandão — Eça de Queiroz, in *Illustração Brazileira*, n.º 10. Paris, Maio de 1902. Com retr.

Julio Nogueira — O exame de portuguez. A págs. 284 e 285, no cap. *Noções sobre as principaes phases litterarias — Escriptores typicos de cada época em Portugal e no Brazil,* trata de E. de Q.

Karl von Reinhardstoettner — Portugiesische Literaturgeschichte. Leipzig, 1904. Refer. a págs. 136.

Lobato Adegas — Eça de Queiroz em Evora, in *Terra Nossa,* anno I, n.º 3, Lisboa, Setembro de 1916.

Lobo d'Avila Lima — Eça de Queiroz e Camillo Castello Branco, in *A Quinzena de Portugal*, n.º 1, Lisboa. Março de 1915.

Luigi Siciliani — Studi e saggi. Milano, 1913. Cap. *Eça de Queiroz e la sua opera,* de págs. 223 a 240. Tambem há refer. a Eça no cap. *Da Luigi Camoens a Teofilo Braga,* págs. 201 e 202.

Luiz da Camara Reys — Ramalho Ortigão, a págs. 27 da *Atlantida,* Lisboa, 1915.

Luiz de Magalhães — Artigo in *A Tarde,* n.º 3824, de 17 de Set. de 1900.

Idem — Eça de Queiroz, in *Revista Illustrada,* anno I, n.º 12, Lisboa, 1890. Págs. 135. Com retr.

Manuel Silva — A questão da naturalidade de Eça de Queiroz, de págs. 251 a 253 do vol. 3.º da *Revista de Historia.*

Manuel da Silva Gayo — Um anno de chronica. Lisboa, 1889. Insere: *Eça de Queiroz e os Maias.*

Manuel de Sousa Pinto — Pelas letras: Eça de Queiroz

Prosas barbaras. In *Resistencia,* n.º 860, Coimbra, 17 de Dez. de 1903.

Idem — Um novo livro de Eça. (Cartas familiares e Bilhetes de Paris), in *Correio da Manhã,* n.º 2307, Rio de Janeiro, 7 de Nov. de 1907.

Idem — Um novo volume de Eça de Queiroz. (Notas contemporaneas). Ibíd. n.º 3089, 31 de Dez. de 1909.

Idem — Carta a um leitor admiravel. Ibid. n.º 3144, 24 de Fev. de 1910.

Idem — Rumphius e Topsius. Ibid. n.º 3727, 1 de Out. de 1911.

Idem — Últimas páginas de Eça de Queiroz. In *A Mascara,* n.º 5. Lisboa, 20 de Fev. de 1912.

Idem — Um ensaio sôbre Eça de Queiroz. In *Correio da Manhã,* n.º 4079. Rio de Janeiro, 18 de Set. de 1912.

Idem — Eça de Queiroz e Maurice Rollinat. A camisa de Miss Mary, in *Diario de Lisboa,* n.º 208, de 7 de Dez. de 1921.

Maria Amalia Vaz de Carvalho — Alguns homens do meu tempo (Impressões litterarias). Lisboa, 1889. A págs. 37: *Ramalho e Eça.*

Idem — Eça de Queiroz, in *O Dia,* n.º 169. Lisboa, 17 de Set. de 1900.

Idem — No meu cantinho. Lisboa, 1909.

Idem — Figuras de hoje e de hontem. Lisboa, 1902. De págs. 1 a 21: *Eça de Queiroz — O homem e o artista.*

Idem — Cerebros e corações. Lisboa, 1903.

Mariano Pina — Zola e Eça de Queiroz in *A Illustração,* 2.º ano, n.º 11, Paris, 5 Jun. 1885.

Idem — *A Reliquia*, ibid., n.º 14 do 4.º ano, 20 Jul. 1887.

Mariano Pina — *Chronica — Os Maias,* ibid, n.º 16 do 5.º ano, 20 Ago. 1888. Com retr.

Idem — Eça de Queiroz, in *Galeria Moderna,* 1.ª série. Com retr.

Matheus de Albuquerque — Da Arte e do Patriotismo. Lisboa, 1920. De págs. 5 a 88 estudo sôbre Eça de Queiroz.

Idem — In *A Aguia,* 2.ª série, vol. II, págs. 32 a 36. Porto, 1912.

Mathias Lima — Medalhões Nacionaes (Poetas e Prosadores). Porto, s/d. A págs. 109: *Eça de Queiroz.* Com retr.

Mello Freitas — A casa do avô de Eça em Verdemilho, in *Revista Illustrada,* vol. I, n.ºs 12, 13 e 14. Lisboa, 1890. Com 1 grav. representando a casa.

Mendes dos Remedios — J. M. Eça de Queiroz. De págs. 590 a 591 da *Historia da litteratura portugueza, desde as origens até a actualidade;* e de págs. 670 a 674, trechos demonstrativos: *Suave Milagre, A chegada a Tormes* e *Um telefone em Tormes!*

Miguel de Unamuno — Por tierras de Portugal y de España. 1911. Refer. de págs. 11 a 19.

Moniz Barretto — Eça de Queiroz e Os Maias in *O Reporter* de 25 jul. 1888. Reproduz. de págs. 251 a 255 do vol. 7.º da *Revista de Historia.* Lisboa, 1918.

Idem — A litteratura portugueza contemporanea, in *Revista de Portugal,* Lisboa, 1889.

Nunes Claro — A consagração de Eça de Queiroz, ou a vingança do conselheiro Accacio. In *Revista Nova,* n.º II, Lisboa, 25 de Abril de 1901.

Parodia (A) — N.º 37, Lisboa, 26 Set. 1900: *Guerra da Succesão* (Entremez) pelo Barão Quim. Figura-se, em verso, um grupo de literatos que se disputam a herança intelectual de E. de Q.

Paulo Osorio — Os Livros — A Cidade e as Serras, in *Revista Nova,* n.º V, de Lisboa, 15 de Julho de 1901.

Idem — A comedia d'uma homenagem, in *Aguilhadas,* n.º 6. Porto, Nov. de 1903.

Idem — Lisboa — Chronicas. Porto, 1908.

Philéas Lebesgue — Le Portugal littéraire d'aujourd'hui. Paris, 1904. Refer. a págs. 10, 13, 44 a 47, 56 e 68.

Idem — La République Portugaise. Paris, s. d. Refer. a pág. 204, 205 e 208.

Pinheiro Chagas — Brazil e Portugal (Carta a Eça de Queiroz), in *O Atlantico,* n.os 27 e 28, de Lisboa, 4 e 5 de Jan. de 1881.

Idem — Ibid., n.º 32, de 13 de Fev. de 1881.

Rafael M. de Labra (D.) — Portugal contemporáneo — Conferencias dadas en el «Fomento de las Artes» de Madrid. Madrid, s. d. De págs. 236 a 241 ocupa-se de E. de Q.

Ramalho Ortigão — Eça de Queiroz, in *Almanach das Senhoras* para 1893.

Idem — Eça de Queiroz, in *Correio Nacional,* n.º 2251, Lisboa, 1900. Art. transcrito do *Jornal do Commercio.*

Idem — Carta á Ex.ma Sr.a D. Guiomar Torrezão, in *Mala da Europa*, n.º 50, 6.º ano, de 21 de Ago. de 1900.

Raul Brandão — Memorias, vol. I. Porto, 1919.

Reis Damaso — Julio Diniz e o Naturalismo, de págs. 511 a 519 da *Revista de Estudos Livres,* vol. I. Lisboa, 1884.

Idem — Romancistas naturalistas — Eça de Queiroz, de págs. 73 a 80 do mesmo livro.

Republica, Lisboa, 10 de Set. de 1916. «Illustre Casa de Ramires». Morreu no Brazil o fundador da revista em que Eça escreveu aquelle romance.

Revista (A), Illustração Luso-Brazileira — N.° 2, Paris. — Echos e actualidades. Refer. a E. de Q., com um retr. do natural na 1.ª pág. por Jorge Colaço.

Revista Moderna — N.° 1, 1.° ano. Paris, 1897. Traz biografia e retr. de E. de Q.

Revista Nova, n.° IV, de 25 de Junho de 1901. Duas cartas de Eça de Queiroz. Este n.° traz na 1.ª pág. a reproducção dum baixo relevo de Eça de Queiroz, por Costa Motta (sobrinho).

Ribera i Rovira — Portugal litterari. Barcelona, 1912. Trata de E. de Q., de págs. 148 a 165. Com retr.

Rocha Martins — O avô de Eça de Queiroz conspirador, in *Diario Nacional,* n.° 613, Lisboa, 4 de Jul. de 1918.

Salvatore Montuori — Rassegna della letteratura portoghese nel secolo XIX — Roma, 1901. Refer. a págs. 7.

Samuel — Consciencia. Carta aos Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Snrs. Ramalho Ortigão e Eça de Queiroz, redactores das *Farpas.* 2.ª edição, correcta e augmentada. Lisboa, 1871. Não vi a 1.ª edição.

Seculo (O), n.° 8909, de 13 de Jul. de 1906: Eça de Queiroz — Inauguração duma lapide na Povoa de Varzim.

Silva Pinto — Do realismo na Arte. Estudos criticos. 3.ª edição, augmentada. Porto, 1881.

Unica edição que pude examinar. E' a critica a *O crime do Padre Amaro* e á *Comedia no Campo* no 1.° cap., e a *O primo Bazilio* no 2.°

Idem — Pela vida fóra. Lisboa, 1900.

Idem — Alta noite.

Idem — S. Frei Gil.

Idem — Combates e criticas. Porto, 1882. No 3.° vol., a págs. 47.

Sylvio Romero — Eça de Queiroz por Miguel de Mello, in *Almanach Garnier,* Rio de Janeiro, 1914.

Teixeira Bastos — O Primo Bazilio, in *Jornal do Commercio,* Lisboa, n.º 7298, de 9 de Março de 1898.

Theophilo Braga — As modernas ideias na litteratura portugueza. Porto, 1892. De págs. 293 a 322 do vol. II: *Eça de Queiroz e o Romance realista.* No mesmo vol., a «Conclusão» trata novamente de Eça.

Idem — Eça de Queiroz. Art. publicado na *Encyclopedia portugueza*, de Maximiano de Lemos. Porto·

Idem — Eça de Queiroz e o realismo contemporaneo, in *A Renascença,* 1878, págs. 38; e Eça de Queiroz, ibid., págs. 93.

Valentim Magalhães — A litteratura brazileira. Lisboa, 1897.

Veiga Simões — A Nova Geração. Coimbra, 1911. Refer. de págs. 91 a 93.

Visconde de Benalcanfôr — Art. in *Diario da Manhã* de 23 de Março de 1878, transcrito de *O Commercio do Porto.*

Visconde de Villa Moura — Grandes de Portugal. Porto, 1916. Págs. 43. Com retr. por António Carneiro.

Vitorino Nemesio — Carta a Eça de Queiroz, para o Largo do Quintela, in *A Patria,* n.º 324, de Lisboa, 16 de Junho de 1921.

*

Á volta da peça de Vaz Pereira, de que atraz falei, extraída com o mesmo título do romance *O Primo Bazilio,* fez-se na imprensa um certo ruído, tendo eu notícia dos seguintes artigos:

Peças novas — O Primo Bazilio, no Gymnasio; quatro actos adaptados do romance de Eça de Queiroz pelo sr. Vaz Pereira, em *A Capital*, n.º 1948, de 8 de Jan. de 1916;

O Primo Bazilio no teatro, artigo de Antonio d'Eça de Queiroz, no mesmo jornal, de 5 de Fev. de 1916;

Crítica de Eduardo Coelho in *Diario de Noticias,* n.° 18019, de 8 de Jan. de 1916;

Crítica in *O Dia,* n.os 847 e 848, de 7 e 8 de Jan. de 1916.

*

Quando E. de Q. faleceu, referiram-se a êsse lutuoso sucesso quasi todos os jornais de Lisboa e do país, entre êles:

Brazil-Portugal, de Lisboa, Ago. de 1900.

Correio Nacional, id., n.os 2240 e 2241, de Ago. de 1900.

Correio da Noite, id., n.° 6380, de 17 de Set. de 1900.

O Dia, id., n.° 143 do 1.° anno (3019 do 10.°), de 17 de Ago. de 1900 e dias seguintes. E' quasi inteiramente dedicado a E. de Q. o n.° de 17 de Set. do mesmo ano (chegada dos restos mortais de Eça a Lisboa).

Diario Illustrado, id., n.° 9857, de 18 de Ago. de 1900 (art. de fundo *Eça de Queiroz* e retrato) e dias seguintes. O n.° 9888 de 18 de Set. publica novo artigo àcêrca do entêrro e repete o mesmo retrato.

Diario de Noticias, id., n.° 12464, de 18 de Ago. de 1900 e dias seguintes.

Mala da Europa, id., n.° 50, 6.° anno, 21 de Ago. de 1900, com retr.; e mais alguns dos n.os que se lhe seguem. O n.° 2 do 7.° ano, de 18 de Set., traz um artigo, *Eça de Queiroz,* com retr. da esposa e filhos de Eça, e o jazigo onde ficaram encerrados os seus restos. No n.° 3 do 7.° ano: *Eça de Queiroz.* Retr. de Eça com Tomás de Souza Rosa.

O Seculo, id., n.° 6687, de 18 de Ago. de 1900 e n.os seguintes.

A Tarde, id.

E os jornais estrangeiros:

A Noticia, do Rio de Janeiro.

Gazeta de Noticias, id.

A Cidade do Rio, id.

Correio Paulistano, S. Paulo, Brazil.

Commercio de S. Paulo, id.

O Estado de S. Paulo, id.

Diario Popular, id.

A Platéa, id.

O Imperio, id.

La Correspondencia de España, de Madrid.

El País. id.

La Época, id. Chama a E. de Q. o maior romancista da peninsula ibérica, e noutro número publica um extracto de *O Mandarim*, precedido de palavras elogiosas.

El Heraldo de Madrid, id.

El Mundo Latino, de Barcelona.

Le Temps, de Paris.

L'Époque, id. Traduzido do seu artigo editorial de 26 de Agosto de 1900:

«A obra superior de E. de Q., se fosse escripta na encantadora lingua de Bourget e de Rostand, ficaria com toda a justiça immortal, porque é a obra grandiosa d'um trabalhador emerito e d'um inspirado. Lançada porém n'um mercado litterario mediocre, sahiu muito superior ás proporções e capacidade d'esse mercado, d'onde ella extravasou, tendo nós fé que se tornará eterna quando os outros paizes, começando por a admirar, a estudem convenientemente.

....

.... nenhum escriptor europeu da actual geração revelou ainda mais phantasia, mais inspiração, mais nitidez no es-

tudo sociologico do *meio*, nem mais perseverança no seu methodo inicial». *(O Dia,* 31 de Ago. de 1900).

*

Ocupam-se de Eça de Queiroz:

Diccionario Bibliographico Portuguez, por Innocencio Francisco da Silva, continuado por Brito Aranha. Lisboa. Vol. 13.º, págs. 94.

Encyclopedia Portugueza Illustrada, dirigida por Maximiano de Lemos. Porto. Vol. IV, págs. 157.

Diccionario Illustrado da Lingua Portugueza, por D. Francisco d'Almeida e H. Brunswick. 1898. 2.º vol., págs. 1647.

Diccionario Universal Illustrado, por Eduardo de Noronha. Lisboa.

Portugal — Diccionario historico, etc. Lisboa. Vol. 3.º, págs. 109. Com retr.

Nouveau Larousse Illustré — Paris. Vol. IV, págs. 13.

Encyclopedia Britannica, 11.ª edição, 1910. No vol. VIII um art. de Edgar Prestage.

*

É dedicada a Eça de Queiroz *A Velhice do Padre Eterno,* de Guerra Junqueiro.

Iconografia

RETRATOS A ÓLEO:

Columbano Bordalo Pinheiro — Retrato de Eça de Queiroz. 1887. A óleo, em meio corpo. Perdido no naufrágio do paquete *St. André,* quando enviado à exposição de S. Luís, na América do Norte.

Idem — Outro retrato. Tambem a óleo, e meio corpo. Em poder do actual conde de Arnoso, Vicente Pinheiro de Mello.

DESENHO:

António Carneiro — Postal. Fotogravura reprod. a págs. 45 da ob. cit. *Os Grandes de Portugal.*

Cristiano de Carvalho — Máscara, reprod. em várias publicações.

Alfredo Cândido — Desenho representando a festa de 27 de Ago. de 1900, promovida pelos estudantes de direito brazileiros no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em homenagem a E. de Q. In *Brazil-Portugal*, 1900, págs. 26.

Postal, com a reprod. do monumento a E. de Q. Tem no canto esquerdo as iniciais F. L. S.

Rafael Bordalo Pinheiro — *A Parodia,* n.º 33, de 29 de Ago. de 1900. Na 1.ª página, retr. de E. de Q. coberto de crépes. Assina tambem esta litografia Manuel Gustavo B. Pinheiro.

CARICATURAS:

Rafael Bordalo Pinheiro — *O Antonio Maria.* Vol. II, págs. 230.
Idem — *Album das Glorias.*
Idem — *A Parodia.*

FOTOGRAFIA:

A *Revista Moderna,* de Paris, publica, em fôlha sôlta, um magnífico retrato de E. de Q., em fotogravura, cópia de fotografia.

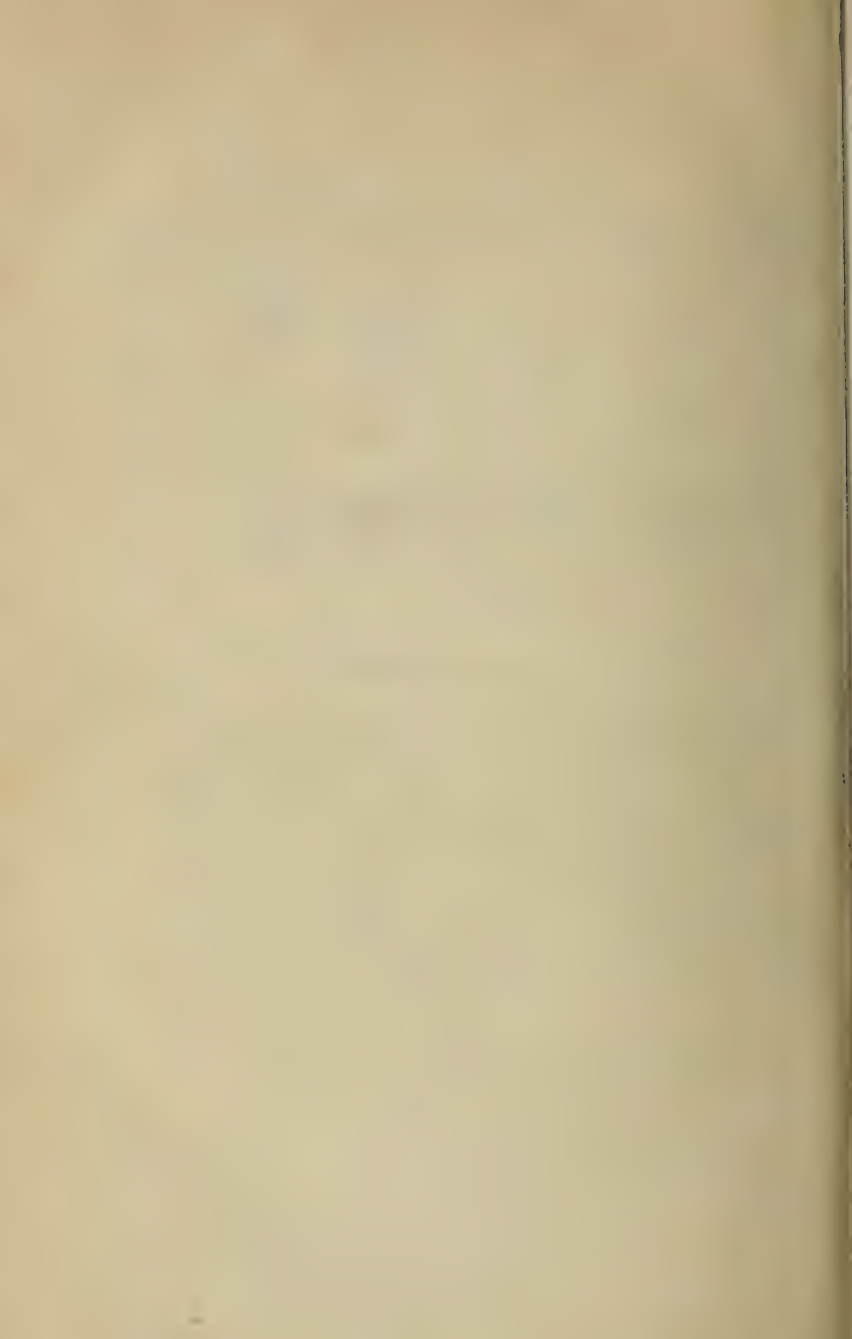
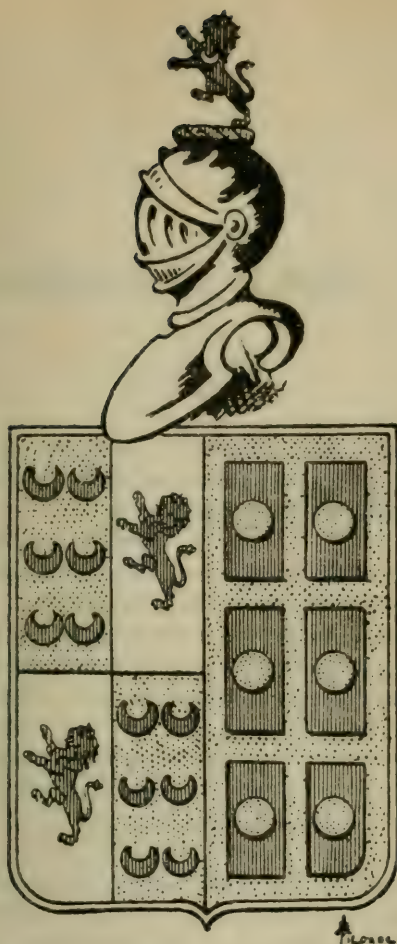
ESCULTURA:

Teíxeira Lopes — Estátua, em mármore, no Largo do Quintela, em Lisboa. Inaugurada em 1904.
Silva Gouveia — Estatueta em bronze (corpo inteiro).
Rafael Bordalo Pinheiro — Busto em barro.
Costa Mota (Sobrinho) — Busto em baixo relêvo. Vem reprod., como atraz disse, na *Revista Nova.* N.º IV, 25 de Jun. de 1901.

O *Correio da Manhã,* n.º 1, de 7 de Abril de 1921, traz uma pequena notícia com êste título: *Eça de Queiroz — Vae ter um monumento na Povoa de Varzim.*

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO.

EÇA DE QUEIROZ

A SUA ASCENDÊNCIA

ARMAS DA FAMILIA DE EÇA DE QUEIROZ

Escudo partido em pala: na 1.ª *Queirozes;* na 2.ª *Almeidas*

A ascendência de Eça de Queiroz

Houve quem se encarregasse de escrever um artigo genealógico para êste livro; mas êsse alguem teve, segundo me informaram, de sair de Portugal, sendo-lhe assim impossível cumprir o seu desejo.

Mas no programa do *In-Memoriam* tinha ficado assente que se tratasse da família do ilustre escritor, e o tempo urgia. A maioria dos admiradorés contentar-se-ia, por certo, em lêr os artigos onde variamente é apreciada a figura do grande português: mas há tambem quem ache interessante saber qual foi a feliz estirpe que conseguiu aperfeiçoar-se até ao ponto de produzir um Eça de Queiroz.

Eis a razão duma carta que, em Julho do ano corrente, me dirigiu o meu velho amigo Manuel Cardoso Martha, carta que mais parecia um telegrama pela urgência com que queria que eu escrevesse um estudo sôbre a ascendência de Eça. Três dias ou quatro — o máximo meia dúzia.

E' muito difícil começar um estudo genealógico partindo dos nossos dias sem ter alguem que nos elucide, sendo o único meio recorrer aos registos de baptismo e de casamento, para saber quem foram os pais e avós para se po-

der estabelecer e seguir uma linha, não se podendo consultar documentos na Tôrre do Tombo, sem ter alcançado aproximadamente cem anos na ascendência.

Pouco ha escrito sôbre a familia de Eça de Queiroz; eu, pelo menos, pedindo elementos dentro do curto prazo de 24 horas a quantos conheço que se dedicam a coleccionar dados de estudos dispersos por livros, jornais, revistas, etc., só consegui uns artigos de jornal que pouco adiantam no assunto, e os elementos que se encontram no artigo do snr. Melo Freitas *Casa do avô de Eça de Queiroz em Verdemilho,* o que, junto com outros artigos doutros autores e do próprio Eça de Queiroz, constituem um volume com o título de *Diccionario de Milagres* publicado em 1900 pela Parceria Antonio Maria Pereira; e o livro *Eça de Queiroz,* publicado pelo ilustre escritor sr. conselheiro António Cabral.

Aqui obtive alguns elementos sôbre o ramo Queiroz, que é o paterno. Sôbre o ramo materno, Eça, nada ha escrito, mas consegui os nomes dos avós, por amável indicação da Ex.^ma^ Snr.^a^ D. Conceição Pereira de Eça de Melo, príma de Eça de Queiroz, e os nomes do irmão e filhos do mesmo pelo snr. Tomás de Eça Leal, primo e único afilhado do genial escritor. O resto, que muito pouco é, fui buscá-lo á Tôrre do Tombo. Se mais tempo tivera, naturalmente mais faria.

Do conjunto dêsses elementos, formei o que se segue:

1 — **Custódio de Queiroz Pessanha de Sampaio,** natural de Vila Meã, freguezia do Salvador, arcebispado de Braga; casou com D. Luisa Maria Ferreira de Carvalho, natural de Vila-Meã, concelho de Santa Cruz de Riba-Tâmega. Dêste casamento nasceu:

2 — **José Marcelino Próspero Teixeira de Queiroz,**

nascido na freguezia de S. Salvador do arcebispado de Braga. Foi escrivão na vila de Vagos; casou no dia 10 de Fevereiro de 1771, na igreja paroquial de S. Isidro do Eixo, com D. Joana Leonor de Sousa e Almeida, conforme consta do termo lavrado pelo Padre João Correia da Costa a fl. 85 do livro dos casamentos do mesmo ano. Foram padrinhos dêste enlace António de Santa Rosa Carvalho e João da Fonseca.

D. Joana Leonor de Sousa e Almeida nascêra no lugar das Quintãs em 7 de Julho de 1752, baptisando-se a 23 do mesmo mês na freguezia do Eixo, conforme consta do termo lavrado pelo Vigário encomendado João Ricardo de Araujo a fl. 359 do livro respectivo. Foram seus padrinhos D. Joana Quitéria de Almeida e Apolinário Nunes de Figueiredo, do lugar da Madruga, freguezia de S. Isidro da vila do Eixo.

D. Joana Leonor era filha de Gabriel de Sousa, natural da ilha de S. Miguel e de sua mulher D. Josefa Bernarda de Almeida Novais, natural de Aveiro e filha de D. Maria da Graça e de seu marido André de Almeida e Pinho, fidalgo de cota de armas conforme documentos que abaixo transcrevo, quando trato de Joaquim José de Queiroz e Almeida. Do casamento de José Marcelino Próspero de Queiroz e Almeida nasceram: Joaquim José de Queiroz e Almeida, com quem seguimos, e mais: Fernando de Queiroz, que foi superintendente dos tabacos e morreu em Lisboa; José Queiroz, que foi oficial do exercito e morreu em campanha; D. Maria Alexandrina de Queiroz, que foi mãe de Joaquim Mendes de Queiroz.

3 — **Joaquim José de Queiroz e Almeida,** nasceu no dia 9 de Janeiro de 1774 no lugar de Quintãs, freguezia do Eixo, onde se baptisou em 17 do mesmo mês, conforme o assento feito a fl. 193 do livro respectivo pelo Padre João

Correia da Costa. Foram seus padrinhos Joaquim Barbosa Freire, de Aveiro, por seu procurador o Capitão-mór Apolinário Nunes, do lugar das Quintãs, e D. Clara Izabel Rosado, filha do Dr. Luís António Rosado, de Aveiro, representado pelo seu procurador o Sargento-mór Luís Rodrigues de Figueiredo.

Em 22 de Julho de 1835 requereu que lhe fôsse concedida carta de brazão de armas, existindo o respectivo processo arquivado na Tôrre do Tombo, sob o n.º 4 do maço 59 do Cartório da Nobreza. Nesta petição, que tem juntamente as certidões dos assentos de baptismo e casamento a que acima me refiro, declara e é confirmado pelas testemunhas que foram inquiridas no concelho de Santa Cruz em 23 de Janeiro de 1835 e em Lisboa em 26 de Maio do mesmo ano, que na casa do suplicante e na de sua família materna sempre se usaram as armas dos Almeidas por cima do portão do pátio, abertas em pedra; que seu avô paterno Custódio de Queiroz Pessanha de Sampaio era da família dos Queirozes de Amarante e de muitas outras de nobre procedência e que seu bisavô André de Almeida Pinho era fidalgo de cota de armas com o brazão dos Almeidas, mas que esta carta lhe tinha sido apreendida, não podendo ser tirada «certidão do seu registo no Cartorio dos Brazoens d'/esta Corte porque sendo antigo e anterior ao terramoto de 1755 todos os livros d'aquelle cartorio foram queimados».

Depois diz a petição: «pretende o suplicante que Vossa Magestade lhe conceda o Brazão d'Armas dos ditos Queirozes, e lhe mande reformar o das armas dos Almeidas de que usa e sempre usou sua familia, reunindo-se ambas as ditas armas sob o timbre das de Queiroz».

Esta petição tem o seguinte despacho: «Sua Magestade a Rainha, Determina que o Rey de Armas Portugal, exa-

minando os documentos e mais papeis que o Suplicante junta a este requerimento, e achando-os conforme á Ley, passe ao mesmo supplicante o Brazão de Armas que pretende. Paço das Necessidades em 30 de junho de 1835. (a) Marquez Mordomo-Mór».

Não resisto á tentação de transcrever o documento n.º 4 dêste processo, por ser muito interessante. Tal documento, que vem escrito em uma fôlha de papel da taxa de 40 réis do Crédito Publico, diz textualmente:

«Alexandre Antonio de Sousa Freitas Sampaio, Fidalgo da Casa Real, Cavalleiro da Ordem de Christo e Proprietario Vitalicio e Encartado em hum dos officios do Tabellião Publico de Notas nesta cidade de Lisboa e seu termo, por sua Magestade Fidelissima a Senhora Dona Maria Segunda que Deos Guarde, etc. — Certifico que me forão apprezentados huns autos por traslado do sequestro feito ao Dezembargador Joaquim José de Queiroz do lugar de Verdemilho termo da cidade de Aveiro no anno de 1829, por mandado do Juiz de Fóra da mesma Cidade que então era José de Sousa Ribeiro Pinto, em virtude da Denuncia dada naquelle Juizo dos quaes foi Escrivão Manoel Antonio de Carvalho, em os quaes se acham descriptos os Autos de Busca e aprehenção de huma caixa de páu de pinho de comprimento de tres palmos e meio, e de largo palmo e meio, aprehendida em caza de Sebastião dos Santos Baixeiro do lugar do Bom Successo, termo da villa de Ilhavo, em a qual forão encontrados trastes de prata, livros e muitos outros papeis, de que fôra depozitario Fernando Antonio de Almeida, em prezença do qual procederão novamente a exame dos papeis avulsos que tinha em seu poder, e não havião sido relacionados no auto da Busca, do que lavrarão o competente Termo, que se pedio por Certidão em publica fórma, o qual sendo por mim visto, lho mandei

passar, e o seu theor he o que se segue: — TERMO = Aos vinte dias do mez de Maio de mil oitocentos vinte e nove annos, nesta cidade de Aveiro, e Cazas do Encarregado do Depozito desta cidade Fernando Antonio de Almeida, aonde se achavão em depozito os papeis avulsos, constantes da relação retro, que se não poderão relacionar no Auto da Achada, aonde eu Escrivão vim com o Escrivão meu companheiro João Chrisostomo Lucena para effeito de os examinarmos na fórma determinada no Auto folhas huma, ahi sendo prezente o mesmo Depozitario, procedendo no dito exame com toda a exactidão e miudeza achamos que nada entre elles havia de identidade e que possa merecer alguma attenção mais do que huma carta de Francisco Saraiva da Costa e Refoios dirigida ao mesmo rebelde Queiroz = Duas ditas de Luiz Estevão Couceiro desta cidade = Hum apontamento do mesmo Queiroz sobre as bazes dos poderes da Delegação da Junta Rebelde, e mais huma carta de Jozé Cupertino da Fonseca e Brito, escripta ao rebelde ex-Provedor de Vizeu, Caetano Xavier Pereira Brandão, sendo tudo o mais papeis relativos á Revolução do Rio-de-Janeiro, em 1820 ou 22; correspondencias dali sobre negocios domesticos, varios attestados e certidoens relativos á serventia dos lugares do mesmo rebelde, Carta de Desembargador, e do Habito de Christo, e outros mais desta natureza, hum Padrão de Armas de André de Almeida e Pinho desta cidade. E para constar fiz de tudo o prezente Termo em que assinarão o dito meu companheiro João Chrisostomo de Lucena e Depozitario Fernando Antonio de Almeida. E eu Francisco José Martins Rapozo que o escrevi: e declaro que os ditos papeis supra-mencionados que parecerão de alguma entidade e attenção os juntei na fórma do que se determina no referido Auto folhas huma aos Livros e Folhetos Maçonicos para serem prezentes ao

D.or Juiz de Fóra, Jozé de Sousa Ribeiro Pinto a fim de determinar delles o que julgar conveniente de que para constar o escrevi e assignei com as testemunhas tambem assignadas = Francisco Jozé Martins Rapozo = Fernando Antonio de Almeida = Francisco Jozé Borges Cardoso = Antonio Jozé de Almeida = João Chrisostomo Lucena. —— E he tão somente o que se pedio na Certidão em publica-fórma, dos mencionados Autos a principio confrontados a que me reporto que entreguei ao aprezentante. Lisboa 26 de Maio de 1835. E eu Alexandre Antonio de Sousa Freitas e Sampaio Tabelião a subscrevi e assignei em publico, etc. Em testemunho de verdade = Alexandre Antonio de Souza Freitas e Sampaio.»

Havia portanto «varios attestados e certidoens relativos á serventia de lugares» para que foi nomeado. Tudo isto desapareceu: mas dalguns encontrei, numa rápida busca que fiz na Tôrre do Tombo a Processos e livros das Mercês e Chancelarias da época. Vejamos os respectivos registos:

No maço 76, letra J, n.º 3 da Leitura de Bachareis encontrei a sua petição para ler no Dezembargo do Paço ficando assim habilitado a ocupar cargos de justiça e nos auditórios. Este pedido teve o primeiro despacho em 15 de Maio de 1810 e foi aprovado em 17 do mesmo mês.

No Livro 10, fl. 349 das Mercês do Rei D. João VI (Principe Regente) está com a data de 9 de Março de 1812 registada a carta de Juiz de Fóra da Vila de Azurara da Beira.

No Livro 15 a fl. 318 da Chancelaria de D. João VI e D. Maria I, com a data de 14 de Março de 1812 está registada a Provisão para poder jurar por seu procurador como Juiz de Fóra da Vila de Azurara da Beira.

No Livro 17, fl. 26 verso, das Mercês de D. João VI

com data de 11 de Janeiro de 1822 está registada a carta de Dezembargador da Relação do Pôrto.

No Livro 39, fl. 113 verso da Chancelaria de D. João VI e D. Maria I está registada com a data de 11 de Fevereiro de 1822 a carta de Dezembargador da Relação da Baía com exercício na do Pôrto.

No Livro 6, fl. 9 verso das Mercês de D. Maria II com a data de 8 de Janeiro de 1835 está registada a carta de confirmação de Presidente da Relação de Lamego.

Finalmente, no Livro 4, fl. 86 verso das Mercês da mesma Rainha, com a data de 2 de Junho de 1835 está registado o alvará do fôro de Fidalgo Cavaleiro da Casa Real.

Da vida política do Dezembargador Joaquim José de Queiroz e Almeida fala o sr. Melo Freitas no trabalho a que já me referi, *Casa do avô de Eça de Queiroz em Verdemilho*. Tambem não é falho de interesse o artigo de Rocha Martins, *O avô de Eça de Queiroz conspirador*, publicado no *Diario Nacional*, n.° 613, de 4 de Julho de 1918, e naturalmente muitos outros trabalhos haverá que se refiram a êste «rebelde», como o documento transcrito lhe chama e que afinal tanto sofreu pelo seu ideal, emigrando e conseguindo escapar á fôrca, sorte que não tiveram tantos dos seus companheiros de lutas políticas.

Em resumo, direi que em 1820 fez profissão de fé liberal e em 16 de Maio de 1828, sendo Dezembargador da Relação do Pôrto, proclamou a Rainha e a Carta Constitucional na Praça do Comércio em Aveiro. No mesmo dia rebentou a revolta do Pôrto, que não vingou e o Dezembargador Queiroz teve que emigrar para se pôr a salvo.

Em 25 de Novembro de 1829 foi julgado á revelia e condenado á morte de garrote, a-pezar-da colossal defeza feita pelo Dr. António Ciro Pinto Osório. A sentença não foi executada, por, como disse, ter o réu emigrado.

Regressando a Portugal depois de restabelecido o sistema liberal, ocupou o lugar de Presidente da Relação do Pôrto, sendo demitido pela Junta do Pôrto, por decreto de 13 de Outubro de 1846, acusado de ter participado activamente na guerra civil como partidário dos Cabrais. Voltou, porém, em Julho de 1847 a presidir ao mesmo tribunal até 18 de Dezembro seguinte, em que lhe foi confiada a pasta de Ministro da Justiça, que sobraçou até 21 de Fevereiro de 1848.

Foi deputado várias vezes, era Conselheiro de Estado, Fidalgo Cavaleiro e de cota de armas, Cavaleiro professo na Ordem de Cristo, etc.

Faleceu na sua casa de Verdemilho em 16 de Abril de 1850, tendo casado com D. Teodora Joaquina de Almeida, natural de Fornos de Algôdres. Tiveram: José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, com quem seguimos; Joaquim Augusto de Almeida Teixeira de Queiroz, que seguiu a magistratura e morreu em Evora; Bernardo de Almeida Teixeira de Queiroz, que foi director do correio em Aveiro, falecendo na casa de Verdemilho, com 33 anos; João de Almeida Teixeira de Queiroz, que seguindo a carreira das armas faleceu em Gôa, sendo oficial superior; D. Maria Emilia de Queiroz, que casou com Antonio José da Rocha, que foi juiz do Supremo Tribunal de Justiça e Vice-presidente da Câmara dos Deputados em 1880 e 1881; e D. Ana Libânia de Almeida Teixeira de Queiroz, que morreu em 1846.

4 — **José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz,** nasceu no Brazil em 1820, formou-se em Coimbra em 1841, foi deputado em várias legislaturas e Par do Reino electivo pelo distrito de Aveiro.

No Livro 21, fl. 275 das Mercês de D. Maria II, está registada em 22 de Agôsto de 1844 a carta de Delegado do

Procurador Régio da comarca de Ponte-do-Lima. Foi juiz de direito do 2.º distrito da cidade do Pôrto, Presidente do Tribunal do Comércio e juiz da Relação e do Supremo Tribunal de Lisboa.

Escreveu o poema *O Castello do Lago,* em 7 cantos (Coimbra, imprensa da Universidade, 1841). Versa êste poema sôbre o amor, o ciume, a vingança e a saudade. No *Ramalhete* publicou várias poesias nos vols. III, IV, VI e VII, e artigos em prosa no tômo I da *Chronica Litteraria da Nova Academia Dramatica*, de Coimbra.

O dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz faleceu em 30 de Janeiro de 1901. Casou com D. Maria Carolina Augusta Pereira de Eça, que foi irmã do general José António Pereira de Eça, falecido no cargo de comandante do Real Asilo de Runa. Eram filhos do coronel José António Pereira de Eça, que comandou infantaria 18, tendo nascido em 20 de Abril de 1792 e falecido em Agosto de 1833, por ferimentos recebidos nas linhas do Pôrto, e de sua mulher D. Angélica Clementina de Abreu e Castro.

Do casamento do dr. José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz nasceram: José Maria Eça de Queiroz, o eminente escritor com quem seguimos, D. Aurora Amada, Alberto Carlos e Carlos Alberto que faleceram todos três solteiros, D. Henriqueta que foi casada com Alfredo Krus e mais dois filhos falecidos em tenra idade.

5 — **José Maria Eça de Queiroz,** nasceu na Praça do Almada da Póvoa de Varzim, em 25 de Novembro de 1845, sendo solenemente baptizado (1) no dia 1 de Dezembro seguinte na Matriz Colegiada da histórica Vila-do-Conde pelo Rev. Pedro António da Silva Coelho, sendo padrinhos o Se-

---

(1) Vidé adiante *Documentos.*

nhor dos Aflitos e Ana Joaquina Leal de Barros (que foi sua ama de leite, e em casa de quem viveu os primeiros anós), mulher de António Fernandes do Carmo, não tendo o pai do baptizando assinado o termo do baptismo por se encontrar em Ponte do Lima, donde escreveu ao Prior de Vila-do-Conde em 18 de Novembro, ou seja a oito dias do nascimento de Eça de Queiroz, recomendando a forma como devia ser feito o assento da criança que viesse a nascer. Essa carta está junta ao referido termo de baptismo.

Como o romancista foi para Vila-do-Conde com muito poucos dias de existência, quis esta vila que êle ali tivesse nascido, o que foi contestado pela da Póvoa-de-Varzim, onde de facto nasceu. Ovar e Aveiro tambem quiseram que lá nascesse. É sina dos homens célebres: todas as terras lhe querem ter servido de bêrço.

Faleceu Eça de Queiroz em Paris, no dia 16 de Agosto de 1900 (1).

O sr. conselheiro António Cabral trata largamente daquele caso e da questão entre Póvoa-de-Varzim e Vila-do-Conde na sua obra *Eça de Queiroz* (1.ª edição em 1916 e 2.ª em 1920). O jornal *Novidades*, n.º 6906, de 16 de Novembro de 1906, com o título «Eça de Queiroz — Questão de naturalidade», tambem largamente se ocupa do assunto, bem como o *Jornal de Noticias,* do Pôrto, na 1.ª quinzena de Outubro do mesmo ano.

Da sua biografia abstenho-me de falar por se encontrar ampla e primorosamente tratada.

Casou Eça de Queiroz com a senhora D. Emilia de Castro Pamplona (2), nascida em 9 de Junho de 1857, irmã dos

---

(1) Vidé adiante *Documentos*.
(2) Ibid.

5.º e 6.º Condes de Rezende e filhos do 4.º Conde D. António Benedito de Castro, 13.º senhor de Penela, 15.º senhor de Reriz e Bemviver, Par do Reino, 18.º Almirante de Portugal, Porteiro-mór da Casa Real, 8.º Capitão da Guarda Real dos Archeiros, etc., e de sua mulher D. Maria Balbina Pamplona Carneiro Rangel Veloso Barreto de Figueirôa, filha dos 1.ºs Viscondes de Beire, Manuel Pamplona Carneiro Rangel Veloso Barreto de Miranda e Figueirôa, Par do Reino, 12.º senhor da Casa e Morgado de Beire, Comendador da Ordem da Torre-e-Espada, Tenente-General do Exército, etc., e de D. Maria Helena de Sousa Holstein, filha dos Condes de Sanfré no Piemonte.

O 4.º Conde de Rezende, sôgro de Eça de Queiroz, nasceu em 1821 e faleceu em 1865, sendo filho do 3.º Conde D. Luís Inocêncio Benedito de Castro, Comendador da Torre-e-Espada, Marechal de Campo, 17.º Almirante de Portugal, etc., etc., e de sua mulher D. Maria José Emerenciana da Piedade da Silveira, sobrinha do 5.º Conde de Sarzedas.

Não me alongarei na ascendência dos Condes de Rezende por ser bem conhecida.

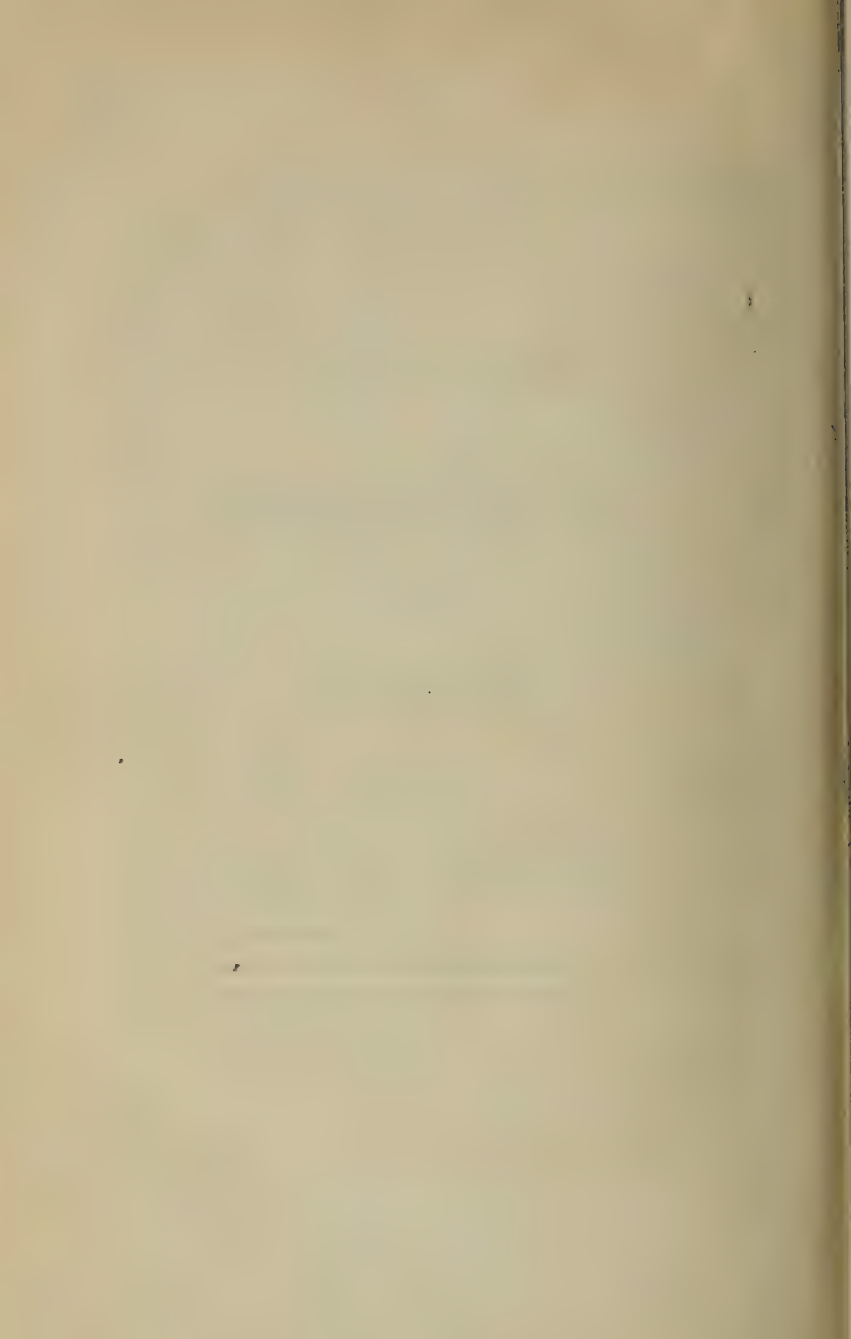
Do casamento de José Maria Eça de Queiroz com a senhora D. Emilia de Castro Pamplona nasceram os Ex.mos Srs.: José Maria, António, Alberto e D. Maria de Castro Pamplona de Eça de Queiroz.

Aqui está o que muito sôbre o joelho consegui apurar sôbre a ilustre família do grande escritor.

Lisboa, Julho de 1921.

AFONSO DE DORNELAS.

EÇA DE QUEIROZ

DOCUMENTOS

Certidão de baptismo

José Maria — filho natural de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz e de May incognita: neto paterno de Joaquim José de Queiroz, e de sua mulher D. Theodora Joaquina d'Almeida Queiroz, nasceu aos vinte e cinco de novembro de mil oitocentos e quarenta e cinco; e no primeiro de dezembro foi solemnemente baptisado n'esta Matriz Collegiada de Villa do Conde, com imposição dos Santos Oleos, pelo reverendo Pedro Antonio da Silva Coelho, a quem dei minha jurisdição: forão Padrinhos o Senhor dos Afflictos, tocando com o seu resplendor o mesmo baptisante, e Madrinha Anna Joaquina Leal de Barros, casada com Antonio Fernandes do Carmo: Decclaro que fiz este assento sem assygnatura do Pay por estar ausente em Ponte do Lima, e me ser apresentada uma carta, que fica em meu poder, escripta pelo Mesmo, datada d'aquella Villa com data de desoito de Novembro, na qual expressamente recommenda o que

JOSÉ

Averbo que passei certidão em o dia primeiro de Dezembro de 1845.

O Prior
Sol. Sillos

NOTA

Declaro que para não levar descaminho na minha mão a carta, a que se refere o assento da — lauda opposta, fica unida a este livro, para evitar no futuro

toda a responsabilidade.

O Prior,
Domingos da Soledade Sillos

acima fica escripto, e por isso fiz este assento, que assigno:

era ut supra.

O Prior,
Domingos da Soledade Sillos.

Certidão do casamento dos pais de Eça de Queiroz

Aos tres dias do mez de Setembro do anno de mil oitocentos e quarenta e nove, guardadas as formalidades do Sagrado Concilio Tridentino e Constituições Diocesanas, precedendo a competente licença da auctoridade ecclesiastica, na igreja do extincto convento de Santo Antonio d'esta cidade, na minha presença e das testemunhas abaixo assignadas, se receberam por marido e mulher, por palavras de presente e mutuo consentimento o Doutor José Maria Teixeira de Queiroz, nascido na cidade do Rio de Janeiro, do Brazil, e morador n'esta minha freguesia de Vianna, filho legitimo do Excellentissimo Conselheiro Joaquim José de Queiroz, natural da freguesia de Quintães, bispado de Aveiro, e de Dona Theodora Joaquina d'Almeida Queiroz, natural da freguesia de Fornos d'Algodres, bispado de Vizeu, neto paterno de José Marcélio Prospero de Queiroz e de Dona Joanna Leonor d'Almeida, da freguesia de Coixo,

bispado d'Aveiro, materno de José Nunes d'Almeida e Dona Luíza Maria da Fonseca, da dita de Fornos d'Algodres, com Dona Carolina Augusta Pereira d'Eça, nascida na freguesia dos Anjos, da villa de Monsão, moradora n'esta cidade e minha freguezia, filha legitima do tenente coronel José Antonio Pereira d'Eça, e de Dona Angelina Clementina d'Abreu Castro de Eça, ambos já fallecidos, neta paterna de Francisco Antonio Pereira d'Eça, governador que foi da Praça de Monsão, e de Dona Anna Pimentel Soromenho, naturaes, o primeiro da villa de Valença, e o segundo da cidade de Lagos, reino do Algarve, e materna de Alcelmo Vicente d'Abreu e Castro e Dona Maria Luiza d'Araujo, o primeiro do logar de Arcos, reino da Galliza, e o segundo da Villa de Valença: foram testemunhas o Doutor Antonio Luiz Ribeiro da Silva, medico do partido da comarca, e Manoel da Silva Magalhães, major de veteranos, ambos moradores n'esta cidade, José Vicente da Cruz e seu filho José, ambos sachristães da igreja Matriz. E para constar fiz este assento que firmo. Era ut supra.

José Pereira Guedes, arcipreste —*José Vicente da Cruz.*

Declaração extravagante de legitimação de Eça de Queiroz

Declaramos nós abaixo assignados que José Maria, que foi baptisado na Egreja Matriz de Villa do Conde, no dia 1.° de Dezembro de 1845 como filho natural do abaixo as-

signado, é filho da abaixo assignada, e que para o legitimar contraimos matrimonio no dia 3 de setembro de 1849 na Egreja do extincto convento de St.º Antonio da cidade de Vianna do Castello.

Lisboa, 23 de dezembro de 1885.

D. Carolina Augusta Pereira de Eça de Queiroz.
José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz.

Proclamas paroquiais

Com o favor de Deus querem contrahir o sacramento do matrimonio José Maria d'Eça de Queiroz, solteiro, natural da freguesia de S. João Baptista de Villa do Conde (1) e morador na Praça do Rocio n.º 26, freguesia de S. Domingos da cidade Patriarchal de Lisboa, filho legitimo de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz e de D. Carolina Augusta Pereira d'Eça de Queiroz

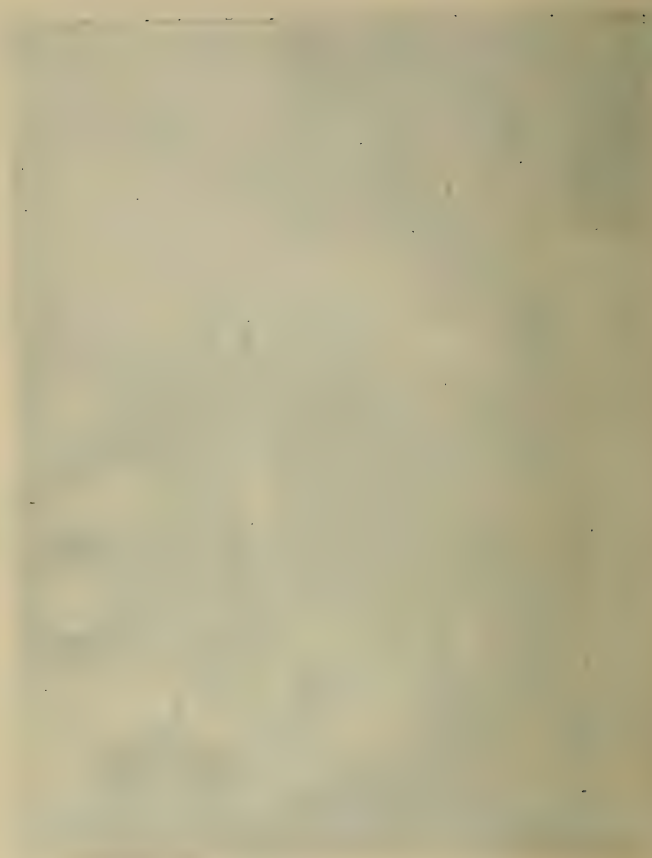
com

D. Emilia de Castro Pamplona, solteira, natural da freguesia de São Martinho de Cedofeita e n'ella moradora, filha legitima de D. Antonio Benedicto de Castro e de D. Maria Balbina Pamplona de Sousa. (2)

(1) Aliás Póvoa-de-Varzim.

(2) Estes proclamas foram lidos simultaneamente nas freguezias portuenses de Cedofeita, Sé, Santo Ildefonso, Vitória, S. Nicolau e Miragaia, e todos estão rubricados por Eça de Queiroz.

Eça de Queiroz

com sua filha e seu filho mais velho José Maria

Certidão do casamento de Eça de Queiroz

Aos dez dias do mez de fevereiro do anno de mil oitocentos e oitenta e seis, n'esta freguesia de São Martinho de Cedofeita da cidade e diocese do Porto, no Oratorio particular da ex.ma nubente, sito na quinta de Santo Ovidio, na presença do Doutor José Rodrigues Cosgaya, auctorisado por mim, compareceram os nubentes José Maria Eça de Queiroz e Dona Emilia de Castro Pamplona, os quaes sabe serem os proprios, com licença para serem recebidos no oratorio particular da nubente, na sua casa do campo da Regeneração, com dispensa da publica-forma dos documentos da diocese alheia, d'alguns proclamas, e com todos os mais papeis do estylo correntes e sem impedimento algum canonico ou civil para o casamento: elle de idade de quarenta annos, solteiro, consul, natural e baptisado na freguesia e concelho de Villa do Conde, diocese de Braga, morador na Praça do Rocio, da cidade de Lisboa, filho legitimado de José Maria d'Almeida Teixeira de Queiroz, natural do Rio de Janeiro, e de Dona Carolina Augusta Pereira d'Eça, natural da villa e freguezia de Monsão, diocese de Braga: ella d'idade de vinte oito annos, solteira, proprietaria, natural e baptisada n'esta freguezia de Cedofeita, moradora na quinta de Santo Ovidio, no Campo da Regeneração, d'esta freguezía, filha legitima de Dom Antonio Benedicto Maria da Conceição do Santissimo Sacramento e Castro e de Dona Maria Balbina Pamplona Carneiro Rangel e Souza, naturaes de Lisbôa, os quaes nubentes se receberam por marido e mulher e os uniu em matrimonio e seguidamente lhes deu as bençãos nupciaes, procedendo

em todo este acto conforme o Rito da Santa Madre Egreja Catholica Apostolica Romana. Fòram testemunhas presentes, que sabe serem os proprios, o Conde de Rezende, Dom Manuel de Castro Pamplona, morador na Quinta de Santo Ovidio, a Condessa de Côvo Dona Sophia Adelaide Ferreira Alves de Castro Lemos, casada com o conde do Côvo, moradores na rua de Gonçalo Christovão, d'esta cidade, e assistiram ao acto a Condessa de Rezende (Maria) e o senhor Ramalho Ortigão. E para constar se lavrou em duplicado este assento, que, depois de ser lido perante os conjuges e testemunhas com todos assigno. Era ut supra.

José Maria Eça de Queiroz.
Emilia de Castro Pamplona.
Conde de Rezende.
Condessa do Côvo.
Condessa de Rezende (Maria).
Ramalho Ortigão.
Doutor José Rodrigues Cosgaya.
Conego João Antonio Pinto Guimarães.

Certidão de óbito de Eça de Queiroz

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE — *Liberté — Égalité — Fraternité*. Département de la Seine — Mairie de Neuilly-sur-Seine — État Civil — Extrait du Registre des Actes de Décès pour l'année de 1900. N.º 501 du Régistre.

L'an mil neuf cent le dix sept Août à neuf heures dix minutes du matin.

ACTE DE DÉCÈS de José Maria D'EÇA DE QUEIROZ, âgé de cinquante quatre ans, consul de Portugal à Paris, chevalier de la Légion d'honneur, né à Aveiro (1), Portugal, décédé hier, à quatre heures trente cinq minutes du soir à Neuilly-sur-Seine (Seine), avenue du Roule n.° 38. Fils de José Maria Teixeira d'Eça de Queiroz (2) et de Carolina Pereira d'Eça de Queiroz, son épouse, domiciliés à Lisbonne, Portugal. Époux de Emilia de Rezende de Castro, son épouse, àgée de quarante deux ans, sans profession. Dressé, verification faite du décès, par Nous Philippe Henri Grouësy, Adjoint au Maire de la Ville de Neuilly-sur-Seine, remplissant par délégation spéciale les fonctions d'Officier de l'État Civil.

Pour copie conforme.

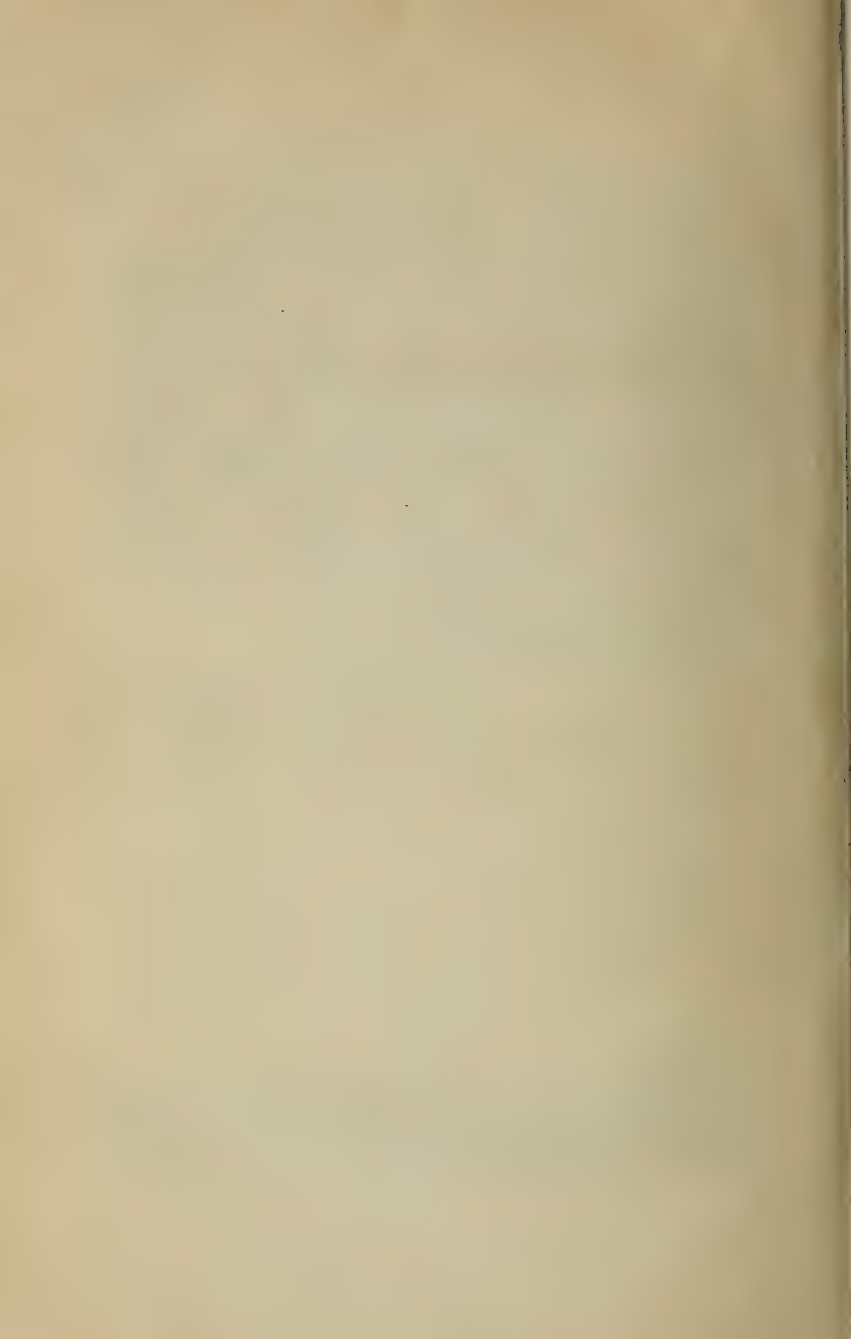
Neuilly-sur-Seine, le 7 Janvier 1922.

Le Maire

Villeneuve.

---

(1) Já vimos como Eça de Queiroz nasceu na Póvoa-de-Varzim, sendo portanto errada esta indicação de naturalidade.

(2) Aliás José Maria de Almeida Teixeira de Queiroz, como atraz se viu.

COMEMORAÇÃO DOS MORTOS

Durante a composição dêste volume, desapareceram dentre os vivos três dos seus colaboradores: Gomes Leal, Xavier de Carvalho e José Queiroz.

Foi em primeiro lugar o altissimo poeta das *Claridades do Sul*. Com a sua amisade se honrou durante sete anos um dos organizadores dêste livro.

Logo que para isso foi solicitado, Gomes Leal prontamente acedeu ao convite de colaboração, e com tão boa vontade, que poucos dias depois, e a-pezar-de bastante debilitado por uma doença ocasional, recebemos o artiguinho que se lê a páginas 57, reflexo nítido da última modalidade do seu espirito.

Coube depois a sorte a Xavier de Carvalho, que ha muitos anos residia em Pariz, onde era correspondente de jornais portugueses. Xavier de Carvalho, que foi também um poeta de merecimento, tratara mui de perto na capital francesa com o prosador-poeta do *Suave Milagre*.

Caíu por fim José Queiroz, pintor e decorador, ceramógrafo, critico de arte e poeta, autor, entre outros, do livro notável que é a *Ceramica Portugueza*. De José Queiroz, que foi um trabalhador infatigável e um grande amoroso das coisas do passado, se póde justiçosamente dizer que viveu bem o seu dia.

Repousem na paz eterna. Aqui deixâmos registada a nossa gratidão à sua memória, e sôbre as suas campas esfolhâmos a nossa espiritual saudade.

E. B.

C. M.

ÍNDICE

ÍNDICE

COLOCAÇÃO DAS GRAVURAS